



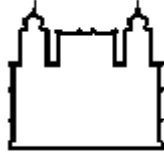
**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de  
homens jovens gays**

**Wendell Ferrari**

**Rio de Janeiro**

**Outubro, 2021**



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de  
homens jovens gays**

**Wendell Ferrari**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva.

**Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio Ferreira do Nascimento**

**Rio de Janeiro  
Outubro de 2021**

## CIP - Catalogação na Publicação

Ferrari, Wendell.

Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays / Wendell Ferrari. - Rio de Janeiro, 2021.

421 f.

Tese (Doutorado Acadêmico em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro - RJ, 2021.

Orientador: Marcos Antonio Ferreira do Nascimento.

Bibliografia: f. 387-415

1. Juventude. 2. Masculinidade. 3. Gay. 4. Trajetórias afetivo-sexuais. 5. Violência. I. Título.

## Agradecimentos

Agradeço à minha família, em especial meus pais, por terem me ensinado a voar e aterrissar em sonhos que, alimentado pelos seus desejos, nunca foi só meu; Eu.

À minha irmã, pelo exercício de sobrevivência das nossas diferenças e das nossas semelhanças. Por compartilharmos experiências e cumplicidades infantis que hoje nos inspiram a sermos quem somos. E, por sempre nos incentivarmos e reconhecermo-nos um no outro.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento e à realização da presente pesquisa de doutorado.

Ao Programa Institucional de Internacionalização (PrInt-Fiocruz-Capes), que viabilizou não somente a rica realização do doutorado sanduíche (2019-2020) mas que, fomentou o fortalecimento de grupos de pesquisas, incentivou novos olhares e novas perspectivas de doutoramento e aproximou trocas interinstitucionais entre o Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), Brasil, e a Universidade do Porto (U.Porto), Portugal.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF), pelo apoio ao projeto de pesquisa e por estarem sempre juntos aos alunos, nos momentos de comemoração e nos momentos de dúvidas e dificuldades, um compromisso ímpar com a educação, pesquisa e pelo respeito aos alunos, traduzido na coragem do enfrentamento daquilo que nos parece difícil, bem como o reconhecimento, a superação e o aperfeiçoamento das nossas produções e potencialidades.

Ao orientador desta tese, Marcos Nascimento. Pessoa oceânica, que me ensinou muito sobre o mundo e sobre muitas coisas. Hoje, após quase sete anos do nosso encontro inicial, me possibilita e me possibilitou me perder nesse oceano da vida e aprender sobre mim. Por tudo, agradeço as marcas desse oceano na minha existência, gratidão que com certeza não poderá ser expressa em palavras. Agradeço as orientações, escutas, trocas profissionais, afetivas, pela presença e às vezes pela distância silenciosa, de quem simplesmente acredita.

À banca de defesa que compôs este trabalho, Conceição Nogueira, Sérgio Carrara e Suely Deslandes, agradeço pela colaboração ímpar na banca de qualificação e na defesa do doutorado que originou esta tese. Agradeço o olhar sensível de cada um, a partir de suas áreas, marcaram a construção do projeto que tanto enriqueceu desde a qualificação.

Ao Grupo de Investigação em Diversidade, gênero e sexualidades, coordenado pela Conceição. Grupo que me recebeu tão bem durante o doutorado sanduíche em Portugal, entre as conversas, encontros, vinhos, trocas afetivas e intelectuais. Um beijinho especial à Liliana Rodrigues, das nossas viagens marcadas interrompidas pela pandemia (mas que irão acontecer), pelas conversas no Skype durante a explosão da pandemia em março de 2020, e pela amizade que perdura até hoje. Nosso reencontro será marcado por muitos vinhos portugueses e caipirinhas cariocas.

Ao analista, Fernando Tenório. Agradeço por tratar comigo dos meus abismos e inconsistências, transmitindo o perseverar como via de passagem. *Pathos* e queda, caminho difícil do desenrolar de uma lógica edípica que exige trabalho de análise.

Aos meus amigos e amigas, de Cuiabá, Rio de Janeiro, Portugal, e outras cidades e países que estive junto. Agradeço as trocas afetivas de sempre, seja jogando vôlei, por alguma conversa ou troca de olhares. Amigos que me proporcionaram, cada um ao seu modo, momentos de trocas preciosas.

Registro meu especial agradecimento, solidariedade, gratidão e admiração aos quinze jovens que participaram da pesquisa. Este trabalho somente se concretizou pelo desejo e pela coragem de vocês. Agradeço especialmente por me mostrarem que a vida social é sempre muito mais complexa do que pensamos, me desestabilizando frente à linearidade do ritual acadêmico incorporado por mim, fazendo-me experimentar sua rebeldia.

## **Lista de siglas**

IFF – Instituto Fernandes Figueira

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

EICOS – Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

ONG – Organização Não Governamental

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

BV – Boca Virgem

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

HSH – Homens que se relacionam com homens

APP – Aplicativo

PrEP – Profilaxia Pré-Exposição

PEP – Profilaxia Pós-Exposição ao HIV

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

OMS - Organização Mundial da Saúde

RSACD - relação sexual anal receptiva desprotegida

DPOS - discriminação por orientação sexual

URAI - relação sexual anal receptiva desprotegida

PNJ - Política Nacional de Juventude

PROUNI – Programa Universidade para Todos

MEC – Ministério da Educação

## Lista de tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica .....	103
Tabela 2. Síntese da história do jovem Rodolfo .....	119
Tabela 3. Síntese da história do jovem André .....	135
Tabela 4. Síntese da história do jovem João .....	146
Tabela 5. Síntese da história do jovem Vicente .....	152
Tabela 6. Síntese da história do jovem Lucas .....	166
Tabela 7: Síntese da história do jovem Vinícius .....	177
Tabela 8: Síntese da história do jovem Danilo .....	191
Tabela 9. Síntese da história do jovem Maurício .....	204
Tabela 10. Síntese da história do jovem Eduardo .....	218
Tabela 11. Síntese da história do jovem Ricardo .....	231
Tabela 12. Síntese da história do jovem Israel .....	249
Tabela 13. Síntese da história do jovem Maurício .....	261
Tabela 14. Síntese da história do jovem Daniel .....	273
Tabela 15. Síntese da história do Caique .....	289
Tabela 16. Síntese da história do jovem Paulo .....	301
Tabela 17. Primeira experiência amorosa .....	309
Tabela 18. O primeiro beijo .....	318
Tabela 19. A primeira relação sexual .....	328
Tabela 20. O aprendizado da masturbação .....	335

## Resumo

Esta tese tem como objetivo compreender as trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays cisgêneros, pertencentes a camadas populares, moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que foram realizadas entrevistas individuais em profundidade com quinze jovens, com idades entre 19 e 24 anos, sendo utilizada análise temática como referencial analítico. As narrativas contemplaram o processo da trajetória afetivo-sexual destacando-se os seguintes pontos: a iniciação sexual, o aprendizado da sexualidade e da masculinidade, o processo de revelar-se gay para a família, experiências com “ficantes” e namorados, o uso (ou não) de preservativo nas relações sexuais, e situações de violências na infância, adolescência e na juventude. Os resultados mostraram que os jovens foram, desde muito pequenos, socializados por discursos tradicionais da masculinidade hegemônica. Apesar de relatarem que estão distantes do ideal de masculinidade, reproduzem tais discursos na busca por um parceiro “forte, viril e masculino”. Os jovens narraram diversas violências como se perceber “diferente” dos amigos na escola, o não acolhimento da família ao se assumir gay na adolescência, violências físicas, psicológicas e simbólicas praticadas por parceiro íntimo (nomeado como namorado) e por “ficantes” (em relações sexuais esporádicas). A *internet* permeia suas trajetórias, para o aprendizado da sexualidade, para conhecer um parceiro afetivo-sexual ou para certo acolhimento após sofrerem violências físicas, sexuais, psicológicas e simbólicas. O olhar interseccional foi importante para a compreensão dos resultados. Tais violências são formadas por matrizes de opressões que articulam performances de gênero – ser afeminado; atributos corporais – ser negro e/ou gordo; pertencer a camada popular – ser morador de favela; o *status* sorológico de HIV positivo; ser deficiente, dentre outras. Os dados apontam para uma escassa rede de apoio que lhes permita enfrentar as violências e exclusões. Conclui-se que questões de gênero e masculinidade modulam suas trajetórias, produzindo hierarquias, violências, desamparos e o sentimento de solidão.

**Palavras-chave:** Juventude. Masculinidades. Gay. Trajetórias afetivo-sexuais. Violência.



## **Abstract**

This dissertation aims to understand the affective-sexual trajectories of cisgender young gay men, belonging to lower classes, living in the metropolitan region of Rio de Janeiro, Brazil. This is qualitative research, in which in-depth individual interviews were conducted with fifteen young people, aged between 19 and 24 years, using thematic analysis as an analytical framework. The narratives contemplated the process of the affective-sexual trajectory, highlighting the following points: sexual initiation, the learning of sexuality and masculinity, the process of coming out for the family, experiences with “hook up” and boyfriends, condom use (or not) in sexual relations, and situations of violence in childhood, adolescence, and youth. The results showed that young people were socialized by traditional discourses of hegemonic masculinity from a very young age. Despite reporting that they are far from the ideal of masculinity, they reproduce such discourses searching for a “strong, virile, and masculine” partner. Young people narrated various types of violence, such as perceiving themselves as “different” from friends at school, not welcoming their families when they came out as gay in adolescence, physical, psychological and symbolic violence committed by an intimate partner (named as boyfriend) and by “hook up” (in sporadic sexual intercourse). The internet is present in their trajectories for learning sexuality, affective-sexual encounters, or certain social support after suffering physical, sexual, psychological, and symbolic violence. The intersectional look was important for understanding the results. Such violence is formed by matrices of oppression that articulate gender performances – being effeminate; bodily attributes – being black and/or fat; belonging to the lower-income class – being a slum dweller, HIV-positive serological status, being disabled, among others. The data point to a scarce support network that allows them to face violence and exclusion. It is concluded that issues of gender and masculinity modulate their trajectories, producing hierarchies, violence, helplessness, and the feeling of loneliness.

**Keywords:** Youth. Masculinities. Gay. Affective-sexual trajectories. Violence.

## Sumário

<b>Apresentação</b> .....	14
<b>I. Introdução</b> .....	18
<i>Trajetórias afetivo-sexuais</i> .....	18
<i>As masculinidades a partir da perspectiva de gênero</i> .....	21
<i>As trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays a partir do olhar da interseccionalidade</i> .....	39
<i>Revisão da literatura: pesquisas sobre e de “homens jovens gays” no Brasil</i> .....	51
<b>II. Aspectos metodológicos e éticos da pesquisa</b> .....	56
<i>A - Método, técnica e análise dos dados</i> .....	56
<i>Uma pesquisa qualitativa</i> .....	56
<i>Técnica de coleta de dados</i> .....	59
<i>Análise dos dados: conceitos teóricos, definições e características da análise temática</i> .....	61
<i>B – Grupo pesquisado: estratégias de aproximação dos jovens, aspectos éticos e critérios de inclusão</i> .....	65
<i>Algumas notas sobre o grupo de vôlei</i> .....	65
<i>O conhecido, o pesquisador, a confiança e a ética</i> .....	69
<i>Critérios de inclusão</i> .....	73
<i>Juventude</i> .....	73
<i>Cisgeneridade</i> .....	75
<i>Classe social</i> .....	77
<i>O jovem gay urbano no Rio de Janeiro: notas sobre a cidade</i> .....	80
<i>Caracterização dos jovens entrevistados</i> .....	85
<b>III. As entrevistas: quinze narrativas de jovens gays do Rio de Janeiro</b> .....	86
<i>Rodolfo: “As pessoas não entendem que um negro pode querer ser passivo”</i> .....	87
<i>André: “Eu ficava mal por ser afeminado, peludinho e gordinho. Ninguém me queria”</i> .....	106
<i>João: “Ninguém gosta de quem não tem corpo padrão e de quem é pobre”</i> .....	122
<i>Vicente: “Sou negro, pobre, passivo, surdo e mudo. Minha sexualidade não existe”</i> .....	133
<i>Lucas: “Quando falo que faço programa, ninguém quer namorar comigo”</i> .....	139

<i>Vinicius: “Aprendi a ter orgulho de ser só passivo com o tempo, antes tinha vergonha”</i>	153
<i>Daniilo: “Eu só fui perceber que era pobre e gordo quando comecei a querer namorar”</i>	164
<i>Marcelo: “Me considero negro, magro e morador de lugar pobre. Mas eu sou ativo e tenho pau grande, aí tenho algum valor no mercado”</i>	179
<i>Eduardo: “Só eu sei a solidão de ser crossdresser. Ninguém me aceita como eu sou”</i>	192
<i>Ricardo: “Eu já recebo muitas bloqueadas por causa do meu corpo e por ser afeminado, imagina se eu colocasse que sou soropositivo?”</i>	207
<i>Israel: “Meu namorado disse que nunca apresentaria um negro pra família dele”</i>	220
<i>Maurício: “Não sou masculino nem viril, sou meio gordinho, afeminado, evangélico e quero conversar e conhecer a pessoa antes de transar. Eu sou um alienígena no mundo gay”</i>	239
<i>Daniel: “Percebi que o amor tem cor e ela é branca. Um negro passivo, não merece carinho e nem respeito”</i>	251
<i>Caique: “Tenho mais valor no mercado porquê sou só ativo, apesar de morar na favela”</i>	263
<i>Paulo: “No mundo gay não pode ser afeminado, não pode ser gordo, não pode nada, aí sim fica uma missão impossível conseguir alguém”</i>	279
<b><i>IV. Análise dos dados</i></b>	291
<b><i>Trajetórias afetivo-sexuais: masculinidades, violências e solidão</i></b>	
<b><i>A - Iniciação Sexual</i></b>	291
• <b><i>A primeira experiência amorosa</i></b>	292
• <b><i>O primeiro beijo</i></b>	299
• <b><i>A primeira relação sexual</i></b>	308
• <b><i>O aprendizado da masturbação</i></b>	318
• <b><i>Informações e aprendizado sobre camisinha, PREP, PEP</i></b>	325
<b><i>B - Pedagogias da Masculinidade</i></b>	329
• <b><i>Como um “homem de verdade” deve ser</i></b>	330
• <b><i>O corpo no ir-virtual</i></b>	333
• <b><i>O ativo e o passivo sexual</i></b>	341
• <b><i>Ficar com pessoas trans</i></b>	346
• <b><i>O parceiro ideal</i></b>	349

<i>C - Violências nas trajetórias</i> .....	352
• <i>Pressões na iniciação sexual: o primeiro beijo e a primeira relação sexual</i> .....	353
• <i>Coming out</i> .....	356
• <i>Violências praticadas por parceiro íntimo</i> .....	361
• <i>Stealththing</i> .....	366
• <i>O bloqueio no aplicativo Grindr</i> .....	369
• <i>Redes de apoio social</i> .....	373
<i>Para encerrar</i> .....	377
<i>Sexualidade, gênero, masculinidades e violências: a solidão na trajetória desses jovens</i> .....	377
<b>Considerações finais</b> .....	381
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	387
<b>Anexo I – Roteiro de entrevista</b> .....	416
<b>Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)</b> .....	417
<b>Anexo III – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa</b> .....	420



## Apresentação

O interesse pelo tema da juventude e sexualidade não é recente na minha trajetória acadêmica. Durante o ano de 2014, trabalhei como psicólogo numa ONG (Organização Não Governamental) voltada à saúde da mulher em uma favela da Zona Sul da cidade, realizando atendimento psicoterapêutico com adolescentes. O tema do aborto era recorrente durante as sessões. Diante dessa realidade, decidi fazer meu mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sobre a temática do aborto ilegal praticado nesse momento da vida. Realizei entrevistas individuais em profundidade com dez adolescentes moradoras da favela, com idades entre 15 e 17 anos, que praticaram aborto ilegal entre 12 e 17 anos. As narrativas, a partir do conceito de trajetória afetivo-sexual, contemplaram temas como a iniciação sexual, o contexto da gravidez, o processo decisório e a interrupção da gravidez. A dissertação originou o livro “Entre o segredo e a solidão: aborto ilegal na adolescência” (Ferrari, 2021), lançado pela Editora Fiocruz.

Ainda durante o mestrado, conheci o professor Marcos Nascimento, que foi meu coorientador na época. Sabendo que ele trabalha com a temática de masculinidades, a partir de uma perspectiva de gênero, conversamos sobre a possibilidade de fazer uma pesquisa de doutorado sobre o uso de mídias digitais para encontros sexuais por homens jovens gays cisgênero, durante suas trajetórias afetivo-sexuais. Assim, a possibilidade de discutir possíveis sofrimentos psíquicos, violências e vulnerabilidades frente a IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) desses jovens, a partir de uma articulação entre as dimensões subjetiva e histórico-cultural, motivou nossa aproximação para a realização desta pesquisa.

Saliento que a ideia inicial da presente tese foi sendo alterada, durante o transcorrer dos primeiros dois anos do doutorado. Inicialmente, me interessava compreender como os aplicativos para encontros sexuais – ou ainda, de “pegação” –, eram utilizados pelos jovens. Durante conversas de aproximação com o campo<sup>1</sup>, percebi que a *internet* esteve presente desde a infância e adolescência dos jovens, percorrendo toda a sua trajetória. A partir dessa constatação, decidi investigar as trajetórias dos jovens desde a infância, sua relação com os pais, as primeiras carícias, o primeiro beijo, o primeiro “ficar”, a primeira relação sexual, a masturbação, o “assumir” (ou não assumir) ser gay para família e grupo social, ou seja, a trajetória afetivo-sexual do entrevistado de

---

<sup>1</sup>Conversei com dois jovens que atendiam os critérios de inclusão da pesquisa antes da qualificação. Ambos os jovens fazem parte do campo empírico final da pesquisa (Entrevistados 8 e 10).

forma mais “ampla”, atento para a influência da *internet* nesse processo de aprendizado da sexualidade.

Importante explicar o porquê escolhi utilizar o termo sexualidade “masculina gay cisgênero” ao longo da tese. Ao serem perguntados como os jovens se consideravam frente à sua orientação sexual no início da entrevista, todos responderam: “gay”. A pergunta, que foi feita de forma ampla, não obteve variações. Nenhum entrevistado respondeu que se considerava, por exemplo, “homossexual”. Assim, o termo “gay” surge como um termo êmico. Já a opção de utilizar a palavra “masculina” nesse termo, refere-se ao que autores (Assumpção & Bocchini, 2002; Almeida & Heilborn, 2008; Cezario et al, 2015) destacam sobre “homossexualidade” ou “ser gay”, ainda parecer um sinônimo para a homossexualidade masculina, como se não houvesse a possibilidade de referir também à homossexualidade das mulheres. Ser gay não é sinônimo de ser um homem gay: existem homens gays e mulheres gays. Assim, a fim de evitar uma possível essencialização do que é “ser gay”, utilizo o termo “sexualidade masculina gay”, para esclarecer que apenas homens gays foram entrevistados nessa pesquisa.

Existe outro importante ponto para me referir aos jovens como “homens gays”: por muito tempo, o homem gay não adquiriu seu *status* de ser homem, pois existia uma significação social a respeito do não ser heterossexual. Existia (e ainda existe) uma evidente relação de poder em meio aos discursos que caracterizam o que faz e o que não faz pertencer à determinado gênero. Historicamente, o gay se defrontava com a questão existencial de “ser ou não ser homem” (Passos, 1999, p. 54). Assim, os discursos religiosos e o médico-psicológico identificavam os homens gays como “pevertidos”, “sodomitas”, “anormais”, “doentes” (Foucault, 1984). Em poucas palavras, o gay não era considerado homem (Carrara & Simões, 2007). E apesar de afirmar que tais representações ainda repercutem na atualidade, tendo em vista a construção da identidade do ser gay sob um viés heteronormativo, há de se ressaltar que todos os jovens se consideravam “homens gays”, afirmando o lugar de “ser homem” enquanto identidade durante suas trajetórias.

Por fim, ao utilizar o termo “cisgênero”, também intento apontar a especificidade do grupo pesquisado: ser cisgênero significa circunscrever uma vivência específica de gênero, um modo, dentre tantos outros modos de ser e performar o gênero. Assim como existem gays homens e gays mulheres, existem gays homens cis e gays homens trans.

A construção da presente tese incluiu uma revisão da literatura dos últimos dez anos sobre a temática da sexualidade gay no Brasil, que será brevemente discutida no capítulo 1. Em linhas

gerais, a revisão apontou que a sexualidade de jovens gays cisgêneros vem sendo abordada a partir da sua característica de “vulnerabilidade infectante”, com ênfase na prevenção de infecções (ISTs e AIDS). Nesse sentido, pareceu haver uma associação cartesiana entre sexualidade masculina gay cisgênero e vulnerabilidades frente ao HIV e outras IST. Nos trabalhos, é amplamente discutido o uso inconsistente do preservativo nas relações sexuais e a importância de exames sorológicos para esse grupo. Mesmo que se reconheça a importância de envolver os homens jovens nas intervenções de prevenção e promoção de saúde sexual, percebeu-se que há pouca informação sobre o que eles pensam sobre sua própria sexualidade para além de uma possível vulnerabilidade às ISTs.

Assim, compreender como se dão as relações afetivas e sexuais nas trajetórias desse grupo, pode contribuir para a formação de um olhar crítico frente à sexualidade para além das IST e HIV, como a presença de violências e as relações de poder nas relações de namoro ou em contatos sexuais esporádicos. Desta forma, a partir de uma perspectiva socioantropológica, ilumino questões que dizem respeito à sexualidade masculina de jovens gays cisgêneros, trabalhando com o universo de classes populares, com idades entre 18 e 24 anos, moradores da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

A tese é organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, denominado “Introdução”, faço pontuações sobre as trajetórias afetivo-sexuais como portadoras de significados sociais. Elas expressam os itinerários sociais de um determinado grupo, seus campos de possibilidades inscritos em um espaço histórico, cultural e socialmente orientado, expressando a dialética entre as performances físicas e emocionais e o campo social. Em seguida, dialogo com autores nacionais e internacionais sobre “masculinidades” e “masculinidades gays”, um aporte importante para a análise do material empírico da pesquisa.

Também, apresento o estado da arte das masculinidades de jovens gays cisgêneros no contexto brasileiro nos últimos dez anos, possíveis lacunas de pesquisa e a possibilidade de olhar esse grupo social a partir de outros horizontes. Ainda no primeiro capítulo, enfatizo também que as trajetórias serão consideradas e analisadas a partir da perspectiva interseccional, que em poucas palavras, trata-se de um olhar que aponta a necessidade de se levar em conta as imbricações entre os múltiplos sistemas de opressão que atravessam, delimitam e organizam as relações na aprendizagem da sexualidade e dos afetos. Tal olhar não somente postula a coexistência dos sistemas de opressão que operam a partir de diversas categorias de pertencimento social, como



também reconhece sua interação na produção e na reprodução das desigualdades e exclusões, captando a complexidade da vida diária.

No segundo capítulo, “Métodos, técnicas e estratégias de aproximação dos jovens”, apresento as questões metodológicas, as estratégias de aproximação com os entrevistados, os aspectos éticos envolvidos no desafio de pesquisar um grupo relativamente próximo e ao mesmo tempo, “estranhar o familiar” (Velho, 1978). Trago também questões sobre o modo como os dados foram analisados e os critérios de inclusão utilizados no estudo, bem como exponho algumas notas que considero importantes sobre a cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana.

No terceiro capítulo, “As entrevistas: quinze narrativas de jovens gays”, apresento as entrevistas de maneira detalhada para que o/a leitor/a tenha um contato próximo com as histórias dos jovens, que sinalizam a complexidade de questões interseccionais sobre sexualidade, masculinidades e violências nas suas trajetórias.

No quarto capítulo, “Trajetórias afetivo-sexuais: masculinidades, violências e solidão”, abordo o material empírico em diálogo com a literatura sobre iniciação sexual, pedagogias da masculinidade, violências e solidão. Para isso, dialogo com autores que compreendem que a sexualidade é culturalmente construída, configurando-se por meio de elementos simbólicos e não verbais, numa sequência de conduta organizada e circunscrita em um contexto específico, que orienta suas ações e lhes atribuindo sentidos. Frente à pedagogia das masculinidades, busco dialogar com autores que discutem masculinidades e, especificamente, masculinidades gays. Menciono também autores nacionais e internacionais que circunscrevem o complexo *continuum* da violência: caracterizada por violência física, mas também pela pressão, opressão, intimidação e humilhação. Por fim, trato também do sentimento de solidão dos jovens, fator que pode ser considerado como resultado das exclusões, desigualdades, violências e da falta de uma rede de apoio social durante suas trajetórias.

No último capítulo, “Considerações Finais”, apresento as reflexões do estudo, os debates que a pesquisa pôde suscitar, os desafios e limitações da pesquisa, e as possíveis contribuições para o campo da saúde coletiva, estudos sobre sexualidade e masculinidades gays, e como a interseccionalidade se mostrou uma perspectiva que operou de maneira articulada com esses temas, sinalizando possibilidades de discussões de políticas públicas que visariam maior proteção à saúde mental e sexual de jovens gays brasileiros.

# I

## Introdução

### *Trajetórias afetivo-sexuais*

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays cisgênero, com idades entre 18 e 24 anos, a partir de seu contexto sociocultural, das relações interpessoais cotidianas às vivências particulares e subjetivas da vida. Dessa maneira, meu olhar procurou investigar os sentidos atribuídos aos afetos e à sexualidade na contemporaneidade, contribuindo para refletir sobre as implicações das práticas, vivências e socialização desses jovens, de camadas populares, e moradores da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Fundamentalmente, busquei captar, por meio dos relatos das suas experiências afetivas e sexuais, aspectos do cotidiano dos jovens em que a “vida” ocorre de forma dinâmica e complexa. Considero como unidade analítica as suas “trajetórias”, a fim de apreender os itinerários das representações, práticas e desejos que eles elaboram e experimentam durante suas vidas.

Considera-se que a trajetória afetivo-sexual juvenil represente um ponto chave para a compreensão dos itinerários sociais que são contínuos no tempo e expõe o rearranjo geracional sobre a estrutura social. Como apontam Heilborn & Brandão (1999), o singular interesse das Ciências Sociais pela trajetória juvenil, deve-se por esta considerar como condição privilegiada da experiência sexual nesta fase como experimentação e aprendizagens de práticas sexuais, seja pelo modo com que ocorre a iniciação sexual em si, seja pelas consequências que possa ter na vida adulta. A trajetória afetivo-sexual é um rico processo a ser analisado por substanciar vivências da sexualidade e do afeto com um outro, instaurando itinerários de entrada na vida sexual e afetiva.

Para Heilborn e colaboradores (2006), a trajetória afetivo-sexual condensa um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Essa sucessão de eventos acontece em uma conjuntura na qual se articulam distintos marcadores sociais, que balizam o campo de possibilidades dos indivíduos: sua origem, classe, raça/cor, história familiar, geração, as relações de e entre os gêneros etc, compondo a trajetória afetivo-sexual individual de cada um. Ainda, a trajetória afetivo-sexual abriga os cenários e atores envolvidos em cada circunstância no momento da vida de cada uma, que apontam o bojo social que enquadra o exercício da sexualidade e a troca dos afetos, apontando a dialética entre as dimensões interiores e exteriores aos sujeitos.

Vale ressaltar que essa perspectiva dialética é válida tanto para as relações entre sexos opostos como aqueles que envolvem pessoas de mesmo sexo. Contudo, como apontam Segwick (1990) e Parker (2002), a sexualidade gay masculina sustenta uma condição de distinção em relação à heterossexualidade normativa, colocada muitas vezes como “natural”, e, portanto, vista também como um dos elementos fundamentais na normatização e reprodução do regime dominante de vida sexual na sociedade ocidental.

Nessa direção, sexualidade e a cultura não podem ser consideradas sistemas que podem ser estudados e interpretados de forma isolada. Parker (2002) afirma: “*Ao contrário, a sexualidade, como qualquer outro aspecto da vida humana, ficou cada vez mais sujeita a processos de mudança em rápida aceleração que ocorreram no contexto da globalização*” (Parker, 2002, p. 16). Apenas a partir do esforço de entender as especificidades de cada cultura local a partir desses processos globais é que existiria a possibilidade de uma leitura das “similaridades” e “diferenças” de cada cultura sexual, produzindo um entendimento das vicissitudes dos sentidos e das práticas sexuais na atualidade (Parker & Gagnon, 1995; Parker, 2002; Louro, 2000).

Portanto, pensar as trajetórias afetivo-sexuais de determinado grupo social se constitui como um desafio, pois demanda uma leitura crítica da sociedade, das suas conjunturas macrossociais e de suas circunstâncias locais. Assim, embora as trajetórias sejam produtos singulares da relação entre elementos objetivos e subjetivos em situações e contextos específicos, estas são produtos das relações sociais. Esses produtos expressam as condições e possibilidades sociais de existência, vigentes em uma determinada cultura, manifestando as relações de poder que significam as experiências individuais e os capitais material e simbólico (Bourdieu, 1983; 1996).

Portanto, as trajetórias afetivo-sexuais são consideradas propícias para delinear os processos históricos e sociais que organizam os significados, sentidos, representações, comportamentos, vocabulários, práticas e atitudes do grupo social (Zeldin, 1991). É um processo que permite refletir o modo como as trajetórias do grupo pesquisado se constituem, considerando não apenas os eventos e experiências por eles relatados, mas, sobretudo, os contextos dinâmicos entre os quais estão difusas diferentes percepções de cada uma das esferas de suas vidas.

Por fim, esta tese não intenta apenas apontar as experiências que marcaram as trajetórias afetivas e sexuais desses jovens – à medida que os convidei a rememorá-las –, mas, também, o sentido empregado a cada um deles na escolha do que contar e como contar. Contudo, é necessário ponderar que as trajetórias dos jovens não são inapreensíveis em sua totalidade. Elas são possíveis

de serem selecionadas segundo interesses específicos a partir dos quais busquei, juntamente com os jovens, elaborar um discurso de determinados percursos que envolvem a condição juvenil gay cisgênero e metropolitana do Rio de Janeiro. Ainda, não pretendo propor generalizações com referência às entrevistas realizadas. Mas, a partir do material empírico, intento dimensionar as trajetórias num espectro mais amplo de aspectos comuns (e singulares) entre os participantes.

Nessa direção, foi lançado um olhar não determinista sobre suas trajetórias, suas subjetividades, manifestações de desejos e ansiedades frente ao desafio de suas relações, mas, também, conhecer sobre os espaços frequentados por eles e suas redes, nas quais se tornam propícias suas investidas, suas paqueras, suas ficadas, seus namoros e seus desejos e suas incertezas frente ao futuro.

### *As masculinidades a partir da perspectiva de gênero*

Nesta seção, apresento um panorama dos estudos nacionais e internacionais sobre masculinidade e masculinidade gay que constitui o referencial teórico de análise para a compreensão dos sentidos das masculinidades e suas correlações com as variadas formas de violências que ocorrem durante as trajetórias dos jovens entrevistados. Objetivo aqui aprofundar reflexões não somente sobre a masculinidade gay, mas sobre as sexualidades masculinas de uma maneira mais ampla, pois como cita Dowsett (1993), a masculinidade gay muitas vezes ocupa uma estranha posição quando as masculinidades são estudadas ou discutidas, como se ela não estivesse nem “dentro” nem “fora” da temática de masculinidades, vista como o “outro” e como temática separada. Assim, falar sobre masculinidades não necessariamente implica falar sobre a masculinidade heterossexual (Nascimento, 2011).

Para superar essa divisão, o tema da masculinidade gay se torna propício para tal reflexão, pois a mesma se apresenta como um espaço de ambiguidade com relação a diversas questões do mundo masculino, pois ser “gay” é ao mesmo tempo uma ameaça a masculinidade, e ao mesmo tempo um reforço da mesma (Parker, 1991). Ou ainda, como cita Nardi (1992), os homens gays parecem estar em uma vanguarda no estabelecimento de diferentes possibilidades de os homens superarem seus estereótipos de socialização de “ser macho”, principalmente no que se refere à intimidade emocional, se tornando um terreno fértil para se pensar e questionar a masculinidade hegemônica e a heteronormatividade, em que muitas vezes a masculinidade gay é considerada como subordinada e desviante (Connell, 1995).

Antes de discorrer algumas discussões sobre os estudos de masculinidades neste estudo, é preciso delinear que decido utilizar o termo “masculinidades” – no plural –, por sustentar uma visão política neste campo de pesquisa que concebe que distintos modos de masculinidades coexistem, algo apontado por Connell (1995). Seguindo essa direção, as masculinidades não discursam apenas aos homens, em uma suposta propriedade de sujeitos masculinos. Elas estão correlacionadas a uma ideologia predominante que organiza e sistematiza a organização social dos e entre os gêneros (Kimmel, 1997; Connell, 2000, Medrado & Lyra, 2008). Portanto, os estudos sobre masculinidades e masculinidades gays não pertencem a um campo de saber apartado, mas sim nos estudos sobre as relações sociais de gênero (Connell, 2010).

Ao longo da segunda metade do século XX, diversas pesquisas (principalmente no campo dos estudos de gênero) se voltaram para o conhecimento de uma suposta “condição feminina” e

da realidade das mulheres, direcionando um olhar quase que exclusivo para elas. Pouco foi dito e pensado acerca do masculino a partir do viés das relações de gênero (Medrado & Lyra, 2008).

Pode-se dizer que foi a partir dos anos 2000 que os pesquisadores se ocuparam dos homens e das masculinidades a partir da perspectiva de gênero de maneira mais enfática. O objetivo foi tornar o gênero evidente nos estudos de, sobre e com homens. Vale lembrar que o conceito de gênero foi definido na década de 1980, nos estudos feministas, para compreender a organização social da relação entre os sexos. Sob a consideração de autores (Scott, 1995; Louro, 2010), gênero é entendido como um sistema que vai além da classificação determinista biológica no termo “sexo”. É uma maneira de compreender as relações historicamente entre e os gêneros, se referindo aos aspectos culturais, históricos e sociais das diferenças do sexo social.

Como cita Scott (1995, p. 86), “*gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos*”, sendo assim, um modo de significação das relações de poder. Expressa a desigualdade e as relações de poder universais entre homens e mulheres. Nessa direção, se recusa a perspectiva que a “masculinidade” seja um atributo inato do homem, sendo sinônimo de agressividade, virilidade, sexualidade instintiva incontrolável, afastamento dos afetos, competitividade, etc, crenças muitas vezes expressadas no dia-a-dia.

Convém destacar que a assimetria de poder não se encontra restrita às relações entre homens e mulheres, mas também está presente na relação entre homens. Portanto, seguindo as contribuições de Butler (2003), o gênero dentro das masculinidades gay reivindica a necessidade de superação das categorias masculino e feminino, e ampliar a discussão para o exercício da sexualidade no marco das relações sociais de e entre gêneros, compreendendo que os homens gays engendram e negociam os sentidos e significados das masculinidades ao longo de suas vidas.

Pode-se dizer que a Sociologia inaugurou a discussão, os estudos e publicações sobre masculinidades à luz da teoria dos “papéis sociais” – bem como estudos a partir da perspectiva de gênero. Em geral, temas como a construção cotidiana da masculinidade, a importância das instituições na perpetração de uma masculinidade dita como hegemônica, os significados das diferentes masculinidades foram constantemente analisados nas publicações desta disciplina, inaugurando um campo de estudos sobre e de homens (Junior, 2006).

Naquele momento, a abordagem das masculinidades a partir da perspectiva de gênero salientava algumas críticas que sociólogas feministas suscitavam à teoria dos papéis. Para elas, a teoria se indicava como insuficiente, principalmente porque questões de poder e desigualdade

(material e simbólica) permaneciam silenciadas em suas discussões. Ainda, destaca-se que a abordagem não compreendia que todos os homens são opressores e todas as mulheres oprimidas, o que salienta a importância de não reproduzir o sistema binário vigente tanto na sociedade como no campo de conhecimento (Junior, 2006). As masculinidades seriam um processo complexo e instável, elas se constroem coletivamente, a partir de práticas, discursos e representações que são produzidos e reproduzidos na cultura, afetando mulheres, homens e as diversas instituições da sociedade, como família, escola, trabalho, Igreja e Estado (Nascimento, 2011).

Movimentos sociais como o feminista, negro e o Movimento Gay (assim denominado há algumas décadas), trouxeram grande contribuição ao debate sobre masculinidades através de suas agendas políticas e da denúncia das desigualdades a que esses coletivos estão submetidos nesta época. Em conjunto, provocaram a necessidade de se estabelecer novas posturas frente ao exercício da sexualidade, à compreensão do que é ser homem e ao que é ser mulher (Connell, 1995, 2000). Ainda, na luta pelos seus direitos cívicos, que se destacavam na década de 1960 e 1970, o então Movimento Gay criticou de forma enfática o modelo familiar na década de 1980, visto exclusivamente como heterossexual, apontando assim para o peso da heterossexualidade na hegemonia masculina (Plummer, 1981; Weeks, 1985, 1989). Segundo Connell (1987), a sociedade geralmente via a família como sinônimo de heterossexualidade, em encontro de provisão de mão-de-obra pelo capital e de subordinação pelo Estado. Além disso, o ativismo gay também enfatizou que o desejo das pessoas pode contrastar com as suas “determinações” biológicas.

No que tange as pesquisas realizadas na área da socialização masculina gay sob a perspectiva de gênero no final da década de 1980, importante citar o surgimento da teoria *queer*<sup>2</sup>, nos Estados Unidos. Com o objetivo de compreender a complexidade da sexualidade e do desejo nas relações sociais a partir das especificidades de cada cultura, a teoria surgiu como contestação e crítica frente os estudos sociológicos sobre gênero e minorias sexuais. Nesta década, a sociologia compreendia a sexualidade como construção histórica e social. Contudo, considerava uma certa suposição de que a configuração “normal” de sexualidade e desejo, seria a heterossexual. Dessa maneira, as demais sexualidades eram consideradas “minorias desviantes” (Miskolci, 2009).

---

<sup>2</sup>Segundo Louro (2004, p. 38), *queer* pode ser traduzido por “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”. O termo era utilizado nas línguas anglo-saxônicas como forma de insulto que denotava anormalidade, aberração e desvio, sendo diferente dos demais. A eleição dessa palavra para designar uma nova teoria significava o empenho em fortalecer uma compreensão e análise de normalização de identidades que, naquele momento, eram ditas como desviantes (Wolf & Saldanha, 2015).

Surgindo do encontro entre uma corrente da filosofia e dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, os estudos *queer* problematizaram, teórica e metodologicamente, as concepções de sujeito, identidade, agência e identificação, rompendo com a noção do sujeito iluminista; a saber, o sujeito fundamentado numa concepção de indivíduo como centrado e unificado desde seu nascimento, tendo uma “essência” ao longo de sua existência (Hall, 2000). Ainda, para a teoria, havia a necessidade de questionar a noção de “normalidade”, compreendida no pós-estruturalismo como relativa e não estável. A perspectiva criticava o binarismo hetero/homossexual na organização do tecido social, tratando assim de se atentar para uma política do conhecimento da diversidade (Rubin, 1984; Wolf & Saldanha, 2015).

No final da década de 1980, Michael Kaufman organizou a primeira coletânea de artigos sobre a reflexão do processo de socialização masculina, sob o título “*Beyond Patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change*”, em 1987. Nela, homens heterossexuais e gays direcionaram o poder como uma questão central de suas relações, enfatizando a constante remodelação dos padrões de dominação, a interiorização de estruturas sociais de poder e opressão, bem como a necessidade de compreender a relação dialética entre opressão no nível individual e nas grandes estruturas – sociais, políticas, econômicas -, baseadas na hierarquia e nos privilégios.

Em seu artigo nesta coletânea, Kaufman (1987) debate que de fato há a dominação masculina na sociedade, mas cita que os mesmos homens que desfrutam de poderes e privilégios que esse sistema oferece, também experienciam dor e alienação deste poder social. Para o autor, essa “experiência contraditória do poder masculino”, elucida o processo de “tornar-se homem” a partir de uma perspectiva de gênero, que reivindica a declinação de sentimentos e reação dita como agressiva diante de mulheres e outros homens. Assim, há uma angústia e inquietação entre “ser macho” e “ser masculino”, perpetuando uma “insegurança” nos e entre os homens, propulsando-os para reações violentas tanto entre eles quanto para com as mulheres.

Foi a partir da década de 1990, que pode ser constatado um aumento de produções diversificadas na academia sobre masculinidades e o “ser homem”. Como exemplo, o sociólogo norte-americano Michael Kimmel publicou o livro “*Changing Men - New directions in research on men and masculinity*”, em 1991. No livro, há uma clara crítica à teoria dos papéis sexuais. O autor aponta a necessidade de encarar a problemática da masculinidade como construção de gênero, se atentando às mudanças sociais e variações de geração, classe, etnia e raça. Apesar da crítica da necessidade de se olhar as masculinidades em suas múltiplas dimensões, Kimmel



anuncia que apesar de algumas variações culturais e locais, “ser homem” implicaria “não ser como as mulheres”. Assim, a homofobia organiza a virilidade, fazendo com que os homens *tenham* não obter tal *status*, gerando a violenta necessidade de afirmar e garantir a masculinidade o tempo todo (Giffin, 2005).

No mesmo ano, Seidler (1991) lança o livro “*Recreating sexual politics: men, feminism and politics*”. O autor enfatizou que a identidade masculina era consequência da limitação de demonstrar afeto e emoção nas relações interpessoais, expressa na independência dos homens na esfera pública, o que acarretaria na confirmação da sua honra. Assim, o gênero masculino estaria identificado com a razão e não com a emoção, como as mulheres.

Um ano depois, Connell (1992) problematizava que mesmo entre homens gays, não há um deslocamento total dos benefícios que o gênero traz consigo. Apesar desses homens fazerem parte de uma regulamentação de masculinidade subalterna, muitos se aproximam e reproduzem certos privilégios da masculinidade hegemônica. Nessa direção, em seu artigo “*A very straight gay: masculinity, homosexual experience, and dynamics of gender*”, Connell (1992) aponta que a masculinidade entre homens gays é permeada por ambiguidades, entre uma subordinação e cumplicidade em relação a masculinidade hegemônica. A autora entrevistou homens que se reconhecem como gays, têm práticas sexuais com outros homens, e são “extremamente masculinos”. Os entrevistados, apesar de romperem de uma certa forma com o padrão da masculinidade hegemônica (da heterossexualidade compulsória), reafirmam a todo instante sua virilidade na vida familiar, profissional e sexual.

Na década de 1990, se iniciou um novo campo de conhecimento, conhecido como “estudos críticos sobre homens” (“*Critical Studies on Men*”). Contudo, como cita Hearn (1998), este nome é objeto de discussões e contestações entre estudiosos até hoje. Pode-se dizer que são estudos “generificados” (Louro, 2008), realizados tanto por homens como por mulheres, inter e transdisciplinares, que apontam a não naturalidade do processo de “se tornar homem” (Hearn, 1998; Junior, 2006).

Estes estudos ressaltam que as configurações de masculinidades são diversas, não tem caráter fixo ou cristalizado. Trata-se de um jogo relacional em que dilemas, tensões e significados são construídos, produzidos e reproduzidos ao longo da trajetória de um homem (Nascimento, 2011). Os estudos, em grande parte, articulam suas discussões com o feminismo, apontando como se dá a construção social da masculinidade. É enfatizada a crítica ao essencialismo, em que o

gênero não seria biologicamente determinado, mas sim, construído, em que categorias como raça, cor, etnia, geração, classe e outros fatores são levados em consideração nas relações interpessoais cotidianas e na prática social (Butler, 2004; Kimmel, 2010).

Em poucas palavras, esses estudos propõem analisar as diversas masculinidades e as condições nas quais elas são (re)produzidas sob uma perspectiva dialética dos relacionamentos interpessoais e cultura. Assim, não propõem modelos de causa e efeito, se afastando das categorias binárias de “masculino” e “feminino”, e demonstram as dicotomias, paradoxos, ambivalências e as dinâmicas das relações que estão em constante mudança (Whitehead, 2002).

Na América Latina, a produção sobre masculinidade e masculinidades gay é digna de ser destacada. Segundo José Olavarría (2003), a produção cresce nos meados da década de 1980, momento de profundas mudanças sociais: crescente autonomia e escolarização das mulheres, fazendo com que elas assumissem cargos antes somente ocupados por homens, modificando a divisão sexual do trabalho. O uso de contraceptivos se intensifica nesta década. Assim, não se tratava mais apenas em planejar ter filhos, mas também se podia gozar da intimidade sexual sem fins reprodutivos. A conciliação entre vida familiar e trabalho foi transformada, com uma reformulação da família e do papel do Estado. A “autoridade” do homem como chefe de família foi drasticamente mudada. Isso afetou uma das bases da ordem do gênero, em que o homem era o provedor e sustentava a família e a mulher era dona de casa, não trabalhava e não tinha renda própria. Essa mudança impactou e gerou uma “crise da masculinidade”, principalmente porque a família nuclear entrou em crise (Arent, 1999; Olavarría, 2003).

Ainda para Olavarría (2003), a família tradicional, a organização do trabalho, a educação formal e saúde, legalidade e administração da justiça, a programação da televisão, entre outras questões, tornam-se centrais no debate dessa “crise”. O autor também cita que a epidemia de HIV/AIDS na década de 1980, fez com que o grupo de homens gays se tornasse mais visível. Assim, neste conturbado contexto, as primeiras reflexões sobre masculinidades e iniquidades de gênero entres homens e mulheres, a partir de uma perspectiva de gênero, são discutidas por feministas acadêmicas latino-americanas, que apontavam que as relações entre gêneros não eram dadas como naturais, mas sim construções sociais, culturalmente específicas, datadas e históricas.

Assim, na década de 1990, no contexto brasileiro, cria-se um campo mais definido de investigações sobre as masculinidades (Oliveira, 1998). Em revisão da produção de pesquisas sobre homens e reprodução no Brasil, Giffin & Cavalcanti (1999) demonstram que a categoria

gênero, usada por décadas como quase sinônimo de feminino, abordavam tanto as relações que os homens estabeleciam com suas mulheres e filhos, mas também com outros homens.

Algumas pesquisas citadas merecem destaque: Carvalho (1991) analisa rituais envolvidos em um jogo de bolinhas de gude entre garotos mais velhos e mais novos na região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais. O autor pontua que componentes de modelo de masculinidade estão presentes no jogo. Como exemplo, quando um jogador ganha algum dinheiro, logo diz de forma enfática para os outros que ganhou o dinheiro do colega. Ou ainda, quando algum jovem arremessava seu coco contra o do outro, grita: “Vou rachar o seu coco!”. Assim, existe uma guerra pela dominação e o temor de ser dominado. Um comportamento passivo no jogo, debilitaria a masculinidade desejada. Na competição, assumir um papel ativo, é considerado como afirmação de masculinidade. Há, portanto, uma transmissão de expressões e valores associados ao masculino.

Nolasco (1993), investigou entre 25 homens de classe média, com idades de 25 e 35 anos, o jeito opressor em que o homem brasileiro é socializado nas suas relações com o trabalho, consigo mesmo, com suas companheiras, amigos e crianças. Ser opressor seria o ideal em definir o que é um homem. A pesquisa mostra que os homens não conseguem perceber o significado das diferenças entre os sexos quando não são definidas biologicamente. Ainda, eles têm dificuldades em falar sobre seus medos e inseguranças na frente de outro homem. Há assim, uma tensão que decorre da expectativa da validação da sua atuação masculina social frente aos outros homens.

Da Matta (1997) relata uma brincadeira que era feita quando ele era jovem, no interior de Minas Gerais, onde um jovem indagava para o outro: “Tem pente aí?”. No momento da pergunta, se passava a mão nas nádegas do amigo para ver se havia um pente no bolso da calça. A ação correta que um “homem de verdade” deveria fazer era de um salto, e não deixar que tocassem nas suas nádegas. Da Matta reflete sobre o significado para um homem brasileiro controlar as suas nádegas para não ser penetrado. Caso o jovem deixe que o toquem ali, se torna um indício que ele gosta de ser tocado por outro homem. Assim, as nádegas seriam uma “zona sagrada” aos homens, em que não se deve demonstrar sensibilidade ao ser tocada.

A análise de Rial (1998) a partir dos exemplos da prática de *rugby* e de judô no Brasil mostra como é pelo sofrimento corporal que se constitui o jovem desportista; que é pela violência contra si mesmo que se faz a masculinidade. Tais esportes, então, estariam vinculados ao homem, sem a inserção de mulheres.

Em meio a essa discussão, chama a atenção o debate sobre masculinidades gay e gênero na década de 1980 e 1990. Menciono que em meados de 1970, o antropólogo Peter Fry, na época professor da UNICAMP, iniciou um debate inovador sobre “gênero” e “homossexualidade” com o seu estudo pioneiro do comportamento sexual entre homens homossexuais em Belém, Pará.

Os trabalhos realizados entre as décadas de 1970 e 1990 são diversos, perpassando pela participação política de grupos de afirmação na época, trabalhos que analisam o discurso médico europeu e brasileiro sobre a homossexualidade, pesquisas pioneiras sobre prostituição masculina gay no Brasil, estudos antropológicos e sociológicos que falam sobre as transformações da identidade gay masculina na década de 1980 e 1990, bem como trabalhos sobre as práticas e sociabilidades “homoeróticas” em comunidades e na vida urbana, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Há um número expressivo de pesquisas sobre a epidemia de AIDS, que enfocam a resposta da sociedade civil, da área governamental e a questão dos medicamentos frente ao tema. Há também autores que discutem a história dos movimentos de gays, lésbicas e travestis na sociedade civil.

Com a elucidação dessas pesquisas, intento mostrar que apesar de uma ampliação do debate entre os campos de gênero e masculinidades gay nos últimos anos, essa discussão não se iniciou na década de 2000 no contexto brasileiro. Contudo, pode-se dizer que com o avanço da discussão do conceito de gênero mais densamente elaborado, os estudos brasileiros sobre diversidade sexual e masculinidades gay a partir de uma perspectiva de gênero tiveram um avanço na produção teórica e de pesquisa na América Latina e no Brasil nas últimas duas décadas (Medrado et al, 2019).

Nesse atual contexto, menciono alguns trabalhos, como a tese de doutorado de Camilo Albuquerque de Braz, intitulada “À meia luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos”, de 2010. A partir de uma etnografia, Braz investigou os modos de práticas sexuais e as escolhas eróticas vividas em clubes de sexo para homens em São Paulo. De início, nos perfis cadastrados das páginas dos clubes, o autor aponta que os usuários buscavam conhecer “caras machos” e “masculinos”, sem “trejeitos” ou “afetações”. Nos perfis, há uma busca por homens “discretos”, “fora do meio” e sobretudo “não afeminados”, independente se o homem é ativo ou passivo. O autor postula que, apesar dos clubes proporcionarem um uso de corpos e prazeres relativamente livre dos constrangimentos vividos em outros locais, como o sexo em locais públicos, as experiências nos clubes “à meia-luz” estão norteadas por marcadores que resultam em desigualdades, hierarquizações e mesmo em exclusões. Como exemplo, a possibilidade de

participar de uma “pegação”, ou ainda, até mesmo de “apenas” observar, depende do quanto esse alguém é ou não desejado. Essa “desejabilidade” é declarada, de forma genérica, pelas características corporais e pela postura masculina e viril do sujeito. Há uma “hipervalorização da masculinidade”, em que homens masculinos e viris são olhados, paquerados e assediados. Aqueles que não o são, são “deixados de lado”.

Também em sua tese, Murilo Mota (2011), analisou as dimensões sociais e sexuais relacionadas à homossexualidade e ao envelhecimento de homens com mais de 60 anos, de camadas médias e moradores da cidade do Rio de Janeiro. Nas trajetórias dos 15 entrevistados, foi focado as expressões de ser gay e a experiência de envelhecer. Motta discute a importância de destacar a geração dos entrevistados, mas compreende que esta não seja um aspecto de tempo linear e sequencial em etapas e experiências. Assim, para ele, há dois estigmas articulados: de ser gay e de ser velho. O autor discute a segregação da velhice, e que as aparências dos entrevistados demarcam uma degeneração do corpo e sua “não” juventude, refletindo assim na dificuldade da obtenção de parceiros e na tentativa de se dar continuidade nas relações por conta da idade.

Guilherme Almeida, em seu trabalho “Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades?”, de 2012, discute como essa nova categoria de “homens trans” complexifica a noção e a construção das masculinidades. Ele aponta quatro grupos dessa contemporânea “aquarela das masculinidades”. O primeiro grupo, seriam os homens trans que não querem o deslocamento de suas identidades com o feminino. Socialmente são vistos como “mulheres”, mas se autoidentificam como “homens trans”. O segundo grupo é formado por aqueles que optam por não modificar o corpo através de cirurgias ou hormônios. Este grupo se declara pertencente ao gênero masculino, e usufruem de artifícios culturais para deter uma aparência o mais próxima possível do gênero social masculino, como a utilização de determinadas vestimentas e acessórios, corte de cabelo, barba, apelidos masculinos, trabalho socialmente visto como masculino, dentre outros recursos. O terceiro grupo performam socialmente seu gênero a partir de uma “mistura” do gênero masculino e feminino, e expressam seu descontentamento com o “binarismo dos gêneros” e com a “heteronormatividade”. Por fim, o quarto grupo explicita o desejo de modificações corporais às vezes pela via, inclusive, da ingestão de testosterona, mas não querem a mastectomia ou outros procedimentos cirúrgicos, e também se apropriam de recursos culturais para expressar seu gênero, inclusive roupas masculinas mais largas para diminuir o seio e também de próteses penianas para criar “volume” na calça. Como percepção, Almeida cita que essa(s) identidade(s) do homem trans

não estão atreladas ao diagnóstico psiquiátrico, mas indicam uma forte concordância com os signos corporais e sociais que incorporam o “ser homem” na cultura, sobretudo em seu modo “convencional”, apesar de certa convivência entre esses modelos.

Assim, em consonância com o que foi dito por Nascimento (2011), estes homens trans têm uma visão de homem que se aproxima do ideal de masculinidade que eles desejam ser: um homem forte, viril, provedor, chefe de família, inserido no mundo público (da “rua” e do trabalho), competitivo e que pode se comportar de forma agressiva (e até mesmo violenta) contra as mulheres e outros homens (Nascimento, 2011, p. 45). Nessa direção, Almeida questiona se homens trans desejam “criar” comunidades e formar grupos políticos específicos, ou se o desejo predominante seja de fato o de sumir na multidão, o “direito à indiferença”, ou ainda, o “de se passar por um homem não trans”.

Gibran Braga, em sua dissertação de mestrado “Não sou nem curto: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual”, de 2013, Richard Miskolci, em 2015, com o trabalho, “Discreto e fora do meio: notas sobre a visibilidade sexual contemporânea”, e Marcos da Silva Cruz, com o trabalho “masculinidade e discrição em aplicativo de relacionamento”, de 2020, discutem, de maneira bastante semelhante, os itinerários de homens cariocas, paulistanos e paraenses e suas buscas por parceiros do mesmo sexo em plataformas tecnológicas. Os autores chegaram a considerações semelhantes: há um binarismo persistente e heteronormativo que associa a posição sexual do ativo à masculinidade, e a do passivo, à feminilidade. É insistente o reforço da masculinidade hegemônica nos perfis, mesmo entre os passivos. Assim, o estigma do passivo se desloca para o afeminado, não mais sobre todos os passivos. Nas plataformas e aplicativos *online*, há uma “fantasia coletiva” na busca do homem heterossexual masculino e viril, este ocupando o lugar máximo do desejo.

Giancarlo Cornejo, em 2015, com o trabalho “A guerra declarada contra o menino afeminado”, fala sobre as vivências escolares de jovens gays. O autor discute como a escola e a família se esforçam de diversas maneiras em expurgar a feminilidade dos meninos. Esta é vista socialmente como sinônimo de depreciação, provocando um terror ao exercício do gênero, tanto nas escolas como nas famílias. Este terror gera uma legitimada “patrulha implacável” por e pelas instituições a perceber e corrigir os comportamentos da criança/adolescente afeminada – sua voz, jeito de andar, aparência, vestimenta, etc -. Assim, as instituições providenciam “sessões de emasculação”, apontando seus gestos ou muitas vezes, humilhando publicamente estes jovens,

sempre com o objetivo de “corrigir” tais comportamentos. Estas sanções geram evasão escolar, isolamento, patologização e internalização do preconceito.

O trabalho de Victor Hugo de Souza Barreto (2017), “Festa de Orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina”, também é digno de nota. Em trabalho etnográfico, o autor acompanhou por quatro anos eventos e reuniões de orgia realizados na cidade do Rio de Janeiro. Esta experiência evidenciou as questões de masculinidades, modos de subjetivação e corporalização que estes encontros produzem. Para o autor, uma intensa forma de masculinidade é elaborada e negociada a todos os instantes nessas festas. Apesar de muitos acharem que estes encontros são feitos para uma “putaria sem controle”, o autor percebeu que há uma determinada construção de masculinidade desejada nesses espaços e que os encontros seguem rígidos “princípios” e “roteiros de gênero”. Espera-se que esses homens tenham uma performance de “macho”, demonstrando a todo instante valores masculinos normativos. Eles devem ser discretos e ter disposição “de um macho para aguentar a pressão da putaria”, sem mostrar fragilidade ou qualquer vulnerabilidade que não combina com a “putaria entre machos”.

Rodrigo Dall’Ago e Tacia Rocha (2019), no trabalho “Que tesão! A masculinidade da pornografia gay”, discutem a representação do masculino na pornografia gay e suas performances em filmes pornô gays. Para os autores, os filmes pornô gays são atravessados pela heteronormatividade, que interfere na constituição de sujeitos masculinos gays, muitas vezes tidos como desviantes sexuais. Essa heteronormatividade contribui para a perpetuação de processos excludentes. Assim, os corpos, o desejo e a atração, são balizados por representações e corporalizações que demarcam a violência e a virilidade.

Pedro Barcellos Juliano, em 2020, com o trabalho “Ei, você aí macho discreto, chega mais, cola aqui, vamos bater um papo reto”: tratando de masculinidades e vivências negras”, construiu um ensaio sobre as masculinidades gays negras. Discutindo gênero e sexualidade masculina gay, pontuou que o homem gay negro é visto como “um homem com H maiúsculo”, sendo resultado de um processo intenso de racismo que produz racialização nos corpos de homens negros. Para o autor, a escravidão produziu um poderoso imaginário sobre os negros que perdura até hoje. Assim, espera-se que os negros sejam selvagens, bárbaros, serviçais, viris, agressivos e marginais. Para Juliano, é nessa construção de homem ocidental que o homem negro é marginalizado e excluído, sendo atribuído a ele características e atitudes que o distancia da ideia de humanidade e o aproxima da ideia de animalidade. Assim, o homem gay negro não pode demonstrar afeto, deve seguir uma

estética viril e masculina, ser bem dotado genitalmente e servir o branco sexualmente. Há, portanto, um essencialismo de como o homem gay negro é e uma invisibilidade na discussão de como o racismo afeta as subjetividades de homens gays negros.

Interessante discutir alguns pontos das pesquisas citadas: os trabalhos são da última década (2010-2020), discutem a masculinidade gay a partir de uma perspectiva de gênero, tem como campo empírico certa diversidade (escola, *internet* - aplicativos de geolocalização e sites pornográficos -, saunas, festas de orgia, clubes de sexo; citam também certa relação com a família); os trabalhos não se limitam a um tipo específico de faixa etária ( são crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos) e dialogam com certas intersecções (classe, raça e geração), e ainda, demonstram a necessidade de se pensar a masculinidade gay como fluida e diversa, que se transforma no curso do tempo e frente às mudanças sociais. Também expressam que as diversas categorias de pertencimento devem ser consideradas nas dimensões culturais distintas. Mas, interessante apontar, em consonância com Nascimento (2011), que uma provável masculinidade gay se confirma, desconfirma, ressalta e diminui a masculinidade de todos esses homens pesquisados. Há uma masculinidade que emerge como um padrão a ser alcançado, em uma busca de ser ou desejar um homem gay que se aproxima desse ideal, ou seja, ser branco, classe média, viril, másculo e em nenhuma hipótese, se aproximar do feminino. Esse jogo de intensa negociação das masculinidades acontece nas relações dos homens com diversas instituições, mas acima de tudo, acontece entre eles, como apontado por outros importantes (e não recentes) trabalhos (Fry, 1982; Mendes-Leite, 2000, 2003; Parker, 2002).

Neste cenário de percepção da dicotomia e latentes paradoxos nas categorias das masculinidades e das masculinidades gay, vale a pena destacar o conceito de “masculinidade hegemônica”, proposto por Connell (1995). O conceito tem suas origens no feminismo e nos desdobramentos dos estudos de gênero que anunciavam possibilidades para se alcançar a equidade entre homens e mulheres (Connell, 1995; Kimmel, 2004). Acredita-se que a elucidação de tal conceito seja fundamental, pois como visto, aposta-se que a masculinidade gay historicamente se construiu numa constante negociação com as citadas características da masculinidade hegemônica.

Em seu livro, Connell (1995) trabalha com o conceito em oposição às masculinidades subordinadas ou marginais. A investigadora enfatiza a necessidade de compreender as diversas masculinidades, cada uma em relação com as demais a partir de uma visão de hierarquia de poder.



Esta hierarquia – nas relações entre e intragêneros – abrange toda a sociedade. Para a autora, o conceito pode ser definido da seguinte forma:

*“masculinidade hegemônica pode ser definida como configuração de uma prática de gênero que incorpora a resposta aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou que se ocupa em garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres”* (Connell, 1995, p. 77, tradução nossa).

A masculinidade hegemônica está correlacionada à potência, rigidez, virilidade e capacidade física. Há uma expectativa definida, em que poucos conseguirão ocupar e alcançar este espaço (Whitehead, 2002). Assim, há a predominância de uma configuração estipulada de masculinidade, que se impõe como referencial mais ou menos fixo, e se apoia por meio de instituições e das relações interpessoais da sociedade, em que pessoas se sentem gratificadas e se beneficiam das prerrogativas que essa posição garante (Junior, 2006; Nascimento, 2011).

Ela não é fixa, mas como citam autores (Kimmel, 1991; Connell, 1995), a mesma trata dos assuntos relacionais da masculinidade, das conexões entre as hierarquias entre homens e das relações entre homens e mulheres. É uma dinâmica cultural sustentada por estruturas e normas sociais, na qual um seletivo grupo garante uma posição superior na vida social, submetendo outras masculinidades como inferiores. Portanto, a masculinidade hegemônica se reproduz na estrutura institucional, no trabalho, nas escolas, na mídia, na família, nas relações interpessoais, no Estado (Connell, 1997; Nascimento, 2011).

A masculinidade hegemônica também demarca para as relações internas à dinâmica do gênero, como a *subordinação*. Autores (Da Matta, 1987; Saffioti, 1994; Connell, 1995, 1997; Machado, 2000; Welzer-Lang, 2001; Kimmel, 2009) apontam que há uma definição do que é ser um homem “normal” ou “homem de verdade”, que se aproximaria de uma aparência viril, não-afeminado, ativo e dominante. Os homens que não se enquadrariam à essa norma pertenceriam ao grupo dos “outros”, grupo este dominado, que incluiria as mulheres, crianças e qualquer “outro” que não seja “normal”. Para o sociólogo Welzer-Lang (2001), trata-se de uma norma política heterocentrada e homofóbica.

Para Connell (1995), outra forma de masculinidade que coexiste à masculinidade hegemônica é a masculinidade *marginalizada*, bastante existente nos grupos étnicos minoritários, que muitas vezes, podem compartilhar certas características da masculinidade hegemônica, mas são socialmente grupos desautorizados. Importante também dizer que existe a possibilidade de

escapar da masculinidade hegemônica, em que as masculinidades subordinadas e marginalizadas podem protestar contra ela. Homens gays e/ou negros, vistos como “desviantes”, promovem certa provocação à concepção (Kimmel, 1991). Assim, são estes grupos vistos como “minorias” e “desviantes” que servem a uma oposição à marginalidade ou subordinação de hegemonia masculina. Mas claro, mesmos estes homens, colocados em posição de marginalidade, podem ser cúmplices, mesmo que parcialmente, da masculinidade hegemônica (Connell, 1995, 1997).

Portanto, a masculinidade hegemônica cria modelos, vontades e desejos dos sujeitos (Matos, 2001), como mostrado nas pesquisas antigas e recentes. Nessa direção, para Welzer-Lang (2004), as relações hierárquicas situam os homens em posições, mais ou menos, privilegiadas e dominadas. Mesmo nas relações entre homens, há hierarquias masculinas que os organizam em termos de poder. Assim, a relação de dominação vai além da relação homem-mulher, se dando também em relações entre homens. Percebe-se que este modelo ideal é dificilmente alcançado por todos os homens. E apesar de certos grupos estarem em uma posição vista como desviante perante à sociedade, tais grupos podem reproduzir tal modelo, o que denota a complexidade do conceito nas relações sociais.

Outro exemplo que pode ser dado refere-se à naturalização da cisheteronormatividade como lugar da norma no que diz respeito a identidade de gênero. A naturalização do sexo e do gênero, a partir de interpretações com bases biológicas, os vincula numa lógica não apenas heteronormativa, mas também cisnormativa. Nessa lógica, muitos homens gays podem se colocar como “superiores” ou “normais” aos transgêneros. A noção de superioridade pode transcender a lógica homem-mulher, se impondo também aos homens sobre outros homens, seja na configuração andro-heterocentrada, homófoba ou cisgênera (Preciado, 2019).

Nesse sentido, Connell (1998), ressalta a hierarquia e o poder entre e nas masculinidades. Dada a coexistência de diversas masculinidades, há sempre um modelo de masculinidade mais privilegiado, legitimado, aceito e desejado. É a partir da desvalorização daquilo que é diferente, que a masculinidade hegemônica exerce sua dominação.

Assim, como citam importantes autores (Parker, 1991; Connell, 1995; Carrara, 2005), a masculinidade gay e seu “flerte” com a masculinidade hegemônica se dá de forma complexa. Como exemplo, alguns homens gays que são considerados mais masculinos, ajudam a desconstruir o estereótipo que todo gay é afeminado. Contudo, criam ao mesmo tempo, uma hierarquia entre os homens gays. Pois, quanto mais viril, masculino e “parecer hétero”, mais valorizado ele será

socialmente. Assim, os homens gays reproduzem uma forma de masculinidade reconhecida e desejada, subalternizando e hierarquizando outras formas de ser homem gay.

Nessa direção, Kimmel (1998) descreve importantes considerações sobre a virilidade no discurso de uma masculinidade hegemônica. De acordo com esse autor, tende-se a pensar que a virilidade seja inata, uma essência própria de todo homem. Seria como componente biológico do ser humano macho, resultado de uma composição hormonal específica ou da posse de um pênis. Na busca pela virilidade alguns homens passam a repudiar o feminino e começam a medir a masculinidade pelo poder, sucesso e posição social. Ainda, procuram manter as emoções sob controle, além de demonstrar ousadia e agressividade em suas relações (Kimmel, 1998). Não conseguir agir dessa maneira provoca em muitos homens um sentimento de fracasso e sofrimento, visto que esse modelo almejado não é possível de ser seguido. Apesar disso, alguns continuam tentando alcançá-lo para demonstrar vaidade e valentia. Nessa luta contra a feminilidade, atitudes como modéstia, educação e limpeza, passam a ser vistas como concessões às demandas femininas e não são tidas como boas para a imagem de um homem viril (Kimmel, 1998).

É a partir desse medo de se aproximar do feminino que as definições culturais de virilidade vão se moldando desde cedo nos corpos dos meninos. Como cita Kimmel (1998), a violência logo é apresentada como um indicador de virilidade, sendo representada pela disposição e pelo desejo de lutar. Desde cedo, os meninos são ensinados que os seus pares são uma espécie de fiscais de gênero, que ameaçam constantemente a julgar e desmascarar o outro como um afeminado ou menos homem. Com isso, as barreiras de gênero se fortalecem, demarcando o perímetro que assegure que nada próximo do feminino se aproxime dos jovens homens, uma vez que as possibilidades de ser desmascarado rodeiam esses meninos, em ameaças à sua virilidade.

Nessa mesma direção, Eribon (2008) cita que o peso social de não ser heterossexual (ou ainda, “ser viado”), se revela no processo de socialização através da injúria. Para o autor, a identidade homossexual é construída através de discriminações e violências homofóbicas. Ao ser chamado de “bicha” ou “viado”, um menino passa a ter compreensão de uma diferença de condição de ser socialmente inferior. Em poucas palavras, ser “bicha” ou “viado” traz a noção “não masculina” e desvalorizada aos homens gays, tendo uma conotação pejorativa.

Em outro contexto cultural, Plummer (2001) demonstra que existe um processo de aprendizagem de um “idioma de masculinidade” entre rapazes nas escolas de Sidney, Austrália. A agressividade (verbal e física) deve ser demonstrada publicamente entre eles, com xingamentos que

desqualifiquem a masculinidade do colega, bem como limitar a convivência da relação entre eles. Esse processo separa os “homens de verdade” dos “outros”, em que há uma intensa transmissão geracional de valores homofóbicos desde a infância (principalmente entre os mais velhos para os mais jovens). Os termos remetem a Eribon (2008), em que xingamentos como “bicha” e “viado” são intensamente usados, com o intuito de desafiar a honra dos meninos. Como menciona, a injúria é central no processo de subjetivação de meninos gays na infância, e ao mesmo tempo, é a partir da enunciação pública da injúria que se reconhece e se valoriza a masculinidade hegemônica.

No que diz respeito ao contexto brasileiro, Parker (1991) analisa os mecanismos sociais e culturais que possuem a força de transformação do mundo marcado por diferenças anatômicas, em valores hierarquizados, atrelados à masculinidade e à feminilidade. Segundo esse autor, a origem dessa hierarquia de gênero no país se encontra na tradição patriarcal, se manifestando de diferentes modos, dentre elas no uso da linguagem para fazer referência aos corpos. Nessa visão, o pênis é tomado como um órgão genital superior e mais forte, bem como a sua função vem se associando a um movimento de certa atividade e de cunho mais violento. Isso reflete-se nos termos vulgares e populares que são utilizados para se referir ao membro sexual masculino como algo de maior potência, enquanto que o órgão sexual feminino passa a ser referido como algo ligado a uma passividade ou de certa inferioridade.

Logo, essa força, define e legitima a hierarquia entre os gêneros. Com isso, Parker (1991) argumenta que o homem se insere no plano da força e do poder, enquanto a mulher é localizada no campo da submissão e da fragilidade. Como ele explica, esse modelo propõe que a vida sexual se estrutura ao redor de dois polos fundamentais: masculinidade/atividade e feminilidade/passividade. É por isso seria comum nos discursos de alguns homens brasileiros o fato de não se perceberem como homossexuais na relação sexual com outros homens, desde que esteja exercendo o papel de “ativo” dessa interação, isto é, quando ele “penetra” o outro. Assim, o autor destaca que essa situação não encontra similaridades com outras culturas, como a dos EUA, por exemplo, onde esse tipo de relação seria rapidamente compreendida como homossexual.

Nesta mesma direção, Peter Fry, na apresentação da obra de Misse (2005), afirma que o campo dos afetos entre dois homens é marcado por uma forte e antiga obsessão entre os termos “atividade” e passividade”. Ele traz como exemplo as relações que podem ser visualizadas nas salas de bate-papo da *internet*, onde pôde encontrar uma desvalorização do feminino. Para ele, os afeminados continuam se localizando abaixo nessa hierarquia com os homens que aparentam uma

maior virilidade e a linguagem ainda vem sendo muito utilizada para empregar metáforas sexuais que estabeleçam a dominação e submissão entre esses homens.

Nesse contexto, os estereótipos do feminino são sintetizados numa passividade, que de certa forma se associa a uma posição ou função sexual tida como própria da mulher. Contudo, isso não se restringe apenas a esses atributos biológicos, sendo deslocado para os aspectos psicológicos que estão envolvidos nas relações sociais entre homens e mulheres, marcadas pela estigmatização feminina (Misse, 2005).

O estigma é definido por Goffman (1970) como uma relação formal entre comportamentos que são atribuídos como desacreditados a um indivíduo que sabia que o mesmo tinha alguma desvantagem. Com isso, esse sujeito deixa de ser visto como “normal” e passa a ser reduzido como alguém diferente e estranho, sendo menosprezado. Logo, o discernimento social a respeito dessa “diferença” percebida pelos outros constitui a base para um estigma.

Percebe-se que ser “mulherzinha” e “viado” constituem como desvios da masculinidade hegemônica, se tornando referências em como “não” ser para eles, desde muito jovens (Parker, 1998). Há, portanto, um jogo de hierarquias que demonstra o que é mais valorizado (ser masculino, viril, agressivo, ativo) em contraponto ao que se aproxima do feminino (afeminado, passivo) (Nascimento, 2011). Como cita Almeida (1995), a relação entre homens muitas vezes não é vista como “entre iguais”, mas sim entre um homem de verdade (o “bofe”) e o que não é homem de verdade (a “bicha”), e o ativo sexual, seria interpretado como o homem da relação.

Todos esses trabalhos visam mostrar que o desejo e as práticas sexuais têm gênero, e isso não se trata de uma suposta natureza, mas de uma inscrição cultural. É no corpo social que se produz o gênero e que o gênero se aprisiona no discurso e em práticas. Segue-se o argumento que o gênero advém do sexo biológico, em uma passagem do biológico para o cultural. O gênero, por fim, anuncia o desejo e as práticas sexuais (Butler, 2003). Assim, o “masculino” não pertence ao homem e o “feminino” não pertence a mulher. Ambos são produções discursivas que habitam os corpos e instituem a legitimidade ao desejo.

Essas reflexões são importantes para pensar o quanto essas diversas classificações de gênero são poderosas formas de interpretação do mundo (Louro, 2008, 2010; Green, 2010; Miskolci, 2015, 2017). Desta forma, apesar dos autores afirmarem que existem debates em um cenário de transformações tecnológicas, econômicas, políticas, sociais e culturais no século XXI, que certamente causam impacto e produzem assim profundas transformações no plano das

subjetividades dos sujeitos (Castells, 2002; Careaga & Cruz, 2006), pode-se dizer que a trajetória da construção da masculinidade de cada um se faz a partir de um modelo “clássico” de masculinidade hegemônica, que está presente e reforçado na mídia, família, escola, igreja, grupo de amigos, etc, apesar da coexistência de diversos tipos de masculinidades (Seffner, 2003), que se produzem no mesmo espaço social a partir de diversas vias interseccionais, seja pela raça, classe, religião, arranjo familiar, localização, gênero e corpo.

Nesta tese, justamente vai interessar focar o emaranhado de estratégias que cada jovem lança mão para construir sua masculinidade que comporta discursos e práticas com um outro, mas que, busca situar-se, sempre que possível, no terreno da masculinidade hegemônica, seja em se aproximar si mesmo deste modelo (e assegurar os privilégios que daí decorrem) ou de desejar um parceiro que se aproxima deste ideal. Assim, a compreensão das trajetórias afetivo-sexuais a partir da escuta dos próprios homens jovens gay cigêneros (e suas demais categorias de pertencimento), revela uma possível matriz de significados, sendo possível visualizar “mudanças” e “permanências” no que se refere ao poder da masculinidade hegemônica na construção da sexualidade e da masculinidade de meninos tão jovens.

### *As trajetórias afetivo-sexuais a partir do olhar da interseccionalidade*

Este trabalho propõe um esforço para compreender as trajetórias afetivo-sexuais dos jovens em sua complexidade. Para tanto, destaca-se a importância de um olhar atento e sensível para as diversas categorias de pertencimento social ocupadas pelos entrevistados em uma sociedade extremamente desigual e hierarquizada como a brasileira. Para alcançar esse esforço, pretendo analisa-las a partir da perspectiva interseccional. Assim, enfatizo a necessidade de se levar em conta as imbricações entre os múltiplos sistemas de opressão que atravessam, delimitam e organizam as relações de poder na aprendizagem da sexualidade e dos afetos, demonstrando não somente as vivências e sociabilidades dos jovens organizadas espacialmente, mas demonstrar de que modo as diferentes categorias de pertencimento social se entrelaçam e se reforçam, forjando matrizes de opressões (Collins, 2019; Crenshaw, 2002) durante suas trajetórias.

Algumas perguntas foram feitas para clarear o conceito de interseccionalidade: Como e quando surgiu? De que se fala quando se discute o material empírico de uma pesquisa a partir da perspectiva interseccional? Como tal conceito vem sendo utilizado nas pesquisas no contexto brasileiro? O uso do termo se tornou um *hit concept* na metade dos anos 2000, como denomina Elsa Dorlin (2012). Contudo, para responder as questões acima, considero imprescindível dissertar acerca do feminismo negro, visto que foi esta a corrente do feminismo que inaugurou a problematização sobre o conjunto da maneira que diferentes sistemas de opressão se intersectam na vida cotidiana de mulheres negras, transcendendo uma certa configuração do feminismo da época da mulher-branca-heterossexual-burguesa (Nogueira, 2013).

Portanto, pode-se dizer a sua origem remonta ao coletivo feminista negro “Combahee River Collective”, em 1974, nos Estados Unidos. Nesta época, a discussão se dava em torno da “simultaneidade de opressões” – ainda não se designava como interseccionalidade (Nogueira, 2013; Rodrigues, Carneiro & Nogueira, 2018). Deste cenário de debates, essas significativas caracterizações sobre articulações de diferenças nos anos 1970 originavam-se de campos não necessariamente – e apenas – acadêmicos, mas também, e marcantemente, de coletivos de ativistas feministas negras e lésbicas. É importante salientar que poucas teóricas do que poderia ser chamado na contemporaneidade de “campo feminista de estudos interseccionais” concebem a relevância do manifesto e das atuações políticas desse e de outros coletivos como um marco pertinente para a concepção e compreensão dos marcadores sociais da diferença na construção (ou não) de assimetrias. E é também merecedor de nota que uma parte dos trabalhos atuais tende, a

secundarizar, ou puramente a silenciar, o papel dos “Black Feminisms” em suas expressões nos feminismos da primeira onda e na reflexão interseccional nos anos 1970 (Henning, 2015).

Entre as décadas de 1970 e 1990, várias intelectuais negras anunciaram a escassez da abordagem das categorias de poder de forma separada, demonstrando a necessidade de investigar suas influências de forma conjunta e articulada. Nos Estados Unidos, podemos citar nomes como Angela Davis, bell hooks e Patricia Hill Collins. No Brasil, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Luiza Barrios e Sueli Carneiro, dentre outras. Essas e muitas outras mulheres negras colaboraram para a formação e aperfeiçoamento desse olhar como o conhecemos hoje, cuja epistemologia e atuação política precedem a constituição do termo “interseccionalidade”.

Durante as décadas supracitadas, os movimentos do feminismo negro alegavam que a agenda política e certas lutas do feminismo excluía de forma significativa as experiências das mulheres negras (Nogueira, 2013). O coletivo inaugurou uma crítica contra o feminismo branco, de classe média e heteronormativo da época, problematizando que o produto das intersecções entre raça, classe, gênero e orientação sexual, estão interrelacionadas de maneira complexa nas condições concretas da vida das pessoas (Combahee River Collective, 1977). Por exemplo, a condição de discriminação de uma mulher-branca-burguesa-heterossexual será diferente da experiência de uma mulher-negra-pobre-lésbica.

Para o coletivo feminista negro, a discussão acerca das diversas categorias de diferença que as mulheres integram e que as posicionam em situação de maior vulnerabilidade social é um debate que se problematiza em como as relações de poder se organizam em complexos sistemas de opressão e privilégio (Rodrigues, 2016). Portanto, como descreve Nogueira (2017), foram as mulheres negras que instauraram o questionamento de uma suposta mulher universal, enfatizando a necessidade da diferença, desconstrução e descentralização, que ponderem diversos marcadores sociais e a diversidade de experiência entre as mulheres, pois outras vias de poder podem interagir ou sobrepor as desigualdades para além do gênero. Isso quer dizer que, mulheres que se encontram socialmente nas intersecções destas vias por conta da classe, religião e orientação sexual, dentre outras, experienciam a discriminação e a vulnerabilidade de forma (ainda) mais intensa.

Nessa direção, como cita bell hooks (1981), na década de 1980, as experiências de discriminação não seriam conhecidas em sua totalidade se analisarmos as dimensões racial, de classe e de gênero separadamente, tendo em vista que tais experiências adquirem uma realidade complexa através da interseccionalidade destes eixos de desigualdade.



No Brasil, a partir da década de 1980, com o processo de redemocratização, criou-se condições para a ampliação do movimento feminista, que iniciou uma intensa luta pelos direitos das mulheres e suas várias especificidades e diferenças de classe, raça/etnia, escolaridade etc. Nesse momento, como cita Céli Pinto (2010), haviam grupos e coletivos em diversas regiões do país, que debatiam uma vasta gama de temas, como direitos sexuais e reprodutivos, direito ao trabalho, igualdade no casamento, violência, luta contra o racismo, etc. Os grupos eram próximos dos movimentos populares de mulheres, muitas moradoras de favelas, as quais ainda lutavam por direitos básicos, como educação, saneamento e saúde.

Também se destaca, que no Brasil, o esforço para compreender o “início” do debate do conceito de interseccionalidade no bojo das práticas do feminismo a partir da década de 1980, também se faz necessário restabelecer o trajeto histórico de constituição do ativismo negro e do movimento de mulheres, bem como suas adversidades e obstáculos para agregar agendas específicas das mulheres negras. Apesar das diversas diferenças dentro do próprio grupo, o Movimento Feminista e o Movimento Negro ressurgem em meados dos anos 1970, no âmago da ditadura militar, momento em que ainda se tratava de conquistar a democracia.

Segundo Rodrigues (2013), o ano de 1975 é um marco do “reaparecimento” das organizações do movimento feminista no Brasil. Como exemplo, em junho de 1978, é fundado o Movimento Negro Unificado (MNU), na cidade de São Paulo (SP). O movimento é criado como reação à discriminação sofrida por quatro atletas negros no Clube Tietê e à morte de um operário negro, Robson Silveira da Luz, devido a torturas policiais. Em julho desse mesmo ano, ocorreu o primeiro ato público em frente ao Teatro Municipal. O MNU denunciava o racismo, as desigualdades dos negros no acesso ao mercado de trabalho, a violência policial e o desemprego (Gonzalez, 1988). Cabe dizer, que nessa época, mulheres integrantes do Movimento Feminista e do Movimento Negro, criticavam que as mulheres negras eram consideradas meramente como “sujeitos implícitos” de ambos os movimentos. A busca pela igualdade fez com que as mulheres negras lutassem por suas pautas específicas, o que gerou conflitos e rupturas nos movimentos nas décadas de 1970 e 1980, questionando tais práticas excludentes (Rodrigues, 2013).

Importante dizer que nomes como Luiza Barrios, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Heleieth Saffiotti, Edna Roland, Jurema Werneck, Nilza Iraci e Matilde Ribeiro (dentre outras), publicaram importantes trabalhos frente a articulação sobre gênero e raça no contexto brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. Tais mulheres (maioria delas eram negras) foram

imprescindíveis para aprofundar o debate em se pensar gênero em intersecção ao pertencimento racial, apontando assim que tais questões devem ser pensadas juntas, não separadas.

No Brasil, os primeiros trabalhos acadêmicos que vão tratar das especificidades das mulheres negras aparecem durante a década da mulher (1976-1985), sendo fruto da dedicação das mulheres militantes negras. O primeiro deles, “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, foi escrito e apresentado por Lélia Gonzalez em 1980, na reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). O texto também foi publicado em 1983, na coletânea “Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos”. A autora reflete sobre a articulação entre sexismo e racismo, e como estes funcionam como operadores simbólicos do modo como as mulheres negras vivem no país. Para ela, racismo e sexismo forjam a violência contra as mulheres negras, exemplificando que, apesar da diferença de classe, as mulheres negras de classe média também são vítimas de discriminação. Portanto, não se deve olhar as opressões sofridas pelas mulheres apenas através da diferença de gênero e classe social.

Outro trabalho crucial de Gonzalez foi publicado em 1982, no livro “O lugar da mulher”. A autora focalizou sua análise em que, ao não dar atenção à raça nas questões do dia a dia das mulheres negras, há uma cumplicidade das mulheres brancas para com a dominação das mulheres negras. Dessa forma, ao se deter apenas nas categorias de gênero e classe, os estudos sobre as mulheres brasileiras colaboram para a essencialização das desigualdades raciais. Ainda para a autora, as mulheres negras sofrem de uma tripla opressão: a de raça, de gênero e de classe.

Ainda neste trabalho, Gonzalez analisou o I Encontro Nacional de Mulheres, que aconteceu no Rio de Janeiro, em março de 1979. Para ela, ficou evidente a lacuna de um consenso entre as feministas no que tange às questões raciais – o que não acontecia com as questões de gênero e classe. Para a autora, havia uma negação do racismo e uma dominação das pautas das mulheres brancas em relação as mulheres negras. Portanto, dentro do Encontro, havia o privilégio das mulheres brancas advindo do racismo estrutural da sociedade.

Ainda no Brasil, no ano de 1985, no término da década da mulher, Sueli Carneiro e Thereza Santos publicam o livro “Mulher Negra”, que até hoje é considerada uma das obras mais completas sobre a situação social das mulheres negras no país. Para elas, apesar do aumento de estudos sobre a condição da mulher no contexto brasileiro nos últimos anos, a questão racial não foi de fato incorporada na produção teórica de maneira que as mulheres negras pudessem se amparar de forma sistemática dos estudos em questão (Carneiro & Santos, 1985). As autoras também dizem que há

a necessidade de uma dupla militância para as mulheres negras, interseccionando assim raça, gênero e classe. Por fim, consideravam a necessidade de sensibilizar as próprias mulheres para o combate ao racismo e sexismo como elementos estruturantes, com o propósito de se pensar uma sociedade mais justa e igualitária (Ribeiro, 1995).

Apesar da produção dessas importantes obras, os estudos de gênero no Brasil não incorporaram de forma imediata produções sobre as categorias de diferença para além do gênero. Apenas na metade da década de 1990, aparecem as primeiras traduções de autoras como bell hooks e Angela Davis. Somente em 1995, a Revista de Estudos Feministas, a principal revista da área dos estudos de gênero no Brasil, apresenta uma coletânea especial sobre a realidade social das mulheres negras, escrito pelas principais ativistas negras do país.

É considerável destacar que a baixa participação de mulheres negras na academia brasileira, é um fator essencial para a falta de uma produção acadêmica a partir da perspectiva interseccional (Rodrigues, 2013), atrelada as opressões de gênero, classe e raça. Para Azeredo (1994), essa realidade é uma tradição histórica da academia brasileira, que complica – e às vezes impede -, a entrada delas. Portanto, apesar de uma visível produção acerca da interseccionalidade e do feminismo negro no Brasil, é notável a necessidade de um diálogo maior entre pesquisadores e sociedade para colocar a interseccionalidade melhor difundida no país. A consolidação da discussão da interseccionalidade estaria em diálogo com as especificidades locais, seja nos estudos sobre mulheres ou homens – juntamente com outras intersecções (Piscitelli, 2008; Pinto, 2010).

Com este panorama nacional e internacional apresentado, evidencio que os impasses em abranger a “simultaneidade de opressões” aos estudos de gênero não são uma exclusividade da realidade brasileira. Assim, apesar do surgimento da discussão remontar a década de 1970, parte da literatura em língua inglesa e francesa aponta o uso do termo “interseccionalidade” para designar a interdependência das relações de poder de raça, gênero e classe, em texto da jurista afro-americana Kimberlé Williams Crenshaw, escrito em 1989. Seu texto tem por âmago significativas premissas associadas com a simultaneidade das múltiplas categorias de pertencimento em diversos níveis (Hankivsky et al, 2010). Portanto, o conceito como conhecemos hoje foi difundido nos países anglo-saxônicos a partir da herança do feminismo negro, desde meados dos anos de 1980, incorporado a um quadro interdisciplinar, por Crenshaw e distintas pesquisadoras norte-americanas, inglesas, canadenses e alemãs (Hancock, 2007). É neste contexto e nesta época, que o conceito de “interseccionalidade” é originalmente cunhado.

Crenshaw, em 1991, buscou compreender a relação entre raça e gênero de mulheres negras na produção científica, também revelando uma crítica ao feminismo da época. Se existia uma produção feminista branca, heterossexual e de classe média, que visava seus direitos em relação ao machismo e ao patriarcado, priorizando assim a categoria identitária gênero/mulher, esquecia-se das demais categorias de pertencimento como a raça, classe social, sexualidade, entre outras. Ela tratava estritamente do resultado pelo qual o patriarcado, a raça e classe criavam discriminações, desigualdades e vulnerabilidades que organizavam as posições relativas das categorias de pertencimento, criando sistemas de opressão (Crenshaw, 1991).

A presente tese, reconhecendo o intenso debate nacional e internacional sobre a simultaneidade de opressões e o surgimento da perspectiva com o nome de “interseccionalidade”, irá apresentar tal perspectiva a partir de autores latino americanos (Gonzalez, 1988; Mohanty, 2008; Carneiro, 2001; Lander, 2005; Quijano, 2002; Maldonado-Torres, 2007; Mignolo, 2008; Gargallo, 2010; Lugones, 2014; Alonso & Dias, 2012; Viveros Vigoya, 2018). Os autores supracitados, partindo de um conhecimento situado, propõem perspectivas teóricas e práticas que demarcam as cicatrizes do colonialismo europeu na América Latina. Citam que a Europa é um continente preponderantemente católico, orientado por uma economia de mercado e de estrutura social patriarcal, racista e discriminadora (Gargallo, 2010; Lugones, 2014). A partir da exploração europeia na América Latina, a colonialidade de gênero e o mito da democracia racial se encontram enraizadas na nossa cultura, criando matrizes de opressões e dominação.

Assim, como citam Alonso e Diaz (2012), compreender essas matrizes (que muitas vezes permanecem ocultas), é mais frutífero do que “somar” as opressões que emergem da dominação, sendo possível integrar os sujeitos separados, fragmentados e hierarquizados por elas. Assim, a perspectiva interseccional se torna múltipla, pois a partir dela, é possível promover análises mais complexas das feridas coloniais (Mignolo, 2008; Quijano, 2002) que se materializa nos corpos situados em processos particulares e situados de dominação patriarcal e racista – como no caso, na América Latina. Esse panorama ilumina a complexidade das relações sociais e resiste à categorização essencialista e hegemônica.

No que se refere ao diálogo entre masculinidades e interseccionalidade, a antropóloga colombiana Mara Viveros Vigoya, destaca que a interseccionalidade é um prisma transdisciplinar e extracurricular que objetiva captar a complexidade da vivência diária e das desigualdades sociais através de um olhar integralizado entre as categorias de sexo, gênero, classe, raça/cor, geração,

deficiência e orientação sexual. Para Vigoya (2018), a ótica interseccional postula a coexistência dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e reconhece sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais.

Utilizo a autora como grande inspiração, pois além da mesma caracterizar a interseccionalidade na América Latina, de modo mais específico, na Colômbia, Mara Viveros Vigoya se filia teórica, metodológica e politicamente ao feminismo negro (Black Feminism) e ao “feminismo de cor”, em seu livro “As cores da masculinidade” (Vigoya, 2018). Pesquisando a temática de masculinidade na Colômbia, a autora percorre a interseccionalidade para compreender e ilustrar as dinâmicas de poder e dominação de gênero e raça. A antropóloga não utiliza tal perspectiva como uma forma cumulativa de opressões, mas para demonstrar as contradições e paradoxos da vivência social, em determinada localização e contexto.

No livro, a partir da perspectiva interseccional, reflete as diversas experiências de masculinidades, tanto nos grupos “dominantes” como nos grupos “marginalizados”. A partir dos aspectos históricos e sociais das masculinidades, a autora discute desde o nível micro ao macro, as estruturas e mecanismos de dominação, e postula mudanças políticas que visam a justiça social, sem desconsiderar os aspectos históricos e sociais das masculinidades.

Compreendo que seu livro é essencial para o debate dos campos das relações de gênero e masculinidades, não somente por circunscrever a categoria “raça”, mas por descrever como se dão as relações de poder nas dinâmicas das masculinidades. Como exemplo, Vigoya discute e analisa os estereótipos e fantasias sobre os corpos negros masculinos, vistos com expectativas da antiga mitologia grega, ou em suas palavras, como corpos “dionisíacos” (Vigoya, 2018, p. 31), sempre ligados ao prazer. Mas, vale destacar que a autora, se por um lado, descreve os aprisionamentos que estes estereótipos causam, ela também mostra o discurso desses homens que produzem (re)ssignificações a partir desses imaginários que o outro lhe atribuí. Os homens negros heterossexuais constroem estratégias e práticas para “tirar algo de positivo” desses estereótipos e dessas relações de poder, negociando a todo momento suas identidades com os estereótipos de potencial sexual e virilidade.

Assim, a antropóloga discute o campo das masculinidades nos países colonizados, o “Sul Global”, propondo uma descolonização da leitura de interpretação das masculinidades. A partir de uma perspectiva política, ela mostra a necessidade de discutirmos cada vez mais questões

metodológicas e teóricas sobre gênero, raça e interseccionalidade a partir das questões específicas da “nossa América”, visando a compreensão das masculinidades e suas diversas cores.

Diante do exposto, a autora reconhece que existem diversas estruturas de opressão e assimetrias de poder, que são múltiplas e simultâneas, representada por diversas vias de poder, como menciona outros autores latinoamericanos (Lander, 2005; Quijano, 2007; Maldonado-Torres, 2007; Mignolo, 2008; Gargallo, 2010; Lugones, 2011; Alonso & Dias, 2012; Gomes, 2015; Viveros Vigoya, 2018). Para Gomes (2015), *“cada via representa um eixo de poder e o conjunto delas forma os terrenos sociais, políticos e econômicos. Uma via não exclui a outra. Pelo contrário: elas comumente se entrecruzam. Em muitas ocasiões é difícil dizer de onde vem o impacto ou, até mesmo, pode ocorrer de o dano ser causado quando o impacto vindo de uma direção projeta vítimas no caminho de outra via”* (Gomes, 2015, p. 60).

Torna-se crucial salientar que o pensamento feminista negro propõe com a interseccionalidade, não é a segregação dos movimentos, mas sim sua integração, para que a discussão e exercício de resistência seja conciliável com as desigualdades e assimetrias de poder já existentes no tecido social e que alcancem maior igualdade, com o propósito de combater as estruturas hierárquicas sociais e intragrupo. Nessa direção, a “consciência” da interseccionalidade propiciaria reconhecer e problematizar tais diferenças existentes entre os sujeitos, permitindo assim a possibilidade de novas formas de se engendrar o corpo coletivo.

Para Vigoya (2018), em diálogo com bell hooks (1994), apenas seria exequível desconstruir as assimetrias de poder por intermédio da contestação das esferas de privilégios individuais e coletivas. Dessa forma, não seria possível invisibilizar as formas de que forma numerosos eixos enredam a rede de vulnerabilidade dos sujeitos. Para ambas autoras, combater as diversas vias de opressões de forma apartada, faz com que sujeitos e estruturas se fortaleçam, permanecendo-as conectadas à estrutura hegemônica de normatividade e poder. Portanto, se considerarmos apenas uma via única de opressão, se despreza as outras dinâmicas de poder.

A partir da ótica interseccional, há a necessidade de se refletir sobre a construção histórica de sujeitos supostamente universais e dos meios como tal visão exclui, segrega e invisibiliza quem escapa dessa normatividade. Esse processo de exclusão das diferenças é circunscrito por Vigoya (2018) como produto de um cenário engendrado por dinâmicas estruturais – econômicas, sociais e culturais. Para a autora, esse cenário estrutural muitas vezes é considerado como cristalizado e imutável, chegando a parecer fatos fixos e “naturais”, invisibilizando assim as diversas vias que

compõem e complexificam a opressão. Como diz Furtado (2020), a interseccionalidade possibilita clarear essas particularidades, tornando central o caminho que as diversas vias se entrecruzam a partir da interação entre dois ou mais eixos de poder.

Nessa direção, Moutinho (2014) pontua que o princípio da identidade seria que a mesma é multiplicativa, e não aditiva. Todas essas particularidades são elementos inter-relacionadas de um conjunto intenso, em um acumular de pertenças, que quando percebidas e analisadas de formas apartadas, constituem um “tudo” bastante diferente, não nomeando ou até ignorando algumas partes, como cita a psicóloga portuguesa Conceição Nogueira (2013). Assim, uma mulher negra e uma mulher branca que ocupam a mesma classe social experimentam a opressão a partir de diferentes lugares, proporcionando pontos de vista distintos “sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista” (Bairros, 1995, p. 7). Portanto, a identidade é interseccional. Ao afirmar “quem eu sou”, a resposta está complementemente ligada ao meu gênero, a raça, a classe, a orientação sexual, a capacidade física, a nacionalidade, ao estatuto migratório, a religião e a tantos “ingredientes” identitários que constroem quem eu sou (Nogueira, 2004, 2017).

Como cita Bernardino-Costa (2015), a interseccionalidade foi vital para as ciências sociais nas últimas décadas na América Latina, que antecedente a elaboração e desdobramento da perspectiva, poucas pesquisas apuravam as vivências de pessoas que estivessem sujeitas a múltiplas vias de hierarquização e opressão dentro da nossa sociedade. Portanto, pelo viés da psicóloga feminista, assumir a questão da interseccionalidade representa assumir um novo vocabulário crítico, trazendo as diversas matrizes de opressão e as estruturas sociais de poder/privilégio como centrais.

É nesta discussão que o debate da interseccionalidade se fortalece e ganha destaque. Não é viável compreender e intervir de forma isolada sob a interação entre dois ou mais eixos de subordinação, na dinâmica experiência de opressão combinada pelo gênero, classe e raça. Para Valentine (2007) a interseccionalidade deve ser investigada em como o sujeito se localiza em uma “encruzilhada”. Para a autora, o conceito tem potencial não apenas para apreender as assimetrias e desigualdades da vida cotidiana, mas também iluminar como essas categorias de pertencimento não são fixas, mas passíveis de fluidez, movimento e dinamismo, a depender do contexto. Portanto, como salienta a filósofa americana Angela Davis (2017), nesta intersecção entre os vários planos de opressão, torna-se insuficiente identificar de forma desassociada os diversos mecanismos de opressão e exclusão da realidade social.

A interseccionalidade diz do jogo das diferenças e hierarquias que nos convida a pensar a necessidade da problematização dessas construções. Também alude a incapacidade de enxergar uma pessoa ou um grupo a partir de um lugar singular, tão crucial para escapar de discussões essencialistas e reducionistas, circunscrevendo a inter-relação entre opressões e privilégios e a esfera contextual que garantem a fluída organização hierárquica do poder (Nogueira, 2017).

Nesse sentido, a interseccionalidade constitui-se em uma perspectiva fundamental para esta pesquisa, tendo em vista o comprometimento do conceito com análises que desvendam os processos de interrelação entre as categorias como classe, gênero e raça (e outras categorias de pertencimento social) em contextos e práticas, tanto singulares como coletivas, bem como nos arranjos culturais/institucionais. A discussão interseccional para as trajetórias afetivo-sexuais dos jovens rechaça a essencialização do grupo social em questão, não tratando suas trajetórias como únicas. Ainda, circunscreve que apesar dos jovens compartilharem algumas experiências em comum, estas não se dão de maneira igual para todos. Deve-se estar atento para certas especificidades de suas narrativas, como por exemplo, as diferenças de ser um jovem gay branco e um jovem gay negro. Há a necessidade de compreender como tal vivência é experienciada a partir da interseção das vias de desigualdade e assimetria, numa lógica de “matriz de opressão” (Vigoya, 2018). Esta matriz distingue a condição relacional das localizações de cada um, de suas experiências singulares, das forças sociais e das hierarquias que intersectam as opressões em cada momento de suas vidas.

Aposta-se que analisar as trajetórias afetivo-sexuais de forma interseccional, será possível capturar e revelar como a interseção das diferentes categorias de pertencimento criam exclusões, desvantagens sociais e materiais para aqueles que se encontram em posições marginalizadas e não normativas. A interseccionalidade se dá como uma política de localização (Vigoya, 2008), ou seja, que caracteriza os sujeitos e os saberes como não universais, que objetiva a querer entender as imbricações das diversas categorias de pertencimento.

O conceito torna-se fundamental para a presente tese. Se pretendo tornar visível a realidade de um grupo social que culturalmente se encontra em uma posição dissidente, torna-se crucial apontar como suas vivências pessoais são interseccionadas pelos marcadores sociais de diferença nas relações intragrupo e a partir das suas relações com diversas instituições. Torna-se importante dizer, que apesar da importância de se olhar as trajetórias a partir dessa perspectiva, isto não significa afirmar, que se trata de um conceito capaz de abarcar todas as questões fundamentais da



vida de cada jovem, mas que, justamente por suas peculiaridades de flexibilidade e tensionamento, propicia um terreno fértil e vasto para novos horizontes de pesquisa e intervenção.

Parte-se do princípio que, assim como as mulheres, a própria masculinidade gay masculina não é homogênea. No caso da interlocução entre interseccionalidade e masculinidades gay, há de se estar atento para que por exemplo, as experiências dos homens gays cisgêneros, brancos, de classe média, sem deficiência, não sejam tomadas como representativas de todas as pessoas LGBT. O resultado do entrecruzamento com outras categorias desenha, transforma, modela e intensifica as experiências e práticas de cada um, ressoando nos conflitos de pertencimento e exclusão. Como mencionado, há a possibilidade de silenciar e homogeneizar suas trajetórias ao limitar um eixo único, criando uma visão parcial do entrecruzamento de categorias de opressão, reforçando assim a essencialização das categorias de opressão e/ou privilégio como normativas e universais. Interseccionalizar os olhares sobre os fenômenos de uma trajetória não é uma fórmula uniforme e predefinida, pelo contrário, é uma constante movimentação e um desafio metodológico, e porque não, ético, pois necessitamos empreender de forma coletiva como acadêmicos comprometidos com a justiça social em nossas pesquisas científicas e práticas ativistas (Furtado, 2020).

Frente à utilização do conceito no âmbito acadêmico brasileiro, nos últimos dez anos, a interseccionalidade vem ganhando maior notabilidade em três grandes temas: 1) encarceramento de mulheres negras; 2) violência contra mulheres negras; 3) na discussão de políticas públicas que orientam atenção à saúde da mulher. São poucos os trabalhos (Pocahy, 2011; Silva, 2013; Candido, 2014; Gomes, 2015; Alves & Araújo, 2020) que trazem a discussão do “ser gay” a partir da perspectiva interseccional. Nessa direção, a articulação entre as categorias “homem” e “gay”, poucos trabalhos são problematizados a partir da ótica interseccional no Brasil. Quando se fala entre ser “homem”, “gay”, “jovem” e de “camada popular” a partir dessa perspectiva, os trabalhos são inexistentes.

A partir dessa lacuna, um dos grandes desafios dessa pesquisa será exatamente a discussão das trajetórias a partir da perspectiva interseccional. Afinal, não somos somente homens ou mulheres, mas também trans ou cis; héteros ou gays; idosos, adultos ou jovens; nos encontramos em determinada classe social; entre outras tantas dimensões da diversidade e desigualdade. Aposta-se que a interseccionalidade possa ser uma resposta política pela questão da diversidade dentro do grupo de mulheres e também dentro do grupo de homens (Nogueira, 2017) gays e jovens.

A partir do conceito de trajetórias e da perspectiva interseccional, me orientei pelos seguintes questionamentos: Quais os desafios e potencialidades da interseccionalidade entre gênero, sexualidade e outras categorias de pertencimento quando falamos de trajetórias afetivo-sexuais na contemporaneidade? Como essas trajetórias se constituem e variam entre si? Como as dimensões de raça/cor, classe, território e características corporais e de gênero se compõem em equações que privilegiam alguns caminhos e excluem outros? Como estes jovens compreendem o aprendizado da sexualidade e da masculinidade em interlocução com suas categorias de pertencimento no percorrer de suas trajetórias?

Essas perguntas guiaram a curiosidade para compreender as trajetórias dos jovens em questão. Busquei entender como certas dimensões da vida social - produtoras de diferenças e com frequência também de desigualdades, como classe, raça/cor, expressões de gênero – criam alternativas e um campo de possibilidades para a vivência da sexualidade e do afeto, dependendo de como elas se combinam, configurando, portanto, determinadas trajetórias afetivo-sexuais.

Assim, considero a diversidade de tramas que os marcadores sociais da diferença engendram, além de tensionar o tripé clássico discutido na literatura feminista que discute gênero-classe-raça, para que tais categorias de análise não se reifiquem sob condenação de uma nova naturalização. Isto significa que se pretende discutir como outras categorias de pertencimento constituem a totalidade das trajetórias – como status de migração, deficiência, *status* sorológico, características corporais, performances de gênero, dentre outros aspectos. Esse complexo caleidoscópio (Vigoya, 2018), contempla a necessidade de considerar a pluralidade de vias interseccionais como operadores analíticos, ao invés de escolher um ou dois operadores e desprezar a maneira como os demais se relacionam, sobressaem e transparecem na empiria.

Destacar as desigualdades ou evidenciar a diversidade na vivência da sexualidade entre os jovens entrevistados pode oferecer apontamentos do complexo jogo de interações, que imbricado às diferentes esferas da vida social constitui não só distintas trajetórias afetivas e sexuais, mas, sobretudo, diferentes processos de subjetivação nos quais escolhas e oportunidades são significadas e potencializadas.

### ***Revisão da literatura: pesquisas sobre e de “homens jovens gays” no Brasil***

Intento ilustrar a revisão bibliográfica sobre o tema da “sexualidade gay masculina juvenil” na literatura científica nacional e internacional sobre o contexto brasileiro, compreendida no período de 2010-2020. Foram adotadas as seguintes etapas básicas que compõem o processo de desenvolver uma revisão bibliográfica: 1) estabelecer a temática na qual se almeja debruçar; 2) delinear quais bases de dados serão utilizadas e escolher as palavras-chave e estratégias de busca; 3) determinar critérios de inclusão e exclusão de artigos; 4) ler criticamente os trabalhos levantados; 5) apresentar, analisar e discutir os resultados (Sampaio & Mancini, 2007).

Com o objetivo de identificar as produções científicas sobre o tema na literatura nacional e internacional sobre o contexto brasileiro, restritamente aos campos das Ciências Humanas e Sociais, Saúde Coletiva e Saúde Pública, foram levantados os artigos indexados na base de dados *Scielo*, Portal *BVS*, *Pubmed*, *OASIS/IBICT*, *Scopus*, *Web of Science*, *PsycINFO* e *Sociological Abstract*, a partir do Portal de Periódicos da Capes. A revisão visou observar as tendências na literatura sobre sexualidade masculina gay juvenil nos últimos dez anos, os principais temas articulados, a metodologia do trabalho, bem como os resultados e as palavras-chave.

O levantamento teve por base as seguintes combinações de descritores: Homossex\*; Homofob\*; Masculinidade\*; Gay\*; LGBT; Sexualidade; Trajetória; Trajetória afetiva; Trajetória Sexual; Trajetória afetivo-sexuais; Iniciação Sexual; Práticas Sexuais; Prática Sexual; Atividade Sexual; Juventude; Jovens; Adolesc\*, que gerou um total de 89 trabalhos. Deste total, foram excluídos os trabalhos duplicados, trabalhos que tratavam sobre o tema da homossexualidade feminina ou estudos sobre transgêneros e/ou transexuais, bem como pesquisas que tinham como campo empírico, heterossexuais, mas nas entrevistas, debatiam sobre temas voltadas à homossexualidade. Como resultado, chegou-se ao número de 37 trabalhos. Tendo o conjunto de trabalhos selecionados, realizou-se a leitura com posterior análise crítica, com o objetivo de apresentar os principais temas contemplados pela literatura dentro do campo da sexualidade gay masculina jovem.

Como discussão, partir da ilustração da revisão da literatura sobre a temática da masculinidade gay jovem cisgênero nos últimos dez anos, alguns pontos merecem destaque: chama atenção que frente ao título dos 33 trabalhos, 20 utilizam as palavras “HIV/AIDS”; “Risco” e/ou “Vulnerabilidade”. No que se refere à metodologia, a maioria (18) utilizou a abordagem quantitativa e, para a coleta de dados, foram aplicados questionários fechados, seja sua aplicação

feita “online” (através de redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, e em aplicativos de geolocalização, como *Grindr*, *Hornet*, *Tinder*) ou “pessoalmente”. A amostragem foi definida por ser “Homens HSH”, sem maior discussão da classe e raça dos participantes, entre outras questões interseccionais. Sete trabalhos utilizaram a abordagem qualitativa, com a realização de grupos focais ou entrevistas presenciais semiestruturadas. Há trabalhos de revisão bibliográfica (3) e etnografias online (4).

Frente aos objetivos dos estudos, interessante notar que 19 trabalhos utilizaram o verbo “associar”. Dentre algumas variações de termos, o objetivo de “identificar (analisar) associações entre relações sexuais desprotegidas de HSH e comportamentos (condutas/fatores) sexuais de risco (ou vulnerabilidade) ao HIV/AIDS”, foi amplamente colocado. Tal como nos títulos, a palavra HIV/AIDS foi extensivamente utilizada nos objetivos das pesquisas (22 no total). Também se nota o objetivo de submeter os participantes ao teste de HIV e outras ISTs.

Na discussão dos resultados, os trabalhos estimam a porcentagem de quantos HSH não utilizaram preservativo em alguma relação sexual nos últimos meses, o uso de álcool ou outras drogas nas relações; quantos homens realizaram teste de HIV/Sífilis ou a porcentagem dos homens que sofreram alguma discriminação/violência na “vida”. Algumas afirmações são comumente utilizadas, como exemplo: “A população HSH se encontra em maior vulnerabilidade que os heterossexuais ao que se refere à infecção de HIV e outras ISTs”; “Há uma prevalência elevada de sexo desprotegido entre HSH, sendo que este grupo específico se encontra em um grupo de risco”; “HSH estão mais vulneráveis ao HIV/Aids”; “São necessários maiores esforços para realização de mais testes sorológicos entre o grupo”; “Ações preventivas ao HIV devem ser ampliadas nessa população em específico”; “Sexo com outros homens é uma vulnerabilidade a mais para comportamentos de risco”; ou ainda, pontuam que os HSH possuem um “elevado” número de parceiros sexuais, fazem uso de álcool e outras drogas nas relações, e “ficam online muito tempo em aplicativos”; todos ditos como comportamentos que vulnerabilizam a população masculina gay para a infecção de HIV e/ou outras ISTs. Ainda, dissertam que “ser gay e não ter um parceiro fixo” aumenta a probabilidade de comportamentos sexuais de risco.

A revisão apontou que a sexualidade masculina gay jovem cisgênero, em geral, vem sendo abordada pela saúde pública a partir da sua característica de “vulnerabilidade infectante”, com ênfase na prevenção de infecções (HIV e outras ISTs). Nesse sentido, parece haver uma associação cartesiana entre sexualidade gay masculina jovem e vulnerabilidades frente ao HIV e outras IST,

com destaque para estudos sobre a sexualidade masculina gay do que para homens heterossexuais. Ainda, há também a essencialização de que homens gays estão exclusivamente em um grupo vulnerável, pois não possuem parceiro fixo, fazem uso de álcool e drogas nas relações, utilizam aplicativos para encontros sexuais, ficando “horas” online, e usam de forma inconsistente o preservativo, seja nas relações sexuais ditas como penetração ou na realização do sexo oral. Com todo esse panorama, a necessidade de testagem desse grupo para infecções sexuais transmissíveis, em especial o HIV e sífilis, ganha destaque nas considerações finais dos estudos.

Revela-se que apesar da atualidade do levantamento bibliográfico apresentado, realizado em janeiro de 2021, Richard Parker, em seu livro “Abaixo do equador”, publicado em 2002, escreveu que no final da década de 1980 e início da de 1990, uma gama de estudos de “homossexualidades” foi documentada e debatida, particularmente no rastro da pandemia global de Aids. A curiosidade pelas práticas homoeróticas se deu de forma mais intensa, impulsionada por interesses acadêmicos e por exigências práticas em reação à epidemia. Ainda segundo o autor, existiu um irônico paradoxo na década de 1990 no âmbito das pesquisas: se houve uma expansão da ideia de diversidade homossexual no mundo, viu-se também a simplificação da experiência gay, particularmente no âmbito do HIV/Aids. Nesta época, um conceito de “comunidade gay” foi consolidado de ideal e ressaltado tanto no senso comum como na literatura acadêmica – unificada e admitida como branca, masculina, de classe média e anglo-saxã. E ainda, pesquisas de modelos epidemiológicos visando intervenções contra o HIV-Aids nos grupos sociais gays foram exaustivamente realizadas, independente das variações dos seus contextos culturais, seja a “comunidade gay” localizada no Norte ou no Sul do globo, no mundo “desenvolvido” ou “subdesenvolvido”, no “primeiro” ou “terceiro” mundo. Percebe-se assim, uma questão histórico-cultural de configuração da homossexualidade gay, vista de maneira simplista como pertencente a essa vulnerabilidade infectante, como vista no levantamento bibliográfico.

Portanto, desde os anos de 1980, o estigma associado ao HIV/Aids é um importante fator que associa o grupo masculino gay como pertencente a uma maior vulnerabilidade social. Se passaram 40 anos com o “início” da pandemia de HIV/AIDS, e apesar de pesquisas recentes (Leal et al, 2015; Vilella & Barbosa, 2017; Ministério da Saúde, 2018; Kerr et al, 2013, 2018; Knauth et al, 2020) relatarem o aumento expressivo de homens e mulheres (em relação monogâmica ou não) heterossexuais com o vírus do HIV no Brasil, o grupo populacional de homens gays parece ser apontado como mais suscetível à infecção pelo HIV na literatura.

Em outro importante argumento, Figueiredo (2005) circunscreve que há uma relação entre saúde, masculinidades e masculinidades hegemônicas. Como exemplo, argumentam que nos modelos de masculinidade hegemônica estão presentes as noções de comportamento de risco (e estar invulnerável ao adoecimento), e de sexualidade instintiva incontrolável. Assim, os modelos hegemônicos de masculinidade podem afetar a maneira como a sexualidade do homem é percebida e pesquisada, o que demandaria esforços para a conscientização de homens terem maior compromisso com sua saúde, como a verbalização de suas necessidades e de se consultarem regularmente com profissionais da saúde. Apesar dessa importante discussão entre masculinidade, saúde e gênero, os autores não fazem uma diferenciação entre homens gays e homens heterossexuais, citando em suas discussões a “sexualidade masculina”. O que se aponta, é que apesar dessa pertinente discussão, é notável que as pesquisas focam “apenas” nos homens gays para a discussão do uso do preservativo e do conhecimento de sua sorologia. Aparentemente, o homem heterossexual não é visto como ator central na vulnerabilidade infectante, mas sim, apenas os homens gays. Tal discussão aponta o estigma do HIV e outras ISTs no grupo, que supostamente estaria em maior grau de vulnerabilidade, quando comparado ao grupo heterossexual, no que se refere às infecções sexualmente transmissíveis.

Como mencionado, nos trabalhos é amplamente discutido o uso inconsistente do preservativo nas relações sexuais e a importância de exames sorológicos para esse grupo. Mesmo que se reconheça a importância de envolver os homens jovens gays nas intervenções de prevenção e promoção de saúde sexual, há pouca informação sobre o que estes pensam sobre sua própria sexualidade e masculinidade, suas relações afetivas e sexuais com um outro, nos encontros em “baladas”, suas “ficadas”, seus namorados, ou seja, sua trajetória afetivo-sexual de maneira mais ampla. Parte-se então da premissa que há outros aspectos que podem ter relação com a saúde sexual que vêm sendo pouco explorados. Nessa direção, considerar e analisar a sexualidade masculina gay como um processo de maior complexidade que simplesmente as relações sexuais com penetração (e o uso de preservativo), pode nos ajudar a uma compreensão da diversidade de representações e práticas sexuais desses homens.

Assim, compreender como se dão essas relações nas trajetórias desses jovens, pode contribuir para a formação de um olhar crítico frente à sexualidade para além das IST e HIV, como a presença de violências e as relações de poder que estão engendradas nos relacionamentos, sejam estes em uma relação de namoro ou em contatos sexuais esporádicos. Ressalta-se assim a

importância de escutar esses jovens, em compreender e discutir como homens jovens gays cis são socializados afetiva e sexualmente, sem o objetivo de orientador condutas ou estigmatizar suas trajetórias, mas com o foco de compreender suas visões e percepções diante da própria sexualidade.

A partir do levantamento realizado, considera-se a importância desse e de outros estudos acerca da sexualidade masculina gay jovem cisgênero, em uma perspectiva para a compreensão da dimensão simbólica dos discursos e das práticas sexuais masculinas gays, tendo como ponto de partida a fase inicial da juventude, para além da discussão de uma possível “vulnerabilidade infectante”.

## II

### *Aspectos metodológicos e éticos da pesquisa*

Neste capítulo, descrevo os procedimentos adotados referentes aos aspectos metodológicos da presente investigação; bem como a apresentação da abordagem da pesquisa, a técnica de coleta de dados, como os dados serão analisados e discutidos, questões éticas e por fim, a caracterização dos jovens entrevistados.

#### *A - Método, técnica e análise dos dados*

##### *Uma pesquisa qualitativa*

Nesse estudo, adotou-se a pesquisa do tipo qualitativa como método de investigação (Gil, 1999; Gaskell, 2002; Minayo, 2000; 2003; Creswel, 2007). Este método se atenta aos dados subjetivos de cada um ou de um grupo, suas crenças, valores, opiniões, fenômenos, hábitos, representações e práticas de determinado grupo social (Lüdke & André, 1986; Lakatos & Marconi, 1993; Minayo, 2000, 2003; Denzin & Lincoln, 2006).

A abordagem qualitativa tem suas origens históricas no final do século XIX, quando cientistas sociais começaram a questionar se o modelo das ciências físicas e naturais, baseado no paradigma positivista, seria adequado para o estudo de fenômenos humanos e sociais (Erickson, 1990). Martinelli (1999) descreve três quesitos que verificam a importância desse método de pesquisa: 1) a sua particularidade inovadora, como método que busca os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências e práticas sociais; 2) sua perspectiva política que, como construção coletiva, parte do princípio da necessidade de escutar de forma crítica a realidade dos sujeitos que vivenciam determinado fenômeno; 3) e, por ser uma ação política, a sua realização se dá pelo caminho da integralidade, não da exclusão. Portanto, o objetivo do método é compreender o processo que constitui o fenômeno estudado, o “como” acontece ou se manifesta, e não uma relação simplista de causa-efeito e conclusões capazes de serem mensuradas (Turato, 2005).



Dessa forma, seus achados não são universalizáveis, mas permitem compreender contextos peculiares e datados, produzir comparações e inferências mais abrangentes (Minayo, 2007). O fenômeno a ser estudado passa a ser compreendido a partir de seu contexto político, cultural e subjetivo onde ocorre (Minayo, 2004; Turato, 2005).

Compreende-se que as pessoas usam sistemas complexos de significação para organizar seus discursos e suas práticas, para entender a si mesmo(a) e os outros, e para dar sentido ao mundo em que vivem (Caprara & Landim, 2008). Sua contribuição vem sendo cada vez mais reconhecida como essencial para discutir ações que visam compreender temas complexos, que tal perspectiva tem por objetivo entender o significado e o sentido individual ou coletivo para a vida das pessoas (Nakamura, 2011). Ainda, uma das características desse tipo de pesquisa é sua obtenção de dados, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes (Minayo, 1995; Pais, 1999).

Segundo Minayo (1995, p.21-22):

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Polit & Hungler (1995) postulam que a pesquisa do tipo qualitativa propõe que o conhecimento sobre os sujeitos, somente seria factível com a descrição da vida social, como ela é vivida e entendida pelos próprios participantes. Ou seja, os entrevistados são percebidos como as pessoas mais importantes do processo e o pesquisador é um importante instrumento da pesquisa qualitativa (Gil, 1999). Dá-se ênfase na preocupação em compreender os entrevistados de maneira aprofundada, não se preocupando com representativa numérica alta, mas sim, com o aprofundamento de uma determinada narrativa para que a compreensão de determinado grupo social seja possível (Goldenberg, 1999). Assim, objetiva-se produzir informações e relatos mais aprofundados sobre determinados temas (Deslauriers, 1991). Nessa direção, como cita Minayo

(2001), a pesquisa qualitativa, apesar de suas inúmeras possibilidades de ser executada, trabalha com um universo mais profundo das relações humanas, dos seus processos e fenômenos que não devem ser operacionalizados. Dessa forma, a partir do empirismo, ilumina-se os significados, sentimentos, crenças, valores, práticas, representações e atitudes subjetivas de determinado grupo.

Bogdan e Biklen (1982) descrevem cinco aspectos essenciais que caracterizam essa metodologia de estudo, a saber: 1) a pesquisa qualitativa tem como sua fonte direta de dados o entrevistado e o pesquisador seria o principal instrumento; 2) os dados são majoritariamente descritivos, incluindo-se aí as transcrições, depoimentos ou citações das entrevistas; 3) existe uma preocupação com o “processo” do estudo, não somente com o seu produto; 4) o sentido que as pessoas dão em suas narrativas merecem valor singular na pesquisa; 5) a análise dos dados deve seguir um processo sensível e indutivo, sem se preocupar com uma verdade absoluta, comprovação de uma hipótese ou generalização. Por fim, como cita Minayo (2001), os achados e as considerações finais se consolidam basicamente após a coleta de dados.

Assim, o método qualitativo deve evidenciar os aspectos dinâmicos da experiência humana, com o objetivo de apreender a complexidade do contexto daqueles que o vivenciam (Polit et al, 2004, p. 201). Leva-se em conta a subjetividade de cada um e que cada vivência ocorre no âmbito de uma história cultural e coletiva, que merece ser contextualizada (Minayo, 2012).

Ressalta-se que apesar do cuidado em compreender uma narrativa – neste caso, trajetória afetivo-sexual-, de forma mais aprofundada, a mesma nunca se dá de forma completa. O entrevistado tem um entendimento circunstancial de sua trajetória, e a compreensão e análise dos dados empíricos pelo pesquisador, é sempre parcial. A interpretação é conflituosa e têm como características possibilidades e interesses de elaboração pelo o que é compreendido e a forma como se é compreendido (Heidegger, 1988; Gadamer, 1999; Minayo, 2010, 2012).

O uso do método se dá como coerente nas trajetórias afetivo-sexuais, tendo em vista que as trajetórias ocorrem tanto em um curto e em longo intervalo de tempo, e também por acreditar que tal metodologia abarca um paradigma epistemológico inseparável entre o pensamento e a base material, entre a ação dos indivíduos enquanto sujeitos históricos em dado momento da sociedade que condiciona o seu campo de possibilidades, entre o seu mundo subjetivo “individual” e o social (Minayo, 2001).

### ***Técnica de coleta de dados***

A escuta das trajetórias afetivo-sexuais foi construída através da inter-relação entre o investigador e entrevistado através de uma técnica de entrevista. Assim, com a intenção de erigir uma pesquisa que seguisse um caminho que contasse com a participação dinâmica e aplicada da voz dos jovens, optou-se pela coleta de dados a partir da técnica de *entrevista individual em profundidade* a partir de um roteiro semiestruturado.

Segundo Mattos (2010), as entrevistas em profundidade têm sido cada vez mais utilizadas na pesquisa social, considerando a limitação de questionários fechados para diversos campos e objetos, uma vez que muitos dos problemas e fenômenos das relações que permeiam o objeto de pesquisa, como é o caso das trajetórias afetivo-sexuais, escapam ao pesquisador quando expresso em perguntas fechadas, números e estatísticas. A realização de entrevistas em profundidade permite a apreensão da percepção e da vivência pessoal das situações e eventos que constituem a trajetória de uma pessoa. Conforme Fraser & Gondim (2004), trata-se de uma comunicação verbal, uma interação, que diferentemente de uma conversa, têm objetivos específicos, visando compreender como determinados sujeitos vivenciam o fenômeno que está sendo investigado.

As entrevistas em profundidade permitem apreender o sistema de atitudes, valores e crenças dos entrevistados (Gaskell, 2002). Para o autor, o pesquisador deve conduzir a entrevista a partir de um roteiro de questões elaboradas de acordo com a questão a ser investigada, seguindo um fio condutor estabelecido pelas perguntas previamente formuladas a partir dos objetivos da pesquisa. E claro, não se ater de forma rígida ao roteiro. Segundo Rubin & Rubin (1995), a condução da entrevista semiestruturada é realizada de modo que o pesquisador faz perguntas específicas e encoraja o entrevistado a dar respostas mais completas.

Desse modo, a utilização desta técnica se deu na expectativa que as narrativas dos entrevistados fossem mais profundas do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário fechado (Flick, 2009). Acredita-se também que por meio de entrevistas individuais em profundidade, pode-se caracterizar a prática social do grupo em questão, trazendo direta ou indiretamente valores, crenças e atitudes do grupo ao qual o jovem pertence (Minayo, 2010; 2012).

Em importante ponto, Goffman (1975) assinala que o sucesso de uma entrevista está atrelado ao modo que o entrevistador cria um contexto favorável para a realização da mesma. Dentre esses elementos, destaca: escolher o momento mais propício à entrevista; encontrar o lugar mais favorável e adequado; e usar técnicas para reduzir os efeitos possivelmente negativos dos

instrumentos de registro das entrevistas, para propiciar aos entrevistados um clima de confiança com o pesquisador (Selltiz, 1987; Bourdieu, 1999).

Iniciou-se as entrevistas com perguntas que os jovens pudessem responder com mais facilidade. A primeira pergunta foi: “Me fale da sua primeira experiência amorosa”. Assim, os jovens, de maneira geral, lembraram de situações que os vinculavam às primeiras experiências afetivas e sexuais. Então, prossegui com tópicos que podem ser considerados mais difíceis ou sensíveis. Durante as entrevistas, tentei interferir de forma mínima durante as narrativas. E quando o fiz, foi com o objetivo de esclarecer o significado de uma palavra ou situação, acreditando que tal postura facilitasse a compreensão da complexidade das narrativas. Isso possibilitou um tipo de *rapport*, para que os entrevistados se sentissem mais à vontade, construíssem um vínculo de confiança e, narrassem histórias ricas e detalhadas, no decorrer da entrevista (Gill et al, 2008). O estabelecimento do *rapport* é fundamental, e imprescindível no caso de entrevistas qualitativas (Minayo, 2004; Sionek et al, 2020).

Portanto, a partir da metodologia qualitativa e da técnica de coleta de dados da entrevista individual, foi utilizado um roteiro semiestruturado (Anexo 1) que teve como principal objetivo permitir que o jovem revisitasse sua iniciação sexual, de momentos que o marcaram sua infância, adolescência e juventude, bem como momentos significativos com um outro – seja este um familiar, amigo, ficante, namorado, conhecido da igreja, da escola, etc. Com isto, foi possível que o jovem elaborasse uma narrativa para a compreensão do contexto de sua trajetória, com um diálogo do presente sobre um passado vivido, em um processo particular, que se dá no ato de narrar.

### *Análise dos dados: conceitos teóricos, definições e características da análise temática*

O método adotado para organizar, analisar e discutir os dados empíricos da presente tese foi a análise temática, proposta por Braun & Clarke (2006, 2013, 2017). Constitui-se por ser uma técnica de análise científica de abordagem qualitativa e o seu uso, em particular, tem crescido nas pesquisas no campo das ciências sociais (Souza, 2019).

Uma das características essenciais da análise temática é a sua flexibilidade, uma vez que esta pode ser aplicada independentemente do quadro teórico que será utilizado, dos objetivos da pesquisa, qual técnica de coleta de dados será usada e do número de participantes.

[...] A análise temática não é apegada a qualquer arcabouço teórico pré-existente e, por conseguinte, ela pode ser utilizada em diferentes quadros teóricos (embora não todos), e pode ser usada para fazer coisas diferentes dentro deles (Braun & Clarke, 2006, p. 81).

A partir deste tipo de análise, pode-se realizar uma descrição e discussão de diversos temas do conjunto de dados ou uma descrição mais aprofundada e detalhada de um único aspecto dos dados empíricos. Ainda, pode ser uma análise mais indutiva ou dedutiva (teórica), ainda que como as próprias autoras (Braun & Clarke, 2006; 2013) também ressaltam, existe a possibilidade de conciliar ambas. Ainda, os temas podem ser mais semânticos ou mais latentes; e, os paradigmas que constituem a análise podem ser essencialistas ou construcionistas (Braun & Clarke, 2006, 2013). Nesta tese, adotou-se um paradigma construcionista e interseccional, apostando na potencialidade deste tipo de investigação, que se refere na necessidade de o investigador estar implicado em todo o processo de pesquisa.

No âmbito da análise temática, segundo Virginia Braun e Victoria Clarke (2006, 2013), adota-se um conjunto de conceitos centrais a toda a análise: tema; subtema; código; organizador central; e, mapa temático. Um tema permite captar padrões comuns ao longo do conjunto dos dados, que são importantes para responder os objetivos da pesquisa. Não depende de um número, mas da relevância do que está sendo investigado. Inclui os subtemas e os códigos. Um subtema capta um conhecimento singular importante dentro um tema, não sendo considerado uma subdivisão. Os códigos visam identificar uma característica mais específica dentro do conjunto de dados, podendo ser considerado um ponto resumido da análise. Há também o organizador central,

que seria uma ideia que agrupa e permite uma correlação entre os temas. Esta ideia deve responder aos objetivos da pesquisa e os temas da análise.

Para Vaismoradi e colaboradores (2016), tema é o principal produto da análise de dados do empírico de uma pesquisa, que organiza e unifica um grupo ideias e permite responder ao problema da investigação. Para Braun & Clarke (2006), tema representa um padrão ou um sentido comum dos dados. Sua construção requer um processo intenso de leitura e releitura dos dados, com idas e vindas entre as fases de análise temática indutiva.

Após detalhar como a técnica pressupõe um tema, torna-se importante ilustrar que as autoras (Braun & Clarke, 2006) propõem seis fases da análise temática, apontando que o (a) pesquisador(a) pode flexibilizar esses instrumentos de análise, não se tratando de uma obrigatoriedade, mas sim de uma opção viável de como proceder a análise dos dados.

Eis as seis etapas conforme propõem as autoras: 1) familiarização com as entrevistas: transcrever dados coletados referentes a cada participante, ler e reler, anotando ideias iniciais; 2) geração de códigos iniciais: produzir códigos iniciais com base em características interessantes dos dados; 3) busca por temas: agrupar os códigos em possíveis temas/unidades de sentido, reunindo os dados relevantes em cada tema; 4) revisão dos temas: avaliar e, se necessário, retrabalhar o tema ou criar outro; 5) definição e nomeação dos sentidos: analisar e gerar definições claras e nomear cada tema; 6) produção do relatório/dissertação/tese.

Em um primeiro momento, para além da transcrição (optou-se pela transcrição de todas as entrevistas por mim para criar maior familiarização com os dados), também se englobou a leitura e releitura do material e registro das ideias iniciais, em discussão com o orientador. Na segunda etapa, definida como a produção dos códigos iniciais – procedeu-se à codificação das características interessantes dos dados, de forma sistemática ao longo do conjunto de dados, recolhendo dados relevantes para cada código. Foram gerados os códigos iniciais, identificando características interessantes no conjunto de dados e colhendo informações relevantes para cada código. Em seguida, os códigos iniciais foram agrupados em possíveis temas. Os temas foram então definidos, nomeados, e contextualizados na análise geral. Decidiu-se por uma codificação mais dirigida aos dados para identificar os sentidos comuns entre as entrevistas.

Na terceira etapa - pesquisa de temas – objetivei a combinação dos códigos em potenciais temas. Ocorreu nesta fase, o início da ponderação acerca da relação entre os códigos, os temas e os subtemas. Importante salientar que os temas não foram determinados pela quantidade de vezes

que aparecem, e tampouco não englobaram “tudo” que apareceu nos dados. Como salientam as autoras (Braun & Clarke, 2006), foi efetivamente necessário tempo e familiaridade com os dados para saber quais os temas nomear e a privilegiar.

Nesta fase, conforme alertam as autoras supracitadas, o(a) investigador(a) deve se afastar das perguntas, dos objetivos da pesquisa e do roteiro semiestruturado utilizado nas entrevistas, com a intenção de chegar cada vez mais perto das narrativas. O enfoque foi dado a análise em nível mais amplo dos temas encontrados, envolvendo uma triagem dos diferentes códigos em conjunto com os extratos relevantes identificados. Neste momento, houve também uma maior discussão sobre quais códigos seriam considerados, com o objetivo de formar um tema abrangente.

Durante essas três primeiras etapas, como mencionado, as quinze entrevistas foram transcritas e (re)lidas para familiarização. Depois foram realizadas a codificação e anotação das ideias iniciais. Na codificação inicial, foram destacadas palavras, expressões e frases conforme os objetivos do estudo. Seguindo esses códigos, foram preestabelecidos quatro temas que reuniram os dados relacionados de todas as entrevistas (iniciação sexual, pedagogias das masculinidades, violências e solidão). Após ser analisados criteriosamente e reorganizados, esses temas iniciais foram, enfim, reagrupados em 16 códigos.

Na quarta etapa, - revisão dos temas – conferi se os temas estavam de acordo com os depoimentos extraídos e com o conjunto de dados. Nesta etapa, Braun & Clarke (2006) afirmam a necessidade de identificar o “fundamento” de cada tema e determinar que aspecto dos dados cada tema captura. Para as autoras, há a necessidade de identificar uma “história” que cada tema e subtema traz, se está de acordo com a história “global” dos dados, para garantir que não haja sobreposição entre os temas, subtemas e códigos gerados. Portanto, é essencial olhar os próprios temas, subtemas e códigos em a relação entre eles.

Na quinta e penúltima etapa – sucedeu-se para a definição e nomeação dos temas. Neste momento, aperfeiçoei as especificidades de cada tema e a história geral que a análise conta. Com este propósito, revisei as entrevistas, os exemplos escolhidos como mais ilustrativos, visando obter uma organização coerente com o que foi escutado e escolhido para análise. Houve mais uma vez um olhar para a história dos dados, bem como uma atenção para os nomes e definições de cada tema e subtema, se os mesmos estavam claros e tinham um objetivo. Após a confirmação deste fio condutor deles e entre eles, parti para a última etapa.

A última etapa foi a produção do relatório (ou dissertação/tese). Neste momento, retornei à análise dos dados, aos objetivos da pesquisa e a escrita da tese. Esta elaboração da escrita trouxe principalmente uma problematização dos dados, para além da descrição dos mesmos. Para Braun & Clarke (2006, 2013), a finalidade da produção de uma análise temática, seja para um relatório, publicação, dissertação ou tese, é narrar a história complexa dos seus dados, com o objetivo de convencer o leitor do mérito e validade de sua análise. Me atentei se a escrita estava concisa, coerente e interessante, e se havia uma história contada dentro dos temas e entre eles, demonstrando a prevalência dos temas (Braun & Clarke, 2006). Intentei construir uma história global dos dados, bem como delinear uma narrativa analítica que fosse além da descrição dos mesmos, trazendo assim um argumento em relação a tudo que foi escutado e discutido.



***B - Grupo pesquisado:  
estratégias de aproximação dos jovens, aspectos éticos e critérios de inclusão***

***Algumas notas sobre o grupo de vôlei***

Para a aproximação dos jovens, utilizei da minha rede de conhecidos para entrevistar os primeiros participantes da pesquisa. Na época da coleta de dados, em 2018, participava de alguns grupos de vôlei, em que jovens combinavam um horário para a prática desportiva. Em um dos grupos, havia um número maior de jovens gays pertencentes à camada popular. Previamente, eu sabia que muitos moravam em bairros considerados periféricos ou favelas, comentado por eles. Neste grupo, o vôlei era realizado em quadras públicas da cidade. Muitos dos jovens, quando questionados se poderiam pagar por um aluguel de uma quadra, respondiam que “não”, que muitas vezes, precisavam “contar” o dinheiro da passagem de ônibus. Um dos jovens (Ricardo, entrevistado 10), comentou no grupo de *Whatsapp* que não poderia comparecer ao jogo pois havia perdido seu *RioCard*, e assim, não tinha dinheiro para pagar a passagem.

Decidi então realizar os contatos iniciais com pessoas desse grupo, pois acreditava que era potencialmente o grupo de vôlei que mais atendia ao recorte da pesquisa, sendo homens jovens gays cisgêneros, moradores em regiões de camadas populares da cidade do Rio de Janeiro. Raramente alguma menina se juntava ao grupo, ou um homem heterossexual. De certa forma, posso dizer que não era uma “regra”, ser homem gay cisgênero, mas diante de algumas vivências e comentários de alguns jovens, o grupo se caracterizava como tal.

Como exemplo, Anderson (entrevistado 2), comentou no grupo:

*“Eu sempre gostei de usar rosa, é minha cor favorita. Mas quando jogava com hétero, eles me olhavam feio, não me sentia bem. Teve uma vez que ouvi um comentário, que vôlei era pra ser jogado por homem de verdade, e não por bicha. Não sei se o comentário foi pra mim, mas me deu aquela preguiça de jogar lá de novo. Aí prefiro jogar só com gay mesmo”*  
(Anderson, entrevistado 2).

Há alguns pontos interessantes nessa fala. O primeiro se refere a Anderson ser chamado de “bicha” por um homem heterossexual. Tal manifestação ridiculariza a orientação sexual do jovem e certas características, como usar a cor rosa. Tal expressão, certamente homofóbica, reforça a imagem caricatura dos gays, além de funcionar enquanto instrumento de reprodução de padrões heteronormativos. Fazer uso do termo “bicha” como forma de ofensa é negativizar a homossexualidade, algo apontado por autores (Fry & Macrae, 1991; Louro, 2000; Lacerda, 2007; Eribon, 2008). Assim, Anderson não era visto “homem de verdade”, pois era “bicha”. Chamá-lo de bicha é remeter a um estereótipo de homossexual afeminado, um “não-homem”.

Outro ponto interessante refere-se à construção social da cor rosa. Antes de ser um marco da homossexualidade, o rosa é, sobretudo, uma cor historicamente associada às mulheres, ao feminino. Assim, desde muito pequenos, somos apresentados ao modelo “rosa é para meninas e azul para meninos”. Contudo, o homem (gay ou não) pode se apropriar de certos códigos femininos, como a cor rosa. Ao ver um homem gay se vestindo de rosa, a cor se constitui como um símbolo que conecta a homossexualidade com a feminilidade, reforçando o lugar de “não-homem” do homem gay (Anjos, 2013). Ser gay e “ainda” vestir rosa, ou seja, não ser hétero, não ser viril e demonstrar um comportamento dito como feminino, coloca Anderson em um lugar negativo no olhar de homens heterossexuais.

Como terceiro ponto, é necessário destacar o conceito de estereótipo, entendido como “representações seletivas, parciais, ultra simplificadas e instrumentais do Outro” (Freire Filho, 2004, p. 46). Geralmente os alvos são grupos minoritários, cujas vozes são socialmente marginalizadas pelos sistemas e grupos dominantes em determinada sociedade (Edgar & Sedgwick, 2003, p.213). Assim, o estereótipo produz um efeito de previsibilidade e verdade probabilística. Na fala de Anderson, existem alguns estereótipos que podem ser apontados: homem não pode usar rosa; homem não pode apresentar características femininas; e apenas um homem de verdade – provavelmente viril e agressivo – deveria jogar vôlei.

Assim, um último ponto a ser destacado, refere-se a dicotomia entre a representação/estereótipo da prática de vôlei ser um esporte tratado como *esporte de bicha* x *esporte de homem de verdade*. Eu, como jogador de vôlei, cisgênero e gay, também ouvi “diversas” vezes durante a minha infância, adolescência e juventude que voleibol não era um esporte de “homem de verdade”. Como exemplo, quando estudava no colégio, os meninos jogavam futebol e as meninas, vôlei. Não havia a possibilidade reversa. Quando o colégio foi

questionado, disseram que os meninos tinham mais força, portanto, não podiam jogar com as meninas. E as meninas, eram muito frágeis, e provavelmente se machucariam se jogassem com os meninos. Pode-se dizer, como aponta (Goellner, 2005), que historicamente, o futebol é visto como um esporte de “homem”. Portanto, o menino deveria praticar futebol, e a menina, voleibol, ou algum esporte visto como mais “delicado”.

Há assim, uma associação entre sexo-gênero-desejo. O homem “verdadeiro” deveria desejar praticar esportes de “macho”, entre os quais o futebol é exemplo. Por muito tempo – e claro, ainda hoje -, o vôlei se enquadrou fora da atividade de macho. Dentro dos padrões de gênero, por conseguinte, o vôlei foi considerado uma atividade de mulheres, assim como cozinhar, ler poesia, cuidar de crianças, entre outros. Um sujeito que exerce uma atividade feminina, descumprindo esses padrões, gera desconfiças sobre sua sexualidade. Dessa forma, enquanto prática tipicamente feminina, o vôlei atrairia homens gays (Anjos, 2013; 2015).

Na sua dissertação de mestrado, Anjos (2013) problematiza a questão entre ser heterossexual ou homossexual e jogar ou torcer para algum time de vôlei. Em sua pesquisa, muitos torcedores entrevistados, dizem que o “vôlei masculino deveria ser somente para homens de verdade”. Para a autora, há um modelo rigoroso em ser homem no qual um homem gay não se adequa por duas razões: uma, por não ser heterossexual, mas também – e, talvez, principalmente – por ser assumido e não apresentar o estereótipo de virilidade. A expectativa desse alinhamento entre sexo-gênero-desejo constrói uma inflexível homogeneização dos sujeitos. Quando este alinhamento se desestabiliza, seja pela expressão de gênero, a partir de uma característica (gostar da cor rosa), seja pelo desejo de gostar de alguém do mesmo sexo, Anderson perde seu *status* de homem, se tornando próximo de uma mulher, ou seja, se tornando, através do estereótipo, “bicha”.

Na pesquisa de Anjos (2013), muitos dos torcedores heterossexuais, se referiam aos homens gays como “menina gay”. O homem gay é visto não apenas como oposto ao homem, mas também como um homem que deseja ser mulher (Anjos, 2013). Esse discurso reforça uma perspectiva binária de homem e mulher (Butler, 2003), assim, se o homem gay não se enquadra dentro do ideal masculino imposto, ele é prontamente qualificado como “bicha” e/ou “mulher” (Anjos, 2013).

Percebe-se, assim, uma série de valores generificados no voleibol e que eles não são necessariamente unânimes ou coerentes. Pode-se dizer, que, ser gay e/ou afeminado nos esportes – mesmo naqueles ditos como mais femininos -, parece ser algo indesejável, e que deveria, ser

mantido em silêncio ou não percebido (Mouillaud, 1997). Assim, apesar de ser um esporte que poderia ser considerado como mais “aceitável” para um homem gay praticar, a realidade nos mostra que essa expectativa não é linear e não tão simples assim. Há uma reprodução entre padrões, valores, discursos, modos de agir e de comportamento de outros esportes, como o futebol.

O exposto acima demonstra que apesar de ser visto como um esporte de “não macho”, o vôlei também pode representar um lugar que a homofobia pode ser discursada e praticada. Nessa direção, para evitar vivências indesejadas de ouvir que “não são homens de verdade”, posso dizer que os jovens do grupo, preferem, jogar entre “iguais”. Claro, isso não impede que mesmo em um grupo de homens gays, discursos homofóbicos não estejam presentes, como estão. Muito recorrente, é comum os homens mais “desejados” do grupo serem os mais “viris”, “altos” e “fortes”. Há uma reprodução de um ideal de masculinidade no grupo. Contudo, com o objetivo de não serem “alvo” de chacota ou de questionamentos sobre “ser homem de verdade”, o grupo se volta para a prática do esporte entre gays, provavelmente como forma de proteção.

Acredito que o exposto acima torna-se fundamental para a compreensão de como consegui chegar aos primeiros entrevistados. Este grupo acabou sendo uma porta de entrada para conseguir chegar ao número de quinze participantes. No próximo tópico, irei detalhar de forma mais clara como se deu o contato com possíveis participantes e o meu lugar de “conhecido” no grupo em questão.

### *O conhecido, o pesquisador, a confiança e a ética: estratégias de aproximação*

Alguns outros pontos sobre a minha inserção no grupo, que não se deu por conta da pesquisa, merecem destaque. Como mencionado, na época da coleta de dados, participava de alguns grupos de voleibol. Este grupo em específico, praticava o esporte em quadras públicas da cidade. Em sua maioria, os jogos eram realizados na quadra da Lagoa Rodrigo de Freitas e no bairro Tijuca.

Vale a pena dizer que eu prefiro jogar o esporte na areia, ou como é popularmente conhecido, o “vôlei de praia”. É comum entre quem pratica o esporte ter uma preferência. Assim, frequentava mais jogos que se realizavam nas areias da praia de Copacabana ou Ipanema. Poucas vezes pratiquei o esporte com os meninos do grupo. De fato, conhecia alguns dos jovens que entrevistei, mas posso dizer, que não era próximo de nenhum. Compartilhava alguns momentos jogando na quadra ou quando os mesmos jogavam na areia. Portanto, considero que era um “conhecido” dos meninos, mas não frequentava o grupo com assiduidade.

Outro ponto refere-se que sou conhecido por ser “quieto” nos grupos de vôlei. Por praticar o esporte de preferência na areia, conversava com poucas pessoas e evitava fazer alguma piada ou comentário, algo que era comum durante o voleibol. Ainda, não saía para as “baladas” ou em alguma reunião na casa de alguém do grupo. Na minha vivência no Rio de Janeiro, geralmente frequentava bares da Zona Sul, em Ipanema ou Botafogo, ou também, na praça São Salvador, em Laranjeiras. Ainda, quando ia a esses lugares, não ia acompanhado com pessoas do vôlei, mas com amigos(as) de outras redes de sociabilidade.

Nessa mesma direção, outra importante questão refere-se à minha profissão: ser psicólogo. Ser psicólogo, se juntando à imagem de ser “quieto”, acredito que acabou por criar um hibridismo de que talvez, eu pudesse ser um psicólogo/pesquisador de confiança para “dizer certos assuntos”. Como exemplo, quando convidei Ricardo (Entrevistado 10) a participar da pesquisa, ele me respondeu no aplicativo *Whatsapp*: “Claro, posso sim. Você é psicólogo, né? Tudo que a gente conversar vai ficar entre a gente”. Não obstante, na entrevista, o jovem me contou que era HIV positivo, considerado um “grande segredo”, e eu era “apenas” a terceira pessoa a saber. Vitor (Entrevistado 06) também contou um segredo: que havia sido estuprado por seu ex-namorado. Semanas depois, me agradeceu pessoalmente por ter realizado a entrevista com ele, e disse: “*Me fez muito bem falar da minha vida pra um psicólogo, foi a primeira vez que falei disso pra um profissional*”.

Esses exemplos são cruciais para compreender a minha “posição” no grupo que escolhi tentar os primeiros contatos para me aproximar dos jovens. Apesar de ser homem, gay, cisgênero, jovem e jogar vôlei, acredito que tinha uma postura distante da maioria dos jovens. Posso dizer que era um “conhecido” dos meninos, mas não amigo ou uma pessoa com contato tão próximo. Ainda, por ser “quieto” e psicólogo, houve uma possibilidade a mais para criar um laço de confiança para com eles.

Em outro ponto, destaco que não me considero um jovem proveniente de camada popular, o que acredito gerar questões de distanciamento com eles. No grupo do *Whatsapp*, os meninos realizaram alguns convites para “tomar uma cerveja” no bar Buxixo, localizado na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Ou ainda, para todos se encontrarem numa “balada” no Centro da cidade, em “que não precisava pagar para entrar”. Como mencionado, minha circulação sempre se deu na Zona Sul da cidade. Assim, apesar de ter pontos em comuns com os entrevistados, a questão da diferença de classe há de ser levada em conta. Todas essas questões me fizeram ser mais “distante” dos meninos, e, portanto, a postura de “conhecido” e “psicólogo sério” é válida na nossa relação, ajudando a realização das entrevistas e para que eles contassem seus “segredos”.

Ressalto que nenhum jovem pediu para realizar outra entrevista comigo, o que poderia ser compreendido como um possível processo terapêutico, algo que um psicólogo clínico faria. Desde o início do contato, esclareci que o objetivo da entrevista, ou ainda, da nossa “conversa”, era parte da minha pesquisa de doutorado, realizada no Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz. Expliquei que a entrevista deveria durar mais ou menos duas horas, e caso necessário, poderia entrar em contato por *Whatsapp* para marcarmos alguma outra conversa. Posso dizer que todos os jovens compreenderam tal questão, sem questionamentos se a “conversa” era uma possível terapia.

Outro importante ponto que merece ser mencionado, refere-se que autores (Rizzini et al, 1999), pontuam que para a realização de entrevistas em determinado grupo social, costuma-se selecionar um informante-chave, ou seja, uma pessoa que pertence ao grupo a ser estudado e/ou que conhece bem o assunto pesquisado, que representaria, preciosa fonte de informações.

Posso dizer que nesta pesquisa, não houve “apenas” um informante-chave. Perguntei informalmente a alguns conhecidos desse grupo de vôlei sobre a possibilidade destes me conceberem uma entrevista. Com a confirmação, estes mesmos jovens me indicaram algum conhecido de sua própria rede. Portanto, houve uma mescla entre “conhecidos” (seis jovens) e “desconhecidos” (nove jovens) para se chegar ao número de quinze entrevistados.

Dessa forma, parte dos entrevistados foram identificados a partir da minha rede pessoal. Os jovens seguintes, foram selecionados através da técnica de *snowball* (bola de neve), onde um entrevistado indicava ao menos um outro jovem, e assim por diante. Esta técnica é considerada especialmente adequada para fenômenos sociais que envolvem grupos que talvez não pudessem ser acessados caso o pesquisador não seja próximo ou não faça parte do grupo social (Goodman, 1961; Penrod et al, 2003; Salganik & Heckathorn, 2004).

Algumas questões éticas também merecem destaque. Tendo em vista que se tratavam de “conhecidos”, e que os jovens contaram muitos de seus “segredos” para mim, alguns cuidados foram cuidados para a proteção dos entrevistados. No próprio TCLE, o documento esclarecia os objetivos da pesquisa, e informava ao entrevistado sobre todo os procedimentos de pesquisa e possíveis implicações positivas ou negativas para ele.

O TCLE foi enviado previamente a todos os entrevistados por e-mail, para que eles pudessem ler com calma e pudessem tirar quaisquer dúvidas comigo através do *Whatsapp*, ou ainda, pessoalmente, antes de concederem a entrevista. Apesar de todas as explicações e garantias oferecidas sobre a confidencialidade dos dados, o receio de ser identificado foi descrito após a entrevista. Como exemplo, Vitor (entrevistado 6), jovem mencionado e que sofreu uma violência sexual pelo ex companheiro, disse que “se arrependeu” de ter mencionado o nome do ex-namorado, me perguntando se o nome seria trocado. Dessa forma, ressaltai para ele o compromisso e cuidado ético em não utilizar o nome verdadeiro de nenhuma personagem da narrativa.

O TCLE foi aplicado a todos os quinze jovens, e uma via do documento assinado ficou comigo e outra com o entrevistado. Em todas as entrevistas, a assinatura do TCLE foi entregue no momento inicial do encontro. Apenas uma entrevista não se deu de forma presencial, neste caso, com o jovem Vinícius (Entrevistado 6). Entreguei o TCLE em suas mãos, em um jogo de vôlei. Contudo, o jovem era (e assim se autodeclarou) surdo-mudo. O jovem me enviou sua entrevista (um texto de cinco páginas) por e-mail, algumas semanas depois.

Assim, o aspecto ético mais importante da pesquisa visava garantir de sigilo de suas identidades. Foi explicado que seus nomes “verdadeiros” não seriam publicados em momento algum. Portanto, resalto que os nomes aqui utilizados, bem como de seus ficantes, namorados, amigos, são fictícios. Também foi explicado a possibilidade de serem reconhecidos, apesar desse esforço. Como exemplo, o jovem surdo-mudo tem uma trajetória bastante específica. Foi explicado a ele sobre a possibilidade de reconhecimento, caso algum outro jovem participante do grupo, lesse

a tese ou alguma produção derivada da mesma. Com essa importante ressalva, todos prosseguiram com a assinatura do TCLE, inclusive este jovem mencionado.

Não foram feitas anotações durante as entrevistas, de modo a não comprometer o ritmo da conversa, não constranger os participantes, ou criar resistência ao pesquisador. Os registros também omitiram o nome de instituições (escolas, universidades, empresas, etc) mencionadas, e quaisquer características que pudessem identifica-los. Como mencionado, todas as transcrições foram realizadas por mim.

Com exceção do jovem Vinícius, todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com autorização dos entrevistados, e as anotações feitas após as entrevistas. Imediatamente após a entrevista o arquivo de áudio era passado para meu computador pessoal e apagado do gravador digital. Todo material divulgado nesta tese foi tratado a partir da premissa de proteção das identidades dos informantes. Intentou-se ao máximo suprimir qualquer informação que pudesse identificá-los de forma mais ampla ou por seus pares ou por familiares.

Por fim, importante também dizer que o local das entrevistas foi decidido pelos jovens. Posso dizer que todos os jovens tinham circulação pela Zona Sul da cidade, seja pelo vôlei, algum trabalho/estágio, ou ainda, por serem moradores da própria região. Assim, por também ser morador da Zona Sul, a maioria das entrevistas (12) foi realizada em algum bairro dessa região. Alguns jovens, entrevistei em alguma cafeteria de Copacabana ou Ipanema; outros antes do vôlei, na própria região da Lagoa Rodrigo de Freitas e outros, vieram até o Instituto Fernandes Figueira, localizado no bairro Flamengo.

O objetivo de proporcionar ao jovem escolher o local da entrevista, segue o que fora proposto por Thompson (1992). O autor descreveu que no processo de organização e de execução de uma entrevista em profundidade, o local da entrevista deve ser de agrado do entrevistado, sendo essencial para que ele se sinta confortável e que seu relato possa ser o mais natural e espontâneo possível.



### ***Crêterios de inclusão***

Os cr terios de inclusão nesta pesquisa foram: ser homem, jovem (entre 18 e 24 anos), gay, cisgênero e morador de algum bairro de camada popular da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. A partir desse exposto, alguns pontos merecem discussão. Cabe salientar que embora analisar o significado dos conceitos de “juventude”, “cisgenereidade” e “classe social” possam ser bastante atraentes, não se pretendeu aprofundar tais discussões neste estudo, mas ilustrar de forma mais precisa o recorte utilizado no convite aos jovens para realiza o das entrevistas.

### ***Juventude***

Considera-se que diversos aspectos sociais balizam a constru o das narrativas dos jovens sobre suas experiências afetivas e sexuais. Esses aspectos afetam de forma categórica as rela es subjetivas e intersubjetivas de suas vidas. Um desses aspectos seria o momento da fase da vida que o entrevistado se encontrava. Considera-se que a partir de cada condi o social, as pessoas ocupam certo *status* na sociedade quando se pergunta sua “idade”.

O tema da juventude pode ser prontamente notado na sociedade, sendo uma pauta que apesar de recente, se encontra consolidada no senso comum e também entre os estudos. Tanto no senso comum como nos estudos acadêmicos, discussões a respeito da condi o juvenil demonstra as tendências de mudanças nos processos sociais e culturais contempor neos, que em um mundo globalizado, ocorrem cada vez mais rápidas (Heilborn, 2002). Autores (Lhomond, 1999; Heilborn, 2002), afirmam que o tema da juventude está sendo debatido amplamente nos dias atuais. Para eles, ocorreu um claro processo de horizontaliza o na socializa o juvenil nas últimas décadas, no qual os mais jovens têm um papel gradativamente mais importante na sua própria socializa o e nas mudanças de costumes e condutas. Nessas intera es, pode ser notado um declínio do papel da família na transmissão de valores e um aumento gradual da influência da escola e dos amigos.

Em geral, na perspectiva sociológica, parte-se do pressuposto que existe uma sociologia da infância, da juventude e da velhice (Ari s, 1981; Pais, 1990; Simões, 2000). Isso quer dizer que, dependendo da estratifica o etária que se encontra o indivíduo, existem modos de organiza o e participa o na vida social, apesar da afirma o que a juventude adquire diferentes significados de acordo com o contexto histórico, social e econ mico de cada cultura.

Portanto, mesmo ao incluir indivíduos que possuem a mesma idade ou a mesma faixa etária, a juventude se dá de forma diferente para cada um, a partir do contexto social em que estão inseridos. Por esse motivo, a literatura mais recente utiliza a palavra juventude no plural. As “juventudes”, portanto, representaria o reconhecimento das pluralidades e singularidades da juventude de cada um, a partir de sua realidade social (Silva & Silva, 2011, p. 664).

Pode-se considerar, em termos mais amplos, que a condição juvenil representa uma fase da vida sociologicamente notável na sociedade moderna (Giddens, 1991), sendo considerada como um momento de inserção dos sujeitos na sociedade (Boghossian & Minayo, 2009), ou seja, como uma fase transitória entre a adolescência e a vida adulta, um momento de preparação para um “devir” (Dayrell & Gomes, 2002; 2003; Pais, 2010).

Reconheço que, ainda que sejam socialmente construídas e culturalmente diferenciadas (Áries, 1986; Bourdieu, 1983), as fronteiras etárias constituíram artifícios metodológicos necessários à estruturação e ao desenvolvimento da presente investigação. Nessa direção, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OPAS, 2018/OMS, 2016), juventude abrange o período dos 15 aos 24 anos de idade. No Brasil, a atual Política Nacional de Juventude (PNJ), considera jovem todo cidadão ou cidadã com idades entre 15 e 29 anos. De forma ainda mais específica, a PNJ divide essa faixa etária em três grupos: jovens de 15 a 17 anos, denominados jovens-adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, os jovens-jovens; e jovens da faixa dos 25 a 29 anos, os jovens-adultos. Portanto, diante do exposto, apesar de considerar que as juventudes não se dão de formas fixas e imutáveis no que se refere à idade, este estudo adotou os “jovens-jovens” como objeto de investigação. Ou seja, foram entrevistados homens jovens gays cisgênero com idades entre 18 e 24 anos no momento da entrevista.

## ***Cisgeneridade***

Outro critério de inclusão, foi o jovem se autodenominar “cisgênero”. Advindo do latim, o prefixo *cis* significa *do mesmo lado*, já o seu contraponto, *trans*, significa *através* ou *atravessar*. (Douglas, 1991). Assim, um homem cisgênero seria aquele que nasceu com pênis e se expressa e se identifica com o gênero que é socialmente tido como próprio dos homens, ainda que isso não seja algo tão linear de delimitar (Albert, 2015).

O termo cisgênero foi utilizado pela primeira vez por Carl Winard Buijs, um homem trans nascido na Holanda. Ele utilizou o termo para compartilhar experiências e vivências trans (Buijs, 1995). Ainda, citou tal termo para se referir a pessoas não trans, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero estaria socialmente atrelada ao sexo de nascença. Assim, na década de 1990, os movimentos trans internacionais, especialmente dos Estados Unidos, gradualmente passaram a utilizar o termo *cisgender* para caracterizar pessoas não trans. Também nesta década, o termo foi traduzido e incorporado (com discussões, rupturas e particularidades) pelos movimentos brasileiros (Leonardo et al, 2014).

Pode-se apontar, que desde aquela época, os movimentos de travestis e transexuais apontavam o cissexismo presente na sociedade, ou seja, as diversas formas de discriminação fundamentada na ideia que o “natural” seria uma pessoa estar alinhada com o sexo/gênero do seu nascimento. Ainda, criticavam a concepção do binarismo, que suponha a existência e a necessidade de “escolher” apenas um entre os dois gêneros: masculino/feminino (Cavalcanti & Sander, 2019). O objetivo do termo era salientar que pessoas trans e cisgêneras, passavam, de ambas as formas, por um processo de identificação de gênero (Simakawa, 2015). Nesse debate, Dumaresq (2014) descreveu que o termo cisgênero estaria inserido em uma pauta de intensa disputa, e apesar da utilização e defesa do termo, o mesmo é bastante atacado e pouco entendido.

Conforme apresenta Simakawa (2015), ao utilizar o termo de modo analítico, é possível questionar os discursos e práticas que tornam a norma cisgênera como natural. Nesse cenário, é possível deslumbrar que as vivências trans e não-cisgêneras são vistas como posições marginais e também de resistência à dominação cisgênera (Vergueiro, 2012).

Portanto, quando se nomeia a cisgeneridade, estamos à frente de um conceito-prática de intervenção social (Leonardo et al, 2014; Bento, 2008), que problematiza e desestrutura a normatividade de gênero aos corpos julgados como desviantes. Com a nomeação, espera-se que pessoas cisgêneras percebam uma série de privilégios que pessoas trans não têm, demonstrando que a sociedade não é apenas feita apenas por pessoas cisgêneras. O conceito pode ser visto como uma forma de reivindicação interseccional, algo também proposto por bell hooks na década de 1990 (Leonardo et al, 2014).

Assim, segundo Vergueiro (2014), a partir do uso do termo, torna-se possível desestabilizar as naturalizações históricas que atravessam a produção acadêmica e as pessoas trans, demonstrando que ser cisgênero não é um suposto padrão natural. Isso põe em evidência não somente a ideia de diferença, mas também de desigualdade e hierarquia. Portanto, nomear a cisgeneridade é uma estratégia que expõe que o gênero não é uma ordem natural, mas uma construção social e moral, e que o gênero não está determinado à genitália, tal como apontava Butler (2003).

Neste estudo, ao se utilizar o termo, é importante salientar que estaremos circunscrevendo uma vivência específica, um modo, uma característica (dentre tantas outras) de se habitar e performar o gênero. Pretende-se não “naturalizar” que um “homem jovem gay” seja cisgênero, ele poderia, por exemplo, ser transgênero. Se torna imprescindível usar essa lente interseccional mais aguçada para poder compreender melhor essas diversidades, as quais não são apenas sexuais, mas também de gêneros. Assim, a cisgeneridade é compreendida em seu discurso social, como categoria analítica e como tema de mobilização política (Brah, 2006; Vieira & Favero, 2015; Cavalcanti & Sander, 2019).

## *Classe social*

O conceito de classe social se destacou em seu período clássico, no século XIX, principalmente no campo da Sociologia. Diversos estudiosos (sociólogos ou não), como Karl Marx, Émile Durkheim, Maynard Keynes, Max Weber e David Harvey, passaram a estudar o fenômeno das classes sociais, a interação entre elas, bem como sua classificação. Para os sociólogos em geral, o conceito se refere à divisão socioeconômica da sociedade em um sistema capitalista. Há uma hierarquia entre as classes, estratificadas a partir da divisão social do trabalho que emerge desse sistema (Durkheim, 2004; Marx, 2008).

Para Weber (1999), há um *status* concernente às classes sociais que também é estimado pelo tipo de ocupação, pelo consumo e pelo estilo de vida. Nesse sentido, nas sociedades capitalistas em que o consumo é hipervalorizado, o que você tem, compra e exhibe, demonstra seu pertencimento e o prestígio social.

Segundo essa mesma linha de raciocínio, o sociólogo Pierre Bourdieu também desenvolveu o conceito de classe social na mesma linha teórica de Weber. Para o autor (1989), a divisão dos grupos de classe é determinada pela posição que tal sujeito ocupa no processo produtivo, bem como seu acesso a bens materiais e bens simbólicos, operacionalizada nos hábitos e estilos de vida de cada distinção de classe. Ainda, pertencer a determinada classe social reflete de forma pragmática nas relações entre os indivíduos que ocupam o mesmo espaço social, não somente em função dos tipos de capitais que usufruem, mas por que apresentam condições, condicionamentos, atitudes, hábitos, interesses e práticas semelhantes (Bourdieu, 1989, p.136). Segundo essa perspectiva, há uma tendência de se manter relações sociais mais duradouras entre pessoas que compartilham relativamente a mesma condição econômica, social e cultural.

Em outro importante ponto, para além da classificação sociológica, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) criou um sistema de medição precisa no Brasil que abrange cinco estratos sociais: as classes A, B, C, D e E, sendo a classe A com maior poder aquisitivo e concentração de renda e classe E com menor poder. De forma sintética, o IBGE divide as classes sociais com base na faixa salarial das famílias brasileiras da seguinte maneira: Classe A: mais de 15 salários mínimos; Classe B: de cinco a 15 salários mínimos; Classe C: de três a cinco salários mínimos; Classe D: de um a três salários mínimos; Classe E: até um salário mínimo. Além do rendimento monetário, são levantados dados como o número de pessoas que vivem no domicílio, as dimensões (tamanho) da moradia, o acesso à água encanada e coleta de esgoto, o número de

equipamentos eletrodomésticos por domicílio, a quantidade de automóveis de cada casa e a escolaridade das pessoas que ali vivem (IBGE, 2018).

Diante do exposto, frente a classe social dos jovens entrevistados, a definição adotada neste estudo de o que chamo de “camada popular”, se refere ao que o IBGE denomina de Classe “D” e “E”. Segundo Soares (2002), a expressão designa grupos sociais que, se identificam por uma série de características em comum, e principalmente, por se encontrarem em oposição àqueles que detêm o monopólio do poder e do controle econômico social, ou seja, as camadas que estão em oposição das camadas mais altas. Para o autor, a camada popular tem um menor patrimônio educacional, econômico, cultural e social quando comparado com a classe alta. Portanto, foi considerado o acesso a bens de consumo, renda mensal (dos responsáveis ou do próprio jovem), nível de escolaridade, família de origem, local e tipo de residência e autoclassificação.

O recorte se faz necessário, pois pesquisas apontam que a classe social é um elemento chave no acesso a recursos sociais, condições materiais, autonomia no processo de trabalho, acesso aos serviços de saúde, padrões de consumo, comportamentos e elaborações simbólicas na vida cotidiana (Veentra, 2007; Barata et al, 2013). As trajetórias dos jovens expressam e variam em função do pertencimento a uma determinada classe social.

Este recorte se faz ainda mais contundente quando se intersecta a classe social com a juventude, já que o Brasil tem mais de 51 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, representando mais de 1/4 da população, sendo que apenas 16,2% dos jovens de todo o país chegaram ao ensino superior, 46% concluíram o ensino médio e quase 40% têm sua escolaridade limitada ao ensino fundamental. Ainda, cerca de 15% vivem em famílias com renda familiar *per capita* de até meio salário mínimo, em que os responsáveis (pai e mãe) também não tiveram acesso ao ensino superior (apenas 5%) e 22% concluíram o ensino médio (IBGE, 2014).

O mesmo levantamento apontou que 43% dos jovens consideram a violência como maior problema do país. Mais da metade dos entrevistados perderam alguém próximo em razão da violência (em maioria, amigos e primos), ou seja, pessoas da mesma geração. Um assunto preocupante refere-se ao emprego e profissão (34%), bem como questões de saúde (26%) e educação (23%). Para eles, o assunto mais importante que deveria ser discutido na sociedade é a desigualdade social e pobreza (40%). Na pesquisa, não se faz distinção entre juventude masculina, feminina, heterossexual, gay, cisgênero ou transgênero.

Diante do seu peso numérico e dos dados agravantes no contexto brasileiro, a juventude da camada popular gera maior preocupação. Todos os dados, que expõem as condições precárias de acesso a bens materiais e acesso a saúde, expressam situações de vulnerabilidades para esse segmento da população, o que abre discussões para a elaboração de políticas públicas específicas para a juventude dessa classe social (Boghossian & Minayo, 2009).

Portanto, especialmente no Brasil, a categoria da classe social, em intersecção com a juventude, apontam certas diferenças em termos de segmento social. Conforme Gouveia, “chama a atenção a situação de classe, uma vez que a experiência juvenil nos grupos populares é muito distinta daquela própria às camadas médias” (Gouveia, 2000: 67).

### ***O jovem gay urbano no Rio de Janeiro: notas sobre a cidade***

Por fim, encontra-se imperativo também discutir alguns pontos sobre a cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana. Se partirmos do pressuposto, que geração, raça, classe, gênero, cisgenereidade e outras categorias de pertencimento estruturam a trajetória de um jovem, a questão geográfica, ou seja, ser morador de uma região do Rio de Janeiro, não seria diferente.

Parte-se do princípio que a região urbana abarca um conjunto de pessoas, estilos e maneiras variadas de expressar uma determinada cultura (Simmel, 2004), apresentando aspectos estéticos e dimensões morais que influenciam suas crenças e práticas (Park, 1967). Assim, a dinâmica da sexualidade e dos afetos se cruza com o espaço geográfico, e conseqüentemente, com outras questões fundamentais, como a desigualdade social. A cidade, principalmente os centros urbanos, se atualizam constantemente em uma complexa codificação de várias questões e manifestações de fenômenos políticos, sociais, culturais e morais que ocorrem no seu cotidiano (Lévy, 1999).

Essa codificação é fortemente atravessada pelas desigualdades regionais que ocorreram no processo de urbanização do Brasil, no século XX. Ou seja, as regiões que acumularam maiores recursos econômicos, políticos e culturais, concentraram maior distribuição geográfica da comunidade LGBT no país (Oxhorn, 1995). No caso do Brasil, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, consideradas polos econômicos, concentram maiores investimentos, poder e riqueza, o que atrai maior quantidade de gays e lésbicas das outras regiões do país. A partir dessa realidade, são cidades que podem ser consideradas mais sólidas no que se refere à visibilidade de ser LGBTQIA+ quando comparado com outras regiões (Marsiaj, 2003).

Como exemplo, segundo Avelar & Walderes (2010), o Estado do Rio de Janeiro, possuía, há dez anos, o maior número de casais formados por gays (masculinos e femininos). A pesquisa Mosaico Brasil, publicada em 2009, apontou que entre todas as capitais brasileiras, a cidade do Rio de Janeiro reuniria o maior percentual de homens gays no país, sendo quase 30% da população gay nacional, o que representaria quase dois milhões de homens gays vivendo em sua região metropolitana (Abdo, 2009).

A cidade foi eleita, em 2009, 2011 e 2016, como o melhor destino gay internacional, recebendo assim um grande número de turistas LGBT de outros estados do Brasil e do mundo ao longo do ano. Em 2014, o público LGBT alcançou mais de 30% do total do setor turístico da cidade (Oliveira, 2014). Como resultado, não é difícil encontrar guias e sites que dão dicas sobre o lazer da cidade, assegurando a receptividade da cidade para com o público LGBT, algo, que



certamente é visto como positivo ao turista, que não almeja encontrar um destino hostil ou “anti-gay”. Dessa forma, a cidade do Rio de Janeiro, se constitui como um “destino gay”, tanto como destino turístico como quem procura uma cidade mais “aberta” para se viver a sexualidade. Há uma representação (e porquê não, estereótipo), de que a cidade abraçaria as pessoas LGBT, com opções de lugares para esse público expressar seu afeto e sexualidade e, ainda, seria um lugar com pouca probabilidade de vivenciar uma violência homofóbica (Ribeiro & Oliveira, 2017).

Apesar dessa atraente apresentação, importante destacar como a desigualdade social atravessa a ocupação e utilização da cidade. Cabe lembrar que, segundo dados globais, o Brasil apresenta um dos maiores índices de desigualdade na distribuição de renda do mundo (Medeiros; Souza; Castro, 2015). Tal situação reduz, por exemplo, as oportunidades de acesso da população LGBT mais pobre aos bens e serviços disponíveis na economia da cidade. No caso do Rio de Janeiro, a renda dos moradores dos bairros mais ricos chega a ser de dez a 18 vezes mais elevada do que a daqueles que vivem nas localidades mais pobres da cidade (IBGE, 2017).

Nessa direção, nota-se que, enquanto o centro e a Zona Sul são regiões bastante pulsantes no desenvolvimento da economia (diurna e noturna) LGBT, outras regiões – como a Norte e a Oeste – dispõem de poucos setores e serviços relacionados a tal economia. A cidade é claramente voltada para aqueles que dispõem de um capital maior para usufruir do lazer público (como as praias ou parques da Zona Sul) e do lazer pago (boates, saunas, bares). De forma óbvia, são as regiões que chamam mais atenção de empresários e de autoridades (Jesus, 2017).

A maior parte dos estabelecimentos voltados especificamente para o entretenimento do público LGBT ou LGBT-friendly concentra-se nas áreas habitadas e frequentadas por uma população de classe média alta, em especial na Zona Sul. Como exemplo, segundo o levantamento LGBT e LGBT-friendly no Rio de Janeiro, realizado em 2015, há 11 saunas gays na Zona Sul do Rio, e apenas uma na Zona Oeste, localizada na Barra da Tijuca. Há oito bares gays na Zona Sul da cidade, enquanto que na Zona Norte, um. Há seis clubes gays na Zona Sul, e na Zona Norte, um. Assim, diversos órgãos (prefeitura, empresariado e seus usuários), a partir de posições excludentes, redefiniram a estruturação da economia diurna e noturna destinada à comunidade LGBTQIA+ (Rio Guia Gay, 2015).

De forma bastante visível, essa economia que adotou e abrangeu uma suposta diversidade sexual no sistema capitalista não se deu com a preocupação do reconhecimento da diferença e necessidade de inclusão, mas da possibilidade de aumento do capital, em que, nas palavras de

Marsiaj (2003), se dá através do “capitalismo rosa”, em que homens gays de camada média e alta têm duas rendas e nenhuma criança -“*double income, no kids*”- (Badgett, 2001). Esta realidade expressa o caráter excludente do sistema capitalista, mas também expressa o porquê de uma maior tolerância frente às pessoas “não héteros” nas últimas décadas. Para Fuente (2015), essa tolerância aconteceu especialmente no que diz respeito a possibilidade de recursos que este público teria, e claro, em que homens gays, cigênero, brancos e de classe alta são os mais aceitos dentro do capitalismo rosa. Para a autora, essa realidade constrói a imagem de um homopatriarcado, que afetaria de forma contundente na distribuição espacial da economia LGBT do Rio de Janeiro.

Portanto, no caso da cidade do Rio de Janeiro, o uso dos espaços (públicos ou não) da cidade muda com o passar do tempo e de acordo com a classe social de cada sujeito (Parker, 2002). Apesar de um certo nível de interação entre as diversas classes em vários desses espaços, existem claras diferenças nos níveis de segurança, aceitação e glamour entre os espaços públicos em bairros mais nobres como Ipanema e Leblon, e aqueles em bairros mais populares na Zona Norte, Zona Oeste e sua região metropolitana, como Duque de Caxias, Magé, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Seropédica e Itaguaí. Em poucas palavras, no Rio de Janeiro, a hierarquia das redes e espaços de sociabilidade gay é bastante acentuada, uma vez que o uso de locais da cidade muda drasticamente de acordo com a classe social de cada um (Parker, 1999).

A partir do exposto, afirma-se que “ser um homem jovem gay cisgênero” na Zona Sul da cidade não é o mesmo em ser gay na Zona Norte, Oeste ou na região metropolitana da capital carioca. Ou até mesmo, de um jovem morador de uma favela da Zona Sul. Assim, os recortes aqui apresentados (ser homem, gay, jovem, cisgênero, ser proveniente de camada popular e morador da região metropolitana do Rio de Janeiro) são fundamentais para a caracterização do grupo investigado. Trata-se de um grupo específico, com suas particularidades e vulnerabilidades que provavelmente, não seriam encontradas em outros grupos, seja no interior do estado do RJ ou em outras regiões, estados e cidades do Brasil.

### *Caracterização dos jovens entrevistados*

Conforme a tabela 1 abaixo, no que se refere à faixa etária dos jovens, seis deles tinham 19 ou 20 anos; seis 21 ou 22 anos e três jovens tinham 23 ou 24 anos no momento da entrevista. Seis se autodeclararam da cor/raça “negra”, três “pardos” e seis “brancos”. Frente à religião professada, oito eram “católicos”, dois “evangélicos”, quatro “sem religião” e um “ateu”. Em relação ao local de nascimento e local de moradia, cinco rapazes nasceram em outros estados brasileiros (TO, BA, CE, SP, MG), sendo que quatro jovens no interior de seus respectivos estados. Oito jovens nasceram e moravam no mesmo lugar de nascimento (favelas do Rio de Janeiro - Morro do Borel, Rocinha – ou, regiões consideradas de camada popular da região metropolitana da cidade, como Duque de Caxias, Magé, Campo Grande, São Gonçalo). Apenas um jovem se mudou com a família (ainda criança) de Bonsucesso para favela de Lins e outro nasceu no interior do estado do Rio de Janeiro e se mudou após o término do ensino médio para a favela Cantagalo. Como visto, em sua maioria (dez jovens), os entrevistados nasceram no estado do Rio de Janeiro, sendo nove destes, na capital carioca.

No que se refere à com quem os jovens moravam, quatro entrevistados disseram que moravam com mãe, pai e/ou irmãos e /ou avó materna; um jovem disse que morava com a mãe, padrasto e irmão; Um jovem morava com a avó materna; quatro com a mãe ou mãe e irmã(o). Cinco jovens (os que vieram de outros estados) moravam com amigos e/ou conhecidos. Nenhum jovem morava sozinho.

No tocante à escolaridade, treze jovens tinham o segundo grau (ensino médio) completo. Desses treze, sete não ingressaram no ensino superior e cinco jovens estavam fazendo faculdade (terceiro grau incompleto) e um havia terminado a faculdade de Letras (terceiro grau completo). Dois jovens não terminaram o ensino médio (segundo grau incompleto).

No que se referia ao trabalho ou ocupação, três jovens não trabalhavam; três eram estagiários em alguma empresa privada; três trabalhavam como entregadores de comida via aplicativos; três eram atendentes (em shopping center ou borracharia); um era segurança de uma boate; um era professor de português em uma ONG (o jovem que tinha segundo grau completo); um entrevistado se considerava “scort”, que em uma tradução para o português, poderia ser traduzido como “garoto de programa”.

Se estavam solteiros, ficando ou namorando com alguém no momento da entrevista, dez rapazes disseram que estavam “solteiros”, e cinco, “namorando”. Os jovens que estavam namorando, estavam em um relacionamento com outro homem entre três à doze meses de duração. Um namoro era considerado “aberto, mas com regras”. Os dez jovens que estavam solteiros, relataram fortemente o “desejo de namorar alguém”.

Em um tópico bastante citado nas trajetórias afetivo-sexuais, refere-se à preferência da posição sexual dos jovens. Dos quinze entrevistados, oito se consideravam “só passivos”, cinco “só ativos”, e dois “versáteis”. Um dos versáteis se autodeclarou “versátil ativo” e o outro “bastante versátil”.

Tabela 1. Caracterização dos jovens\*

<i>Nome*</i>	<i>Idade</i>	<i>Raça</i>	<i>Religião</i>	<i>Status civil</i>	<i>Preferência sexual</i>	<i>Onde nasceu</i>	<i>Onde morava</i>	<i>Com quem morava</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Trabalho</i>
Rodolfo	22	Negro	Evangélico	Namorando	Passivo	Bangu	Bangu	Pai, mãe e irmão	3º grau incompleto	Não trabalhava
André	19	Pardo	Sem religião	Namorando	Passivo	Interior Ceará	Vidigal	Pai, mãe e irmão	2º grau completo	<i>Uber eats</i>
João	20	Branco	Ateu	Solteiro	Versátil	Magé	Magé	Mãe	2º grau completo	Não trabalhava
Vicente	22	Negro	Católico	Solteiro	Passivo	Bonsucesso	Lins	Mãe	2º grau completo	Estagiário
Lucas	20	Negro	Católico	Solteiro	Ativo	Interior Tocantins	Cantagalo	Dois amigos	2º grau incompleto	Escort
Vinícius	22	Branco	Sem religião	Solteiro	Passivo	Morro Borel	Morro Borel	Mãe	2º grau completo	<i>Delivery Ifood</i>
Danilo	19	Branco	Sem religião	Solteiro	Passivo	São Paulo capital	Tabajaras	Mãe, pai e irmã	2º grau completo	Não trabalhava
Marcelo	24	Negro	Católico	Solteiro	Ativo	Interior MG	Campo Grande	Dois amigos	2º grau completo	Atendente
Eduardo	23	Branco	Católico	Solteiro	Passivo	Rocinha	Rocinha	Um amigo	3º grau completo	Professor
Ricardo	22	Branco	Católico	Solteiro	Passivo	Campo Grande	Campo Grande	Avó	2º grau completo	Borracharia
Israel	23	Pardo	Católico	Namorando	Passivo	Campo Grande	Campo Grande	Mãe, padrasto, irmão	3º grau incompleto	Estagiário
Mateus	22	Branco	Evangélico	Namorando	Versátil	Duque de Caxias	Duque de Caxias	Mãe e dois irmãos	3º grau incompleto	Estagiário
Daniel	19	Negro	Sem religião	Solteiro	Ativo	Interior RJ	Dona Marta	Dois amigos	3º grau incompleto	Atendente
Caique	20	Negro	Católico	Solteiro	Ativo	Interior Bahia	Cantagalo	Dois conhecidos	2º grau incompleto	Segurança
Paulo	21	Pardo	Católico	Namorando	Ativo	São Gonçalo	São Gonçalo	Mãe, pai e avó	3º grau incompleto	<i>Uber eats</i>

N =15 jovens entrevistados

\*Toda a caracterização foi autodeclarada pelos entrevistados

\*Nomes fictícios

### III

#### *As entrevistas: trajetórias afetivo-sexuais dos quinze jovens entrevistados*

Neste capítulo, são apresentadas as trajetórias afetivo-sexuais dos quinze jovens entrevistados. O leitor terá um contato próximo das histórias e os aspectos mais marcantes da trajetória de cada um, sua iniciação sexual, as descobertas, primeiras trocas, beijos, carícias, encontros, ilusões, decepções, o aprendizado da sexualidade, as diversas formas de violência(s) sofridas por eles, as lembranças que muitas vezes não são fáceis de serem lembradas e ditas, entre outros aspectos. No final de cada história, haverá um quadro que descreve sinteticamente as principais características do jovem, a síntese da trajetória afetivo-sexual, bem como as referências que cada jovem utilizou para a descrição do próprio corpo, e as violências sofridas (online e offline) por cada um. Enfatiza-se que todos os nomes citados abaixo são fictícios.

## **Rodolfo**

---

*“As pessoas não entendem que um negro pode querer ser passivo”*

---

Rodolfo jogava vôlei no grupo mencionado. Algumas vezes, também o via jogando vôlei de areia, na praia de Copacabana. O conheci em 2015. Me lembro, que nos encontramos em uma festa gay há alguns anos. Nesta ocasião, Rodolfo estava “comemorando” que havia passado de ano na faculdade. Disse, com muito orgulho, que seria o primeiro a ter um diploma de graduação na família. Sabia que o jovem estava namorando há mais ou menos um ano. O seu namorado, tinha fama de ser “apenas ativo”. Assim, alguns outros jovens do grupo perguntavam “quem era o ativo e o passivo da relação”, o que gerava “dúvidas”. Apesar de nunca ter ouvido alguém afirmar, parecia que existia um estranhamento, já que seu namorado era ativo, e Rodolfo, por ser negro e musculoso, também “teria” que ser ativo. Estranhavam a possibilidade de Rodolfo ser o passivo do relacionamento.

Pensei em entrevistá-lo exatamente por essa questão, por ser negro e musculoso, e com a possibilidade de ser passivo. Além, de que, ele preenchia os requisitos da pesquisa (ser jovem, gay, cisgênero e de camada popular, eu sabia que o mesmo morava em Bangu e às vezes não ia ao vôlei por falta de dinheiro para pagar a passagem). Conversando por *Whatsapp*, Rodolfo disse que tinha que “resolver umas coisas na Zona Sul durante a semana” e poderia me encontrar em uma cafeteria em Copacabana para realizarmos a entrevista.

### ***Caracterização sociodemográfica***

Rodolfo tinha 22 anos no momento da entrevista e nasceu em 1996. Ele se autodeclarou da cor/raça “negra” e religião “evangélica da igreja internacional da Graça de Deus”. Ele nasceu em Bangu, bairro da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. O jovem sempre morou no bairro citado. Rodolfo morava com seu pai, que “trabalhava em construção”, de 55 anos, sua mãe, “costureira” e com 51 anos, e com o irmão, estudante do ensino fundamental de uma escola pública, de 15 anos. Rodolfo estava namorando há oito meses no momento da entrevista, um rapaz também vôlei que eu também conhecia.

O jovem estudava engenharia civil em uma universidade particular da baixada fluminense. Disse que sempre trabalhou em *shopping centers* em lojas de roupa, mas sempre ganhou um pouco mais que um salário mínimo e não gostava do que fazia, pois “ganhava pouco dinheiro”. Conversando com seus pais, eles o apoiaram a fazer uma graduação. Ele estava no terceiro semestre de engenharia e não trabalhava desde então, se “dedicando ao máximo aos estudos”, para se “formar, ganhar dinheiro e melhorar de vida”. Rodolfo estudava na universidade pelo Prouni<sup>3</sup>, tendo 100% de bolsa. Disse que será o primeiro de sua família em ter uma graduação, isso o deixava bastante feliz e sentia a responsabilidade de “fazer diferente” e ajudar seus pais a também terem uma “vida melhor”.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, respondeu: “*Acho que foi com a primeira menina que fiquei, quer dizer, mas acho também que foi com homem, não sei!*”. Pedi a ele me falar sobre ambas as experiências, o jovem disse que com a menina, ele tinha 18 anos e ela, 17. E continuou: “*Então, eu sempre frequentei a igreja. Aí chega nessa idade, lá pelos 18, o povo começa a se juntar pra começar a pegar na mão e casar, por que evangélico supostamente só transa depois que casa (risadas) (...) Aí tinha essa menina da igreja, que era bem bonita e de família, e meio que tinha uma pressão do meu pai e da minha mãe pra eu namorar e casar com ela, e acho que tinha uma pressão dos pais dela também. Mas tipo, sabe quando você sabe que não é aquilo que você gosta? E eu não queria enganá-la, nem me enganar (...) Mas meu pai falou tanta coisa no meu ouvido, meus amigos da igreja também, que acabei chamando ela pra tomar sorvete lá em Bangu mesmo. E assim, eu era o mais quieto da turma. Meus amigos falavam: ‘Quando é que você vai beijar uma menina? Por acaso você é viado?’; Daí pra provar que eu não era, eu chamei ela (...) Era bem uma pressão mesmo. Daí sei lá, não sei nem porquê tô falando dela, acho que talvez porquê ela foi meu primeiro beijo, acredita? Aos 18 anos! E com uma menina ainda! (risadas).*”

---

<sup>3</sup>O Programa Universidade para Todos (Prouni) é um programa de inclusão educacional criado no ano de 2004 pelo Ministério da Educação (MEC), com a finalidade de ajudar estudantes brasileiros que não têm condições de pagar o valor das faculdades particulares a ingressar no ensino superior por meio da concessão de bolsas de estudo que vão de 50% (parciais) a 100% (integrals) das mensalidades (Brasil, 2004).



### ***O que mais marcou o jovem nessa experiência***

Perguntei o que mais havia marcado nessa experiência: *“Tipo, sei lá, acho que ela me marcou porquê ficou bem claro pra mim que eu tava me forçando a alguma coisa que não era o que eu queria (...) Teve um dia que ela pegou no meu pau e ele não tava duro, ela fez uma cara de quem não tava entendendo nada, eu falei que tava nervoso e que tinha muito respeito por ela. Nossa, que vergonha! Ninguém merece passa por isso! (...) Aí foi isso, mas ela foi minha primeira namoradina”*. Perguntei se ele se arrependia da experiência: *“Acho que me arrependo porquê sempre soube que não era aquilo que eu queria. Ela merecia coisa melhor que eu. Se dependesse só de mim, se não tivesse a pressão dos meus amigos, da igreja e dos meus pais, eu nem teria chamado ela pra tomar sorvete!”*.

### ***A certeza de que não era aquilo que o jovem queria***

Retomei a uma fala anterior dita por Rodolfo, que ele disse que “sempre soube que não era aquilo que queria”. Pedi a ele me falar mais sobre essa fala, Rodolfo disse: *“Ah, tipo, lá pelos 15 anos, eu comecei a ver filme pornô, né? (...) Sim, pela internet, às vezes pelo computador, às vezes pelo celular (...) Aí ali mesmo eu percebi que eu ficava mais olhando pro pau do cara do que pra mulher, e tipo, você sabe que pornô hétero é mais feito pra homem, né? (...) Porque mostra mais a mulher do que o homem (...) Aí eu comecei a ver filme pornô gay, tipo, os caras fudendo, e sei lá, me masturbava e tal, ficava com muito tesão, que não acontecia vendo filme hétero (...) Quer dizer, até ficava com tesão vendo filme hétero, mas ficava bem mais com tesão vendo filme gay! Eu sempre soube que não era de mulher que eu gostava (...) Mas aí você é ensinado que o certo é homem a gostar de mulher e mulher de homem, né? Ainda mais na igreja (...) Aí você tenta fingir que não é aquilo que você gosta e tenta se forçar em outra coisa, mas aí um dia eu fui numa festa gay e ali tive a certeza que era gay”*.

### ***Indo pela primeira vez a uma festa gay***

Sobre a festa gay, continuou: *“Então, no vôlei tem muito gay. Aí eu via todo mundo falando de festa, open bar, pegação, essas coisas, e falei que queria ir junto, lembro que ficaram assustados porquê eu sou evangélico e não bebia, mas eu queria ir (...) Aí foi numa festa lá no centro, nem lembro mais o nome, acho que eu tinha 19 pra 20 anos, já era velho*

(...) *Bebi pela primeira vez lá, acredita? Aí eu fui bebendo caipirinha e fiquei bem soltinho e beijei um menino que era uma gracinha, foi mega bom beijar ele!*”.

Indagado sobre como ele “chegou” no menino ou como o menino “chegou” nele, o jovem respondeu: “*Ah, nem lembro como um chegou direito no outro, acho que eu olhei pra ele, ele me olhou, aí você sabe, né? (...) A gente se beijou, lembro que a gente trocou Whatsapp, mas nem deu nada, trocamos algumas mensagens mas nem marcamos nada (...) Mas eu tava feliz, tinha ido numa balada gay e tinha dado meu primeiro beijo, foi muito bom!*”. Rodolfo disse que o menino tinha “praticamente a mesma idade que ele”, com 23 anos.

### ***Possíveis arrependimentos de ter beijado um homem***

Perguntei se Rodolfo havia se arrependido ou se deveria ter esperado mais pelo primeiro beijo com homem: “*Nossa! Não!! Esperei quase 20 anos pro meu primeiro beijo com homem, já tinha esperado bastante (risadas). E sei lá, acho que te falei que sabia que não tava fazendo a coisa certa com menina, né? Com ele foi diferente (...) O beijo foi quente, eu fiquei de pau duro, o dele também! Cara, foi muito bom, muito bom mesmo! Aí sei lá, eu sabia que tava fazendo a coisa certa e que era aquilo que eu queria pra mim!*”. O jovem disse que se sentiu “feliz” em ter beijado um rapaz, mas também não sabia o que iria fazer em relação aos seus pais e à igreja.

Continuando sua história, após o primeiro beijo com um homem, Rodolfo tinha “certeza que era aquilo que ele queria”. Perguntei se essa era a “primeira experiência amorosa com um homem”, ele negou, e disse: “*Foi com meu namorado atual, que foi a única pessoa que gostei mesmo na vida, mas queria falar uma coisa que lembrei da boate (risadas)*”.

### ***Dificuldades financeiras para ir em festas e a internet como sociabilidade gay***

Rodolfo continuou: “*Então, Wendell, ser pobre é sempre mais difícil, né? Nessa época eu trabalhava no shopping, às vezes ajudava nas contas de casa porquê minha mãe tava sem trabalhar e muitas vezes no sábado e no domingo, aí era muito difícil eu ficar indo pra balada pra ficar até tarde e gastar dinheiro com entrada e bebida, e tipo, eu sempre morei em Bangu, né, não tinha condições de ficar gastando com Uber pra voltar pra casa, só de Uber já ia ser uns 100 reais de dinheiro e é foda pegar ônibus de madrugada ainda*

*mais morando longe e sendo perigoso e nem sempre dava pra dormir na casa de amigos que moravam no Centro ou aqui na Zona Sul. Aí eu comecei a entrar no chat UOL<sup>4</sup> (...) com 19 pra 20 anos mesmo (...) Quer dizer, tô mentindo! Tipo, eu meio que já entrava em bate papo quando eu tinha 15, 16 anos, quando batia punheta vendo filme pornô (...) Mas naquela época, eu acho que eu era mais criança e que tava descobrindo minha sexualidade, saca? Aí eu só via pinto pela webcam mesmo, e tipo, eu não tinha webcam, o computador lá de casa era de pobre (risadas), mas assim, querendo ou não, eu tinha internet lá em casa e tinha computador (...) O computador ficava na sala, era mais complicado, né, não podia fazer tanta coisa assim como ver pornô por causa dos meus pais, mas conseguia entrar no chat e no MSN e conversar com os caras (...) Mas era difícil porquê os caras só queriam abrir a webcam se você abrisse a sua, mas como eu não tinha, não me davam moral. Pobre só se ferra (risadas) Mas acho que depois do meu beijo lá com o cara da boate eu já tava preparado pra mais (...) Aí voltei pro bate papo, conversando com diversos caras, às vezes pelo Orkut e Whatsapp (...) Não que eu fosse fazer alguma coisa, mas era bom trocar nudes e conversar putaria (...) Alguns eu conversava pelo Whatsapp, aí já rolava nudes, né? (risadas). Acho que aos poucos eu fui criando coragem pra conhecer alguém pessoalmente”. Sobre os nudes, comentou: “Ah, sempre mandei, acho que hoje é difícil você conversar com um cara e não mandar seu nude, é o cartão de visita, né? (risadas) (...) Mas eu não me importo, nunca mostrei meu rosto, só mostrava meu pau, minha bunda, meu abdômen, o rosto nunca, aí eu curtia mandar. Eu sabia que mandando, iam mandar pra mim também”.*

### ***Conhecer pessoalmente alguém da internet e a primeira relação sexual***

Sobre possíveis encontros, indaguei se Rodolfo conheceu alguém que havia conversado *online*. Ele, bastante enfático, disse: “Sim!!! O primeiro cara que eu transei eu marquei pelo chat UOL, ele morava na Baixada também! Aí o papo fluiu, ele morava sozinho, era gato, aí fui na casa dele”. Rodolfo disse que tinha 20 anos neste encontro. Perguntei se Rodolfo não teve medo de ir na casa de um desconhecido, ele respondeu: “Cara, olhando assim, é meio que uma loucura mesmo, né? Mas na hora a gente não pensa em

---

<sup>4</sup>Sala de bate papo gratuita criada em 1996, sendo um dos pioneiros na categoria de “bate papo virtual”. Você não precisa se cadastrar no site e o anonimato é total. A partir de salas de temas específicos, o usuário pode conversar, trocar fotos e se ver na webcam virtualmente (Uol, 2007).

*medo, essas coisas (...) E eu precisava muito me libertar da igreja, sabe? Queria muito transar com homem já que finalmente sabia que era aquilo que eu queria, então, sei lá, só queria transar logo, aí acho que a internet me ajudou a me libertar da igreja e me ajudou a ser gay, só consigo pensar nisso hoje. Não sei se eu encontraria um desconhecido se não tivesse namorando. Mas naquela época, eu precisava muito disso”.*

### ***O sentimento de liberdade***

*Pedi ao jovem para me explicar melhor esse sentimento de “liberdade”: “Ah, Wendell, eu usei essa palavra? Liberdade? (risadas) Acho que quando você sabe que você é gay, mas ainda tá sem coragem de fazer algo com homem, tem uma hora que você quer se libertar. Mas se libertar não é fácil, ainda mais quando você tá na igreja. Acho que a internet me ajudou muito nisso, você vai com calma eu acho, vai digitando o que você quer (...) Digitando no sentido, tipo, no Google, você que escolhe o que você quer procurar, né? Se você tá a fim de ver pornô hétero, você vê pornô hétero, se você quer ver pornô gay, você digita pornô gay. A internet me ajudou fazer as coisas com a minha liberdade e no meu tempo, sem pressão. Na igreja eu tinha a pressão pra ser hétero. Na internet não, eu podia ser quem eu era! E é muito bom o sentimento de se sentir anônimo, acho que por isso que eu falei liberdade, você não mostra seu rosto assim de primeira, se você ficar com medo você pode sair do computador (...) Medo no sentido, tipo, lembro a primeira vez que vi um pinto na webcam, eu fiquei com medo, sabe? Desliguei a cam na hora na cara do cara e fui pro meu quarto (...) Tipo, eu não tava pronto aquela hora pra ver um pinto pessoalmente, mas vi pela internet (risadas). Acho que nunca ninguém me obrigou a nada na internet, por isso me sentia bem e com uma certa liberdade, podia fazer o que eu queria e no meu tempo”.*

### ***Conhecendo o rapaz do bate papo UOL***

*Retomando o encontro com o homem que conheceu no bate papo, Rodolfo continuou: “Então, ele era gato, tinha um papo bom, e ele morava em Nilópolis, que é perto de Bangu (...) Acho que ele tinha 30 anos. Aí a gente conversou no bate papo, depois fomos pro Whatsapp, e ele disse que era só ativo, isso na verdade me deixou mais com vontade ainda, acho que no fundo sempre quis ser passivo, mas não admitia pra mim mesmo. Aí como ele disse que era ativo, eu fiquei na vontade de experimentar (...) Acho que mais uma vez vem*

*na minha cabeça esse sentimento de ter liberdade. Eu ia dar pela primeira vez na vida, que era algo que eu queria. E acho que ter sido com um desconhecido, ajudou bastante. Meus amigos não iam ficar sabendo, nem minha família, nem o povo da igreja, se fosse ruim, eu podia enterrar isso comigo e fingir que nem aconteceu (...) Acho que isso te encoraja. Experimentar algo sem saber se vai dar certo, mas também fazer sem muita gente saber”.*

### ***Ser passivo e ser ativo***

Aproveitei o assunto sobre “ser passivo” e perguntei se Rodolfo achava se na nossa sociedade existia uma diferença entre ser passivo e ativo: “*Nossa, com certeza, acho que o passivo sofre muito preconceito ainda, como se fosse a mulherzinha da relação, eu com meu namorado sempre perguntam: ‘Quem é o homem da relação?’*, aí eu respondo: ‘*São dois homens!*’. *E eu que sou passivo já tive muita vergonha de falar que eu era (...)* Ah, vergonha por isso, por não acharem que eu sou homem de verdade, mas até acho que hoje consigo tacar o foda-se pra isso, senão não taria aqui falando com você sobre isso”.

Indaguei se existia um preconceito sobre ser passivo na sociedade: “*Acho que sim, existe um machismo tanto nos héteros como nos gays que o gay passivo é afeminado e é a figura da mulher na relação, aí o passivo sempre fica como inferior, aquele mais fraquinho e aquele que chora mais e é mais emotivo, tipo, eu sou mais musculoso que o Arthur, isso também acho que é outra coisa que pensam que eu sou o ativo da relação (...)* Até acho que não sofro tanto assim porquê apesar de ser passivo, eu sou ‘homemzinho’, mas por outro lado, eu acho que sofro sim por ser passivo e negro, e isso é um pecado pros gays”. Sobre o “pecado”, ele disse: “*Ah, uma coisa é você ser branco, magrinho, playboy e passivo, acho que isso é mais aceito, sabe? Você ser negro, malhado e só passivo, é um pecado, porquê parece que você tem obrigação de ser ativo mesmo (...)* É tudo numa caixinha, se você foge dela, você é ‘O’ estranho e tá cometendo ‘O’ pecado! As pessoas não entendem que um negro pode querer ser passivo. Isso realmente não entra na cabeça delas”.

### ***Retomando o encontro com o rapaz do chat UOL***

Após um tempo em silêncio, Rodolfo disse que era difícil ser negro, passivo e evangélico: “*O cara que eu perdi virgindade não acreditava que eu era virgem: “Ah, ele*

*duvidava que um cara de 20 anos ainda fosse virgem, também duvidada que eu era evangélico (...) É meio chato quando a pessoa não acredita em você, mas fazer o quê, realmente é difícil achar um menino gay de 20 anos evangélico e virgem (risadas)”.*

O jovem contou que eles se encontraram em um bar em Nilópolis para “tomar uma cerveja e conversar”: *“Cara, foi legal o papo, ele era bonito, interessante, a gente conseguiu conversar sobre um monte de coisa, sobre família, trabalho, até sobre a infância a gente falou. Aí ele disse que morava perto do bar, se eu não queria ir pra casa dele, aí eu topei”.*

O jovem disse que teve vontade de transar naquele momento, que sentiu uma “conexão” e que “aquele era um bom momento para perder a virgindade”. Sobre a negociação do uso da camisinha, ele contou: *“Cara, usamos camisinha sim, foi bem tranquilo em relação a isso, acho que não teve nem negociação, em nenhum momento ele falou pra gente fazer sem e depois do sexo oral ele já foi na gaveta dele pegar camisinha e gel”.*

#### ***A primeira relação sexual: “não foi tão bom assim”***

Perguntei se o jovem gostou da relação sexual: *“Olha, como te falei, eu queria o sexo, mas pra ser sincero, não gostei do resultado, não foi tão bom assim, acho que fiz mais pra me libertar da minha vontade de transar com homem, eu sabia que ia tá fazendo algo que eu sempre neguei, mas que sempre tava na minha imaginação. Tipo, não é nada com o cara, tadinho, mas não foi bom mesmo, não sei se porquê eu era virgem, o pau dele era meio grosso também, foi desconfortável (...) Mas tipo, ele me tratou bem, transamos pouco de penetração mesmo, depois nos beijamos, batemos punheta um pro outro e gozamos”.* Rodolfo disse que não se sentiu pressionado para a relação sexual, reafirmou que o rapaz o tratou muito bem, “apenas” não gostou da penetração em si. Rodolfo contou que depois, eles trocaram algumas mensagens, mas que “não foi pra frente”. Disse que não ficou chateado, e que “a vida tinha que seguir”. Após essa experiência, o jovem instalou o aplicativo “Grindr”, aos 21 anos. Ressalto que o jovem tinha 22 anos no momento da entrevista.

#### ***Conversando um pouco mais sobre o aplicativo Grindr***

Sobre o aplicativo, Rodolfo disse que “se assustou” quando entrou nele: *“Eu tomei um susto por que ninguém tinha rosto, aí eu fui entender que os caras não queriam ser identificados”.* Perguntado se lembrava do seu perfil, respondeu: *“No começo eu coloquei*

*minha foto de rosto, mas eu tirei, coloquei do meu abdômen (risadas). E acho que o resto tinha minha idade, meu peso e minha altura”. Perguntei se ele colocou sua preferência sexual no aplicativo: “Então, não coloquei, acho que depois das pessoas me perguntarem tanto, isso foi um dos principais motivos de ter me decepcionado com o Grindr”.*

*Sobre a “decepção”, explicou: “É muito ruim ter Grindr. Eu acho que você tem que tá com o psicológico muito bom pra entrar num aplicativo desses (...) Eu acho que as pessoas julgam muito pelos estereótipos, né? Mas assim, eu me considero passivo, beeeeeem passivo, e acho que por eu ser negro, as pessoas me enviavam as fotos do cu e da bunda delas, nem falavam ‘oi’. Sei lá, eu não tava ali pra ver foto de bunda aberta, se mandassem do pau pelo menos (risadas) Tô brincando! (risadas)”.*

### ***Os estereótipos no aplicativo Grindr***

*Pedi a Rodolfo me falar um pouco mais sobre os estereótipos do aplicativo. Ele me explicou: “Então, eu sou negro e malho. Os caras sempre vinham falar comigo pedindo pra mandar foto do pau, perguntando se eu era pauzudo, quando eu falava que era versátil passivo ou passivo, eles me bloqueavam diversas vezes, alguns até me xingavam de ‘preto passivão’. Era uma decepção pra eles que um negro fortinho fosse passivo. Acho que hoje eu consigo entender isso, conversar sobre estereótipos e como vivi isso na pele, mas eu acho que eu sempre fui meio ingênuo pra minha idade no sentido do mundo gay, saca?”. Perguntado sobre a última frase, disse: “Tudo é tão na caixinha, não sabia que era tudo tão no estereótipo assim. Se você é negro, você tem que ser ativo. Se você é mais afeminadinho, você tem que ser passivo. É tudo na caixinha, se você escapa da caixinha, você vira descartável. Acho que o Grindr tem muito dessa coisa de estereótipo e objetificação, assim como na vida real, né?”.*

### ***Falando um pouco mais sobre a “objetificação”***

*Pedi a Rodolfo me explicar sobre a “objetificação”: “Eu acho que objetificação vem de exclusão. Parece que todos são apenas corpos em busca de corpos e unicamente corpos, você entra ali e automaticamente é objetificado e você também começa a objetificar, não tem como (...) Tipo, eu não vou mentir, mas eu também só puxava papo com quem era ativo e fortinho no aplicativo. Eu não curto gordinhos, nunca fiquei com um e nem vou ficar.*

*Querendo ou não eu excluía os passivos e os gordinhos das minhas conversas. Poderia ficar amigo de algum, jogar vôlei, mas acabo excluindo. Todo mundo faz uma lista de gosto, mas fica bastante na cara que a gente exclui aquilo que não gosta (...) Tanto no aplicativo como na vida real, você percebe que os gordinhos ninguém quer pegar ali no vôlei, nem os mais afeminados, né. Acho que os aplicativos são só um reflexo do que acontece na sociedade mesmo, só acho que fica mais evidente (...) Eu posso dizer como negro, que as pessoas tem fetiche por mim de ser ativo e pauzudo, e quando veem que eu não sou, me excluem”.*

### ***Não pode ser “gordinho” nem “afeminado”***

Comentei também sobre a frase de “não curtir gordinhos”. Rodolfo me explicou: “Ah, é foda falar sobre isso, mas acho que todo gay liga pro corpo, e liga pra masculinidade também, de certa forma. Você não pode ser muito gordo e nem muito afeminado. E é isso, no fundo eu não curto mesmo, mas não tenho nada contra! Eu sei que até pode ser um pouco de preconceito, mas não consigo me imaginar ficando com um cara muito afeminado nem muito gordo”. Comentei então que parecia que ser gordo e ser afeminado era “mal visto” no mundo gay. Ele, de maneira instantânea e enfática, disse: “Isso, com certeza!”.

### ***Como “ser homem” na sociedade***

Perguntei se ele ouvia afirmações de como era “ser homem” na infância, em casa, na escola ou em outros lugares. Rodolfo respondeu: “Ah, sim, acho que passei minha adolescência toda tendo que seguir o manual da masculinidade, sempre ouvi e fui repreendido sempre que tinha um comportamento que fugia desse estereótipo masculino e acho que infelizmente a gente vive isso no mundo gay ainda, dentro e fora dos aplicativos”. Indagado a dar exemplos de “comportamentos que fugiam desse estereótipo masculino”, ele me disse: “Ah, teve uma vez na balada que tava bem bêbado e soltei a franga dançando, um amigo meu me disse que eu era ‘machinho’, que não era ‘tão gay assim’ pra tá dançando daquele jeito, como se tivesse fazendo algo de errado, aí ele disse que se eu continuasse dançando daquele jeito, ninguém ia querer me pegar (...) Aí acho que é isso, depois de um tempo, você percebe que você tem que ser homenzinho, senão ninguém vai te querer”.

Perguntei se ele ouvia afirmações de como “ser homem” em casa, ele respondeu: “Bom, sim! Assim, em casa nunca foi tão pesado por que acho que sempre fui muito contido,



*eu me acho bem na minha. Mas eu lembro que eu gostava de Kelly Key quando criança, que tinha as meninas gostavam. Meus pais falavam pra eu não ouvir aquilo porquê não era de Deus, mas acho que no fundo era porquê Kelly Key era mais coisa de menina”. Na igreja, Rodolfo também ouvia afirmações: “Olha, a gente ouvia que o homem foi feito pra mulher e que a mulher foi feita pro homem. Também ouvia que transar fora do casamento é pecado, as poucas vezes que o pastor falava de coisas de gay ele falava ‘homossexualismo’ e não ‘homossexualidade’ (...) Eu já percebia essas coisas né, de como ser gay fosse errado e o certo era ser hétero”.*

### ***Ser gay e ser religioso***

Perguntei se foi “de muito sofrimento” estar dentro da igreja e ser gay: *“Eu só acho que por eu ter percebido que eu era gay novo, isso me ajudou de certa forma, tipo, não sei explicar, mas acho que eu fui me masturbando, vendo pornô gay, depois fui na balada gay com 18 anos, beijei um carinha lá e fui transar com 20. Eu não sei se eu tô falando bobagem, mas acho que eu já tinha uma certa cabeça pra entender que era aquilo que eu gostava e que tava tudo bem, sabe? Eu não sei se tivesse perdido minha virgindade aos 14, as coisas seriam mais difíceis pra mim. Eu acho que demorei pra fazer as coisas, mas acho que isso ajudou de não ficar louco nem das coisas serem traumáticas, quando transei com homem com 20 anos, eu tinha certeza que tava bem e era a minha hora”. Perguntado se ainda frequentava a igreja, ele afirmou: “Frequento sim. Mas hoje tenho a maturidade pra entender que Deus está dentro de mim independente de qualquer coisa, vou bem de vez em quando, acho que de certa forma decidi viver minha sexualidade e deixei a igreja de lado, acho que se tivesse feito o contrário, teria me arrependido”.*

### ***O “coming out”***

Indaguei se sua família sabia que ele era gay: *“Então, meus pais sabem, eu contei quando comecei a namorar”. Rodolfo reafirmou que começou a namorar há oito meses. Sobre como foi que ele contou aos pais, disse: “Foi meio tenso, quer dizer, eu contei primeiro pra minha mãe. Eu falei que tava namorando e que o nome dele era Arthur. Ela chorou, disse que era só uma fase e que eu precisava me reencontrar com Deus. Eu falei que não era uma fase, que fiquei com outros caras e que me apaixonei por um, e que tava feliz (...) Ela*

*disse pra não contar pro meu pai, mas aí eu trouxe o Arthur pra dormir em casa lá pelo terceiro mês de namoro, eu acho que ele sacou (...) Eu não disse nada e ele também não. E tem foto no Facebook nossa juntos, dá pra perceber que é um casal, e meu pai tem Facebook, aí eu acho que a gente não fala sobre isso, é um tabu, mas não faço questão de esconder também”. Rodolfo disse que não se arrependia de ter contado à mãe: “Eu fiquei com um pouco por causa da religião. Mas acho que pela idade, eu me achava tranquilo pra contar. Eu achei que poderia decepcionar meus pais, mas sabia que eles não iam me bater nem me expulsar de casa. Conteí com o coração aberto, e não me arrependo”.*

### ***Falando mais sobre os parceiros sexuais***

Indaguei com quantos homens Rodolfo havia tido relações sexuais em sua vida, ele respondeu: “*Quatro*”. Disse então que durante a nossa conversa, ele comentou que havia transado com “o rapaz do chat UOL”, com quem perdeu a virgindade e seu namorado. Perguntei se ele poderia me falar mais sobre os outros dois rapazes com quem havia tido relações sexuais. Ele disse: “*Então, teve esses outros dois que foram pelo Grindr (...) Acho que já falei que depois que perdi a virgindade eu baixei o Grindr, né? Apesar de ter achado foda ficar no aplicativo, conheci esses dois caras lá (...) Um era daqui de Bangu mesmo(...) Ele tinha uns 30 anos eu acho, da mesma idade do outro, o cara conversou um pouco comigo, também teve um papo legal, foi gente boa, aí ele morava sozinho, o que ajuda bastante, né? (risadas) Aí eu fui lá na casa dele e rolou (...) Isso, ele foi ativo comigo (...) Eu nunca fui ativo na cama, só fui passivo, com os quatro caras que já transei”.*

Apontei que dos quatro homens com quem Rodolfo havia transado, três ele havia conhecido “online”. Ele, surpreso, respondeu: “*Nossa, nunca parei pra pensar, é verdade!!! Um no bate papo, dois no Grindr e um no vôlei. Mas olha, esses três caras que conheci virtualmente, só transei uma vez com cada. Nunca deu nada*”. Indaguei se o jovem havia “dormido” com algum deles, Rodolfo negou, dizendo que só dormiu com seu namorado.

### ***O uso da camisinha nas relações sexuais***

Perguntei também sobre o uso de camisinha nas relações sexuais com os dois homens que Rodolfo conheceu no *Grindr*: “*Olha, Wendell, nunca tive problema com camisinha, nunca mesmo, esses dois caras tinham camisinha e colocaram na hora, não tive problema*

*nenhum (...) Acho que sempre deixei subentendido no Grindr que tinha que ser com camisinha, acho que as pessoas se assustavam um pouco também por eu ser evangélico, mas acho que percebiam que eu não queria ali só putaria e dar sem camisinha”.*

### ***Ser evangélico no Grindr***

Perguntei como era “ser evangélico” nos aplicativos: *“Olha, acho que mais atrapalhava que ajudava (risadas) Te falei de ser fetichizado por ser negro, né? As pessoas achavam que eu era ativo, e faziam muita piada no Grindr por ser evangélico, tinha muitos carinhas que sentiam tesão, mas faziam deboche e me ofendiam”.* Solicitado a explicar sobre o “tesão” e o “deboche”, disse: *“Ah, tesão que tinha gente que perguntava se eu era virgem, se meu cu era apertado, me perguntavam se eu tinha transado com algum pastor da minha igreja, essas coisas (...) E deboche porquê tinha gente que falava: ‘Ah, você é evangélico e tá no Grindr? Você é crente do cu quente! (...) Ou falavam: ‘Você é evangélico, mas tá louco pra ajoelhar e mamar um pau, né?’”.* Indaguei se isso o incomodava: *“Olha, incomodava bastante, mas acho que as pessoas ali só querem fuder mesmo e ali parece uma vitrine, tudo que foge da vitrine ou a pessoa acha meio tesão ou ela debocha, acho que o mundo é assim mesmo. Então, sei lá, eu sempre tive na minha cabeça que eu não queria só sexo, então tinha que ter paciência, mas graças a Deus meu namorado me salvou do Grindr”.*

### ***O início do namoro***

Sobre essa última frase, do seu namorado ter o “salvado”, ele disse: *“Ah, Wendell, minha experiência no Grindr não foi nada boa, né, muita gente querendo sexo fácil, os dois caras que transei não deram em nada, eu não tenho dinheiro pra ficar indo em balada sempre, aí fiquei com o Arthur no vôlei e depois de um mês ficando com ele, deletei o aplicativo. Eu tinha o aplicativo, mas não via a hora de sair dele! Ele também tinha, aí quando conversamos se a gente tava ficando sério ou não, decidimos deletar”.* Perguntei se deletar o aplicativo era uma forma de “prova de fidelidade”. Rodolfo, com entusiasmo, disse: *“Nossa, com certeza! Se você tá ficando com um cara e ele tá no aplicativo, é meio estranho, né? (...) Ah, se a pessoa ainda tá procurando outra, é meio estranho. Se ela deleta o aplicativo, é porque ela tá só com você”.*

### ***O uso da camisinha no relacionamento***

Sobre o uso do preservativo no relacionamento, Rodolfo disse: *“Então, depois de três meses ficando, a gente começou a namorar, estamos namorando há cinco meses. Aí fizemos exames e aí começamos transar sem camisinha. Também conversamos sobre fidelidade, nosso namoro é bem fechado, então dá pra confiar em transar sem camisinha com ele”*. O jovem confirmou que ele foi o único homem com quem havia transado sem camisinha.

Perguntei ao jovem sobre o que ele pensava sobre relacionamentos “abertos” ou “a três”, ele disse: *“Olha, não tenho nada contra, acho que se você for feliz fazendo sexo com outras pessoas e estando com uma, tudo bem, só acho que é sacanagem quando só uma pessoa faz e a outra não sabe. Aí acho que é traição, quando não tem conversa e só uma pessoa faz, e relacionamento a três é a mesma coisa, se os três estão bem, tá ok”*. Perguntei se ele se via em um relacionamento aberto ou a três: *“Ah, não! Não é pra mim. Teve um momento que o Arthur viajou e rolou uma conversa dessa viagem dele, ele ficou 15 dias fora. Aí conversamos e ninguém ia pegar ninguém. Eu acho que eu não ia aguentar, mesma coisa a três, ia acabar sentindo ciúmes (...) Tipo, não quero parecer careta, mas eu tô bem feliz no meu namoro, não mudaria nada”*. Rodolfo disse que seu namorado tinha 24 anos.

### ***Ficar com pessoas trans***

Perguntei também se Rodolfo beijou alguma pessoa trans em sua vida. Ele, de certa forma espantado, respondeu: *“Nossa, não, nunca!”*. Perguntei o que ele pensava sobre pessoas trans: *“Cara, eu acho super legal, mais uma vez, não tenho nada contra, mas nunca fiquei e nem sei se ficaria”*. Solicitado a falar mais sobre a última frase, o jovem respondeu: *“Ah, não sei, tipo, tô pensando num homem trans, no fundo no fundo ele tem buceta, né? E assim, eu sou passivo, como que ele vai me comer, com o dedo? (risadas). (...) E uma mulher trans? Humm, no fundo ela ia ter um pinto, né? Cara, difícil a pergunta, mas acho que também não ficaria (...) Acho que quando a gente fica com um homem, a gente fica pelo conjunto, né? Ter jeito de homem, voz de homem, se não, a gente ficaria com mulher mesmo, e acho que é isso, a mulher trans tem pinto mas é mulher também (...) Não sei muito sobre, tipo, nada contra, eu super respeito, eu acho que todo mundo tem que ser o que realmente é na vida, mas não sei, não tenho proximidade e nem tesão, mas nada contra”*.

### ***O uso de drogas nas relações sexuais***

Perguntei se Rodolfo fazia uso de alguma droga durante as relações sexuais, ele negou, disse que fumou maconha “apenas” uma vez na vida (não durante alguma relação sexual) mas que “não curtiu”.

### ***Outras sociabilidades***

Retomei um assunto anterior de nossa conversa, que o jovem havia comentado que não tinha muito dinheiro para sair. Apontei então que tinha outras formas de conhecer pessoas, como “lugares de pegação”, como Aterro do Flamengo, em *shopping centers* da cidade ou se em Bangu não tinha algum “ponto” de pegação como esses que havia citado. Rodolfo me disse: *“Ah, tipo, você sempre ouve que tem pegação no shopping Bangu, por exemplo, e também no parque ali perto da Estrada do Engenho, mas sei lá, eu não curto isso, nada contra, sabe? E muito menos o Aterro que todo mundo diz que é perigoso (...) Se for pra fazer sexo com alguém sem conhecer direito, acho melhor Grindr”*.

Perguntado o porquê de achar o *Grindr* “melhor” que outros lugares de pegação, o jovem respondeu: *“Ah, querendo ou não acho que o aplicativo é mais limpinho, te ajuda porquê você não precisa sair de casa, sem correr riscos, você pode tá fazendo nada em casa e procurando alguém pra conhecer, sem se expor ou correr muitos riscos (...) Sei lá, eu tô me imaginando saindo de Bangu, pegar quase duas horas de trânsito pra ir no Aterro [do Flamengo] só pra fazer pegação, e sei lá, vai que eu não goste de ninguém, vou ter que voltar pra casa, mais duas horas de viagem, gastado dinheiro com passagem, risco de ser assaltado (...) Então prefiro marcar pra tomar uma cerveja com um cara pra ver se rola alguma coisa”*.

Pedi a ele me falar sobre “achar o *Grindr* mais limpinho”: *“Tipo, não tô dizendo que o Aterro não seja limpinho no sentido ruim. Mas acho que é pela questão dos riscos mesmo, de você tá mais seguro em casa e não se expor muito em lugares públicos, acho que é melhor nesse sentido, mas nada contra quem faz pegação no aterro, só não é pra mim e eu não curto”*. Perguntei se ele namoraria alguém que havia feito “pegação em locais públicos”. Ele respondeu: *“Não sei, acho que te falei do negócio do aplicativo, quando duas pessoas namoram têm sim que deletar o Grindr, mas eu não sei se confiaria em alguém que faz pegação no aterro. Tipo, quando o Arthur fala que vai jogar vôlei, eu acredito e confio que ele vai jogar vôlei, não sei se ele tivesse feito pegação no aterro eu teria confiança assim”*.

### ***Informações sobre infecções sexualmente transmissíveis***

Indagado sobre como obteve informações sobre relações sexuais, camisinha e ISTs, o jovem disse: *“Olha, acho que primeiro foi na escola, tipo na aula de Biologia, sabe? Em casa nunca se falou nada, mas foi na internet mesmo que aprendi tudo! (...) Desde que eu fiquei vendo filme pornô eu procurava sobre as coisas, de como usar camisinha, lembro que ninguém me falou nada sobre fazer limpeza, sabe? (...) Sim, fazer a chuca<sup>5</sup>! (risadas) Eu tinha vergonha de perguntar isso pros meus amigos, então procurei sozinho na internet mesmo. Acho que até isso a internet te ajuda, sabe, você perder a vergonha porquê tá sozinho, aí você pesquisa o que quiser, digita o que quiser, ninguém precisa ficar sabendo, mas tem que tomar cuidado pra não ser pego né (risadas) (...) Mais pra esses tempos eu pesquisei o que era PREP, que o pessoal tava falando, achei bem legal, você pode tomar de graça, né, mas não sei, como tô num namoro fechado e ninguém tem nada, não pesquisei mais, mas achei super legal, tudo que li sobre PREP foi na internet, nunca ninguém me falou nada!”*.

Perguntei o que mais Rodolfo teria “aprendido” na internet: *“Nossa, tudo! Usar camisinha, fazer a chuca, a chupar um pau (risadas), coisas de doenças (...) Não sabia que sífilis passava por sexo oral, vi isso na internet (...) Cara, não sei, é difícil responder suas perguntas porquê só agora paro pra pensar nisso, é algo automático na cabeça, se tô com alguma dúvida, eu digito no Google: ‘Como fazer tal coisa’; ‘Aprender a fazer tal coisa’ (...) Nunca parei pra pensar, mas posso te dizer que a internet me libertou de muita coisa (...) Ah, da minha religião, acho que dos meus pais também, de não ter que seguir eles em tudo, se eu tiver com alguma dúvida e tiver com vergonha, a internet vai me ajudar porquê não tem ninguém ali vendo o que tô fazendo ou procurando, é libertador nesse sentido”*.

---

<sup>5</sup>O termo designa o ato de fazer uma limpeza no intestino para a prática do sexo anal, ato também conhecido como enema ou ducha retal (Agência de Notícias da Aids, 2017).

### ***Finalizando a entrevista***

No final da entrevista, agradei sua disponibilidade e perguntei se ele queria me falar algo a mais da sua trajetória: *“Acho que falei tudo! (risadas) Mas achei bacana a entrevista, nunca tinha pensando sobre a internet na minha vida, eu ainda tô chocado que quase todos os caras que transei na minha vida eu conheci virtualmente! Mas é isso, acho que de tudo que eu falei, eu acho que meu saldo na internet é bastante positivo, de ter me conhecido e aprendido muita coisa na internet, não sei mesmo como seria minha vida sem a internet, como eu teria perdido minha virgindade, como eu ia ter conhecido tanta coisa sobre tudo, de sexo, de mim, então é isso, com certeza eu vou ficar conectado por muito tempo na internet, com certeza pra sempre (risadas).*

Perguntei se Rodolfo tinha algum amigo que não morasse na Zona Sul e não fosse de classe média para participar da pesquisa, ele afirmou que sim. Combinamos que ele entraria em contato com este amigo – que eu não conheço –, e caso ele concordasse, eu entraria em contato com ele para marcamos uma entrevista.

## **Rodolfo**

Tabela 2. Síntese da história do jovem Rodolfo

<b>Rodolfo</b>	<b>Escolaridade/ Trabalho</b>	<b>Família</b>	<b>Síntese da trajetória afetivo-sexual</b>	<b>Referências sobre seu corpo</b>	<b>Experiência do uso da internet</b>	<b>Experiência de violências online</b>
<p>22 anos</p> <p>“Negro”</p> <p>“Evangélico”</p> <p>Nasceu no estado do Rio de Janeiro. Sempre morou em Bangu</p> <p>Namorava pela primeira vez há 8 meses</p>	<p>Cursando o segundo ano de Engenharia Civil em uma faculdade particular</p> <p>Não trabalhava</p>	<p>Morava com a mãe, o pai e um irmão. A mãe tinha 51 anos, costureira. O pai tinha 55 anos, “trabalhava em construção”. O irmão tinha 15 anos, estudante de uma escola pública. Todos evangélicos</p> <p>Se assumiu gay para os pais aos 21 anos, quando começou a namorar</p>	<p>Primeiro beijo com uma menina, aos 18 anos. Ela tinha 17. Se conheceram na igreja. Nunca transou com mulher</p> <p>Primeiro beijo com homem aos 19 anos, rapaz “com mais ou menos 23 anos”, se conheceram em uma “balada gay”</p> <p>Primeira relação sexual com homem aos 20 anos, parceiro com 30, se conheceram pelo chat <i>UOL</i>. Foi passivo na primeira relação, com uso da camisinha e “vinhos para beber”.</p> <p>Total de quatro parceiros sexuais. Três conheceu <i>online</i></p> <p>Jovem se considerava “só passivo”</p> <p>Começou a se masturbar aos 15 anos, vendo filmes pornô heterossexuais através da <i>internet</i></p>	<p>Se considerava “negro”, “evangélico”, “musculoso”, “masculino”, “pau normal”, “só passivo”</p>	<p>Tinha computador em casa, dividindo com o irmão. Pais pagavam <i>internet</i>. Jovem tinha celular próprio</p> <p>Chat <i>UOL</i> desde os 15 anos e <i>Grindr</i> desde os 20</p> <p>Namorado o “salvou” do aplicativo. Não utiliza mais apps desde o início do namoro</p>	<p>Ser bloqueado “diversas vezes” por ser passivo, malhado e negro</p> <p>Segundo o jovem, o xingavam por ser “negro passivão”</p>



## *André*

---

*“Eu ficava muito mal por ser afeminado, peludinho e gordinho. Ninguém me queria”*

---

André também era um conhecido do vôlei. Joguei vôlei com ele na quadra da Lagoa Rodrigo de Freitas, bem como na areia de Copacabana ou Ipanema. Por André morar na favela Vidigal, o jovem era “assíduo” com o vôlei praticado na Zona Sul da cidade. Pensei em entrevistá-lo pois já tinha o visto algumas vezes durante o vôlei. Posso dizer, de certa forma, que dentre os quinze entrevistados, André era o que eu mais tinha “contato”.

Além disso, também o considero um jovem interessante, pois algumas vezes, quando alguma outra pessoa fazia algum comentário sobre masculinidade, André prontamente discutia, ou no grupo de *Whatsapp*, ou na prática de vôlei. Como exemplo, um integrante do grupo, em 2018, comentou que havia ficado “com um cara lindo”, e “só” foi passivo com ele, pois o rapaz “tinha jeito de homem de verdade, voz de homem de verdade, e não era um viadinho pão com ovo”. André, bastante incomodado, iniciou uma conversa sobre os diversos preconceitos contidos nesse desse comentário. Em outra ocasião, o grupo iniciou uma conversa sobre “ficar com trans”, em que muitos comentários transfóbicos poderiam ser vistos. André, mais uma vez, explicou sobre a preconceito presente nos comentários, e como as pessoas dali propagavam ideias machistas e excludentes.

André, de certa forma, sempre se considerou “afeminado”, e dizia que “sentia muito orgulho de ser assim”. Prontamente pensei no jovem pois o considerava “não normativo”, quando comparado com outros jovens do grupo. André aceitou meu convite, e conversamos em um café localizado em Ipanema, perto de sua casa.

### ***Caracterização sociodemográfica***

André tinha 19 anos no momento da entrevista, nasceu em 2000. Morava no Vidigal, favela da Zona Sul. O jovem se autodeclarou da cor/raça “pardo” e não tinha nenhuma religião. Disse que “nasceu” católico e complementou: *“Aí fui crescendo e sei lá, vi que a*

*religião não tinha muito sentido pra mim. Acredito em Deus, mas não sigo nada. Mas meus pais são religiosos, principalmente minha mãe, que vai na missa toda semana!”.*

Ele nasceu no estado do Ceará, no município Sobral, que segundo o jovem, tinha cerca de 200 mil habitantes. Seus pais também são dessa cidade. Seus pais vieram para a capital carioca para “tentar uma vida melhor”, quando André tinha oito anos. Seu pai era porteiro na Zona Sul e sua mãe, diarista. Seu pai tinha 40 anos e sua mãe, 35. O jovem tinha um irmão, de 14 anos. André terminou o ensino médio em 2018 e começou a trabalhar em uma loja de telefones celulares em um *shopping* da Zona Sul como vendedor. Disse que não tinha certeza se iria fazer “universidade”, pois “não tem muita paciência pra estudar”. Relatou que se fosse escolher algum curso, faria Educação Física, pois gostava muito de vôlei.

### ***Primeira experiência amorosa***

Sobre sua primeira experiência amorosa, respondeu: *“Foi lá pelos 14 anos, ela tinha essa idade também, a gente se beijou na escola! (...) Só que... eu não sei se era bem amor, ou sentimento, quer dizer, tenho certeza que não era amor, acho que só fui ter clareza mesmo do que era ter sentimento por alguém lá pelos 17, quando comecei a gostar de um menino. Mas ela foi meu primeiro beijo, a gente se conheceu na escola, ficava conversando, a gente lanchava junto e um dia ela me beijou!”*. Perguntei se André ficou surpreso com o beijo: *“Acho que sim, eu não via ela dessa forma, sabe? Como meu provável primeiro beijo, via ela como minha amiguinha que passava o lanche junto, mas com certeza gostava muito dela, mas acho que como amiga, não como namorada (...) É... mas enfim, foi meu primeiro beijo!”*.

### ***A pressão para o primeiro beijo***

Perguntei se houve alguma pressão por parte de sua família ou amigos para beijá-la, ele respondeu: *“Assim, na hora acho não me pareceu muito, mas olhando pra trás acho que sim, eu era o único menino do grupo da sala que nunca tinha sido visto beijando uma menina, aí meio que pra seguir a expectativa dos meninos, acho que sim, beijei ela lá na escola pra todo mundo ver eu acho, poderia ter sido num lugar mais calmo (...) Foi muito diferente do cara, né, que eu beijei sem ninguém saber mas que eu sei que eu queria muito!”*.

Sobre as expectativas dos amigos, disse: *“Acho que expectativa pra eu provar que era homem de verdade, meio que pra eu ter uma prova que não tinha chance de ser viado e*

*o beijo numa menina ia ser a comprovação. Sei que parece idiota, mas acho que quando bem criança, essas pequenas coisas contam muito pros amiguinhos, de provar que é machinho e tal. Quem fala mais palavrão na sala, é mais marrento, beija mais menininhas (...) Hoje eu tenho preguiça, mas quando pequeno, não conseguia entender essas coisas”.*

### ***O primeiro beijo com um homem***

Pedi então a André que me falasse sobre a primeira experiência de beijar um homem: *“O cara que eu dei meu primeiro beijo foi no shopping, acredita? (...) Eu tava no shopping Leblon passeando e entrei no Grindr (...) Eu tinha 16 anos, eu nunca tinha beijado um cara mas tinha curiosidade, aí todas as gays falavam do Grindr e eu baixei (...) Aí ele era super bonitinho, disse que tava no shopping de bobeira e se eu tava a fim de encontrar com ele, aí como eu não tava fazendo nada, disse que topava (...) Aí ele disse pra eu encontrar ele no banheiro (...) Eu fiquei com um pouco de medo, mas achei excitante também (...) Aí a gente marcou o andar do shopping e a cabine do banheiro, aí a gente deu uns beijos bem bons no banheiro mesmo”.* Perguntado sobre a idade do homem com quem beijou, André disse que ele tinha 32 anos. Apontei que o rapaz tinha o dobro de sua idade, e se André achava que essa diferença de idade era grande: *“Ah, na real acho sim, mas sei lá, foi só pra beijar mesmo, aí acho que não me importei muito, eu não curto cara mais velho que eu, mas acabou rolando e foi com ele mesmo. Ele não parecia tão mais velho assim, era bem jovem (risadas)”.*

Perguntei se André havia gostado da experiência, ele respondeu: *“Foi super bom, não me arrependo e faria de novo (risadas). Mas acho que fiz só pra fazer de uma vez, queria muito beijar logo um cara. Mas só depois de um tempo que eu me vi como gay mesmo, sabe? (...) No sentido, tipo, que eu beijei um menino numa boate e depois a gente foi na praia, foi meu primeiro sexo oral também, acho que ali mesmo eu me vi como gay, porquê antes a gente se pergunta, né: ‘Será que eu sou?’; ‘Será que eu não sou?’, tipo essas coisas! Aí esse momento no banheiro eu não tive certeza de nada, já quando eu me vi na praia pegando na mão de um menino e sentindo algo diferente, acho que isso que me marcou mais!”.*

### ***Um pouco mais sobre a ida a boate***

Pedi a André me falar mais sobre a sua ida na boate: *“Ah, eu devia ter uns 17 anos (...) Acho que nem pediram minha identidade não, entrei menor de idade mesmo, e tava super*

*bêbado (risadas). Aí eu vi um menino gatinho, a gente se olhou e demos uns beijos (...) Ele era um pouco mais velho que eu, acho que se tinha 22 era muito (...) Aí foi isso, fomos na praia acho no outro dia e tivemos um mini casinho, mas não chegamos a transar, foi amorzinho de boate mesmo e foi a primeira vez que chupei alguém! (risadas) (...) Chupei ele em casa, sem meus pais, na casa dele, sem os pais dele e na praia também! (risadas)”*

Perguntei como havia sido conseguir dinheiro para ir à boate, André respondeu: “Ah, foi normal, acho que algum amigo meu conseguiu lista VIP pra mim, aí não precisei pagar, né? Aí peguei um busão e desci na Lapa pra beber caipirinha e vodca, aí já entrei bem locão na festa, acho que bebi bem pouco lá porquê tudo na festa é caro, mas sei lá, acho que gastei nem 30 reais com tudo, foi bem de boa! Caipirinha da Lapa é um ícone, né? Cinco reais e é pura cachaça, você nem precisa gastar muito (risadas) (...) Acho que faço isso até hoje, entro bêbado pra não ter que gastar dentro dos lugares (...) E sempre dá certo (risadas)”

O jovem disse que “gostou bastante” de ter ido a boate pela primeira vez e que se sentiu “livre” na festa. Sobre “se sentir livre”, me explicou: “Ah, Wendell, é que assim, você meio que é criado achando que beijar homem e ser gay é uma coisa errada, né? E quando você vai num lugar gay, e vê homem beijando homem e mulher beijando mulher, eles se pegando na mão um do outro, dançando do jeito que querem dançar, dando pinta, você sente que tá no lugar certo e que você não tá tão errado assim, aí você se sente bem”.

### ***Primeira relação sexual com homem***

André disse que nunca havia feito sexo com mulher e me contou sobre sua primeira relação sexual com homem, aos 17 anos: “Foi com um amiguinho da rua, um pouco depois que eu fui na boate (...) Mas ah, eu morava no morro da Formiga, a gente se mudou pro Vidigal faz um ano mais ou menos (...) Então, aí a gente jogava vôlei ali na Tijuca e a gente sempre voltava junto, aí como a gente era amigo de vôlei e de rua, a gente frequentava a casa do outro, aí um dia ele me chamou pra ir na casa dele ver um filme que ele tinha achado na internet (...) Quando eu cheguei lá, ele falou que achou um pornozão e perguntou se eu queria ver junto com ele, aí eu falei que sim (...) Aí tipo, nossos paus ficaram duros, né? Aí ele colocou o pau dele pra fora e perguntou se eu não queria tocar. Aí eu toquei, né? Toquei, chupei, sentei, fiz tudo (risadas). Perguntado se André gostou da experiência, disse: “Foi bem bacana, nunca parei pra pensar nisso, mas ele era meu amigo, eu tinha um carinho por ele,

*mesmo eu sendo meio afeminadinho, ele tava sempre ali comigo, sabe? Acho que foi legal”.*  
Seu amigo tinha 19 anos na época.

Se gostou da primeira relação sexual, ele disse: *“Ah, gostei sim, tipo, tava com um pouco de vergonha, né, acho que no fundo eu tava pensando se aquilo ia afetar nossa amizade, mas eu gostei (...) Quer dizer, olhando assim pra trás, não foi tão bom porquê acho que ele não fez muita coisa em mim, eu que tinha que fazer nele (...) Ah, eu que toquei no pau dele, eu que chupeei, eu que fiquei por cima (...) Tipo, primeira vez que penso nisso, na hora eu não tava pensando, não sei se ele me chamou com a intenção de ‘apenas comer o amigo viado’, por isso não fez nada em mim, mas ele que foi o passivo da relação apesar de ter sido eu quem deu a bunda! (risadas)”.* Perguntei o que André achava que seu amigo poderia ter feito na cama para o jovem: *“Ah, me chupar também, né? Chupar meu pau, meu cu (risadas) (...) Ou sei lá, me beijar com vontade, acho que ele só queria me comer mesmo!”.*

### ***O “passivo ativo” e o “ativo passivo”***

Pedi ao jovem para me explicar um pouco melhor sobre “ter sido o passivo ativo” na relação sexual. Ele explicou: *“Ah, no sentido, tipo, todo mundo acha o ativo que come é o ativo na cama também, né? Aquele que faz tudão, que te domina, essas coisas, mas nem sempre é assim, tem muito ativo que é passivo na cama, que espera que você faça tudo pra ele, que você chupe, que você dê prazer pra ele, e ele fica ali, de pau duro esperando você fazer tudo. Eu acho ‘uó’! (risadas).”*

Perguntei se André transou com muitos “ativos passivos” em sua vida: *“Acho que sim, principalmente aqueles caras que você conhece por aplicativo!”.* Solicitado a falar um pouco mais sobre essa “ligação” entre “ativos passivos” e “caras do aplicativo”, ele explicou: *“Acho que os caras ativos dos aplicativos são meio folgados, tipo, já conversei com muitos que queriam que eu ‘só’ chupasse o pau dele, desse a bunda e fosse embora (...) Sem me dar nem um beijo, sabe? (risadas) Eu às vezes acho que a internet libera o pior das pessoas (...) Não sei se tô falando besteira, mas é isso, você vê esses perfis dos aplicativos, com um tom bem escroto falando: ‘Só fale comigo se você tiver voz de homem’; ‘Sou homem e procuro homem, se você não for macho, vai procurar um viado’; (...) Ai sabe, como que é ter voz de homem, afinal? E tipo, quando você fala que não curte alguma coisa, tipo, que você não vai na casa do cara só pra chupar ele e pra dar pra ele, ele fica com raiva, te xinga e te bloqueia”*

(...) Parece que as pessoas estão ali só pra satisfazer um tesão do momento, e se você não satisfaz o tesão dele ali na hora, você já vira descartável, e mais que isso, né, a pessoa parece que tem o direito de te xingar, te fazer se sentir mal e te bloquear (...) Sentir mal no sentido de você se sentir um bosta, meio que inútil e como se você tivesse errado, pensando se você deveria ter mais voz de homem, ou mais jeito de homem, não sei, eu lembro que quando eu comecei a usar a internet, era tão bom, você se sentir livre e fazer o que bem queria, mas sem maldade, hoje acho que não, parece um campo minado (risadas).

### ***Se sentir “livre” e estar em um “campo minado” na internet***

Pedi ao jovem me explicar melhor sobre o “se sentir livre” e o “campo minado”:  
“Olha, quando eu era bem pirralho eu só lembro que eu tava feliz usando meu Orkut, meu MSN e vendo meu filme pornô na internet (risadas) Eu não via a malícia das coisas, mas até no chat UOL, as pessoas falavam putaria mas não eram assim tão chatas e tão implicantes (...) No sentido de que parece que as pessoas tavam ali só pra falar putaria, pra ver um pinto ou uma bunda, pra bater uma punheta com você, elas não ligavam tanto pra tudo, se você tinha pêlo, se você era gordinho, se você era afeminado, se você tinha voz de homem, a pessoa só tava ali pra gozar e ser feliz, sabe? Tipo, agora pensando aqui, eu não sei se porquê a internet era meio ruinzinha há alguns anos (...) Mas acho que antes era menos complicado as coisas. Eu não sei se era porque era muito novo, mas não lembro de alguém me perguntando se eu era “macho” ou “homem de verdade” (...) Me perdi aqui dentro da minha cabeça (risadas) Acho que antes as pessoas tavam ali pra gozar e pra ser feliz, sem se preocupar muito com quem tava batendo uma, se a pessoa encaixava perfeitamente na listinha dela de homem perfeito, por isso acho que era tudo mais livre, e acho que hoje as pessoas ligam muito pra essa listinha, por isso é um campo minado, se você não se encaixar na listinha, você pisa na bomba e já não tem nem mais papo nem encontro, e ainda te xingam e você é bloqueado. No começo, eu ficava muito mal por ser afeminado, peludinho e gordinho. Ninguém me queria. Hoje entendo que as gays que são muito chatas mesmo e eu não tenho que ter vergonha de ser quem eu sou”.

Sobre a idade do jovem nessas experiências, ele disse que frequentava o chat *Uol*, o chat *Terra* e o site *ManHunt* para “ver pintos e se masturbar” com 14 anos, ou seja, em 2014. Já o *Grindr*, o jovem fazia uso do aplicativo desde os 16 anos, ou seja, desde 2016.

### ***Falando um pouco mais sobre masturbação***

Solicitado a falar um pouco mais sobre suas primeiras experiências de masturbação, disse: *“Então, foi lá pelos 14 anos mesmo, acho que foi mais por causa dos amigos, deles dizendo que já tinham gozado, acho que a primeira punheta é a primeira menstruação da mulher, é um evento importante (risadas) (...) Aí os amigos falam coisas do tipo: ‘Ah, bati uma e saiu porra pra caralho’; (...) Eu fiquei curioso, pra saber o que era e como que fazia (...) Aí eu procurei na internet o que era. Pedi pra um amigo me emprestar uma revistinha pornô (risadas) (...) Aí até bati punheta vendo a revista, mas aí eu não gostei muito não, a revista era hétero (risadas) Aí acho que logo na mesma semana depois fui bater punheta vendo filme pornô gay mesmo (risadas) (...) Sim, tudo pela internet (...) Ah, acho que na internet você vai descobrindo as coisas também, né, acho que primeiro você digita as coisas básicas, tipo: ‘pornô gay’; depois você vai aprendendo o que você gosta e vai refinando o que você digita (risadas) Tipo, eu curto caras parrudinhos e peludos, aí hoje pra ver filme pornô eu digito ‘parrudo peludo’. No começo parece um parque de diversões, mas depois você vai vendo quais brinquedos você gosta mais e volta sempre nos mesmos (risadas).*

### ***O que é “ser homem”***

Perguntado se havia escutado durante a infância afirmações sobre “ser homem”, ele afirmou que “várias vezes”, e explicou: *“Então, meu pai é bem nordestino, pra ele com 15 anos já tinha que ter comido algumas meninas. Mas dava pra ver que eu era diferente e meu pai sempre perguntava das menininhas, e acho que os amigos também, eles dizendo que tinha ido fazer trabalho na casa de uma garota e acabou transando com ela, você no fundo nem sabia se era verdade, mas eles falavam, aí você fazia cara de paisagem, por que você nunca tinha transado com mulher e não sabia o que fazer, aí eu ficava quietinho na minha!”.*

Perguntei se escutava mais frases/afirmações sobre “ser homem” na família: *“Ah, sim, acho que não só na família, mas na escola também (...) Não podia ter jeito de menina, não podia jogar vôlei, não podia rebolar, não podia falar fino, um monte de ‘não pode!’”. (...) E sei lá, os aplicativos de pegação são um bom exemplo (...) No sentido de tipo, você também vê esse um monte de ‘não pode’: ‘Não pode ter voz de menina’; ‘Não pode ser afeminado’; ‘Não pode ser gordinho’; (...) Aí é isso, tem essas coisas que o gay masculino é mais valorizado né, acho que isso vem desde a infância e a gente vê nos aplicativos e em todos os*

lugares (...) Na escola, na família, na rua, e até no mundo gay, você muito dessas coisas de como você tem que se portar nos aplicativos!”.

### ***Diferenças entre o ativo e passivo sexual***

Indagado se para André, existia diferenças entre “homens ativos” e “homens passivos”, ele disse: “Ah, sim, eu hoje me considero passivo, com muito orgulho, desde que comecei minha carreira (risadas) Na verdade, nunca fui ativo, e nem quero ser! (risadas) Aí hoje eu sou passivo assumido (...) Acho que passivo sofre mais preconceito sim, por essa conta de masculinidade, como se o ativo fosse mais homem que o passivo, que o passivo dá e é mulher, mas eu fico com preguiça, preguiça desse papo de que passivo não é homem (...) Ah, eu tenho preguiça que no mundinho da internet, a versatilidade vai salvar a humanidade, né? E todo mundo é versátil nos aplicativos. Mas eu como passivo, posso te afirmar que esse povo não é versátil porra nenhuma. Tipo, já cansei de conversar com caras no Grindr que falam que são “Versátil ativo” ou “Versátil” e depois que eu falava que era passivo a pessoa me bloqueava ou parava de falar comigo, alguns até me bloqueavam, outros diziam: ‘Ah, eu sou mais ativo mas hoje eu tô querendo dar!’ (...) É tudo passiva mentirosa que não bate no peito que quer dar (...) E eu já percebi, depois que eu tinha colocado “passivo” no meu Grindr, bem menos gente vinha falar comigo (...) Parece que hoje você tem que ser versátil, mas no fundo todo mundo ou é passivo ou é ativo e tem um gosto específico (...) E ah, a gente ouve que tá faltando ativo no mercado, mas não concordo com isso também, acho que se todo mundo escolhesse menos, todo mundo transaria (risadas) O passivo não quer que o ativo seja de tal jeito e o ativo não quer que o passivo de outro. Se os passivos não tivessem vergonha de se assumirem passivos, as coisas seriam mais simples também (...) Aí é isso, eu sinceramente não conheço nenhum casal versátil, não tô dizendo que não exista, mas acho que tá mais na esperança das gays do que na realidade (...) E acho que o versátil do aplicativo tá só ali, pescando, até acho que ele pode ter mais gente procurando ele pra conversar e fuder, mas no fundo no fundo, ele sabe o que ele quer”.

### ***Falando um pouco mais sobre o mundo gay***

Indaguei se André achava que a diferença entre ativo e passivo era a única que ele presenciava nos aplicativos: “Olha, com certeza não. Acho que tem muita hierarquia de ser



*ativo ou passivo, mas acho que mais ainda tem a hierarquia de afeminados e não afeminados. Acho que digo isso por que eu sou afeminado, eu pelo menos me considero, acho que os não afeminados tem uma passabilidade na sociedade que os afeminados não tem, e pra mim, acho que isso independe dele ser passivo ou ativo (...) No vôlei mesmo, os passivos com 'jeito de macho' são muito mais respeitados que os ativos que desmunhecam. Depende muito do modo que você se mostra pra sociedade, quem não é afeminado consegue se encaixar na sociedade por que eles não são reconhecidos na hora que são gay, eles passam por hétero, aí acho que eles têm esse privilégio (...) E que isso fica bem evidente nos aplicativos”.*

### ***Ser “afeminado” e “morador de favela” nos aplicativos***

André disse novamente que baixou o *Grindr* aos 16 anos. Perguntei como era estar nos aplicativos, se por exemplo, se sentia de alguma forma “fetichizado” por ser menor de idade, ou ainda, por ser “novinho”: *“Olha, por ser novinho, eu não sei, mas acho que talvez mais por ser morador de favela”*. Logo explicou: *“Ah, como te falei, moro muito perto do Sheraton e do Leblon, aí quando me perguntam onde eu moro, e eu falo Vidigal, me perguntam se eu pareço favelado, se eu vendo drogas também, se meu pau é grande, os gringos também pensam que eu sou ativo, alguns perguntam de drogas. Quando falo que sou passivo, muitos me bloqueiam (...) Eu não falo inglês, mas aí uso o Google Tradutor e dá pra conversar, né! (risadas) (...) Eu me incomodo porquê mais uma vez, eu acho que tá todo mundo com essa listinha de preferência, não acho que tinha que ser assim”*.

Perguntei também se havia outra experiência que o jovem percebia certas hierarquias: *“Ah, como te disse, acho que por ser afeminadinho (...) Tipo, quando mando minha foto, os caras perguntam se eu sou afeminado, aí falo que sou normal, aí têm uns que me bloqueiam, que dizem que se eu sou ‘normal’ é porque devo ser um ‘viadinho’, mas aí tem uns que dizem que gostam e perguntam se eu gosto de usar calcinha (...) Pois é, eu não curto usar calcinha, aí parece que o afeminado só serve pra atender os fetiche e ser a mulher na cama! (...) Aí eu não sei, eu acho que isso é uma hierarquia também (...) Porque se você é afeminado, parece que você não existe, tem que tá ali só pra servir o machão, como se a vontade deles importasse mais que a sua! (...) Daí é isso, eu tinha o aplicativo mas odiava, era muito frustrante usar. Como agora namoro, eu e meu namorado deletamos ele!”*

### ***Um pouco mais sobre o namoro e as regras do casal***

Indaguei se André havia conhecido seu namorado pelo *Grindr*, ele afirmou que sim e também afirmou que este era seu primeiro namorado: *“Aham, meu primeiro namorado, com pedido e tudo (risadas) (...) Então, eu tava em Copacabana e a gente marcou de se encontrar, aí o papo rendeu e a gente ficou, aí combinamos de sair de novo e foi rolando sentimento! (...) Aí é isso, tô há oito meses com ele (...) Depois de uns dois meses a gente teve uma conversa sobre aplicativo e decidimos juntos deletar ele”*. Seu namorado morava em outra favela da Zona Sul, localizada em Copacabana e tinha 25 anos.

Pontuei se para o casal, deletar os “aplicativos de pegação” era uma “prova de fidelidade”: *“Ah, é sim, tipo, nosso relacionamento não é bem fechado, mas tem umas regras”*. Sobre as regras do casal, o jovem disse: *“Então, o namoro é meio que aberto, mas assim, têm as regras e acho que a gente consegue ser bastante sincero um com o outro (...) Sincero no sentido de conversar bastante. Logo que a gente começou a namorar, a gente falou que quando chegasse o dia que um tivesse vontade de ficar com outra pessoa, que o outro fosse sincero, e foi isso que aconteceu, aí acho que ter um relacionamento meio aberto parecia uma boa opção, que era algo que os dois queriam. Aí tem essa regra de que se quiser ficar com outra pessoa separada (...) separada no sentido da gente não tá junto, não é a três, é cada um com seu boy, aí a gente fala na sinceridade: ‘Amor, tô indo encontrar com um cara que conheci em tal lugar, de boa?’; Mas a gente não dá detalhes, não fala como foi a transa (...) E ah, tem aquela regra bem básica, que é não se apaixonar e de não repetir (...) Tem outra regra também, não pode pegar ex namorado (...) Por quê, é aquele negócio, se apaixonar vai complicar tudo, e ex é pior ainda, sempre complicado! Aí não pode! (...) E não pode ter aplicativo e de deixar bem claro pra outra pessoa que a gente tem namorado (...) Acho pra gente, é mais ou menos isso, não adianta nada você namorar ou ter um relacionamento aberto mas ter atitudes de gente solteira, se for pra isso, que fique solteiro mesmo, né? Aí é isso, custa nada avisar e ser sincero, e tá tudo certo!”*

### ***Conhecer homens através de aplicativos***

Perguntei se André havia conhecido a maioria dos homens com quem havia transado através de aplicativos: *“Então, acho que sim, eu não transei com tantos caras assim, faz dois anos que perdi minha virgindade e tô namorando há oito meses (...) Mas acho que sim, antes*

*do namoro eu não fiquei sério com nenhum cara, tive uns peguetes mais sérios que eu até deletava o aplicativo por causa deles, mas aí a gente termina com o boy e fica meio triste, aí você coloca o modo biscate e transa um pouco mais! (risadas)”.*

Indagado sobre quantos parceiros sexuais teve em “sua vida”, André disse que “nove”, fazendo uma rápida conta nesse momento: “É, teve o boy da virgindade, aí teve um que conheci em outro vôlei, teve dois de pegação no aterro e os outros cinco foram pelo Grindr (risadas) Caramba, metade praticamente na internet (risadas)!”.

Com essa fala, perguntei se André achava que os aplicativos faziam com que os homens gays tinham maior possibilidade de transar: “*Humm, olha, eu não concordo com essa sua frase, acho que eles facilitam praquelas pessoas que têm o perfil desejado, aquelas características padrão (...) Um corpo bonito e malhado, um pau grande, ter dinheiro e local, barba, se você colocar a foto de um corpo sarado, isso vai chamar bem mais atenção do que de um corpo normal. Eu falo por mim, por não ter esse corpo padrão, sei da dificuldade que é estar solteiro e ter que caçar nos aplicativos um homem bonitinho pra te comer (...) Ah, no sentido que não é fácil mesmo! De você levar bloqueadas, às vezes você tá ali com mega tesão, mas aí tem toda essa burocracia de mandar foto, mandar foto do pau, da bunda, do peito, do rosto, tem gente que até pede que você mande áudio pra ver se sua voz é grossa. Ninguém ali tá ali pra pegação, tá ali pra escolher alguém da listinha. Daí como eu sei que não tô na listinha, aí acabo demorando mais pra conseguir alguém pra transar (...) Muitas vezes quando você arranja alguém bonitinho pra transar, ele te sacaneia!”.*

#### ***Um pouco mais sobre a dificuldade em conseguir alguém para ter relações sexuais***

Perguntado sobre como outros homens “sacanearam” André, ele me explicou: “*Ah, acho que muito da questão da camisinha, sabe? Tipo, todos esses outros caras que eu transei, eu transei no Sheraton, que é pertinho daqui de casa (...) Mas assim, eu sempre passei longe dos perfis do aplicativo que dizem que querem fazer sexo sem camisinha, te juro! Sempre deixei bem claro que só rolava com camisinha (...) Mas sei lá, eu acho que essas coisas de camisinha são mais difíceis pro passivo (...) Teve uma vez com um cara de São Paulo, ele tava no Sheraton, ele tava metendo com camisinha, mas aí no meio da transa, ele tirou e continuou metendo em mim. E eu juro que não percebi e ele não falou nada. Muitas vezes eu tô de costas, né. Não tava vendo o que ele tava fazendo. E ele gozou dentro de mim. Depois*

*que ele tirou e eu vi, fiz o maior barraco. Fiquei puto. Você tem que ficar de olho se vão tirar a camisinha ou não? Ficar preocupado até com isso?? Pra mim isso é uma sacanagem que o ativo faz com o passivo, meio que pra te humilhar, eu sinto isso. Eu não me acho irresponsável, mas sendo passivo é mais difícil de você controlar a camisinha”.*

### ***Fazer uso da Profilaxia Pós-Exposição (PEP)***

*Sobre o que o jovem fez após esse episódio, ele contou: “Eu tinha lido coisas no Facebook e lembro que teve vez que teve discussão sobre PEP e PREP nos grupos que eu tô no Whatsapp, tem gente que coloca o link das informações pra ler e se informar mai! Aí eu já sabia que o PEP era pra depois do contato, né? E o PREP era antes, se você tem um namorado HIV positivo e você é negativo e vocês querem transar sem camisinha, aí você toma PREP (...) Aí depois que o cara gozou dentro de mim, fui na hora no Google pesquisa pra ler mais coisas, aí li que tinha que tomar o quanto antes, de preferência 72 horas depois da exposição, né, aí também digitei onde que eu podia tomar, aí vi que podia tomar no Miguel Couto ou na UPA, aí decidi ir na UPA mesmo em Copa pra tomar!”.*

### ***O atendimento na UPA para tomar a medicação***

*Perguntado como o jovem havia sido atendido na UPA, o mesmo respondeu: “Olha, não foi muito bom não (risadas) Eu não tive dificuldade de conseguir os remédios, mas as enfermeiras – acho que eram enfermeiras -, foram um pouco, tipo, meio que julgadoras, sabe? A primeira pergunta que a mulher me fez foi se eu tinha sido irresponsável e feito sexo sem camisinha, aí eu não queria contar toda a história do cara, que eu não fiz por escolha, e só falei que sim (...) Aí com uma cara muito feia, ela perguntou se eu me relacionava com homem ou com mulher, aí falei que com homem (...) Aí, ela com uma cara bem escrota, disse: ‘Tinha que ser, né!’ (...) Aí é óbvio que ela tava achando que eu era um gayzinho que dava horrores sem camisinha e era irresponsável e tava indo lá tomar os remédios”.*

*André continuou: “Aí é isso, o médico que me atendeu foi melhor, me explicou como que tomava a medicação, que tinha que ser todo dia, etc, falou que os remédios eram fortes, mas pra eu não deixar de tomar também, falou pra eu não fazer sexo sem camisinha pra eu não ficar dependendo de PEP toda hora e disse que eu podia procurar na internet ou voltar lá caso tivesse alguma dúvida (...) Aí depois de uns três meses eu fiz o teste de HIV e deu*

*negativo, aí depois eu fiz de novo namorando, porque teve o papo com meu namorado de transar sem camisinha, aí fizemos o teste e deu negativo pros dois, aí agora a gente transa sem camisinha (...) Ah, lembrei de outra regra do nosso namoro também, tem que transar com os outros caras sempre com camisinha (risadas)”. Indagado se o jovem se incomodou em tomar os remédios, ele disse: “Ah, os remédios eram fortes, mas acho que fiz a coisa certa, mas ah, por causa dos remédios meu pai descobriu que eu era gay!”.*

### ***Se assumir gay para os amigos e pais***

Indagado a falar um pouco mais sobre como se assumiu aos seus pais e aos amigos, André disse: “*Eu contei pros meus amigos antes né, que todos disseram que já sabiam (risadas). Aí pra minha mãe eu contei acho que lá pelos 17 anos, depois que transei com um cara, mas assim, essa coisa de assumir, eu acho que os sinais estavam todos ali, e todos bem claros (risadas) Aí quando eu falei com a minha mãe ela surtou, eu até já imaginava as reações dos meus pais quando eu contasse, já achava que ela ia surtar porquê ela é bem religiosa (...) Católica! (...) Aí eu achava que ela ia surtar mas ia acabar aceitando aos poucos, já meu pai eu já achava que ia ser aquele negócio que não aceitaria mesmo (...) Ela começou a gritar, gritar mesmo, de raiva, aí eu deixei ela gritar, aí ela falou com essas palavras assim: ‘Que não tinha criado um filho dela pra ser um viadinho que dá o cu’ (...) E ela falou que o filho dela tinha morrido naquele momento, aí eu fiquei bem chateado, de chorar mesmo, aí eu falei que ia passar uns dias na casa de um amigo e disse que se eu morresse atropelado, ela não precisava ir no meu velório, já que o filho dela já tinha morrido mesmo! Ela não falou nada e eu fui. Aí a gente ficou uma semana sem se falar, pelo menos isso, nem contato visual nem nada. Aí com meu pai foi assim, foi bem chato por que eu tava tomando a PEP, tive esse acidente lá com o cara do Sheraton que eu fiquei com medo e decidi tomar pela primeira vez, aí eu achei melhor eu tomar, aí eu tinha escondido os frascos do remédio porquê eu sabia que se meus pais encontrassem eles iam surtar, iam achar que sei lá, o filho tava escondendo remédio porquê tá com AIDS. Mas aí minha querida mãe tem o dom de fuçar minhas coisas e achou a medicação e foi contar pro meu pai, aí depois disso não tinha mais como negar, aí eu falei pra ele mesmo que eu era gay e tava tomando o remédio por prevenção, mas não tinha AIDS. Aí como eu tava pensando, ele só me disse:*

*‘Então tá, fazer o quê, então a gente nunca teve essa conversa, é só você não chegar vestido de mulher aqui em casa e não espalhar pra mundo todo que você é viado’.*

Sobre sua “saída do armário”, André disse: *“Fiquei mais chateado com minha mãe, não é fácil se assumir gay num mundo tão homofóbico, querendo ou não você busca apoio na família, né, mas aí nem sua família te apoia, é difícil, você se sente um ET em casa e sabe que parece que vai ter sempre que esconder uma parte de você deles (...) Ah, eu tô namorando agora e eles sabem mas não perguntam, então é uma parte importante de mim que não posso compartilhar, mas queria! Aí vou dormir na casa dele e eles sabem, mas não perguntam quando eu vou voltar (...) Entre outras coisas, de falar que tô indo na balada gay, ou que tô jogando num time de vôlei que tem bastante gay e que tô feliz por ter conhecido eles, essas coisas pequenas e grandes da vida, aí você sabe que sua família não é um apoio mesmo e é isso, não tem muita coisa pra fazer”.* André confirmou que dormia “numa boa” na casa do namorado, e que os pais dele “aprovavam” a relação.

### ***Primeiras informações sobre relação sexual e camisinha***

Sobre as primeiras informações sobre relação sexual e camisinha, o jovem disse: *“Foi com meu pai eu acho, ele ficava me dizendo: ‘Quando você tiver com uma garota, usa camisinha, mete nela assim’, essas coisas, sempre dizendo com uma garota (...) Então, eu mentia pra ele, preferia mentir pra ele parar de falar. E acho que DST e camisinha primeiro foi com minha mãe também. Tipo, na verdade, quando eu ia sair, ela falava: ‘Leva camisinha porque eu não quero ser avó cedo’. Coitada, nem sabia que não tinha a menor chance disso acontecer (risadas). DST eu acho que aprendi na internet, teve uma vez que meu pau tava meio com coceira, aí fui procurar o que podia ser (...) Não, não, nunca tive nenhuma DST, eu acho que talvez não lavava ele muito bem e ficou meio estranho, aí comecei a me cuidar mais no banho e passou”.* Se André já fez exame de HIV, ele respondeu que “duas vezes”: *“Então, o cara da PEP e com meu namorado atual mesmo”.*

### ***Outros lugares de sociabilidade gay do jovem***

Perguntei se André antes do namoro ia para outros lugares para encontrar com outros homens, ele disse: *“Olha, nunca fui em sauna por causa de dinheiro, mas tenho curiosidade. Festa de pegação nunca fui também porque nunca fui convidado, aí mais uma vez, não tenho*

*o perfil desejado pra ir nessas festinhas. Pegação em local público eu fiz com meu namorado na praia (risadas) e também no aterro (...) Antes de namorar eu fui acho que só duas vezes no aterro, mas transei nas duas vezes que eu fui lá (...) Nossa, era muito bom! (...) Como te falei, o Grindr tem muita burocracia, por isso que é difícil. No aterro não, acho que o pessoal que vai lá só quer fuder mesmo, então era mais fácil (...) Pensando aqui, acho que era mais feliz no aterro que no Grindr! (risadas) (...) Ah, acho que por isso, de chegar no aterro e não ter dificuldade pra dar pra ninguém, de me sentir mais livre por lá também, não achar que tudo é tão difícil, os caras do aterro me lembram dos caras do chat UOL, tão ali pra fuder e gozar e ser feliz, não ficar de nhé nhé nhém que nem no Grindr”.*

### ***Uso de drogas nas relações sexuais***

O jovem também foi indagado se usava ou usou alguma droga nas suas relações sexuais: *“Não curto não, meu namorado por exemplo é meio Zé droguinha, ele fuma muita maconha, ele disse que minha sina é ter me apaixonado por alguém que usa maconha, mas fazer o quê, eu falo pra ele não usar na minha frente, nem no sexo, às vezes a gente transa e ele vai fumar maconha longe de mim (...) Ah, nunca fui criado com droga, eu só bebo. Prefiro namorar alguém que não use nada pesado. A maconha até consigo achar de boa”.*

### ***Ficar com pessoas trans***

Indagado se André ficou com alguém trans, ele disse: *“Ah, Wendell, eu amo as trans, tenho duas amigas mulheres trans! (...) Eu amo elas mais do que tudo e super namoraria qualquer uma das duas, mas eu sou só passivo, e elas também, então não tem compatibilidade sexual. Se elas fossem ativas, eu toparia, geralmente as trans são mais carinhosas, tem esse lado feminino mais aguçado, que eu acho que eu também tenho, mas sei lá, não sou ativo e nem quero ser (...) Eu nunca fiquei, mas ficaria se elas tivessem pau e ativas comigo (risadas)”.*

### ***Finalizando a entrevista***

Perguntado se algum amigo poderia realizar a entrevista comigo, André disse que sim, disse que iria conversar com um amigo “parecido com ele” e caso o amigo concordasse, passaria o *Whatsapp* dele para eu entrar em contato.

## *André*

Tabela 3: Síntese da história do jovem André

<i>André</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>19 anos “Pardo” “Sem religião” Nasceu no estado do Ceará. Se mudou com os pais aos 8 anos para o Vidigal Namorava há 8 meses. Relação aberta. Primeiro namorado</p>	<p>Terminou o ensino médio em 2018  Trabalhava como “Uber eats”</p>	<p>Morava com a mãe, o pai e um irmão. A mãe tinha 35 anos, diarista. O pai tinha 40 anos, porteiro. Ambos católicos  O irmão tinha 14 anos, estudante de uma escola pública  Se assumiu gay para a mãe aos 17 anos e para o pai, aos 18 anos</p>	<p>Primeiro beijo com uma menina, aos 14 anos. Ela também. Se conheceram na escola. Nunca transou com mulher. Primeiro beijo com homem aos 16 anos, rapaz de 32 anos. Se conheceram pelo app <i>Grindr</i> e beijaram no banheiro do <i>shopping</i>  Primeira relação sexual com homem aos 17 anos, parceiro com 19, se conheceram jogando vôlei juntos. Foi passivo na primeira relação, com uso da camisinha.  Total de “uns 8” parceiros sexuais  Jovem se considerava “passivo assumido”  Começou a se masturbar aos 14 anos, vendo revista heterossexual.  Tomou PeP e fez exame de HIV quando o penetraram sem camisinha e sem o consentimento do jovem</p>	<p>Se considerava “moreninho”, “favelado”, “afeminado”, “corpo fora do padrão”, “passivo assumido”</p>	<p>Tinha computador em casa, dividindo com os pais. <i>Internet</i> era “bem ruinzinha”. Tinha celular próprio  Chats e sites pornôis gays desde os 14 anos e <i>Grindr</i> desde os 16.  Deletou o app no início do namoro como “prova de fidelidade”</p>	<p>Ser bloqueado “várias vezes” por “não ter voz nem jeito de homem e por ser “só passivo”: “A pessoa parece que tem o direito de te xingar se você não satisfaz o tesão dela ali na hora, te fazem se sentir mal e te bloqueiam”</p>



## João

---

*“Ninguém gosta de quem não tem corpo padrão e de quem é pobre”*

---

João foi indicado por André, entrevistado anterior. Segundo André, eles “eram amigos muito próximos”. Eu e João conversamos inicialmente por *Whatsapp*, e pelo mesmo morar em Magé, região metropolitana que fica quase 60 km da cidade do Rio de Janeiro, marcamos de realizar a entrevista no shopping Tijuca, Zona Norte da capital. Neste dia, João precisou ir ao local para “resolver umas coisas”. Assim, nos encontramos.

### ***Caracterização sociodemográfica***

João tinha 20 anos, nasceu em 1999. Se considerava da cor/raça “branca” e religião “ateu”. Nasceu e sempre morou no bairro Cachoeira Grande, localizado no município de Magé, região metropolitana. Terminou o ensino médio em 2018, em um colégio público “perto de sua casa”. Não trabalhava no momento da entrevista. Disse que sonhava em “ser artista”, mas que “não tinha dinheiro” para fazer alguma escola “de atuação”. Sua mãe fazia “pressão” para o jovem trabalhar, mas o mesmo disse que “precisava de um tempo para procurar um emprego que não odiasse”. João morava com sua mãe, de 40 anos e era filho único. Sua mãe trabalhava como cozinheira. O jovem disse que falava pouco com seu pai, que morava em outra cidade do interior do Rio de Janeiro e tinha 45 anos. Sua mãe engravidou “por acaso” e seus pais “nunca ficaram juntos”. Também disse que a casa em que moravam era da sua avó falecida, e por não pagarem aluguel, João não se considerava “tão pobre assim” e por isso, não tinha “tanta pressa” em conseguir um emprego.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, respondeu: *“Foi com uma amiga minha, acho que foi um sexo casual, foi lá em casa, minha mãe tinha saído aí fomos transar (risadas) A gente tinha 18 anos (...) Os dois. Foi ano passado! (...) Então, a gente é amigo desde a sexta série, os dois eram virgens, acho que tinha aquela pressão de deixar de ser*

*virgem né, a gente tinha conversado sobre isso (...) Foi bem bom, eu tava com muita vontade de transar, mas acho que tinha uma pressão e medo que eu preocupava que tinha que ser bom o suficiente pra agradar ela, não queria que eu só fosse meter nela e ela não tivesse prazer! Mas sei lá, eu acho que no fundo era só dois amigos se ajudando. Acredita que ela é sapatão hoje e eu sou gay? A noite foi maravilhosa, mas não sei se alguma coisa deu errado que a gente acabou indo pra caminhos opostos (risadas)”. O jovem complementou: “A gente é amigo até hoje, isso não afetou nossa amizade, o que é o mais importante! Até acho que... Não sei, sei lá, eu me considero gay, né? Curto homem e tal, não me considero bi nem nada. Mas não consegui encontrar nenhum cara que o sexo fosse tão bom quanto foi com ela, acho que por que a gente se conhecia, o sexo foi bem intenso, queria sentir isso de novo com um homem também, ainda não consegui sentir!”.*

Indagado sobre o que esperava sentir com um homem, respondeu: “A transa foi muito boa com ela por que a gente era amigo, dava pra perceber no beijo, no olhar, a gente se pegou mesmo, aquela coisa da respiração (risadas) Foi bem intenso!”. Perguntado se usaram camisinha, João disse que sim, que a camisinha foi conversada antes da relação sexual e que foi “tranquila” a conversa. O jovem disse que ambos estavam “um pouco bêbados”, pois beberam “algumas cervejas” antes da relação sexual.

### ***A pressão para não ser mais virgem***

Indaguei a João se a pressão para fazer sexo vinha da família, amigos ou de outro grupo social. Ele disse: “Ah, dos amigos mesmo, acho que 18 anos hoje você já tá velho pra ainda ser virgem, sempre tinha um ou outro falando que tinha comido uma menina. E eu sempre estudei em colégio público, que eu acho que é pior no sentido do machismo, já é difícil ser gay na sociedade, mas estudar num colégio público de pobre, que tinha muita gente de comunidade, é mais difícil ainda, como se você não pudesse ser gay mesmo (...) Aí eu meio que sabia que tinha tesão por homens, mas nunca tinha transado, daí ter transado com minha amiga foi uma maneira de provar que era homem também”.

Perguntei se o jovem então comentou com os amigos que havia perdido a virgindade com sua amiga: “Ah, com certeza!! Quer dizer, eles não sabiam que eu era virgem, eu já tinha inventado um monte de histórias que tinha transado, eu só falei que tinha transado com ela, não que tinha perdido minha virgindade (...) Mas fiquei felizão, me fez bem na

*época, eu sei que é meio babaca falar isso, mas tinha a pressão pra provar que eu era homem e que era comedor, aí eu consegui a prova de que já tinha comido alguém. Eu fiquei com um pouco de medo de alguém perguntar alguma coisa pra ela, se realmente tinha sido bom, mas acho que foi e ela falou bem de mim (risadas) Enfim, deu tudo certo! (risadas)”.*

### ***O primeiro beijo do jovem***

Perguntado se havia sido também seu primeiro beijo, João negou: *“Meu primeiro beijo acho que foi lá pelos 12 anos, foi com uma amiguinha do colégio, a gente tava na rua, o grupo todo, e acho que também tinha a pressãozinha de beijar logo pra não ser mais BV (Boca Virgem) (...) Acho que não dava pinta que era gay, mas tinha a pressãozinha pra ser do grupo mesmo e falar que já tinha beijado”.* João disse que sua “amiguinha” tinha a mesma idade que ele, e também nunca havia beijado. Contou que não se arrependia do beijo: *“Não me arrependo, mas sei lá, se não tivesse feito eu também ia ficar de boa (risadas) Foi meio ruim, no meio da rua, um monte de gente olhando, ela era minha amiga, mas não queria mesmo, acho que era mais pra provar algo pros amigos mesmo”.*

### ***Afirmações sobre “ser homem”***

Perguntei se João ouvia afirmações sobre como era “ser homem” na sua infância. Ele respondeu: *“Ah sim, com certeza (...) Não acho que ouvi isso em família, não tive um pai presente e minha mãe nunca falou nada que eu visse como machista. Mas sempre ouvi na escola, que tinha que pegar as meninas, falar grosso, lembro quando tinha sete anos, uma vez um menino perguntou porque eu não falava palavrão, aí eu falei que achava feio e não gostava, ele falou que eu não falava porquê eu era viadinho (...) Ah, você se sente mal, né? Como se tivesse algo de errado com você. Ali já comecei a perceber que eu era diferente. Eu me achava diferente desde pequeno mesmo, de você não fazer coisas que os ‘machões’ da escola faziam, você já se sente o ‘diferentão’ por não fazer o que todos os meninos faziam”.*

### ***Para quem o jovem contou sobre sua sexualidade***

Indaguei se João havia contado para amigos e familiares sobre ser gay. Ele respondeu: *“Ah, ninguém da minha família sabe. Falei que sou filho único, né, então nunca contei pra irmão nem nada, também nunca fiz troca troca com primos (risadas) Acho que nunca tive*

*muito contato com família, minha mãe tem duas irmãs que moram em Jacarepaguá, até que elas são da mesma idade que minha mãe, elas têm filhos também, mas não conheço meus primos. E meu pai é a mesma coisa, sei pouco da família dele. Tipo, meus amigos mais íntimos sabem, do vôlei e alguns amigos que eu fiz no último ano da escola. Sei lá, não saio gritando por aí que sou gay, mas me considero até assumido, vou em balada gay e tal. Acho que é isso, minha família não sabe, mas alguns amigos sabem”. João não pensava em contar para sua mãe, dizendo que possuía receio de como sua mãe “encararia essa realidade” pois a mesma é “muito católica e religiosa”, e ainda, “tinha medo de envergonhar a mãe”.*

### ***Primeiro beijo com um homem***

Perguntado sobre seu primeiro beijo com homem, João respondeu: *“Foi ano passado (...) Eu tinha 19 anos (...) Mas foi bem ruim a experiência, tipo, eu queria beijar um cara faz muito tempo, aí eu tenho um amigo do vôlei que estuda Serviço Social na UERJ, aí ele me chamou pra uma festinha ali naquela praça, aí eu fui que era de graça e ele falou que a bebida era barata (risadas). Tipo, três latinhas por dez reais, era muito barato! Mas eu fiquei bem bêbado, tinha fumado um beck também. Tava bem doido, aí beijei três meninos naquela noite, nem lembro o nome deles, lembro que até beijei a três, que vergonha! (...) Me arrependo um pouco, acho que não precisava tá tão doido que nem eu tava (risadas) Acho que fiz pra me libertar de certa forma (...) Me libertar dessa vontade de ficar com homem mesmo, acho que é algo que você percebe desde pequenininho, aí tem uma hora que você cansa de esperar e vai de uma vez né, aí acho que a bebida ajuda pra te dar coragem. Mas poderia ter sido de outro jeito (...) Não tão bêbado e pelo menos lembrando o nome dos meninos que eu beijei (risadas)”. João disse que não se lembrava da idade dos meninos que beijou, mas disse que eles eram universitários, tendo provavelmente “20 e pouquinhos anos”.*

### ***Masturbação***

Pontuei que João havia comentado que a vontade de ficar com homem foi percebida desde “pequenininho”. Perguntei se ele poderia me falar um pouco mais da experiência de “perceber” seu interesse quando bem novo: *“Então, eu comecei a me masturbar lá com 14 anos (...) Sim, pela internet. Aí você começa a reparar mais no corpo do homem, no pau também. Aí querendo ou não passa na sua cabeça que você pode gostar de outra coisa (...)*

*Não vou lembrar muito bem como que foi, mas lembro que umas das primeiras vezes que vi um pinto eu digitei no Google a revista ‘G Magazine’<sup>6</sup> (risadas), aí apareceu alguns sites com as fotos dos caras, lembro o primeiro cara que eu bati punheta foi pro Alexandre Frota. Deprimente, né? (risadas) E sei lá, acho que depois digitei alguma coisa no Xvídeos, acho que é o site mais famoso, não? E fui assistindo. Aí é isso, assisto até hoje!”.*

Perguntei se havia alguma diferença na prática da masturbação da época em que João tinha 14 anos para os dias atuais, que o jovem tinha 19: *“Quando eu era muito pirralho eu não percebia que os filmes eram meio falsos (...) No sentido de que tinha aquelas mulheres com aqueles tamancos de salto alto, que elas gemiam muito alto, e os caras eram todos super comedores, tinham todos pau grande e que davam muito prazer pras mulheres. Acho que a principal diferença é do sexo oral, é difícil você ver um filme hétero que tenha sexo oral, o cara já vai metendo e a mulher gemendo, sei lá, acho também que tem uma certa violência nos filmes pornôs (...) Ah, por causa dessas coisas de fetiches, de espancar, de ser uma metida também bem forte e como se isso desse prazer. No pornô o sexo é uma coisa fácil, saca? Mas nunca é! (...) Não é simplesmente meter. Não é que nem nos filmes pornôs!”.*

### ***Primeira relação sexual com homem***

Perguntei para o jovem sobre sua primeira relação sexual com homem. João disse que após o primeiro beijo com outro rapaz, ele ficou “curioso” para “finalmente” transar com alguém do mesmo sexo que ele. Disse que aos 17 anos conhecia “muitos gays”, principalmente “nos vôleis que frequentava”. Assim, aos 19 anos, também se sentia pressionado pelos amigos gays do vôlei pois todos comentavam sobre “várias transas e aventuras por aí”, e ele, precisava “mentir que já tinha comido diversos caras”. Sobre “comer outros caras”, João disse que possuía “jeito mais masculino”, então os meninos do grupo pensavam que ele fosse ativo. Nesse pensamento, João preferia mentir que era ativo.

### ***Diferenças entre ser ativo e ser passivo***

Com essa fala, indaguei se para João havia diferenças entre ser ativo e ser passivo. Ele respondeu: *“Ah, com certeza! Existe muita dificuldade dos caras admitirem que são*

---

<sup>6</sup>Revista impressa criada em outubro de 1997. A revista era voltada ao público gay masculino, onde homens “famosos” pousavam nus. Na época, a G Magazine conquistou um espaço consolidado de vendas em bancas e assinaturas (Nunan, 2013).

*passivos. Eu me considero versátil né, falo pros meus amigos que sou versátil, mas eles sempre perguntam se sou mais ativo, acho que porquê eu sou um pouco mais masculino, eles querem ter a certeza que não sou passivo. Mas sabe, acho que existe mais preconceito com afeminados do que não afeminados. Tipo, se você for passivo e mais masculino, aí tudo bem, se você for ativo e feminino, as pessoas te olham estranho, e se você for passivo e afeminado, acho que você vai ter mais dificuldade ainda de se encaixar nos grupos, e acho que só vai conseguir dar se o cara tiver fetiche em afeminados, sabe? Acho difícil algum cara admitir que curte afeminados e assumir um namoro, saca?”. Indagado se João namoraria um passivo afeminado ou um versátil afeminado, disse: “Acho que não. Eu não tenho nada contra, mas não é pra mim, prefiro ficar com um cara mais parecido comigo (...) Parecido no sentido de se vestir mesmo, de falar, andar, se comportar. Difícil responder essa pergunta, mas não ficaria com um afeminado. Prefiro alguém mais parecido comigo”.*

#### ***Um pouco mais sobre sua primeira relação sexual com outro homem***

Voltando ao assunto sobre a primeira relação sexual com outro homem, João continuou: “*Eu conhecia um menino no vôlei e a gente começou a trocar umas indiretas por Instagram e Whatsapp (...) Ah, indireta assim, de curtir a foto um do outro, depois ficar elogiando que o outro tinha jogado bem no vôlei. Aí o papo esquentou e rolou nude e depois a gente foi marcando de transar na minha casa*”. João narrou que o parceiro era um pouco mais velho que ele, tendo 21 anos de idade no momento da relação sexual.

Perguntado se João sempre mandou nudes, ele disse: “*Ah, não, né, na verdade é algo que você vai aprendendo, que tem uma hora que você percebe que todo mundo manda, eu não sei se me sinto tão à vontade de mandar, querendo ou não pode cair em outras. Mas acho que hoje você ter um papo quente com um cara e não ter nude, você já fica na desvantagem (...) Desvantagem do tipo, eu acho que isso acontece no mundo gay, você tem que se encaixar nos gostos da pessoa, sabe? Altura, voz, corpo, e tal, e acho que o nude complementa isso, se sua bunda ou pau vai agradar a pessoa. Tipo, quando eu mando, como sou versátil, eu mando foto do meu pau e da minha bunda, né? Mas aí quando o cara elogia meu pau, eu sei que ele é passivo, quando ele elogia minha bunda, que ele é ativo (risadas). Os nudes fazem parte do pacote da paquera (risadas) (...) Então, eu acho que ajuda, porque se são dois passivos conversando, e eles vão ver que não vão transar, cada um vai procurar*

seu ativo. E a mesma coisa serve pra dois ativos conversando. E sei lá, entre outras coisas, tem gente que não curte gordinho ou afeminado, aí se você tá conversando com a pessoa e vê que ela é gorda ou afeminada, você não conversa mais com ela”. Perguntei se para o jovem ser gordo e afeminado poderiam ser considerados como complicadores na vida de um jovem gay procurando outro homem para encontros sexuais: “Ah, com certeza, tipo, lógico que não dá pra falar por todo mundo, mas é difícil encontrar alguém que curta gordos ou afeminados, eu por exemplo não conheço nenhum (risadas)”.

João continuou: “Ah sim, da minha transa, aí a gente foi lá em casa a tarde e a gente começou a beber (...) Beber vodca mesmo (...) Não, sem maconha, não teve nenhuma droga (...) Eu tive vontade sim, querendo ou não era alguém que eu conhecia e achava bonito, mas não gostei muito do sexo não. Acho que fiz mais pra transar logo e tirar o peso da virgindade de uma vez (...) Eu fui passivo, perdi minha virgindade sendo passivo (risadas) (...) Sei lá, não acho que o sexo foi ruim, mas acho que faltou sentimento, e eu tava bêbado, acho que a bebida não ajudou muito (...) Acho que poderia ser melhor se a gente ficasse numas brincadeirinhas aquele dia e fosse transar outro dia! (...) Sim, usamos camisinha e gel, ele foi carinhoso, mais uma vez, tipo, ele não fez nada de errado, só não foi tão bom mesmo!”.

### ***Primeiras informações sobre sexo e camisinha***

Sobre as primeiras informações sobre sexo e camisinha, João disse: “Acho que na escola, a gente tinha umas aulas de como a criança nascia, e que pra ter filho precisava da penetração, essas coisas (...) E ah, pela internet também (...) Quando eu me masturbava querendo ou não você vê que lá no sexo os caras usavam camisinha, e têm aqueles anúncios bem grandões no vídeo dizendo: ‘Não faça sexo sem camisinha’; ‘Use sempre camisinha’; (...) Têm aqueles vídeos dos caras fudendo sem camisinha e tem anúncio dizendo pra não fazer sexo sem camisinha (...) Ah, tem a PREP também, no grupo de vôlei tinha um menino tomando porquê ele fazia sexo com muitos caras e queria evitar ter HIV. Eu sei pouco, acho que é bom pra evitar pegar DST, né, mas nunca me informei pra tentar tomar nem nada”.

### ***Recusa do uso da camisinha nas relações sexuais***

Perguntado se alguma vez já recusaram a usar camisinha, João negou: “Não, nunca tive problema, já vi caras nos aplicativos que queriam fazer sem, mas nunca fiz (...) Eu só

*transei com quatro caras e uma mulher na minha vida, não tenho tanta experiência assim”.* João disse que sempre usou camisinha e que nunca usou “nenhuma droga” para transar. O jovem também disse que nunca fez exame de HIV em sua vida. Ele cogitava em realizar o teste quando fosse namorar e desejasse fazer sexo sem camisinha com seu parceiro.

### ***O uso da internet para conhecer parceiros***

Perguntei se dos quatro homens com quem havia transado, quantos João havia conhecido através da *internet*, ele respondeu: “*Só um! (...) É.. dois pelo vôlei, um conheci na praia mesmo por um amigo e um conheci no Tinder*”. Indaguei se João já teve o aplicativo *Grindr*: “*Então, já tive sim, mas odiei, odiei mesmo e me sentia mal lá (...) Mal no sentido de que é muito tudo vulgar, sei lá, todo mundo mostrando o peito, ninguém sabia conversar por lá, só mandava foto do pau e da bunda. Não curti mesmo, fiquei um mês e deletei e nunca mais tive (...) Ah, o Tinder é diferente, as pessoas te dão match primeiro e conversam mais, elas não são sexuais de primeira e não te bloqueiam. Grindr fez muito mal pra minha autoestima, eu levava muita bloqueada (...) Acho que por ser magro, não ter aquele corpão, quando tava na Zona Sul e dizia que morava em Magé, também levava bloqueadas, ninguém gosta de quem não tem corpo padrão e de quem é pobre (...) Aí conheci um menino no Tinder que morava sozinho aqui na Tijuca e fui na casa dele, mas marcamos de nos encontrar no shopping primeiro. Eu tenho medo de encontrar com o cara e não gostar da pessoa pessoalmente, e ficar aquele climão e não sei se eu ia conseguir ir embora numa boa, aí prefiro marcar pra conversar. No Grindr só importa é se você é ativo ou passivo, como é seu corpo, se você tem local e só”.*

Perguntei se João havia gostado da relação sexual com o homem que conheceu pelo *Tinder*: “*Foi bom sim, não foi o melhor sexo da minha vida, mas a gente ficou se conhecendo um tempo, conversando, depois que a gente foi marcar (...) A gente bebeu uns dois vinhos na casa dele antes de se beijar, rolou química, mas prefiro conhecer sem querer por aí na vida, não é pra mim essa coisa de fuder logo de cara, de mandar foto do pau, da bunda e marcar sem conhecer. Com sorte, vou conhecer alguém especial e que seja versátil igual a mim”.*



### ***Ser versátil***

Apontei que ser versátil parecia ser algo importante, que ele buscava em outro homem a versatilidade. Ele afirmou que sim, que era importante e “uma missão impossível encontrar um versátil no mundo gay”. Perguntei como João havia se “descoberto” versátil durante sua vida: *“Então, transei com quatro caras na minha vida, né? Aí teve esse amigo do meu amigo. Ele com certeza foi o melhor sexo da minha vida, a gente se comeu no mesmo dia (...) Sim, os dois foram versáteis, acho que ele me marcou por causa disso, foi algo bem diferente você meter e depois ser metido na mesma transa, foi uma coisa que eu nunca senti. Nas outras transas, só querem que você meta ou que você dê. Eu conhecia ele também, tinha um carinho e amizade, mas também teve muito tesão (risadas)”*.

João reafirmou que ainda “sonhava em encontrar outro homem pra ser versátil na cama”. Sobre essa frase, ele explicou: *“Ah, foi muito bom comer e ser comido na mesma transa, mas aí quando você fala com os caras ou com seus amigos, você vê que ninguém é versátil (...) E sei lá, eu acho que eu não tenho problema em ser passivo nem ativo, eu faço o que eu tiver vontade, mas era bom se eu tivesse as duas opções lá na hora (risadas) (...) Não me vejo sendo só uma coisa, se eu fosse namorar, queria namorar um versátil, mas acho que encontrar um versátil tá mais difícil que ganhar na mega sena (risadas)”*.

### ***Ser “fetichizado” nos aplicativos***

Indaguei se de alguma forma o jovem se sentiu “fetichizado” por ser morador de Magé por exemplo, ou por algum outro motivo. Ele respondeu: *“Fetichizado vem de fetiche, certo? Acho que não! Única coisa que posso dizer é que nos aplicativos como na minha vida, achavam que eu fosse ativo. Tipo, eu me acho mais masculino mesmo, roupa, jeito de andar, de falar, aí pensam que sou só ativo. Aí nos aplicativos era a mesma coisa, quando eu falava que tinha 1,86 (de altura), falavam que eu tinha pau grande, e eu nem sou pauzudo (risadas). Acho que é isso, por ser mais machinho já achavam que eu era ativo e pauzudo”*.

### ***Outras sociabilidades “gays” do jovem***

Perguntado sobre lugares “gays” que João frequentasse, ele respondeu: *“Saio pouco, sou mais de ficar em casa e sair pra casa dos amigos, não gosto de balada, até mesmo porquê*

*fica foda por causa da grana, as poucas vezes que saí consegui lista VIP ou vou em festinha de rua ou universidade, mas sei lá, sou meio parado mesmo (risadas)”*.

Perguntei se ele alguma vez frequentou o aterro do Flamengo, ou algum outro local, como sauna, banheiro de shopping, etc. João, um pouco assustado, respondeu: *“Nossa, não, não mesmo! (...) Não acho que esses lugares sejam pra mim (...) No sentido, te falei que eu não curto Grindr porquê o sexo é tudo muito explícito, acho que no aterro e esses outros lugares, são piores ainda. Sei lá, acho meio sujo”*. Provocado a falar mais sobre a palavra “sujo”, João disse: *“Ah, não tenho nada contra, mas não é pra mim, teve uma vez que eu fui jogar vôlei no aterro do Flamengo e no caminho eu vi várias camisinhas. Eu não faria isso, ficar caçando alguém pra fuder em local público. Acho que a gente podia ter um pouco mais de conversa antes de transar”*.

### ***Ficar com trans***

Finalizando a entrevista, indaguei se João ficou com alguma pessoa trans em sua vida: *“Não, nunca. Olha, pra ser sincero, nunca nem conheci um. Quer dizer, tem uma trans que jogou vôlei comigo (...) É uma mulher trans, tipo, era homem e agora é mulher, falei certo? Mas nossa, nunca passou na minha cabeça ficar com ela, e até mesmo até onde eu saiba, ela cortou o negócio dela, ou seja, ela tem buceta, né (...) Não sei se ficaria com um homem trans, talvez bêbado, de beijo, mas acho que não transaria (...) Nunca parei pra pensar, mas não me imagino ficando com uma mesmo”*.

Por fim, indaguei se João conhecia algum jovem gay cisgênero que poderia participar da pesquisa. Ele informou que tinha “dois amigos em mente” para “conversar” comigo e que mandaria meu *Whatsapp* para eles. Caso concordassem, João me mandaria o número do *Whatsapp* de ambos.

## *João*

Tabela 4: Síntese da história do jovem João

<i>João</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>20 anos</p> <p>“Branco”</p> <p>“Ateu”</p> <p>Nasceu no estado do Rio de Janeiro. Sempre morou em Magé</p> <p>Nunca namorou, mas “tem muita vontade”</p>	<p>Ensino médio completo e um colégio público da Zona Norte do Rio de Janeiro</p> <p>Não trabalhava</p>	<p>Morava com a mãe, de 40 anos, cozinheira. Era filho único. O pai tinha 45 anos e morava em outra cidade. Se falavam pouco</p> <p>Não era “gay assumido” para a mãe, mas sim para os amigos</p>	<p>Primeiro beijo com uma menina, aos 12 anos. Ela tinha a mesma idade. Se conheceram na escola. Primeiro beijo com homem aos 19 anos, rapaz “com mais ou menos 20 anos”. Se conheceram em uma festa da UERJ. Estava “muito bêbado”</p> <p>Primeira relação sexual com mulher aos 18 anos. Ambos tinham mesma idade. Era amigos “se ajudando a perder a virgindade”. Com homem, transou aos 19 anos, parceiro de 21. Se conheceram jogando vôlei. Foi passivo na primeira relação, com uso da camisinha e “teve muita vodca”. Total de 4 parceiros sexuais. Apenas “um” conheceu online</p> <p>Jovem se considerava “bem versátil”</p> <p>Começou a se masturbar aos 14 anos, vendo revistas e filmes pornôns gays <i>online</i></p>	<p>Se considerava “alto”, “masculino”, “magro, corpo normal”, “pau normal”, “super versátil”</p>	<p>Tinha computador em casa, no seu quarto. Ganhou celular aos 15 anos</p> <p>Entrava em sites pornôns desde os 14 anos. Baixou o <i>Tinder</i> aos 19. Já teve o app <i>Grindr</i> mas “odiou”, não fazendo mais uso do mesmo</p>	<p>Jovem “levava bloqueadas” por ser “magro, não ter corpão e morador de Magé”</p> <p>“Ninguém gosta de quem não tem corpo padrão e é pobre”.</p>

## Vicente

---

*“Não sou malhado, sou negro, passivo, surdo e mudo. Minha sexualidade não existe”*

---

Conhecia Vicente do grupo de vôlei da Lagoa Rodrigo de Freitas e também do grupo que jogava nas quadras do Aterro do Flamengo. Sabia que o jovem se encaixava nos critérios da pesquisa. Vicente era um jovem surdo-mudo, o que ao meu ver, poderia ser uma pessoa interessante para a realização da entrevista. Troquei mensagens por *Whatsapp* com ele e ele aceitou participar da pesquisa. Assim, enviei o roteiro para Vicente. Ele demorou mais de dois meses para responder as perguntas, com o texto abaixo. Ressalto que a entrevista não foi presencial e não modifiquei em nada o seu texto.

“Oi Wendell, tudo bem? Primeiro queria pedir desculpas por demora de te enviar, dei uma olhada nas perguntas faz tempo e elas me fez pensar bastante. Aproveitei a chuva pra escrever e tentar contar minha vida pra você. É difícil porque não tenho computador e to escrevendo no celular, mas vou tentar responder tudo. Acho que a primeira coisa que eu tenho pra te dizer é que sou surdo-mudo, que é bastante diferente de ser só surdo. Acho que as pessoas não sabe o quanto isso incomoda a gente, quando elas pensam que é a mesma coisa. Pra ser sincero, também não gosto quando me chamam de deficiente, é uma ofensa pra mim e pra muita gente, porque parece que somos doente e que não devemos viver na sociedade. Minha mãe teve um problema de gestação e eu nasci surdo, tenho surdez profunda, que fica mais difícil também usar um implante coclear. Aprendi libras desde pequeno, me comunico assim com minha mãe, que aprendeu por minha causa. Moro com ela em Lins, que é complexo de favela. Sou católico Nasci em Bonsucesso na verdade, tenho 22 mas moro aqui faz 5. Não conheço meu pai. Minha mãe é costureira e tem 44 anos e trabalho no senac, no RH, que fica no Flamengo. fiz um curso profissionalizante no senac mesmo e consegui emprego graças a esse curso. Apesar de todas as dificuldades de dinheiro, ainda mais porque ganho mais que minha mãe, ainda penso em fazer faculdade um dia e tirar minha mãe dessa favela.

Sou solteiro e nunca namorei, apesar de querer bastante, e lendo sua primeira pergunta, tive minha primeira experiencia amorosa com 20 anos só. Foi meu primeiro beijo e sexo. Conheci

um menino no vôlei e a gente ficou conversando no face e whatsapp por um tempo. Ele não é muito bonito, acho que por isso que ficou comigo. Ele tinha 25. Teve camisinha e cerveja na primeira vez. Acho que ele foi a única pessoa que me deu atenção e não ligou porque eu ser surdo-mudo. A gente ficamos algumas vezes mais ele não quis nada sério, foi uns 3 meses, foi bem bom. Teve carinho dos dois lados e por mim a gente namorava, mas não deu certo. Nunca beijei nem transei com mulher.

Li suas perguntas e acho que uma coisa importante pra mim dizer é que eu fui abusado quando eu tinha 10 anos eu fui criado com um primo meu junto com ele mais ele era bem mais velho que eu devia ter 20. Aí é difícil mais desde criancinha eu tinha sexo com ele. Demorei bastante pra entender o que tinha acontecido e é mais difícil ainda porque eu acho que tinha gostado, não sei até que ponto eu me descobri com homossexualidade naquele momento. Não teve camisinha nem nada. Eu faço parte de um grupo do face de apoio pra quem é surdo ou surdo-mudo que me ajudou bastante nesse sentido, vi que muitos surdos e surdo-mudos também passaram pela mesma coisa, de abuso quando pequeno. Vi também que é comum o abuso começar na família. Vi também que ninguém conversa com a gente sobre sexo nem nada. Eu acho que a sexualidade do surdo não existe. Posso dizer que a *internet* me ajudou em vários sentidos, principalmente na informação. Minha mãe é tudo pra mim, mais nunca tivemos conversas sobre sexo camisinha essas coisas. Não sei se é porque sou surdo-mudo ou porque sou gay, ou os dois. Ela não sabe soube do abuso. Só queria te dizer que não tive culpa, quando você é pequeno você não consegue entender as coisas, ainda mais eu que não sabia falar. Fui passivo nesse abuso e sou passivo até hoje. Tenho bastante dificuldade em ser passivo nos aplicativos. Tenho grindr e hornet. Coloco no perfil que sou surdo-mudo, muita gente vem falar comigo com curiosidade pra saber como é transar. Já me perguntaram se eu consigo gemer, essas coisas. Eu também tenho aparência meioo árabe, então como coloco minha foto de rosto, tem mais piadinha ainda. Perguntam se sou homem-bomba, se vou explodir o país, essas coisas. É difícil existir nesses aplicativos, não acho que vou conseguir o que quero, mais é o melhor jeito que consigo pra transar. Daí eu to e continuo lá. Acho que o surdo-mudo e gay sofre muito preconceito, mais que o surdo-mudo e mais que o gay, a gente não consegue viver em paz. Nesse grupo do face que te falei eu sempre leio da dificuldade do surdo gay falar pra família. A comunicação que já é difícil fica impossível, acho que já tem a decepção do filho surdo e a decepção fica mais grande ainda

com o filho gay. Eu não sei se minha mãe sabe, mas evito e sempre evitei deixar solto que sou gay, aí tento me vestir mais como homem e quando vou numa festa gay eu falo que vou num aniversário ou que vou jogar vôlei e dormir na casa de um amigo. Nos aplicativos tem gente que já fala com deboche, tem gente que tenta falar que não vai rolar por causa da comunicação, eles dizem que é impossível, eu falar que dá pra trocar mensagem, que consigo fazer leitura labial, mas eles perdem a paciência e me bloqueiam. Não sei falar se é porque sou surdo-mudo por se tem outro motivo, da minha aparência, tipo isso.

Não sei dizer se já ouvi ou li frases de como ser homem na minha vida, mas acho que essas coisas de como ser homem estão todo dia na nossa cara. Desde pequeno via na escola que menino tinha que jogar futebol, cuspir no chão, xingar bastante, essas coisas, e quem não fazia isso, era visto como menina ou viado. Até no vôlei você ve que quem é mais machinho é mais bem visto, ou você tem que ser muito barbie pra ser afeminado e ter respeito. Acho que é uma forma de você ver como é ser homem na vida. Nos aplicativo vc tambem ve bastante isso, que o cara não ter voz fina, tem que ter jeito de macho, tem que ser malhado, essas coisas. Agora pensa, não sou malhado, sou negro, sou pobre, surdo e mudo, é realmente difícil. As vezes penso que os caras no grindr e scruff<sup>7</sup> só querem transar comigo por tesão de transar com alguém diferente, mais é difícil porque não tenho muito o que fazer, acabo transando porque é meu jeito mais fácil de conseguir transar. Balada é difícil pela comunicação também, até consigo beijar uns caras, mais na hora de trocar whatsapp pra depois ter algum encontro verdadeiro eles até passam o número mas depois não respondem. Quando falo que sou passivo também percebo dificuldade. Acho que se eu fosse ativo eu transaria mais, acho que o tesão pra transar com alguém surdo-mudo e ativo seria mais grande. Mas não sou e também não sou pauzudo. Acho que tem bastante sim a diferença de ser ativo e passivo na vida, acho que o ativo é mais respeitado. Vejo isso nos aplicativos, no vôlei, nas baladas. Parece que o ativo é sempre o mais caçado, nunca o passivo. E é engraçado que tenho muitas amigas que gostam de homem, e é o homem que corre atrás da mulher. No mundo gay é o contrario, é o passivo que tem que correr atrás do ativo.

---

<sup>7</sup>O Scruff é um aplicativo gratuito que oferece uma plataforma completa para interação entre homens gays, bissexuais, queer e transexuais. Funcionando de forma similar ao Tinder, o serviço conta com ferramenta para interesse mútuo, característica comumente conhecida como match. Além do sistema de deslize, o aplicativo permite visualizar outros usuários, enviar mensagens privadas e adicionar fotos secretas no perfil (Scruff, 2019).

Comecei a masturbar com 17 anos. Demorei bastante acho pra superar o abuso, na minha cabeça eu não devia mais transar com ninguém. Fiquei com esse primo por uns 3 anos. Não me orgulho disso mais acho que no fundo eu gostava dele. Dai me masturbo vendo filme pornô no celular, eu e minha mãe não temos computador. Tenho o computador do trabalho mais não uso pra essas coisas por medo de alguma coisa acontecer. Acho que fui superar o abuso com 20 anos, acho que até hoje transei com uns 10 caras. Maioria grindr e scruff ou do vôlei. Poucos conheci fora da *internet* ou do vôlei. Informações sobre sexo foi tudo pela *internet*, nunca tive ninguém pra conversar comigo sobre essas coisas, acho que facebook, google, whatsapp e orkut me ajuda bastante. Li sobre prep na *internet* de falarem no facebook e no whatsapp e fiquei curioso pra procurar. Acho que deveria tomar porque os caras que transei querem me comer sem camisinha, nunca fiz exame de hiv porque tenho medo, mas acho que não tenho porque nunca senti nada de diferente. Eles nos aplicativos mesmo perguntam se transo sem camisinha, as vezes falo que não, as vezes falo que sim, se o cara parece limpinho, eu aceito e faço. Converso com meus amigos sobre essas coisas e da pra ver que os passivos sofrem com isso da camisinha, pelo menos vejo que não acontece so comigo. As vezes penso que é porque sou surdo e mudo, que eu so sirvo pra ser dominado, mas acho que acontece com os passivos em geral.

lendo sua pergunta sobre violência e preconceito, foi a pergunta que mais fiquei pensando sobre tudo. Não sou inteligente e nem estudei, mas acho que o que eu sofro são violências invisíveis, que ninguém ve, so quem é surdo e mudo consegue entender e sentir. Acho que o abuso que sofri por anos foi violência, mas tem essas outras violências que ninguém fala, que é ser xingado e bloqueado nos aplicativos, que é quando rir de você nas baladas por ser surdo e mudo e não conseguir falar, ou quando ninguém te leva a serio pra conseguir um namorado e você precisa deixar que te domine já que a outra pessoa só quer sexo. Acho que o surdo-mudo se sente preso naquilo que ele queria, que é ter uma vida normal, ter um namorado e esses preconceitos que a gente vivemos todos os dias, os preconceitos são mais fortes que a nossa vontade, aí não sobra muita coisa pra gente. Eu nunca tinha lido sobre a palavra fetichizado antes, na sua pergunta foi a primeira vez, mais eu acho que é isso, o surdo-mudo só serve pra ser fetichizado, aí querem comer a gente sem camisinha, querem ver se a gente geme e a gente não serve pra namorar e ser levado a sério.

Eu acho que os app ajuda no sexo sim, vejo meus amigos que transam quase todos os dias com algm do aplicativo, eu não posso reclamar, a maioria dos caras que transei com graças aos aplicativos, mais tbm não acho que seja tao simples assim. Se eu fosse realmente escolher um cara bacana pra transar, não transaria com ninguém então não acho que seja tao simples. Nunca usei chat porque não tenho computador, nunca tentei usar pelo celular. Tenho os apps faz uns 3 anos, quando já superei o abuso e comecei a pensar em ficar com outros caras.

Nunca fui em sauna porque não tenho dinheiro, não acho que seria bem recebido por lá também. Já fiz pegacao no aterro algumas vezes e gostei bastante mais acho que o aterro me lembra o abuso um pouco, dos caras me comerem sem camisinha meterem em mim e irem embora. So vou la quando to com mto tesao. O aterro é bem mais melhor que os app, ninguém me julga lá. Nunca usei drogas nas transas.

Acho que minha vida sexual foi marcada por violências sim mais acho que minha vida sempre foi marcada por violências, principalmente por ser surdo-mudo, ai uma coisa vem da outra. Já pensei em malhar pra ver se essa coisa de preconceito melhora, acho que conseguiria ficar com caras mais legais se malhasse, mais não tenho dinheiro nem tempo.

Desculpa a demora pra responder”



## *Vicente*

Tabela 5: Síntese da história do jovem Vicente

<i>Vicente</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>22 anos</p> <p>“Negro”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu no estado do Rio de Janeiro, em Bonsucesso. Morava em Lins</p> <p>Nunca namorou, “apesar de querer bastante”</p>	<p>Terminou o ensino médio aos 19 anos</p> <p>Fez um curso profissionalizante e trabalhava no SENAC, na área de RH</p>	<p>Morava com a mãe, de 44 anos, costureira. Não conhecia seu pai</p> <p>Não é assumido para sua mãe. Amigos do vôlei e do trabalho sabem da sua homossexualidade</p>	<p>Sofreu um abuso sexual aos 10 anos. Abusado pelo primo, de 20. Abuso durou três anos. Sem uso de camisinha. Vinícius sempre foi passivo</p> <p>Primeiro beijo e “primeiro sexo” aos 20 anos, com parceiro de 25. Se conheceram através do vôlei. Foi passivo na relação, com uso da camisinha. Relação durou três meses. Total de “uns dez” parceiros sexuais, maioria conheceu através de apps</p> <p>Jovem se considerava “só passivo”</p> <p>Começou a se masturbar aos 17 anos, vendo filmes pornôis homossexuais através da <i>internet</i></p> <p>Se o parceiro “parece limpinho”, o jovem “aceita” a fazer sexo sem camisinha. Nunca fez exame de HIV pois possui “medo do resultado”</p>	<p>Se considerava “surdo-mudo”, “negro”, “pobre”, “não-malhado”, “não-pauzudo”, “só passivo”</p>	<p>Não tem e nunca teve computador em casa. Possui celular próprio. Paga a <i>internet</i> de casa</p> <p>Baixou o Grindr e Scruff após “superar o abuso”. Frequentava blogs sobre ser gay e surdo-mudo e sobre abuso na infância</p>	<p>Avisa no perfil que é surdo-mudo. Perguntavam ao jovem se ele conseguia “gamer”. Por ter aparência árabe, perguntavam se o mesmo era homem-bomba. O “xingam e bloqueiam” nos aplicativos. Jovem atribui os bloqueios por ser surdo-mudo e ser “só passivo”</p>

*“Quando falo que faço programa, ninguém quer namorar comigo”*

---

Conhecia o jovem através do vôlei da Lagoa Rodrigo de Freitas. Sabendo que ele cumpria parte dos requisitos da pesquisa, também tinha o interesse em entrevistá-lo por ele ser “assumidamente” garoto de programa e “assumidamente só ativo” no grupo. A entrevista foi realizada em uma cafeteria no bairro Copacabana, Zona Sul da cidade.

### ***Caracterização sociodemográfica***

Lucas tinha 20 anos, morava na favela Cantagalo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Morava ali há três anos. Nasceu na cidade de Miracema do Tocantins, interior do estado do Tocantins. Segundo o jovem, ele nasceu “onde Judas perdeu as botas, as meias e a cueca”. Completou que a cidade era muito pequena, com cerca de 15 mil habitantes. Lucas foi enfático que quando criança, “não via a hora de ir embora”. Disse que não terminou o ensino médio porque não “aguentava mais a cidade e morar na pobreza”. Tinha dois irmãos e uma irmã mais velhos que ele, todos moravam na cidade com seus pais. Seu irmão mais velho tinha 33 anos. A única formada era sua irmã, que era técnica de enfermagem, de 29 anos. Um irmão trabalhava como *motoboy* e outro em um posto de gasolina. Seu pai era motorista de ônibus, com 50 anos, e sua mãe, diarista, de 45 anos. Lucas se considerava “católico”.

### ***A saída de sua cidade natal***

Lucas disse que desde “pirralhinho” percebeu que sua cidade era muito pequena, que existia muitas “fofocas sobre todo mundo” e que “tudo seria mais difícil” pra ele se ficasse na cidade por ser gay. Disse que a cidade “é bastante pobre”, as pessoas “geralmente não estudavam” e ele “queria uma vida melhor”. Complementou que seus pais “sempre foram pobres” e Lucas “não queria isso pra ele”.

Aos 16 anos, fez um anúncio no site “garotocomlocal.com.br” para “ganhar um trocado” e “atender” na cidade de Palmas, capital do estado. Lucas disse que mentia a idade no anúncio, escrito que o jovem tinha 18 anos. Em um mês, Lucas teve mais de 60 ligações

e contatos pelo *Whatsapp*. O jovem disse que tinha “muito medo” de fazer programa, tanto por ser menor de idade e pela necessidade de pegar um ônibus até Palmas e depender da condução para voltar à sua cidade. Disse que poderia ser complicado dependendo do “cliente” e não saberia explicar aos seus pais o motivo de suas saídas. Sobre “depende do cliente”, explicou: *“Eu não sabia nada da vida com 16 anos, mas tinha noção de que podia ser qualquer cara me ligando, tipo, cara feio, caminhoneiro, essas coisas, e não ia ser qualquer cara que ia me buscar em casa e me deixar. Lembro que no anúncio eu não coloquei nenhum valor, só tava com curiosidade pra ver se ia dar certo, aí eu vi que deu e tirei”*.

Lucas decidiu, naquele momento, que sairia de sua cidade para ser “escort” em uma cidade grande, e que sempre sonhou em morar no Rio de Janeiro. Perguntado o que seria “escort”, respondeu: *“Não sou garoto de programa, sou escort (...) Tipo, GP faz sexo com qualquer um que pague, eu não, eu escolho”*. Solicitado para falar mais sobre o seu “poder de escolhas”, me explicou: *“Tipo, acho que desde novo quando eu coloquei o anúncio eu percebi que muitos caras entravam em contato comigo, aqui no Rio não foi diferente, sempre coloquei no Grindr e no site que era escort e sempre tive vários convites, aí querendo ou não o GP comum fode com quem paga, eu tenho minhas preferências”*. Sobre suas preferências, ele disse: *“Ah, prefiro gringo, né? Eles pagam mais e acho que são mais educados também, pagam bebida, jantar, essas coisas (...) Tipo, acho os caras do Brasil mais escrotos porque eles têm um negócio do tipo: ‘Eu que tô pagando, você tem que fazer o que eu quero!’; Aí acho que gringo é mais de boa também. E ah, eu adoro um branquelo (risadas)”*.

Aos 17 anos, Lucas ficava com um menino de uma cidade próxima e “alguém fez fofoca para família”. O jovem brigou “feio” com seu pai, que “preferia um filho morto que um filho viado”. Na mesma semana, seu irmão mais velho pagou sua passagem de ônibus para o Rio de Janeiro e o jovem foi morar com um “conhecido da *internet*” na favela Santa Marta, em Botafogo. Na época, Lucas tinha 300 reais juntados para “sobreviver no Rio”.

### ***Como conheceu o amigo da internet***

Perguntado de qual forma Lucas havia conhecido seu amigo da *internet*, explicou: *“Cara, era uma comunidade no Facebook de academia. É mó gostoso, aí eu adicionei ele e a gente foi trocando um papo, ficamos amigos aí um disse pro outro que era gay, aí a gente até chegou a bater uma pela cam e tal, isso foi com 15 anos, já conheço ele faz cinco anos.*

*E a gente conversava todo dia, eu já tinha falado pra ele que queria muito sair da minha cidade e ele disse que se eu precisasse, podia ficar na casa dele. Aí aconteceu o que aconteceu e falei que não aguentava mais ficar na minha cidade. Aí ele falou pra eu ir pra lá que podia ficar um mês na casa dele sem pagar aluguel”. Seu amigo tinha 22 anos na época e morava sozinho na favela citada.*

Perguntado, Lucas dividia o quarto com o irmão mais velho. Havia um computador em sua casa, que ficava na sala, para uso de todos. Disse que era difícil compartilhar o computador com sua família toda, pois tinha momentos que queria mais privacidade pra conversar com os amigos e se masturbar, mas que devido sua família ser “pobre”, “não tinha muito que podia fazer”. Lucas tinha celular desde os 16 anos, mas vivia “*sem crédito porque não tinha dinheiro pra colocar, mas tinha wi-fi em casa*”, pois sua mãe dividia a internet com o vizinho, e então, “*acabava ficando mais barato*”. Lucas não teve medo de se mudar para a casa um conhecido virtual, pois “*confiava nele*”. Disse que estava “desesperado” pra sair de casa e que “*aquela era a melhor opção*” para se mudar. Lucas não sabia como o amigo se sustentava, e quando chegou ao Rio de Janeiro, seu amigo disse que “*fazia programas*”. Lucas ficou assustado quando soube, mas não ficou chateado pois tinha tido a experiência de colocar anúncio na internet e que “*isso*” era “*uma opção que passava na cabeça dele*”.

Contou que ele e seu amigo tiveram um “papo sério” sobre como ganhar dinheiro na cidade: “*Ele foi bem sincero, falou que trabalhou em shopping, garçom, recepcionista, mas que sempre ganhou nem 1.500 e que passava dificuldade, aí começou a fazer programa e em uma semana ganhava mais do que ganhava em um mês*”. Após a conversa entre eles, Lucas decidiu “*tentar a vida de programa*”. Comentou que sua decisão foi “*tranquila*”, pois no fundo pensava que poderia sempre mudar de opção e tentar “*outra coisa se não desse certo*”.

### ***Construção do perfil em sites***

Lucas disse que seu amigo “*deu altas dicas de como sobreviver no mundo da prostituição*”. Pedido para falar mais sobre essa frase, ele explicou: “*Cara, ele foi me dando dicas de preço, essas coisas, falou pra baixar o Grindr também porquê ajudava, se você liga ele em Copa, Ipa ou Leblon você papeia com caras que têm mais grana e com gringo, ele falou também pra eu montar um perfil top no site, por que a propaganda é a alma do negócio, né? (risadas)*”. Sobre o perfil no site, Lucas disse que estava com vergonha de me mostrar o

perfil pois tinha fotos pelado, mas disse que poderia ler seu perfil para mim. Complementou dizendo que seu perfil não era o mesmo de três anos atrás, que foi modificando-o conforme o tempo. Assim, leu seu perfil em voz alta durante a entrevista:

*“Me chamo André, tenho 20 anos, sem local, bem de boa e discreto, malhado, 22cm de puro prazer, tenho muito leite, disposto a sair pra jantar, viajar, algo mais casual, garanto que não vai se arrepender. Aceito cartão de débito. 1,84 de altura, 72kg. Somente ativo. Ofereço TK<sup>8</sup> também. Só chame se realmente estiver interessado e queira marcar um horário. Dispensio curiosos pois tempo é dinheiro. Cobro taxa de deslocamento. Atendimento: Acompanhante, Festas e Eventos, Massagem, Beijo na Boca, Striptease, Fetiche, Dominação, Somente ativo, Passo por namoradinho. Cachê: 1 hora: R\$ 250; 2 horas: R\$ 500; Pernoite: R\$1.000; Viagem final de semana: R\$1.500”.*

Lucas logo disse que morou três meses na casa do seu amigo. Que em um mês de atendimento, havia ganhado R\$2.000 reais. Disse que no início cobrava R\$100, e que chegou a “atender alguns gringos, cobrando 200”, e assim, acreditava que transou com cerca de dez homens para juntar R\$2.000 reais. Para Lucas, isso era muito dinheiro, pois era seu primeiro mês e ele pôde escolher seus clientes e cobrar o valor que queria. Hoje, após três anos do seu início, o jovem disse que seus clientes favoritos são os fixos, que os sustentam. Disse: *“Tenho um coroa casado que paga 400 por semana”*. O “coroa” é seu cliente há mais de um ano.

Lucas disse que pagava R\$1.200 de aluguel no Cantagalo, então por isso, apenas esse cliente pagava seu aluguel, sendo seu favorito. Complementou que a prostituição não era um problema, que sempre se considerou “pé no chão, sabia onde tava pisando”. Disse que não tinha vergonha de dizer o que fazia, mas que não iria contar para sua família.

### ***Um pouco mais sobre a “rotina” e “gostos” do jovem***

O jovem se considerava um cara simples e caseiro, bebia pouco, não gostava de balada e que não pensava em ser milionário: *“Não saio durante a noite, só se for pra atender ou jogar vôlei, sou bem caseiro mesmo, e final de semana é quando eu mais trabalho, aí procuro descansar mesmo”*. Se considerava “feliz” por pagar seu aluguel, suas contas e ter seus luxos: *“Ir na praia quando eu quero, fazer tatuagem, ir num restaurante no asfalto e comer sem me preocupar com dinheiro, essas coisas”*.

---

<sup>8</sup>“TK” significa “cocaína” na “linguagem” dos aplicativos.

Lucas não usava maconha quando chegou no Rio de Janeiro, mas disse que começou a usar “para relaxar e dormir cedo”. Disse que poucas vezes usou cocaína no programa: *“Cara, a questão da cocaína é foda, eu nem curto por medo de perder o controle, mas assim, é uma questão de negócio e de dinheiro. Tipo, as drogas são muito presente na prostituição, não tem como negar isso, mas a gente também ganha não só por vender, como eu vendo, mas porquê tipo, como vou te explicar... Quando vou na casa do playboy e ele tá cheirando, você fala que cobra tanto por duas horas. Mas aí ele começa a cheirar, aí quanto mais ele cheira, mais ele quer cheirar e não vai deixar você ir embora, aí é complicado, por que você fica com medo do cara surtar, mas aí você acerta mais dinheiro com ele e acaba ficando mais tempo e acaba ganhando por isso. Aí eles te dão mais dinheiro até ele acabar com a droga, aí ganho mais quando o cara tá cheirando, sacou? Muito de vez em quando eu acabo cheirando também, mas eu sou meio esquentadinho, né? Quando o cara fica manda caô pra relaxar e não preocupar com o tempo, eu fico meio irritado, por que eu não tô ali pra me divertir, mas pra pagar minhas contas, então quando o cara quer dar uma de espertinho ou tirar com a minha cara, não curto muito. Quase nunca eu cheiro pra não ficar irritado, mas sempre falo pra pagar mais se passar de duas horas. Não é fácil esse mundo, tem que ter uma cabeça muito boa pra saber separar as coisas e não se afundar nas drogas e perder o foco, nesse sentido meu amigo foi tudo pra mim, e a internet também me ajudou bastante!”*.

### ***A internet como forma de acolhimento e informação***

Pedi para Lucas me falar mais sobre como a internet o ajudou “no mundo da prostituição”: *“Esse meu amigo sempre falou pra ler blogs de GP na internet, e é muito bom quando você lê uma coisa e vê que tem outra pessoa passando pela mesma coisa. Lembro que li muita gente falando que fazia programa sem muita vontade, que às vezes se sentia um lixo, que era algo mecânico, querendo ou não é um trabalho difícil, apesar do dinheiro não ser tããããã difícil assim. Nos blogs você lê de tudo, experiência com droga, gente que foi abusada, gente que apanhou, o que a pessoa fez quando passou por uma situação difícil, é bom que você sente que não tá sozinho e tem noção do que acontece com outras pessoas que fazem programa (...) Tipo, o programa tem duas horas, mas meia hora ou as vezes uma hora é só do cara conversando com você, reclamando da vida, mulher, do trabalho, dos filhos. No começo eu achava que os caras tavam tirando uma com a minha cara, tavam querendo*

*me irritar, mas depois que você lê as coisas, você vê que isso é mais comum do que você pensa, de ficar de papo com o cara, aí você fica mais tranquilo e relaxa e no fundo até acha bom, porquê metade do programa é só conversa e ele vai te pagar do mesmo jeito”.*

### ***Busca por um relacionamento***

Indagado sobre o que mais gostava de ler nos blogs, ele respondeu: *“Cara, eu li blogs de GPs que falavam dos seus namoros também, das regras que tinha com os namorados e que era difícil conversar sobre isso com o namorado e de ter um, que muitos mentiam o que faziam! (...) Não, eu nunca namorei, quero bastante, as pessoas acham que quem trabalha com isso tá ali pela putaria e porquê quer, mas isso também li bastante, do preconceito de você falar que trabalha com isso e a pessoa logo te bloqueia ou te xinga”.*

Perguntei se Lucas tinha aplicativos no celular: *“Sim, Grindr e Scruff (...) Tipo, como vou te explicar, eu tenho dois celulares, um pro trabalho, pra ter cliente e tal e outro pra tentar arranjar alguém pra coisa séria, mas é foda!”.* Perguntado para falar um pouco mais das dificuldades em procurar alguém para algo sério, respondeu: *“Tipo, como te falei, li em muito lugar que o GP mente falando que trabalha com outra profissão, mas eu não queria fazer isso, queria que meu namorado soubesse, então eu falo meu trabalho, aí eles me bloqueiam, falam que não vai rolar, coisa assim, às vezes me xingam também, perguntam se tô zuando. Aí nunca namorei, e acho que é por causa do que eu faço, tipo, saí com caras sem falar o que fazia, eles me curtiam, o papo rolava, o sexo rolava, eles pegavam meus Whatsapp, diziam que queriam me ver de novo, aí quando a gente marcava o terceiro, quarto encontro que eu dizia, eles faziam aquela cara de espanto, alguns chegaram a me perguntar se eu tinha HIV e se eu fazia exame sempre, aí depois param de falar comigo e me bloqueiam. Os dois celulares são bem diferentes, um que me procuram por ser scort e outro porquê sei que faço um perfil que se eu não falasse o que eu faço, taria namorando”.*

Sobre o perfil nos aplicativos “para algo sério”, Lucas leu o perfil: *“Cara tranquilo e caseiro, buscando um cara tranquilo e sem preconceitos, que saiba ser romântico e queira ter algo sério”.* Sobre as perguntas para preencher o perfil do Grindr, o jovem marcou: *“Idade: 20 anos; Etnia: negro; Porto Físico: Musculoso; Posição: Ativo; Relacionamento Atual: Solteiro; O que está buscando: Relacionamento; Status HIV: Negativo”.*

Lucas achava seu perfil “normal” de “um cara que estava procurando por relacionamento”: *“Querendo ou não eu sou ativo, pauzudo, malhado e tal, muita gente vem falar comigo, por isso sei que tanto pra trabalho como pra sair com caras, eu tô na pista tranquilão. Mas é só eu falar que faço programa que as coisas mudam, como se quem trabalhasse com isso não quisesse coisa séria ou não prestasse. Teve alguns caras perguntando se eu ia cobrar deles, aí falei que não ia cobrar porque aquela era minha profissão e eu não tava ali pra trabalhar, mas eles não levam a sério, como se eu fosse com certeza trair porque sou GP. Eu real acho que se eu trabalhasse como lixeiro, eu conseguiria namorar, mas com prostituição, não (...) Acho que as pessoas não acham que eu sei separar as coisas, se eu vou namorar alguém e me prostituo, não vou me apaixonar por ninguém, porquê tô com a pessoa, mas é difícil pra elas pensarem dessa forma, acham que eu não valho nada e fico por isso, só sirvo pra fuder”.*

Indaguei se Lucas se apaixonou por algum cliente: *“Olha, me apaixonar apaixonar, não! Mas teve alguns que eu pensei: ‘Esse eu namoraria!’ (...) Tipo, meu amigo também me falou e eu li em alguns blogs que essas histórias de caras que tiram outro cara da prostituição é conto de fadas, aí sempre fui pé no chão que isso não ia acontecer comigo (...) Teve uns que eu achava mais bonitinhos e eu caprichava na hora da foda (risadas) (...) Caprichava no sentido, beijava com mais vontade, fazia mais carinho, tipo, eu raramente chupo cu também, isso não tá incluso no pacote, mas quando gosto do cara, chupo, sei que eles curtem (risadas) Mas acho que nunca me apaixonei não!”.* Perguntado se já se apaixonou por alguém “durante a vida”, respondeu: *“Olha, cheguei a querer ter algo mais sério com dois. Eles eram do vôlei, o negócio tava ficando bom, a gente tava se vendo, mas quando fica mais sério, eles deram pra trás também, não queriam ficar sério com um cara que faz programa, as pessoas acham que eu não vou demonstrar sentimento, quando eu demonstro, se assustam! (...) Não quero fazer isso pro resto da vida, seria bom ter um namorado e quem sabe mudar de profissão!”.* Perguntei se o jovem se sentia valorizado pelos seus atributos físicos, ele enfático, respondeu: *“Ah, com certeza. No vôlei mesmo você vê que tem muita gente querendo dar pra mim, porquê sou só ativo, fortinho e pauzudo. Mas é isso, atributo físico, ninguém ali tá a fim de me conhecer e ver que têm mais coisas além do meu pau (...) Acho que só pra fuder não importa se faço programa, o que importa é o tamanho do pau, mas pra namorar, não faz diferença o tamanho do pau, mas meu trabalho faz muita”.*



### ***Fetichização por ser morador de favela***

Perguntei se os homens que o procuravam sentiam “um tesão a mais” porque o jovem morava em uma favela: *“Não sei se tesão a mais, mas no começo perguntavam se eu vendia droga, e eu não vendia, aí falei com meu amigo e ele disse que podia ser uma boa, principalmente pra gringo, aí comecei a vender TK e deu certo, aí lucro com isso”*. Perguntado se o jovem “apenas” vendia drogas, sem a realização do programa, ele afirmou que sim, mas que isso acontecia raramente: *“Geralmente são os dois juntos”*. Lucas disse que consegue a cocaína na favela em que morava: *“É mega fácil de conseguir”*.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, Lucas estranhou a pergunta, indagando se era de “amor” ou de “sexo”. Comentei que ele poderia responder a primeira coisa que viesse à sua cabeça: *“De amorosa penso em amor, não acho que amei, mas gostei de um menino quando tinha 15 anos (...) Ele era da minha escola e a gente beijou no banheiro, e sei lá, gostei dele, a gente não chegou a transar, bota fé? A gente ficava se beijando no banheiro, ele me chupava e batia uma, mas não transamos. Durou um tempinho até e acho que sentia uma coisinha a mais por ele sim”*.

### ***Primeira relação sexual (com homem e com mulher)***

Indaguei se Lucas era virgem quando teve sua primeira experiência amorosa, ele negou: *“Não, já tinha transado (...) Perdi a virgindade com 12 e 14 anos, com mulher e com homem (...) Então eu meio que sempre soube que eu era bi (...) Com mulher foi primeiro, com uma menina da minha rua, na minha cidade mesmo. A gente tinha trocado uns beijos e matamos aula pra ir lá em casa, eu tava sozinho sem meus pais (...) Daí foi bom, bem bom, acho que quando você é criança e seu pau tá ali duro, você fica animadão né, aí eu até gostava dela. (...) Ela tinha 17 (...) Aí com um cara eu marquei pela internet, bota fé? Ele morava em Lajeado, uma cidade perto da minha, aí a gente tava conversando no chat UOL e depois trocamos Whatsapp (...) Não, ele era mais velho, tinha 27 anos (...) Aí ele dizia que tava doido pra dar pra mim e que podia ir na minha cidade me visitar, ele tinha carro, se eu topava, aí eu topei (risadas) (...) Não, não fiquei com medo, a gente ficou conversando mó tempão antes de se conhecer, eu confiava nele, aí topei dar um rolê no carro dele, aí fomos*

*num motel que é mais longe do centro da minha cidade e rolou (...) Eu gostei também, acho que sempre fui sexual e sempre gostei de sexo, e gostei mais de transar com ele do que com ela (...) Ela foi mais amorzinho, de dar beijo e tal, de ir com calma, ele eu meti com mais vontade, lembro que ele pedia pra meter mais e eu metia sem dó”. Lucas disse que na primeira relação sexual com mulher, ele não usou camisinha, pois “foi tudo sem combinar”, já com o homem, eles usaram camisinha pois “o rapaz levou e tudo foi mais combinado”.*

No total, Lucas disse que “apenas transou com duas mulheres na vida”, e com homens, perdeu as contas. Disse que fazia programa há três anos, e que “graças a Deus”, têm diminuído o número de programas devido a aumentar o valor e conseguir homens fixos. No início, Lucas transava com cerca de 20 a 30 homens por mês, atualmente, com dez.

### ***O uso do preservativo nas relações sexuais***

Perguntado se o jovem recebia convites para fazer relações sexuais sem preservativo, ele disse, bastante enfático: *“Ah, o tempo todo! Têm cara que oferece o dobro de grana pra transar sem, quando os caras tão muito cheirados eles também querem fazer sem capa, mas isso também foi algo que aprendi desde cedo, não fuder sem camisinha. E tipo, eu bebo pouco e cheiro pouco, cheiro só no trabalho, então não faço merda, transei poucas vezes sem camisinha, ou quando tava muito doido ou quando tava com muito tesão”. O jovem disse que fez sexo sem camisinha “umas cinco vezes”. Sobre “estar muito doido com muito tesão”, respondeu: “Doido de bebida mesmo, ou quando você cheira, por isso a cocaína é perigosa, porque você real perde a noção das coisas, e com muito tesão porque aconteceu no carnaval eu tá pegando um cara e o pau tá daquele jeito, aí levei ele pra uma rua mais deserta e fudemos ali mesmo. E ninguém tinha camisinha, né, aí foi isso”. Lucas disse que fazia exame de HIV pelo SUS todo ano, e nunca teve alguma IST.*

### ***Informações sobre camisinha e ISTs***

Perguntado como teve informações sobre camisinha e ISTs, respondeu: *“Acho que querendo ou não a gente tem as informações por aí, com amigos, internet, acho que sempre tive (...) Acho que aqui no Rio foi mais na internet mesmo porque no começo eu não tinha amigos nem nada, só meu amigo que morava junto”.*

Perguntado em como o jovem realizava suas pesquisas sobre preservativo e ISTs na internet, ele explicou: *“Ah, velho, acho que você só vai digitando, teve uma vez que eu tive um caroço no meu pau, aí eu digitei: ‘Caroço pênis’, aí fui vendo que podia ser HPV ou sífilis, aí pesquisei o que era sífilis, por que não sabia, aí depois de uns dez dias, passou, aí não era nada. E outras coisas também, teve uma época que teve uma galera falando de PREP, né, aí eu fui ver que que era (...) Aí achei interessante porquê vi que podia diminuir meus riscos de ter HIV, mas acabei nem correndo atrás direito, sei que é pelo SUS e é de graça e tem que tomar todo dia, mas nunca corri atrás mesmo. Aí uso camisinha de boa”*.

### ***Primeiro beijo***

Também perguntado sobre o primeiro beijo de “sua vida”, Lucas disse que foi aos nove anos, com uma menina de sua escola, da mesma idade. Disse que o beijo “não foi nada demais”, pois ele “era muito criança”. Em uma festa junina da escola ele e seus amigos estavam brincando de verdade e consequência, e Lucas pediu consequência. Um amigo pediu para ele beijar outra menina da roda, e assim fizeram. Lucas disse que ficou com vergonha, mas que também ficou orgulhoso pois a menina era bonita e “não precisava mais mentir que já havia beijado”. Sobre o primeiro beijo com homem, contou que foi aos 13 anos, com um menino que havia conhecido no chat UOL: *“Conversei com um menino que morava perto de mim (...) Deu uma meia noite, todo mundo dormindo, aí a gente marcou de se encontrar, na rua mesmo, aí nos beijamos (risadas) (...) Ah, foi bem ruim, foi no meio da rua, e tipo, ele não tinha cam, nem eu, e a gente tinha trocado pouca foto porquê a cidade é bem pequena, então a gente meio que foi se encontrar no escuro, aí nem achei ele bonito, mas aí é foda, de falar ‘não’ pro cara, eu também não sabia o que fazer, aí nos beijamos um pouco, lembro que rolou mão boba também, mas depois nunca mais nos falamos”*. Lucas afirmou que nem a moça nem o rapaz sabiam que ele era “BV”. Frente a idade de ambos, o jovem respondeu que a moça tinha a mesma idade que ele, e o rapaz, um pouco mais velho: *“Devia ter 16, 17”*.

### ***Masturbação***

Frente à masturbação, Lucas disse que começou a se masturbar “mais ou menos com 13 anos”, através da internet: *“Sempre foi na internet, nunca vi revista nem nada, quer dizer, vi revista pela internet, nunca na mão (risadas)”*. Sobre quais palavras ele digitava para

encontrar vídeos ou sites pornô, respondeu: “*Eu curto ver pornô que o ativo tem pau grande e o passivo aguenta tudo, geralmente digito isso*”. Perguntado se havia algum motivo em específico para o jovem gostar de vídeos assim, ele disse: “*Ah, porquê no fundo é o que eu curto fazer na cama, né? (risadas) Tipo, eu sei que sou dotado e curto quando o cara que tá dando é submisso, mas é difícil encontrar um passivo que aguenta tudo sem reclamar*”.

### ***Ser “apenas ativo” e as diferenças entre ser ativo e passivo***

Indaguei se Lucas foi passivo alguma vez na vida, ele disse: “*Graças a Deus, não*”. Perguntado se alguma vez já tentou ser passivo, Lucas também negou. Assim, perguntei se para ele ser passivo era algo negativo ou algo a ser evitado: “*Cara, evitado não porquê se não tiver passivo eu não como ninguém (risadas), mas eu não sei, não me imagino dando (...) Acho que sou bastante dominador também, não consigo imaginar alguém me dominando, muito caras me ofereceram mais dinheiro pra fazer programa pra dar, mas sempre falei ‘não’ pra eles*”. Perguntei se Lucas seria passivo com algum namorado ou com alguém que gostasse muito, ele também disse que “*não*”.

### ***Diferenças em ser ativo e passivo na sociedade***

Indaguei se para ele havia diferenças entre ser passivo e ativo na nossa sociedade. Ele respondeu: “*Ah, sei que sim, quem come é sempre visto com outros olhos, né? (...) Tipo, eu sei que tem muita gente querendo dar pra mim nos vôleis que eu joga, mas é porquê sou ativo e tenho pau grande, se eu fosse passivo, não iam querer me comer (...) Acho que o ativo, ainda mais quando você é só ativo, você é mais respeitado, tem uma magia de que você é macho comedor mesmo, por isso tem tanto passivo correndo atrás de você! (risadas)*”. Indaguei se Lucas achava que por ser negro e musculoso, ele teria dificuldades em ser passivo: “*Ah, com certeza. Ninguém me vê como passivo*”. Indagado se ele achava que um “negro musculoso ativo” combinava mais com um “branco não musculoso passivo”, ele respondeu: “*Ah, com certeza, fica o casal perfeito (risadas)*”.

### ***O que é ser homem***

Lucas retomou o assunto quando seu pai descobriu que o jovem ficava com homens e que antes mesmo, seu pai dizia frases sobre o que “é ser homem”: “*Ah, querendo ou não*

*meu pai é do nordeste, do Sergipe, e ele é bem machão. Lembro que quando minha irmã foi estudar, ele falou que a menina que se preza não ia estudar e ia ser uma boa esposa, mesma coisa dos meus irmãos, eu sou mais novo, né, sempre ouvi que eu tinha que ser comedor, comer menina desde cedo, aí você é criado achando que isso é o certo, então quando meu pai descobriu que eu ficava com menino, ele falou muito que não criou filho homem pra ser menina, como se eu fosse menina por gostar de homem (...) Na escola também, tipo, nunca aconteceu isso comigo por que eu acho que sempre acharam que eu era hétero, mas quando tinha um mais viadinho, faziam piada, caçoavam (...) Ah, viadinho é o menino que é mais afeminado, que anda com as meninas, eu não, sempre andei com os meninos e falei grosso”.*

Perguntei a Lucas se ele se considerava “mais homem” por falar grosso e ser ativo: “Ah, sim! Tem muita gente que me perguntou se eu faço programa com homem pra ganhar dinheiro, mas perguntavam se eu gostava de mulher (...) Sou alto, negro e forte, aí falo grosso, ando que nem homem, essas coisas, aí acham que sou hétero (risadas)”. Perguntado, Lucas disse que não se considerava bi, mas sim que se considerava um “gay assumido”.

### ***Se assumir gay***

Retomei o assunto sobre se “assumir gay”, que Lucas havia explicado que seus pais descobriram por “fofoca”. Perguntei se no Rio de Janeiro ele sempre foi “assumido”: “Ah, acho que sim, eu nunca trabalhei em outro lugar, e sempre joguei vôlei com gays, e também sempre frequentei o posto 9 em Ipanema (risadas), então sim, sempre fui assumido aqui”. Lucas disse que não “tinha mais papo” com seus pais desde que saiu de casa, há três anos. Seus pais não sabiam sua profissão e o jovem nunca retornou à sua cidade natal. Com seus irmãos, Lucas possui contato através do *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram*. O jovem não pensava em retornar à sua cidade natal pois “seria muito gasto e não sentia saudade do lugar”.

### ***Lugares de sociabilidade***

Em relação a outros possíveis locais de sociabilidade gay, Lucas disse que chegou a trabalhar em saunas: “Cara, esqueci de te falar, já sim, mas assim, querendo ou não você gasta pra entrar e tal, e sei lá, acho que a internet é mais prática, você pode ficar na praia em Copa ou Ipa no Grindr de boa, e se alguém quiser você se arruma e vai atender. Tem menos dor de cabeça (...) Dor de cabeça por que você negocia tudo pelo aplicativo, o preço,

*o que você faz e não faz, se o cara quiser TK eu vou na minha casa e busco, aí na sauna era mó enrolação, os caras querendo que você faça por menos grana, aí querendo ou não se alguém te pegar com droga na sauna pode dar merda, aí é isso, a sauna é mais chata e tu tem que ter jogo de cintura pra lidar com essas coisas e ter paciência, que eu não tenho! (risadas) Aí prefiro o celular mesmo, fico tranquilão na minha!”.*

Lucas reafirmou dizendo que “99% dos programas” ele combinava pela *internet*, seja pelo *Grindr* ou *Scruff*, seja pelo site que ele tem um perfil, e depois entram em contato com ele por celular, seja seus clientes “fixos” que falam com ele pelo *Whatsapp*: “É, nunca pensei nisso, mas tudo que faço é pelo celular, lembrei que um dia choveu no morro e minha vizinha ficou sem wi-fi (...) Sim, eu divido internet com ela, e eu quase nunca tenho crédito, foi foda, fiquei sem trabalhar por causa disso e perdi mó dinheiro”.

Indagado se Lucas considerava que ele mesmo tinha algum atributo “negativo”, ele respondeu: “Cara, pra fuder, não, mas pra namorar sim, faço programa e moro no morro, acho que um playboy do asfalto não me namoraria por esses dois motivos”. Lucas disse que já pensou em se mudar: “Cara, já sim, se eu tivesse local no asfalto eu acho que teria mais clientes, mas aí teria que trabalhar mais, qualquer kitnetizinha no asfalto tá 2 mil reais, eu pago metade aqui e prefiro não atender em casa. Mas como falei, não quero ser milionário e nem atender tanto, curto minha vida desse jeito”.

### ***Ficar com pessoas trans***

Perguntei se Lucas em algum momento “ficou” com alguma pessoa trans: “Não, nunca, e acho que nem vou ficar (...) Ah, não tenho nada contra, no vôlei tem algumas que são, mas não sinto tesão mesmo”. Indagado se ele ficaria com um homem trans passivo ou mulher trans passiva, ele respondeu: “Não, pra mim tem que ter pau e ser homem mesmo, se não, não rola”. Sobre “ser homem mesmo”, disse: “Ah, homem normal, como eu e você, não me importo se o cara for gordinho ou até pode ser um pouco afeminado, mas tem que ser normal”.

Finalizando, perguntei se o jovem tinha algo a mais para me contar: “Cara, contei tudo da minha vida eu acho, tenho que ir também porquê tenho um cliente. Mas valeu pela conversa, gostei bastante”.

## *Lucas*

Tabela 6: Síntese da história do jovem Lucas

<i>Lucas</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>20 anos</p> <p>“Negro”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu no interior do estado do Tocantins. Se mudou aos 17 anos para a favela Cantagalo, Zona Sul do Rio</p> <p>Nunca namorou: “Quero bastante”</p>	<p>Ensino médio incompleto: “Não aguentava mais morar na minha cidade e fui embora”</p> <p>Trabalhava como “escort” (Garoto de Programa). Segundo o jovem, “às vezes vendia drogas”</p>	<p>Morava com duas pessoas, sendo um “bem amigo”. Idades próximas do entrevistado</p> <p>Mãe, de 45 anos, diarista. Pai, 50 anos, motorista de ônibus. Tinha dois irmãos e uma irmã. Todos mais velhos que o entrevistado.</p> <p>Moram juntos em sua cidade natal.</p>	<p>Primeiro beijo com uma “menina da escola”, aos 9 anos. Ela tinha a mesma idade. Primeiro beijo com menino aos 13 anos, conheceu através do chat UOL e se beijaram na rua. Parceiro de 16 anos</p> <p>Primeira relação sexual com mulher aos 12 anos, “colega da rua”, ela tinha 17 anos. Sem camisinha. Primeira relação sexual com homem aos 14 anos, rapaz de 27. Se conheceram pelo chat UOL e transaram em um motel. Com camisinha</p> <p>Não sabe o total de parceiros sexuais</p> <p>Jovem se considerava “só ativo”</p> <p>Começou a se masturbar aos 13 anos, sempre “pela <i>internet</i>”. Começou vendo “filmes de homem com mulher”</p> <p>Fazia exames de ISTs “uma vez por ano”</p>	<p>Se considerava “negro”, “malhado”, “musculoso”, “discreto”, “masculino”, “pauzudo, 22 cm”, “somente ativo”</p>	<p><i>Internet</i> compartilhada com a vizinha</p> <p>Frequentava Chat <i>UOL</i> desde os 13 anos. Aos 17, fez download do Grindr e anúncios em sites para “trabalho”. Possui dois celulares, um para “trabalho” e outro”, também com Grindr, “para encontrar um namorado”. Lia “diversos blogs” de meninos garotos de programa</p>	<p>Disse que as pessoas tem preconceito com ele por ser Escort: “A pessoa logo te bloqueia ou te xinga. Não me levam a sério. E tem um tesão a mais por eu ser da favela: “Sempre perguntam se vendo drogas”</p>

## Vinícius

---

*“Aprendi a ter orgulho de ser só passivo com o tempo, antes tinha vergonha”*

---

Não conhecia o jovem, indicado por Rodolfo, primeiro entrevistado. Realizamos a entrevista em uma cafeteria na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

### ***Caracterização sociodemográfica***

Vinícius tinha 22 anos, morava no Morro do Borel desde que nasceu, favela localizada no bairro Tijuca. Morava com a mãe, cozinheira, de 40 anos, católica. Vinícius era filho único e não conheceu seu pai e pouco sabia de sua história. Na entrevista, disse: “prefiro não tocar no assunto”. O jovem se considerava “sem religião” e da cor/raça “branca”. Vinícius terminou o ensino médio com 20 anos, em uma escola pública perto de sua casa, disse que repetiu o primeiro ano do ensino médio e o “terceirão”. Há um ano, trabalhava como “*delivery de Ifood*”. Me contou que tinha uma bicicleta própria, não sendo necessário gastos com gasolina. Vinícius disse que “trabalha bastante”, chegando a ganhar R\$400 por semana, ou seja, R\$1600 mensais. Também contou que em algumas semanas, se sentia “preguiçoso” para trabalhar, e ganhava menos, e outras semanas, “trabalhava ainda mais”, chegando a ganhar R\$2.500 por mês. Complementou dizendo que “achava o máximo ter mais liberdade pra trabalhar”, mas reclamou que “por ser gordinho, às vezes a bicicleta pesava”.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, Vinícius indagou: “*Amorosa em qual sentido?*”. Respondido que a pergunta era ambígua de forma proposital, comentei que Vinícius poderia responder o que viesse em sua cabeça: “*Olha, primeira coisa que vem na minha cabeça é que por muito tempo eu vivi na dúvida, sem entender mesmo o que eu queria. Daí acho que acabei fazendo o que achava que tinha que fazer, sem me perguntar se era o que eu queria. Daí penso que minha primeira experiência amorosa foi com uma menina. A gente era amigo de infância. A gente foi namorado dos meus 13 até 15 anos, durou dois anos*



(...) Ela tinha a mesma idade (...) Meu primeiro beijo da vida foi com ela. A gente tava na casa de uma amiga da nossa turminha brincando de girar a garrafa. Isso eu tinha 12 anos, foi antes do namoro. Daí quando ela girou, tirou outro menino da roda, aí ela disse: “Poxa, queria que tivesse caído no Vinícius”. Aí você já viu, né? Um bando de criança junta, começou a gritaria: “Beija! Beija! Beija!”. Todo mundo começou a rir e a pilhar que a gente tinha que beijar. Aí beijamos naquele momento (...) Na hora eu não sabia, mas foi o primeiro beijo dela, e o meu também. Conversamos sobre isso depois. (...) Então, eu queria beijar ela sim, eu acho, quer dizer, não sei. Eu acho que foi legal o depois, de ir no cinema com ela, de pegar na mão junto, mas eu acho que eu já tinha algo na minha cabeça que eu era diferente, e foi ficando cada vez mais claro com o tempo (...) No sentido de que meu pai não ficava duro com ela, a gente nunca fez nada sexual e nem ia fazer, no começo era algo bem de criança, e ficou assim o tempo todo. Tipo, eu não me arrependo, eu real gostei dela, a gente se divertia muito, a gente confiava muito um no outro, mas não tinha aquela chama sexual. Aí no final, acho que tava claro que não era pra ser (...) Tipo, eu meio que já olhava pros amiguinhos de outro jeito, saca? Teve uma vez que a gente foi num clube tomar banho de piscina, e noooooosssa, o professor de Educação Física que era ‘mó’ gostoooooooooooooso, lembro que eu ficava olhando o volume da mala dele (risadas) Aí acho que a gente terminou por conta disso, chegou uma hora que acho que a gente sabia que no fundo no fundo não ia pra frente. Vinícius reafirmou que essa “experiência foi muito importante”, que se viu “gostando de alguém pela primeira vez e foi uma experiência que teve muito carinho”.

Perguntado se na escola Vinícius foi visto como “mais macho” ou “mais homem” por estar namorando uma menina, ele disse: “Ah, acho que sim. Tinha umas pessoas que sabiam que eu era BV e tal, não sei até que ponto desconfiavam que eu era gay. Acho que você beijar uma menina na frente de todo mundo é a confirmação que você gosta daquilo, né? E acho que quando a gente é muito pirralho essas coisas importam muito. Mas sei lá, o beijo foi legal, a gente namorou bonitinho, não vejo como uma história ruim na minha vida!”.

### ***Primeira experiência com homem***

Continuando o assunto e bastante empolgado, Vinícius continuou sua história: “Daí ela se mudou pra Vitória, aí fiquei bem triste porque perdi minha melhor amiga. Daí fui jogar videogame na casa de um amigo, o Rafa. Daí ele me perguntou como que eu tava com

*a Paulinha, aí falei que tava triste porque ela tinha ido embora. Aí ele me perguntou se a gente tinha transado, falei que não e ele me perguntou o porquê, mas aí eu falei que não tinha resposta. Foi uma conversa meio estranha (risadas)”. Vinícius continuou: “Mais tarde chegou um amigo do Rafa, Caique. Eu já tinha visto ele algumas vezes (...) Ele era um pouco mais velho, tinha 19 anos e eu 16 (...) Era super bonito, simpático. Aí o Caique falou das dúvidas que achava que era gay, que tava apaixonadinho por um menino. Aquilo foi uma revelação pra mim, naquela noite que eu real me entendi como gay e que ser gay não é uma coisa ruim, só significa que você gosta de uma pessoa do mesmo sexo que você”.*

Vinícius continuou sua história: “Aí depois eu e Caique começamos a nos falar mais vezes. Ele me ajudou a entender tudo o que eu sentia, que era aquilo que ele tava sentindo também, muitas dúvidas e medo de saber se aquilo era errado. Aí acabamos ficando (risadas) Mas foi incrível! A gente tava na casa dele jogando jogos de tabuleiro com uns amigos. No fim da noite, fui me arrumar pra ir embora, ele perguntou: ‘Você não prefere dormir aqui?’. Nossa, eu gelei, mas respondi que sim (risadas). O convite me deixou animado, primeira vez que ia fazer algo com outro cara (...) Me senti zero pressionado a transar. Eu queria muito. E ele foi incrível. Foi algo natural, quando vi, a gente já tava beijando e abraçando. E, como foi minha primeira vez, ele foi extremamente carinhoso e respeitoso (...) Respeitoso no sentido de me beijar, fazer carinho, ele perguntou se era minha primeira vez, eu falei que sim, aí ele foi bastante delicado e gentil, perguntando como eu tava e se me sentia bem (...) Não teve nenhuma negociação de camisinha, ele acabou pegando e usamos juntos (...) Sim, teve gel sim, teve tudo! (risadas) Ele foi bem atencioso!”.

Vinícius disse que eles ficaram “uns seis meses”: “Foi uma experiência bem especial pra mim, assim como meu primeiro beijo. As duas foram especiais, mas de formas diferentes! Acho que o mais importante, com ele eu tinha certeza de que tava fazendo a coisa certa. Com ela eu tinha dúvida, achava que faltava a parte da paixão sexual mesmo. Mas deixa assim, essas foram minhas primeiras experiências e as duas super me marcaram! (...) Acho que toda a primeira vez marca, né, o primeiro beijo, primeiro sexo, primeira punheta (risadas)”.

### ***A prática da masturbação na trajetória do jovem***

Perguntei como foi a “primeira masturbação” do jovem: “Eu devia ter uns 11 anos. Mas nossa, era bem deprimente, eu não tinha computador na época. Daí eu ia pra casa da

*minha tia-avó, que eu nem gostava tanto, só pra passar o dia com ela e depois que ela ia dormir, eu começava a buscar fotos de homens pelados na internet (risadas). Daí eu ia vendo as fotos, ia sentindo um formigamento e uma tensão no short (risadas). Daí eu lembro que pesquisei na internet sobre o que fazer quando o pau ficava duro, aí aprendi que masturbação era ficar movimentando o pau. Depois eu ouvia os meninos na escola, que já tinham gozado (...) Com o tempo entendi que eu era diferente deles (...) Eu só procurava foto e vídeo de homens, e eles dizendo de Playboy<sup>9</sup>, de mulher peituda, eu não via isso. Mas não falava pra ninguém, sabia que era diferente mas não queria falar pra me zuar ou me xingar”. Perguntado sobre o que o jovem “digitava”, ele respondeu: “Acho que no Google eu digitava umas palavras bestas: ‘Homem pelado’; ‘Homem nu’; Aí depois você vai aprendendo que na internet tem de tudo, né? Aí vai digitando outras coisas que vem na sua cabeça: ‘Homem pau grande’; ‘Pauzudo’; ‘Leite farto’ (risadas) Ai, que vergonha! (risadas)”.*

#### ***Diferenças entre ser ativo e passivo***

*Se o jovem achava que existia diferenças entre ser “ativo” ou “passivo”, ele, enfático, disse: “Acho sim! A gente sempre ouve desde criancinha o que é ser homem e o que é ser mulher, né, e o que é certo e o que é errado. Aí acho que isso reflete nessa coisa de ser ativo e passivo. Tipo, já falei que eu sou só passivo? E acho que no comecinho mesmo você vai aos poucos se descobrindo gay aí você sai do armário, né? Admite pra você mesmo que você é gay. Aí acho que é a mesma coisa de ser passivo, eu sempre falava que era ativo. Eu sei que eu tinha um preconceito na minha cabeça de que isto me faria mais homem. Depois comecei a falar que era versátil, aí depois comecei a falar que era versátil passivo (risadas) Aí eu tive um namorado que me fez entender que era aquilo que eu queria, ser só passivo, aí hoje eu falo que sou só passivo. Acho que aprendi a ter orgulho de ser só passivo, antes tinha vergonha. Eu leio sobre diversas coisas na internet, no Facebook (...) Ler coisas de que não é vergonha ser só passivo. Aí sei lá, acho que tem muita diferença entre ser passivo e ativo sim, que o ativo é o homem da relação e por isso você é menos gay por ser só ativo. Também acho que parece que a gente não deveria ser só passivo, que o certo é ser versátil. Mas é difícil quando você sabe que não é isso que você quer. Um gay tem que ser muito homem pra*

---

<sup>9</sup>Revista masculina brasileira criada em 1975. Circulou durante 40 anos. Suas primeiras edições contavam com mulheres famosas em poses provocantes e sensuais, não necessariamente nuas. Em 1999, bateu recordes de venda no Brasil, ultrapassando a marca de um milhão de revistas impressas vendidas (Silva, 2004).

*bater no peito e reconhecer que é só passivo”.* Indagado a falar mais sobre a última frase, Vinícius disse: *“Por preconceito da sociedade com o passivo, querendo ou não você ouviu frases de que o passivo é a mulher da relação, que é o afeminado, não é fácil assumir que é passivo. Você precisa de muita coragem pra falar pros outros que é passivo. Até no meio gay e nos aplicativos você vê essa dificuldade”.*

### ***Ser passivo nos aplicativos***

Perguntado sobre como era ser “só passivo” nos aplicativos: *“Bom, eu acho que a sociedade é bastante machista. Eu usei aplicativos poucas vezes (...) Acho que só o Grindr e o Tinder (...) Ai quando colocava que era “Passivo” nos aplicativos, alguém vinha falar comigo: ‘Gosta de levar pica na bunda, né, viadinho?’; Ou tipo: ‘Geme que nem uma mulherzinha quando tá dando?’; Tipo, em um próprio aplicativo gay. Parece loucura, mas até os gays, e sei lá se são ativos ou não, têm preconceitos com os passivos. E assim, inúmeras vezes eu vi nos aplicativos as frases ‘não curto afeminado’; ‘afeminado não’. Teve uma vez que eu mandei mensagem pro carinha o que era ‘ser homem de verdade’, ele me xingou e me bloqueou. Ai é isso, nós somos bastante preconceituosos com nós mesmos”.*

### ***Blogs e páginas favoritas na internet***

Se Vinícius participou de algum grupo seja na favela ou em algum outro lugar sobre “gênero” e discussões sobre “machismo”, ele afirmou que não: *“Tudo que aprendi foi na internet, ou em blogs ou no Facebook, Instagram, essas coisas”.* Indagado sobre sua comunidade virtual favorita, ou seu blog favorito, respondeu: *“Eu gosto bastante no Insta, @desconstruindoconceitos, que fala algumas coisas de machismo e tal (...) Teve uma vez que falaram sobre ser ativo e passivo, e do preconceito com o passivo. Uma vez falaram do preconceito contra o afeminado, eu adorei! Gosto de refletir sobre essas coisas, na época só passava raiva com aplicativo”.*

### ***Usar aplicativos e desistir de usá-los***

Indaguei se o jovem usava aplicativos “atualmente”: *“Hoje, não mais, tenho preguiça”.* Sobre a “preguiça”, explicou: *“Eu vira e mexe baixo os aplicativos, uso por uma semana, mas aí já fico com preguiça da quantidade de gente idiota que existe neles e deleteo (...)”*

*Preguiça por não me enquadrar nos padrões de beleza e corpo que as gays querem, principalmente por ser gordinho, passivo e afeminado. Aí eu acabo tendo um bloqueio com esses aplicativos. Eu tenho que te contar uma coisa depois! Mas em aplicativo nunca me dei bem”. Perguntado sobre “não se dar bem em aplicativos”, Vinícius disse: “As pessoas são covardes nos aplicativos (...) Elas acham que tão protegidas pelo sigilo da tecnologia, aí põem os demônios pra fora, sabem que não vai acontecer nada com elas (...) Te xingam, te humilham e depois te bloqueiam, aí vão viver a vida delas e você fica ali se sentindo mal, daí acabo deletando”.*

Indagado a falar mais sobre as falas que outros homens diziam ao jovem, ele disse: “*Cara, acho que os aplicativos tipo o Grindr são muito difíceis. Infelizmente o mundo gay é extremamente focado no corpo (...) Tem que ser forte, ter gominho, não pode ser gordo e muito menos afeminado (...) Já teve caras que pararam de falar comigo quando mandei uma foto de corpo todo. Eu não funciono bem em aplicativos. Demorei um tempo pra ter uma boa autoestima de novo, que sei que tá bem longe de ser ótima, mas me considero feliz do jeito que eu sou. Daí utilizar esses aplicativos onde não sou bem-vindo não me faz nada bem”.* Perguntado, Vinícius disse que “apenas” fez sexo com dois rapazes do Grindr. Complementou dizendo que sua primeira relação sexual foi com o Caique, o segundo foi seu namorado, que após o “acontecido”, ficou três anos sem fazer sexo, transou com dois rapazes que conheceu “online” e outro rapaz que conheceu na praia, totalizando cinco homens no total.

### ***O estupro durante a trajetória do jovem***

Perguntado sobre o “acontecido”, Vinícius me contou: “*Então, depois do Caique eu namorei o Maurício, tava mega apaixonado por ele (...) Eu tinha 17 anos, ele tinha 22. Foi um namoro muito bom, aprendi muita coisa, durou quase um ano. Eu achei que ele fosse o amor da minha vida (...) Nos conhecemos no Tinder. A gente deu ‘match’, mas nem conversamos. Aí por coincidência a gente se encontrou numa festinha na Lapa que era niver de um amigo em comum, aí a gente começou a conversar sobre essa coincidência. Aí ficamos naquela noite e depois de uns meses começamos a namorar. Mais pro final o namoro começou a ficar bem ruim, descobri umas traições dele, vi que ele não era aquele príncipe encantado. E tipo, foi um ano difícil porquê eu tava brigando muito com a minha mãe, comecei a engordar bastante, já tinha reprovado na escola. E ele ficava falando que tava engordando, tava ficando feio, tava ficando gordo, e isso foi minando minha autoestima. Aí a gente foi se encontrando menos, o tesão foi diminuindo. A gente foi parando de transar. Aí*

*com muita dificuldade eu terminei com ele (...) Tipo, ele era só ativo, aí acho que isso só piorava as coisas (...) Piorava porque acho que ele sabia que eu gostava mais dele do que ele de mim, ele sabia que eu tava amando ser só passivo e isso dava mais segurança pra ele. Mas no começo ele me tratava bem, acho que não me traía. Lá por oito meses que começou a ficar ruim, dele me trair, me desdenhar, dizer que ia sair com os amigos e que no outro dia a gente se falava, me chamar de baleia e de feio, essas coisas. Aí minhas amigas e amigos me ajudaram muito, dizendo pra eu terminar com ele, aí eu consegui. Tipo, teve uma vez que eu terminei, mas ele pediu tanto que eu acabei voltando. Aí depois de uns dois meses eu terminei de vez. Aí ele pediu pra gente se encontrar pra conversar. Aí eu trouxe fui lá. Aí ele veio com o mesmo papo pra gente voltar, que eu era o amor da vida dele, mas eu disse que não. Aí eu meio que joguei tudo na cara dele, de dizer que ele me fez mal me chamando de gordo e feio e que no final a gente nem transava. Aí a gente foi se exaltando, ele mais do que eu. Aí teve uma hora que ele gritou: ‘Você tá reclamando que faltou sexo, é? Que faltou pica nesse cu?’. Aí eu falei que não, que não era isso, mas que não importava porque já tinha acabado. Aí ele começou a ser mais agressivo, foi aí que ele me segurou e me forçou, aí me estuprou. Tipo, não durou nem cinco minutos, não lembro. Ele segurou meu braço e o corpo dele tava em cima do meu, eu tentei resistir, mas ele era mais forte que eu e eu, congelei, sabe? Foi muito tenso, ele saiu de cima de mim e eu não consegui levantar, ele foi pra sala fazer nada, eu só catei minhas coisas, meu chinelo, minha bermuda e fui embora da casa dele. (40 segundos de silêncio) Se você não se incomoda, eu não queria falar sobre isso. Só posso dizer que foi a pior coisa minha vida e fiquei três anos sem fazer sexo depois disso”.*

Perguntado se Vinícius havia comentado com alguém sobre o ocorrido, ele disse que contou “apenas pra uma amiga”. Perguntei também se Vinícius havia começado a usar aplicativos nesse período de três anos “sem sexo”, ele afirmou que sim: “Nunca tinha parado pra pensar, mas sim, acho que fiquei traumatizado pelo que aconteceu e os aplicativos foram talvez essa tentativa de conhecer alguém com mais calma. Mas como te falei, foi só dificuldade e não vou encontrar lá o que tô procurando”. Indagado se Vinícius fez terapia para “falar” sobre o estupro que lhe aconteceu, ele respondeu que não.

### ***O que Vinícius está procurando***

Solicitei para ele me falar um pouco mais sobre a última frase: “*Cara, como que eu vou explicar? Tipo, depois que você vive um tempo nos aplicativos, você percebe que sexo é algo mecânico! (...) Mecânico que tipo, se você usa o Grindr, todo mundo vira uma vitrine, com corpo, o pau, a bunda, o abdômen. Aí vêm aquelas perguntas clichês, se você é ativo ou passivo, se você tem local, se tem voz de homem e jeito de homem. Depois do estupro eu não conseguia pensar em fazer “só” sexo, queria cumplicidade, confiança, troca. Sexo virou sinônimo pra mim de desespero, não de prazer. Acho que até hoje busco essas outras coisas, aí não vejo festas e aplicativos como prioridades”.*

Indagado, Vinícius disse que saía em muitas festas: “*Nossa, ia sim, gostava bastante! (...) Acho que dinheiro nunca foi problema, e a gente sempre dá um jeito, compra uma catuaba de 5 reais e fica bem louco na rua. Aí beijava vários nas festas e tal, se não tivesse sido o estupro tenho certeza que teria transado. Tipo, eu não transava, mas fazia oral, sabe? Cheguei a chupar vários nos banheiros das festas, só não conseguia ‘dar’ mesmo. Mas agora tô mais quietinho e deixando a vida acontecer”.*

Indagado se Vinícius frequentava saunas, ele respondeu: “*Não, não tenho dinheiro. Tipo, até procurei saber dos preços, tem uma aqui perto na Tijuca que sei que é R\$40 pra entrar, que não é tãããã caro assim, sei que poderia juntar e ir. Mas tipo, pesquisei e o público lá é muito velho e cara casado e eu não curto muito”.* Vinícius retomou o assunto que queria algo mais sério, “*para poder confiar novamente em alguém e poder se entregar sem medo e acreditar que o amor existe”.*

### ***Sofrer preconceitos***

Perguntei se Vinícius sofreu algum tipo de preconceito em “sua vida”. Ele, prontamente disse: “*Noooooossa, fico cansado só de pensar (risadas). Se eu contar os pequenos preconceitos, vi mãe puxando filho e filha pra longe de mim e do meu namorado, quando a gente tava andando de mãos dadas. Mas acho que a que mais me marcou foi quando eu fui agredido por quatro caras saindo de uma boate aqui no Rio lá na Lapa. Eles me bateram, quebrei a clavícula, rasguei meu lábio e fiquei com olho roxo. Por sorte não fui internado. Não aconteceu nada com eles. Teve uma vez que eu tava com meu namorado também comendo em um restaurante lá na Tijuca e fomos convidados a nos retirar por estar*

*incomodando outros clientes. E tipo, a gente nem tava se beijando nem nada, a gente pegava na mão um do outro de vez em quando. E também teve uma vez que eu mesmo revidei um soco na rua lá no Centro e fui parar na delegacia com o carinha. Aí o policial disse que o caso era só uma briga de rua e que ele não ia fazer nada. Aí eu fiquei puto porque queria falar que era caso de homofobia, aí ele me ameaçou por desacato à autoridade. Fico puto só de lembrar! E ah, tem os preconceitos dos aplicativos, já teve caras que estavam falando comigo e, ao ver meu corpo em foto, me ignoraram e me bloqueavam. Isso me gerava ansiedade, depressão, sentimentos de inferioridade, só dor. Mas hoje não uso os aplicativos e com certeza tô melhor sem eles!”. Sobre as bloqueadas, disse: “Pra mim você bloquear alguém só pela aparência é uma coisa muito forte, porque eu já fui bloqueado diversas vezes. Isso sempre me fez mal. As pessoas não têm ideia do quanto isso faz mal e causa sofrimento. Daí hoje, se acontecer deu não ter interesse por alguém, eu tenho toda a paciência pra explicar que não vai rolar sem ser grosso pra pessoa não sentir ofendida. Não sei se isso se chama empatia, mas tento fazer com que ela não se sinta como eu me senti várias vezes”.*

### ***Se assumir gay***

*Indaguei se o jovem era assumidamente gay. Ele, pensativo, disse: “Eita que tudo isso foi um processo (risadas) Acho que o primeiro passo foi que me assumi pra mim com 15 anos, mas é aquela coisa, você quando é muito novo não tem aquela confiança que precisa ter pra falar isso pros outros. E eu sempre fui tímido, com 15 anos eu era gordinho, era bem fechado. Daí acho que no meu namoro mesmo que eu comecei a ter mais coragem pra falar. E acho que a palavra é coragem mesmo, porquê nem sempre dá pra confiar nas pessoas. Aí contei pra duas amigas minhas que super me ajudaram. Teve uma vez que eu fui fazer um curso de digitação e falei pra turma que era gay. Aí aos poucos fui me assumindo como gay. Hoje, todo mundo sabe, inclusive minha mãe (...) Até me arrependo de não ter contado antes, acho que a gente não tem que ter vergonha de quem a gente é (...) Minha mãe não fala nada, nem que apoia nem que não apoia. Tipo, eu não apresentei meu ex pra ela, mas ela sabia que eu tava namorando (...) A gente transava na casa dele, ele morava com os pais, mas ficava bastante sozinho em casa. Era difícil a gente transar na minha casa (risadas)”.*



### ***Encerrando a entrevista: camisinha, ISTs e blogs de ajuda***

Depois de um pouco mais de uma hora de entrevista, Vinícius disse que “precisava ir”. Me indagou se eu tinha mais alguma pergunta para fazer. Pedi para ele falar um pouco sobre como obteve conhecimentos sobre camisinha e ISTs: *“Olha, me considero um cara super antenado com essas coisas, super gosto de pesquisar! Apesar de que nunca tive nada de informação na escola ou em casa, eu sempre conversei com amigos e lia na internet sobre camisinha e doença, que não é só HIV que pode pegar. Quando fui estuprado, te falei que não fiz terapia, né, mas li muita coisa na internet (...) Tipo, que a pessoa que é abusada tende a se culpar, e muita gente fala que se sentia mal, que tinha medo e vergonha de denunciar, essas coisas (...) Tem um site que me chamou bastante atenção, eu não lembro o nome, mas que falava de abuso de quem era gay adulto, mas assim, tinha muita coisa de coroinha lá, e gente que não queria ser gay, aí meio que culpavam ser gay porque tinham sofrido abuso quando criança. Coisa assim. Era super pesado, mas lendo tudo ali me fez perceber que eu não fui abusado quando criança sabe, eu não queria entender o porquê eu era gay e colocar a culpa naquilo, só queria entender porque eu deixei aquilo acontecer, que na verdade, não foi culpa minha. Mas lendo, vi que isso acontecia muito com mulher né, mulher que gosta de homem, hétero. Mas aí eu lia e via que elas passavam por isso, que existe muito estupro em relacionamento. Sei lá, me perdi onde eu tava no raciocínio, mas é isso, me fez bem ler coisas de quem já tinha passado por esse tipo de abuso no namoro, apesar de que eram todas mulheres. Não lembro de ter lido algum homem que tinha sido estuprado. Acho que é isso!”*

Vinícius disse que fez exame de HIV duas vezes na “vida”. Uma antes de namorar e outra após o estupro. Disse que após o estupro, chegou a pensar em tomar PEP mas não o tomou, pois pensou que caso fosse ao SUS, talvez teria que ir à delegacia denunciar seu ex-namorado e preferir “evitar a exposição e caçar uma briga que podia dar em nada”.

Indaguei se Vinícius tinha “algo a mais para me contar”, ele disse que não. O jovem disse que gostou bastante “de falar com um psicólogo” e disse que caso precisasse, poderia perguntar algo para ele via *Whatsapp*.

## Vinícius

Tabela 7: Síntese da história do jovem Vinícius

<i>Vinícius</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>22 anos</p> <p>“Branco”</p> <p>“Sem religião”</p> <p>Nasceu no estado do Rio de Janeiro. Sempre morou no morro do Borel</p> <p>Solteiro</p> <p>Teve um namorado, que durou dez meses</p>	<p>Terminou o ensino médio em um colégio público do Rio</p> <p>Trabalhava como “Delivery de Ifood”</p>	<p>Morava com a mãe, de 40 anos, cozinheira. Mãe “bastante católica”. Não conhecia seu pai. Filho único</p> <p>Se assumiu gay para sua mãe aos 17 anos. Amigos sabiam. Disse “que assumiu pra si mesmo primeiro aos 15”</p>	<p>Primeiro beijo com uma menina, amiga de infância, aos 12 anos. Ela tinha a mesma idade. Nunca transou com mulher. Primeiro beijo com homem aos 16 anos, rapaz de 19, se conheceram por um amigo em comum. Primeira relação sexual com o mesmo rapaz. Usaram camisinha. Ficaram juntos por 6 meses. Foi passivo na primeira relação.</p> <p>Foi estuprado pelo 1º namorado aos 17 anos, após dois meses de término de namoro. Se conheceram pelo Tinder.</p> <p>Total de cinco parceiros sexuais. Dois conheceu <i>online</i>. Jovem se considerava “só passivo com muito orgulho”</p> <p>Começou a se masturbar aos 11 anos, no computador da avó, vendo fotos de homens nus na <i>internet</i></p> <p>Fez exame de ISTs duas vezes: antes do namoro e após o estupro</p>	<p>Se considerava “super passivo”, “gordinho” e “afeminado”</p>	<p>Nunca teve computador em casa, utilizando o da avó. Ganhou celular próprio aos 15 anos. Divide Wi-fi com a vizinha. Gostava de ler blogs sobre maculidade e abuso-estupro, após o estupro que sofreu aos 17 anos. Baixou o Tinder e Grindr aos 19 anos, deletando os aplicativos “de vez em quando”</p>	<p>Frases pejorativas sobre o jovem ser “só passivo”: “<i>O mundo gay é muito focado no corpo, e eu não tenho o corpo padrão, não sou forte, não tenho gominho e sou afeminado. Quando mando foto do meu corpo, me bloqueiam</i>”. As bloqueadas sempre “fizeram mal” ao jovem</p>

## Danilo

---

*“Eu só fui perceber que era pobre e gordo quando comecei a querer namorar”*

---

Danilo era “amigo muito próximo” de Vinícius, entrevistado anterior. Coincidentemente, os dois se pareciam fisicamente. Após trocarmos mensagens pelo *Whatsapp*, marcamos a entrevista em uma lanchonete em Copacabana, Zona Sul da cidade.

### ***Caracterização sociodemográfica***

Danilo tinha 19 anos no momento da entrevista, nascido em 2000. Nasceu na Zona Leste de São Paulo, em São Rodolfo. Segundo o jovem, era um bairro “mega pobre” da cidade. Se considerava “sem religião, mas acreditava em Deus” e da cor/raça “branco”. Morava com a mãe, de 40 anos e diarista; o pai, de 50 anos, “ajudante de obras” e sua irmã, de 16 anos, estudante de um colégio público da Zona Sul do Rio de Janeiro. O jovem morava na Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, Zona Sul da capital. Ele havia terminado o ensino médio em 2018. Disse que trabalhou em uma “barraca de caipirinha na praia” por oito meses, mas desistiu “pois o salário era muito baixo”. Atualmente, não trabalhava e estava pensando em comprar uma bicicleta e se tornar “*delivery de Ifood*”, assim como seu amigo Vinícius.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, respondeu: “*Minha primeira experiência sexual na verdade foi com meu primo (...) Eu acho que tinha uns sete, oito anos e ele devia ter uns 15. Ele e a família dele foi visitar a gente e ficou lá em casa. Acho que eu não disse, mas eu moro desde pequenininho aqui no Rio apesar de ter nascido em São Paulo. Aí a gente ficou no mesmo quarto, né? Ele ficou no meu quarto dormindo junto comigo, mas em cama diferente. Minha irmã tava dormindo com meus pais. Aí a gente tava jogando algum jogo. Aí rolou por algum motivo de encostar no pinto dele meio que sem querer, como se fosse na brincadeira. Eu não sei, eu encostei sem querer como se tivesse brincando, aí eu senti o pau dele meio duro! Aí tava rolando uma tensão entre a gente, mas a gente conversou*

*que os dois estavam meio com medo e não fizemos nada. No outro dia eu chupei ele! Eu lembro vagamente dele ter tentado entrar em mim, mas não conseguiu! Enfim, acho que foi assim a minha primeira experiência sexual. Aí ele voltou para SP, aí depois de uns anos eles voltaram e ficaram lá em casa, no mesmo lugar! Aí eu chupei ele de novo! Mas aí acho que rolou mais coisas. Lembro que ele gozou na minha boca (risadas) Depois disso nunca mais aconteceu nada com esse primo. Ele não me comeu não, não chegamos a fazer sexo”.*

### ***Primeiro beijo da “vida”***

*Danilo continuou: “Quando tinha 15 anos eu mudei de escola. Eu não curti essa escola porque me chamavam de bicha e de viado e eu nem tinha feito nada pra ninguém. Aí tinha uma menina lá. Ela nem era da turma, era uma menina muito feia, muito gorda e muito espinhenta (risadas) Aí os moleques inventaram que ela era a fim mim e eu tinha que ficar com ela. Foi horrível. Me senti obrigado a ficar com ela! E eu não queria. Foi bem ruim, mas achava que tinha que fazer. Eu achava que homem não podia falar ‘não’ pra mulher já que ela que tava a fim de mim. Aí acabei beijando (...) É uma lembrança ruim porque os moleques levaram a gente pro canto da quadra e eles queriam ver se eu ia beijar ela. Eles só queriam ter a certeza que eu não era viado! Mas ali tava todo mundo olhando. Não me lembro disso com felicidade, mas esse foi meu primeiro beijo na vida”.*

### ***Primeiro beijo com um homem***

*Sobre seu primeiro beijo com um homem: “Meu primeiro beijo com homem também não foi uma experiência nada legal! Eu tinha 17 anos, acredita? Foi tarde! Tipo, já contei a história do meu primo, mas a gente não chegou a se beijar. Aí com 17 eu adicionei um menino no Face, acho que da comunidade ‘Moradores da Zona Sul’, ou ‘Moradores de Copacabana’! Aí ele me aceitou (...) Não, nem conhecia e nunca falei com ele, adicionei na cara de pau mesmo. Aí a gente ia conversando, aí a gente marcou de ir na ‘Fosfobox’, fica aqui em Copa mesmo! (...) Ah, a questão do dinheiro eu lembro que não precisava pagar para entrar com o nome na lista. Se eu não me engano tinha que entrar até meia noite e até uma hora era open bar de catuaba. Nossa, a gente tinha bebido um pouco na frente e depois entramos tipo 23:30 e bebemos até uma hora de graça. Senhor! Aí bebemos até! Mas tipo, ele era muito feio ao vivo! Ele era muito gordo, muito feio, mas assim, muito gordo mesmo!*

*Todo espinhudo! Nossa, péssimo! (...) Ele era dois anos mais velho que eu (...) Eu nem queria ficar com ele. Mas a gente tava na boate, tava bebendo e ele começou a pagar bebida para mim e quando vi, eu tava beijando ele. Infelizmente esse foi meu primeiro beijo. (...) Infelizmente porque acho que meu primeiro beijo com a menina foi forçado e com esse menino também. Da outra vez tinha pessoas me forçando pra beijar ela, mas acabei beijando ele por ficar sem graça de sair correndo quando conheci ele (risadas)”.*

### ***A primeira relação sexual do jovem***

Sobre sua primeira relação sexual, Danilo contou que foi com um homem e que nunca havia transado com mulher: *“Minha primeira transa foi lá na Fosfobox, acredita? Uns dois meses depois eu acho. Um dia eu tava lá com dois amigos aí eu tava mais bêbado que o Batman. Acabei ficando com um menino lá e chupei ele no banheiro. Aí ele falou que queria me comer e eu dei para ele no banheiro (...) Foi bem ruim, doeu pra caralho. E não teve camisinha e nem um gelzinho. Mas assim, lembro que foi bem rápido! Não demorou muito para ele gozar. Não lembro se ele gozou dentro e eu nunca mais vi o menino na minha vida”.* Perguntado se o jovem teve vontade de transar naquele momento, ele disse: *“Sentir, sentir, eu senti! Eu tava bem bêbado, mas queria sim! Mas acho que se dependesse de mim, eu só teria chupado o menino, não teria feito sexo, eu ia tá feliz e teria sido melhor pra mim. Mas ele foi me colocando meio de costas e meio que roçando lá. Foi um pouco estranho, mas ele insistiu um pouco e entrou. Aí foi isso, acabou rolando e a gente nunca mais se viu”.* Indagado o “porquê” teria sido melhor para o jovem “apenas” realizar sexo oral no outro rapaz, ele respondeu: *“Ah, mais uma vez eu não tava pronto, né? Acho que eu não tava preparado psicologicamente (risadas) E acho que todo mundo pensa que a primeira vez vai ser com mais calma, eu mal lembro da minha primeira vez e nem lembro direito da cara do guri. Aí é isso, não foi nada boa minha primeira vez e até tenho vergonha de contar”.*

### ***A trajetória após a primeira relação sexual***

Pontuei que Danilo havia feito sexo pela primeira vez há dois anos. Ele concordou e disse: *“Nossa, parece que faz tão mais tempo, veio tantos caras depois! (risadas)”.* Solicitado a falar mais um pouco sobre sua “vida sexual” após a primeira relação sexual com penetração, ele disse: *“Então, hummm, depois que eu perdi a virgindade eu acho que despiroquei um*

*pouco (...) Eu baixei um monte de aplicativo (...) Ah, Grindr, Scruff, Hornet, Badoo<sup>10</sup> (risadas) (...) Sim, todos pelo celular! A gente tinha computador sim, apesar da minha família não ter dinheiro, mas a gente tinha computador sim, mas o computador era de todo mundo. Ficava na sala e todo mundo usava, não tinha senha. Depois de um tempo minha mãe vendeu porque tava velho. Mas lá em casa todo mundo tem celular, aí o celular substitui o computador, né? E wi-fi a gente divide com a vizinha, que é um wi-fi super bom, aí dá pra ver um monte de vídeo e falar no aplicativo de boa (risadas)”.*

### ***Começar a se masturbar através da internet***

Sobre “ver um monte de vídeo”, Danilo falou sobre o início da prática de masturbação: “Ah, vídeo foi pra bater punheta (...) Acho que lá com 15 anos, na verdade eu tentava me masturbar desde os 14 né, mas nunca saía nada. Ficava batendo punheta vendo filme pornô, mas nunca saía nada! (...) Não, nunca vi revista, sempre pelo celular mesmo, a tela é pequena, mas a gente dá um jeito né (risadas) Um dia eu vi um filme pornô de gays, lembro que eles eram mó sarados, eles tavam se masturbando e se comendo! Aí lembro que achei os caras lindos! Foi aí que gozei. Aí eu comecei a gozar um monte! (risadas) (...) Pensando agora, eu me masturbava no começo com vídeo hétero, acho que por isso eu não gozava, aí com vídeo gay, eu gozei, então acho que eu tava fazendo errado mesmo (risadas) (...) Errado no sentido que eu acho que até nisso eu era medroso (...) Medroso de que demorei pra digitar alguma coisa de sexo gay. Acho que tive coragem um dia no meu celular e digitei (...) A internet me ajudou muito nisso tudo. Querendo ou não a internet te dá liberdade pra essas coisas, né? Eu tava lá, sozinho, no meu quarto, minha irmã não tava lá. Aí fui no site pornô que eu já frequentava e digitei ‘gay’. Aí apareceu um monte de vídeo e eu fiz a festa (risadas).

### ***O uso dos aplicativos na trajetória do jovem***

Sobre o uso dos aplicativos, Danilo contou: “Então, foi depois que perdi a virgindade mesmo, 17 pra 18 anos. Mas me arrependo um pouco, eu transava direto, direto mesmo, marcava sexo sem nem conversar, transava umas quatro ou cinco vezes por semana às vezes.

---

<sup>10</sup>O Badoo é uma rede social que permite encontrar pessoas que estão por perto para iniciar uma relação de amizade ou de namoro. O formato é muito parecido com o Tinder, em que é possível escolher pessoas anonimamente a partir de um catálogo virtual, mas também é possível descobrir novos contatos de formas não anônimas, como convidando para chats privados ou curtindo os perfis (Techtudo, 2017).

*Acho que aplicativo ajuda pra você ter sexo fácil, principalmente aqueles encontros de madrugada, quando você só quer gozar com alguém, que é melhor que bater punheta sozinho né (risadas) Mas depois você vê que isso não te preenche mesmo, e mesmo assim você fica sozinho, aí você sente falta daquele contato maior (...) Ter uma conexão real com a pessoa, não só sexo. Acho que a função do aplicativo é sexo, não pra namorar. Hoje eu só tô com o Tinder, que é pra tentar conversar com alguém antes de ter sexo”.*

Indagado se tinha muita diferença entre os aplicativos como Grindr, Scruff e Tinder, Danilo, enfático, respondeu: *“Nossa, muita! Como te falei, Grindr e Scruff são pra fuder. O Badoo é mais tranquilinho, mas os gays lá são muito lerdas, difícil bater papo, acho que o aplicativo é meio morto. Tinder já é mais conhecidinho e muita gente usa. Acho que é a fama de cada aplicativo. Quem quer só sexo, vai pro Grindr ou Scruff, quem quer conhecer alguém com mais calma, vai pro Tinder (risadas)”.*

#### ***O uso da camisinha nos encontros mediados por aplicativos***

Perguntado como se dava o processo de negociação do uso da camisinha através dos aplicativos, o jovem respondeu: *“Olha, é sempre complicado isso. Eu no fundo achava que o cara ia ter. É que tipo, eu nunca transei aqui em casa, parece que quando você vai na casa da pessoa, acha que ele devia ter a camisinha. Quando era a hora do cara meter, geralmente já pegava a camisinha e colocava, às vezes eu também cheguei a falar: ‘Ah, coloca a camisinha’. Aí a maioria colocava. Mas aí às vezes chega lá, eu não levei e às vezes o carinha não tem, aí acaba fazendo sem mesmo. Foda que a gente sabe que tá errado, mas acho que o tesão e a vontade de gozar logo te cega pra essas coisas, né? Aí já transei algumas vezes sem, mas depois de alguns sustos, acho que aprendi a lição!”.* Indagado se alguma vez foi constrangido a ter uma relação sexual contra a própria vontade, ele respondeu: *“Hummm, não, não que eu lembre!”.* Perguntado também se algum parceiro recusou o uso da camisinha: *“Ah, teve alguns que disseram: ‘Ah, vamos fazer sem!; ‘Deixa eu colocar um pouco sem’ (...) Você fica sem graça de dizer ‘não’, mas assim, não acho que fui obrigaaaaaaado. Nunca foi imposição, sabe? No final, eu acabava dizendo ‘sim’”.*

### ***Fazer exame de HIV e outras ISTs***

Sobre “aprender a lição”, frase citada por Danilo, ele explicou: *“Tipo, eu fiquei um ano fudendo bastante com vários pelos aplicativos. Aí fiz exame de HIV ano passado (...) Isso, com 18 anos mesmo! (...) Aí eu tinha certeza que eu tinha alguma coisa, eu meio que tava com uma diarreia na época e pensei que podia ser alguma doença. Aí fui olhar na internet e podia ser um monte de coisa, inclusive HIV (...) A pesquisa foi no Google mesmo, não lembro bem o que digitei, mas com certeza digitei ‘diarreia’ e fui procurando o que podia ser. Mas podia ser um monte de coisa, eu tava sem febre nem nada, mas eu tava com muito medo porque tinha transado com alguns caras sem camisinha. Aí fui fazer o exame com muito medo, mas aí graças a Deus não deu nada, aí fiquei bem aliviado. Daí acho que ter passado com esse susto me fez pensar na vida e aí fiquei de saco cheio de aplicativos”.*

Danilo fez o “teste rápido” de HIV na clínica da família do seu bairro para saber sua sorologia. Disse que foi com “muita vergonha” e “com muito medo” do resultado dar positivo, que chegou a pensar a procurar na *internet* algum outro lugar “mais longe” que pudesse realizar o teste de forma gratuita, mas decidiu mesmo realizar no local mais próximo de sua casa. O jovem disse que nunca teve nenhuma infecção sexualmente transmissível.

### ***Estar de “saco cheio” dos aplicativos***

Pedi que me falasse mais sobre a frase de ficar de “saco cheio” dos aplicativos: *“Acho que a internet me ajudou muito, mas também me fez muito mal. Me ajudou bastante porque acho que eu saí do armário graças à internet. Eu fui vendo que tinha vontade de ficar com homens e a internet me deu essa liberdade de ser quem eu sou e ir me descobrindo, seja adicionando desconhecido no Facebook ou batendo punheta. Mas acho que me fez muito mal também por conta de que ela é uma selva, principalmente quando você não só quer fuder, por isso que você fica de saco cheio (...) Ah, saco cheio de só fuder, acho que você fica mega animado no começo, querendo todos os caras possíveis. Aí no começo você fica animado, tem várias opções, de você poder conversar com um monte de gente ao mesmo tempo, mas acho que ao mesmo tempo você se sente sozinho e depois cansa”.*

Danilo disse que não têm “tantas dificuldades” para encontrar alguém só “pra fuder”, mas pra um relacionamento, sim: *“Então, eu tô quase há um ano tentando achar um namorado (...) Não, nunca namorei (...) Aí de um tempo pra cá eu comecei a ver que tenho*



*dificuldade sim pra encontrar alguém (...) Ah, acho que quando você só oferece seu corpo, é tudo mais fácil, né? Quando você diz pro ativo que só quer chupar ou que de boa ele te comer sem compromisso nenhum, vem um monte de ativo querendo te comer, mas quando você quer conhecer alguém e bater um papo, aí tudo se torna mais difícil. Eu só fui perceber que era pobre e gordo quando comecei a querer namorar”.*

Sobre essa última frase, Danilo explicou: “Ah, porquê quando você só vai na casa da carinha só pra fuder, ele não se importa se você mora na favela ou se você é gordo, ele só quer gozar e depois quer que você vá embora. Mas aí quando você fala que quer conhecer melhor e bater um papo antes, a pessoa pergunta onde você mora, com quem você mora, se mora sozinho, no que você trabalha, se você já fez faculdade, se você é só passivo mesmo, essas coisas. Foi aí que eu comecei a receber bloqueadas e a receber um monte de ‘não’. Porque pensa, eu sou gordinho, moro numa favela, não fiz faculdade, tô desempregado e moro com meus pais. Quem vai querer me namorar? Os caras do asfalto que não vai ser”.

Perguntado se Danilo ficava com meninos que moravam em favelas, ele respondeu: “Bem pouco. Mas assim, não por preconceito, mas porquê geralmente quase nenhum deles tinha local mesmo. Esse ano eu fiquei sério com um menino do Tabajaras. Ele não morava sozinho, mas às vezes a gente ficava na casa dele ou na minha, escondido, né? Foi bem bom, eu real gostei dele e acho que ele gostou de mim”. Perguntado quais eram as características do seu ficante, ele respondeu: “Ele era mais alto que eu, era bem moreno também, tinha uma voz grossa! Ele era bem masculino. Eu gostava muito dele, morria de tesão. Ficamos uns quatro meses juntos (...) Acho que terminamos porquê eu sou só passivo!”.

### ***Ser “só” passivo e diferenças entre ser ativo e passivo***

Sobre a última frase, o jovem explicou: “Eu nunca comi ninguém na vida. Sou só passivo. O Evandro falou que era versátil mais ativo. Aí a gente ficou e a química bateu. Um dia ele perguntou se eu só era passivo mesmo, eu respondi que sim. Deu pra ver a cara de decepção dele. A gente foi ficando e ficando, mas acho que ele queria dar. Mas não é pra mim, infelizmente sou só passivo”. Perguntado por que “infelizmente”, Danilo disse: “Ah, acho que o versátil tem mais opções e chances no mundo gay, né? Ele pode até querer dar, mas pode meter também. O passivo fica esperando a disposição do ativo, aí acho que temos menos opções. Até acho que se eu fosse versátil, eu poderia tá com o Evandro até hoje. Acho

*que por ser só passivo que não estamos mais juntos”.* Indaguei se Danilo tentou “alguma vez na vida” ser ativo em alguma relação sexual: “*Nunca! Esse negócio de dominar na cama não é pra mim!*”. Perguntei se para “dominar” o homem tinha que ser “ativo”: “*Ah, com certeza. Não consigo ver o passivo ou um cara mais afeminado sendo dominador. Eu prefiro ser dominado mesmo, por isso não consigo me ver como ativo, só como passivo”.*

### ***Diferenças entre ser passivo e ativo***

Indaguei se existia muita diferença entre ser ativo e passivo na nossa sociedade. Danilo, mais uma vez enfático, respondeu: “*Com certeza! Acho que o ativo geralmente é mais safado, mais dominador e mais homem*”. Perguntado sobre o que seria ser “mais homem”: “*Ah, voz mais grossa, geralmente mais musculoso, é mais machinho mesmo (risadas) Assim, acho que geralmente é assim, infelizmente a gente reproduz que o ativo tem que ser mais macho que o passivo. Aí o passivo sofre mais em ser zuado, como se fosse a mulherzinha ou não fosse homem o suficiente. O ativo é mais masculino e por ser mais masculino ele é melhor do que o passivo e o passivo é afeminado. Acho que a sociedade, e o mundo gay também, pensa assim, aí o ativo é mais respeitado (...) Mas sabe, acho que pelo o que eu vivo, tem uma diferença maior ainda entre ser discreto e não ser discreto, acho que antes de ser ativo ou passivo, você tem que se decidir se vai ser discreto ou não vai ser discreto (...) Tipo, nos aplicativos você vê muito as pessoas colocando ‘Sou discreto e procuro o mesmo’; ‘No sigilo aqui procurando um brother casado com mina também’; essas frases que eu juro que acho escrotas. Muitos caras perguntam pra mim se eu sou discreto, quando falo que sou normal, não gostam ou me bloqueiam”.*

Sobre como é “ser discreto”, ele disse: “*É parecer o mais hétero possível. Ou o menos gay possível, no jeito de andar, na voz. É difícil você ser quem você é nesse mundo com tantas exigências e ser desejado. Eu me considero feliz, mas sei que não sou o mais desejado no mundo gay por conta do meu corpo e por não ser tão macho e nem por ser tão discreto*”. Pontuei que Danilo parecia de certa forma “indignado” com certas exigências de masculinidade nos aplicativos e “na rua”, ele concordou. Pontuei se o jovem achava que ele também reproduzia essas exigências em sua vida. Ele respondeu: “*Ah, sei que sim. Eu não concordo que as coisas têm que ser assim, mas é o jeito que a sociedade funciona, não acho*

*que eu posso fazer muita coisa pra mudar isso. Eu fico cansado dessas frases que a gente vê no aplicativo e na rua, mas fazer o quê? É difícil remar contra a maré, né?”.*

### ***Estigmas e exigências***

Indagado se Danilo de alguma forma se sentia em alguma “caixinha”, ele respondeu: *“Ah, sim. Acho que toda a nossa conversa a gente tá falando disso. Que o passivo tem que ser assim, que o ativo tem que ser assim, mas acho que sofro mais por ser gordo (...) No sentido, que parece que o gordo tem que aceitar mais as coisas. Parece que eu tenho que aceitar a migalha dos outros. Eu sendo só passivo e ainda gordo, como se o gordo passivo tivesse ali implorando por pinto e o ativo tivesse fazendo um favor pra te comer. Acho que esse foi o maior motivo de ter deletado tudo, não me fazia bem (...) Eu ficava deprimido, claro, mas acho que acima de tudo eu ficava ansioso (...) É uma ansiedade muito grande quando você manda a foto pra alguém e ficar na expectativa se a pessoa vai te responder ou vai te bloquear. Aí se ela demora um ou dois minutos pra te responder, você fica inquieto e ansioso. Aí era horrível. E quando a pessoa te bloqueia, seu mundo cai, né? Você se sente um merda, não sabe se sai do aplicativo e vai dormir, se você tenta arranjar outro só pra esquecer da rejeição que fica levando. E acho que isso é devido ao meu corpo, por ser gordinho, mas também por ser um pouco afeminado. Às vezes tava doido pra bater punheta com alguém, e os caras ficam naquele ‘pede e pede’ de foto e perguntando quantos quilos eu tenho, minha altura. Aí vocês tá doido pra gozar, mas parece uma entrevista. Aí nunca dá certo. A galera quando vê que você é gordo, te bloqueia”.* Indaguei qual ele considerava o maior impeditivo para arranjar alguém nos aplicativos: *“Olha, acho que o menos pior é ser da favela, eu acho. Acho que o maior preconceito é contra ser gordo e afeminado, não sei dizer qual é o pior, talvez afeminado. E ah, ser só passivo também é uma merda. Se eu morasse numa favela, mas fosse ativo e masculino, meu mundo seria bem mais fácil”.*

### ***Afirmações sobre “ser homem”***

Questionado se o jovem tinha escutado como “ser homem” na infância ou “na vida”, ele respondeu: *“Ouvia tanto em casa quanto na escola, essas coisas do machismo. Eu sempre ouvi que homem tem que andar como homem, lembro que quando falei pros meus pais que gostava de homem, eles disseram que ‘até que tudo bem, mas que eu não chegasse vestido*

*de mulher em casa'. Eu tento pensar que eu não sou menos homem só porque sou mais afeminado ou passivo. São coisas que você ouve desde pequenininho e fica na sua cabeça, é difícil você tacar o foda-se pra sociedade, sabe?"*

### ***Informações sobre camisinha e relações sexuais***

Indagado como e onde teve as primeiras informações sobre camisinha e relações sexuais, respondeu: *“Acho que a maioria das coisas foi na internet, e amigos também! (...) Na internet a gente busca e olha tudo, né? Lembro que quando eu quis fazer teste de HIV, eu pesquisei na internet onde fazia. Eu tava com vergonha de conversar com meus amigos, e também tava desesperado. A internet me tranquilizou muito, de ver que talvez eu não tinha HIV e que eu podia fazer o teste de forma rápida e sem precisar falar com ninguém”*. O jovem continuou: *“Sempre vi filme pornô e você vê o cara usando camisinha, essas coisas. Têm poucos vídeos que mostram o cara colocando a camisinha na hora, a maioria eles aparecem de forma mágica com a camisinha no pau. Mas dá pra ter uma boa noção de que tem que usar. Acho que o problema não é informação, são essas coisas que acontecem na vida da gente que a gente se descuida (...) Como ficar bêbado, ficar carente, ir na casa do boy e ele não ter camisinha, nessas horas que a gente se descuida e faz sem, mas a gente no fundo sabe que tem que usar camisinha!”*

### ***Informações sobre PrEP***

Perguntado se o jovem conhecia a “PrEP”, ele respondeu: *“Conheço sim, é aquele remédio que você toma todos os dias pra não pegar HIV, né? (...) Eu acho legal pra prevenir AIDS, ainda mais se fizer sexo sem camisinha, e acho que a gente tem que se manter protegido apesar da escolha mais gostosa ser sem. Eu transei poucas vezes sem, acho que mais pela carência que pelo tesão (...) Você tá conversando com um cara que é mó bonito e gostoso e ativo, aí na casa dele, ele diz que prefere fazer sem, aí você acaba deixando. Aí você não deixa o cara gozar dentro de você, mas no fundo você sabe que tem uma chance de pegar alguma coisa, mas na carência faz sem. Depois fica preocupado, vai que pegou algo, mas aí a carência bate e você faz de novo. Eu até acho que poderia correr mais atrás de tomar PrEP, mas acho que a fase que corri mais risco passou, aí nunca tomei”*

### ***A nova “fase” do jovem***

Perguntado em qual “fase” o jovem estaria nesse momento: *“Tô só no Tinder, saindo de vez em quando pra balada. Mas não tô no desespero, tô transando bem menos (...) E acho que tô mais feliz. Nos aplicativos tá todo mundo junto e todo mundo só ao mesmo tempo. Aí preferi dar um tempo de tudo e ficar com a cabeça mais no lugar. Acho que o sexo pra mim era uma muleta, achando que transando com vários, eu ia ter intimidade com alguém, daí depois de um tempo vi que não, que intimidade e sexo são coisas bem diferentes”.*

Pedi ao jovem me falar mais sobre essa percepção: *“É difícil querer conhecer um pouquinho melhor a pessoa, pra não me sentir invisível, porque acho que era assim que eu me sentia nos aplicativos, não parecia masculino o suficiente, nem bonito o suficiente nem com o corpo bom o suficiente, recebendo várias bloqueadas, e isso te afeta. Foi aí que percebi que não queria mais essa vida, de só fuder e de ser tratado como um objeto. Aí fiquei mais de boa, comecei a trabalhar e fiquei menos desesperado pra conhecer alguém”.*

### ***Outros lugares de sociabilidade do jovem***

Perguntei se o jovem frequentava saunas e lugares de “pegação”: *“Sauna nunca fui por falta de grana, mas já tive vontade. Fiz pegação em banheiro de shopping (...) É bem diferente pegação de aplicativo e pegação de banheiro. Acho que é mais fácil pegação de banheiro, os caras lá não escolhem muito, o cara tá ali com o pau balançando no mictório, você chega junto e ele se anima, no Grindr não, tem toda aquela entrevista chata e toda a demora pra ver se a pegação vai acontecer”. Sobre “baladas”, respondeu: “Balada fui em muita festinha no Centro e nessa Fosfofox em Copa, quando rola nome na lista e não preciso pagar pra entrar. Nunca fui na The Week (...) Porque é muito cara e não conheço ninguém pra me colocar lá dentro, e acho que eu me sentiria mal, eu não iria tirar a camisa e me sentiria rejeitado, aí prefiro não ir. Nunca fui e não quero ir!”.*

### ***Uso de drogas nos encontros sexuais***

Indagado se usava ou usou algum tipo de droga nas suas relações sexuais: “Então, droga droga mesmo só maconha. Tipo, é muito comum no morro, né. As vezes eu fumava um pra relaxar e ir dormir e o tesão batia, aí entrava no aplicativo pra ver alguém pra gozar (risadas) Mas como falei, era tudo tão demorado que eu ia dormir. Cocaína eu não curto, e tipo, tenho amigos passivos que dizem que vão encontrar um ativo que cheira e o pau fica meia bomba, aí é foda né, aí prefiro não fazer”.

### ***Se assumir gay***

Sobre como se assumiu gay para sua família, Danilo contou: “Olha, primeiro assumi pra mim mesmo, aí depois pra minha irmã (...) Lá pelos 17 anos, depois que fiquei com um menino (...) Aí ela ficou bem de boa. Aí contei pra minha mãe porquê simplesmente queria contar. Acho que tinha 18. Aí minha mãe ficou de boa, não ficou surpresa. Meu pai foi mais tenso. Tipo, meu pai sempre falava coisas de arrumar namoradinha, aí num almoço ele me perguntou por que eu nunca tinha nenhuma namorada, aí ele perguntou se eu gostava de outra coisa, aí eu falei que sim, que gostava de meninos. Aí foi meio tenso, meu pai perguntou pra minha mãe se ela sabia daquilo, eu falei que sim, aí meu pai ficou puto com minha mãe porquê ela não contou pra ele, foi uma confusão. Mas posso falar que meu pai não surtou nem nada, ninguém toca no assunto. Eles sabem, não criticam, mas também não apoiam! Mas é isso, eu precisava contar, apesar deles não quererem saber disso, eu tirei um peso das minhas costas, fiz a coisa certa porquê daí pelo menos não me escondendo deles”.

### ***Ficar com pessoas trans***

Perguntei se Danilo em algum momento ficou com alguma pessoa trans. Ele respondeu: “Olha, nunca fiquei. Eu não entendo muito dessa coisa de trans e tudo é muito confuso na minha cabeça (...) Eu também não conheço, vi poucas nas baladas ou na rua. Mas assim, é confuso porquê eu sei que eu ligo pra essas coisas do cara que tiver me comendo tem que ser mais homem que eu, aí não consigo imaginar uma pessoa trans que tem pinto, mas que parece uma mulher me comendo, acho que não ia curtir. E a mesma coisa de uma pessoa que tem buceta, mas parece homem. ela vai me comer como, com o dedo?”.

Danilo confirmou que nunca havia sequer beijado uma pessoa trans e “pra ser sincero”, não tinha vontade.

### ***Finalizando a entrevista***

Agradei a Danilo pela entrevista e perguntei se ele tinha mais alguma coisa para me falar: “*Suas perguntas me pegaram de surpresa, pensava que a entrevista ia ser outra coisa (...) Não pensei que ia contar tanta coisa triste, nunca tinha parado pra pensar o quanto eu queria um relacionamento e o quanto os aplicativos me fizeram sofrer. É muito diferente quando você fala isso pra alguém! Acho que nunca falei pros meus amigos que tava tanto de saco cheio dos aplicativos (...) Mas muito obrigado, me fez muito bem, parece que você se ouviu mesmo e isso te faz bem. Sinto que desabafei muita coisa pra você. É isso*”.

Por fim, Danilo disse que conversaria com um amigo da Pavuna para vir conversar comigo, que este amigo se encaixa no perfil da pesquisa e que seu amigo poderia conceder a entrevista.

## *Danilo*

Tabela 8: Síntese da história do jovem Danilo

<i>Danilo</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>19 anos</p> <p>“Branco”</p> <p>“Sem religião”</p> <p>Nasceu Em São Paulo capital. Se mudou “pequeno” com os pais para a favela Tabajaras</p> <p>Nunca namorou: “Tô há um ano tentando achar um namorado”</p>	<p>Terminou o ensino médio em 2018, em uma escola pública do Rio</p> <p>Desempregado</p>	<p>Morava com a mãe, o pai e uma irmã. A mãe tinha 40 anos, diarista. O pai tinha 50 anos, ajudante de obras. Ambos católicos</p> <p>A irmão tinha 16 anos, estudante de uma escola pública</p> <p>Se assumiu gay para a irmã aos 17 anos. Depois, para a mãe, aos 18, e no mesmo ano, para o pai. Assumido para os amigos</p>	<p>Primeira experiência sexual aos 7 anos. Fez sexo oral no primo, de 15. Primeiro beijo aos 15, com uma colega da escola, da mesma idade. Primeiro beijo com homem aos 17, o conheceu pelo Facebook. Se beijaram em uma boate. 1ª relação sexual com homem aos 17 anos, na mesma boate gay. Uso de bebida alcóolica. Não usaram camisinha e o jovem foi passivo na ocasião</p> <p>Não sabe quantos parceiros sexuais teve. Às vezes têm relações sexuais sem preservativo</p> <p>Jovem era “infelizmente só passivo”</p> <p>Começou a se masturbar aos 15 anos, através do seu celular próprio, vendo filmes pornô gays</p> <p>Fez exame de ISTs duas vezes</p>	<p>Se considerava “gordinho”, “favelado”, “sem faculdade”, “desempregado”, “moro com meus pais”</p>	<p>Tinha computador em casa, dividindo com os pais. <i>Internet</i> era “bem ruinzinha”. Tinha celular próprio</p> <p>Chats e sites pornô gays desde os 14 anos e <i>Grindr</i> desde os 16.</p> <p>Deletou o app no início do namoro como “prova de fidelidade”</p>	<p>Ser bloqueado quando dizia que morava em uma favela e mandava foto do seu corpo</p>



## **Maurício**

---

*“Me considero negro, pobre, magro e morador de lugar pobre. Mas eu sou ativo e tenho pau grande, aí tenho algum valor no mercado”*

---

Maurício é um conhecido do vôlei da Lagoa Rodrigo de Freitas. Eu o achava um rapaz interessante, pois no grupo de *Whatsapp*, o mesmo comentou que as pessoas “não sabem como é ser negro no mundo gay”. Conversei com o jovem durante as “aproximações com o campo”, apontado na apresentação da tese. Naquele momento, a nossa conversa foi mais direcionada para o uso da *internet* e aplicativos para encontros sexuais. Com a mudança do tema para as trajetórias afetivo-sexuais, conversamos outra vez, antes do vôlei. A intenção da segunda conversa era acrescentar alguns pontos do primeiro contato durante a aproximação com o campo.

### ***Caracterização sociodemográfica***

No momento da conversa, Maurício tinha 24 anos, morava em Campo Grande, Zona Oeste da capital. Tem o ensino médio completo, se considerava católico e negro. Nasceu no município de Lagoa Santa, interior de Minas Gerais. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 2013, aos 18 anos, após o término do ensino médio. Trabalhava em uma loja de roupa em um *shopping center* na Zona Norte da cidade. Disse que pensava “algum dia” fazer o curso de Educação Física em “alguma faculdade”. Sua mãe tinha 46 anos e estava desempregada. Seu pai tinha 49 e era caminhoneiro. Maurício tinha uma irmã de 18 anos, estudante de uma escola pública na sua cidade natal. Considerava seus pais “bastante católicos”.

### ***Primeira experiência amorosa***

Sobre a primeira experiência amorosa, Maurício disse que foi aos 13 anos, com uma menina da mesma idade, da sua sala do colégio. Disse: “*Era aquele amor inocente, mas bem grande, a gente andava de mãos dadas, várias cartinhas de amor e coisas do tipo. Foi com ela meu primeiro beijo, na festa de dia das bruxas da escola, e também meio que meu primeiro sexo. Foi uma experiência bacana, bem diferente, meio vergonhosa, mas foi boa*”.

Perguntei o porquê de ter sido vergonhosa, ele respondeu: *“Ah, tipo, eu acho que eu era muito criança (...) Ela conhecia meus pais, foi lá em casa almoçar, todo mundo gostou dela. Meu pai ficou com um sorrisão na cara, ela era super bonita e branca, tenho certeza que ele adorou porque ela era branca (...) Aí depois que eu apresentei ela, meu pai ficou falando umas coisas pra mim que me deixava com vergonha (...) Pra eu comer ela, que eu tava com idade pra colocar camisinha no meu pauzão e meter nela (...) Que ele na minha idade passava a rola dele nas menininhas do bairro (...) Eu ficava com vergonha, acho que era muito pequeno. Eu gostava dela, mas não nesse sentido, não queria só comer ela, tava feliz andando de mãos dadas, dar uns beijinhos e ter uma namoradinha (...) Aí acho que tinha uma pressão por parte do meu pai pra eu perder minha virgindade logo (...) Não sei se ele desconfiava que eu fosse gay, mas ele queria muito que eu comesse ela”*.

Perguntei se naquela época poderia existir algum motivo para seu pai “desconfiar” que Maurício pudesse ser gay: *“Ah, assim, eu nunca fui afeminado, sabe? Mas também não era aquele menino de periferia padrão”*. Sobre ser “padrão”: *“Eu falava um pouco mais fino que meus primos, não gostava de falar palavrão que nem eles, não gostava de futebol, dava pra ver que eu era meio diferente do que os outros (...) Não sei se meu pai desconfiava ou se só queria que o filho perdesse a virgindade e metesse numa menina logo, não sei mesmo”*.

### ***Pressão para o primeiro beijo***

Indagado se o jovem se sentiu pressionado para dar seu primeiro beijo, ele respondeu: *“Olha, sim. Acho que 13 anos de certa forma já é meio velho pra dar o primeiro beijo, né? E eu acho que eu era bem criança naquela época, mas não acho que era algo ruim. Eu era inocente, mas acho que gostava de ser inocente! Eu acho que podia ter continuado BV que ia ser de boa. Daí os amigos já tinham tudo beijado, alguns falavam que tinham transado, aí parecia que eu era um ET por nunca ter feito nada disso. Tipo, foi legal o primeiro beijo com ela, pelo menos foi com uma menina que eu gostava e achava ela legal, por isso não acho que fui tão forçado. Mas acho que se não tivesse rolado, eu ia ficar de boa também!”*.

### ***Pressões antes da primeira relação sexual***

Sobre a perda da virgindade, ele disse: *“Meu pai também colocou muito na minha cabeça que negro tinha que saber meter bem, lembro dele falando isso pra mim (...) Tipo,*

*com 13 anos eu tinha passado por experiências de racismo, sabe? De me chamarem de preto e macaco, essas coisas, na escola e na rua (...) Daí meu pai aproveitou esse momento do meu namoro pra dizer que preto tinha que ser bom de cama, saber meter bem e ser o comedor, e que eu tava na idade já pra aprender a comer bem uma buceta (...) Ele disse que preto era sempre colocado como inferior, que não podia ser inferior até na cama, por isso tinha que saber meter (...) Uma vez ele disse: ‘Um negão desse tamanho nunca comeu uma amiguinha por aí?’. (...) Ah, não queria ouvir essas coisas, lembro que tinha comentários na escola que eu tava namorando uma menina branca e bonita, mas é difícil até quando sua família puxa pra esse lado, que também é racismo, né? Eu gostava dela e ela gostava de mim, mas meu pai ficava retomando esse assunto de racismo e meter nela. Meu pai, meus tios e meus primos ficavam perguntando se eu já tinha rasgado a buceta dela com meu pau, essas coisas bem escrotas”. Maurício disse que nessa época foi a primeira vez que ele ouviu sobre “a necessidade do negro ser comedor e metedor”.*

### ***A primeira relação sexual***

*Sobre sua primeira relação sexual, Maurício acha que a relação foi ruim: “Ah, eu perguntei um dia pro meu pai se eu podia levar ela pra ver um filme lá em casa, ele disse que sim, ficou super animado e me deu camisinha! (...) Eu tinha TV no meu quarto. Daí fomos ver o filme e começamos a dar uns beijos, meu pau ficou duro, acredita? (risadas) Aí vai mão ali e mão aqui, a gente tirou a roupa juntos. A gente se viu pelado (...) Foi muito estranho! Eu não sabia o que fazer ali (...) Tava com medo de não dar conta também, de broxar (...) Daí eu beijei a barriga dela, os peitos (...) Daí a gente se olhou, né, e meio que conversamos se a gente tava pronto pra transar. Eu falei que queria, mas nem sei se queria mesmo, ela também disse que queria. Aí eu fui e peguei a camisinha, mas não tinha gel nenhum (...) Aí acho que foi horrível pra ela, e pra mim também, parecia que eu tava machucando ela. Daí eu coloquei mas deu pra ver que ela não tava curtindo, tava com muita dor e tal (...) Daí eu parei, não quis forçar nada (...) Acho que ali eu percebi que não tava fazendo a coisa certa, antes achava que era porquê era muito novo, mas acho que era porquê não curtia mesmo, eu pensava que eu poderia gostar de meninos (...) Aí tipo, a gente deu outros beijos, lembro que ela me chupou (...) Tadinha, acho que ela nem queria (...) Daí eu gozei e tenho certeza que ela não, gozei sozinho e não fiz nada por ela (...) Mas sei lá, não*

*queria chupar ela, o máximo foi pegar nos peitos mesmos e dar beijo na boca (...) Depois a gente se encontrou no colégio e foi mega estranho pegar na mão dela, acho que o namoro não durou nem duas semanas depois disso (...) Meu pai ficou todo orgulhoso quando chegou em casa do trabalho, perguntou como tinha sido e tal (...) Falei que tinha sido bom mas que não queria comentar nada (...) Aí ficou por isso mesmo”.*

### ***Algo que marcou nessa experiência***

Sobre o que mais havia marcado na experiência, ele disse: *“Acho que tudo marcou, a pressão pra comer ela, eu não querer e me sentir na obrigação, sentir que tava machucando ela, ver ela pelada, não era a hora certa também, eu não queria aquilo”.* Maurício disse que depois dessa experiência, não beijou nenhuma outra menina. Começou a jogar vôlei no colégio e na rua e foi percebendo que *“olhava para meninos de forma diferente”.*

### ***Primeiro beijo com homem***

Maurício comentou sobre seu primeiro beijo com homem: *“Eu tinha 15 anos, ele 18. A gente jogava vôlei juntos no mesmo time e éramos inseparáveis, mas eu também não entendia muito bem as coisas, não sabia se era amor de amigo ou amor de verdade. A gente foi ver filme lá em casa porquê a gente fazia tudo juntos, e a gente se beijou. Foi super bom, fiquei super excitado e feliz porquê tava beijando um amigo que super admirava”.*

### ***Primeira relação sexual com homem***

Maurício contou que sua primeira relação sexual foi com esse amigo: *“Foi depois de algumas semanas depois do nosso beijo (...) Acho que perdi a virgindade mesmo com ele. Foi muito boa a experiência (...) Fui ativo, a gente usou camisinha e tinha gel (...) Ele não era virgem, acho que isso ajudou também (risadas) (...) Acho que tudo marcou, o primeiro beijo com um homem, transar com um homem, perder a virgindade, mas acho que dessa vez tinha alguma coisa que eu tava fazendo a coisa certa, sabe? Fiquei mais feliz mesmo!”.*

### ***A descoberta do pai***

Maurício continuou: *“Então, aí deu merda depois. Meu pai chegou em casa e viu a gente juntos na cozinha, normal. Ele tava de boa, era só um amigo me visitando. Mas aí*

*depois ele achou a camisinha no lixo do banheiro (...) Eu fui super burro, não joguei a camisinha longe de casa (...) Aí ele ficou me pressionando pra saber com quem eu tinha transado, aí acabei contando que foi com aquele amigo da casa (...) Foi uma merda, ele me bateu, disse que não criou um filho pra ser viado (...) Minha mãe tava chorando, pedindo pra ele não me bater (...) No outro dia ele me falou: 'Já que você vai ser viado, pelo menos não vai dar a bunda!'. Acho que isso meu marcou, de que ser passivo era coisa de viado. Tudo bem eu ser gay, mas pelo menos tinha que ser ativo, sabe?'. Maurício se considerava “apenas ativo”. O jovem disse que ficou cerca de um ano com esse amigo, mas depois terminaram pois o “sentimento havia passado”. Disse que esse namorado foi muito importante em sua vida, aprendeu muitas coisas com ele, como conversas sobre camisinha, sexo e doenças sexualmente transmissíveis: “A gente conversava sobre tudo”. Maurício disse que na *internet*, pelo *Google*, *Orkut* e *Facebook*, via “muitas coisas sobre sexo gay e camisinha”, e que considerava que sempre foi muito bem informado sobre “camisinha e essas coisas”. O jovem comentou que fazia exames de HIV e outras doenças como sífilis e hepatite uma vez ao ano. Disse que nunca teve problemas em usar camisinha.*

### ***Informações sobre camisinha e relações sexuais***

Perguntado sobre como teve as primeiras informações sobre camisinha e relações sexuais, disse: “*Então, foi pela internet, com amigos e com esse meu ex*”. (...) *Na internet sempre quando você tá com alguma dúvida, você vai lá no Google e digita sua dúvida, né? (...) Exemplo? Tipo, eu faço exame de HIV, né? Pelo menos uma vez ao ano, aí faço lá em Campo Grande mesmo. Mas tipo, eu nem tinha ideia onde fazer o exame. Aí eu vi que em Campo Grande mesmo tinha a clínica da família que tinha o teste rápido. O celular tá ali, tão fácil. Ainda mais eu que não tenho plano de saúde. Já me machuquei no vôlei e vi na internet como me cuidar, passar gelo, tomar anti-inflamatório, essas coisas. E com os amigos a gente também fala certas coisas. Os amigos falam do 'KY', já teve várias discussões de PReP no grupo, sabe? Aí você vai se informando pelos amigos e na internet também”.*

### ***Informações sobre PReP***

Maurício assim comentou sobre PReP: “*Eu vi no grupo de vôlei e busquei ler sobre na internet. É muito interessante, mas bem polêmica. Eu acho que as pessoas não são*

*sinceras no aplicativo. Nem no aplicativo e nem nada vida (risadas). Eu vejo diversos perfis que as pessoas colocavam HIV negativo e que estão usando PReP, mas não sei se estão mesmo, acho que eu não teria coragem de transar com alguém que apenas diz que é HIV negativo e que usa PReP. Acho arriscado, vai saber se tá falando a verdade”.*

### ***O início do uso de aplicativos***

Maurício disse que começou a usar aplicativos de “pegação” aos 18 anos, quando se mudou pro Rio de Janeiro: *“Minha cidade era muito pequena e eu tinha medo de ser visto, aí acho que me soltei mesmo aqui no Rio”*. Perguntado se sua mudança para o Rio de Janeiro teve a ver com sua sexualidade, ele exclamou: *“Nossa, demais. Não escolhi o Rio por acaso, né? (risadas) A gente sempre ouvia falar das praias, dos homens, dos corpos, do Posto 9, acho que sim, eu tava buscando uma liberdade, mesmo. Não queria ninguém fofocando da minha vida, vizinha sabendo que eu tava fazendo ou deixando de fazer. Vim pra cá porque achava que tava fugindo disso tudo, dessa coisa de cidade pequena. E aqui tem praia, né. Que é diferente de ir pra BH. Acho que é isso, vim pra ser mais feliz e poder ser gay sem ficar me preocupando com o que os outro vão pensar”*. Na cidade do Rio, baixou o Grindr pois seus amigos comentaram que era o *“aplicativo que estava bombando de pegação”*, e o baixou por *“curiosidade”*. Disse que anteriormente encontrou com outros rapazes a partir do *“bate-papo UOL”*, quando era menor de idade, desde seus 16 anos, após o término com seu primeiro namorado. Disse que a *internet* não mediou sua primeira relação sexual, mas que a *internet* havia mediado outras experiências, como o início da masturbação.

### ***Prática da masturbação***

Sobre a masturbação, Maurício disse que começou a se masturbar *“com uns 14 anos”*, através de salas de bate papo gay da *UOL* e do site *Terra*. Perguntei se ele lembrava dos seus *“nicks”* quando usava as salas de papo. Ele me respondeu: *“Ah, lembro sim: ‘Novinho pauzudo’; ‘novinho comedor’; essas coisas (risadas)”*. Perguntei se muitos homens iam falar a partir de seus *“nicks”*: *“Ah, claro. Chovia de homem querendo falar comigo (risadas). Eles perguntavam muito o tamanho do meu pau, queriam ver na cam. Mas eu nunca tive cam, aí acabavam deixando de falar comigo. Hoje tenho celular, até acho que posso colocar a cam do celular. Mas acho que o Grindr mais fácil porque você manda as fotos, vai pro Whatsapp*

*e tal. Faz séculos que não entro em bate papo, eu nem sei se hoje por causa dos aplicativos ainda existe. Acho que as pessoas migraram do bate papo pro Grindr (risadas)”*.

### ***“Exposição” no Grindr***

Indaguei como o jovem via o aplicativo *Grindr*, se de muita, média ou pouca exposição: *“Olha, depende muito (...) Tipo, depende se você mostra a cara, por exemplo. Depende também do quanto você se sente bem com a exposição (...) Eu vou dar um exemplo de uma amiga Drag. Tipo, ela coloca tudo no Grindr, sabe? A foto de rosto, que ela é drag, que é só passiva, que gosta de ‘dar’ vestida de mulher, essas coisas. Tipo, eu acho bacana que ela bate no peito pra mostrar quem é. Mas já ouvi muita fofoca dela também: ‘Ah, ela gosta de se sentir de mulher e dar vestida de mulher. Olha que bizarro!’. Aí eu acho que depende da exposição e da sua coragem e também depende também do que você coloca”*. Indagado se alguma “fofoca” já aconteceu com Maurício, ele me contou: *“Já sim, mas não foi uma fofoca que me ofendeu, pelo contrário, eu gostei (risadas) Tipo, no Grindr eu coloco que sou só ativo. E acho que alguém veio falar comigo sem mostrar o rosto, sabe? E eu mandei nudes pra essa pessoa. Daí uma vez no vôlei fizeram um comentário: ‘Ah, Maurício é ativão e pauzudo’. Aí depois um amigo disse que ouviu a fofoca que alguém me viu no Grindr, me reconheceram e falaram do meu perfil. Fazer o quê, né?”*. Indaguei porquê a fofoca não o ofendeu: *“Ah, no fundo não foi fofoca me zoando ou me rebaixando, disseram que eu era ativo e pauzudo, no fundo, é uma coisa boa (risadas) Acho que se eu fosse só passivo e tivesse pau pequeno, acho que talvez teriam mais fofoca maldosa e mais zoação”*.

### ***Diferenças entre ser passivo e ativo***

Indaguei ao jovem se existia diferenças entre ser ativo ou passivo na nossa sociedade: *“Ah, querendo ou não acho que tem muita. Tipo, que nem eu te falei dessa fofoca que fizeram de mim, no fundo no fundo foi uma fofoca boa porquê eu sou ativo e pauzudo. Já teve fofoca no vôlei dizendo: ‘Ah, tal pessoa é mó gostosinho e macho, mas é só passivo’; Aí tipo, você percebe que quando o carinha é só passivo, tem um certo tipo de desprezo e sei lá, meio que rebaixando a pessoa. Daí acho que tem muita diferença sim, o ativo é visto como o homem da relação, né? O passivo como a mulherzinha, aí acho que por isso que têm mais brincadeiras com quem é passivo. Você vê muito no Grindr também, os passivos colocam*

no 'nick': *'Passivo putinha; 'Passivo gosta de ser feita de mulherzinha'; Aí o passivo é sempre visto como a mulherzinha e isso é motivo de piada'*. Indagado se Maurício poderia “chutar” um motivo para que o passivo fosse alvo de piadas, ele disse: *“Humm, pergunta difícil. Mas, tô lembrando de uma conversa com uma amiga minha sapatão, ela disse que no mundo das lésbicas, a ativa sofre mais preconceito, você acredita? E a passiva, menos. Daí acho que tipo, no mundo gay, quer dizer, no mundo hétero, se você é homem, você é comedor, né. Se você é mulher, você dá. Aí acho que o gay passivo e a mulher ativa fogem disso, porque acho que tá fugindo daquilo que é mais esperado. Acham que homem tem que comer e mulher tem que dar, aí se fazem o contrário, são vistos como motivo de piadinha”*.

### ***Vídeos pornôs***

Retomei o assunto sobre masturbação com o jovem. Perguntei se para além dos *chats* que frequentava, Maurício via algum filme pornô no início da masturbação ou atualmente: *“Eu via pornô também pelo celular, né? Mas isso era sozinho (...) Ah, não lembro o que eu digitava, mas acho que ninguém nunca me indicou site pornô, eu acho que coloquei no Google mesmo sobre vídeo pornô gay, e fui achando os sites (risadas) Aí hoje escrevo nesses sites os vídeo que quero assistir! (...) Ah, curto filme de negros comendo branquinhos, é o que mais sinto tesão, curto ver dominação também, essas coisas (risadas)”*.

Perguntado sobre seu tesão em ver homens negros com homens branquinhos nos vídeos pornôs, ele explicou: *“Querendo ou não é o que eu mais vivo, né? Eu negro comendo carinhas branquinhos, mas eu sinto tesão, não é fetiche (...) Acho que combina. Sei que no fundo é o que todo mundo acha, que o negro come o branco. Mas eu acho que fica um casal bonito, o negro mais alto e mais forte e o passivo mais baixo, mais branco e mais magro”*.

### ***Outros lugares de sociabilidade do jovem***

Maurício falou sobre “pegação em saunas” também. Disse que foi “apenas duas vezes” em saunas na sua vida. Disse que as saunas da Zona Sul são caras para ele, variando entre R\$60 a R\$120 reais. As duas vezes foi em sauna na Zona Sul, comentou que apesar de ter gostado, prefere os aplicativos, pois “economiza dinheiro” e podia “ver os contatinhos com mais calma e em casa”.



Disse que na sauna ficava “claro” seu “valor por ser negro, ativo e pauzudo”. Maurício disse que tinha pênis de 22 centímetros. Acha que se quisesse, não conseguiria ser passivo na sauna, pois o negro é visto “apenas como ativo”, e que quando passava entre os outros homens, perguntavam “se tinha mais de 20cm”. O jovem comentou sobre um amigo que é negro, “bem bombado e só passivo”. Esse amigo sempre reclamava sobre a dificuldade em ser forte, negro e passivo. Este amigo comentava que as pessoas pressupõem que ele fosse “ativo e metedor”. Maurício comentou sobre “estereótipos”, e caso você fuja dos estereótipos, isso se torna “um complicador pra você”. Complementou que “não sofria tanto por isso”, pois o jovem “correspondia aos estereótipos”, e com isso, conseguia “ser visto de uma maneira mais valiosa, pois tinha um pau grande e era só ativo”. Complementou: “*Acho que nesse sentido é bom que eu não fuja do estereótipo, sou negro, ativo e pauzudo. Acho que eu ia ter mais dificuldade de transar se quisesse ser passivo, tipo esse meu amigo*”.

Indaguei se o jovem frequentava “baladas”, como *The Week* ou outras: “*Então, muito de vez em nunca. Só quando tô pegando alguém da Zona Sul ou do Centro, aí consigo dormir na casa do boy! (...) Tipo, eu não tenho dinheiro pra entrar na The Week, mas se tô ficando com um boy poderoso, ele paga pra mim, e paga bebida pra mim também, aí eu vou (...) Não tenho condições de pagar a entrada, ainda mais na The Week, impossível pagar R\$50 reais pra entrar, aí se eu tiver comendo o cara certo, eu consigo ir (risadas)!*”. Maurício disse: “*Acho que é isso, apesar de ser preto, se eu consigo satisfazer o fetiche do cara, que é comer ele e ter pau grande, eu não fico tão preto assim, e o cara consegue me olhar com outros olhos, me vendo de um jeito que pode investir em mim e posso dar prazer pra ele*”.

### ***O estereótipo/fetiche em ser negro***

Disse que ser ativo o “ajuda” no aplicativo e “na vida”, pois se fosse passivo, ele teria “dificuldades” em encontrar alguém para ser ativo com ele: “*Acho que as pessoas têm fetiche com negros, né. Mas desde que o negro seja ativo. Uma vez eu comi um coroa lá no Leblon, e ele ficava falando pra mim: ‘Me satisfaça’, como se tivesse falando com um serviçal, sabe? (...) Eu fico chateado com essas coisas, de racismo, acho que quem só é negro sabe como é, e o mundo gay é bastante excludente também, é difícil fugir disso. Todo mundo prefere aquele que é branco, sarado, rico e morador da Zona Sul. E eu me considero negro, pobre, magro e morador de lugar pobre. Mas eu sou ativo e tenho pau grande, aí tenho algum valor no*

*mercado, sabe?”. Maurício disse que quando manda sua foto de rosto para os outros usuários, ele acaba sendo bloqueado “diversas vezes”. Ele atribuiu os bloqueios pelo fato de ser negro, pois sabe que o “negro não é perfil o mais desejado no aplicativo”. Maurício disse que sente muito o preconceito por ser negro no aplicativo: “Tenho certeza que é por preconceito sim. Se eu fosse branco, com certeza não receberia tantas bloqueadas assim. Também dá pra perceber o quanto falam comigo já achando que eu vou comer o cara, eu consigo imaginar que se eu fosse passivo, eu acho que não conseguiria transar com ninguém!”.*

### ***Uso de drogas nos encontros sexuais***

Em relação ao uso de drogas nos encontros sexuais, Maurício disse que não usava drogas ilícitas, “apenas bebe”: *“Uma vez fui encontrar um cara duas horas da manhã, o cara tava bem doido, todo cheirado de cocaína (...) Eu transei com ele, eu tava bem bêbado, mas tava com muito tesão, mas ele tinha camisinha, acho que se ele não tivesse camisinha, não teria transado, mas me assustei bastante, vai saber o que ele já não fez cheirado”.*

### ***O uso da camisinha nos encontros sexuais***

Maurício disse que sempre usou camisinha: *“Quando eu converso com meus amigos, todos eles passam por situações de fazer sexo sem camisinha, aquela coisa de esfregar e esfregar e meter sem querer, sabe? Mas isso comigo não acontece, as pessoas sempre me pedem camisinha no aplicativo ou na hora. Eu acho que isso é por preconceito também, as pessoas acham que por eu ser magro e negro e da Baixada, eu posso ter alguma doença. Eu acho que as pessoas tem medo de transar sem camisinha comigo por isso”.*

### ***Histórias de exclusão***

Maurício contou outra história: *“Então, eu fui numa balada, faz nem um mês. Aí encontrei dois meninos que eu já tinha comido, que conheci no Grindr. Esses dois meninos me viram, mas viraram a cara na hora, nem me cumprimentaram. Aí dias depois eles vieram falar comigo pra gente repetir a transa. Os dois! Aí é aquela coisa, tem cara que quer sair comigo por ser negro e pauzudo, mas na hora de assumir que gosta pra sociedade, na hora de cumprimentar na rua, é outra pessoa, aí eles fingem que eu não sou ninguém. É assim no Grindr também, muitos quando olham minha foto e veem que sou negro, me bloqueiam”.*

### ***Bloqueadas do Grindr***

Perguntei se Maurício sofreu alguma violência no aplicativo, ele disse que não, mas que sofreu “racismos e preconceitos”, sendo chamado de “macaco”, “preto fedido” e “negão”, sendo também bloqueado após o envio da foto de rosto. Maurício retomou sua história quando se encontrou com um morador do Leblon, que pedia ao jovem para “servi-lo”, como se o jovem fosse um “serviçal” e “empregado” dele. Disse também que ligou o *Grindr* no *Shopping Leblon*, que alguém veio falar com ele e disse: “Você não é morador daqui, você é preto”, e assim, foi bloqueado. Maurício completou que achava que os cariocas eram mais “agressivos nos aplicativos” que os mineiros. Quando viaja pra Minas Gerais, não sofria os ataques de racismo e exclusão que sofre na capital carioca.

### ***Ser desconstruído***

Maurício disse que se considerava um rapaz desconstruído, ao contrário dos outros rapazes do aplicativo, e me explicou: *“Me considero um cara desconstruído, porque gosto de ficar com afeminados. Eles são os melhores na cama! No começo eu não gostava de afeminado, né? Mas aí fiquei com um bem bêbado e acabei gostando. Eles se soltam bastante na cama! Não sei se namoraria um ou pegaria na mão deles na frente de todo mundo, mas pra pegação eu gosto de fazer com eles”*. O jovem complementou: *“Acho que os passivos sofrem mais preconceito do que os ativos, mas acho que afeminados que são ativos sofrem mais preconceito ainda, pois na mente das pessoas o afeminado é sempre passivo, mas nem sempre é assim (...) Tenho um amigo afeminado que é só ativo, as pessoas dizem que não sentem tesão por afeminado ativo, aí ele tem dificuldade em comer outros caras. Daí não adianta nada ele ser ativo se ele é afeminado, ele acaba ficando sem muito valor também”*.

### ***Ficar com pessoas trans***

Perguntei ao jovem se ele já ficou com alguma pessoa trans, ele negou. Indaguei se Maurício ficaria com alguma pessoa trans: *“Olha, acho que não porquê não tem pinto mesmo, talvez na balada os beijos seriam ótimos, mas é que na hora H seria meio diferente (...) Tipo, igual uma vez um cara trans me chamou no Grindr e jogou super limpo, mandou fotos e tudo e ele era extremamente gato, mas ainda sim fiquei bem sem graça em pensar que na hora H eu ia precisar chupar uma buceta, não sei. Não gosto e nunca gostei, então*

*não ia ser com ele que eu ia começar a gostar. Por isso que falei, se visse na balada, beijaria, ou se ele quisesse me chupar no banheiro, tudo bem (...) Mas transar seria difícil!”*. Pontuei ao jovem que ele se considerava “apenas ativo”. Assim, perguntei se para ele fazia tanta diferença seu parceiro ter um pênis. Maurício respondeu: *“Ah, com certeza! Eu curto chupar pinto também. Mas assim, é muito bom quando você tá comendo um cara e o pau dele tá ali, duro, balançando (risadas) Aí um homem trans não teria isso, eu sentiria falta (risadas)”*.

Indagado assim se ele ficaria com uma mulher trans, ou seja, uma “mulher com pênis”, ele disse: *“Também não. Eu curto homem, homem mesmo, acho que faltaria algo. Na minha cabeça, pelo menos o afeminado é homem e tem pau. A mulher trans já seria mulher, apesar de ter um pau. Nossa, tô me confundindo aqui (risadas) Não quero parecer preconceituoso, mas não me considero tão desconstruído assim pra ficar com alguém trans”*.

#### ***Possível busca por um (outro) namorado***

Pontuei a Maurício que ele havia comentado “com muito carinho sobre seu primeiro namorado”. Perguntei se o jovem namorou alguma outra vez e se pensava em namorar: *“Não namorei nenhuma outra vez. É muito difícil essa procura por namorado. Já fiquei com alguns meninos que considerei que a química foi legal, mas não é qualquer um que vai assumir namoro com um cara negro e pobre, apesar de ser ativo. Eu quero namorar, mas tento não ficar pensando muito nisso porquê daí vou parecer carentão (...) Ah, quero um cara gente boa, passivo, branquinho e de preferência que more na Zona Sul (risadas)”*.

Perguntei ao jovem se ele podia receber “ficantes” em sua casa, ele confirmou que sim. Assim, perguntei se o ideal era um namorado que não morasse com os pais, pois Maurício não morava. Ele disse: *“Ah, você sabe, né? É claro que o carinha pode dormir lá em casa, mas vai ser melhor ainda se ele morar pela Zona Sul (...) Melhor no sentido pois posso dormir na casa dele e no outro dia a gente ir na praia, por exemplo. Ou eu jogar vôlei na Zona Sul e não precisar voltar de ônibus tarde pra Campo Grande, daí ajuda muito!”*.

#### ***Finalizando a entrevista***

No final da conversa, Maurício disse que “adorou” a conversa comigo, disse que eu poderia entrevistá-lo mais uma vez, se precisasse.

## *Maurício*

Tabela 9: Síntese da história do jovem Maurício

<i>Maurício</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>24 anos</p> <p>“Negro”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu no estado de MG. Se mudou aos 18 anos para Campo Grande, RJ</p> <p>Namorou uma vez, aos 15 anos. Tem “muita vontade” de namorar de novo</p>	<p>Ensino médio completo em um colégio público da cidade natal</p> <p>Trabalhava em uma loja de roupa em um shopping center da Zona Norte do Rio de Janeiro</p>	<p>Morava com dois amigos, também jovens e também gays. Sua mãe tinha 46 anos, desempregada. Seu pai tinha 49, caminhoneiro. Tinha uma irmã de 16 anos. Moravam juntos em MG. Família católica</p> <p>Se assumiu gay “forçado” aos 15 anos para os pais</p>	<p>Primeiro beijo com uma menina, aos 13 anos. Ela tinha a mesma idade. Se conheceram na escola e namoraram por quase dois anos. Foi sua primeira relação sexual aos 14 anos.</p> <p>Primeiro beijo com homem aos 15 anos, amigo do vôlei de 19 anos. Namoraram por quase um ano. Também foi a primeira a primeira relação sexual com homem. Foi ativo e usou camisinha</p> <p>Não sabia quantos parceiros sexuais teve. Maioria conheceu online</p> <p>Jovem se considerava “só ativo”</p> <p>Começou a se masturbar aos 14 anos, entrando no chat UOL e Terra. Usava Nicks como: “novinho pauzudo”; “novinho comedor”</p> <p>Fazia exame de HIV e ISTs duas vezes por ano</p>	<p>Se considerava “negro”, “morador de lugar pobre”, “alto”, “magro”, “ativo” e “com pau grande”</p>	<p>Tinha computador em casa, no seu quarto. Pais pagavam <i>internet</i>. Possui celular próprio no RJ. Divide a <i>internet</i> com amigos</p> <p>Entrava em sites chats desde os 14 anos. Utilizava Google, Orkut e Facebook desde essa idade. Download do <i>Grindr</i> aos 18 anos, quando se mudou para o RJ</p>	<p>Jovem disse que percebia o racismo online: “Recebo várias bloqueadas quando mando minha foto de rosto, por ser negro”</p> <p>Disse também: “Quando tô na Zona Sul, falam comigo num tom como se eu fosse serviçal. Se eu fosse passivo, ninguém ia querer me comer, só sirvo porque sou ativo”</p>

## *Eduardo*

---

*“Só eu sei a solidão de ser crossdresser. Ninguém me aceita como eu sou”*

---

Não conhecia o jovem, indicado por Danilo, sétimo entrevistado. Através do *Whatsapp*, Eduardo disse que morava na favela da Rocinha, Zona Sul do RJ. Combinamos a entrevista em uma cafeteria no Shopping Leblon.

### *Caracterização sociodemográfica*

Eduardo tinha 23 anos, nasceu em 1996. Se considerava “branco” e “católico”. Morava na favela da Rocinha desde que nasceu, localizada entre a Zona Sul e Oeste da cidade. Complementou que *“morava muito perto do asfalto, quase na rua, é região boa”*. O jovem dividia a casa de dois quartos com um amigo. Explicou que não pagava aluguel pois a casa era de sua mãe, que foi morar com o namorado no bairro Recreio, na Zona Oeste, deixando Eduardo com a casa. Contou que não pagava conta de luz e tampouco de água, pois sua casa tinha “gato” e praticamente sua única conta era pagar o *wi-fi*, este dividido com uma vizinha amiga. Seu amigo pagava R\$400 pelo aluguel do quarto. Eduardo considerava que com o pagamento, sobrava um “trocado” pro jovem gastar com “pequenos luxos”, como ir em festas e malhar em uma academia que cobrava R\$70 perto de sua casa.

Sua mãe era babá e era bastante “jovem e bonita”. Ela tinha 37 anos, sendo 14 anos mais velha que o jovem. Eduardo era filho único e falava pouco com seu pai, que “nunca o assumiu” e morava em Maricá. Seu pai tinha uma loja de consertos de relógios e tinha 42 anos. O vem se formou em Letras/Língua Portuguesa em uma universidade particular da Zona Sul da cidade, há um ano e trabalhava em uma ONG na Rocinha, como professor de língua portuguesa para crianças.

Ele foi bolsista Pró-Uni na faculdade em questão. Disse que “apesar de ser pobre”, conseguiu sem “maiores problemas” comprar os materiais e comer na bandeirão, que o jovem considerava “bem caro”, no valor de “quase dez reais”. Eduardo disse que usava o pagamento

do aluguel do amigo para arcar com esses e outros custos. Algumas vezes, sua mãe também ajudava com “70 ou 100 reais por mês”.

### ***Ser morador da Rocinha e estudar em uma universidade particular***

Perguntei ao jovem como foi a experiência em estudar em uma universidade privada: *“Olha, não tenho que reclamar. O curso de Letras tinha muita menina, sempre me senti bem e acolhido. Mas sei de histórias bem difíceis (...) Tipo, conheci um menino que fazia RI e também era bolsista por cotas. Já perguntaram pra ele se ele mesmo sendo pobre conseguia falar inglês. Tipo, eu nunca sofri discriminação no meu curso porquê tinha muito bolsista também. Acho que ser branco ajuda (...) Ah, querendo ou não as pessoas vê um negro e acha que é pobre, né? Lá não é diferente, se você é negro, vão achar que você é pobre e bolsista. Já ouvi história que na primeira semana de aula os professores perguntam onde cada um estudou no Ensino Médio, em que bairro mora, a profissão dos pais e se você é bolsista. Acho que é uma forma de identificação e discriminação. Mas no meu curso muita gente bolsista e pobre também (...) Daí acho que por isso nunca tive problema (...) Mas sei que estudar na minha faculdade não é fácil por essa questão de dinheiro”*.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, ele respondeu: *“Olha, amorosa amorosa eu nunca tive. Ainda tô procurando uma pessoa que me aceite como eu sou”*. Perguntado para falar mais sobre essa frase, continuou: *“Então, ninguém vai saber meu nome, né?”*. Informado que seu nome não seria informado, prosseguiu: *“Tipo, eu sou crossdresser. Não sei se o Danilo te falou”*. Perguntado o que seria um “crossdresser”: *“Então, em resumo uma crossdresser é um homem que se veste de mulher. Tipo, a gente se considera homem e do gênero masculino, mas de vez em quando a gente usa roupa feminina e alguns acessórios femininos (...) Tipo brinco, peruca, salto alto, maquiagem, batom. Mas assim, a gente não se veste sempre e nem saímos na rua vestidas assim. É só alguns momentos, principalmente pra transar com um cara. A gente se considera do sexo masculino e gênero masculino, mas às vezes a gente muda de gênero, se vestindo de mulher na cama, bem feminina!”*.

### ***Começar a se vestir de mulher***

Indagado se Eduardo sempre se vestiu de mulher, até mesmo antes de se autodenominar “crossdresser”, ele disse: *“Eu comecei a usar roupas femininas, tipo da minha mãe, lá pelos dez anos, escondida, né. Uma vez ela me pegou com brinco e batom dela, ela super me bateu. Aí eu até parei de usar, mas peguei de novo e usei, me sentia super bem quando usava, me sinto bem até hoje. Mas de coração, não tenho vontade de virar mulher, sabe? Já pensei muito nisso e refleti muito sobre, mas é algo que gosto de fazer às vezes, não sempre, e gosto de fazer sexo vestido de mulher, principalmente (...). Quando eu tinha uns 18 minha mãe conversou sério comigo. Falei que gostava de homem e que gostava de me vestir de mulher às vezes. Ela ficou bem chocada, chorou, mas disse que me amava e me aceitava como eu era. Foi aí que ela disse que ia se mudar pro Recreio pra morar com o namorado dela e deixaria a casa pra mim, pra eu ser feliz e poder ser quem eu era!”*. Um pouco emocionado, continuou: *“Minha mãe é tudo pra mim! Tenho uma tatuagem no pulso com a primeira letra do nome dela, olha aqui [Eduardo mostrou seu pulso direito com a letra “S” tatuada]. Tipo, eu acho que ela não quer me ver vestido de mulher, e consigo respeitar isso, mas só dela ter deixado a casa pra mim, isso mostra que ela quer que eu seja feliz do jeito que eu sou. Ela pergunta se tô bem e tô feliz. Ela não me pergunta se ainda me visto de mulher nem nada, mas é o jeito dela de saber se tô bem”*. Eduardo disse que seu amigo sabia que ele se vestia de mulher, e que eles combinavam de seu amigo não estar em casa durante os encontros. Contou que “*tinha vergonha de aparecer assim*” pro amigo e por ficar com caras casados, eles iam mais em sua casa ou Eduardo ia em hotéis.

### ***Um pouco mais sobre os encontros do jovem***

Solicitado a falar mais dos seus encontros sexuais, como conhecia os outros rapazes, marcava os encontros, Eduardo narrou: *“Então, eu sempre usei o Badoo, né. Tenho um perfil de CD (...) CD é crossdresser (risadas)”*. Indaguei se poderia me mostrar seu perfil no site Badoo. Ele disse que poderia ler o perfil, mas que não mostraria as fotos. Assim, leu seu “About me”: *“Sou uma crossdresser, passivíssima, adoro homens de verdade, principalmente coroas casados com mulheres. Queria um homem de verdade que aceitasse meu jeito de ser, uma crossdresser, adoraria me relacionar com um homem de verdade que entendesse minha transformação, que aceitasse do jeito que estou me transformando, numa*



*verdadeira mulher somente para ele. Não quero que me banque, apenas que me aceite como uma cdzinha bem feminina e safadinha. Sou branquinha, lisinha e amooooooooooooo realizar os desejos dos meus machos na cama’.*

### ***Ser homem de verdade***

Perguntado sobre o que seria um “homem de verdade”, disse: *“Pra mim é que tenha jeito de homem, que fale como homem, que tenha barba, pelos, se for casado com mulher e tiver filhos, nossa! Fico molhada na hora. Algumas vezes fiquei com homens que tinham o nome da filha tatuado no braço, ou o nome da esposa. Foi muito bom!”.*

Indagado se “apenas” ficava com homens heterossexuais: *“Sim, não quero ficar com pocs, quero homem mesmo”.* Perguntado o que seria “pocs”, disse: *“Esses viadinhos que vão em balada gay, que são pão com ovo, que ficam de turminha, não gosto disso e não tenho tesão nenhum em ficar com viado”.* Indagado como ele se “considerava”: *“Então, me considero gay, mas um gay diferente, não sou um gay que gosta de ‘poc’ e que anda com ‘poc’, sou um gay que gosta de homem de verdade. Quero que o cara me faça mulher de verdade, que me faça esquecer que tenho um pau”.* Indagado como um homem faz o jovem “esquecer que tem pau”, respondeu: *“Eu amo quando mandam eu ficar de bruços, a maioria pede isso! É minha posição favorita! Gosto quando me dominam, mandam gemer que nem mulher e falam pro meu pau não ficar duro. Aí eu não preciso nem tocar nele. Aí eles falam que sou apertadinha, quentinha e molhadinha, que parece que tenho uma buceta. É a melhor parte!”.* Perguntei o que seria “uma mulher de verdade”: *“É aquela obediente, passiva, feminina, que gosta de ser dominada, que não mete nunca. Tipo eu (risadas)”.* Perguntei se para Eduardo, o dominador tinha que ser o ativo da relação. Ele, com uma expressão tanto óbvia, disse: *“Claro, não dá pra imaginar um passivo dominando, né?”.* Indaguei também se Eduardo sempre foi passivo nas suas relações sexuais, ele afirmou que sim, que era “só passivo desde criancinha”. Complementou: *“Sempre soube o que eu queria, nunca fiquei na dívida de ser ativo nem nunca tentei me enganar que poderia ser ativo”.*

### ***Primeira relação sexual do jovem***

Indaguei então como foi a primeira relação sexual do jovem: *“Olha, prefiro não falar muito bem disso. Só posso te dizer que fui abusado na primeira vez que alguém me comeu (...) Tipo, quando eu tinha 13 anos eu fui na casa de uma priminha e a gente se vestiu de*

*mulher, eu tava adorando. Era uma brincadeira de criança, eu tava adorando! Aí tava só eu, ela e o meu primo, que era irmão dela. Aí minha prima disse que ia no mercado comprar doce e refrigerante pra gente comer. Eu fiquei lá. Aí saí do quarto pra pegar água, mas eu tava vestido de mulher, e vi o irmão dela. Aí ele me viu e começou a me zoar, me chamando de viadinho. Aí eu tentei falar que era só uma brincadeira, mas ele nem deu bola. Aí teve uma hora que ele me agarrou pelos braços, disse que se eu gritasse ou fizesse alguma coisa, ele ia contar pra todo mundo que eu me vestia de mulher (...) Ele era mais velho que ela, com certeza, tinha uns 22 anos! (...) Aí só lembro que ele me agarrou e me colocou de bruços. Falou pra eu ficar quieto e não gritar. E ele ficou falando umas coisas do tipo: 'Você é um viadinho, né? Vai acabar gostando desse pau no seu cu; Tem que aprender a virar homem' (...) Aí tipo, não durou nem cinco minutos, mas perdi a virgindade ali. Foi um estupro, né? Eu fiquei sem reação na hora, aí depois que ele acabou eu comecei a chorar. Aí ele falou pra eu calar a boca senão a irmã dele ia desconfiar. Aí ela chegou e eu tava chorando, mas não falei nada pra ela. Falei que o brinco da mãe dela tava me machucando e pra tirar. Aí fui embora e esqueci essa história”.*

### ***PEP e a internet***

Indaguei se Eduardo havia comentado sobre o ocorrido com alguém, ele respondeu: “*Olha, você é a terceira pessoa que falo na vida, comentei depois de muuuuito tempo com duas amigas minhas, nunca falei pra minha amiga que isso aconteceu com o irmão dela, não sei se ela acreditaria e poderia arrumar uma confusão enorme. Aí é algo também que eu prefiro esquecer que aconteceu, não curto nem pensar muito nisso!*”.

Perguntei também se a penetração aconteceu com o uso de preservativo, o jovem negou. Assim, indaguei se Eduardo havia tomado PEP após o estupro. Ele disse: “*Nossa, não, acho nem sabia que existia. Eu era muito pirralho. E como te falei, não tinha ninguém pra conversar, aí ninguém me falou nada*”. Questionei se Eduardo pensou em procurar algo na internet sobre o que fazer depois um episódio de estupro, ele narrou: “*Olha, sobre essa coisa de PEP, não. Isso não passou cabeça por conta da minha idade. Mas assim, a internet me ajudou muito depois (...) Eu sempre pensei que tinha alguma coisa de errado comigo, né? Por querer me vestir de mulher e por ter sido abusado. Mas a internet me ajudou muito pra ver que outras pessoas já tinham passado por isso e que a culpa não era minha (...) Não*

*lembro de ler nenhum menino que foi abusado porque era crossdresser, mas vi muita coisa de mulher ser abusada. Querendo ou não, te ajuda. Você vê que o abuso acontece mais do que a gente imagina, mas ninguém fala sobre isso. E eu entendi que não tinha nada de errado comigo, ele que foi filho da puta. Eu só quero um namorado que me aceite como eu sou. Meu sonho é que um cara casado fique comigo e que me assuma! Daí é isso, nunca namorei, mas queria muito. Eu sou feliz me vestindo de mulher, principalmente na hora do sexo. Gosto de me sentir dominada e feminina na transa. Mas é isso, só eu sei das dificuldades de ser CD e estar na luta pra conseguir alguém, nem que seja só pra transar, imagina pra namorar!”.*

### ***Dificuldades para conseguir alguém***

*Pedi ao jovem falar sobre “a luta para conseguir alguém”: “Ah, eu sou assim e quero ser assim. Me sinto feminina, mas não quero virar mulher, quero me vestir e transar vestida de mulher. Mas uma coisa é você arranjar um boy que te coma quando você tá vestidinho de homem, né? E assim, me considero afeminado, com a sobrancelha feita, me depilo o corpo todo e tenho unha grande, então vestido de homenzinho é difícil. Aí os poucos caras que conheci na vida fora do Badoo, em festinha de faculdade, na praia e tal, quando eu falo que curto me vestir de mulher, riem da minha cara, me chamam de viadinho, falam que eu sou doente, essas coisas! Por isso não frequento lugar gay, não é pra mim! Se é pra ouvir xingamentos, eu prefiro procurar onde posso ser aceita, tipo no Badoo”.*

### ***Conhecer outros homens através de outros aplicativos***

*Perguntei se ele usava outros aplicativos, como Grindr ou Scruff: “Então, minha vida em aplicativo não era nada diferente da minha vida nas baladas. Achava que na internet eu poderia ser eu mesma, mas depois de um tempo você vê que não é assim, as pessoas podem ser bem escrotas na internet, sabia que podia ser xingada e bloqueada qualquer hora! (...) Tipo, no começo não colocava que gostava de me vestir de mulher, mas quando eu falava que curtia transar vestida de mulher, me bloqueavam. Uma coisa é você ser homem e afeminado, vão ter caras que vão te querer, mas ser homem, afeminado e se vestir de mulher, isso já é um insulto pros homens, principalmente pra esses viadinhos de aplicativos”.*

*Perguntei o que seria um “viadinho de aplicativo”: “Ah, esses viadinhos que se acham super machos, mas é tudo feminina também. Se depilam todas, fazem a sobrancelha também,*

*frequentam a academia todo dia, mas se acham super masculinas por que são bombadinhas ou porquê seguem esse padrão de corpo. E por causa disso se acham no direito de me xingar nos aplicativos. Eles se acham superiores a mim, mas não conseguem ter a noção de que não são, mas aos olhos da sociedade, eles são melhores que eu”. Indaguei quais seriam os xingamentos: “Me chamavam de viadinho, feminina, que eu era doente, pra me tratar, que ninguém ia me comer! Foi por isso que parei de usar aplicativos, enjoiei! Hoje só tenho Badoo porquê lá sou mais aceita e menos ofendida!”.*

Questionei qual seria a maior diferença entre Grindr e Badoo: “Acho que Grindr você vê as pessoas que tão perto de você, mas é tudo no escuro, ninguém coloca foto de rosto. E no Grindr rola muita bloqueada. No Badoo não, você filtra melhor, o que você procura e quem você é. Então tipo, eu me sinto bem mais desejada no Badoo, porque os caras que falam comigo é porquê gostam de uma CDzinha. Aí eles já puxam papo me chamando de princesa, de linda, perguntando se gosto de usar salto alto e se pinto a unha, aí eu sinto que ali é meu lugar. Acho que no Grindr é um monte de “não pode”: Não pode ser afeminado, não pode ser pobre, não pode ser preto, não pode ser gordo, mas também não pode ser magro demais. Aí é isso, no fundo no fundo, é pra quase ninguém aquilo dali”.

Indagado qual desses “não pode” é mais “forte” no Grindr: “Acho que o pior de tudo é ser afeminado e gordo. Conheço alguns meninos lá da Rocinha que são musculosos e ativos, alguns acho que são pauzudos, aí eles são mega valorizados, né? E eles são machinhos também. Eu malho e tal, se eu fosse “apenas” afeminado, acho que seria até ok. Mas ser afeminado e me vestir de mulher, não pode. Aí eu fico imaginando: e quem é pobre, negro, gordo, favelado e afeminado? Como que fica? Não transa? Essas coisas me incomodam bastante, mas aí ao invés de ficar batendo boca com machinho escroto em aplicativo, prefiro ficar no meu grupo, de caras que curtam CD”.

### **Primeiro beijo**

Perguntei se o jovem poderia me contar sobre seu primeiro beijo “na vida”. Ele me respondeu: “Ixi, nossa! Deixa eu ver. Meu primeiro beijo acho que foi um beijo lésbico, com uma amiguinha (...) Eu acho que eu tinha uns 11 ou 12 anos, ela também. Foi antes do abuso. Tinha uma amiguinha do colégio que meio que era a fim de mim. Daí um dia a gente se beijou na escola, mas nossa, foi horrível! Eram duas meninas se beijando, eu não sabia o

*que fazer, acho que nem ela. Foi bem ruim mesmo! (risadas)*”. Perguntei se os amigos da escola, ou a família, fizeram pressão para o jovem beijar uma menina: *“Olha, família não. Amigos da escola, sim. Acho que eu já era meio afeminadinho naquela idade, aí eles perguntavam se eu já batia punheta, se já pegava as meninas. Eu tinha que provar que eu era um menino normal e ficar com uma menina”*. Indagado sobre o que seria um “menino normal”: *“Ah, um menino que gosta de meninas e que claro, não seja afeminadinho!”*.

### ***Primeiro beijo com um homem***

Perguntei então quando foi o primeiro beijo de Eduardo com um homem. Ele respondeu: *“Meu primeiro beijo foi bem depois do abuso, acho que lá pelos 16 anos (...) Então, pra ser bem sincero marquei pelo chat Terra, acredita? Nossa, parece que faz séculos isso! (...) Acho que a internet me ajudou a ter mais calma depois do abuso, sabe? De ficar na minha e esperar pelo meu momento. Aí eu acho que na adolescência eu não era muito sexual, e também tinha o abuso. Aí eu ficava lendo os blogs de CDs e tal, e curtia ver pau na webcam desses chats, tipo Terra e Uol (risadas). Conversando com um carinha, ele morava em São Conrado, pertinho de mim. Aí eu vi ele na cam, ele era bem machão, até acho que ele era bombeiro. Aí ele disse pra gente se encontrar na praia, e pediu pra eu usar uma. Eu fiquei molhada, né? E foi ideia dele, nem foi minha (risadas)! Daí foi mega bom, foi lá na praia mesmo. Ele me tratou super bem e era bem macho. Ele me chamou de princesa, era alto, forte, mais velho, peludinho! Ele tinha cara de pai de família também! Eu fiquei molhada com ele. Lembro dele até hoje! Queria saber por onde ele anda agora (suspiros e risadas) (...) Meu primeiro beijo foi super bom, eu mega curti, queria eu que todos os caras me aceitassem como ele aceitou!”*.

Perguntei se os dois marcaram de se encontrar outras vezes, Eduardo confirmou: *“Sim, mas agora tô lembrando, ele tinha o fetiche de local público, sabe? Aí a gente só se encontrava na praia, acho que foi umas quatro vezes. Aí tinha beijo e eu chupava ele. Aí nunca mais vi ele online. Não trocamos Facebook nem nada, não sabia nada dele, só que ele era gostoso (risadas)*. Eduardo disse que este homem tinha “mais ou menos uns 45 anos”.

### ***Primeira relação sexual***

Pontuei então que até os 16 anos, Eduardo havia beijado um homem, uma menina e tinha sido abusado sexualmente pelo irmão da sua amiga. Ele afirmou que sim. Indaguei quando foi a primeira relação sexual do jovem, com penetração: *“Acho que foi um pouco depois desse meu casinho com o cara de São Conrado. Acho que consegui desencanar depois do abuso e comecei a procurar outros caras pra transar. Acho que primeiro cara que transei foi pelo Badoo mesmo. Foi um cara que acho que morava na Barra (...) Sim, ele era casado e todo musculoso (risadas) Ele me chamou pra ir num motel, disse que era no sigilo, aí eu tava me sentindo bem, e fui (...) Olha, eu gostei bastante! Falei que queria usar calcinha, ele disse que tudo bem, ele também me aceitou do jeito que eu sou. Aí ele me buscou e fomos ao motel (...) Ele não sabia que eu era virgem, mas usamos camisinha e gel, o pau dele não era tão grande, aí não foi difícil. Mas lembro dele falando que meu cuzinho era bem apertado e que parecia uma buceta de tão molhadinha que era, eu adorei!”*.

Eduardo disse que os dois não se viram novamente. Sobre a idade do parceiro: *“Acho que ele devia ter uns 45”*. Eduardo reafirmou que gostou do sexo, e que este parceiro, o aceitou *“do jeito que ele era”*. Pontuei que o primeiro beijo e a primeira relação sexual após o abuso foram mediadas pelo uso da *internet*. Ele, assustado, disse: *“Nossa, é mesmo! Nunca tinha parado pra pensar!”*. Pontuei se Eduardo conseguiria imaginar como a *internet* mediou seus relacionamentos sexuais: *“Olha, acho que todos os caras que fiz sexo foi ou por chat ou por aplicativo. As poucas vezes que fui em balada eu até cheguei a beijar uns carinhas, mas nunca transei com eles. Todos os que transei foi pela internet!”*. O jovem *“achava”* que havia feito sexo *“com uns 12 caras”* no total.

### ***Masturbação***

Indaguei ao jovem se o mesmo se masturbava, ele respondeu: *“Muito pouco”*. Sobre as primeiras recordações, me contou: *“Pra ser sincero, não lembro da primeira vez que bati punheta. Lembro era que muito menininho eu entrava nos chats e colocava nick de menina (...) Ah, tipo ‘novinha safadinha’; ‘novinha carioca’; e chovia de homens querendo falar comigo, tudo trouxa! (...) Mas assim, eles eram todos héteros, eu entrava em sala de bate-papo hétero, nunca de viado! Aí eu me passava por menina e via os paus deles na cam, era muito bom! Mas assim, eu falava safadeza pra eles ficarem de pau duro e se masturbarem,*

*mas eu acho que eu não me masturbava, meu tesão era ver eles gozando (...) Eu devia ter uns 13, 14 anos, foi depois do abuso. Acho que a internet me ajudou a lidar com meu lado feminino nesse sentido, de não transar com ninguém porque eu não tava pronto, mas mesmo assim eu ficava feliz e me sentindo realizada vendo os machos batendo na cam, só depois fui ter coragem pra transar mesmo. Eu não sei se conta como masturbação, tipo, com certeza eu me masturbo de vez em nunca, mas não sei como te explicar, meu tesão não tá no pau. Quer dizer, tá no pau do outro, não no meu (risadas) Aí já tentei me masturbar com uma banana (...) Isso, eu penetrando a banana em mim, mas foi bem ruim! Nunca comprei vibrador nem nada. Daí não sou muito de me dar prazer sozinho, ver um macho alfa batendo uma punheta na webcam me dá muito mais prazer do que eu me masturbar”.*

Perguntado se Eduardo via vídeos em sites pornô, ele respondeu que “raramente”: “Quando vejo, vejo filme hetero, do cara metendo na menina. Já vi vídeo de CD, mas achei forçado, prefiro ver o macho alfa comendo uma fêmea. Às vezes vejo cara hétero batendo punheta também, dele gozando e tal! Não curto ver dois caras se comendo! (...) Acho meio fake os gemidos do passivo e não sei se o ativo é macho mesmo, aí perde o tesão da coisa!”.

### ***Diferenças entre ser passivo e ativo***

Indaguei se haviam diferenças entre ser passivo e ativo: “Sei que sim. Mas é assim que as coisas são, né? O ativo é o homem da relação e o passivo é a mulher da relação”. Sobre “gays versáteis”, respondeu: “Olha, eu sei que existe (risadas) Mas não conheço. Eu e minhas amigas são passivas”. Perguntei se passivos andavam com passivos e ativos andavam com ativos: “Olha, como eu sou afeminado, acho que só afeminado fica meu amigo. Geralmente as passivas são mais femininas e me aceitam pra serem minhas amigas. Sinceramente, acho que os gays ativos me olham de jeito ruim, porque sou afeminada demais e gosto de me vestir de mulher, já as passivas e as trans, me entendem”.

### ***Ficar com pessoas trans***

Perguntei se para além das amizades, Eduardo havia ficado com alguma pessoa trans: “Nossa, beijo minhas amigas trans todas as horas, fiquei com várias!”. Perguntei se o “ficar” incluía penetração: “Não, nunca transei. Tipo, as que eu conheço são bem passivas também, aí vira coisa lésbica, aí nunca fomos pra cama, todo mundo sabe que sou passivíssima

*(risadas)*”. Perguntado se ser uma mulher trans passiva era um impedimento para transar, ele, enfático, respondeu: “*Nossa, com certeza! Você não vê duas mulheres heteros transando, nem dois homens heteros transando, nem duas passivas transando, aí não dá pra transar não, ninguém vai querer comer ninguém (risadas)!*”. Perguntado se ficaria com uma mulher trans que fosse sexualmente ativa, ele respondeu: “*Não ficaria. Eu gosto de homem mesmo, de macho. Pinto é importante, mas aquele cara com pêlos e suado em cima de mim, é mais importante ainda. Ia sentir que era uma mulher me comendo, não ia gostar!*”.

### ***Primeiras informações sobre relação sexual e camisinha***

Sobre as primeiras informações sobre sexo e camisinha: “*Nunca tive na escola e nem em família. Acho que foi com os amigos e na internet também (...) Os amigos a gente fica falando de dar o cu, fazer chuca, essas coisas (risadas). Alguns ficam reclamando que o ativo não quer usar camisinha, aí a gente conversa que a gente fala pro ativo colocar (...) Eles falam que não vão conseguir ficar de pau duro sem camisinha, pra gente cair no papo deles*”. Perguntado se o jovem teve alguma relação sexual sem preservativo: “*Olha, duas vezes, os caras insistiram muito, um disse que era fetiche dele eu ser totalmente dominada, aí é óbvio que eu gostei, né. Aí ele falou pra eu esperar no quarto dele de calcinha e de brucos e não olhar pra trás. Aí ele foi, chegou metendo e eu vi só depois que ele tava sem camisinha. Aí eu meio que tentei falar que ele tava metendo sem, aí ele colocou a mão na minha boca, tipo, me fazendo ficar quieta. Parecia um estupro, sabe?*”. Perguntado se o jovem sentiu prazer na dominação do parceiro, ele respondeu que “sim”.

Em relação ao aprendizado da camisinha: “*Acho que tudo eu aprendi na internet. Li muitos blogs depois do abuso e sempre olhei alguma coisa que tinha curiosidade. Informação a gente sempre tem, mas na hora não é bem assim*”. Sobre a última frase, Eduardo disse: “*Ah, você tá lá na casa do boy, tá com tesão, ele também, tá com a chuca feita (risadas), você fica com medo de falar “não” e sem coragem pra estragar o clima e ir embora, aí acaba fazendo. A gente pensa nas consequências, mas na hora é muito difícil (...) Aí depois dessas duas vezes que fiz sem eu fiquei com medo de ter alguma coisa, agora eu sempre pergunto se vai rolar com camisinha, é melhor falar antes do que deixar na hora*”. Indagado se o jovem usou PEP nas duas vezes que fez sexo sem preservativo, o jovem negou:



*“Ah, sei que não fiz certo, mas pensei que os caras eram casados, aí eles deviam só transar com as mulheres deles. Aí não corri atrás de tomar, mas sei que deveria ter tomado”.*

### ***Informações sobre PEP e PReP***

Também perguntado sobre como obteve informações sobre PEP e PReP: *“Ah, tudo foi pela internet (...) Ou pelo Google ou em comunidade do Face, essas coisas. Tenho uns grupos de memes que tem um monte de viado, aí às vezes rola assunto de PReP, quem tá tomando, se as pessoas são a favor de tomar, aí querendo ou não você se informa. Acho que fui ter noção do que era PReP de um ano pra cá. Nunca tinha ouvido falar, nem sei que ano foi lançado, mas teve uma época que tava todo mundo falando sobre isso. Informação nunca é demais, ainda mais pra quem não tem conversa em casa ou na escola”.*

### ***Se assumir gay***

Sobre se assumir gay, Eduardo disse que o “grande armário de sua vida” não foi e não é se assumir gay, mas assumir seu lado feminino *crossdresser*: *“Olha, acho que todo mundo sempre soube que eu era gay. Tipo, sempre fui afeminadinho, brincava de boneca, tinha letra bonita na escola, só andava com meninas, essas coisas. Acho que tava meio que na cara (risadas) Minha dificuldade mesmo foi falar com minha mãe que me vestia de mulher, nunca pensei em falar pro meu pai. Poucos amigos sabem, tipo, tive muito medo de falar pro meu amigo que mora comigo, mas ele aceitou de boa. Algumas amigas da faculdade sabem também. Nas festinhas a gente passava maquiagem juntas (risadas). Nunca me assumi gay, sempre deixei na cara, mas também não digo pra todo mundo que sou CD”.*

### ***Outros lugares de sociabilidade do jovem***

Indagado se o jovem frequentava saunas, lugares de pegação, etc, ele respondeu: *“Olha, nunca fui, sauna eu sei que é caro e acho que não rola me vestir de mulher. Lugares de pegação nunca fui, mas chupei caras na praia, mas tipo, tava marcado de encontrar com o cara, não fui pra caçar (risadas) Balada eu frequentei, mas como falei, não é pra mim. Acho que hoje eu só uso o Badoo mesmo. É meu único jeito de conhecer outros caras”.*

### ***Uso de drogas nas relações sexuais***

Em relação ao uso de drogas nas relações sexuais, Eduardo disse: “*Nunca tive vontade. Eu fumo maconha de vez em nunca, mas não no sexo. Ah, já usei poppers também, um carinho que transei tinha, ele levou pra mim. Eu sei que é caro e acho que é ilegal aqui, Mas foi super bom quando usei, fiquei mega sensível e prazeroso, com certeza usaria de novo*”. Sobre o uso do álcool, disse: “*Já fiz sexo bêbada, claro. Mas não uso pra transar, só quando acontece mesmo (...) Teve uma vez que fui num hotel aqui em São Conrado e o tomei vinho com o cara, essa foi uma das vezes que fiz sexo sem camisinha também. Mas não fico bêbada e transo, acho que meus encontros são mais marcados (risadas)*”.

### ***Finalizando a entrevista***

Eduardo disse que tinha que ir embora, iria encontrar um rapaz que conheceu pelo *Badoo* e ele “não queria deixar seu macho esperando”. Me perguntou se eu tinha “uma última pergunta a fazer a ele”. Pontuei que ele disse que nunca namorou, mas que tinha desejo de namorar. Pedi pra ele finalizar a entrevista dizendo sobre isso: “*Olha, sua pergunta é muito profunda (risadas). Acho que sim, quero muito namorar. Mas quando penso na sua pergunta, eu penso em solidão. Só eu sei como é a solidão de ser CD. Tudo começa lá na infância, com a vontade de usar batom ou calcinha, de ficar se imaginando como você ficaria linda se vestindo de menina. Daí você acha que tem algo de errado com você. Aí na adolescência tudo piora. Vêm os pêlos, a barba, essas coisas que você não quer, daí aquela vontade feminina fica guardada a sete chaves. Mas acho que uma hora essa vontade fica maior que você e você decide enfrentar a solidão. Às vezes você faz tudo sozinha, escondida, sem ninguém ver, mas acho que a graça tá quando você vê que o outro te acha linda do jeito que você é, aí você busca outra pessoa. Tipo, eu li milhões de blogs, acho que sempre vai ter um conflito, sabe? Têm muitos caras casados que quando contam pras mulheres, o casamento acaba. Têm uns que não contam aí fica aquela situação meio que barra forçada, de encontrar outros caras e continuar casado. Tem umas que pensam na hormonização, tem outras que tomam sem ir no médico, têm quem não toma, mas pensam em tomar. Têm umas que super quebram as barreiras e viram mulher de vez. Tem muita coisa e muito caso! Mas acho que todas nós buscamos só uma coisa: ser quem a gente é. E a nossa maior dificuldade é de aceitação mesmo, primeiro de nós mesmas, mas depois, do outros. Da família, da sociedade,*

*das pessoas que a gente transa. Não é nada fácil. Tem muita solidão. Acho que o primeiro passo é não ter preconceito com si mesma. Tem que ter uma cabeça muito forte pra não cair numa depressão no meio disso tudo, sabe? E olha que nunca fui num psicólogo (risadas) Mas é isso, hoje eu me considero forte pra saber que não vai ser fácil, mas não perco a esperança de encontrar alguém que me aceite como eu sou”.*

## *Eduardo*

Tabela 10: Síntese da história do jovem Eduardo

<i>Eduardo</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>23 anos</p> <p>“Branco”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu no estado do Rio de Janeiro. Sempre morou na Rocinha</p> <p>Nunca namorou: “estou procurando alguém que me aceite”</p>	<p>Ensino médio completo em um colégio público da Zona Sul do Rio de Janeiro.</p> <p>Formado em Letras pela em uma universidade particular</p> <p>Trabalhava como professor de língua portuguesa em uma ONG na favela em que morava</p>	<p>Morava com um amigo jovem e gay. Sua mãe tinha 37 anos e morava no Recreio, juntamente com o namorado. Falava pouco com seu pai, que tinha 42 anos, comerciante, morador de Maricá</p> <p>Se assumiu gay para a mãe aos 18 anos, quando contou que era crossdresser: “meu armário é falar que sou crossdresser, não gay”</p>	<p>Primeiro beijo aos 11 anos, com amiga da escola da mesma idade: “Beijo lésbico”</p> <p>1ª relação sexual: Abuso aos 13 anos. Abusado pelo irmão de uma amiga, de 20. Foi passivo e sem uso de preservativo. 1º beijo com homem aos 16 anos. Se conheceram pelo chat Terra. Parceiro de 45 anos. Se beijaram na praia. 1º sexo oral do jovem.</p> <p>1ª relação sexual aos 16 anos. Conheceu o rapaz, de 40-45 anos, pelo app Badoo. Foi passivo na relação, com uso da camisinha.</p> <p>Total de “uns 15” parceiros sexuais, todos conheceu através da <i>internet</i></p> <p>Jovem se considerava “passivíssima”</p> <p>Masturbação aos 13 anos, em chats. Via outros homens “héteros” se masturbando na webcam. Disse que se masturbava “muito pouco”</p>	<p>Se autodenominou “crossdresser”, “depilada”, “lisinha”, “feminina”, “passivíssima”, “adora homens casados”, “branquinha”</p>	<p>Não tem computador em casa. Dividia o wi-fi com uma vizinha. Possui celular próprio.</p> <p>Desde os 13 anos entrava em chats, como UOL, Terra e Manhunt. Após o abuso, começou a frequentar blogs sobre “crossdresser” e “abuso sexual na infância”. Aos 19, fez download dos apps Badoo e Grindr. Não possui mais Grindr</p>	<p>Quando dizia que gostava de transar vestido de mulher, era xingado, chamado de “doente” e “viadinho” e bloqueado: “Cansei de ser ofendida e deletei o Grindr”</p>

## **Ricardo**

---

*“Eu já recebo muitas bloqueadas por causa do meu corpo e por ser afeminado, imagina se eu colocasse que sou soropositivo?”*

---

O jovem havia conversado comigo durante as aproximações do campo. Assim como Maurício, eu e Ricardo tivemos uma segunda entrevista, com menor duração. Realizamos a segunda entrevista na Lagoa Rodrigo de Freitas, antes do vôlei. Assim como Maurício, não refiz a entrevista com Ricardo, mas fiz perguntas para “complementar” a primeira entrevista.

### ***Caracterização sociodemográfica***

Ricardo tinha 22 anos, nasceu e foi criado em Campo Grande, Zona Oeste da cidade. Explicou que morava em uma “*parte pobre do bairro, mas não morava em favela*”, e se considerava “bem pobre”. Se autodeclarou da cor/raça “branco” e da religião “católica”. Trabalhava numa mecânica no bairro e morava com a avó. Disse que os pais “não aceitavam que ele fosse gay”, por isso não morava com eles. Sua mãe tinha 45 anos e o pai, 49. Sua mãe estava desempregada e o pai era motorista de ônibus. Sua avó tinha 60 anos. Disse que se davam muito bem, a avó era “o amor da vida dele” e que ela cuidava dele como se fosse sua mãe. Ricardo era filho único. Saiu de casa aos 19 anos, depois de terminar o ensino médio e começou a trabalhar em *shopping centers*, geralmente como garçom ou atendente em lojas de roupa. Trabalhava na mecânica citada há um ano e meio. Ricardo estava solteiro e nunca namorou na vida, mas “*já ficou sério com três caras*”. Para ele, “ficar sério” significa “ficar” de forma exclusiva. Ricardo disse que ficou com esses outros homens por cerca de seis meses, mas não considerou nenhum como namorado pois nenhum deles o “pediu em namoro”. Disse que perdeu as contas de quantos caras beijou na vida. Disse que transou com “*uns 20*”.

### ***Primeira experiência amorosa***

Em relação a primeira experiência amorosa, Ricardo perguntou: “*De beijo ou de sexo?*”. Respondi que ele poderia me responder o que viesse à sua mente: “*Meu primeiro beijo foi com uma menina, quando eu tinha nove anos (...)* Ela tinha a mesma idade. Ela era

*da minha escola, eu gostava dela, acho. A gente tava brincando, depois que a gente parou a gente foi tomar água, só nós dois. Aí a gente pegou na mão um do outro, sem motivo nenhum, e demos uns beijos. Mas nem lembro se teve língua. Foi algo bem de criança mesmo e acho que nenhum dos dois tava com aquela intenção de beijar, sabe? Mas rolou!”.*

Perguntei o que mais tinha marcado nessa experiência, Ricardo disse que ficou com muita vergonha depois, pois algumas pessoas viram eles se beijando, e teve o “maior” comentário na escola que Ricardo “*não era viado*”. O jovem narrou que ficou chateado pelos comentários. Disse que não passava na cabeça dele naquela época “o que ele era”, que ele era “muito criança”, mas como ele não era visto como uma “criança padrão”, tinha “aquela pressão de não ser viado na escola”, e parecia que ter beijado aquela menina era uma comprovação que ele não era “viadinho”. Ricardo disse que este foi o único beijo que ele e sua amiga deram. A amizade entre os dois “ficou estranha”, e pararam de se falar.

### ***Ser uma criança padrão***

Perguntei o que seria uma “criança padrão”, ele respondeu: “*Ah, aquele que é machinho, joga futebol, fica falando palavrão, brigando na escola, lembro até da minha letra, minha letra era bonita na escola, aí era letra de viado (...)* Jogar vôlei também, a tia da escola deixava eu jogar vôlei porque eu não queria jogar futebol, mas eu era motivo de piada, era o único menino jogando vôlei (...) *Eu acho que eu via que eu não era uma criança comum, mas não tinha noção do que aquilo significava”.*

### ***Afirmações de como é “ser homem”***

Perguntei se Ricardo escutava afirmações do que era “ser homem” na infância: “*Ah, escuto até hoje, né? Que nem a criança padrão, que não pode sentar de um jeito, não pode falar de um jeito, não pode andar de um jeito, aí acho que por isso eu achava que eu não era uma criança normal, por que homem de verdade. Até no meio gay a gente ouve que não pode não pode ser afeminado demais, ou falar fino demais, ou rebolar demais. Por isso que acho que ouvia quando criança sim, na escola e em casa, mas ouço até hoje em todos os lugares que eu vou, até mesmo entre os amigos gays”.* Indaguei o que seria “mais anormal” no meio dos seus amigos: “*Acho que ser muito afeminado, ainda acho que é um tabu ser afeminado, até no mundo gay. Daí quando você é criança você tem que ser uma criança padrão, aí*

*quando você vira adolescentezinho e gay, você tem que ser um gay padrão. É difícil, viu?’. Questionado, Ricardo afirmou que o “gay padrão” seria aquele gay “não tão afeminado”.*

### ***Primeiro beijo com um menino***

Sobre seu primeiro beijo com um menino, contou: *“Eu tinha 14 anos, ele era um pouco mais velho, tipo uns 16 (...). Era um garoto lá do bairro. Foi numa festa junina no meu bairro. A gente tava correndo, brincando mesmo, bem criança, daí a gente foi num brinquedo meio longe dos outros, tipo carrinho de bate-bate, depois a gente foi voltar. Ele meio que me puxou pra umas caixas e me deu um beijo (...) Eu gostei bastante, acho que sempre achei ele bonito, ele tinha um corpo bonito, era mais velho, eu nem suspeitava que ele pudesse ser gay, quer dizer, nem sei se ele é gay mesmo”.* Ricardo disse que apesar da surpresa, ele ficou bastante feliz e “com tesão” pela situação, com um sentimento que tivesse “fazendo a coisa certa”. Disse que não ficou “de pau duro” beijando a menina, mas com esse rapaz, ficou. O jovem continuou: *“Ah, foi muito bom né, com a menina foi um beijo meio selinho, meio de criança, não lembro se teve mais língua e mais calmo, com ele foi uma coisa quente, meu pau ficou duro”.*

### ***O que mais marcou nessa experiência***

Perguntei ao jovem o que mais havia marcado nessa experiência, ele disse: *“Olha, eu gostei, foi um tesão ficar com ele ali, num lugar público e tal, lembro que foi meu primeiro boquete também”.* Solicitado a falar mais sobre a experiência, Ricardo continuou: *“No meio do beijo eu senti o pau dele duro, e peguei nele, e tava duro mesmo (risada) (...) Aí ele disse: ‘Você gosta né, viadinho?’; Aí eu falei que gostava, foi aí que ele tirou pra fora e eu chupei”.* Ricardo disse que achava que fez o sexo oral de forma “bem feita”. Questionei também se o jovem havia “aprendido” como fazer um “boquete” em algum lugar. Ele me disse: *“Ah, na internet, né? Lembro que quando eu era novinho eu já tinha visto pornô de caras chupando outros caras, aí você vê aquelas coisas de chupar, de abrir bem a boca (risadas). Acho que quando eu era mais novo eu também digitei no Google: ‘Como fazer boquete’, aí no Google você aprende tudo, né? E fica professor no assunto (...). Acho que é isso, aprendi na internet mesmo!”.* No momento do seu primeiro sexo oral, Ricardo disse que o menino com quem ele ficou, gozou no chão, fechou o zíper e depois foi embora.

### ***Possível contato com o rapaz***

Indaguei se ambos se falaram após a festa junina: “*Nunca mais nos falamos (...) Nem sei direito o que pensar, eu acho que ele não é gay, acho que porque eu tinha jeito de viado ele quis ser chupado, tava com tesão na hora e decidiu tentar comigo! Mas até hoje não tenho certeza também. Eu lembro que depois de uns dois anos eu adicionei ele no Orkut, ele me recusou. Adicionei no Facebook também, ele me recusou (...) Eu teria repetido, mas acho que já ali eu vi que homem só quer te usar pra gozar, e não se preocupa com você*”.

### ***A primeira relação sexual***

Solicitado a falar sobre a última frase: “*Então, poucas pessoas sabem disso. Com 16 anos eu tava jogando videogame com um primo e um amigo dele. Aí rolou um papo sobre gozar, fazer troca-troca. Eles me fizeram mais perguntas, aí disse que tinha chupado na festa junina do bairro e tal, aí meu primo ficou de pau duro e perguntou se eu não queria chupar, aí eu falei que sim. Aí comecei a chupar ele e depois de uns três minutos, chupei o amigo dele (...) Eu gostei, os dois tinham um pau grande, foi muito bom (...) Aí meu primo tirou minha bermuda e disse que ia meter em mim, aí eu falei que não tava a fim, que era virgem e tal. Mas ele falou que eu era um viadinho e que ia acabar gostando (...) Aí o amigo dele me segurou de braços e ele meteu em mim (...) Fui abusado mesmo, sabe? Depois meu primo segurou meus braços e o amigo dele meteu (...) Doeu pra caralho, eu sangrei, nem fiquei de pau duro. E eles diziam umas frases que me marcaram bastante: ‘Você tá gostando, né viadinho? Isso é pra você aprender e vê se vira homem de verdade’ (...) Daí mais uma vez eu percebi que como homem faz de tudo pra gozar e depois tá nem aí pra você (...) Acho que depois que os dois gozaram e eu comecei a chorar, eles perceberam o que fizeram e foram embora (...) Não contei isso pra ninguém, meu primo me ameaçou que se eu contasse pra minha mãe ou pra mãe dele, eu ia apanhar. (...) Aí você acaba ficando com medo, né? E eu também não sabia se minha mãe ia acreditar em mim. Aí fiquei quieto*”.

Ricardo contou que seu primo tinha 23 anos na época, mesma idade do amigo. Falou também que nunca mais falou com esse primo. Eles se viram pelo bairro e em festas de família, mas nunca tocaram no assunto. Ricardo disse que isso o marcou bastante, pois nunca confiou em homem nenhum desde então. Seu primo e o amigo dele não usaram camisinha nessa ocasião. Logo, continuou: “*Meu segundo sexo foi o pior de todos*”.



### ***Primeira vez que foi a uma boate***

Solicitado a falar sobre “o pior sexo de todos”, Ricardo disse que aos 16 anos foi na The Week, boate LGBT localizada no centro do Rio de Janeiro. O entrevistado foi com uma identidade falsa com três amigos do seu bairro. Disse que entrou bêbado e que “tava muito louco”. Ele e seus amigos beberam na Lapa antes de entrarem na boate e beberam “na porta da boate”. Ricardo também comentou que os jovens não pagaram para entrar na boate pois um de seus amigos havia colocado o nome de todos na lista.

Ricardo narrou que essa foi a segunda vez que transou “na vida”. Contou que foi usar o banheiro e “tinha um cara mais velho”, sem camisa, “super gostoso e de pau duro” olhando pra ele perto da cabine. No que Ricardo entrou na cabine, esse homem, que devia ter 45 anos, entrou junto. O jovem narrou que este homem estava de “pau duro” e fez Ricardo sentar na cabine “para chupar o pau dele”. Ricardo disse que chupou, que estava bem bêbado, mas que gostou de realizar o sexo oral, da sensação e do “tesão” de fazer algo em local público. Ainda disse: “*Aí eu chupei ele e ele meio que me virou de costas, aí ele meteu ali mesmo na cabine*”. Ricardo narrou que dessa vez ficou excitado ao ser passivo, que “gostou mais”. Disse que chegou a gozar e o “cara gozou dentro dele”. Disse que saiu da cabine com muita vergonha, “sentindo culpa” por ter transado sem camisinha e deixado “o cara gozar dentro”. O jovem “prometeu” que não iria fazer mais sexo sem camisinha em sua vida.

### ***Possibilidade de tomar PReP***

Perguntei se Ricardo pensou em tomar “algum remédio” depois da relação sem preservativo. Ele respondeu que não passou em sua cabeça, apesar de saber que “existia remédio pra essas coisas”. O jovem sabia que existiam remédios a serem tomados após exposição ao sexo sem preservativo, mas não sabia se poderia ir numa farmácia buscar tais remédios, se teria que ir ao SUS, se teria que pagar pelos remédios. Dessa forma, achou que “a chance de acontecer algo era pequena, pois o cara gozou pouco”, e não procurou mais informações: “*No fundo achei que nada ia acontecer*”.

### ***Informações sobre infecções sexualmente transmissíveis e camisinha***

Perguntei como Ricardo obteve informações sobre infecções sexualmente transmissíveis e camisinha. O jovem disse que foi a partir da *internet*, com 15 anos. Contou

que nunca conversou sobre camisinha com os pais, com a avó ou na escola. Ainda, depois dessa experiência na boate, “foi procurar sozinho” sobre como “se cuidar”. Explicou que viu na *internet* que tinha sempre que usar camisinha, “pedir camisinha pro ativo colocar quando o ativo não tiver”. Complementou que sabia de outras doenças, como sífilis e HPV e que se assustou com as imagens que tinha visto na *internet*: “*Ah, aqueles pintos com várias manchas, uma coisa nojenta, vi também que HPV anal você tem que queimar (...) Acho que ver as fotos me assustou bastante, aí falei que nunca mais ia transar sem camisinha*”. Ricardo disse que desde então, usou camisinha em todas as relações sexuais.

### ***A descoberta do diagnóstico de HIV***

Em 2016, o jovem começou a ter febre, diarreia e muitas dores no corpo. Foi quando ele decidiu, pela primeira vez, fazer exame de HIV, em um ambulatório da rede municipal do seu bairro. Disse que procurou na *internet* onde poderia realizar o teste “de graça”. No mesmo dia recebeu o diagnóstico, que deu positivo. Ricardo disse que “ficou sem chão” quando recebeu o resultado, que chorou e “ficou amarelo”. Disse que pensou em se matar e não sabia o que iria fazer de sua vida. Continuou: “*Aí a enfermeira ficou super emocionada comigo, ela me abraçou, disse que ia ficar tudo bem! Aí ela disse que naquela época já existia o remédio “três por um”, que nada ia acontecer de ruim comigo, mas que eu precisava me tratar e que era só tomar um remédio por noite*”.

Ricardo disse que chorou muito e que demorou três meses pra voltar ao ambulatório para fazer outros exames. Disse que tirou sangue para saber seu CD4, CD8 e carga viral. Na época, seu CD4 estava em torno de 600, considerado um “CD4 bom”, mas que sua carga viral estava “bastante alta”, não sabendo informar exatamente com quantas “cópias”. O jovem narrou que se sentiu “bastante sujo”, não sabia com quem conversar, para quem contar e que passou “meses querendo se matar”. Disse que emagreceu bastante (Hoje pesa 65kg, chegou a 52). Disse que a enfermeira o ajudou bastante e a *internet* também.

### ***O uso da internet frente ao diagnóstico positivo de HIV***

Sobre o uso da *internet* após a confirmação do diagnóstico, ele completou: “*Cara, eu frequento blogs. Tem um que é meu favorito, “diário de um jovem soropositivo”, que fala de um menino que descobriu que tinha HIV com 18 anos, quase a mesma idade que eu (20*

anos). *Aí ele foi falando da experiência dele, que se sentiu sujo, culpado, pensou em se matar também, mesmas coisas que eu senti. Aí teve um post, que eu lembro que até chorei, que ele disse que ia mudar o título do blog dele, que não ia chamar mais “diário de um jovem soropositivo”, porque o HIV não definia ele, ele era muito mais do que isso. Ele tinha os sonhos dele, era um cara batalhador, que não fazia sentido ele se auto intitular assim. Aí fez muito sentido pra mim, que o HIV não precisava ser o centro da minha vida, lembro que esse cara do blog falou que o HIV era um peso numa corrente que andava sempre com a gente, mas a gente não precisava sofrer por carregar esse peso. Esses blogs sempre me fizeram bem. Tem a parte de depoimentos, que são as pessoas que falam como descobriram o HIV em suas vidas. Aí teve mulher que descobriu na gravidez, homens que descobriram quando foram fazer teste com o namorado, tem de tudo! E tem muito jovem igual eu, que transou uma vez sem camisinha e mesmo assim pegou. Tenho certeza que foi o cara da balada”.*

O jovem disse que três amigos sabiam e agora, eu também. Disse que não contava para os rapazes que ficava que tinha HIV, porque hoje sabe que é indetectável, que ele “não passa” e que ele toma os remédios e usa sempre camisinha. Ricardo também disse que nos aplicativos de “pegação” que possuí, também não falava nada sobre o HIV nos seus perfis.

### ***Um pouco mais sobre os aplicativos***

Perguntei sobre os aplicativos. Ricardo disse que tem dois aplicativos para encontros sexuais, o *Grindr* e o *Scruff*, baixamos em 2013, quando o jovem tinha 17 anos. Como Ricardo descobriu o HIV em 2016, disse que de 2013 a 2016, conheceu a maioria dos caras com quem transou através dos aplicativos. E os outros rapazes, na praia, boates, *Facebook* ou *Instagram*. Sobre o *Facebook* e *Instagram*, comentou: “*Ah, é aquela coisa, às vezes quando vejo um cara que acho gato em algum lugar, eu ia lá e curtia alguma foto dele, ou adicionava na cara de pau (risadas). Aí a gente começava a conversar, via se o cara tinha local, se era ativo ou passivo, e a gente saía pra transar”*. O jovem disse que quando baixou o aplicativo *Grindr*, gostou de ver as fotos das pessoas e a possibilidade de conversar com elas, porque tinha tido a uma experiência “traumática” na *The Week*, e achou que pelo aplicativo, poderia conhecer melhor as pessoas antes de transar com elas.

Contudo, Ricardo disse que as experiências nos aplicativos foram frustrantes, pois no *Grindr*, as pessoas também só queriam “fuder”. Baixou o *Scruff* pois tinham dito que o *Scruff*

não era tão sexual quanto o *Grindr*, mas o jovem disse que “ele achou a mesma coisa”. Disse também que baixou o *Tinder*, mas que ficou menos de três meses com ele, pois as pessoas são “muito lerdas e demoram pra sair e são seletivas demais” nesse aplicativo.

Depois de tentativas frustradas em conversar com outros rapazes nos aplicativos, ele “tacou o foda-se e foi pra putaria”, e começou a transar com outros caras pelo aplicativo, enfatizando que “sempre com camisinha”. Disse que no seu perfil tem sua foto de rosto, a primeira letra do seu nome, a idade, 22 anos, sua altura, seu peso e que era “só” passivo.

Ele me mostrou a descrição do perfil no *Grindr*: “*Novinho passivo que curte caras ativos e mais velhos. Sou só passivo e um pouco afeminado, se não curte, não venha falar comigo. Não curto afeminados, se você for, nem tente falar comigo*”. Indaguei que Ricardo se auto intitulava como afeminado, mas não curtia afeminados. Meio sem graça, ele explicou: “*Acho que um casal tem que ter equilíbrio, é muito nada a ver dois afeminados juntos. Assim como acho nada a ver dois gordos juntos. Mas assim, nada contra, sabe? Até mesmo porque eu sou um pouco afeminado, mas eu não curto mesmo, nada contra, só não me dá tesão*”. Ricardo disse que costumava ser “assediado” por caras mais velhos, tanto em seu bairro, quanto na Zona Sul da cidade, lugar onde joga vôlei e vai à praia: “*Acho que os caras mais velhos e ativos preferem os mais novinhos e passivos, né (...)* Eles também ficam loucos por que eu sou lisinho, não tenho pelo no meu corpo”.

Conversamos sobre o “antes e depois” dos aplicativos em relação ao HIV. Ricardo disse que “o perfil dele não mudou em nada”, disse que nunca colocou que fosse HIV positivo. Perguntado sobre o motivo, respondeu: “*Ah, acho que vergonha. Tipo, ainda mais eu que coloco o rosto nos perfis, nunca contei pra quase ninguém. Depois que me informei na internet, vi que não precisava falar pras pessoas, até mesmo por que não sei a reação delas, se elas vão fazer fofocas, e acho que ia me sentir muito rejeitado se eu falasse pra alguém que eu sou HIV positivo e a pessoa me bloqueasse. Aí por esse medo, eu fico quieto. Eu recebo muitas bloqueadas por causa do meu corpo e por ser meio afeminado, imagina se eu colocasse que sou soropositivo? Aí acho que iriam me bloquear toda hora*”.

### ***Bloqueadas nos aplicativos***

Pedi para Ricardo me falar mais sobre as “bloqueadas” que recebia nos aplicativos: “*Ah, tipo, os caras pedem pra você enviar fotos, né? Daí você envia de rosto, mas também*

*envia de corpo. Aí quando mando foto de corpo, recebo muitos blocks, ainda mais quando tô na Zona Sul (...) Muitos caras me falam: 'Nada contra, mas não curto afeminados'. Aí me bloqueiam". Indagado se Ricardo considerava isso uma violência, ele respondeu: "Ah, vioooooolência vioooooolência, não. Mas só quem é meio afeminado pode dizer o número de bloqueadas que já tomou (...) Acho até que ser afeminado é pior que ser magro. Prefiro esconder do que colocar logo de cara. Se um dia namorar, eu talvez conte!"*

### ***Ser HIV+ nos aplicativos***

Conversamos um pouco mais sobre ser HIV positivo nos aplicativos. Para ele, "apesar de ser indetectável", não tinha coragem de falar que era soropositivo para seus parceiros sexuais, tampouco nos aplicativos: "Olha, um dos caras que eu fiquei mais sério, a gente super brigou no fim, e assim, ele falou mal de mim pros outros. Eu fico imaginando que se tivesse contado pra ele, ele teria contado pra todo mundo que eu tinha. Aí assim, querendo ou não é um segredo que você coloca na mão da pessoa. Se você conta, é porque você confia, certo? Mas sei lá, depois vocês brigam, você não sabe o que a pessoa pode fazer. Eu tive um ex mega agressivo, acho que ele poderia ter contado depois do término".

Perguntei a Ricardo se em algum encontro ele foi obrigado a fazer coisas que ele não quisesse: "Ah, sempre tem aquele que quer gozar na sua cara, eu não curto muito, mas é aquela coisa, você tá na casa dele, tá ali pra transar, fica meio chato dizer que não curte certas coisas (...) Acho que se eu não tivesse HIV, ia acabar fazendo sexo sem camisinha, mas aí por ter, acabo exigindo e falando que não rola sem. E olha que as coisas são mais difíceis pra quem é passivo". Sobre a última frase, explicou: "Se você for passivo e não exigir camisinha, o ativo vai esfregando e esfregando como quem não quer nada (...) Eles sempre tentam meter sem camisinha. Então é uma dificuldade pro passivo, tem que exigir lá na hora (...) Eu converso isso com meus amigos que são passivos e com minhas amigas hétero também, elas dizem que às vezes é difícil esse negócio de pedir camisinha pro cara. Acho que no mundo gay não é nada diferente, o passivo acaba sendo a mulher da relação".

### ***Preconceitos no aplicativo***

Perguntei se em algum momento ele sofreu preconceito nos aplicativos: "Teve uma vez que eu pinteí meu cabelo de branco. Recebi muitos xingamentos no Grindr, falando que

*eu era viadinho e passivona, que tava me achando a Madonna e pra eu pintar o cabelo igual homem (...) Acho também que quando tô na praia, tipo em Copacabana e falo que pra encontrar, vou precisar dormir na casa do cara pois moro longe, muitos deles me bloqueiam, não sei se é porque não querem que eu durma lá ou porque tem preconceito que moro longo, mas já percebi que não curtem (...) Mas sei que as pessoas em geral não curtem afeminados, sei disso. Mas sei que tem outros que vai curtir”.*

### ***A agressividade do seu ex ficante***

Pontuei que Ricardo disse que um ex ficante dele era “agressivo”. Pedi pra ele me contar sobre: *“Ah, não quero falar muito sobre isso não. Ele era bem esquentadinho, às vezes me chamava de ‘mulherzinha’ também, me chamava de ‘cadela’ na cama, essas coisas. Um dia eu pedi pra ele parar de falar essas coisas que eu não gostava, ele riu da minha cara. Lembro que quando a gente ia transar, parecia que ele tava metendo com mais raiva ainda. Aí depois de algumas semanas eu consegui terminar com ele, mas ele pirou. Perguntou ‘quem eu era pra terminar com ele’, e meio que me bateu, sabe? Não durou muito, a gente tava na praia a noite, ele morava no Recreio. Aí eu saí correndo e ele correu atrás de mim e me chutou mais um pouco. Daí ele desequilibrou e eu consegui fugir. Bloqueei ele da minha vida e nunca mais nos vimos. A gente pode mudar de assunto se não for problema? Não gosto de lembrar dessa história!”.*

### ***Diferenças entre ser ativo e passivo***

Disse ao entrevistado que mudaríamos de assunto então. Assim, perguntei a ele se para o jovem, havia diferenças entre ser gay ativo e gay passivo. Ricardo, enfático, disse: *“Nossa, com certeza! A gente fica com a fama de ser a mulherzinha da relação, quem é o ativo fica com a fama de homem da relação, e o passivo que não é homem suficiente, não é homem direito, aí acho que é isso, se dá o cu, é mulherzinha, se é mulherzinha, não é homem de verdade. Querendo ou não o ativo por meter, fica com menos fama de mulher”.*

### ***Masturbação***

Sobre a prática de masturbação, Ricardo respondeu: *“Olha, a primeira vez que bati uma, foi vendo G Magazine (risadas). Acho que um amigo meu do colégio me emprestou a*

*revista do Alexandre Frota (risadas). Mas sei lá, foi muito estranho ver o pinto dele (...) Uma sensação de que eu tava fazendo a coisa errada, aí acho que nem bati punheta. Acho que meu pau ficou duro, mas eu me senti mal e não fiz mais nada, aí devolvi a revista. Acho que só mais tarde fui me masturbar mesmo”.*

O episódio da revista com Alexandre Frota na capa foi quando Ricardo tinha 12 anos, ou seja, em 2008. Ricardo disse que após esse episódio, ele “demorou mais ou menos um ano” para ver filmes pornôns na *internet*. Segundo o jovem, ele começou a digitar no *site* “Google”: “Não lembro de um *site* em especial que eu entrei. Acho que fui digitando pequenas coisas no Google e achando os sites, hoje eu vejo mais o Pornhub e Xvideos (...) Hum, acho que você vai vendo os sites e aprendendo, né? (...) Aprendendo o que você mais gosta de ver, eu já vi pornô de dois caras lisinhos e bombados, mas não curti muito não! Aí depois eu fui vendo que prefiro os mais peludos também. Não curto bombadinho de academia! E prefiro também quando o ativo é mais velho e o passivo mais novinho, tipo eu (risadas) (...) Acho que é isso, você vai vendo o que te dá mais tesão e vai descartando o que não dá, aí o que você curtir, você claro que vai repetir, né? (risadas)”.

### ***Se assumir gay***

Pontuei que Ricardo havia comentado sobre como se assumiu gay para família, que contou aos pais e foi expulso de casa. Indaguei como ele “se assumiu” para os amigos e para outras pessoas do seu convívio. Ricardo contou: “Ah, não tenho muito o que dizer, foi bem ruim ter falado pros meus pais. Eles me bateram e me expulsaram de casa, mas depois que você fala pros seus pais acho que você taca o foda-se. Aí eu acho que eu não preciso falar pras pessoas que sou gay, dá pra perceber na cara. Não escondo nem quando saio nem no Face ou no Insta, meu Face é bem gay. Aí acho que todo mundo sabe, não preciso falar (...) Acho que é o mesmo pensamento que tenho nos aplicativos, coloco minha cara, que sou só passivo e coloco meu peso, se não curtir, não fala comigo ou me bloqueia”.

### ***Uso de drogas nas relações sexuais***

Ricardo disse que nunca usou drogas nos seus encontros sexuais. Perguntei se o mesmo teve relações sexuais bêbado, ele respondeu: “*Ah, sim! Várias vezes!*”. Indaguei se para Ricardo, era comum os jovens transarem alcoolizados. Ele respondeu: “*Acho que sim, né? A gente fica com tesão quando bebe (risadas) Aí que a gente faz as cagadas*”. Para o jovem, “cagadas” seria “*ficar bêbado e fazer sexo sem camisinha*”.

### ***Outros lugares de sociabilidade gay do jovem***

Ricardo disse que nunca foi em sauna: “*Tenho amigos que já foram, eles disseram que muitos caras mais velhos e ativos vão, por isso tenho curiosidade. Mas sei que ir numa sauna é tipo, uns 100 reais, ainda mais na Zona Sul. Sem contar que vou ter que gastar mó tempão indo de ônibus pra esses lugares e dependendo não vou ter como voltar. Teria que dormir na casa de um conhecido. Um dia quando eu tiver dinheiro juntado, eu vou, mas enquanto isso, vou ficando no Grindr mesmo que pelo menos até hoje é de graça (risadas)*”.

### ***Ficar com pessoas trans***

Por fim, indaguei ao jovem se ele já ficou com alguma pessoa trans: “*Olha, nunca fiquei. Conheço algumas trans que são, até jogo vôlei com duas! Mas pra ser sincero, nunca conversei com nenhuma no sentido de sexo. Tipo, acho que elas são bem passivas também. Quando vejo no Grindr, sempre tá lá no nick: ‘Trans passiva’. Acho que eu não sinto atração por elas e elas não sentem atração por mim. Então cada um fica na sua procurando um ativo pra comer a gente. E é isso*”. Perguntei se Ricardo ficaria com um homem trans ativo: “*Humm, nunca pensei sobre isso. Mas peraí, homem trans tem buceta, né? Então acho que não ficaria. No fundo ia tá faltando algo! (...) Sim, ia tá faltando um pau (risadas) Não acho que eu ia curtir se ele me dedasse só, eu ia querer mais, aí prefiro não ficar mesmo*”.

### ***Finalizando a entrevista***

Perguntei se o jovem tinha algo a mais para me contar, ele disse que “*não*”: “*Nossa, já falei muito! Só não esquece por favor de não colocar meu nome em lugar nenhum. Conte pra você vários segredos!*”.



## *Ricardo*

Tabela 11: Síntese da história do jovem Ricardo

<i>Ricardo</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>22 anos</p> <p>“Branco”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu e sempre morou em Campo Grande, bairro da região metropolitana do Rio de Janeiro</p> <p>Nunca namorou: “Já fiquei sério com três caras, quero bastante”</p>	<p>Ensino médio completo em uma escola pública da Zona Oeste do Rio</p> <p>Trabalhava como atendente em uma borracharia no seu bairro</p>	<p>Morava a avó, de 60 anos. Pais moravam em Campo Grande, perto do entrevistado. Mãe tinha 45 anos, desempregada. Pai de 49 anos, motorista de ônibus. Filho único. Pais católicos</p> <p>Se assumiu gay aos 18 anos para os pais e foi expulso de casa</p>	<p>Primeiro beijo com uma “menina da escola”, aos 9 anos. Ela tinha a mesma idade. 1º beijo com menino aos 14 anos, em uma festa junina do bairro. Parceiro de 16 anos. 1º sexo oral do jovem. Primeira relação sexual: abuso aos 16 anos. Foi abusado por um primo e um colega do primo, ambos com 23 anos. Foi passivo, sem uso de preservativo. Após o abuso, transou aos 16 anos, no banheiro de uma boate, com um homem de 45 anos. Foi passivo e não usaram camisinha. Teve “uns 20” parceiros sexuais. Maioria conheceu online</p> <p>Jovem se considerava “só passivo”</p> <p>Começou a se masturbar aos 12 anos, vendo a revista G Magazine</p> <p>Diagnóstico de HIV aos 19 anos. Sempre usou preservativo após a descoberta do vírus</p>	<p>Se considerava “bem pobre”, “só passivo”, “um pouco afeminado”, “novinho”, “magro”:</p> <p>“<i>Novinho passivo que curte caras ativos e mais velhos. Sou só passivo e um pouco afeminado, se não curte, não venha falar comigo. Não curto afeminados, se você for, nem tente falar comigo</i>”</p>	<p>Não tinha <i>internet</i> em casa, usava a <i>internet</i> do trabalho.</p> <p>Desde os 15 anos usava o Google para tirar dúvidas sobre sexualidade. Aos 15, fez download do Grindr e Scruff. Frequentava blogs sobre abuso sexual na infância. Após a descoberta do HIV, começou a frequentar blogs sobre jovens soropositivos</p>	<p>Bloqueadas no aplicativo: “Quando envio foto do rosto e corpo, falam que não curtem afeminados e me bloqueiam. Recebo muitos xingamentos que sou viadinho e passivona. Quando tô em Copacabana e digo que sou de Campo Grande, me bloqueiam na hora”</p>

## *Israel*

---

*“Meu namorado disse que nunca apresentaria um negro pra família dele”*

---

Um mês antes de ir para Portugal, para a realização doutorado sanduíche, conversei com Marcos sobre a demora em que estava tendo para receber a confirmação da entrevista de outros jovens. Com o objetivo de ir para o sanduíche com o campo empírico feito, sem a necessidade de entrevistar algum jovem via “online”, Marcos conversou com um professor de uma universidade particular, se seria possível o professor indicar algum aluno para a realização da entrevista. O professor indicou dois jovens que se encaixavam nos critérios da pesquisa. Israel era um deles. Realizamos a entrevista no Instituto Fernandes Figueira, no bairro Flamengo, Zona Sul da cidade, bairro em que o jovem realizava estágio.

### *Caracterização sociodemográfica*

Israel tinha 23 anos, morava em Campo Grande, Zona Oeste da cidade. Nasceu no bairro Senador Câmara, perto de Bangu. Aos seis anos se mudou com a família para Vila Kennedy, mas que “por conta da violência”, se mudaram para Campo Grande quando Israel tinha oito anos. Tinha um irmão de 25 anos, que morava em Vila Kennedy com a avó materna de 62 anos. Seu irmão terminou o segundo grau e estava desempregado. Israel morava com a mãe, de 45 anos e seu padrasto, de 48. Se considerava da cor/raça “parda” e religião “católico”. Sua mãe era segurança de uma loja de roupas e seu padrasto segurança de um banco. Sua avó era “doméstica, mas parou de trabalhar porque perdeu a visão de um olho”.

O jovem disse que seu pai não o registrou. Me contou: “*Meu pai registrou o meu irmão e comigo aconteceu toda uma história porque ele falou que eu não era filho dele e ele começou a bater na minha mãe. Ninguém da família da minha mãe deixou ele me registrar, mas ele mora no Turano*”. Sobre a história entre sua mãe e seu pai, Israel explicou: “*Então, eles moravam juntos, mas depois que meu irmão nasceu, eles se separaram, tipo, não morando mais junto, mas parece que eles ficavam de vez em quando. Aí na época da gravidez ele achou que eu não era filho dele e ele bateu na minha mãe na barriga pra ela não ter o*

*filho, entendeu? Depois que eu nasci ele foi na casa da minha vó pra ver se eu tava lá e ver se eu era realmente filho dele, aí minha mãe pegou e falou que não era, que eu era só dela e ficou esse embate todo pra ver se ele ia me registrar, se não ia, mas aí minha mãe disse que não perdoava ele por ter chutado a barriga dela, que o filho era dela e que não precisava ele me registrar. Aí ficou assim. No fundo não tenho pai”. Israel disse que nunca fizeram exame de DNA para saber se de fato ele era pai dele ou não. Ainda disse: “É uma questão que ninguém toca dentro da família, a questão da minha paternidade”. Israel disse que soube dessa história de violência aos oito anos de idade, com sua mãe explicando para ele que o namorado de sua mãe era “padrasto” do jovem, e não seu “pai biológico”. O jovem disse que “se dava super bem com o padrasto”, e o considerava seu pai: “Ele me trata super bem, foi ele quem me criou realmente junto da minha mãe e a gente se dá super bem, ele conversa comigo, ele realmente me criou junto com ela! Então eu penso que ele é meu pai mesmo”.*

Atualmente, Israel era estudante do último ano de Psicologia da universidade em questão, e estagiava em uma ONG na Zona Sul. O jovem também contou que era bolsista “50% na faculdade” e que sua tia “funcionária pública”, irmã da sua mãe, pagava os outros 50%.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, Israel perguntou: “*Primeira experiência amorosa, mas não sexual, né?*”. Respondi que o jovem poderia responder o que viesse à sua cabeça: “*Bom, experiência amorosa eu lembro da primeira vez que eu gostei de um menino na escola, foi a primeira escola que eu estudei, ainda na Vila Kennedy. Nossa, acho que foi na alfabetização, tinha sete anos (...) Ele também, era amiguinho da mesma sala. Eu gostava dele, via ele como meu amigo, depois eu vi que eu tava realmente gostando dele porque os meninos da sala tinham interesse pelas meninas e eu sabia que tinha alguma coisa de diferente em mim por ele, porque eu realmente não me interessava por nenhuma menina e eu vi que eu realmente gostava dele, não delas*”.

### ***Ser “diferente”***

Perguntado se desde pequeno passava na cabeça de Israel que ele era “diferente”: “*Nossa, com certeza! Desde pequenininho tava gostando de um menino. Depois de algum*

*tempo aconteceu também em outra sala do meu ano que um menino e outro tavam realmente mais próximos e o professor pegou eles meio que de mãos dadas na sala! Eu fiquei meio que traumatizado porque chamaram os pais deles na escola e um deles foi expulso. Eu tomei um susto que poderia acontecer comigo. Ali eu vi que gostar de um menino era errado e alguém ia me punir por causa disso. E todo mundo da escola tava sabendo porque eles estavam na porta da direção e pra ir embora, você tinha que passar na direção. Aí eu não queria isso pra mim, comecei a fugir desse sentimento de estar gostando de um menino! Depois desse susto e eu comecei a falar que eu gostava de uma menina, mas ela era minha melhor amiga, era só pra despistar um pouco eu e ele era muito junto. Foi tudo muito difícil, eu até chegava a rezar pra Deus tirar essa vontade de mim. Mas eu não queria ficar com menina, mas não me deixava gostar de um menino. Acho que na época da escola eu era muito pequeno, porque eu via as pessoas quando chamavam gays eram sempre como zoação e menosprezando, sempre de uma forma pejorativa e eu não queria ser zoado no colégio!”.*

### ***Ser “zoados”***

*Perguntado se o jovem foi “zoados” na escola: “Sempre me zoavam pelo meu jeito, por ser mais afeminado. Uma professora chamou minha mãe pra conversar por causa do meu jeito, jeito de falar, de sentar, essas coisas (...) A professora disse que eu gesticulava muito e que os meninos poderiam me copiar e acabar pegando meu jeito. Teve uma vez, numa escola em Santa Cruz, que todo mundo era católico ou evangélico e naquela época, eu era bem católico. Aí eu comprei uma agenda roxa, que é minha cor favorita. Aí gerou um burburinho na escola inteira por conta disso e chamaram minha mãe pra contar sobre essa agenda e eu tive que trocar a agenda pra poder na escola. A professora chamou minha mãe pra me botar numa igreja evangélica pra dar um jeito em mim”.*

### ***Os colegas da turma e os xingamentos***

*Sobre os colegas da turma, Israel disse: “Então, eles não gostavam porque eu tinha um comportamento diferente dos outros porque eles jogavam bola e eu ficava mais com as meninas. Sempre implicavam com essa aproximação que eu tinha mais com as garotas e implicavam com meu jeito de falar ou as coisas que eu usava na escola, tipo essa minha*

*agenda ou porquê andava diferente (...) Aí eles me chamavam de mulherzinha, viadinho, gayzinho, era tudo sempre pejorativo e no diminutivo”.*

### ***Como o jovem se sentia com os xingamentos***

Perguntado como esses xingamentos o afetavam, ele contou: *“Eu sei que não gostava, me afetava porque eu sabia que eu estava sendo zoadado por uma situação que não tinha escolha. Lembro que uma vez eu entrei no banheiro masculino e os meninos começaram a bater na cabine e falar que tinha que usar o banheiro das meninas. Daí depois disso eu nunca mais usei o banheiro da escola, às vezes morria de vontade de fazer xixi, mas não ia, ia em casa”.* Israel disse que esse episódio ocorreu quando ele tinha 14 anos. Perguntei se o jovem considerava esse episódio do banheiro como uma violência. Ele logo me respondeu: *“Não, violência física nunca tive, graças a Deus! Já teve um menino uma vez que tentou me bater na escola, mas não conseguiu porque todo mundo foi pra cima dele, não tinha motivo pra ele querer me bater aí ninguém deixou porque todo mundo me conhecia e falou que ele não ia fazer isso, aí acho que como foram pra cima dele, ele acabou desistindo e não fez nada!”.* Perguntado, esse episódio ocorreu quando ele tinha 15 anos.

### ***O primeiro beijo***

Perguntado se seu primeiro beijo foi com um menino ou com uma menina, Israel disse: *“Foi com uma menina, acho que eu tinha uns 13 anos, foi nessa época, ela morava na rua de baixo. Todo mundo ficava na mesma rua brincando, e eu já conhecia ela também. Teve um dia numa dessas brincadeiras de beijar aí falaram que eu tinha que beijar ela, só que eu sabia que não queria. Mas aí a gente foi pra um outro canto da rua e aconteceu, mas foi uma situação que eu não senti nada, foi estranho, eu nem tava sabendo o que tava acontecendo, mas sabia que não queria aquilo. Foi horrível!”.*

### ***Pressão para o primeiro beijo***

Indagado se sofreu alguma pressão para beijar a menina: *“Nossa, com certeza! Principalmente dos amigos, né? E eu não sei por que essa menina tinha cismado que gostava de mim. Aí todo mundo falava que eu tinha que beijar ela, mas ninguém entendia que eu não queria ficar com ela. Eu sempre tentava me esquivar da situação. Mas vi que se não beijasse*

*ela, eu ia ser mais zoadado ainda. Mas tinha muita pressão, que eu não queria ter feito, mas depois nunca mais eu fiquei com menina, ela foi minha primeira e com certeza minha última. Foi tudo ruim, eu me senti muito estranho. O beijo não foi bom e eu não sabia o que tava acontecendo, e eu ainda tava aprendendo como era beijar (risadas)!”.*

### ***Aprendendo a beijar***

Indagado como “aprendeu a beijar”, ele narrou: “*Então, acho lá pelos 11, 12 anos, eu vi que tava todo mundo beijando. Aí veio a pressão de que eu tinha que beijar uma menina, mas também eu sabia que tinha vontade de beijar meninos. Aí na internet eu via como que era, aí ficava treinando na minha mão e no espelho, imitando os tutoriais da internet (...) Olha, acho que eu vi no Youtube mesmo, como beijar de língua (risadas) Não lembro de um site específico, mas foi no Youtube mesmo! (...) Acho que digitei ‘como beijar de língua na boca’, coisa assim, aí vi vários casais héteros beijando, eu era tão burro que não sabia se tinha diferença entre beijar homem ou menina, mas aprendi na internet mesmo”.*

### ***Primeiro beijo com homem***

Sobre seu primeiro beijo com homem, Israel contou: “*Foi com 16 anos! Foi um menino lá da escola. Que assim, com 16 anos você já mais grandinho e tem noção das coisas, né? Então foi um menino na escola porque tinha três meninos na sala que eram gays, eu e mais dois, a gente era bem amigo. Daí tinha esse outro menino, que era quietinho e ninguém sabia nada dele, ele foi se aproximando da gente, aí a gente logo pensou que ele podia ser, mas nunca perguntamos nada pra ele. Daí a gente se aproximou, ele morava meio que perto de mim. Aí teve uma vez na minha rua que ele falou que tava gostando de mim! Fiquei mega surpreso! (...) Eu não desconfiava! Aí acabou que ele se declarou pra mim e aí nesse dia minha mãe não tava em casa, nem meu irmão (risadas) Aí a gente ficou no meu quarto mesmo, nos beijamos horrores!”.*

### ***Um pouco mais do primeiro beijo***

Solicitado a falar um pouco mais de como seu amigo “chegou” nele, Israel explicou: “*Então, ele meio que tava falando que tava querendo conversar muito comigo, mas só que na escola ele não tava querendo me contar porquê falou que queria um lugar mais reservado*

*pra me falar o que tinha pra falar. Aí acabou que eu disse pra ele ir lá em casa pra gente brincar e conversar. Aí ele foi lá em casa, no meu quarto. Aí ele perguntou se a gente podia se beijar e tudo mais. Eu falei que eu tava bem nervoso porquê ia ser meu primeiro beijo com homem, ele falou que o dele também. Mas apesar do nervosismo, a gente se beijou e foi super bom! Foi ali também que eu percebi que o beijo com aquela outra menina tinha sido estranho porque eu vi que com ele tinha sido diferente, eu senti realmente que eu tava gostando do beijo, que eu tava curtindo, que eu tinha ficado excitado e foi isso! Aí eu tive certeza que era gay apesar de que passei muito tempo negando tudo isso”. Sobre a “negação” de gostar de homens, Israel disse: “Eu tava muito frequente na igreja, tinha toda essa questão e eu ficava: ‘Ah, talvez eu não goste realmente de menino, eu só tô pensando isso porque tô distante de Deus’. E eu pensava muito na minha mãe também, na minha família, todo mundo muito religioso! Aí acho que eu tinha uma esperança de não ser gay, mas acho que no meu primeiro beijo eu tive mais certeza ainda de que eu era”.*

#### ***O que o jovem ouvia na igreja sobre ser gay***

*Indagado o que o jovem ouvia na igreja sobre “ser gay”: “Na igreja as pessoas falavam muito, mas não só questão de sexualidade. Eu participava dos grupos da perseverança, eles diziam que era pecado se relacionar com pessoas do mesmo sexo, que é pecado se masturbar que é pecado se separar. Mas eu acho que eu era uma pessoa que questionava muito o que eles falavam, eu não conseguia concordar com essas coisas. Aí eu comecei a me afastar da igreja percebendo também que eu era gay e depois porque eu percebia que eu não podia questionar o que eles estavam me falando. Aí vi que ninguém se interessava na verdade em me ouvir ou me escolher, só queriam que você seguisse o que eles tavam falando. Aí eu vi que eu incomodava com as minhas perguntas e eu me incomodava com o silêncio deles. Aí saí da igreja e saí feliz de lá (risadas)”.*

#### ***O primeiro beijo com homem / distanciamento da igreja***

*Perguntado se o distanciamento da igreja foi na mesma época de seu primeiro beijo com homem, ele disse: “Sim, foi bem mesmo na mesma época. Na verdade, foi bem na época também que eu já tava comungando na igreja católica e foi aí que eu fiz isso, de ter beijado. Mas aí depois eu não contei pro padre na hora da confissão porque pensei. Falei algumas*

*coisas pra só pra passar tempo, aí me senti meio mentiroso da confissão. Sendo que confessar você tem que falar o que sente, né? Depois quando eu terminei a crisma eu já sai da igreja. Eu saí assim que acabou, depois não voltei nunca mais. Aí é isso. Essa questão de não poder questionar muitas coisas e ter beijado alguém foi bem decisivo pra sair. Aí resolvi sair mesmo e procurar outro lugar que me aceitasse e fui viver minha sexualidade”.*

### ***Primeira relação sexual***

Indagado sobre sua primeira relação sexual: *“Foi com 18. Foi com homem. Nunca transei com mulher (...) Assim, na época todo mundo da escola falava de como era sexo e tudo mais! Eu baixei o baixei o Tinder, aí fiquei conhecendo ele por Whatsapp. Um dia ele falou que a casa de um amigo dele ia estar livre, perguntou se eu não queria ir. Eu sabia que ia ser só sexo e não ia ser mais nada daquilo de romance, que eu não queria ter uma ligação com ele, mas eu queria mesmo assim”.* Israel disse que que ele tinha 18 anos e o rapaz, tinha 22, sendo “um pouquinho mais velho”. Este rapaz morava “em um bairro antes do dele” e o amigo que ofereceu a casa, morava no bairro em questão.

### ***O “fardo” de nunca ter tido uma relação sexual***

Perguntei como era para o jovem ter 18 anos e nunca ter tido uma relação sexual. Logo, ele disse: *“Nossa, era um fardo! Eu me achava super atrasado e tinha vergonha de falar que era virgem. Minhas amigas contavam que tinham feito e eu me sentindo bem besta, de não saber o que era aquilo. Aí toda segunda-feira era meio assim, eu tinha que ouvir o que elas iam falar dos namorados delas, o que rolou e como elas tinham transado. E eu lá, virgem! Foi aí que decidi que minha hora tinha que acontecer mesmo!”.*

### ***O rapaz do Tinder***

Continuando a história, Israel narrou: *“Aí eu fui conhecer esse menino e nós ficamos. O beijo foi super bom, rolou química e aí nós transamos! Mas aí foi só um dia. Depois de uns dias eu percebi que tinha sido bom, que eu queria outra vez. Fui tentar de novo conversar com ele e ele não me deu muita bola não. Aí a gente nunca mais se falou (...) Se dependesse de mim, a gente teria ficado outra vez sim. Mas percebi que não ia rolar e também não quis forçar nada. Foi logo ali que eu deletei o aplicativo e nunca mais baixei”.*



### ***O uso da camisinha na primeira relação sexual***

Indagado, Israel disse que a camisinha foi usada na primeira e única relação sexual dos dois. Sobre a negociação, ele contou: *“Ah, a gente falou no Whatsapp, eu acho que eu perguntei: ‘Você vai levar camisinha e gel?’; Ele disse que sim!”*. Também perguntado, Israel confirmou que este rapaz sabia que o jovem nunca havia transado. Israel disse que este rapaz *“foi bastante paciente e carinhoso”*, e que sua primeira vez, *“foi boa”*.

### ***A negociação em ser ativo e/ou passivo***

Israel disse: *“Foi tudo negociado, o dia, a hora, a camisinha, ser ativo ou passivo (risadas) Aconteceu no meio das conversas, ele perguntou e também era aniversário dele na semana que a gente transou. Ele me perguntou o que eu queria fazer, aí eu perguntei o que ele queria. Ele falou que naquele dia que queria ser ativo e eu disse tudo bem, aí foi isso. Na hora ele foi devagar, perguntando como é que tava, se tava tranquilo, se tava dando certo. Enfim, ele foi conversando comigo na hora”*. Indaguei se Israel tinha algum *“desejo maior”* entre ser ativo ou passivo na primeira relação sexual: *“Acho que queria ser passivo mesmo. Quando ele disse que queria ser ativo e fiquei feliz! (risadas)”*.

### ***Uso de drogas na primeira relação sexual***

Indagado se os dois usaram algum tipo de droga, Israel negou. Assim, questionei: *“Vocês beberam alguma coisa?”*. Ele respondeu: *“Ah, sim! Bebemos vinho!”*. Perguntado se foi uma taça, ou uma garrafa, ele disse: *“Duas. Uma de vinho branco e uma de vinho tinto. Naquela época eu não conseguia beber tanto, mas eu tava nervoso, a bebida me ajuda a ficar mais calmo! Aí eu fui ficando com menos vergonha, eu tinha muita vergonha com meu corpo, mas depois eu fiquei meio bêbado, mais solto, aí fui desencanando”*.

### ***O corpo do jovem e sua “vergonha”***

Perguntado a falar mais sobre qual questão o jovem tinha com seu corpo, ele contou: *“Eu me achava muito magro, eu via que eu era muito magro, que eu não tinha muita coisa atrativa no corpo como os meninos que tinham um abdômen mais definido, ou mais corpo mesmo, mais peito, mais braço, mais coxa, essas coisas. Aí eu via toda essa questão, mas aí depois eu fui perdendo tudo isso com a bebida e desencanei mesmo”*. Indagado como eram

os outros meninos do colégio, ele disse: *“Ah, os meninos eram bem mais gostosos que eu. Eles eram mais altos também, eu sou baixinho, aí nunca era notado. Mas pra um menino de 18 anos, eu era bem magrinho mesmo. E assim, na Educação Física eles já tiravam a camisa, e eu não tirava por vergonha. Eu realmente era muito magro pra um menino de 17, 18 anos”*.

### ***A valorização do corpo malhado***

Perguntado quando o jovem percebeu que o corpo “mais malhado” era mais valorizado, ele disse: *“Acho que eu realmente percebi no Grindr. Tipo, na escola eu só ficava com vergonha porquê não tinha aquele corpo e eu achava os outros meninos mais fortes e mais masculinos que eu, mas acho que não tinha noção se as meninas olhavam pra isso. No aplicativo eu vi que era muita gente com a barriga de fora que ficou mais claro pra mim, pois ninguém me dava bola. Quando eu mandava a minha foto da barriga e do corpo, paravam de me responder ou me bloqueavam. Perguntado, Israel disse que baixou o Grindr aos 19 anos e ficou “apenas” uma semana com o aplicativo.*

### ***Não se sentir bem no aplicativo***

Israel continuou: *“Acho que é isso, não me sentia nada bem ali (...) Eu achava que eu tinha que depender da próxima pessoa pra ela gostar de mim ou falar comigo e tudo isso por uma foto e eu achava tudo ali um lugar que era bem vazio. Uma pessoa pode até mostrar uma coisa na foto, mas não ser tudo aquilo na vida. Ou ainda, ela é mais do que é naquela foto. Você é julgado pela sua capa, pelo seu exterior. Aí deletei mesmo e nunca mais baixei!”*.

### ***Sofrer preconceitos nos aplicativos***

Perguntado, Israel confirmou que “só” teve dois aplicativos: *Tinder* e *Grindr*. Solicitado a falar se já sofreu algum tipo de preconceito nesses aplicativos, ele disse: *“Ah, já! Nos dois. As pessoas gays buscam muito um padrão e eu não sigo ele. Muita gente não gosta de menino mais feminino. Acho que essa foi minha maior questão. Ser mais afeminado. E ser magro também. Pra mim, muita gente não me respondia por causa disso. No Whatsapp também, quando trocava número. Alguns pediam pra mandar áudio e eu mandava. Aí eles ouviam que minha voz não era grossa e não falavam mais nada ou me bloqueavam. Aí já sabia que não queriam mais”*.

### ***Os sentimentos do jovem frente aos bloqueios***

Perguntado como o jovem se sentia com os bloqueios, ele respondeu: “*Olha, ficava mal, triste e tal. Acho que é o momento que você percebe que você teve muita coragem pra se assumir quem você é pra família, mas mesmo assim, ainda sempre vai ter uma luta pela frente, de ser aceito pelo outro, de alguém gostar de você do jeito que você é. Aí você fica desanimado, né? Pensa que o pior já passou que foi assumir pra família e assumir pra você mesmo quem você é, mas ainda tem todos esses padrões da sociedade que sempre tentam te encaixar em alguma coisa. E você percebe que você tá bem longe do padrão, que o padrão não é você. Aí você tem que aceitar que as coisas são assim mesmo*”. Pontuei que o jovem disse algumas vezes o termo “gay padrão”. Pedi pra ele definir: “*Ser uma pessoa malhada ou alta, sempre mostrando ser mais viril que uma outra pessoa, que eu acho que não tem nada a ver com o gay pobre. Tem que ter um corpo assim e assado e tem que ser viril também, esse é o gay mais desejado: forte, viril e de preferência branco!*”.

### ***Ser negro***

Indaguei ao jovem como ele via a questão da “raça”, “ser branco ou não”, nos aplicativos e em sua vivência: “*Ah, essa pergunta me faz lembrar muito uma questão porque teve uma vez que eu namorei um menino ano passado que toda hora falava que ia me trocar por um garoto mais branco, por que ele namorava um menino antes de mim que era super branco e tinha olho claro. Aí ele jogava na minha cara que eu não era assim. Ele sempre ficava falando muito desse menino e acabou me gerando uma questão pra mim, ele ficava dizendo que ele era mais branco e a cor dele era mais bonita do que a minha (...) Aí ele sempre vivia falando muito desse outro menino e dava pra ver que era bem diferente da pessoa que ele namorou porque o menino ele era loiro, ele era forte e eu... Bom, eu não sei o porquê dele ter me namorado pra ser sincero!*”. Israel confirmou disse que este foi seu primeiro namoro e que aconteceu em 2018, ou seja, quando o jovem tinha 22 anos.

### ***(Des)valorização do corpo negro***

Sobre a frase anterior: “*Não sei qual o motivo dele ter me namorado*”, Israel explicou: “*Acho que ele ficou comigo por fetiche de ser mais moreno, de talvez querer ficar com uma pessoa negra achando que ela vai ter tal corpo e vai se comportar de tal jeito na cama, só por ser negra. Acho que ele achava que eu ia ser pauzudo, ativo. Teve uma vez que ele disse: ‘A gente não vai namorar porquê eu nunca apresentaria um negro pra minha família’*”. Perguntado se eles namoraram, Israel disse: “*Ele não me pediu em namoro, mas considerava ele meu namorado sim, eu ia na casa dele e ele na minha (...) Eu apresentei ele pra minha mãe (...) Não, ele nunca me apresentou pra família dele*”. Ficamos um pouco em silêncio e Israel logo disse: “*Mas foi uma relação bem abusiva porque eu acho que eu nunca tinha ficado com meninos brancos iguais a ele, ele foi o primeiro (...) Sim, ele era da minha idade, acho que um ano mais velho que eu*”.

### ***Um pouco mais do namoro***

Indagado por quanto tempo os dois namoraram, ele respondeu: “*Então, foi toda essa questão. A gente só ficava, ficava, ficava, nunca teve um pedido real de namoro, sabe? Mas o tempo que nós ficamos juntos foi oito meses, mas dessa questão foi abusivo porque ele tinha muita, ele teve essas questões com o ex namorado dele, mas só que ele transferia toda essa relação comigo! Toda essa questão de briga, ciúmes e comportamentos que o namorado dele tinha ele também achava que eu ia ter os mesmos comportamentos, que ia trair ele. Eu fiquei robotizado, no sentido de pensar que não ia falar tal coisa porque senão vai causar uma briga, pisava em ovos pra ver o que eu podia ou não falar com ele. Comecei a perceber que com ele eu era muito diferente do que eu era com as minhas amigas. Ele não confiava em mim, ficava lendo as minhas mensagens, essas coisas. Aí também acho que pra se sentir melhor, ele ficava me diminuindo dizendo que o ex dele era mais branco que eu*”.

### ***O relacionamento abusivo***

Israel continuou: “*Demorei pra perceber que era só uma questão sexual mesmo. Quando a gente transava era só uma posição e era sempre eu de costas pra ele, ou eu de quatro. Teve uma vez que eu perguntei se ele queria ser passivo comigo, ele disse que ia me dar um tapa na minha cara se eu tentasse chegar perto da bunda dele. Aí era sempre essa*

*mesma relação, uma relação que ele não me via realmente como namorado dele, como uma pessoa que ele pudesse desejar tanto que ele nem me olhava, nem na cama nem fora dela. Com o ex namorado dele, uma vez eu tentei perguntar como era a relação deles na cama, ele tinha falado como era e era totalmente diferente do que a gente tinha, eu percebi isso na hora que perguntei, né. Mas ele não percebeu. Ou sei lá, percebeu, mas não se importava (...) O namoro sempre foi assim, durante os oito meses, acho que talvez eu demorei pra perceber porque a gente demorou pra transar, ele ficava me enrolando, só me beijava, etc, acho que a gente foi transar lá pelo quarto mês. Ele também não falava nada, eu tentava perguntar se ele gostava ou não de mim e ele não falava nada. Ele não gostava de entrar em detalhes se ele gostava de mim ou se sentia tesão por mim. A relação sempre foi muito fria e a gente não conversava depois do sexo, era raramente. Até pras outras pessoas, se eu tivesse andando com ele na rua ele não falava, ele ia distante falar com a pessoa, cumprimentava e eu ficava esperando ele ali no canto, ele não me apresentava como uma pessoa que era namorado dele ou qualquer coisa, até porque ele nunca fez questão de pedir, não tinha acordo. Tanto que quando a gente terminou... Essa questão da gente terminar durou um dia inteiro, eu tava percebendo isso porque eu tava ficando muito mal indo pro estágio, eu tava num estado de ficar nervoso, da minha perna começar a tremer do nada eu andando na rua ou indo pra faculdade a noite, não me concentrava, a gente tinha discussão e ele falava que queria terminar eu ficava nervoso na sala de aula, eu não conseguia mais prestar atenção, ele fazia contrato, tipo, pra assinar, tô fazendo esse contrato pra você assinar e dizer que nunca mais vai me magoar, que eu tava proibido de terminar com ele. E eu assinei ainda. Eu ficava muito nessa questão de não sair, não ver meus amigos, eu só ficava com ele, a gente só ficava junto e ele que decidia tudo se a gente ia se ver no final de semana, o que ia fazer, se não ia. E ele que decidia se ele ia sair com os amigos dele ou não e ele não deixava eu sair com os meus, eu tinha que ficar em casa esperando ele chegar. E quando terminei com ele, morrendo de medo, ele ficou falando pros meus amigos e pros amigos dele, que eu tinha aids, que eu que traía ele e que eu era muito ciumento, falando mal de mim mesmo. Enfim, eu sei que foi um relacionamento abusivo. Espero não repetir o erro. A gente pode mudar de assunto? (risadas)”.*

### ***Diferenças entre ser passivo e ativo***

Indaguei se existiam diferenças entre ser passivo e ativo na sociedade: “Ah, sim, bastante. Todo mundo vê o passivo como o mais feminino da relação ou o ativo tem que ser o mais forte ou a pessoa que não demonstra tanto afeto. Quando as pessoas encontram duas pessoas que não tem como distinguir elas ficam se perguntando quem é quem, tipo, quem é o homem da relação. Acho que tem uma questão de ficar por cima também (...) Ficar por cima de se sentir superior, esse meu ex era bem claro essa questão. Ele mesmo se achava mais homem que eu por ser o ativo da relação”. Indaguei se os gays reproduziam esse padrão. Pensativo, respondeu: “Acho que sim. A gente espera que o ativo seja mais homem que a gente”. Perguntado, o jovem disse que é “100% passivo” nas suas relações sexuais: “Mas assim, estou namorando agora, não sei se falei, e eu com meu namorado atual nós somos muito parecidos, ele também é magro, é um pouco mais baixo que eu e até o mesmo estilo de roupas às vezes, não sempre, mas aí tem essa questão, a cabeça das pessoas fica um pouco confusa, por pensar que a relação é feita por um homem e uma mulher”.

### ***Masturbação***

Sobre a prática da masturbação, Israel narrou: “Ah, deixa eu ver, devia ter uns 15 anos, mas eu não gostava de ver vídeo pornô (...) Eu achava que era muito forçado (...) O cara metendo com força, a mulher gemendo super alto, com aqueles saltos altos, achava meio sem graça e violento. Colocam o passivo ou a mulher numa situação que parece um abusado. Prefiro ler conto erótico na internet (...) Acho mais romântico ler que um cara tirou a cueca do passivo bem suavemente e depois beijou ele. No filme pornô não mostra nada disso. Aí quando me masturbo, vejo um conto erótico mesmo”. Israel disse que sempre via os filmes pornôs e os contos eróticos através do celular: “O computador lá de casa todo mundo usava e ficava na sala. Meu irmão ficava toda hora nele. Querendo ou não o celular sempre foi meu e só meu, né? Aí tinha mais liberdade pra ver o que queria e sem medo de ser pego”. Israel disse que ganhou seu primeiro celular com 15 anos: “Acho que só fui me masturbar graças ao celular, se não, não sei como seria”.

### ***Ser fetichizado nos aplicativos***

Indaguei ao jovem se ele já se sentiu fetichizado por algum motivo em algum aplicativo. Ele explicou: *“Acho me veem muito como afeminado, mas acho que fui fetichizado mais por hétero, na verdade, que já tinha pedido pra ficar comigo em aplicativo por ser mais afeminado naquela época, por ter mais trejeito, ser mais soltinho e teve pessoas perguntando se queria transar e tudo mais porque não tinha menina, mas com um menino afeminado, poderia rolar já que não tinha mulher disponível”*.

Perguntei se por ser morador de Campo Grande, ele também foi fetichizado: *“Acho que fetiche não. Mas as pessoas se assustam, principalmente quando tava na Zona Sul. Ah, de falar que é ‘muito longe’, ou sempre perguntam o que que eu tô fazendo na Zona Sul, tipo isso. Assim, nunca me chamaram de pobre. Mas pra mim é isso, eu era um estranho ali na Zona Sul, não sei se achavam que eu era bandido, mas dava pra perceber que não agiam com naturalidade, alguns até me bloqueavam quando eu falava de onde eu era. Mas hoje eu não tenho nenhum aplicativo, desde que comecei a namorar. Aí a solidão acabou (risadas)”*. O jovem disse que o namoro atual “tem três meses”. Disse que conheceu seu namorado na faculdade. Contou ainda que “ficaram por um mês” e Israel foi pedido em namoro, totalizando quatro meses de relação.

### ***Solidão dos aplicativos***

Pedi ao jovem me falar mais sobre a frase: “a solidão acabou”: *“Acho que na questão emocional eu era muito sozinho. Acho que essa procura só por sexo é muito vazia. Acho que eu não usava e não queria usar aplicativo por isso, a pessoa só ia ali transar com você e depois você ia ficar sozinho da mesma forma e ter essa falta de afeto. Você acaba se vendo numa situação que você acaba vivendo num sexo casual só pra passar o tempo, como se não tivesse nada melhor pra fazer, daí não queria me sujeitar a isso. Os aplicativos deixam as pessoas mais solitárias ainda, eu acho, toda hora querendo mais e mais, ou querendo um mais bonito ou mais viril, parece que nunca é o suficiente. A oferta de sexo é muito grande, só importa o momento do tesão. Por que uma pessoa vai se prender a outra se ela pode ficar com tantas outras que estão ali dentro do aplicativo? Tem tantas outras pessoas pra fazer sexo, não tem porque se prender a uma única pessoa, então acho que tem muita oferta e as pessoas não sabem lidar com tanta liberdade, mas depois reclamam da solidão, entendeu?”*.

### ***A liberdade da internet***

Sobre a “liberdade” da internet: *“Liberdade porque acho que nos aplicativos e na internet as pessoas também colocam o pior que tem nelas pra fora. Os preconceitos, os xingamentos, porquê tem o anonimato, né. Aí ela se sente protegida pelo anonimato. E no mundo gay têm pessoas também que realmente não são assumidas e estão ali no aplicativo gay pra ficar com outras pessoas, daí a liberdade por um lado de serem uma coisa que elas não são no mundo real, fala que é uma coisa na sociedade mas na internet ela se comporta de uma maneira totalmente diferente. Acho que é isso, tem uma liberdade, que pode ser pro bem ou pro mal, da pessoa ver que ela não tá sendo vigiada por outras pessoas e é isso, tipo, no Grindr, as pessoas nem colocam a foto da cara. O anonimato dá mais segurança pra pessoa fazer o que ela quiser, seja uma coisa boa ou uma coisa ruim”.*

Sobre as “coisas boas ou ruins”, o jovem explicou: *“Acho que no sentido de, tipo, eu acho que muita coisa a internet me ajudou em coisa boa, de ler conto erótico, de procurar pornô, de me informar sobre camisinha ou qualquer dúvida que eu tinha sobre sexo, mas acho também que ela coloca o lado ruim das pessoas, delas te xingarem sabendo que nada vai acontecer, de te chamarem de ‘viadinho’, ou que você é magro demais, ou te bloqueiam super sem dó. Na internet te bloqueiam, sem se preocupar como você vai ficar depois”.*

### ***Informações sobre camisinha e relações sexuais***

Pontuei que em sua família, não se falava sobre sexualidade ou camisinha. Indaguei como o jovem aprendeu sobre esses temas: *“Olha, posso dizer que aprendi um pouco na escola, tinha palestra sobre uso da camisinha. Eles não separaram por orientação sexual, só falaram que tinha que usar camisinha na hora do sexo pra evitar doença e gravidez. Eu acho também que aprendi muito em questões situacionais. Eu tive amigos que já usaram a PReP e aí fui pesquisar na internet (...)Meu amigo uma vez ele tinha transado sem camisinha, tava com medo, ele tinha me perguntado o que ele poderia fazer e eu expliquei tudo e aí foi que eu conheci também a PReP, aí eu fui no hospital com ele. Mas é isso, acho que aprendi mais na internet e na vida com os amigos e um pouco na escola e na faculdade”.*



### ***Ir no hospital para o amigo tomar PReP***

Solicitado a falar mais sobre a experiência de ir ao hospital para seu amigo tomar PReP, Israel contou: *“Então, foi uma situação que eu achei uma das mais difíceis da minha vida. Ele tinha ido, mas só que obviamente ele não foi tratado muito bem pelas enfermeiras, elas foram bem preconceituosas. Ele já tava muito fragilizado com toda a situação, o tratamento que ele teve foi tipo um tratamento assim, a enfermeira querendo dar lição de moral, dizendo que ele não devia transar sem camisinha, não foi algo mais explicando os perigos, acabou deixando ele mais com medo ainda. Ela também não queria deixar eu entrar na sala, ele implorou pra eu entrar. Nós dois fomos tratados com muita agressividade. Também lembrando disso, eu lembrei de uma vez que eu fui fazer teste rápido no postinho e pra mim a moça já tava com preconceito pra cima de mim. Teve uma hora que ela me perguntou: ‘Você só se relaciona com homens? Eu falei que ‘sim’. Ai ela disse: ‘É óbvio, né’. Ela foi bem debochada. Ai enfim, meu amigo tomou o PReP mas ele disse que nunca mais ia passar por isso. Que se fizesse sexo sem camisinha, preferia pegar doença que passar pela humilhação do atendimento. Complicado, né?”.*

### ***Exame de HIV do entrevistado***

Perguntado se fez exame de HIV, Israel disse que fez “duas vezes”. A primeira foi antes do namorado atual, para ver “se os dois estavam ok”. Israel disse que o namoro passou “por uma fase aberta”, quando eles “decidiram fechar de novo” e fizeram o teste “mais uma vez”: *“Ele tinha me falado que queria abrir a relação porquê tava sentindo falta da vida de solteiro, ele falou também que tinha acabado de sair de um namoro e não sabia se tava tão certo que queria namorar. Ai eu falei: ‘Ah, querer eu não quero, mas depois eu vi que poderia ser legal pra mim ter essa experiência, aí foi essa a conversa”.*

### ***Regras do relacionamento “aberto”***

Perguntado se o namoro não monogâmico tinha regras, Israel afirmou que sim, e me explicou quais eram as regras: *“Tinha que ser sempre com camisinha e não ter contato com a pessoa, tipo, seria só sexo, sabe? Sem sentimento. Mas aí eu não aguentei, na verdade eu não transei com ninguém, só ele, eu não queria baixar aplicativo nem nada. Ai eu falei que não tava legal pra mim, logo em seguida a gente fechou e ele não ficou mais com ninguém”.*

### ***Se assumir gay***

Também recapitulei com o jovem como ele se assumiu gay para família, amigos, etc. Israel disse: *“Pra minha mãe eu falei mesmo da minha boca só com 18 anos. Ela chorou muito! Ela ficou chorando por dias, me perguntou se ela tinha errado em alguma coisa, eu fiquei conversando com ela que ‘não’, que não era escolha minha (...) Ela ficou muito surpresa, ela disse que não esperava por mais que ela já tivesse sido chamada no colégio. Aí a gente ficou conversando e teve um momento que eu fui pro meu quarto e ela ficou lá no quarto dela e aí foi isso, depois meu padrasto viu, veio conversar comigo, ele perguntou, ele perguntou o que tinha acontecido e eu expliquei pra ele, ele disse que já sabia e que tudo ia ficar bem. Ele falou que era só pra dar um tempo pra minha mãe e aí no mesmo dia antes dela dormir ela passou no meu quarto e disse que tava tudo bem, que ela não ia deixar de ser minha mãe e que me amava”*. Para o irmão, Israel disse: *“Pra ele não precisei contar, acho que ele sacou com o tempo. A gente não era muito próximo também. Logo ele mudou lá pra minha avó, aí é isso, nunca falamos sobre isso”*.

### ***Outros lugares de sociabilidade gay do jovem***

Perguntado se o jovem frequentava outros espaços gays ou lugares de “pegação”, ele me respondeu: *“Não, eu nunca fui. Eu não sabia que existia isso. Na faculdade que eu fiquei sabendo que tem lugar pra se pegar, mas não gosto dessas coisas, né. Aí sei que existe, mas nunca fui (...) Festa gay fui em poucas por causa de grana e por preguiça de ter que pegar ônibus de manhã! Balada eu ia em Campo Grande mesmo, era tipo em sítios, não pediam identidade. Mas essas festas não eram gays em específico, mas ia de tudo. Acho que quase nunca fui em festa gay, ia mais em festinha no Arco do Teles, às vezes beijava meninos, mas não era gay a festa (...) Bebida eu levava vinho na minha bolsa e bebia no ônibus, aí ficava bêbado (risadas). Israel disse que nunca experimentou “outras drogas”, “só bebida”*.

### ***Ficar com pessoas trans***

Indaguei ao jovem se ele já ficou com alguma pessoa trans: “*Humm, deixa eu ver, não!*”. Indagado se ficaria, ele respondeu: “*Acho que talvez ficaria com homem trans. Não pela questão sexual, mas pelo que ele aparenta ser, não por me interessar mais pela genitália da pessoa porquê nunca transaria com alguém com buceta, mas ele aparenta ser homem, acho que eu ia sentir mais tesão nisso. Sei lá, tô pensando, eu numa festa bêbado, acho que ia preferir beijar o homem trans, eu acho (risadas). Acho que se for só pra beijar, seria mais importante o que a pessoa aparenta ser pra sociedade. Mas não transaria!*”.

### ***Finalizando a entrevista***

Perguntei se o jovem tinha algo a mais para falar, ele disse que “não”. Agradei a Israel pela disponibilidade e encerramos a entrevista.

## Israel

Tabela 12: Síntese da história do jovem Israel

<i>Israel</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>23 anos</p> <p>“Pardo”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu e sempre morou na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Morava em Campo Grande, RJ</p> <p>Namorava há três meses. Seu segundo namorado</p>	<p>Ensino médio completo em uma escola pública da Zona Oeste do RJ. Estudante do último ano de Psicologia em uma faculdade particular</p> <p>Estagiário em uma ONG na Zona Sul do RJ</p>	<p>Morava a mãe, de 45 anos, segurança de uma loja de roupas e o padrasto de 48 anos, segurança de um banco. Ambos católicos. Não conhecia seu pai. Tinha um irmão de 25 anos que morava com a avó, de 62</p> <p>Se assumiu gay para a mãe e padrasto aos 18 anos</p>	<p>Primeiro beijo aos 13 anos, com uma colega do bairro. Ambos tinham a mesma idade. Se beijaram na rua. Primeiro beijo com homem aos 16, da mesma idade. Colega da escola. Se beijaram no quarto do entrevistado. 1ª relação sexual com homem, aos 18 anos. Rapaz de 22 anos, conheceu pelo Tinder. Transaram na casa do parceiro. “Sexo casual”, jovem foi “passivo”, com uso da camisinha e “duas garrafas de vinho”. Primeiro namorado aos 18 anos. Relacionamento considerado abusivo. Namoro durou 8 meses</p> <p>Começou a se masturbar aos 15 anos, lendo contos eróticos na <i>internet</i>. Nunca gostou de filmes pornô</p> <p>Nunca transou com mulher e se considerava “só passivo”</p> <p>Fez exame de HIV duas vezes, com o namorado atual</p>	<p>Se considerava “muito magro”, “bem moreno”, “afeminado”, “com voz fina”, “só passivo”</p>	<p>Tinha computador em casa, este dividido com a mãe, que pagava o wi-fi. Tinha celular próprio desde os 15 anos, quando lia contos eróticos para se masturbar. Download do Grindr aos 19 anos, app que ficou “apenas uma semana”. Entre os namoros, preferia o app Tinder: “No Grindr não tem aquela questão de ligação com a pessoa, era só aquilo de fuder. Não era um lugar que eu queria ficar. E meu corpo não é o corpo desejado”</p>	<p>Recebia “bloqueadas” quando mandava foto do corpo: “Eu não seguido o padrão. Muita gente me bloqueava porque sou mais feminino e muito magro também. Quando mandava áudio da minha voz, me bloqueavam também. Minha voz não é grossa”</p>

## **Maurício**

---

*“Não sou masculino nem viril, sou meio gordinho, afeminado, evangélico e quero conversar e conhecer a pessoa antes de transar. Eu sou um alienígena no mundo gay”*

---

Jovem também indicado pelo professor da universidade particular mencionada. Realizamos a entrevista em uma cafeteria no Centro, perto do metrô da Cinelândia, bairro em que o jovem estagiava.

### ***Caracterização sociodemográfica***

Maurício tinha 22 anos, nasceu em Duque de Caxias, “baixada fluminense” do estado do Rio de Janeiro: *“Morei praticamente minha vida toda lá na mesma casa”*. O jovem contou que seus pais se separaram quando ele tinha dois anos. Após a separação, sua mãe teve dois filhos de outro casamento. E seu pai, teve o total de seis filhos, alguns antes e alguns depois do casamento com sua mãe. Maurício explicou que “do mesmo pai e da mesma mãe”, não tinha nenhum irmão, mas no total tinha oito irmãos “espalhados por aí”. Sua mãe era faxineira e tinha 42 anos. E seu pai, de 47 anos, *“faz tudo: praticamente ele que bota os pisos laminados nos lugares, sabe?”*. Sua avó paterna morava em Caxias, de 65 anos. Maurício morava com a mãe e dois irmãos. Logo disse: *“Mas na verdade eu tô em transição! Tô pesquisando apartamento pra cá. É mais perto do trabalho e também quero morar junto do meu atual namorado”*. O jovem estava no último ano de administração na universidade em questão e estagiava em uma empresa de petróleo no centro, perto do metrô da Cinelândia.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, Maurício disse: *“Amorosa em qual sentido?”*. Respondi que ele poderia responder o que viesse em sua mente: *“Vou falar da primeira pessoa que eu fiquei na vida, e eu namorei! Mas eu não tive relação sexual com ela (...) Eu tinha 17 anos, conheci através de amigos, amigo de amigos. Mas foi uma relação bem conturbada (...) Assim, foi o primeiro cara que eu gostei, acho que ele foi meu primeiro*

amor. A gente conversava no Facebook, Whatsapp, falava como que tava o dia do outro. Foi tudo bem bonitinho. Mas ele queria muito me forçar a transar, eu falava que não tava pronto, mas ele falava que ele queria muito. Aí teve um dia, tipo, uns quatro meses depois que a gente já tinha ficado, ele tentou me estuprar. A gente tava se beijando na cama dele e ele me virou de costas e foi tirando minha cueca. No começo eu tentei falar numa boa que não queria, mas mesmo assim ele continuava. Aí eu comecei a gritar que não queria, gritando mesmo! Mas ele tava nem aí pros meus gritos. Foi a situação mais humilhante da minha vida. Aí o negócio foi bem violento mesmo. Aí eu separei dele, terminei. Mas foi bem traumatizante. Aí nunca mais nos falamos (...) Foi muito forte pra mim essa experiência e me mostrou que conto de fadas não existia. Aí quis dar um tempo pra ficar de boa comigo mesmo e pensar depois em ficar sério com alguém!”. Maurício disse que seu namorado na época tinha 18 anos, um ano mais velho que ele. Após o termino, eles não se falaram mais.

### ***A pressão para a primeira relação sexual***

Solicitado a falar um pouco mais sobre a pressão que seu namorado fazia para a primeira relação sexual, o jovem contou: “Ah, ele queria muito. Ele falava o tempo todo que queria. Ele dizia que a gente já tava namorando há uns seis meses e não transava. Ele dizia que pra gente se completar, a gente precisava transar. Aí eu falei que precisava de um tempo. Tinha toda a questão religiosa, eu era muito religioso! (...) Era evangélico. Então, eu tinha um bloqueio naquela época por conta da religião. Ele tinha muito fogo, e não entendia que eu ainda não tinha por conta da religião. Tipo, o namoro foi muito bom, ele não era violento comigo! Mas foi só dessa vez, ali mesmo eu pulei fora. Ele veio me pedir desculpas dizendo que me amava, que fez aquilo por impulso e porquê me amava demais. Mas fiquei com medo e bastante assustado. Acho que ali eu vi o que ele podia fazer e terminei de vez. Mas é isso, eu real gostei dele, ele foi o primeiro cara que gostei na minha vida!”.

### ***Primeiro beijo***

Perguntado se com este namorado aconteceu o primeiro beijo de sua vida, ele negou. Assim, me contou como foi seu primeiro beijo: “Foi com um amigo de um amigo. A gente tava brincando na rua, meus amigos sabiam que eu gostava de meninos. Aí tinha esse menino que também gostava. Aí sei lá, era um bando de crianças juntas. Não sei se achavam que a

*gente tinha que ficar juntos só porquê éramos os dois meninos do bairro que gostavam de meninos. Aí o grupinho começou a falar: 'Ah, beija logo!'. Aí a gente se beijou na frente de todo mundo. Eu achava ele bonitinho, mas o beijo foi ruim, tava morrendo de vergonha de beijar outro menino na frente de todo mundo (...) Teve muita pressão, preferia ter beijado ele sozinho em algum lugar. E ah, ele tinha aparelho, me machucou também (risadas)".* Maurício contou que tinha 17 anos nesse episódio, mesma idade do rapaz. E complementou: "Aí alguns meses depois eu conheci esse meu namorado".

### ***Primeiro beijo com uma menina***

Indagado se beijou alguma menina, ele contou que foi seu primeiro beijo na "vida", aos 14 anos: "*Foi com uma amiga da escola. Eu não sei bem o que eu sentia, não sabia se era amor de amigo, ou amor romântico mesmo. Mas a gente fazia um monte de coisas juntos. A gente brincava juntos, jogava videogame! E naquela época eu meio que já sabia que gostava de meninos. Então tinha um lado meu que queria bloquear aquilo da minha mente porquê eu era da igreja. Mas com ela não foi forçado. Aí nos beijamos uma vez na escola, mas ela me fez bem, apesar de ficar todo tempo com a religião na minha cabeça, ela me fez esquecer um pouco dessa questão de ser ou não ser gay!*". Maurício contou que sua amiga tinha "a mesma idade" que ele na época, ou seja, 14 anos.

### ***A religião***

Solicitado a falar um pouco mais sobre "a religião em sua vida": "*Na verdade, religião é algo muito complicado pra mim. A minha mãe era umbandista, quer dizer, era do candomblé. Aí ela saiu, ela disse que foi "liberta", entre aspas. Aí conheceu a igreja evangélica. Eu devia ter uns 13 anos, ela ficou bem ali firme dizendo pra eu ser evangélico também. Aí nisso tudo eu já tava descobrindo que gostava de meninos, e foi tudo bem difícil (...) Eu entrava em conflitos porque eu comecei a frequentar igreja evangélica e ficou aquele bolo todo. Tipo, de ouvir o pastor dizer "homossexualismo" e não "homossexualidade". Que Deus fez o homem pra mulher e a mulher pro homem. Eu achava que tinha alguma coisa errada em mim, eu lutava pra gostar de meninas, mas nunca conseguia. Eu achava que aquilo era pecado, hoje eu não vejo mais como pecado, mesmo que eu ainda sou de uma igreja evangélica. Aí acho que foi esse o motivo do meu primeiro namorado ter sido tão*

*difícil pra mim na parte sexual. Eu achava que era um pecado muito grande ficar com meninos. Aí não conseguia transar”. Maurício contou que fez sexo oral “algumas vezes” no seu namorado, mas que “não se sentia bem fazendo aquilo”. Disse que atualmente é da igreja evangélica “batista do caminho”, e sua mãe, da “assembleia de Deus”. Contou que sua igreja é “bastante diferente da igreja evangélica tradicional, ela acolhe os gays”.*

### ***Ter alguém para conversar***

Perguntado se o jovem conversava sobre suas dúvidas e sofrimentos com alguém: *“Na época eu falei pra uma amiga. Mas as conversas não eram mega profundas. Ela não era religiosa e não entendia que eu sofria muito. Ela falava pra eu sair da igreja, mas não percebia que não era tão fácil assim. Depois que eu terminei com meu ex, eu fiquei bastante travado. Queria tentar não querer ficar com meninos. Daí eu não falava isso pra ninguém, ninguém mesmo. Depois de um ano ficando com ninguém, acho que eu tinha 19 anos que eu fui ficar com outro menino e a gente começou a namorar também. Foi só aí que eu transei pela primeira vez e acho que tava melhor comigo mesmo pra fazer isso e hoje meu namorado é meu melhor amigo, como ele também é da igreja, conversamos sobre essas coisas”.*

### ***Como conheceu o namorado***

Perguntado em como conheceu o namorado, Maurício disse: *“Por um casal que era da minha outra igreja (...) Eu era da contemporânea! Eles saíram e foram pra batista do caminho. Eles disseram que a batista aceitava bem mais a gente, que eles se sentem super bem nela e que eu deveria tentar ir. Eu fui pra ver e gostei bastante. Era outro discurso (...) Ah, discurso de aceitação! Achei um lugar que me aceitasse. Aí logo que eu entrei, meu namorado me adicionou no Facebook. Daí ele curtiu minhas fotos, eu curti as dele (risadas) E batemos papo no Face. Daí um dia esse casal apresentou a gente presencialmente, mas a gente já se conhecia virtualmente (risadas) Aí depois de uma semana a gente tava ficando e depois de um mês namorando, aí é isso, tem dois anos essa história (risadas)”.*

Perguntei se durante as conversas, ele e seu namorado em algum momento trocaram nudes. Ele, espantado, disse: *“Nossa, não! Ele foi bem respeitoso do início ao fim. Acho que foi por isso que me apaixonei por ele. Ele nunca pediu isso. Ele é bem religioso e tal, ele tem*



*os mesmos valores que eu. Ele me conquistou mesmo pelo papo e pelos valores, de não ter pressa pra fazer as coisas e tal. E tamo juntos desde então por isso!”.*

### ***Ter os mesmos valores***

Sobre a frase: *“Ele tem os mesmos valores que eu”*, indaguei quais valores ele e seu namorado têm em comum. Maurício respondeu: *“Ah, de não beber, não gostar de festa nem drogas. De achar que sexo é alguma coisa íntima, que não deveria fazer com qualquer um. De acreditar em Deus. Querendo ou não são valores que não são fáceis de encontrar hoje em dia. Ele também quer construir uma vida juntos. Gay hoje só quer transar sem compromisso!”*. Indaguei se para o jovem, era indispensável seu namorado ter esses mesmos valores que ele: *“Ah, com certeza! Acho que qualquer namoro as pessoas têm que ter os mesmos valores. Conheço um casal que tem o relacionamento aberto. Tipo, nada contra! Mas eu não conseguiria ter isso pra mim. Então querendo ou não eles têm os mesmos valores e dão certo assim. Acho que se eu namorasse alguém que quisesse, essa pessoa não ia ser feliz comigo. Ela ia tá querendo uma coisa e eu outra! É importante sim namorar alguém que tenha os mesmos valores que você”*. Maurício confirmou que ele e seu namorado estavam juntos *“há quase dois anos e que o namoro sempre foi fechado”*. Logo em seguida, o jovem disse: *“Ele é o segundo cara que eu transei na minha vida. Só transei com dois!”*.

### ***A primeira relação sexual do entrevistado***

Maurício não considerava o “estupro como sexo”, pois “preferia esquecer que isso aconteceu”. Assim, considerava outra relação sexual como sua primeira: *“Eu tinha 19 anos (...) Ele tinha 23, era um pouquinho mais velho que eu. A gente se conheceu por amigos em comum e a gente conversava no Face e no Whats. Ele foi bem atencioso comigo e a gente ficou trocando conversas durante semanas. Aí marcamos de nos encontrar na casa dele, ele ia ficar sozinho naquele dia. Na hora eu fiquei bem nervoso. Não foi ruim o sexo, mas foi bem mecânico! (...) Mecânico assim, não foi aquela coisa natural, foi com hora marcada e tudo. E na hora foi aquela coisa: ‘Vamos fazer, então. Peraí que vou pegar a camisinha, fica nessa posição, etc, etc!’ Acho que faltou um pouquinho de clima”*. Maurício disse que não fizeram uso de “nenhuma droga” e que a camisinha “não foi um problema”.

### ***Decisão de quem seria o ativo ou passivo na relação sexual***

Sobre a decisão de quem seria ativo ou passivo, o jovem explicou: *“Ah, eu já sabia que ele era só ativo. Então eu já sabia que ia rolar assim. E foi assim que rolou. Eu tinha curiosidade de tentar os dois, mas quando ele falou que era ativo, eu fiquei de boa. Acho que sexo pra mim é algo natural, então me considero mega versátil, vai depender da pessoa. Se a pessoa for passiva eu sou ativo. Se ela for versátil, beleza! A gente vai brincar de tudo (risadas) Mas também não me importo se a pessoa for ativa, que nem no caso dele. Com ele rolou assim e com meu namorado os dois são versáteis. Aí a gente transou duas vezes, mas percebemos que não ia pra frente, não tinha tanta química, aí viramos amigos”*.

### ***Pressão para perder a virgindade***

Perguntado se teve alguma pressão para perder a virgindade, ele disse: *“Olha, meus amigos me respeitavam, sabiam que eu era religioso. Mas tinha uma pressão interna. Eu já me sentia mega velho e tinha certeza que eu gostava de homens. Mas não queria que fosse com qualquer um, queria ter esperado o cara certo! Queria muito ter perdido a virgindade com meu namorado de agora, ia ser mais perfeito ainda, mas curiosidade falou mais alto. Nem foi o tesão que falou mais alto, foi a curiosidade mesmo. Fazer o quê?”*.

### ***Ser ativo ou passivo com o namorado***

Perguntado como era a negociação em ser ativo ou passivo com o namorado, o jovem me explicou: *“Então, meu namorado é mais passivo, acho eu. Aí tipo, eu meio que já tô na cabeça que eu vou mais comer ele do que ele me comer. Mas aí às vezes, ele me fala: ‘Amor, queria te comer esse fim de semana’, aí ele me come. E é bom. Assim, pra mim ele gosta de me comer e eu gosto de dar. Aí como sei que ele é mais passivo, eu como mais ele do que ele me come. Tipo, acho que quando a gente transa sem avisar, já fica subentendido que eu vou ser o ativo. Quando ele avisa, aí fica avisado que ele vai ser o ativo, entendeu? (risadas)”*. O jovem explicou que ele e seu namorado transam “duas vezes por semana”, sendo que “uma vez ao mês”, seu namorado é ativo, avisando com antecedência.

### ***Diferenças em ser ativo e passivo na sociedade***

Indagado se para o jovem, existiam diferenças na sociedade entre ser ativo ou passivo sexualmente, ele respondeu: *“Ah, sim! Com certeza! Se você fala que é passivo, já acham que você é mulherzinha e não é homem de verdade! Tem o preconceito de que o passivo seria a mulher da relação. Mas eu tava conversando com uma amiga minha que é sapatão, ela disse que no mundo lésbico, o preconceito é com quem é ativa. Daí a gente ficou conversando que o preconceito maior é de quem não faz a posição que socialmente era pra fazer. Quando eu digo que sou mais ativo no meu namoro perguntam se eu sou o homem da relação. Aí fazem outras perguntas também, se quando a gente morar junto, ele que vai ser a dona da casa, vai cozinhar pra quando eu chegar do trabalho, essas coisas. E perguntam se eu que vou sustentar a casa, levar dinheiro, como se o ativo fosse o homem e tivesse que fazer essas coisas e o passivo fosse mulher e tivesse que fazer essas coisas! É um saco. São dois homens! Não tem nenhuma mulher ali, então não cabe essa pergunta de quem é a mulher da relação. Quando falo que sou passivo as vezes, falam como se eu não fosse homem de verdade”*.

### ***O que é ser homem de verdade***

Perguntado se o jovem ouvia afirmações de o que é “ser homem de verdade” na infância e adolescência, ele respondeu bastante enfático que “sim”. O jovem continuou: *“Eu sempre tive trejeitos, sabe? Meu pai falava: ‘Senta que nem homem, abre as pernas quando sentar! Porque as vezes eu sentava assim (Maurício cruza as pernas), aí ele: ‘Tira essa mão daí, abre as pernas!’ Na escola também. Uma vez chamaram meus pais dizendo que eu ‘não andava igual homem’, e que isso podia fazer com que os outros meninos me imitassem. Uma vez eu caí e ralei o joelho, a professora disse: ‘Aja que nem homem, homem não chora’. É difícil porquê minha mãe ainda acredita que eu ainda vou sair “dessa vida” entre aspas”*. Indagado se ouvia “tais frases” na igreja, o jovem disse: *“Na outra, sim. Tinha um discurso que dizia que o homem foi feito pra mulher, duas pessoas do mesmo sexo juntas é doença. Diziam também que masturbação era pecado (risadas). Coisas assim!”*.

### ***Prática da masturbação***

Aproveitando que o entrevistado citou sobre “o pecado da masturbação” na igreja, indaguei como foi o início da prática para o jovem: *“Eu tinha uns 12 anos, eu era bem pirralho. Acho pra mim não tinha uma palavra certa, fui só aprendendo (...) Huum, acho que aprendi mesmo pela internet, mas acho também que teve revistas (risadas)”*. Sobre o uso da internet, contou: *“Lembro que eu preferia ver coisas mais sensuais do que sexuais na internet, sabe? (...) Tipo, eu digitava no Google: ‘Homens de cueca’; ‘Homens de sunga’; ‘Atletas com roupas justas’, Era mais imagem do que vídeo. Lembro a primeira vez que eu vi um pornô, era hétero, acho que eu fiquei meio assustado (...) Assustado porquê era uma coisa violenta, parecia que o cara tava machucando a mulher e ela tava gostando. Lembro a primeira vez que vi, eu desliguei o vídeo na hora”*. O jovem explicou que havia um computador em seu quarto: *“Mas todo mundo usava. E eu dividia quarto também. Daí só via coisa pornô quando ficava sozinho, que era difícil. E era aquele computadorzão velho, e a internet era ruim porquê era dividida com a vizinha, aí vídeo também não funcionava muito bem, demorava horrores de séculos pra carregar um vídeo de cinco minutos. A foto carregava mais fácil (risadas)”*.

### ***Ter aplicativos***

Perguntei ao jovem se antes do namoro, ele teve algum aplicativo para encontros sexuais: *“Assim, entre os términos dos meninos que eu ficava, eu baixava. Mas sempre que começava a ficar com alguém, eu deletava (...) Ah, sim! Você deletar o aplicativo por alguém mostra que você tá interessado nessa pessoa. Por que não adianta nada ficar com alguém e continuar caçando, né?”*. Perguntado qual aplicativo ele tinha, o jovem respondeu que teve o Tinder. Complementou: *“Grindr eu tive uma vez mas eu desinstalei na hora (...) Porquê acho que no fundo o Tinder é o mais leve de todos (...) Ah, o Grindr eu instalei, uma hora depois começaram com aquele papo de sempre: ‘É passivo ou ativo? Tem local? É sigiloso? Manda foto do pau, manda foto da bunda. Aff! Não tinha um ‘oi, tudo bem, como você tá?’*. *Aí eu não sou assim, de fuder logo de cara. Aí não consegui ficar muito tempo. Grindr não é pra mim! (...) Não é pra mim por causa disso. De tudo ser muito rápido, as pessoas não querem te conhecer, só querem te caçar e te escolher na vitrine. E também tem aquela coisa. Eu não sou masculino nem viril, sou meio gordinho, afeminado, evangélico e quero*

*conversar e conhecer a pessoa antes de transar. Ou seja, eu sou um alienígena no mundo gay e no Grindr. E todo mundo quer transar com um boy padrão! (...) Padrão é o cara masculino, viril, musculoso, com voz grossa, pauzudo, essas coisas. Tudo o que eu não sou. Quando eu mostrava minha foto, me bloqueavam. Eu tenho certeza que é porque não sou musculoso. Quando dizia que era evangélico e queria conversar antes de transar, me xingavam de ‘santinha do pau oco’ e me bloqueavam também”.*

### ***Se assumir gay***

*Perguntado se o jovem era “assumidamente gay”, ele afirmou que sim: “Então, eu me assumi pros amigos lá pelos 16 anos. Foi quando eu tive certeza mesmo que eu era. E ah, quando eu comecei a namorar também, apresentava ele pros meus amigos como meu namorado! E pra minha mãe foi quando eu terminei com ele. Eu tava muito mal, por quase ter sido estuprado, fiquei chorando bastante me sentindo culpado também. Aí eu cheguei em casa chorando, tentando esconder da minha mãe. Aí minha mãe ficou desconfiada, perguntando o que tinha acontecido. Aí teve uma hora que eu não aguentei e falei que tinha terminado um namoro. Assim, eu não falei pra ela do estupro, mas falei que foi meu primeiro namorado. Aí no outro ano eu me assumi pro meu pai. Meu pai não reagiu bem, mas acho que hoje a gente tem uma relação boa. Ele conhece meu namorado atual e eu falei pra ele faz alguns dias que a gente tava pensando em morar juntos. Minha mãe não aceita isso, é pior que ele. Ela fala que eu deveria frequentar a igreja dela porquê é melhor, eu sei que ela tá falando que na igreja dela eu vou me curar. Aí também tenho uma relação meio vaga com a minha mãe por causa disso. Acho que minha família toda sabe, os tios, tias, primos, essas coisas. Eu posto no Face e Insta que fica bem claro que sou gay, tenho fotos com meu namorado. Acho também que no trabalho todo mundo sabe que sou gay. Nunca falei, mas acho que tá na cara. O mais difícil acho que é assumir pra família, né. (...) É mais difícil pra família porquê o medo é maior. Querendo ou não, família é mais delicado. Meu pai poderia me bater, minha mãe poderia me expulsar de casa, então o medo é maior mesmo. Amigo se por acaso não entender, você deixa de conversar e perde o contato. Família você mora junto, então não é tão simples se assumir assim!”.*

### ***Informações sobre preservativo, PReP e PeP***

Indagado como o jovem obteve as primeiras informações sobre camisinha, relações sexuais, se o mesmo ouviu falar sobre PReP e PeP: *“Olha, acho que basicamente amigos e internet. Nunca foi falado em família e escola (...) Amigos, tipo, têm aqueles papos: ‘Ah, usa camisinha, cuidado com doenças’, acho que essas coisas. E a internet acho que querendo ou não todos os jovens usam a internet pra tudo hoje, né? Mas não sei, acho que é tanta informação que não sei dizer como foi que eu tive as primeiras informações. Tipo, meus amigos falaram muito por cima da novidade do PReP, quando foi lançado. Aí acho que coloquei no Google e me informei melhor. Esse meu namorado atual a gente transa sem camisinha. Aí eu procurei no Google onde fazer teste, essas coisas. Acho que a gente consulta o Google pra tudo, ainda mais quando não tem família pra conversar sobre. Acho que é isso, eu tinha medo de pegar doença, aí sempre pesquisei pra me prevenir!”*

### ***Outros lugares de sociabilidade do jovem***

Perguntado se Maurício frequentava saunas, lugares de pegação, festas gays, ele disse: *“Olha, eu já fui muito em festinha na Lapa, mas não era festa gay, tinha de tudo, acho que talvez pudesse ser meio simpaticante, mas não era gay. Eu também era menor de idade e nunca tive identidade falsa, aí não podia entrar em certos lugares. E acho que sou mais de barzinho, não curto boate. Sauna eu nunca fui e Deus me livre, nem quero ir! (...) Ah, não é pra mim, transar por transar, tratar alguém como objeto sexual. Nunca fui e nunca iria, nem solteiro. Balada é caro pra entrar, em muita boate tem muita droga, todo mundo tira a camisa pra mostrar que é musculoso, isso não é pra gente. Eu nunca tiraria minha camisa numa festa. Aí não vou mesmo e prefiro ver um filminho com meu namorado em casa”*.

### ***Ficar com pessoas trans***

Indagado se já ficou com alguma pessoa trans, o jovem narrou: *“Olha, já fiquei com uma amiga minha trans. Tipo, ela é uma mulher trans, mas não chegamos nos finalmentes. Não sei se eu faria, na verdade eu nem sei se eu teria que comer ele ou se ela me comeria? Seria estranho transar com uma mulher trans, ou com um homem trans (...) Acho que estranho porque você não sabe bem se tá ficando com um homem ou com uma mulher. Se eu ficasse com um homem trans, eu teria que chupar uma buceta? Isso não é coisa de hétero?”*

*(risadas) Mas sabe, eu não quero parecer que sou preso a rótulos, porque eu não sou! Me considero desconstruído. Mas acho que seria muito estranho e eu não saberia o que fazer!”.*

### ***Finalizando a entrevista***

O celular do entrevistado tocou. Ele atendeu dizendo que era seu chefe. O horário de almoço do jovem havia terminado. Agradei pela entrevista e perguntei se ele tinha algum amigo para participar da pesquisa. Maurício respondeu positivamente e disse que entraria em contato comigo para passar o contato do amigo.

## *Maurício*

Tabela 13: Síntese da história do jovem Maurício

<i>Maurício</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>22 anos</p> <p>“Branco”</p> <p>“Evangélico”</p> <p>Nasceu e sempre morou em Duque de Caxias, bairro da região metropolitana do Rio de Janeiro</p> <p>Namorava há dois anos. Teve dois namorados</p>	<p>Ensino médio completo em uma escola pública da Zona Oeste do Rio</p> <p>Último ano de graduação em uma universidade particular.</p> <p>Jovem estagiava em uma empresa de petróleo no centro do RJ</p>	<p>Morava a mãe, de 42 anos, faxineira e dois irmãos. Pais separados. Mãe “bem evangélica”. Pai tinha 47 anos, “faz tudo”</p> <p>Se assumiu gay aos 18 anos para a mãe e aos 19 para o pai.</p> <p>Amigos sabiam desde os 16.</p> <p>Mãe não aceitava a homossexualidade do filho</p>	<p>Primeiro beijo com uma “menina da escola” aos 14 anos. Se beijaram na escola. Ambos da mesma idade. Primeiro beijo com homem aos 17 anos, amigo de um amigo. Se beijaram na rua. Ambos tinham a mesma idade. 1º namoro com homem aos 17 anos, se conheceram por amigos em comum. 1º sexo oral do entrevistado. Houve uma tentativa de estupro. Namorado tinha 18 anos. Maurício terminou o namoro. 1ª relação sexual aos 19 anos, parceiro de 23. Apresentados por amigos em comum.</p> <p>Jovem foi passivo, com uso de preservativo</p> <p>Masturbação aos 12 anos, vendo fotos eróticas de homens via <i>internet</i></p> <p>Namorava há dois anos um rapaz que conheceu na mesma igreja. Jovem é “versátil mais ativo”</p>	<p>Disse sobre si mesmo: “<i>Eu não sou super masculino nem viril, sou meio gordinho, afeminado e quero conversar e conhecer a pessoa antes de transar. Sou um alienígena no Grindr. Não sou padrão, não sou viril, nem musculoso, nem tenho voz grossa, nem pauzudo</i>”</p>	<p>Maurício tinha computador em casa, que dividia com irmãos e mãe.</p> <p>Tinha celular próprio desde os 16 anos.</p> <p>Fez download do Grindr e Tinder aos 19. Deletou o Grindr “na hora”: “Grindr é apenas pra fuder”.</p> <p>Ficou com um menino conhecido pelo Tinder, mas não chegaram a transar. Sempre que começava a ficar com alguém, deletava os apps</p>	<p>Era bloqueado quando mandava sua foto. Jovem atribui as bloqueadas pois “não tinha um corpo padrão”.</p> <p>Quando dizia que era evangélico e queria conversar antes de transar, era xingado de ‘santinha do pau oco’ e também bloqueado</p>



## *Daniel*

---

*“Percebi que o amor tem cor e ela é branca. Um negro passivo, não merece carinho e nem respeito”*

---

Não conhecia Daniel. Havia comentado sobre minha pesquisa com um colega que jogava vôlei de areia, e este, pertencente a classe média, disse que tinha um “grande amigo” pra me indicar. Após trocas de conversas pelo *Whatsapp* com Daniel, marcamos de conversar em uma lanchonete em Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

### *Caracterização sociodemográfica*

Daniel tinha 19 anos, nasceu na cidade de Três Rios, localizada cerca de 125 quilômetros ao norte da capital do estado do Rio de Janeiro. Segundo o jovem, sua cidade natal possuía “mais ou menos uns 80 mil habitantes”. Daniel se mudou de Três Rios há um ano para o Rio, mais precisamente na favela Dona Marta, localizada em Botafogo, bairro da Zona Sul. Morava com mais dos amigos, em uma casa “não tão longe do asfalto”. Daniel se considerava da cor/raça negra. Sobre a religião, me explicou: *“Fui criado na igreja evangélica, meus pais são bastante, principalmente minha mãe. Mas eu não sou muito religioso. Acredito em Deus e tudo mais, mas não me considero evangélico. Acho que me considero sem religião porquê não frequento nenhum lugar e também não sigo nada”*. O jovem tinha dois irmãos, um de 23 anos e uma irmã mais nova, 14. Ambos moravam com seus pais na sua cidade natal. Sua mãe tinha 44 anos e trabalhava como costureira. Seu pai tinha 49 e era segurança em um banco privado. O jovem disse que “se dá muito bem e amava” seus pais, mas que “precisava sair de sua cidade”. Daniel trabalhava em um Quiosque no *Shopping Bossa Nova Mall*, no Aeroporto Santos Dumont, centro da cidade. Também cursava o segundo semestre de Educação Física em uma universidade particular, com 50% de bolsa: *“Eu pago 400 reais na faculdade. Ganho um pouco mais de R\$1.300. Daí dá pra viver ok aqui no Rio”*. Disse que o aluguel na casa em que morava era em torno de R\$300 para cada amigo. Completou: *“Não sobra dinheiro pra muita coisa, mas prefiro viver no aperto aqui do que voltar pra minha cidade”*.

### ***O motivo da mudança***

Sobre a necessidade de sair da sua cidade, explicou: “*Não via a hora de ir embora, odiava morar lá (...) Ser gay lá era horrível! (...) Não tem nenhum barzinho gay ou boate. Se você pega alguém na cidade, todo mundo sabe. A cidade toda é fofoqueira. Ficam comentando muito sobre quem é ativo, quem é passivo, quem é pauzudo. Nunca fui feliz lá, sempre quis ter mais liberdade pra ser gay e fazer o que eu queria, não me preocupar tanto com o que os outros vão pensar e falar de mim*”.

O jovem continuou: “*Acho que na minha cidade a opção que mais usam é aplicativo, sabe? Como não tem lugar pra ir. Mas nunca me adaptei aos aplicativos, principalmente por ser negro. Se eu colocasse uma foto minha do corpo, acho que eu já ia ser reconhecido por muita gente. E ah, meus pais não sabem de mim, daí tinha muito medo de alguma coisa acontecer e chegar alguma fofoca no ouvido deles. Eles são bem religiosos, não sei como seria. Acho que minha mãe ia surtar*”. Daniel disse que seus pais são evangélicos, da “Igreja Universal do Reino de Deus”. O jovem parou de frequentar a igreja há “três anos”, seus pais disseram que Daniel “*precisar reencontrar Deus novamente um dia*”.

### ***Não se assumir para os pais***

Pedi ao jovem me falar um pouco mais sobre não se assumir para os pais: “*Ah, tipo, eu sou muito novo, né? Acho que ainda tenho tempo pra contar pra eles. Mas acho que ia dar muita decepção se contasse, por isso preferi sair de lá também e viver minha vida longe deles. E tipo, eu só fui ficar com meninos aos 17 anos, faz pouco tempo que eu assumi pra mim mesmo que eu curto meninos. Tudo ainda é novo pra mim também, acho que eu ia viver melhor minha sexualidade numa cidade grande e com mais opções pro mundo gay*”.

### ***Ser a decepção para os pais***

Perguntado sobre ser uma “decepção” para os pais, narrou: “*Lá na minha cidade tem um casal gay, eles são famosinhos e super assumidos. Sempre falam deles diminuindo eles. Uma vez minha mãe encontrou eles no mercado, lá em casa disse: ‘Encontrei aquele casal de viados no mercado, eles podiam ser mais discretos pelo menos, né?’*. E assim, na infância meu pai também dizia certas coisas, que homem não pode ser viado. Tenho certeza que ia ser a decepção da família se falasse”.

### ***Afirmações sobre ser homem***

O jovem continuou a história com seu pai: *“Meu pai é nordestino. Ele nasceu no Alagoas. Então ele é bem machista. Ele dizia pra eu falar mais grosso, por exemplo. Não sei se ele desconfiava, daí achava que se eu falasse mais grosso, eu não ia ser gay. Uma vez eu tava falando com minha amiga no Whatsapp, e tava falando daquele jeito, né: ‘Ah, miga. Vamos tomar uma cervejinha, sim. Ver se tem gente gata na rua’.* Aí ele falou que homem de verdade não falava fino daquele jeito, que homem de verdade não tem amigas mulheres, que amiga mulher é pra comer, não pra ficar de papinho no celular. Ele ficou com bastante raiva, lembro depois que isso aconteceu ele ficava tentando ouvir minhas conversas acho que pra comprovar se eu tava falando desse jeito ainda (...) Na escola também. As professoras diziam que meninos tinham que brincar com meninos e meninas tinham que brincar com meninas. Uma vez os meninos foram jogar futebol e as meninas handebol, eu queria jogar handebol. Aí eu comecei a chorar porque não queria jogar futebol. Aí ligaram pros meus pais pra falar do meu comportamento. Aí em casa eu apanhei por causa disso, que era pra querer jogar futebol, como todos os meninos”.

### ***Primeira experiência amorosa***

Sobre sua primeira experiência amorosa: *“Amorosa em quê sentido?”.* Respondido que ele poderia responder o que viesse em sua cabeça: *“Olha, eu gostei muito de um menino, mas não fui correspondido, ele me via só como amigo (...) Acho que tinha 15 anos. Eu jogava vôlei lá na minha cidade, e tinha um menino que eu achava bonito e que jogava super bem. Daí a gente ficou amigo. Eu não sabia se ele era gay, ele não parecia ter jeito (...) Aí a gente se aproximou, conversando bastante no Facebook e no Whatsapp. E eu gostando cada vez mais ele. Aí teve uma vez que ele falou que tava ficando e gostando com uma menina da escola dele, aí percebi que ele não era gay mesmo. Ele comeu ela um dia, não lembro se eles chegaram a namorar. Mas é isso, nem beijei o primeiro menino que gostei, mas lembro que ele foi a primeira pessoa que eu sabia que tava sentindo algo diferente”.*

### ***O primeiro beijo do jovem***

Perguntado quando foi o primeiro beijo do entrevistado, respondeu: “*Xi, foi com uma menina (...) Eu tinha 13 anos! Na época eu frequentava bastante a igreja com minha mãe, aí eu achava que eu tinha que seguir a igreja e ser hétero mesmo. Aí tinha essa menina na minha escola que gostava de mim (...) Acho que tinha um pouquinho de pressão dos amigos. Não sei se eles também desconfiavam de algo! Eles sabiam que eu era BV (Boca Virgem), e diziam pra eu pegar ela. Daí um dia depois da escola, a gente se beijou, na rua (...) Foi bem ruim. Acho que na época eu meio que sabia que não gostava daquilo. A gente sempre acha que vai ser lindo e tudo mais, mas nem foi (...) Ela era da minha idade, era da minha série!*”.

### ***Primeiro beijo com um menino***

Sobre o primeiro beijo com um rapaz: “*Então, só beijei um menino com 18 anos (...) Ele tinha uns 23 anos*”. Daniel contou a história: “*Eu tava no último ano do colégio, foi antes de eu vir pra cá. Aí eu baixei o Grindr, um aplicativo. Fiquei conversando com um menino que tava perto de mim, mas não era da cidade. Aí fui na casa dele mega nervoso. Aí a gente se beijou, foi mega bom! Na hora de transar ele perguntou o que eu curti. Falei que tava com vontade de ser passivo. Aí eu achei que ele foi meio escroto, fez uma cara mega surpreso e disse: ‘Mas como assim você é passivo?’. Eu não perguntei e ele não disse nada, mas ele se assustou que um negro podia querer ser passivo. A gente se beijou, se chupou, gozamos e eu fui embora. Aí depois no Grindr eu perguntei por qual motivo ele ficou surpreso, ele disse que nunca tinha visto um preto pauzudo e ativo. Disse que nada servia eu ter pau grande e querer dar. Aí me bloqueou. Nunca mais vi o menino, nem sei de onde ele é!*”.

### ***Como o jovem se sentiu após esse episódio***

Perguntado como o jovem se sentiu, ele respondeu: “*Fiquei bem chateado. Pra mim isso é racismo. E assim, acho que eu nunca tinha sentido racismo na pele desse jeito. Ali percebi que ia ter dificuldade se eu quisesse dar pra alguém. Pra falar a verdade, eu sou virgem de passivo, nunca fui, mas é o que mais tenho vontade. Só transei com dois caras e tive que ser ativo nos dois casos, não tive opção. Eu me sinto mal, ninguém me vê como passivo. No Grindr eu tinha no perfil “passivo”, mas ninguém vinha falar comigo. Depois*

*eu comecei a colocar “Versátil Passivo”, mas as pessoas também não me davam muita bola. Aí eu coloquei “Versátil”, aí falavam mais comigo”.*

### ***A raiva do aplicativo Grindr***

Pedi ao jovem que caso ele concordasse, lesse seu perfil do Grindr. Ele logo disse: *“Eu deletei o Grindr, tô sem agora e quero ficar um bom tempo sem! Mas meu perfil não tinha nada demais. Era minha idade, uma foto do meu corpo, minha altura e peso. Aí tinha essas informações do que curtia na cama. Aí os caras que vinham falar comigo era porque queriam dar pra mim, não queriam me comer. Já ouvi muitas frases que me fizeram sentir mal e com raiva. Aí eu fiquei de saco cheio de tudo isso e deletei ele”.* Sobre as frases, o jovem contou: *“Ah, essas coisas de preconceito e racismo: ‘Como assim você é preto e passivo?’; ‘Se continuar passivona desse jeito não vai arranjar nenhum macho’; ‘Preto passivo é igual vassoura, sem pau não serve pra nada’. (...) Sem contar dos diversos caras que falam: ‘Não tenho nada contra, mas não curto negros’. É sempre assim, sempre falam ‘nada contra, mas não curto’, tudo pra mascarar o preconceito. E as duas experiências não foram boas, de transar. Aí eu cansei de ser saco de pancada no Grindr e deletei”.*

Sobre “*ser saco de pancada*”, continuou: *“Ah, pra mim as pessoas são bem escrotas quando não mostram a cara, como é o caso do Grindr. Elas acham que podem te xingar, te bloquear, como se isso não fosse te afetar. Já fiquei muitas horas no Grindr querendo conhecer ninguém, mas eu sei que não sou desejado ali, quer dizer, sou se eu for ativo. Então como tava passando muita raiva no aplicativo, deletei ele!”.*

### ***A primeira relação sexual (com penetração) do jovem***

Pedi ao jovem que caso ele quisesse, me contar sobre suas duas experiências sexuais que se deram pelo aplicativo: *“Foi esse ano, vim pra cá virgem (risadas) Eu tava no aplicativo e marquei com um menino, ele veio lá em casa, eu tava sozinho. Aí ele disse que era só passivo e pra eu mandar a foto do meu pau pra ele, aí eu mandei. Aí ele falou que queria dar pra mim. Aí tipo, eu aceitei mas pensei que a gente pudesse se conhecer mais e quem sabe ele me comer um dia. Mas foi bem ruim, ele mal queria me beijar, acho que ele tava com nojo do meu pau. Tipo, ele sentiu tesão pra dar pra um negro, mas queria que eu fizesse tudo. Foi bem ruim, bem ruim mesmo. Me senti bem usado e vi que ele não queria*

*nada comigo, só que eu comesse ele. Ele não tava preocupado em me dar prazer. Ele gozou e eu nem gozei. Aí ele disse que tinha que ir embora e foi!”. Perguntado sobre a idade do parceiro, Daniel me respondeu: “Ele devia ter uns 25 anos”.*

### ***A segunda relação sexual (com penetração) do entrevistado***

Sobre sua segunda relação sexual com penetração: *“Ah, foi um pouco diferente da primeira. Menos pior. Eu baixei de novo o Grindr e fui puxando assunto com as pessoas. Aí o menino disse que era versátil, aí eu falei que também era. Aí fui na casa dele. Aí a gente começou a se pegar e tal. Ele começou a me chupar e tal, foi bem bom. Aí eu tentei chupar ele, ele não deixou. Aí ele falou pra eu chupar o cu dele, aí eu tive que chupar. Aí depois ele pegou a camisinha e colocou no meu pau. Tipo, foi boa a transa, mas depois ele gozou e também pediu pra eu parar. Perguntei se ele aguentava me comer, aí ele falou que ‘não’. E meio que eu senti que ele queria que eu fosse embora. Aí eu fui né, me sentindo um lixo, ali eu percebi que o amor tem cor e ela é branca, um negro, pelo menos um negro passivo, não merece carinho e nem respeito! Até hoje tô vendo se alguém vai querer me comer um dia!”. Perguntado, Daniel disse que ambos os rapazes com quem transou eram brancos, e mais velhos que ele: “Eles deviam a mesma idade, uns 25”.*

### ***O amor tem cor e ela é branca***

Disse a Daniel que achei sua frase bastante impactante: *“Que o amor tem cor e ela é branca”*. Pedi pra ele me falar mais sobre a frase: *“Ah, é isso, você só é visto se for negro, pauzudo e ativo, sabe? Até nas festas eu percebo isso, eu sempre sou um dos últimos a beijar, quando tá todo mundo bêbado. Sempre me olham como se eu fosse um gay, negro, ativo e pauzudo. E ah, eu também não posso ser afeminado, né? Aí sim que eu ia morrer na seca. O branco pode ser afeminado, o preto, não pode. Aí tem uma hora que você fica cansado de tentar, fica sozinho e pensa que depois vai ter forças pra tentar de novo”*.

### ***Ficar com negros***

Indaguei a Daniel se ele pensou em algum momento ficar com negros, que talvez a questão racial não seria tão evidente: *“Olha, eu ficaria! Acho minha cor linda! Mas sabe, os que me procuram são sempre os branquinhos, pra dar pra mim. Teve uma vez no Grindr que*

*eu puxei assunto com um bem moreninho, e ele me disse: 'Ah, eu também sou negro'. Aí eu expliquei pra ele que não tinha problema, que eu curtia negros. Aí ele meio que desconversou, disse que também era ativo. Aí eu falei que não era ativo (risadas) Mas ele não me deu bola. Tipo, pra ser sincero, essa é a primeira vez que penso sobre esse assunto. Mas acho que os negros preferem os branquinhos. Não sei se é porquê todo mundo quando vê um preto com um branco, mas acho que nunca vi dois pretos juntos. Não sei se 99% dos pretos são ativos e que eles queiram um branquinho passivo, não é possível (risadas) Mas acho que tá tudo na fantasia mesmo!'. Solicitei ao jovem para me falar mais sobre a palavra "fantasia": "Ah, o preto ativo, pauzudo e o branquinho passivo. Se você quebra essa fantasia, porquê eu acho que eu quebro, a pessoa fica frustrada com você. Ela já tava achando que você ia ser de um jeito por causa da fantasia dela!"*

### ***Outros lugares de sociabilidade gay do jovem***

Perguntei quais outros lugares o jovem frequentava: *"Ah, agora eu vou em festinhas. Ou no centro, tipo Lapa ou Arco do Teles, festinhas mais alternativas. Muito de vez em nunca eu vou na Boho<sup>11</sup>, mas acho também que a festinha é mais padrãozinho, nessas festas que geralmente eu sou o último a beijar (...) Tipo, no centro eu me dou bem, eu sempre beijo alguns (risadas) Já me chuparam na balada também. Mas assim, depois de muita conversa com meus amigos e lendo coisas em blogs, eu tô falando mais que eu sou passivo e que não deveria me envergonhar. Mas não acho nenhum ativo que me aceite do jeito que eu sou e que pegue na minha mão (...) Ah, lembrei de outra coisa também. Uma vez no Grindr eu falei que era passivo, e falaram que 'negro ser igual a Vera Verão<sup>12</sup>, era o fim'. Eu nem sabia quem era Vera Verão, procurei no Google pra saber, aí vi que era uma Drag, quer dizer, não sei se era Drag, mas ela era bem afeminada. E eu nem sou afeminado, mas só de ser negro passivo isso me fazia uma Vera Verão! Puro preconceito por ser negro e passivo". Perguntei se o jovem alguma sofreu preconceito por ser morador de uma favela. Ele disse: "Olha, acho que sofri mais preconceito por ser negro e querer ser passivo mesmo. Tipo,*

---

<sup>11</sup>Festa gay criada em 2010. A festa Boho é uma das festas mais conhecidas da noite carioca, que também "aconteceu" em outros estados, devido o tamanho do seu sucesso (Turismo Gay, 2019).

<sup>12</sup>Personagem da televisão brasileira criado em 1990, interpretado pelo ator carioca Jorge Lafond, nascido em 1950. Foi um personagem marcante que tinha dois bordões: "Epa, bixa não!"; "Eu sou uma quase mulher". Vera Verão era uma "drag queen", interpretado por um homem negro "espalhafatoso" (Juliano 2017).

*nunca ninguém me falou no Grindr: 'Nossa, você é favelado'. Nunca senti nada pejorativo nesse sentido, mais por ser negro e falar que sou passivo mesmo!''.*

### ***Leitura em blogs***

Pedi ao jovem para falar mais sobre os blogs que lia sobre “alguns assuntos”: “Ah, já li muitos blogs de como é sentir na pele ser gay e negro. Ou comunidades no Facebook também. Acho que li pouco sobre ser negro, gay e passivo, assim, tudo junto (risadas). Esses blogs sempre me ajudaram pra não me sentir mais sozinho ainda do que já me sinto”.

Perguntado, ele não se recordava dos nomes dos blogs, mas que “*todos eram sobre como ser negro numa sociedade que é preconceituosa e racista*”. Para o jovem, os blogs o “ajudaram bastante”: “Ah sim, sempre me ajudaram muito. Por que eu acho que é isso, você lê coisas e vê que não tá sozinho, entende? Aí sente que tem alguém do outro lado passando pelo mesmo que você, e isso querendo ou não te faz muito bem. Te dá um pouco mais de força e esperança pra seguir em frente. Tipo, a gente vê muito por aí que a diversidade existe, mas ela não é tãããã diversa assim. Quem é negro sabe disso. As pessoas falam muito de gosto pessoal, mas nem sabem que no fundo são racistas”.

### ***Sobre estar sozinho***

Pedi ao jovem para me falar um pouco mais sobre o sentimento “de estar sozinho”. Logo, ele disse: “Ah, eu tô no Rio só faz um ano, não tenho tantos amigos assim. E assim, por morar em Botafogo, acabo tendo muito amigo gay branco. Eu moro com dois gays brancos! É difícil conversar com alguém branco sobre ser negro e querer ser passivo. Nunca consegui conversar com nenhum gay negro que me falasse: ‘Olha, também sou passivo!’. Seria bacana conversar e falar sobre tudo isso que eu sinto, daí acho que não me sentiria tão sozinho assim. Pergunta difícil a sua, viu? (risadas) A gente poderia mudar de assunto?”.

### ***Falando um pouco sobre masturbação***

Perguntei se eu poderia realizar perguntas sobre a prática da masturbação. Daniel narrou: “Acho que a primeira vez foi com 13 anos, foi na época que meu pai pegava muito no meu pé e eu achava que eu tinha que gostar de meninas. Aí vi um pornô hetero em algum site pornô da vida, aí me masturbei”. Perguntado sobre o que o jovem digitou “na



*internet*”, ele disse: “*Olha, nem lembro. Mas acho que coloquei ‘vídeo pornô’ no Google e fui achando. Primeiro foi um vídeo hétero, só depois eu tive coragem pra ver um pornô gay*”.

### ***A coragem para ver um filme pornô gay***

Solicitado a falar um pouco mais sobre a “coragem” para ver um filme pornô gay, o jovem narrou: “*Ah, acho que é tudo isso que eu falei. Você desde pequenininho aprende que é errado ser gay, que é errado gostar de alguém do mesmo sexo, que é errado sentir tesão por outro homem. Então tipo, você se sente mal e tem uma vontade dentro de você querendo não seguir isso, entendeu? Aí acho que eu bati algumas punhetas vendo filme pornô hétero, mas não demorou um ano pra bater punheta vendo dois caras, acho que precisei de um pouco de coragem pra procurar coisas de gays, mas acho que uma hora você não consegue se segurar e faz logo de uma vez por todas, né*”.

### ***Filmes pornôs de preferência***

Perguntado sobre qual o tipo de filme o jovem prefere assistir, ele disse: “*Geralmente eu curto ver negro dando, sendo passivo (...) Ah, porquê acho que é minha vontade mesmo, meu tesão. Acho que me faz bem ver um negro dando pra colocar na minha cabeça que não é impossível isso acontecer. Tipo, eu sei que é filme pornô, e penso que até mesmo sabendo que é ficção, você vê que é difícil achar um negro dando pra um branco, geralmente é o branco mesmo dando pro negro*”. Perguntado, Daniel disse que assistia filme pornô através do seu celular. Sua casa tinha *internet* “própria”. Na adolescência, explicou: “*Era mais difícil, eu tinha que dividir o computador com meu irmão, tinha medo dele ver alguma coisa! Aqui no Rio é melhor, tenho meu quarto e fone de ouvido (risadas)*”.

### ***Se libertar***

Indaguei se a *internet* ajudou o jovem a se “libertar”. Ele disse: “*Ah, com certeza! Assim, você fica sozinho, digita o que quer, ninguém sabe direito o que você tá vendo. A internet foi muito importante pra mim, querendo ou não eu conheci os caras que transei pelo Grindr, fico lendo coisas pelo Google, coisas que me ajudam muito. Mas é aquela coisa, também acho que a internet também já me fez muito mal (...) Nesse sentido de achar que não sirvo pra tá ali, de passar pelo racismo que acho que nunca aconteceu comigo na vida real,*

*sabe? Daí é isso, a internet me fez muito bem em vários sentidos, mas também já me mostrou que as pessoas podem te ofender assim, de graça! Principalmente se você é negro e passivo”.*

### ***Diferenças entre ativo e passivo***

Indaguei se achava que existiam diferenças entre ser passivo e ativo na nossa sociedade: *“Ah, com toda certeza! Acho que o ativo é mais respeitado, como se fosse o homem de verdade da relação. Mas sabe, você perguntou se têm diferença entre ser ativo ou passivo, e assim, é lógico que tem! Mas ainda acho que as diferenças são maiores dependendo se você for negro ou branco, ou também afeminado ou mais discreto (...) Tipo, se você for bonitinho, malhadinho, branquinho e passivo, tudo bem. Mas se você for bonitinho, malhadinho, negro e passivo, aí não pode! Se você for negro, malhado e discreto e ativo, tudo bem. Se você for negro, malhado e afeminado, não pode. Têm coisas aceitáveis pra quem é branco e as mesmas coisas não são aceitáveis pra quem é negro (...) Tipo ser passivo e afeminado mesmo. São dois pesos e duas medidas, se você for branco e passivo ou negro e passivo. Assim como tem outro peso pra quem é branco e afeminado ou negro e afeminado. A gente sofre mais sim, mas acima de tudo por ser negro. Acho que é isso!”.*

### ***Uso de drogas nas relações sexuais***

Perguntado se utilizou alguma droga nas relações sexuais, ele respondeu: *“Nunca. Só fumei maconha uma vez (...) Sim, aqui no Rio! Mas eu odiei. Fiquei lesado e meio paranoico. Aí nunca mais fumei”.* Sobre o uso do álcool: *“Olha, nas vezes que transei, não. As transas foram marcadas e tal, eu tava em casa e fui na casa do carinha e na outra eu fui na casa dele. Mas as vezes que me chuparam nas festinhas e na rua, sim. Eu tava bêbado na maioria”.*

### ***Primeiras informações sobre relação sexual e camisinha***

Sobre as primeiras informações sobre relação sexual e camisinha: *“Acho que foi na internet. Tipo, com certeza eu nunca tive na escola e meus pais nunca falaram comigo. Acho que fui ter na internet mesmo, vendo os vídeos pornô e também lembro que teve uma época que eu tava bem pra frente beijando vários carinhas (risadas), e foi na época que alguns tavam me chupando nas festinhas. Aí tipo, eu procurei se podia pegar AIDS por sexo oral, aí eu fui ter mais noção mesmo do que era pela internet mesmo!”.*

### ***Informações sobre PeP e PReP***

Indagado se já ouviu falar sobre PeP e PReP, Daniel disse: *“Tenho um amigo no Rio que toma PReP. Tipo, eu li sobre no Facebook, é pra você tomar e não pegar AIDS, certo? Mas sei que não evita outras doenças, por isso tem que usar camisinha mesmo assim! E PeP é tipo, se você transa sem camisinha e não tá tomando nada, você vai lá no SUS e pede pra tomar pra não pegar AIDS, né? Tipo, PReP é antes do sexo, e PeP é depois! (...) Ah, acho que foi na internet que aprendi mesmo. Acho que vejo mais no Face mesmo ou quando algum amigo compartilha alguma notícia no Whatsapp”*.

### ***Ficar com pessoas trans***

Perguntado se ficou com alguma pessoa trans, Daniel disse: *“Nossa, não! Mas assim, acho que dependendo, eu ficaria (...) Humm, nossa, que complicado! Porquê assim, eu teria tesão em beijar talvez um homem trans na balada, porquê ele na balada seria homem, certo? Eu não tenho tesão na figura feminina. Mas se eu quisesse ser passivo, não sei como seria transar com um homem trans. E transar com mulher trans eu também não sei, não sei se teria tesão em dar pra uma mulher com pau. Complicada essa pergunta (risadas) Acho que eu beijaria um homem trans, mas não transaria!”*.

### ***Finalizando a entrevista***

Após os 20 minutos que havíamos combinado, decidimos então encerrar a entrevista. Agradei a Daniel pela conversa e nos despedimos.

## *Daniel*

Tabela 14: Síntese da história do jovem Daniel

<i>Daniel</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>19 anos</p> <p>“Negro”</p> <p>Cresceu “evangélico”, mas se considerava “sem religião”</p> <p>Nasceu no interior do RJ. Morava na favela Dona Marta, Zona Sul da capital</p> <p>Nunca namorou: “Quero bastante, mas é difícil”</p>	<p>Ensino médio completo em uma escola pública da sua cidade natal</p> <p>Trabalhava como atendente em um quiosque de um shopping no aeroporto localizado no centro do RJ</p> <p>Não é assumidamente gays para os pais: “<i>Tenho medo de ser uma decepção</i>”</p>	<p>Morava com “dois amigos brancos e gays”, ambos jovens</p> <p>Mãe, de 44 anos, costureira.</p> <p>Pai, 49, segurança de banco. Ambos evangélicos.</p> <p>Irmão de 23 anos e irmã de 14 anos</p> <p>Cursava o segundo semestre de Educação Física em uma universidade particular</p>	<p>Primeiro beijo com uma amiga da escola, aos 13. Ambos tinham a mesma idade. 1ª experiência sexual aos 15, fez sexo oral no amigo enquanto ele estava bêbado e dormia. 1º beijo com um homem aos 18, se conheceram pelo Grindr. Parceiro de 23. Beijaram na casa do rapaz. 1ª relação com homem, aos 19. Conheceu pelo Grindr. Parceiro de 25.</p> <p>Dois parceiros sexuais. Conheceu ambos <i>online</i> e foi ativo com os dois, apesar da vontade de ser passivo.</p> <p>Começou a se masturbar aos 13 anos, vendo filmes pornô heterossexuais.</p> <p>Nunca fez exame de HIV.</p>	<p>Se considerava “negro”, “corpo normal”, “pauzudo”, “negro ativo com muita vontade de ser passivo”</p>	<p>Não tinha computador tampouco notebook em casa. Tinha celular próprio.</p> <p>Compartilhava wi-fi com os amigos. Lia blogs sobre ser negro e gay desde os 18. Baixou o Grindr aos 18 e deletou no mesmo ano: “As pessoas não me davam muita bola, cansei de ser saco de pancada no Grindr e deletei”</p>	<p>Bloqueadas no aplicativo.</p> <p>Perguntavam ao jovem: “Como assim você é preto e passivo?”. Diziam também: “<i>Preto passivo é igual vassoura, sem pau não serve pra nada</i>”.</p> <p>Jovem cansou das bloqueadas e deletou o app</p>

## *Caique*

---

*“Tenho mais valor no mercado porque sou só ativo, apesar de morar na favela”*

---

Não conhecia este jovem, também indicado pelo mesmo amigo classe média citado na entrevista anterior. Após trocas de mensagens no *Whatsapp*, eu e Caique marcamos de nos encontrar em uma lanchonete perto do “escadão” da favela Cantagalo, em Copacabana.

### ***Caracterização sociodemográfica***

Caique tinha 20 anos. Nasceu em Lauro de Freitas, município da região metropolitana de Salvador, norte do estado da Bahia. Segundo Caique, sua cidade era “muito pequena” e o jovem “*tinha medo de se assumir gay com medo das fofocas das pessoas*”. Assim, terminou o ensino médio aos 19 anos e conseguiu um emprego como segurança em uma boate na Zona Sul do Rio. Portanto, Caique morava na cidade há um ano e sempre morou na favela Cantagalo. Caique dividia uma casa “perto do asfalto” com dois conhecidos. Contou que “gostava muito” de morar ali, pois “*morava perto da praia*”, e não se importava em morar em uma favela, se sentindo seguro. Comentou que gostaria de fazer o curso de Educação Física em alguma universidade pública em um “*futuro próximo*”, e que não queria ser “*segurança para sempre*”, mas sabia “*que tinha que estudar bastante pra passar*”.

Se considerava da cor/raça “parda”, e com risadas, disse: “*Assim, sou pardo bem moreninho*”. Se considerava “sem religião”, e explicou que foi criado na igreja católica: “*Minha mãe é bem religiosa, mas eu nunca fui. Hoje que gosto de meninos, acho que é um motivo a mais pra não frequentar mesmo*”. A mãe do entrevistado tinha 42 anos e era costureira. Seu pai, tinha 50 anos e açougueiro. Caique tinha dois irmãos homens, um de 23 anos e outro de 17. Ambos moravam com seus pais em sua cidade natal.

### ***Primeira experiência amorosa***

Perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, Caique perguntou: “*A primeira vez que gostei de alguém ou a primeira vez que comi alguém?*”. Respondido que poderia

dizer o que viesse à sua mente, contou: “*Eu cheguei a gostar de meninas (risadas) (...) Então, eu tive umas namoradinhas lá na minha cidade. Eu fui ficar com homem mesmo só depois de velho (...) Mas assim, a primeira menina que eu gostei foi uma namoradinha que eu tive com 15 anos, ela era da minha escola, eu gostei bastante dela. Ela foi minha primeira namorada e a primeira pessoa que transei, teve sentimento porque gostava real dela*”.

### ***Um pouco mais sobre sua primeira namorada***

Solicitado a falar mais sobre seu namoro: “*Então, acho que a gente ficou um ano juntos. A gente se beijou na escola, escondido, depois da Educação Física (risadas) E foi bem bom. Aí a gente continuou ficando e depois eu pedi ela em namoro e ela aceitou. Aí levei ela lá pra minha casa, meus pais ficaram bem felizes. A gente andava de mãos dadas, ia na praia. Aí as coisas começaram a ficar mais quentes (risadas) Um dia ela me chupou ali na escola mesmo, aí deu pra perceber que as coisas tavam ficando mais sérias*”. Perguntado, Caique disse que sua namorada tinha a mesma idade que ele, ou seja, 15 anos.

### ***Primeira relação sexual***

Caique continuou: “*Aí teve uma vez que meus pais viajaram pra Salvador e meu irmão mais novo foi junto. Aí falei com meu irmão mais velho que queria levar minha namorada lá em casa e ele falou que ia dormir fora. Falei pra ela que a gente ia ver um filme e ela topou. Mas acho que os dois sabiam que a gente ia transar. Aí começamos a ver um filme e a nos beijar, aí rolou mão aqui e ali, e acabou rolando!*”. Perguntado se o jovem gostou da primeira relação sexual: “*Ah, gostei sim. Eu gostava dela, foi bem bom!*”. O jovem disse que era “sua primeira vez”, assim como dela. Caique disse que eles “*transaram umas cinco vezes no total*”. Disse que tinha bastante vontade, “mas que era foda pra arranjar lugar”.

Ainda sobre a primeira relação sexual, Caique contou que ele usou camisinha: “*Eu sabia que tinha que usar e pedi pro meu irmão me dar algumas (risadas) Ele me deu e tudo ficou certo. Ela não me pediu, mas eu tinha lá em casa, tava preparado. Aí não teve problema nenhum*”. Perguntado se houve uso de alguma droga ou bebida alcóolica no momento da primeira relação sexual, Caique negou, dizendo que ambos “apenas viram um filme”. Também perguntado se o primeiro beijo do jovem foi com esta namorada, o entrevistado

negou, narrando que seu primeiro beijo havia sido *“bem antes, mas também tinha sido com uma menina da escola”*.

Indagado sobre o término do namoro, ele disse: *“Olha, a gente começou a brigar. Mulher é um trem difícil, viu? Não que homem não seja (risadas) Mas acho que ela queria mais atenção, e eu não tava tão mais interessado assim. A gente tava brigando bastante. Aí teve um dia que a gente meio que falou que a gente tava brigando muito e que era melhor não continuar mais junto. Aí os dois concordaram”*.

### ***O primeiro beijo do jovem na “vida”***

Sobre seu primeiro beijo, narrou: *“Foi na rua da minha casa. Tipo, vim de uma cidade bem pequena, né. Todo mundo conhecia todo mundo. A gente brincava na rua de pega-pega. Aí tinha acho que dois casalzinhos que se pegavam e tal. Aí um amigo disse que tinha uma menina que queria me pegar, aí eu não podia dizer ‘não’, né? (...) Ah, porque ela era bonita e tal. Mas assim, eu queria pegar ela. Aí a gente foi pra trás de uns carros e demos um beijão (risadas)!”*. Indagado, Caique disse que tinha *“uns 11 anos”*, assim como ela. O jovem contou que eles *“chegaram a ficar algumas outras vezes, mas nada muito sério”*. Contou não se arrependeu do seu primeiro beijo, disse que para ele, a experiência *“foi bem boa”*, mas complementou: *“Eu tava bem nervoso na hora, tinha muita gente olhando (risadas)”*.

### ***Falando um pouco mais sobre o nervosismo do primeiro beijo***

Sobre o *“nervosismo”* do primeiro beijo, Caique disse: *“Então, eu tava nervoso com que os outros iam pensar. Vai que ela falasse que eu era frouxo? Teve uma hora que a gente parou de se beijar lá entre os carros, mas aí eu olhei pra ela e falei ‘Não vai agora não!’, e continuei beijando ela só pra demorar mais. Aí quando a gente voltou o povo ficou falando ‘Hummm, demoraram, né?’”. Aí eu fiquei mais leve, que eu tinha pelo menos demorado um pouquinho com ela e não foi tão rápido assim. Sobre “ser frouxo”, explicou: *“Ah, eu peguei na cintura dela, peguei no pescoço, beijei com vontade mesmo (risadas) Acho que se não tivesse feito isso, ela poderia falar pros outros que minha pegada era fraca”*.*

Perguntei ao jovem se esse *“nervosismo”* poderia então ser uma *“pressão”* para o jovem provar que *“era homem”*. Enfático, disse: *“Nossa, com certeza! Acho que no fundo meus amigos queriam saber se eu era homem de verdade, se ia conseguir ficar com ela e se*

*ela ia gostar de ficar comigo. Eles não sabiam que eu era BV, mas nunca tinham me visto ficar com nenhuma menina. Acho que ali era meio que uma prova pra eles que eu era homem mesmo e que não ia fazer feio!”.*

### ***Afirmações sobre o que é “ser homem”***

Perguntado sobre o que seria um “homem de verdade”, ou se o jovem ouvia essas afirmações entre os amigos, família ou em outros lugares: *“Acho que sempre ouvi. Em casa eu lembro muito do meu irmão mais velho. Lembro um dia que meu pai falou se ele não queria ir num puteiro comer uma puta, acho que ele era virgem, aí meu irmão respondeu que não, meu pai ficou puto! Falou que homem de verdade come qualquer mulher e que ele não educou o filho dele pra ser frouxo. Meu pai quase bateu nele. Com minha namoradinha também, ele perguntava se eu já tinha comido ela. Eu falei uma vez que gostava dela e que não tinha pressa, ele falou que homem de verdade primeiro comia, depois pedia em namoro. Quando eu vim pro Rio, minha mãe ficou bem decepcionada que eu não ia continuar estudando nem fazer faculdade. Meu pai falava com mais orgulho que eu ia ser segurança e que ia descer o cacete em quem não me obedecesse. Sempre ouvi essas coisas do meu pai”.*

Indagado se o jovem achava que de alguma forma, essas afirmações do pai o afetaram, ele me respondeu: *“Ah, com certeza! Queria muito contar pra minha família que hoje gosto de meninos, que tipo, sou gay, mas por essas coisas que ele sempre me falou, prefiro não falar. Se eu falar na frente dele, não duvido que ele me bata. Se eu falar por telefone, ele vem aqui no Rio me bater (risadas) E sei lá, eu sempre penso nas coisas que eu tô fazendo, se tô fazendo uma coisa que é de viado, ou se eu tô viado demais (...) Exemplo? Humm, teve uma vez que eu deixei meu cabelo crescer, eu achei bonito. Mas aí fiquei com medo de postar no Face, a foto podia chegar no meu pai e ele podia não gostar, que eu ia tá com o cabelo grande demais, como se eu tivesse afeminado. Aí depois de umas semanas eu cortei o cabelo. Aí eu queria muito fazer uma tatuagem, faz uns quatro meses que fiz essa aqui ó (Caique me mostra um leão no braço direito). E eu escolhi um leão bem bonitão, bem masculino”. Me explicando, Caique era do signo de “leão”, por isso fez a tatuagem do animal em seu braço.*

Perguntado sobre diferenças entre tatuagem “feminina” e tatuagem “masculina”, ele respondeu: *“Ah, acho que tem sim. Tipo, eu tenho esse tribal aqui também (Caique me mostra*



a tatuagem no braço esquerdo). Logo, disse: “Uma mulher não teria uma tatuagem assim, isso é tatuagem de homem. E meu leão não tem traços delicados”. Disse que seus pais viram a tatuagem do jovem, e não disseram nada. Logo disse: “Meu pai não disse nada porquê era tatuagem de homem, se fosse de mulher, teria falado”. Também perguntado, Caique disse que não voltou à sua terra natal desde sua saída, e logo explicou: “Eu quero ir lá sim, não tô brigado com meus pais, mas tenho que esperar fazer um ano na boate pra tirar férias e ir lá. Daí faz quase um ano que tô aqui no Rio, não fiz um ano no trabalho”.

Ainda sobre “frases do que é ser homem”, Caique respondeu: “Acho que também entre os amigos, né. Tipo, quem não tinha beijado ainda era viadinho, não era homem de verdade. Tem essas coisas de zuação, mas que a gente não quer que a gente fique com a fama. Teve uma vez que eles me perguntaram se eu já gozado vendo mulher pelada, falei que ‘não’, aí disseram que eu não gostava de mulher e era viado. Querendo ou não, você é apontado que não é homem de verdade”. Indagado, Caique disse que este episódio aconteceu aos 13 anos.

### ***Falando um pouco sobre masturbação***

Perguntei ao jovem se ele poderia me contar sobre como e quando começou a se masturbar. Caique narrou: “Humm, eu acho que foi lá pelos 13 anos, depois de me zuarem que eu nunca tinha gozado. Eu falei com meu irmão. Ele ficou meio sem graça, mas ele disse que eu podia usar o computador que ficava no nosso quarto (...) Sim, a gente dividia o quarto (...) A gente tinha internet sim, eu só fui ganhar um celular com 16 anos, então antes era só o computador que todo mundo de casa em casa, meu irmão usava mais na verdade, aí ficava no nosso quarto (...) Aí ele me deu umas revistas também da Playboy (risadas) Se eu não me engano ele deu uma revista da Sabrina Sato (risadas) E ele me passou sites pornôs também. Não lembro o nome, mas acho que tinha o XTube na época. Ele meio que deixou o computador com tudo aberto pra mim, e falou pra eu usar o fone de ouvido também e trancar a porta, pra ninguém me ouvir e ninguém me pegar no flagra (risadas) (...) Acho que tinha vídeos já abertos, e era tudo filme hétero”.

Sobre a possibilidade de ver vídeos de homens que fazem sexo com outros homens, Caique disse: “Hoje eu só vejo filme gay. Lá em casa a gente tem internet, não é muito boa,

*mas tem. Aí uso meu celular, a gente não tem computador. Acho que só fui bater punheta pra homem depois que comecei a ficar com meninos mesmo, antes era só pra mulher!”.*

### ***Síntese da trajetória do jovem***

Pontuei ao jovem que ele deu o primeiro beijo com uma menina aos 11 anos, começou a se masturbar vendo vídeos e revistas hétero aos 13, teve sua primeira relação sexual e seu primeiro namoro com uma menina aos 15, e terminou o namoro com esta aos 16 anos. Ele concordou. Perguntei então se após o namoro, ele ficou e/ou transou com outras meninas e quando o jovem começou a se interessar por meninos.

Caique disse: *“Então, eu transei com quatro meninas na verdade na minha vida. Depois da minha namorada, comi mais três! (...) Acho que não tenho muito o que falar não, foram meninas que conheci na vida. Tipo, todas foram na minha cidade. Uma eu conheci numa festinha, outra era amiga da namorada do meu irmão e outra também tinha amigos em comum da escola (...) Teve uma que eu fiquei mais sério, que era essa amiga da namorada do meu irmão, ela era legalzinha, mas também acho que tinha pressão do meu irmão pra ficar com ela pra namorada dele ficar meio que feliz, que conseguiu arranjar alguém pra melhor amiga dela (risadas) Foi só depois que eu conheci o Rodrigo”.*

### ***Seu primeiro beijo com alguém do mesmo sexo***

Pedi ao jovem para me falar um pouco mais sobre o Rodrigo, se este tinha sido o primeiro rapaz com que ele ficou. Caique narrou: *“Foi sim, foi no último ano do meu colégio (...) Eu tinha 18 anos já, ele era um pouquinho mais velho, tipo uns 20 (...) Eu jogava handball na quadra da minha cidade, aí o Rodrigo veio jogar um dia, ele era novo na cidade. Ele logo se enturmou que ele jogava bem, e ele morava perto da minha casa. Aí a gente se adicionou no Face e no Insta e no Whats. Aí a gente começou a sair juntos, porque a gente morava perto, a gente ia na praia juntos. Eu acho que comecei a olhar ele com outros olhos um dia na praia, que vi ele de sunga. Teve uma vez que ele trocou de roupa na minha frente, meio que tirando a sunga pra colocar a bermuda. Achei a bunda dele linda, meio que fiquei excitado. Mas eu não tinha entendido direito, eu era hétero. Daí meus pais viajaram e a gente foi na praia e depois eu falei pra gente beber alguma parada lá em casa, aí ele topou. Aí ele tomou banho que ele tava cheio de areia, e vi ele pelado de novo, aí eu vi que tava*

*sentindo alguma coisa. Ele pediu uma cueca emprestada. Daí eu também fui tomar banho e me troquei na frente dele, também só de cueca. Acho que ali eu percebi ele me olhando. Aí eu abri a tela do computador pra ver se a gente via um filme, e tinha um vídeo pornô aberto (risadas) Aí a gente ficou bem sem graça. Aí ele disse: 'Pô, que massa, que vídeo é esse?'; Aí eu falei que tava batendo punheta no outro dia e tinha deixado aberto. Aí ele falou que se eu tava a fim de ver junto, aí eu falei que sim, que topava. Aí era aquela coisa, né, os dois de cueca, na mesma cama, a gente começou a ver o vídeo e começamos a bater uma. Chegou uma hora que ele pegou no meu pau e eu peguei no pau dele, e começamos a bater uma pro outro. Mas aí também ele me deu um beijo, e eu beijei ele de volta. Aí ficamos! (...) Pô foi muito bom, muito bom mesmo. Sei lá, acho que foi natural, aconteceu! A gente continuou se beijando e tal, gozamos, e continuamos conversando no outro dia!"*

#### ***Continuando a conversa via online***

*Caique deu continuidade: "A gente conversou no Whats, ele perguntou se eu tinha gostado, eu falei que bastante. Ele também disse que tinha gostado, mas que tava com vergonha. Eu falei que tava também, mas que a gente podia deixar rolar. Aí a gente ficou conversando um pouco antes no Whats antes de se encontrar de novo. E ele não era da cidade, tinha chegado lá pra tentar a vida e arranjar trabalho numa cidade pequena que não fosse tão cara. Aí ele morava sozinho, num lugarzinho bem pequeno, mas morava sozinho. Aí depois que a gente quebrou o gelo conversando mais no Whats, a gente foi jogar handball juntos um dia (...) Aí a gente jogou e voltamos juntos. Aí a gente foi conversando sobre o que tinha acontecido, que os dois tinham gostado. E ele me chamou pra casa dele, aí eu falei que iria, acho que sabia que ia rolar sexo se eu fosse pra lá".*

#### ***Primeira relação sexual (com penetração) com Rodrigo***

*Caique continuou sua história: "A gente tomou banho e a gente ficou de cueca de novo. Aí ele tinha cerveja também, e bebemos um pouco. Depois começamos a nos beijar já e passar a mão um no outro, aí teve uma hora que ele pegou 'lá' e eu assustei (risadas). Ele perguntou que que eu curtia, eu falei que nunca tinha feito nada com homem, mas que não queria dar (risadas) Aí ele não falou nada". Sobre o uso da camisinha, disse: "Ele tinha na*

*casa dele, ele era mais experiente que eu, não tive problema em usar. Ele já tinha preparado tudo sabendo que eu ia lá mais tarde (risadas) Tinha camisinha e gel também”.*

O jovem continuou: *“Nossa, gostei bastante, nossa! Bem melhor do que com mulher. Quando a gente transou, eu senti outra coisa! (...) Ah, de que era aquilo que eu queria. Foi muito mais selvagem com ele do que com qualquer outra menina (risadas) Foi muito melhor. Eu não tinha certeza se tava fazendo a coisa certa, mas depois que transamos, eu tive!”.*

Caique disse que não chegaram a “namorar”, mas eram “ficantes sérios”: *“Gostei bem mais dele do que de outra namorada”.* Caique foi “apenas” ativo com ele, e em nenhum momento uma possível versatilidade entre ambos foi conversada: *“Acho que ele preferia ser passivo mesmo, e eu não pensava em dar, acho que os dois tavam felizes assim (risadas)”.*

### ***Ida do Rodrigo à São Paulo***

O entrevistado continuou sua história: *“Então, tava tudo bem entre a gente. Mas aí o Rodrigo disse que arrumou uma oferta de emprego em Taubaté, em São Paulo. Aí eu perguntei se ele ia mesmo e ele disse que sim, que o salário era maior e que Taubaté ficava mais perto de São Paulo. Ele disse que gostava de morar perto da praia, mas que ali era muito pequeno pra ele”.* O jovem continuou: *“Eu fiquei bem mal. Acho que ele não achava que a gente tava tão sério assim. Ali eu percebi que a gente ia terminar. Eu real achei que a gente fosse ficar junto mais um tempo. Aí lá por outubro do ano passado (2018) ele foi embora. A gente continuou se falando por Whatsapp, mas vi que ele não tava a fim de ir lá me visitar e ele também não me chamou pra visitar ele! (...) Fiquei malzão. A gente se via sempre, umas cinco vezes por semana, se falava todos os dias, um dizia pro outro que tava com saudades, eu perdi minha virgindade com ele. Pra mim, era um namoro, né? Mas não sei até que ponto ele tava procurando emprego mesmo comigo. Tipo, eu não procuraria, saca? Eu teria ficado em Lauro [de Freitas] com ele. Então acho que eu gostava mais dele do que ele de mim. Fiquei bem mal e foi aí que decidi ir embora de Lauro também!”.*

### ***Ida do jovem para o Rio de Janeiro***

Perguntado se o entrevistado teve “planos” de ir para o Rio de Janeiro, ele respondeu: *“Eu queria ir pra uma cidade grande que eu pudesse ser gay. E não queria Salvador porque era perto de Lauro (...) Tipo, não queria obrigação de visitar meus pais sempre. E Salvador*

*eu tenho família, poderia ter fofoca de alguém me ver na rua com algum homem, ou em balada. Ia ter mais chances da minha família saber (...) Aí eu comecei a entrar em site pra procurar emprego. Mandeí currículo pra tudo que é lugar no Rio, São Paulo, Floripa. No Face vi esse anúncio de segurança pra essa boate daqui. E o anúncio pedia que o rapaz só entrasse em janeiro. O Rodrigo foi embora em outubro, acho que eu vi esse anúncio em dezembro, foi bem perfeito porque tava acabando meu ano, né, ia me formar. Aí falei com o pessoal da boate e disse que ia me mudar depois do ano novo pro Rio. Eles marcaram uma reunião de entrevista comigo e eu passei. Aí tô lá até hoje, em janeiro faz um ano!”.*

Perguntado, Caique disse que sua passagem “só de ida”, custou quase R\$300, passagem paga pelo seu irmão mais velho. A viagem de ônibus durou um dia. Caique explicou ao seu irmão que estava se sentindo “infeliz” em Lauro de Freitas e “queria muito um tempo numa cidade grande pra pensar na vida”. Indaguei se a ida do jovem ao Rio de Janeiro tinha a ver com sua sexualidade: “Ah, com certeza! Foi a primeira vez que gostei de alguém mesmo. Eu tinha que viver mais isso, de ser gay. Depois dele, coloquei na minha cabeça que tinha que ver se era isso mesmo. E cara, ia ser muito foda viver isso em Lauro [de Freitas], eu tinha que ir pra uma cidade grande mesmo. Aí fui feliz da vida pro Rio!”. Perguntado, Caique disse que arranjou o aluguel também via *internet*, conversando com um dos rapazes que morava junto. Desde que se mudou, Caique vivia no mesmo lugar e pagava R\$400 para morar em um quarto no Cantagalo. Já no Rio de Janeiro, e “sem conhecer muitas pessoas”, o jovem contou que baixou o aplicativo “Grindr” para conhecer e “ficar” com outros rapazes.

### ***Conhecer homens através do Grindr***

Sobre o aplicativo, contou: “Foi bem estranho! Eu só tinha ficado com um menino, eu estranhei quando vi que ninguém tinha rosto. Não sabia que o mundo gay era assim. Fiquei assustado quando vi que a oferta pra transar era muito grande. Lembro que me convidaram pra uma suruba e disseram que ia ter muita droga. Aquilo era muito fora da minha realidade. Em Lauro [de Freitas] as pessoas fumavam maconha, mas acho que não transavam usando droga. Nunca tinha ouvido falar de cocaína. No Grindr, tem um monte. Aí enfim, vi logo de cara que ia ser difícil arranjar um namorado aqui”. Perguntado, Caique

disse que “nunca namorou”, mas “queria bastante”. Em quase dez meses de Rio de Janeiro, nunca “ficou sério” com ninguém. E logo comentou sobre como se sentia no aplicativo.

### ***Se sentir “fetichizado” no aplicativo Grindr***

Sobre o *Grindr*, Caique comentou: “*Então, eu acho que as pessoas só querem fuder lá, e eu que sou só ativo, aí acabo sendo visado. Aí eu aprendi que tinham fetiche por ativo favelado, tipo eu. Pro bem e pro mal, entende? (...) No sentido que as pessoas tem tesão pra dar pra alguém da favela, mas também já recebi muitos bloqueios porque dizia que morava no Cantagalo. E tipo, sei que não sou feio e meu corpo não é feio. Daí acho que os bloqueios é porque sou pobre. Recebo muita mensagem de gringo também, querendo que eu coma eles. Acho também que meu nick chama muita atenção (risadas)*”.

### ***O nick do jovem no aplicativo***

Perguntado sobre qual seria o “nick” do jovem no aplicativo, ele me disse: “*1005% ativo*”, e riu. Indagado se eu poderia ver seu perfil, ele disse que sim. Caique tinha uma foto do braço tatuado com tribal na foto do perfil, sem camisa. O *nick* era “1005% ATV” e seu perfil não tinha descrição. Caique preencheu algumas informações: “*Altura: 1,82; Peso: 78kg; Posição: Ativo; O que busca: “Encontros, Namoro, Agora*”.

Perguntei quais as frases os usuários do *Grindr* diziam para ele: “*Ah, perguntavam se eu já tinha dado alguma vez. Aí eu falo que não, tem gente que fala que quer me comer pra saber se eu sou apertado mesmo, mas a maioria fica com mais tesão ainda porque eu sou virgem e nunca dei (...) Geralmente ficam com tesão, que eu sou ‘macho mesmo’ e que iam sentir mais tesão ainda em dar pra mim. Tem uns que eu acho que me testam, pra saber se nunca dei mesmo, pra saber se sou homem mesmo. E ah, já me ofereceram dinheiro pra tirarem minha virgindade, mas não aceitei também!*”. Indagado sobre os possíveis fetiches em ser morador da favela: “*Acho que o fetiche maior é ser só ativo. Mas acho que um complementa o outro. O cara gringo tem a ideia que sou traficante, ativão da favela. Aí eles ficam excitados*”. Perguntado sobre como o jovem se comunicava com os “gringos”, disse: “*Ah, Tradutor do Google, não sei falar inglês ou espanhol (risadas)*”.

### ***A masculinidade***

Solicitado a falar um pouco sobre a “não curiosidade” em ser passivo, ele disse: “Ah, porque acho que eu tenho mais valor no mercado sendo só ativo, e com o cu lacrado (risadas) Entende? (...) No sentido de que me acham mais homem mesmo se meu cu for lacrado. Acho que já ser ativo no Grindr é ótimo, mas ativo virgem, é melhor ainda, porquê daí sou mais disputado e sou visto como machão que nunca dá o cu”.

Perguntado sobre o que o entrevistado achava disso, respondeu: “Eu no fundo gosto, porque te falei que me sinto com mais valor no mercado, apesar de morar na favela. Mas se um dia eu perder minha virgindade do cu, não queria que me vissem como “não macho”. Se eu falar que sou ativo versátil, não vão me ver tão macho assim, porque daí meu cu não vai ser lacrado. Hoje meu cu é intocável, e acho que isso dá mais prazer pra eles na imaginação, de eu ser macho de verdade. Porque homem de verdade, tipo um hétero, não dá o cu nunca. Aí é isso, eu sei que eles me colocam nessa caixinha deles, mas eu acho que aproveito e consigo ficar com bastante cara por causa disso, sendo macho de verdade”.

### ***Ser “macho de verdade”***

Sobre ser “macho de verdade”, Caique disse: “Acho que é aquele cara que não dá de nenhum jeito, tipo eu, ou tipo um hétero, que só come mulher. Eu já cansei de ver no Grindr ou até mesmo quando tô comendo alguém, que eu sou macho, macho comedor. Às vezes me perguntam se eu como mulher também. Aí eu falo que ‘não’. Quando me fazem essa pergunta ao vivo, às vezes percebo uma certa cara de decepção do cara. Se eu só fosse ativo, virgem e ainda comesse mulher, eu ia ser o mais machão do mundo, entendeu?”.

### ***Diferenças entre ser ativo e passivo***

Pontuei ao entrevistado que aparentemente existiam grandes diferenças entre ser ativo ou passivo sexualmente. Ele concordou de forma incisiva e complementou: “As pessoas pensam que o ativo é o homem da relação e o passivo é a mulher da relação. Eu acho só que eu sinto um pouco mais a diferença porquê como sou só ativo, aí pensam que eu sou mais macho ainda. Porque meu cu é intocável. Sei lá, como se eu fosse mais homem ainda por ser só ativo e por nunca ter dado meu cu. Tipo, é a prova que sou homem mesmo. Tenho amigos que contaram pros pais, aí o pai perguntava se ele dava ou não, meio que querendo

*confirmar se o filho era gay ou viado. Se for gay e comer, tudo bem. Se for viado e dar o cu, seria pior. Se eu contar pros meus pais, vou poder falar que não dou o cu e não sou viado”.*

### ***Se assumir gay para os amigos e pais***

Perguntei então se Caique nunca contou aos pais, ou aos irmãos, que era gay, ele disse que “não”. Sobre os motivos de não contar, explicou: *“Cara, eu não sei como meus pais iriam reagir, ainda mais meu pai que é bem machista. Tipo, ele tem quatro irmãos e têm três filhos homens. Lembro uma vez que ele disse que todos os filhos dele são homens porque ele comeu a minha mãe direito. Tipo, se eu falar que sou gay, logo de cara já viro mulherzinha, sabe? Alguma coisa deu errada pra eu não ser homem. Passa muita coisa na minha cabeça, mas vou ser uma decepção pro meu pai. Pro meu irmão até penso em talvez contar um dia, mas ele me ajuda às vezes com dinheiro. Não sei se eu contar pra ele, ele vai achar que uso o dinheiro pra usar drogas e transar por aí. Não sei como seria a reação dele”.*

Indaguei se seus amigos sabiam: *“Ah, sabem sim. Aqui no Rio eu nunca escondi. Vou no posto 9 (risadas), em festinha gay. No trabalho eu não falei, não sei se pegaria mal ter um segurança gay. Mas meus amigos sabem sim”.* Perguntado, Caique afirmou que era segurança de uma boate “hétero”. Indagado sobre onde conheceu seus amigos, ele disse: *“A maioria no Grindr, acredita? Tem uns que não rola sexo, mas rola amizade. Aí tem outros que conheci na praia também, às vezes na boate, aí vai indo (risadas).*

### ***Outros lugares de sociabilidade gay***

Perguntei se para além do Grindr, Caique frequentava outros lugares gays: *“Cara, às vezes vou em festinha gay, mas também não tenho muita paciência (...) Ah, quando conheço alguém bacana e falo que moro no morro, já percebo que a pessoa não curte e não quer mais nada comigo. Tipo, todo mundo quer dar prum ativo favelado, mas ninguém quer me conhecer ou me namorar. Nessas festas vai muito mauricinho da Zona Sul. Tipo, no Grindr não é nada diferente, mas pelo menos não saio de casa e não gasto meu dinheiro”.* Perguntado se o jovem já foi à alguma sauna ou em algum lugar de pegação, ele disse: *“Não, não. Sauna aqui em Copa ou Ipa é muito caro (risadas) Já peguei gente na praia, tipo, de beijo. Mas nunca sexo. Acho que lugar gay é só festinha ou aplicativo”.*



### ***Diferenças entre ser “gay” e “viado”***

Indagado sobre qual seria a diferença entre os “gays” e os “viados” da praia, Caique me disse: *“Ah, o gay é o cara normal que curte outro homem, entende? Que não dá muita pinta, que nem mostra pro mundo todo que curte outro homem. Acho que o viado é o mais afeminado, que dá pinta, que todo mundo vê que é viado, que quer mostrar pros outros que é viado. O gay não, você não percebe logo de cara que é gay”*.

Perguntado sobre como se auto denominaria, Caique, sem pensar, respondeu: *“Gay, com certeza! Não dou pinta por aí. Tem gente que diz que nem pareço gay, acham que sou hétero. Dizem que eu passo por hétero. Não sou afeminado, não sou viado, sou gay!”*.

### ***Primeiras informações sobre relação sexual e camisinha***

Perguntei como ele teve as primeiras informações sobre camisinha e relação sexual. Ele contou: *“Acho que foi com meu irmão. Não sei se falei, mas pedi camisinha pra ele quando fui perder minha virgindade, ele me deu (...) E acho que depois foi pela internet (...) Ah, tipo, eu nunca li em nenhum lugar, mas via filme com camisinha, meio que sabia que tinha que usar, que era só colocar no pau (risadas) (...) Acho que é isso, vi em filme e falando com meu irmão. Hoje falo com meus amigos e tal, sobre camisinha, KY, PReP. Mas acho que as primeiras coisas que fiquei sabendo foram com meu irmão e vendo filme mesmo”*. Caique disse que nunca conversou com os pais sobre camisinha e tampouco na escola.

### ***Informações sobre PEP e PReP***

Perguntei o que o jovem sabia a respeito de PReP: *“Eu sei que têm alguns amigos que tomam pra transar sem camisinha, ou não sei se tomam pra não terem medo de pegar alguma doença. Mas sei que tem como pegar outras doenças mesmo tomando PReP. Aí é isso, sei que ninguém paga pra tomar, mas pra falar a verdade nunca pensei em tomar, transei com poucos caras e não transo sem camisinha”*. Perguntado se Caique sabia com quantos homens já tinha transado, ele disse: *“Então, esse ano foram dez. Quase um por mês (risadas) Eu vim pra cá tendo transado só com um carinha, né, o Rodrigo. Aí conheci outros aqui e tenho na cabeça com quantos caras eu transei, na verdade foram 11”*. Indagado sobre como conheceu os “dez caras”, ele respondeu: *“Acho que só um por amigos em comum, um*

*conheci na praia e outro conheci na balada. Os outros sete foram pelo Grindr (risadas) Como te falei, não sou de sair muito nem nada. A maioria que conheci no Grindr mesmo”.*

Indaguei se algum desses dez rapazes eram moradores de alguma favela, ou até mesmo do Cantagalo: *“Já peguei um carinha que morava perto de mim. Conheci ele no Grindr também. Mas a gente não transou. Os outros eram do asfalto, a maioria de Copa ou Ipa, porque o Grindr mostra quem tá mais perto de você”.*

Perguntei se existiam diferenças entre ele ser morador de uma favela e ficar com homens que não moravam em favela: *“Olha, como falei, eles têm mais tesão em dar pra um cara que é ativo e favelado. Já me senti ofendido de acharem que eu tenho drogas só porque moro numa favela. E tem aquela coisa, eles querem curtir comigo, não querem nada sério”.* Perguntado se namoraria alguém morador da favela em que morava, Caique disse: *“Namoraria sim, não veria problema. Mas sei lá, não namoraria traficante, nem nada. O cara ia ter que ser trabalhador que nem eu. Também não quero namorar Zé droguinha, que usa droga. Se eu conhecer alguém bacana da favela e que fosse passivo, namoraria sim!”.*

### ***Desejo de namorar***

Perguntei ao entrevistado se ele sentia vontade de namorar: *“Tenho muita. A pessoa que eu mais gostei na minha vida foi o Rodrigo, e sei que a gente não vai voltar a ficar, seria bom eu sentir de novo o que senti por ele. Mas tipo, não sei como explicar, não queria namorar alguém que só me visse como um pau. Eu nunca namorei e quero muito namorar, mas não quero namorar alguém que me olhe como as pessoas do Grindr me olham. Queria alguém que tivesse uma parceria, assim como eu tinha com o Rodrigo. Não era só sexo. Tinha o jogar handball, ir na praia juntos, conversar horas no Whats, essas coisas. Sei lá, pra mim, com ele, teve carinho e companheirismo, coisa que não vejo aqui no Rio, pelo menos não encontrei até agora. Só querem sexo. Nenhum carinha que já comi demonstrou nada. Se for pra namorar qualquer um que só quer sexo ou drogado, prefiro ficar solteiro mesmo. Então é isso, tô indo com calma!”.*

### ***Uso de drogas nas relações sexuais***

Perguntei se algum outro rapaz com quem Caique já fez sexo, usou alguma droga ou ofereceu ao jovem usar no momento da relação sexual: *“Então, teve uma vez só que eu comi*

*um cara de Ipanema que tinha Poppers, sabe o que é? Aí ele usou, é um troço que ajuda o passivo a relaxar, né. Aí ele me ofereceu e eu experimentei. Aí eu curti bastante, mas ele falou pra eu não usar muito porque podia afetar meu pau ficar duro, aí eu não quis usar muito porque fiquei com medo de broxar (risadas) E sei que aqui tem que pagar muito caro. Daí só vou usar de novo se algum cara que eu pegar, tiver lá na casa dele e me oferecer!”.*

Sobre maconha, Caique disse que já experimentou, mas que nunca fez o uso durante alguma relação sexual: *“Meus amigos que moram comigo às vezes fumam, aí eu também dou um pega às vezes. Às vezes quando tô na praia e alguém me oferece, eu também fumo, mas não é sempre. Também nunca paguei pra fumar maconha, só quando alguém tem”.*

### ***Ficar com pessoas trans***

Para finalizar, indaguei se o jovem já ficou com alguma pessoa trans: *“Eita! Então. Não entendo muito bem disso, não (risadas) Já vi e não tenho nada contra. Mas nunca fiquei e nunca ficaria (...) Acho estranho. Não sei se eu tô certo, mas mulher trans tem pau e homem trans tem buceta, não? Então, faz muito tempo que eu não fico com mulher, seria estranho ver uma buceta de novo. A mulher com pau também seria estranho. Eu tô me confundindo aqui na cabeça, mas dá impressão que nenhum é 100% homem ou 100% mulher, então fica meio confuso. Eu gosto de homem que parece homem e que tenha pau. Nenhum deles é assim, concorda? Então acho que nunca ficaria”.* Indagado se não poderia ser ativo com uma mulher trans: *“A mulher trans seria pau e cu, né? Mas como te disse, ela não parece homem, parece mulher. É mulher com pau. Sei que poderia comer, mas ver um cara com pau e vestido de mulher, isso não me deixaria de pau duro. Então, não rola mesmo!”.*

### ***Finalizando a entrevista***

Após um pouco mais de duas horas de entrevista, perguntei se ele gostaria de falar algo a mais para encerrarmos a entrevista. Ele disse que não, e caso fosse necessário, poderia realizar mais perguntas através do *Whatsapp*. Encerramos e nos despedimos.

## *Caique*

Tabela 15: Síntese da história do Caique

<i>Caique</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>20 anos</p> <p>“Pardo”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu no interior da Bahia. Morava há um ano na favela Cantagalo, Zona Sul do RJ</p> <p>Nunca namorou: “Nunca namorei e quero muito namorar”</p>	<p>Ensino médio completo em uma escola pública de sua cidade natal</p> <p>Trabalhava como segurança em uma boate hétero da Zona Sul do Rio de Janeiro</p>	<p>Morava dois conhecidos, um também gay. Mãe, de 42 anos, costureira. Pai, 50, açougueiro. Dois irmãos, de 23 e outro de 17</p> <p>Pais “bem católicos”</p> <p>Não era assumido para a família: “<i>Não quero que eles pensem que alguma coisa deu errada pra eu não ser homem</i>”. Assumido para os amigos</p>	<p>Primeiro beijo com uma “menina da rua”, aos 11. Menina da mesma idade. 1ª relação sexual com menina, aos 16, foi sua namorada. Tinham a mesma idade. Sexo com 4 meninas</p> <p>Masturbação aos 13 anos, vendo filmes pornôs héteros e revista Playboy</p> <p>1º beijo com homem aos 18 anos, parceiro de 20. Se conheceram jogando handball juntos. 1ª relação sexual, aos 18 também. Jovem foi ativo e usaram camisinha</p> <p>Jovem se considerava “ativo mesmo”</p> <p>Transou com 11 homens em sua vida, maioria conheceu pelo Grindr. Nunca foi passivo</p> <p>Nunca fez exame de HIV</p>	<p>Jovem se considerava “ativo mesmo”, “favelado”, “ativão favelado”, “pobre”, “fortinho”, “tatuado”, “pau grande”, “cu lacrado”</p>	<p>Tinha computador em sua cidade natal, no quarto, que dividia com o irmão mais velho. Pais pagam <i>internet</i>. Tinha celular próprio desde os 16</p> <p>Fez download do Grindr aos 19 anos, no Rio de Janeiro. Tinha o app há um ano. Gostava da “vida de solteiro no app” mas “queria muito namorar”</p>	<p>Bloqueadas no aplicativo: “<i>Já recebi muitos bloqueios porque dizia que morava no Cantagalo. E tipo, sei que não sou feio e meu corpo não é feio. Daí acho que os bloqueios sou porque sou pobre</i>”</p>

## **Paulo**

---

*“No mundo gay não pode ser afeminado, não pode ser gordo, não pode nada, aí sim fica uma missão impossível conseguir alguém”*

---

Não conhecia o Paulo. Também foi indicado pelo amigo classe média já mencionado. Entrevista realizada em um café no Flamengo, Zona Sul da cidade.

### ***Caracterização sociodemográfica***

Paulo tinha 21 anos, nasceu e morava em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Disse que *“sempre morou na mesma casa, que era da avó”*. Morava com a mãe, de 48 anos, professora de Português em uma escola pública de São Gonçalo; com o pai, de 53, frentista; com a avó materna, de 68 anos, aposentada; e com mais dois irmãos mais novos, uma irmã de 14 anos e um irmão de 16, ambos estudantes de uma escola pública em Niterói. Paulo se considerava da cor/raça “parda” e da religião “católica”, assim como seus pais.

O entrevistado estudava no segundo ano de Geologia de uma universidade pública. Disse que foi o primeiro da família passar em uma universidade pública: *“Eu fiquei muito feliz, não esperava passar, e passei de primeira! (...) Eu gosto do meu curso, mas é bem difícil. Já reprovei algumas vezes, por isso não trabalho sempre!”*. Perguntado sobre o trabalho: *“Às vezes Eu faço ‘Uber eats’, tenho uma bike. A gente não paga aluguel, que é uma coisa boa, mas não sobra dinheiro pra muita coisa porquê tem a minha avó, que é de idade aí tem mais gastos com ela, aí é difícil meus pais me ajudarem. Daí por isso às vezes trabalho, pra tirar uma grana pra fazer minhas coisas, mas não trabalho sempre porquê tenho a faculdade e quero me formar sem repetir mais vezes!”*.

### ***Primeira experiência amorosa***

Sobre sua primeira experiência amorosa: *“Então, pelo que eu entendi da pergunta, minha primeira experiência amorosa foi com um homem, eu tinha... Assim, a experiência amorosa que teve envolvimento?”*. Respondido que poderia responder o que viesse em sua mente, continuou: *“A minha foi com um homem. Eu tinha 18 anos. Ele foi meu primeiro*

*beijo! Quer dizer, ele foi meu primeiro beijo com homem! A gente se conheceu e acabou namorando, namorando uns dez meses”. Perguntado como o conheceu, disse: “Então, conheci ele no Grindr (risadas) (...) É que assim, eu sou meio atrasado na minha vida gay (risadas) Eu só fui admitir que era gay lá pelos 17 anos, tipo, antes eu até era meio homofóbicozinho. Não gostava de ver gays e não tinha nenhum amigo que fosse. E eu achava que eu realmente gostava de meninas. Então as coisas demoraram um pouco pra acontecer. Mas quando beijei ele, nossa! Me surpreendi. Foi muito diferente do que eu senti pelas outras meninas. Fiquei muito de pau duro e vi que gostava daquilo”.*

### ***Explicando melhor ser “atrasado” e ser “homofóbico”***

*Sobre ser atrasado na vida gay: “Acho que eu nunca liguei muito pra essas coisas de sexualidade. Meus amiguinhos da escola tavam beijando, alguns batiam punheta, e eu nada. Não tinha vontade mesmo. Acho que já sabia que no fundo era gay e não admitia isso pra mim mesmo. Então eu demorei pra ficar com meninos!”. Perguntado se ter beijado pela primeira vez uma pessoa do mesmo sexo aos 17 anos era “atrasado”, respondeu: “Acho que sim! Eu vejo meus amigos gays, eles perderam a virgindade lá por 15, 16. Eu não, só fui beijar com 17. Acho que sou um pouco atrasado sim!”.*

*Sobre ser homofóbico, ele narrou: “É porque lá na minha escola (...) Isso, escola pública. Tinha uns dois, três meninos que eram mais afeminadinhos. Aí eu não gostava deles, meio que falava mal deles também, não queria chegar perto. Falava pros meus amigos e minhas amigas que eles eram viadinhos, que pareciam mulherzinhas e que eu não queria conversar com eles. Daí meu primeiro beijo foi com uma menina”.*

### ***Primeiro beijo com uma menina***

*Sobre o primeiro beijo com uma menina, Paulo narrou: “Foi com uma amiga que estudava comigo com 15 anos. Tipo, acho que todo mundo já tinha beijado lá pelos 10, 12 anos, eu ainda não. Não passava na minha cabeça que eu gostava de meninos, sério mesmo. Aí teve uma festa junina da escola, tinha aquela barraca do beijo (risadas) Aí a regra era que se alguém te chamasse, você tinha que ir. Aí essa menina me chamou! E meio que toda a escola tava ali querendo ver quem ia entrar. Eu tava com medo, mas tinha que ir se não ia ficar feio (...) Uma menina te chama pra beijar ela e você não vai, você tem que ir, né (...)*

*Ah, feio porquê não é comum, né. Uma menina chegar em você e você dizer 'não'. Ainda mais na frente de todo mundo. Aí sim eu acho que iam me chamar de viadinho, essas coisas. Eu sei que é bem idiota, mas que quando criança você liga bastante pra essas coisas, que quê seus amigos vão achar. E eu não queria parecer viado, aí fui! Foi horrível! A gente bateu dente e não durou cinco minutos, não teve química nenhuma (...) Foi só aquela vez!”.*

O jovem disse que sua amiga tinha a mesma idade que ele na época. Ou seja, 15 anos. Perguntado se alguma vez já havia treinado dar o primeiro beijo, respondeu: *“Já vi Youtubers falando sobre como beijar, essas coisas, já tinha meio que treinado com a laranja também. Teve um Youtuber falando pra chupar a laranja pra treinar o beijo e eu bem trouxe fui tentar imitar (risadas). Dai já tinha chupado laranja sim, esses Youtubers falavam pra abrir bem a boca, pra ficar calmo na hora e não ficar muito afobado, ensinando a gente! (risadas)”.*

### ***Um pouco mais sobre seu primeiro namorado***

Pontuei que Paulo havia comentado que conheceu seu primeiro namorado com 18 anos, através do *Grindr*, e que este foi seu primeiro beijo com homem. Paulo concordou. Perguntei como foi a experiência de conhecer seu ex namorado através de um aplicativo: *“Ah, eu dei esse meu primeiro beijo numa menina, né. Aí eu continuei beijando algumas outras, teve uma época que eu era até o pegadorzinho da escola (risadas) Mas tipo, meio que nada acontecia (...) Eu não ficava de pau duro! Aí teve uma vez que uma menina meio que pegou nele e fez uma cara de que não tava entendendo o que tava acontecendo. Aí comecei a ficar com vergonha de ficar com meninas e comecei a pensar que era porque eu não gostava. Acho que com 17 anos, eu comecei a ver filme pornô gay”.*

### ***Filmes pornôs e masturbação***

Paulo continuou: *“Eu já via pornô hétero, batia punheta e tal. Mas só fui ver filme gay um pouco antes de conhecer meu ex (...) Ah, acho que bati punheta lá por 13, 14 anos. (...) Tipo, acho que com 13 anos eu ganhei meu primeiro celular. (...) Sim, a gente tinha computador em casa também, mas todo mundo usava ele, aí o celular era só pra mim, né? Aí eu acho que tive mais liberdade e não ficar com medo se alguém ia descobrir o que que eu tava olhando (...) Ah, liberdade porque querendo ou não, você não fica preocupado se alguém vai mexer nas suas coisas, e nem digo mexer por maldade, mas você pode esquecer*

*o pornô ligado no computador e alguém pode ver. Como o celular era só meu, não tinha esse medo. Aí eu colocava o fone de ouvido no banheiro e batia uma punheta lá, sem me preocupar se alguém tava me ouvindo (risadas)”.*

Continuando sua história, Paulo contou: *“Então, depois de ter ficado com essas meninas (...) Ah, foram bastante! Eu era meio que pegadorzinho. Devo ter beijado umas dez, 15 meninas entre 15 e 16 anos. Aí como falei, comecei a ver pornô gay, e meio que percebi que eu ficava mais excitado vendo eles. Tipo, meu pau ficava mais duro (...) Humm, não lembro o que eu procurei, mas assim, eu já conhecia os sites pornôs, né? Isso não foi tão novo pra mim. Aí acho que digitei ‘gay’ no site e apareceu lá os caras. Aí acho que nunca mais bati punheta vendo pornô hétero, hoje eu já vou direto no pornô gay (risadas). Aí sabia que aquilo era o que eu queria. Depois de alguns meses baixei o Grindr mesmo”.*

### ***Estranhamentos do Grindr***

Sobre o Grindr, continuou: *“Então, já com o Grindr eu meio que já tinha certeza que tinha decidido que tinha que tentar ficar com um menino. Mas eu não tinha amigo gay pra ir pra balada. Aí joguei no Google como que eu poderia conhecer gente sem gastar dinheiro. Aí veio os aplicativos. E o Grindr era o mais famoso, que mais gente tinha baixado, aí eu fiz. Depois de um tempo, eu conheci ele, nos encontramos e nos beijamos (...) Sim, demorou um pouco pra eu ficar com alguém. Era tudo muito estranho pra mim. Eu era hétero, né? Entrar num aplicativo gay que ninguém tinha rosto, todo mundo tava sem camisa nas fotos, todo mundo perguntando o tamanho do seu pau, acho que fiquei bastante assustado no começo. Queria conhecer alguém um pouco antes. Por isso demorei um tempo pra sair com alguém”.*

### ***Seu primeiro encontro e o primeiro beijo com um homem***

Sobre o encontro com seu ex namorado, Paulo disse: *“Aí depois de um tempo tentando conversar com as pessoas, consegui conversar com ele, e nos encontramos. Ele morava em Niterói, nem tão longe de mim assim. Aí eu tava no Plaza Shopping, que é perto da casa dele e a gente começou a conversar. A conversa foi rolando e um dia a gente se encontrou na Cantareira numa quinta (...) Aí a gente foi prum cantinho ali na esquina da praça e nos beijamos. E foi bem bom, a gente não bateu dente nem nada (...) Ele sabia que era meu*



*primeiro beijo com outro menino, ele foi bem calmo. E o mais legal é que ele mostrou interesse de continuar me vendo. Depois de um mês começamos a namorar”.*

Paulo disse que ficou “muito feliz e animado” por namorar um homem, e que “*sentia que estava fazendo a coisa certa*”. Sobre seu ex namorado, continuou: “*A gente se deu super bem (...) Ele era um pouco mais velho que eu (...) Eu tinha 18 e ele 20 (...) Ele trabalhava no Outback no Plaza Shopping (...) Na verdade ele é do interior do Rio, aí não morava com os pais, eu que dormia na casa dele, aí ajudava bastante, ninguém tinha dinheiro pra gastar com motel (risadas) (...) Eu falava pra minha mãe que as vezes ficava com uma menina e não sabia se ia dar namoro, por isso não queria apresentar pra eles. Aí era de boa dormir na casa dele (...) Ele dividia com os amigos, então não era problema!*”.

### ***Se assumir gay para os pais***

Sobre a possibilidade de falar para os pais sobre ser gay, Paulo disse: “*Então, eles não sabem. Não falei pra eles na época e também não contei até hoje*”. Sobre os motivos para não ter contado aos pais: “*Ah, eu ia ser uma decepção pra eles se contasse. Eu não sei se eles desconfiam, mas eles falavam essas coisas de como um homem devia se comportar, tipo, um machão e tal. Se eu falar que eu sou gay, com certeza eles não vão me ver como um filho ideal. Eu tô fazendo faculdade, ainda vou demorar um pouco pra me formar, mas quero muito sair de casa assim que formar. Penso pelo menos se eu não morar na casa deles, eles não vão poder me bater nem me expulsar de casa. Teve um dia que um menino da rua que era um pouco afeminadinho foi lá na rua com um namorado, tipo, de mão dada, se assumindo, né. Todo mundo do bairro comentou, aí meu pai falou: ‘Imagina como que é prum pai ver o filho que ele criou virar viado!’; Ele ia ficar bem decepcionado. E minha mãe também não é muito diferente, ela é bem católica, acho que ela acha que é pecado, que é desvio, essas coisas. Ela votou no Bolsonaro, acredita? Ficava repetindo aquelas coisas que a família precisava ser salva, os valores de antigamente, essas merdas que a igreja também fala. Enfim, não me sinto na obrigação de contar, tenho uma boa relação com meus pais, não quero estragar isso. Pelo menos acho que me protejo de alguma coisa ruim acontecer. Prefiro não contar mesmo! Talvez um dia eu conte quando não morar mais com eles”.*

### ***A primeira relação sexual do entrevistado***

Perguntei se o jovem fez seu “primeiro sexo” com seu namorado. Ele exclamou: *“Sim! Nunca tinha feito antes, e nunca transei com mulher também, nem nunca fiz oral, graças a Deus! (risadas) (...) Ah, sei lá, acho que passei um tempo da minha vida me forçando a gostar de mulher, acho que eu poderia ter ficado com algum menino mais cedo antes do meu ex. Mas também acho que pelo menos eu não cheguei a me enganar tanto assim, de ficar trepando com mulher ou namorando uma. E lembro também do meu primeiro beijo, que meio que fiz por obrigação e sabendo que não queria fazer. E foi bem ruim!”*

Perguntei ao Paulo sobre a decisão de ser ativo, passivo ou versátil sexualmente: *“Eu fui ativo com ele. Sou só ativo na verdade, nunca dei. Tipo, ele sabia que eu era virgem, ele não era. Aí a gente falou sobre isso e tal. Quer dizer, ele já era passivo na época. Eu acho que foi meio que natural, sei lá, ele falou que era versátil mais passivo e eu falei que era virgem, mas que de primeira preferia comer. Mas aí durante todo o namoro, eu só comi ele também. Ele nunca reclamou que queria ser ativo, então só eu era ativo (risadas)”*. Sobre a relação, Paulo disse: *“Cara, foi ótima. Ótima mesmo! Mas a gente tava bem bêbado, nem nos beijamos muito e já fomos logo metendo. Poderia ter sido com mais calma”*.

### ***Uso da camisinha na primeira relação sexual***

Sobre o uso da camisinha, Paulo disse: *“A gente não usou. Nossa primeira vez não foi planejada. Aí a gente foi numa festinha no Centro eu dormi na casa dele. A gente ficou bem bêbado. Aí rolou sem camisinha. No outro dia a gente conversou sobre isso. Ele falou que tinha transado com poucos caras, e com camisinha. Eu era virgem, né. Logo depois a gente começou a namorar”*. Também perguntado se seu primeiro namorado fez exame de HIV ou outras ISTs, Paulo respondeu que não. O entrevistado também não fez no início do namoro e disse que nunca fez algum exame de infecções sexualmente transmissíveis.

### ***Um pouco de “dificuldade” em ser passivo***

Paulo continuou: *“Tipo, acho que tenho dificuldade um pouco em ser passivo (...) Ah, tipo, eu acho que você tem que tá muito bem com você mesmo pra dar o cu, entende? (...) No sentido de não se preocupar com o que os outros vão falar. Quando eu falo que sou só ativo pros meus amigos, eles falam: ‘Você é ativão!’. E eu desse, ia perder esse respeito, entende?”*

*Aí prefiro ficar só ativo”. Indagado se Paulo tinha vontade de ser passivo sexualmente: “Vontade eu tenho. Mas preciso tá bem comigo mesmo e não achar que vou ser menos homem por causa disso. Prefiro tirar vantagem de ser ativo. E ah, o cara precisa ser homem de verdade pra me comer também”.*

### ***Ser homem de verdade***

Perguntado o que seria um “*homem de verdade*” para o jovem assim ser passivo sexualmente: *“Ah, Se for pra dar pra um afeminado, prefiro nem dar. Uma vez fiquei com um gringo numa festinha no centro. Af! Ele era alto, tinha uma barba, cabelo baixinho, era fortinho, voz de homem, jeito de homem, pegada de homem! Eu super daria pra ele. Mas acho que ele ficou com medo de levar um desconhecido pro hotel dele, aí acabou que nem rolou, mas acho que teria dado pra ele naquela noite. Acho que o tesão tem muito a ver se o cara se comporta como homem, né. Acho que se eu desse pra um homem mais homem, acho que seria melhor pra mim (...) Melhor no sentido de que ia ser mais fácil, como te falei, acho que você tem que tá bem com sua masculinidade pra ser passivo, de não achar que tá sendo menos homem por estar dando. Aí acho, que pelo menos pra mim, que se eu desse pra um cara com mais jeito de homem, eu não ia me sentir tão inferior por tá sendo passivo”.*

### ***Diferenças entre ser passivo e ativo***

Indagado se para o jovem, existia diferenças entre ser passivo ou ativo na sociedade, respondeu: *“Acho que muita gente que pensa que o ativo é o homem da relação e o passivo a mulher, apesar de serem dois homens transando. Tipo, você ouve muito por aí que o ativo é mais macho, a outra pessoa é passiva, é a mulherzinha”.* Indagado se Paulo concordava que essas diferenças tinham que ser assim, ele respondeu: *“Ah, não deveria ser assim. Como te falei, eu no fundo quero dar, mas fico meio com medo de ser taxado de mulherzinha que dá a bunda, de passivona, essas coisas. Eu não concordo que tinha que ser assim, mas é difícil mudar as coisas. Eu acho legal que tenho uns amigos que são bem o contrário, que dizem que os gays precisam assumir que são passivos, eles batem no peito que os gays precisam assumir sim que são passivos, essas coisas assim. Mas são bem poucos, e acho também que eles são meio que rejeitados (...) Tipo, tem menos valor no mercado, sabe?”.*

### ***Ter valor no mercado***

Solicitado a falar mais sobre “ter valor no mercado”, Paulo narrou: *“Ah, porquê no fundo sempre vão preferir o mais masculininho, bombadinho, mais machinho. Aí é isso, eu acho super legal que eles batem no peito e defendem isso, que tem que assumir que é passivo e que é feliz sendo mais afeminado, mas eles reclamam muito que na balada ninguém olha muito pra eles, nem nos aplicativos, tipo, levam muitos bloqueios. O mais masculino é mais respeitado sim e tem mais valor quando tá na pista. E acho sim que quem não fica meio que nesse padrão né, de ser mais masculino, acaba ficando mais sozinho. Daí sei lá, eu nunca pensei sobre isso, mas acho que meu preconceito de ser passivo tem um pouco a ver com isso (...) Eu não sou muito bonito, sou pobre, faço um curso de faculdade de pobre, mas pelo menos sou ativo, sabe? Daí eu acho que pelo menos meu valor no mercado é maior. Se eu for passivo, acho que ninguém vai querer me comer e vou morrer na solidão mesmo”*.

### ***Ser sozinho e a solidão***

Sobre a última frase, que os gays não tão masculinos acabam ficando mais sozinhos, Paulo me explicou: *“As poucas pessoas que eu conheço que são um pouco mais afeminadas, falam que recebem diversas bloqueadas nos aplicativos, principalmente no Grindr, aí eles falam que se sentem mal no aplicativo e essas coisas. Que ficam procurando e procurando alguém pra conversar e sair, mas nunca conseguem, e dizem que apesar de ficarem muito tempo online, se sentem sozinhos de qualquer jeito. E ah, sem contar na solidão dos aplicativos porque acho que quase todo mundo ali não quer envolvimento, quer só sexo. Mas quem quer bater um pouco de papo antes, conhecer um pouco, ou ter um pouco mais de envolvimento, aí considero mais pro lado de solidão, porque é difícil você ter um pouco de envolvimento com alguém, ainda mais quando tem essas diversas regras, de que tem que ser assim, ou tem que ser assado, no mundo gay não pode ser afeminado, não pode ser gordo, não pode nada, aí sim fica uma missão impossível conseguir alguém”*.

Perguntado se o jovem se sentia sozinho nos aplicativos, ele disse: *“Com certeza. Tipo, tô namorando há um ano. Antes de conhecer ele, eu fiquei pouco tempo solteiro e fiquei no Grindr e no Hornet. As vezes entrava em chat também (risadas) (...) Tipo Chat Uol e Terra. Mas era um saco entrar no celular, aí não era bom. Mas assim, era bem difícil sim. Me xingavam de feio e gordo por exemplo, aí ou as pessoas me bloqueavam ou eu bloqueava*

elas. Paulo continuou: *“Aí foi isso, eu logo conheci meu namorado (...) Aham, pelo Grindr. Aí eu não queria ficar mais nessa caça online e logo comecei a namorar ele. Acho que eu fiquei uns seis meses nos aplicativos. Desde que comecei a ficar com meu namorado, eu nunca mais baixei. A gente ficou algumas vezes e logo começamos a namorar, aí nunca mais usei nenhum aplicativo nem chat”*.

Paulo me explicou que fez sexo com dois rapazes, sendo estes dois seus namorados na época. Pelos aplicativos *Grindr* e *Scruff*, Paulo disse que ficou com dois rapazes, que resultou *“apenas em mamada”*. O entrevistado me contou sobre as ocasiões: *“Ah, não tenho muito o que falar, eu tava online, eles tavam online, eles só queriam transar, eu tava com tesão também, eles tinham local, aí eu fui. Mas sabia que não ia dar em nada, eles não queriam nada sério comigo. Foi por isso que te falei, quando você não espera nada desses aplicativos, você consegue ter diversão. Mas conheci meu namorado e sou mais feliz assim, namorando, como falei, essa caça online é bem cansativa, e sei que eu não tenho o corpo pra me dar bem nesses aplicativos”*.

#### ***Um pouco mais sobre o namorado atual***

Sobre seu namorado atual, o entrevistado disse que namorava um rapaz de 23 anos, também morador de São Gonçalo. Contou o seu namorado era estudante da mesma universidade. Seu namorado morava com os pais, *“mas aceitavam o namoro numa boa”*, assim, Paulo dormia *“de vez em quando”* na casa dos pais do namorado. Seu namorado visitou a casa do entrevistado e foi apresentado aos seus pais como *“amigo da faculdade”*. Quando se conheceram pelo *Grindr*, seu namorado havia colocado no perfil do aplicativo que era *“versátil passivo”*. Durante os encontros, havia dito que era *“apenas passivo”*. Logo, Paulo disse: *“Acho que ele é só passivo, na verdade. Mas pra você ver, nem ele assume que é só passivo. Acho que ele tem um pouco de vergonha de assumir”*.

#### ***Receber uma ligação durante a entrevista***

Paulo recebeu uma ligação após quase uma hora e meia de entrevista. Contou que estava atrasado pois havia combinado de jantar com seus pais. Perguntou se eu tinha mais alguma pergunta para realizar para finalizar a entrevista.

### ***Informações sobre camisinha, PReP e PeP***

Perguntei como ele obteve as primeiras informações sobre camisinha, sobre PReP e PeP: *“A camisinha sempre ouvi falar, acho que minha mãe algumas vezes comentou quando eu fiz 18 anos pra eu botar a borracha no peru, que ela não queria ser avó. Meu pai sinceramente eu não lembro de nada. Quando eu comecei a ter mais amigos gays também, aí lembro que fiquei sabendo de PeP por causa deles. Um precisou tomar porque fez sexo sem camisinha, parece que o cara gozou dentro. Aí sim eu fui saber o que era mesmo e sabia que se acontecesse comigo, eu tinha que procurar o SUS pra tomar, essas coisas. Mas nunca fiz, nem PeP nem PReP. E acho que pela internet também, de procurar no Google o que fazer se a camisinha estourar, onde fazer exame de AIDS, essas coisas. Mas acho que tudo foi mais pela internet mesmo e amigos gays (...) Não, nunca tive na escola”*. Indagado se no namoro atual, ele e seu namorado fizeram testes para detectar alguma IST, Paulo disse que “não”, que confiava em seu namorado e que este disse que nunca havia feito sexo sem camisinha antes dele.

### ***Outras sociabilidades do jovem***

Sobre a possibilidade de o jovem frequentar saunas, ou outros lugares, disse: *“Nunca fui em sauna, balada fui em algumas, mas na época que eu tava solteiro. Vou pouco com meu namorado, a gente vai mais na Cantareira, que é o melhor dia de ir numa quinta, mas aí nem sempre eu posso ficar até muito tarde. Mas lá é legal, não paga pra entrar, tem caipirinha barata (risadas) e é perto da minha casa. Como namoro, prefiro sair pro shopping com ele ou ficar com ele, aí você fica com preguiça de balada (risadas)”*. Sobre “lugares de pegação”, Paulo respondeu: *“Eu sei que têm lugares ali na faculdade que rola, já vi certos olhares no banheiro do shopping também, mas nunca fiz. Já fui olhado quando tava solteiro, mas sei lá, tenho medo de ser pego também nessas coisas de lugar público, aí nunca fiz”*.

### ***Possibilidade de ter um namoro “aberto”***

Perguntei se o jovem em algum momento teve um relacionamento aberto, com o atual namorado ou com o primeiro. Paulo, enfático, respondeu: *“Nossa, jamais! Se ele me pedir isso, eu morro (risadas) Não, não ia aceitar. Não é pra mim. Prefiro as coisas do jeito*

*normais (risadas) (...) Relacionamento fechado mesmo! Eu ia ter muito ciúmes. Mas me sinto feliz com namoro fechado, não trocaria por nada!”.*

### ***Drogas nas relações sexuais***

Indagado se o jovem fez uso de alguma droga nas relações sexuais, ele contou: *“Nunca usei drogas no sexo, o máximo foi transar bêbado com meus namorados, aí a gente não usava camisinha, tipo da primeira vez que perdi minha virgindade. Eu já fumei maconha uma vez e não gostei, fiquei lesadíssimo, mas não transando, foi só pra experimentar mesmo”.*

### ***Ficar com pessoas trans***

Perguntado se já ficou com alguma pessoa trans: *“Eu nunca fiquei. Não sei se eu ficaria. Não ficaria por causa do meu namorado, mas assim, por vontade eu não sei, acho que se fosse uma trans mulher eu não ficaria não, eu não gosto de mulher, se for um trans homem, não sei, nunca pensei, uma coisa que nunca me atraiu também foi travesti, não gosto de mulher de nenhum jeito. Sei que mulher trans tem pinto, mas ainda assim é mulher. E homem trans parece homem, mas tem buceta, e eu não gosto de buceta”.* Indaguei se mesmo se considerando apenas ativo, isso não seria um pouco mais fácil para ficar com um homem trans: *“Huum, eu acho que não. Ia tá faltando o pinto (risadas) Quando eu como um cara, é bom ver o pau dele, né. E gosto de chupar também. O homem trans não ia ter isso. Poderia até beijar um homem trans bêbado na balada, mas não transaria, nem namoraria”.*

### ***Finalizando a entrevista***

Perguntei se Paulo gostaria de falar algo a mais para finalizarmos a entrevista: *“Acho que não. Mas queria falar que do meu primeiro namorado, eu não tenho nada contra quem tem namoro aberto, mas acho que eu ainda sou meio novo pra certas coisas e teria dificuldade de ter um namoro aberto e teria dificuldade em ficar com trans. Não tenho nada contra com quem tem namoro aberto ou é trans, mas não quero parecer que tenho preconceito com essas coisas, só acho que não é pra mim mesmo!”.*

## *Paulo*

Tabela 16: Síntese da história do jovem Paulo

<i>Paulo</i>	<i>Escolaridade/ Trabalho</i>	<i>Família</i>	<i>Síntese da trajetória afetivo-sexual</i>	<i>Referências sobre seu corpo</i>	<i>Experiência do uso da internet</i>	<i>Experiência de violências online</i>
<p>21 anos</p> <p>“Pardo”</p> <p>“Católico”</p> <p>Nasceu e sempre morou em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro</p> <p>Namorando atualmente há um ano</p>	<p>Ensino médio completo em uma escola pública em Niterói. Estudava no segundo ano de Geologia em uma universidade pública</p> <p>Às vezes, trabalhava como “Uber Eats” em sua bicicleta</p>	<p>Morava a mãe, de 48 anos, professora em uma escola pública. Pai, 53 anos, frentista e a avó materna, de 68 anos, aposentada. Pais católicos, “bem religiosos”</p> <p>“Admitiu pra si mesmo” que era gay aos 17 anos. Amigos sabem, pais não: “Eu ia ser uma decepção pra eles se contasse</p>	<p>Primeiro beijo com uma amiga da escola, na festa junina. Ambos com 15 anos. 1º beijo com homem, aos 18. Se conheceram pelo app Grindr. Namoraram por 10 meses. Namorado de 20 anos. Foi “sempre só ativo” com o namorado e na 1ª relação, não usaram preservativo. Ambos estavam “bem bêbados” na primeira vez.</p> <p>Jovem se considerava “só ativo”</p> <p>Começou a se masturbar aos 13 anos, quando ganhou seu primeiro celular. Via filmes pornôns heterossexuais</p> <p>Dois parceiros sexuais. Ambos conhecidos através do app Grindr e ambos foram namorados do entrevistado</p> <p>Nunca fez exame de HIV e outras ISTs</p>	<p>Se considerava “pobre”, “fazia um curso de pobre”, “pelo menos era ativo”, “assim tinha maior valor no mercado”, “não-afeminado”, “gordinho”</p>	<p>Tinha computador em casa, <i>internet</i> paga pelos pais. Via filmes pornôns desde os 13 anos, e youtubers falando sobre “como beijar”</p> <p>Fez download do Grindr e Hornet aos 18 anos. Disse que ficava “pouco tempo e depois deletava os apps”. Disse que “sempre namorou” e prefere ter os apps “deletados”</p>	<p>Bloqueadas no aplicativo: “<i>Me xingavam de feio e gordinho e me bloqueavam. eu corrigia o português da pessoa, falava que ele digitava errado, aí ou as pessoas me bloqueavam ou eu bloqueava elas</i>”.</p>



## IV

### *Trajetórias afetivo-sexuais: masculinidades, violências e solidão*

#### *A - Iniciação sexual*

Para iniciar a análise do campo empírico, apresento o conjunto temas recorrentes da iniciação sexual dos jovens e reflexões sobre o processo de socialização do aprendizado da sexualidade e das dinâmicas das relações dos jovens com um(a) outro(a) em diferentes momentos e âmbitos de suas trajetórias. Busco discutir o processo da iniciação sexual, suas representações, práticas, mandatos, sentimentos e como certas instâncias (família, escola, grupo de amigos, igreja, *internet*) e categorias de pertencimento (gênero, cor/raça, religião, atributos corporais, características ditas como “deficiência”, *status* sorológico, *status* migratório, etc) influenciam a construção de sua trajetória afetivo-sexual e de suas masculinidades.

A iniciação sexual é compreendida aqui como um conjunto de rituais que ocorrem no final da infância e início da adolescência. Ela é um processo mais abrangente que simplesmente a primeira relação sexual com penetração, que demarca a entrada na vida adulta em relação com um outro(a) (Bozon, 2003; Heilborn et al, 2006; Brêtas et al, 2008; Ferrari et al, 2018). Esse conjunto de “primeiras vezes” abarca a entrada da sexualidade dos adolescentes e sua socialização (Bozon, 2003), considerada como uma nova “etapa” da vida desses meninos, momento em que representações, valores e condutas sociais orientam e consolidam as práticas dos mesmos. Essas primeiras vezes são consideradas eventos importantes na vida de cada um, principalmente no que tange ao aprendizado da sexualidade e da masculinidade, vivida agora na inter-relação com um(a) outro(a). Nesse contexto de “primeiras vezes”, ilumino a primeira experiência amorosa, o primeiro beijo, a primeira relação sexual com um(a) parceiro(a), o aprendizado da masturbação e o aprendizado de informações sobre camisinha, ISTs, PreP e PeP, bem como outros temas referentes à sexualidade juvenil gay.

Essas primeiras vezes são geralmente relatadas com grande expectativa, pois o adolescente considera estar dando “um passo” no seu processo de aprendizado da sexualidade (Heilborn, 2008; Heilborn et al, 2006). Destacar a iniciação sexual é também destacar como a cultura transforma os corpos em entidades sexuadas e socializadas a partir de uma rede de significados complexa e múltipla (Heilborn, 2002), em que representações, discursos, valores e práticas modelam, balizam

e moldam os desejos e modos de viver afetiva e sexualmente (Vance, 1995; Heilborn, 1999). Este momento de iniciação sexual não é simplesmente uma entidade universal e dada como igual para todos, mas depende de um determinado contexto cultural e histórico (Weeks, 1986).

### ***A primeira experiência amorosa***

Compreender as narrativas sobre a “primeira experiência amorosa” dos jovens, é compreender a gama de significados que estrutura suas relações afetivas e práticas sexuais. Essa gama de significados é dada pela cultura, sendo que questões de gênero, raça, classe, entre outras categorias de pertencimento, determinam tais diferenças entre os discursos dos jovens sobre suas experiências (Heilborn, 1998; Leal, 2003; Heilborn et al, 2006).

Todas as entrevistas foram iniciadas com a seguinte pergunta: “*Me fale um pouco sobre sua primeira experiência amorosa*”. Quase todos os jovens questionaram logo em seguida: “*Como assim amorosa? Amorosa em que sentido? A primeira vez que transei ou a primeira vez que gostei de alguém?*”. Frente a todos esses questionamentos, sempre respondia que a pergunta era ambígua de forma proposital, e que os jovens poderiam me responder “o que viesse em sua cabeça”.

Os rapazes lembraram sua “primeira vez” com um(a) outro(a), demonstrando certa convergência de concepções entre *iniciação* e *sentimento*. Dez rapazes citaram o primeiro beijo como a “primeira experiência amorosa”. Destes, três namoraram a pessoa com quem tiveram o primeiro beijo. Dois jovens citaram a primeira relação sexual (primeira relação oral e/ou a primeira relação sexual com penetração). Dois jovens citaram o “primeiro gostar de alguém”, apesar de não terem “ficado” com a pessoa. Um jovem disse que nunca teve uma experiência amorosa na vida, e “ainda esperava alguém que o aceitasse como ele era”.

Assim, conforme a tabela 2 abaixo, dos 14 rapazes que citaram alguma experiência, a memória da *iniciação* foi dita por todos. Seja pelo primeiro beijo, o primeiro namoro, a primeira relação sexual, o primeiro gostar de alguém. Em alguns casos, mesmo sem “carinho” ou “afeto”, a primeira vez foi lembrada: “*Foi meu primeiro beijo, eu não gostava dela, mas foi a primeira vez que beijei alguém*”; “*O beijo foi horrível, mas foi a primeira vez que beijei alguém*”.

Neste cenário de iniciação, nove rapazes lembraram memórias *afetivas* e com *sentimento* quando perguntados sobre a primeira experiência amorosa: “*Foi meu primeiro beijo e meu primeiro namoro, a gente pegava na mão um do outro, tinha carinho, foi bem bacana*”; “*Foi a primeira vez que gostei de alguém, ele me dava borboletas no estômago*; “*Foi meu primeiro beijo*

*e meu primeiro sexo, e foi o primeiro cara que gostei também. Teve carinho dos dois lados*". Assim, para além da representação de *iniciação*, a maioria dos jovens acionou memórias de *sentimento afetivo* com a pergunta.

Dois rapazes narraram situações que envolveram relação sexual (sexo oral e/ou penetração). João, entrevistado 3, relembrou a primeira relação sexual com penetração, e que também envolveu grande carinho entre ele e sua amiga. Neste caso, a memória da *iniciação* dita como *sexual* é também lembrada a partir do *sentimento afetivo*. Danilo, entrevistado 7, citou o primeiro sexo oral de sua vida, feito com seu primo. Este é o único jovem que respondeu uma experiência vinculada “apenas” ao sexual e sem *memória afetiva*. Danilo gostou da experiência, disse que sentia “muito tesão” pelo primo. Contou também que os dois não chegaram a se beijar e “não tiveram nenhum rolo depois”.

Bozon & Heilborn (2001), ao descreverem a iniciação sexual de homens e mulheres heterossexuais da cidade do Rio de Janeiro e Paris, citam que as mulheres nunca falam de sua primeira experiência amorosa com caráter *apenas* sexual. Os homens, mencionam uma relação “puramente sexual” ou também, uma relação “com sentimento”. Mas, em contraste, eles dizem: “As duas são muito diferentes”, como se uma não estivesse necessariamente ligada a outra e “afeto” e “sexualidade” corresponderiam a ordens distintas. A tendência de separar esses dois assuntos, seria uma atitude masculina, tanto no Brasil quanto na França.

Bozon e Heilborn também citam um achado comum entre os homens heterossexuais e os homens gays da presente pesquisa: muitas vezes, podem ocorrer situações de “primeiras vezes” desagradáveis, em que o entrevistado não conceda um lugar de memória “positiva” à experiência, como é o caso de quatro jovens: “*Foi meu primeiro beijo, mas eu não gostava dela*”; “*Foi a primeira vez que eu beijei, mas foi bem ruim, a gente bateu os dentes*”. Apesar da memória desagradável, a primeira vez funciona como um catalisador para que seja possível rememorar a própria trajetória (Bozon & Heilborn, 2001).

Ainda, a primeira experiência amorosa é sempre marcada com um outro(a). Todos os eventos mencionados consideram elementos importantes ligados ao afeto, à sexualidade, às redes sociais que comportam as experiências – amigos, escola, igreja, família, *internet* -, e, principalmente, à socialização entre, de e do gênero.

Neste contexto da “primeira vez” e a socialização entre homens e entre homens e mulheres, sete rapazes responderam que tiveram sua primeira experiência amorosa com uma menina e sete

responderam que tiveram com um homem. Dos sete rapazes que mencionaram uma menina, apenas um teve relação sexual com penetração com a parceira. Os outros seis mencionaram o “primeiro beijo na vida” com ela. Dos que responderam que tiveram a primeira experiência com um homem, seis rapazes mencionaram o primeiro beijo/primeiro ou o primeiro gostar com um outro. Apenas um se referiu à primeira relação sexual (oral).

Destaco que apesar de todos os jovens se considerarem “gays”, metade mencionou a primeira experiência amorosa com uma menina, seja esta experiência um namoro, um beijo, um gostar ou uma relação sexual. Interessante destacar o sentimento de se arrepender posteriormente da situação vivida mencionada por quatro jovens, todos estes se relacionaram com mulheres. Frases como: “*Eu sabia que não gostava dela, mas queria ver se conseguia gostar dela*”; “*Eu sabia que tava me enganando, mas tentei ver se gostava da coisa*”; “*Tava me enganando e enganando ela, mas eu queria tentar*”, foram mencionadas. Os sete jovens que mencionaram a primeira experiência amorosa com um homem, destacaram um discurso oposto: “*Teve carinho dos dois lados, não me arrependo em nada*”; “*Não me arrependo, adorei chupar ele*”; “*Eu gostei muito, não me arrependo nenhum pouco*”; “*Eu finalmente senti que tava fazendo a coisa certa*”.

Aflora-se aqui a potência de se pensar os mandatos de masculinidade neste momento de aprendizagem da sexualidade, do afeto e da masculinidade. Apesar de alguns questionamentos, em que os jovens perguntavam para si mesmos se “gostavam mesmo de menina”, eles se viam sem escapatória nesta permanente pedagogia de expropriação de valor da masculinidade e de certa forma, de dominação. Seus discursos dão pistas para pensar que o “mandato de masculinidade” se vincula à construção da identidade de gênero e sexual hegemônica, a qual, requer através de variados artefatos e normas pedagógicas para assegurar esta posição (Louro, 1997).

Outro ponto importante, refere-se que apesar da diferença entre citar um(a) outro(a) do sexo masculino ou feminino, as respostas giraram em torno de experiências em que o carinho, afeto e sentimento, estiveram presentes. Assim, existiu no discurso certo *amor romântico*, às vezes um pouco decepcionante frente às altas expectativas de desempenho do jovem e à romantização do ato. Os depoimentos também sublinham aspectos de sucesso: “*Foi muito bom*”; ou de fracasso: “*Não consegui dar prazer pra ela, me senti um lixo*”. Essas experiências se referem à aquisição de um aprendizado da sexualidade – se gostou da experiência, o porquê de não ter gostado, dúvidas sobre sua sexualidade, dentre outros questionamentos. Quando se sentiam fracassados, as explicações sobre as circunstâncias ganham lugar de destaque nas falas, e os jovens elaboram uma

reflexão em que ponderaram sobre o porquê de suas performances, se questionando: “*Será que eu gosto mesmo disso?*”.

Nesse misto de sentimentos e questionamentos, os jovens demonstram que suas respostas giram em torno do romantismo e na possibilidade de se conectar afetivamente a pessoa. Não obstante, todos eles estavam ou “queriam muito” um relacionamento. Há um modelo idealizado: suas experiências devem se dar entre duas pessoas que gostam uma da outra, moldadas predominantemente, mas não de forma exclusiva, pelo amor e sexo romântico. Há uma frustração de ver que a menina ou o rapaz mencionado, não era a “pessoa certa”: “*Foi a primeira vez que transei com um homem, eu tava mega animado. Mas depois vi que ele não queria nada comigo*”; “*Tentei puxar assunto no Whats, mas ele não deu bola. Não quis insistir*”; “*Fiquei mega decepcionado que não foi pra frente e me senti um lixo porque minha primeira vez ele só usou meu corpo*”. A expectativa de amor romântico exemplifica como os jovens gays se baseiam no romantismo em diversos momentos das suas trajetórias, principalmente nas suas “primeiras vezes”, entrelaçando tensões sobre a iniciação, afeto, romantismo e mandatos de masculinidade. Estes achados vão ao encontro com o que Peter Nardi cita no livro “*Gay Masculinities*”, de 2000. Apesar de 20 anos entre minha pesquisa e sua publicação, o autor pontua que os jovens gays latinos entrevistados esperam pelo “*Mr. Right*” (Homem certo) e utilizam em seus discursos, conceitos tradicionais heterossexuais femininos para falar suas primeiras experiências amorosas e discutir seus desejos afetivos e sexuais. Os jovens da presente pesquisa também citam suas experiências ligadas ao afeto, e não puramente ao sexo. Também citam o ideal romântico e idealizado de se apaixonar após “a primeira vez”, e quando isto não ocorre, se frustram, esperando “*que um dia consigam encontrar alguém para conseguir um namoro de verdade*”.

Frente à idade dos pares no momento da primeira experiência amorosa, a idade dos entrevistados variou entre sete e 20 anos. A idade da pessoa com quem se relacionaram, variou entre sete e 25 anos. Posso dizer que a diferença de idade entre os pares não foi grande, em que 12 entrevistados citaram uma diferença de idade entre zero e dois anos com seu par. Um jovem mencionou uma diferença de idade de cinco anos (20-25) e outro oito anos (7-15). Este entrevistado Danilo (7), mencionou a relação sexual oral com seu primo. Em nenhum momento, Danilo mencionou que foi forçado à relação, pelo contrário, disse que “sentia muito tesão pelo primo” e gostou de “chupar e ver ele gozar”.

No que se refere ao lugar em que os pares da primeira experiência amorosa se conheceram, a escola apareceu como principal cenário nas suas relações, citada por metade dos jovens. Outros seis jovens mencionaram lugares diversificados, como conhecer no jogo de vôlei (2), na igreja (1), amiga de infância (1), família (1), amigos em comum (1), dados que vão de acordo ao apontar uma permanência de que as primeiras trocas afetivas se dão entre os adolescentes e seus grupos de iguais (Heilborn et al, 2006).

Uma resposta chamou atenção: do jovem Paulo (entrevistado 15), que mencionou o aplicativo *Grindr* como “lugar” em que conheceu sua primeira experiência amorosa. Um jovem, de 18 anos, teve sua primeira experiência amorosa mediada por um aplicativo de geolocalização. Foi seu primeiro beijo, sua primeira relação sexual com um homem, seu primeiro namorado e seu primeiro “gostar”. Chamo atenção pois sua narrativa demonstra algo impensável há alguns anos: ter uma experiência amorosa significativa mediada pela *internet*. Assim, este dado-nos dá pistas sobre como a inovação tecnológica da *internet* possibilitou uma revolução social, que mudou não somente a nossa experiência frente as tecnologias digitais, mas da sociedade de uma forma em geral, principalmente afetivo-sexualmente. Como cita Lévy (2010), com a evolução da *internet*, as comunicações e fronteiras se tornaram cada vez menos dependentes de lugares determinados. Estamos interconectados, em grupos, entre grupos e em redes sociais, o que faz do “ciberespaço” um universo aberto e quase sem fronteiras.

Em síntese, as primeiras experiências amorosas foram revividas com bastante carinho, afeto e certa idealização ao amor romântico. Outras não foram tão agradáveis para os jovens, vistas pelo prisma do arrependimento. Contudo, pode-se dizer que a “primeira vez nunca se esquece”, como cita Heilborn (1998).

Por fim, outro dado que merece destaque, refere-se à resposta do jovem Eduardo (entrevistado 9). Após a minha pergunta, ele respondeu: “*Experiência amorosa eu nunca tive, ainda espero alguém que me aceite do jeito que sou*”. Assim, a entrevista seguiu pelo jovem se autoidentificar como “crossdresser” e sua dificuldade de encontrar alguém que seja “masculino” e tenha o fetiche de ter relações sexuais com um homem afeminado e que goste de se vestir como mulher. Posso dizer que no momento da entrevista, não percebi que o jovem não destacou nenhuma experiência amorosa em sua narrativa. Apenas após fazer a síntese da primeira experiência amorosa de todos os jovens em uma tabela, me atentei que o jovem mencionou sua “não” experiência amorosa.

O olhar interseccional é de grande valia neste momento. Como mencionado, iniciei as entrevistas com essa pergunta de forma proposital, por acreditar que fosse uma pergunta “leve”, e os jovens recordariam memórias afetivas positivas do seu passado recente. Contudo, no caso de Eduardo, um rapaz que se autodenomina como *crossdresser* (CD), ser CD o faz viver em uma posição dissidente e bastante marginalizada, e apesar do jovem ter características que podem ser vistas como próximas da masculinidade hegemônica – ser jovem, branco, malhado, sem a existência de nenhuma intervenção hormonal ou cirúrgica em seu corpo e ter ensino superior completo -, sua característica de ser vestir como mulher no momento da relação sexual, o faz transgredir da hetero e cisnormatividade vigente (Butler, 2003; Miskolci, 2009), sendo considerado por muitos como “anormal” ou “doente”, e inevitavelmente, sofre todo tipo de preconceito, principalmente no que se refere à sua expressão de gênero e à sua feminilidade.

A pergunta remete desde o início da entrevista o processo de exclusão e marginalização do jovem em não se sentir “amado”. Alguns homens possuem desejo sexual por Eduardo, mas devido ao preconceito e fetichização, colocam o jovem em posição de objeto, sem olhar para suas vontades e sentimentos. Isto faz com que o jovem considerasse que nunca havia tido uma experiência amorosa na vida, dando indícios de uma possível liquidação da vida afetiva por ser CD, que vai do fetiche à solidão. Para Eduardo, que não consegue (e não quer) corresponder ao ideal masculino, resta uma posição marginalizada dentro da própria vivência da sexualidade não-heterossexual.

Dentre seus diversos marcadores sociais, se sobressai o jovem ser CD, demonstrando que este marcador subalterniza sua subjetividade e identifica que esta categoria está ressaltada no regime disciplinar normativo, e exclui o jovem de uma possível vida amorosa afetiva. Nessa direção, como cita Carrara (2005), apenas os viris e discretos têm o direito de serem amados, já que grande parte dos gays preferem parceiros “mais masculinos”, “discretos”, “viris”, e que não exagerassem nos trejeitos ou “dessem pinta”. Para o autor, a feminilidade é politicamente incorreta e deve ser policiada no mundo gay. Ser *crossdresser*, portanto, remete à um “extremo” dessa feminilidade não policiada. Assim, as normas vigentes de gênero permanecem quase que intactas, pois o preço de se aproximar da feminilidade para os homens é alto, custando o ingresso no universo dos afetos e de uma possível conjugalidade.

Tabela 17. Primeira experiência amorosa

<i>Jovem entrevistado</i>	<i>Primeira experiência amorosa</i>	<i>Sexo da pessoa citada</i>	<i>Idade dos pares</i>	<i>Onde conheceu</i>
Rodolfo, 22, negro, evangélico, passivo	Primeiro beijo e primeiro namoro Memória “afetiva”	Mulher	Jovem: 18 Parceira: 17	Igreja evangélica
André, 19, pardo, sem religião, passivo	Primeiro beijo Memória “afetiva”	Mulher	Jovem: 14 Parceira: 14	Escola
João, 20, branco, ateu, versátil	Primeira relação sexual Memória “sexual” e “afetiva”	Mulher	Jovem: 18 Parceira: 18	Escola
Vicente, 22, negro, católico, passivo	Primeira relação sexual e namoro Memória “sexual” e “afetiva”	Homem	Jovem: 20 Parceiro: 25	Vôlei
Lucas, 20, negro, católico, ativo	Beijou o menino que gostava Memória “afetiva”	Homem	Jovem: 15 Parceiro: 15	Escola
Vinícius, 22, branco, sem religião, passivo	Primeiro beijo e primeiro namoro Memória “afetiva”	Mulher	Jovem: 12 Parceira: 12	Amiga de infância
Danilo, 19, branco, sem religião, ateu	Primeiro sexo oral Memória “sexual”	Homem	Jovem: 7 Parceiro: 15	Primo
Marcelo, 24, negro, católico, ativo	Primeira namorada Memória “afetiva”	Mulher	Jovem: 13 Parceira: 13	Escola
Eduardo, 23, branco, católico, passivo	Jovem disse que nunca teve uma experiência amorosa	-	-	-
Ricardo, 22, branco, católico, passivo	Primeiro beijo Memória “afetiva”	Mulher	Jovem: 9 Parceira: 9	Escola
Israel, 23, pardo, católico, passivo	Primeira vez que gostou de alguém Memória “afetiva”	Homem	Jovem: 7 Parceiro: 7	Escola
Mateus, 22, branco, evangélico, versátil	Primeiro namoro Memória “afetiva”	Homem	Jovem: 17 Parceiro: 17	Amigos em comum
Daniel, 19, negro, sem religião, ativo	Primeira vez que gostou de alguém Memória “afetiva”	Homem	Jovem: 15 Parceiro: 15	Vôlei
Caique, 20, negro, católico, ativo	Primeira namorada Memória “afetiva”	Mulher	Jovem: 15 Parceira: 15	Escola
Paulo, 21, pardo, católico, ativo	Primeiro beijo e namoro Memória “afetiva”	Homem	Jovem: 18 Parceiro: 20	Grindr

N = 15 jovens entrevistados. Todas as informações foram autodeclaradas



### ***O primeiro beijo***

A análise do primeiro beijo (tanto com uma parceira ou parceiro) se mostra válida, pois usualmente, o primeiro beijo é um ato de iniciação, uma primeira experiência física relacional e sexualizada para a maior parte das pessoas. O primeiro beijo não necessariamente acontece com um investimento sentimental forte, ele pode acontecer pela curiosidade, bem como pode acontecer por um sentimento amoroso (Lhomond, 1999). Nessa pesquisa, os jovens lembram dos seus primeiros beijos como não sendo algo “banal” de suas trajetórias.

Alguns pontos merecem destaque. O primeiro ponto, refere-se que nenhum jovem estava namorando no momento do primeiro beijo (tanto no beijo com menina como no beijo com um menino). Todos “ficaram” com seus pares neste momento. Este dado constata que, entre as várias mudanças que se deram no domínio da sexualidade e conjugalidade contemporânea (Bozon, 1993; Heilborn *et al.*, 2006), o “ficar” se encontra legitimado em uma relação não inscrita na conjugalidade, ou seja, há a possibilidade de beijar alguém sem estar num relacionamento. Assim, o primeiro beijo acontece num “ficar sem compromisso”, ou ainda, “beijar só por beijar”. Essa legitimação deve ser considerada, tendo em vista que os jovens se encontram em plena experimentação e aprendizado da sexualidade. O *ficar* se caracteriza por ser breve e descompromissado, sendo “um contato que pode levar a um namoro”, levando-os a relacionamentos em sua maioria transitórios e instáveis (Justo, 2005), como é o caso de quase todos os entrevistados. Apenas dois jovens namoraram a pessoa que deram seu primeiro beijo.

Outro ponto, conforme a tabela 3, 14 jovens tiveram seu primeiro beijo na “vida” uma menina. Apenas um entrevistado (Vinícius, 04), nunca havia beijado uma menina na vida. Vale destacar que Vinícius é surdo-mudo, e em seu relato escrito, relatou que “sua sexualidade não existia e sempre foi tardia”.

A idade dos jovens nessa experiência variou entre nove e 18 anos. Quatro beijaram entre 9 e 11 anos; Sete entre 12 e 14 anos; Três rapazes entre 15 e 18 anos. A idade de suas parceiras variou entre nove e 17 anos, e o agrupamento da idade delas é a mesma da idade dos entrevistados. Dos rapazes, 13 beijaram uma menina da mesma idade e um jovem beijou uma menina um ano mais nova que ele. Nenhum entrevistado ficou com uma menina mais velha. Dez meninos conheceram suas parceiras na escola, três através de “amigos de infância” e um na igreja. Esses dados demonstram que o primeiro beijo com uma menina se deu “entre iguais” (Galland, 1997;

Heilborn, 2006), ou seja, os jovens “ficaram” com alguém da mesma idade e do mesmo círculo de sociabilidade.

Destaco o sentimento dos jovens após a experiência. Quase todos se arrependeram de terem beijado uma menina e o beijo não foi prazeroso: “*Foi bem ruim*”; “*Foi péssimo*”; “*Batemos dente*”; “*Me arrependi muito*”; “*Tava forçando algo que não queria*”; “*Queria gostar dela pra esquecer essa questão de ser gay*”; “*Tinha que provar pros meus amigos que não era viado*”.

Grande parte das narrativas demonstram situações de desconforto ao beijar alguém do sexo oposto. Interessante destacar que eles tiveram que se relacionar a partir da expectativa de provar sua masculinidade ao grupo social. Está em jogo não somente “beijar uma menina”, como sobretudo beijá-la “na frente de todo mundo” e ter sua conquista aprovada pelos amigos. Beijar uma menina na frente dos colegas significa ter sua masculinidade aprovada pelo grupo de pares (Heilborn, 1998). Recusar o beijo dela se torna impensável, pois o “homem não pode dizer ‘não’ à mulher”. As sanções que o grupo social pode demarcar são demasiadas pesadas. Recusar o beijo significa não estar de acordo com o modelo hegemônico de masculinidade, não ser heterossexual, “pegador”, e sobretudo, “parecer que não gosta de mulher”, ou ainda, “ser viado”. Portanto, há uma tensão entre beijar a menina e provar “não ser viado” ao grupo social.

De forma enfática, o mandato de masculinidade se mostra presente. Nas palavras de Segato (2018), o mandato de masculinidade é uma exigência ao homem de provar-se homem o tempo todo, porque a masculinidade é um *status*, uma hierarquia de prestígio, se adquire como um título e sua vigência deve ser comprovada. O menino, dessa forma, precisa exibir suas capacidades de sua posição masculina sob os olhos dos demais: “*Eu não queria, mas tava todo mundo olhando, ia ficar feio pra mim*”; “*Tava todo mundo brincando na rua, eu tinha que beijar ela e não podia ser muito rápido, fiquei um tempão beijando ela pra todo mundo ver que eu não era frouxo*”.

O mandato de masculinidade exige “provas constantes de pertencimento à classe dos homens” (Segato, 2018, p. 213). Vemos isso desde muito cedo, nos primeiros contatos amorosos e afetivos dos jovens com o círculo social. Não basta beijar uma menina, é necessário provar aos outros homens que a beijou, e que o menino tinha “pegada” e não era “frouxo”. O mandato de masculinidade expressa a ambiguidade em que ao mesmo tempo que se refere “a uma obrigação da parte dos homens, no sentido de uma “regra” que pesa sobre eles”, mas se refere também “a uma atribuição de investidura como autoridade, isto é, uma entronização na posição de autoridade” (p. 224). Assim, após o beijo, os meninos se enaltecem do lugar conquistado, em que agora, são

vistos como “homens que provaram sua masculinidade”, adquirindo novo *status*, legitimado pelos amigos (Heilborn, 2006): “*Depois que a gente voltou, falaram que a gente demorou um tempo. Aí ficaram me chamando de pegador*”.

Essas escolhas e possibilidades dão pistas à importância do aprendizado da masculinidade, expressa no temor de sentir-se desvalorizado caso não queira ficar com uma menina e sentir-se um homem que não conseguiu provar aos outros sua masculinidade (Leal, 2019). Assim, como a primeira experiência amorosa, o primeiro beijo também se vinculado ao mandato de gênero e sexual hegemônica, sendo necessária a demonstração constante dessa posição (Louro, 1997). Observa-se também que na infância os jovens percebem esse processo, em que “meninos e meninas aprendem a ser de determinados modos” (Wenetz; Macedo, 2019, p. 2), não somente a partir de vestimentas, brincadeiras e práticas corporais, mas também pelo jeito de se portar e quais escolhas amorosas, afetivas e sexuais devem realizar. O regime das relações de gênero prescreve condutas socialmente adequadas e esperadas para meninos e meninas, intervindo de maneira crucial nesse cenário de “primeiras vezes” (Heilborn, 1998).

O primeiro beijo com um menino (que em todos os casos se deu sempre posterior ao beijo com uma menina), também merece algumas discussões. A idade dos entrevistados variou entre 13 e 20 anos, sendo que sete rapazes beijaram um outro homem entre 13 e 16 anos e oito entre 17 e 20 anos. A idade dos parceiros variou entre 16 e 40 anos. Nove rapazes beijaram um outro homem com idades entre 16 e 20 anos; Três com parceiro entre 21 e 25 anos; e outros três beijaram um parceiro com idades entre 26 e 40 anos. Nenhum jovem beijou um parceiro mais novo. E ainda, 13 beijaram alguém com diferença de idade igual ou superior a dois anos.

Considerando o trabalho de Carballo-Dieguez et al (2011), que objetivou compreender a iniciação sexual de homens jovens e adultos gays e sua primeira relação com um homem no Brasil, os autores consideraram um “homem mais velho” aquele com diferença de idade igual ou superior a dois anos, e um “homem muito mais velho” aquele com diferença de idade superior a cinco anos, o mesmo considerado por Heilborn et al (2006), no contexto heterossexual brasileiro. Por essa lente, nove jovens beijaram pela primeira vez um *homem mais velho* e três deram seu primeiro beijo com um homem *muito mais velho* (16-32; 17-32; 16-40).

Importante salientar que a discussão entre diferença de idade não se trata de uma discussão moral. Todos os jovens desejaram o primeiro beijo com um outro, não se submetendo a relações forçadas ou indesejadas. Mas também é digno de ressaltar o ideal de masculinidade que há nesses

discursos, principalmente no caso dos jovens que beijaram um homem *muito* mais velho. Um ideal de homem viril e experiente é mencionado: “*Foi super excitante. Ele era todo bonitão, bem macho, mais velho e me pegou de jeito*”; “*Foi mega bom, ele me chamou de princesa, era alto, forte, mais velho, peludinho! Ele tinha cara de pai de família também! Eu fiquei molhada com ele. Lembro dele até hoje!*”; “*Ele era mais velho, tinha cara de quem tinha pegada e que era experiente!*”.

Há trabalhos (Silva, 2006; Connell & Messerschmidt, 2013) que postulam que a masculinidade hegemônica cria modelos, vontades e desejos dos sujeitos, vinculando tal conceito à potência, rigidez, virilidade, capacidade física, ser branco, alto, musculoso, com poder aquisitivo, etc. Contudo, pouco se fala o quanto ser “mais velho”, também pode estar ligado à tal concepção. Não se trata de dizer que os jovens desejam “qualquer” homem mais velho, pois como apontam alguns trabalhos (Mota, 2011; Alves & Araújo, 2020), a velhice não é vista como desejada no meio gay masculino. Ser mais velho remete ao privilégio relativo da idade *adulta*, que pode ser visto como um *status* positivo, que remete à virilidade e experiência, mas também ao *status* marginal de *idoso* (Calasanti, 2003).

Os entrevistados indicam a valorização do homem mais velho (este com até 40 anos), tendo em vista que ele poderá ser mais experiente, mais masculino e mais másculo. Uma fala chama atenção: “*Ele era mais velho, tinha cara de pai de família também*”. Com a fala de Eduardo (entrevistado 09), percebe-se que a produção cultural do homem provedor, o “pai de família”, se forja no discurso da supremacia masculina entre homens gays, que atribui vantagens e prerrogativas para este ideal de homem com boa condição financeira, com mais pelos, mais velho, casado com uma mulher e com filhos, características que legitimam sua masculinidade e uma possível heterossexualidade (Santana, 2010). Interessante destacar que os três jovens que ficaram com homens *muito* mais velhos, eram “só” passivos. Assim, a masculinidade hegemônica reitera um padrão hierárquico de masculinidade, dominação e binarismo (Connell, 1995), atuando em diversas esferas, principalmente na afetiva e sexual, demonstrando um duplo poder: entre distintos gêneros e também entre os próprios homens.

Embora não seja um discurso declarado de todos os jovens, este dado demonstra certa divisão tradicional de gênero, que se parece naturalizada no modelo homem–ativo–dominador–viril–provedor–mais velho/mulher–passiva–submissa–feminina–dependente–mais nova. Esse discurso demonstra a potência da masculinidade hegemônica, em que o jovem deseja que o parceiro seja mais experiente, mais velho (mas não tão velho), provedor, viril, ter pelos, ter um

trabalho e até mesmo um casamento heterossexual e ter filhos (Kimmel, 1992, 1998; Connell & Messerschmidt, 2013), valorizando os aspectos físicos e comportamentais de um “homem de verdade” (Welzer-Lang, 2004). Portanto, ser um homem jovem gay e buscar um parceiro mais velho permite compreender que a diferença de idade pode ser um atributo relativo valorizado ligado à masculinidade hegemônica.

No que se refere ao “lugar” ou “como” conheceram o parceiro do primeiro beijo, os dados apontam para uma realidade diferente daquela encontrada com as parceiras. Seis rapazes conheceram seus parceiros através da *internet* (*Grindr*, *Facebook*, Sala de bate-papo); três a partir de festas (gay ou universitária); três a partir da prática de algum esporte (vôlei ou *handball*), e outros três a partir de amigos em comum da escola.

Vale a pena destacar que a primeira ida à “boate” ou “festa gay” representa outro forte marcador para a construção de “ser gay”. Ainda, essa primeira ida é sempre feita sem o conhecimento dos pais. A partir do momento que os jovens gostam do local, se sentem bem e “ficam” com outros homens, a frequência aos lugares gays torna-se mais constante em suas vidas, o que acarreta em maior circulação em locais de sociabilidade gay e de criação mais efetiva de laços com outros homens jovens gays.

O dado em que seis rapazes conheceram seus parceiros através da *internet* merece maior discussão. Destaca-se que não é de hoje que homens (e mulheres) buscam na *internet* uma forma de conhecer alguém. No início dos anos 2000, as salas de bate-papo eram bastante famosas. Atualmente, temos a nossa disposição aplicativos de encontros mais “modernos”, que estão disponíveis através de simples cliques em nosso celular. De qualquer forma, a *internet* é uma ferramenta que pode facilitar a encontrar pessoas com gostos parecidos, aumentando as chances de um encontro acontecer, seja este encontro uma conversa, um beijo, uma relação sexual esporádica, ou até mesmo, futuramente, um namoro (Nicolaci-da-Costa, 2002).

No Brasil, segundo dados da comScore, os aplicativos usados via *internet* são responsáveis pela maior parte do tempo gasto no mobile em relação aos minutos de navegação. Esse número chega a quase 90%, dos quais 33% é dedicado aos aplicativos relacionados ao entretenimento e à socialidade – redes sociais e mensagens instantâneas (ComScore, 2017).

Assim, as relações interpessoais mediadas pela *internet* estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, principalmente entre os mais jovens (Canezin & Almeida, 2015). No caso dos entrevistados, que são dissidentes da norma heterossexual, pode-se dizer que a *internet*

proporciona certa *liberdade* para eles encontrarem com alguém do mesmo sexo e que também seja gay, liberdade esta balizada pelo *anonimato* dos aplicativos, em especial o *Grindr*, pois o *Grindr* é um aplicativo em que a maioria dos usuários não mostram o rosto nas fotos dos perfis, os “homens sem rosto” (Fragoso, 2018). Devido ao peso da heteronormatividade na iniciação sexual, o uso dos aplicativos é visto como benéfico, ajudando os jovens a se aproximarem dos pares e tornando os encontros possíveis. Nas narrativas, a *internet* exerce um “papel de cupido”, que antigamente, este papel era designado apenas aos amigos do mesmo círculo social. Pode-se dizer, que se não fosse pela *internet*, as rotinas vividas e os lugares frequentados pelos pares poderiam dificultar e até mesmo impedir o encontro. Cito o caso de Eduardo, morador da favela da Rocinha que beijou pela primeira vez um rapaz morador da Barra da Tijuca, este casado, mais velho e de outra classe social. Sem o auxílio da *internet*, dificilmente este encontro aconteceria, seja pela diferença de idade, pela diferença de classe, rotinas diferentes do dia-a-dia, dentre outras questões.

Pelo uso da *internet*, os aplicativos de paquera se inserem nos centros urbanos da atualidade (Canevacci, 2009). A presença, que a priori não é física, se torna compartilhada, e os usuários se encontram a partir das interações proporcionadas pela *internet*, permitindo o acesso imediato a espacialidades distintas. Transitamos assim entre ambientes digitais e físicos, tornando os aplicativos um habitat híbrido, complexo, cujos formatos preestabelecidos são continuamente atualizados pela conectividade da interrelação entre os espaços físicos e geográficos dos corpos (Miskolci, 2013).

Percebe-se que o ingresso nos aplicativos de geolocalização se dá pela curiosidade de saber se será possível conhecer alguém do mesmo sexo para um encontro afetivo ou sexual. Como mencionado por Oliveira (2012), os aplicativos se comportam como uma metrópole que aglomera inúmeras tribos e promove encontros e desencontros. Existem opções e mecanismo de conectividade – conversar, trocar fotos, favoritar, enviar vídeo, marcar um encontro -, ou seja, existem funções, que facilitam um primeiro contato com os membros e possibilita a comunicação e o encontro de e entre diversos usuários.

Destaco também os sentimentos dos jovens após o primeiro beijo com alguém do mesmo sexo: “*Foi muito bom!*”; “*Me senti muito feliz*”; “*Foi bem melhor do que quando beijei ela*”; “*Depois que beijei ele tinha certeza que tava fazendo a coisa certa*”. Interessante destacar que após o primeiro beijo com um menino, nenhum jovem “voltou” a ficar com meninas. Alguns deles compararam tais experiências, citando principalmente a ereção: “*Com a menina foi um beijo de*

*criança, com ele foi uma coisa quente, meu pau ficou duro!”; “Foi muito diferente do que eu senti pelas outras meninas. Fiquei muito de pau duro e vi que gostava daquilo”; “Sabia que não tava fazendo a coisa certa com menina, né? Com ele foi diferente! O beijo foi quente, eu fiquei de pau duro, o dele também!”.* Como citam autores (Loe, 2001; Rohden, 2009), a masculinidade na cultura ocidental é definida com a metáfora da ereção, símbolo da virilidade e da identidade masculina. Quando esta não ocorre, a ideia da masculinidade heterossexual se torna uma dúvida. Assim, não ficar excitado com uma menina coloca em xeque a virilidade, masculinidade e o desejo dos jovens, momento visto como embaraçoso e de fracasso. No beijo com um menino, momento em que a excitação ocorre, a ereção do pênis retrata a sustentação da potência fálica da masculinidade. Pode-se dizer, que após o primeiro beijo com um homem, gostar da experiência e ficar excitado vem como confirmação de que o jovem “gostava de outra coisa”. Nessa direção, os sentimentos mencionados foram opostos quando comparados com os sentimentos dos jovens com uma menina. Há curiosidade em beijar um homem, medo, mas também, de dar um passo para se encontrar com um desejo, que de certa forma, não podia aparecer: *“Fiquei muito tempo me enganando”;* *“Finalmente tava beijando um homem, esperei 20 anos pra isso”.*

Pode-se dizer que o sentimento de estar “se enganando”, enganando uma menina, e que “finalmente” beijou alguém do mesmo sexo, foi mais forte entre os jovens que se consideravam católicos ou evangélicos, principalmente os evangélicos. Este dado remete à discussão da história da homossexualidade no discurso religioso. Segundo Borges de Resende (2010), o debate entre orientação sexual e religião reflete no discurso de muitas igrejas que mencionam que a sexualidade deve desempenhar um papel unicamente biológico com fins reprodutivos, o que acarretaria na patologização e negação moral da homossexualidade. Salzman & Lawler (2012) complementam dizendo que muitas igrejas impõem castidade ao homossexual como exigência de não exercer sua sexualidade, pois, “Deus ama os pecadores, mas odeia o pecado”, fazendo com que o homossexual “contenha” seus desejos. Em debate mais atual, pode-se dizer que muitas igrejas se consideram “inclusivas” quando o assunto é “ser gay dentro da igreja” (Endsjo, 2014), mas não pode se negar que esta discussão se dá em torno de muita tensão e conflitos. Este resgate histórico ilumina que a igreja por muito tempo, e de forma homogênea, considerou o relacionamento entre homem e mulher, monogâmico heterossexual, com abertura à procriação, como ideal.

Como citam Natividade & Oliveira (2009), há uma vertente hegemônica nos discursos das igrejas sobre homossexualidade, formas mais ou menos explícitas de repúdio, que dissolvem uma

pluralidade de práticas, desejos, experiências e construções identitárias sob o rótulo de “pecado do homossexualismo”, desvio de caráter ou patologia, na tentativa de suprimir as sexualidades dissidentes e subordinar o lugar social das pessoas que as vivenciam. A homofobia religiosa (Natividade & Oliveira, 2009) se mostra presente no discurso das igrejas, se manifestando ao nível de percepções e juízos morais pessoais ou coletivos, que envolve formas de atuação em oposição à visibilidade e reconhecimento de outras sexualidades.

Portanto, a heterossexualidade compulsória e a masculinidade hegemônica exercem um domínio por meio da cultura, das instituições e da persuasão, se tornando uma referência na qual subalterniza as demais masculinidades (Connell, 2013). A religião emerge como importante marcador que objetiva suprir ainda mais qualquer tentativa de uma suposta não heterossexualidade de jovens, com uma maior regulação de qualquer desejo dissidente da norma heterossexual.

Em síntese, o beijo com uma menina ocorreu entre iguais, em que os pares eram da mesma idade e do mesmo círculo social. Havia uma necessidade de provar que era “homem de verdade” aos amigos, precisando beijar a menina na frente deles. Quase todos os meninos mencionaram tal momento como “ruim”, em que a “química” e a “ereção” do pênis, não aconteceram. No primeiro beijo com um homem, este momento se deu com um parceiro mais velho ou muito mais velho, em alguns situações, de outra classe social e, portanto, de outro círculo social. Ainda, os jovens evidenciaram que esse momento se configura como uma espécie de divisor de águas em suas vidas, em que há uma consolidação da “certeza” que “ficar com homem” seria o projeto de vida o qual queriam levar adiante.

Seis jovens conheceram seu parceiro através da *internet*, demonstrando como a *internet* foi crucial neste momento. Dilemas ligados à masculinidade hegemônica, heteronormatividade e binarismo balizam tais encontros e possibilidades, e a religião, emerge como um importante marcador social no peso do momento do primeiro beijo, principalmente em uma suposta “culpa” no momento do beijo com alguém do mesmo sexo.



Tabela 18. O primeiro beijo

<i>Jovem entrevistado</i>	<i>Idade no primeiro beijo e onde conheceu a menina</i>	<i>Sentimento após o beijo</i>	<i>Idade no primeiro beijo e onde conheceu o menino</i>	<i>Sentimento após o beijo</i>
Rodolfo, 22, Negro, evangélico, passivo	Jovem: 18 / Parceira: 17 Igreja	<i>“Me arrependi. Tava forçando uma coisa que não era o que queria”</i>	Jovem: 19 / Parceiro: 23 Festa gay	<i>“Foi muito bom! Me senti muito feliz”</i>
André, 19, pardo, Sem religião, passivo	Jovem: 14 / Parceira: 14 Escola	<i>“Foi bem ruim. Só beijei pra todos da escola ver”</i>	Jovem: 16 / Parceiro: 32 Grindr	<i>“Foi super excitante. Não me arrependo”</i>
João, 20, Branco, ateu, versátil	Jovem: 12 / Parceira: 12 Escola	<i>“Foi ruim, mas fiz pra provar pra mostrar pros meus amigos”</i>	Jovem: 19 / Parceiro: 20 Festa UERJ	<i>“Foi bom, mas eu tava m muito bêbado”</i>
Vicente, 22, Negro, católico, passivo	-	-	Jovem: 20 / Parceiro: 25 Vôlei	<i>“Teve sentimento dos dois lados. Gostei muito dele”</i>
Lucas, 20, Negro, católico, ativo	Jovem: 9 / Parceira: 9 Escola	<i>“Eu curti, mas todos meus amigos já tinham beijado, tinha que beijar ela”</i>	Jovem: 13 / Parceiro: 16 Chat UOL	<i>“Foi muito bom. Bem melhor do que quando beijei ela”</i>
Vinícius, 22, Branco, sem religião, passivo	Jovem: 12 / Parceira: 12 Amiga de infância	<i>“Foi um beijo de criança, mas gostei muito dela”</i>	Jovem: 16 / Parceiro: 19 Amigos em comum	<i>“Eu queria muito! Foi maravilhoso! Incrível!”</i>
Danilo, 19, Branco, sem religião, ateu	Jovem: 15 / Parceira: 15 Escola	<i>“Me senti obrigado a ficar com ela. Eu não queria, foi bem ruim”</i>	Jovem: 17 / Parceiro: 32 Facebook	<i>“Foi bem ruim. Eu tava muito bêbado. Não lembro de nada”</i>
Marcelo, 24, Negro, católico, ativo	Jovem: 13 / Parceira: 13 Escola	<i>“Eu gostava dela. Foi minha primeira namorada, era coisa de criança”</i>	Jovem: 15 / Parceiro: 19 Vôlei	<i>“Foi ótimo. Eu super admirava e gostava dele. Beijar ele foi a melhor coisa da minha vida”</i>
Eduardo, 23, Branco, católico, passivo	Jovem: 11 / Parceira: 11 Escola	<i>“Foi um beijo mega lésbico, foi horrível”</i>	Jovem: 16 / Parceiro: 40 Chat Terra	<i>“Foi mega bom. Ele super me aceitou. Fiquei molhada com ele”</i>
Ricardo, 22, Branco, católico, passivo	Jovem: 9 / Parceira: 9 Escola	<i>“Foi ruim, nem teve língua. Eu só tinha que provar que não era viado”</i>	Jovem: 14 / Parceiro: 16 Festa junina do bairro	<i>“Eu mega curti, fiquei de pau duro. Com ela não fiquei”</i>
Israel, 23, Pardo, católico, passivo	Jovem: 13 / Parceira: 13 Amiga de infância	<i>“Foi horrível, estranho. Não senti nada. Só sabia que não queria aquilo”</i>	Jovem: 16 / Parceiro: 16 Escola	<i>“Foi maravilhoso, beijamos horrores. Sabia ali que tava fazendo a coisa certa”</i>
Mateus, 22, Branco, evangélico, versátil	Jovem: 14 / Parceira: 14 Escola	<i>“Querida gostar de menina pra esquecer essa questão de ser gay”</i>	Jovem: 17 / Parceiro: 18 Amigos em comum	<i>“Eu finalmente tava beijando um menino, mas tinha muita gente em volta!”</i>
Daniel, 19, Negro, sem religião, ativo	Jovem: 13 / Parceira: 13 Escola	<i>“Não foi bom, só beijei porque achava que eu tinha que ser hetero mesmo”</i>	Jovem: 18 / Parceiro: 23 Grindr	<i>“Eu tava nervoso porque não conhecia ele, mas foi mega bom”</i>
Caique, 20, Negro, católico, ativo	Jovem: 11 / Parceira: 11 Amigos de infância	<i>“Foi bom, mas nada muito sério. Tinha muita gente olhando”</i>	Jovem: 18 / Parceiro: 20 Handball	<i>“Foi muito bom, muito bom mesmo! Foi natural e eu fiquei mega excitado”</i>
Paulo, 21, Pardo, católico, ativo	Jovem: 15 / Parceira: 15 Festa junina da escola	<i>“Eu tive que beijar ela, senão iam me chamar de viado”</i>	Jovem: 18 / Parceiro: 20 Grindr	<i>“Foi muito diferente das meninas. Fiquei muito de pau duro e vi que gostava daquilo”</i>

N = 15 jovens entrevistados. Todas as informações foram autodeclaradas

### *A primeira relação sexual*

Conforme a tabela 4 abaixo, quatro dos quinze entrevistados tiveram a primeira relação sexual com uma mulher, sendo que dois jovens mencionaram essa experiência como “única”. É digno de mencionar a diferença de quantos meninos beijaram (14) e quantos meninos (4) tiveram relação sexual com uma menina. Se podemos dizer que os rapazes beijaram entre 11 e 12 anos uma menina, e esta experiência não foi positiva, é possível que esta experiência fez parte do aprendizado de suas trajetórias, em que quase todos perceberam que não sentiam atração sexual por alguém do sexo oposto. Por isso, este número caiu de forma drástica para a relação sexual (compreendida aqui com penetração).

Os quatro rapazes que tiveram a primeira relação sexual com mulher tinham entre 12 e 18 anos (12-14-16-18). Um jovem teve a primeira relação sexual com a mesma menina que deu seu primeiro beijo. Três jovens se relacionaram com uma menina da mesma idade e um jovem tinha 12 e a parceira 19 anos. Todas eram do mesmo círculo social dos jovens (escola, amiga de infância/rua). Três jovens “gostaram da experiência”, e um (Marcelo, entrevistado 08), disse que havia se arrependido. Para ele, a experiência não foi prazerosa, parecia que estava machucando sua namorada, e também contou sobre a pressão que sentia (principalmente do pai) para ter relações sexuais com ela. O jovem narrou:

*“Meu pai falava muito que negro tinha que saber meter bem. Com 13 anos meu pai falava que tava na idade pra comer uma menina. Ele disse que preto era sempre colocado como inferior, que não podia ser inferior até na cama. Eu não queria ouvir essas coisas, mas ele sempre ficava perguntando se eu já tinha rasgado ela. Eu não queria transar por que era um namoro de criança, mas acabei transando mesmo assim. Foi horrível! Na hora eu acho que só machuquei ela, e eu nem fiz ela gozar. Me senti um lixo!”*  
**(Marcelo, 24 anos, negro)**

O fato dele ser negro merece ser destacado. Ainda, dos quatro jovens que se relacionaram sexualmente com uma mulher, três eram negros. Pela ótica interseccional, se discute que o mandato de masculinidade, desde a infância e início da adolescência, é poderoso para todos os jovens entrevistados. Contudo, pode-se dizer que este mandato seja ainda mais rigoroso e demandante para os jovens negros.

Falar sobre a população negra nos países que sofreram colonizações é falar sobre como o controle dos seus corpos perpassa em suas subjetividades (Gonzalez, 2011; Silva & Pereira, 2013; Costa, 2017). Gonzalez (2011) menciona que de modo geral, os autores que falam sobre os corpos negros destacam a exploração da força de trabalho dos negros escravizados em países colonizados, contudo, pouco se debruçam sobre o saqueamento emocional dessas pessoas.

Sobre essa importante discussão, um dos escritos mais popularizados é de bell hooks, com o livro “Vivendo de Amor”. A autora demonstrou como a escravidão afetou a forma de viver os afetos entre os negros e que ainda hoje é possível identificar tal fator história na nossa sociedade.

*“O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar.”* (bell hooks, 1994)

bell hooks apresenta as relações de afeto relacionadas à mulher negra no que concerne a sua postura enquanto mulher e as possibilidades de destino que é atribuído a este sujeito, assim como a forma que os processos coloniais e pós-coloniais construíram na realidade do povo negro um distanciamento do que vem a ser o amor.

Nessa mesma direção, numa realidade dos homens negros, Mara Viveiros Vigoya (2018), aponta os estereótipos existentes sobre a sexualidade masculina negra na Colômbia, a partir de uma perspectiva histórica e como os próprios homens negros confrontam esses imaginários. Vigoya debate como os homens negros assumem tais estereótipos e os usos sociais que fazem deles, colocando a visão do outro frente ao corpo negro nessas estratégias, em que esses estereótipos provocariam certo “aprisionamento simbólico” de seus corpos, racializando e colonizando suas constituições masculinas.

Para a autora, os estereótipos são uma estratégia da relação de poder, que forja a fantasia de potência sexual e virilidade desses homens, os distanciando da vivência afetiva. Assim como na pesquisa de Vigoya, os jovens negros aqui entrevistados também apontam o estereótipo recorrente aos homens negros vistos como essencialmente falocêntricos, libidinosos e hipereróticos (Santos, 2014), atributos vinculados à potência sexual, da ordem da “animalidade”. No caso do pai de Marcelo, reconhecendo o racismo da nossa sociedade, aponta que o jovem precisa demonstrar virilidade/potência e se sobressair na performance sexual, em contraste com os

homens brancos: *“Ele disse que preto era sempre colocado como inferior, que não podia ser inferior até na cama (...) Ele dizia que eu tinha que saber comer e rasgar a buceta de uma menina”*. Essa fala também remonta à pesquisa de Vigoya (2018). Se a antropóloga mostra os aprisionamentos que os estereótipos causam, ela também mostra o percurso dos homens negros que produzem ressignificações a partir desses imaginários que o outro lhe atribui, tentando “tirar algo de positivo” desses estereótipos. No caso do entrevistado, essa negociação é feita pelo pai. Marcelo, pelo menos naquele momento de sua adolescência, não parecia estar disposto a compreender esse racismo e a possibilidade de ser “bom de cama” para “tirar proveito” da situação racial: *“Eu era muito criança, não queria ouvir essas coisas”*. Essa situação ilustra como o mandato de masculinidade, em articulação com a raça, se transforma de forma ainda mais potente em um mandato de crueldade, causando insegurança, fragilidade e de impotência a um adolescente negro, que pouco consegue vislumbrar que este destino pode não ser seu: *“Eu só queria pegar na mão dela, era um namoro de criança”*. Nessa direção, o falocentrismo é visto como ideal de comportamento entre homens negros, que nega um conjunto de dores, sofrimentos e vulnerabilidades nesses homens (bell hooks, 1992; Passador, 2015; Pelegrini, 2018).

Frente à construção da masculinidade negra, é notória a idealização do “negão bom de cama”, viril e selvagem, e este tem sido um dos estereótipos amplamente difundidos que acompanham estes homens, independente da orientação sexual, uma vez que todos os homens negros historicamente foram e ainda são reduzidos a meros objetos de prazer (Fanon, 2008). Em sua totalidade, homens negros, não estão inseridos no padrão de beleza hegemônico (branco-cis-hetero), tampouco figuram no imaginário social de “homem ideal”. Todos esses elementos são necessários para compreender a hiperssexualização dos corpos negros, e como ela se apresenta também para homens negros gays.

Busca-se reconhecer que o mandato de masculinidade apresenta cobranças e expectativas, que para além do gênero e classe, se intersecta com a raça, fazendo com que homens jovens negros se alienem de sua própria afetividade desde muito pequenos, fechando-os para tudo que seja eleito como possivelmente pertencente do universo feminino, empobrecendo sua socialização e suas escolhas afetivo-sexuais, o que traz questões importantes para o debate sobre ser gay, jovem e negro, e os fantasmas que rondam as vivências de sua sexualidade e afetividade. Assim, a lente interseccional mais aguçada entre orientação sexual, gênero e raça, sobretudo por uma perspectiva

da afetividade, pode despontar para possibilidades concretas do enfrentamento ao racismo, machismo e sexismo.

No que se refere à primeira relação sexual com um outro homem, a idade dos jovens variou entre dez e 20 anos. Dois jovens tiveram a primeira relação sexual entre 10 e 13 anos; seis entre 14 e 17 anos; sete entre 18 e 20 anos. Estudos em geral apontam que a iniciação sexual masculina em idade ocorre mais cedo que a feminina (Almeida et al, 2003; Borges & Schor, 2002; Bozon & Heilborn, 2006). Alguns estudos apontam que a iniciação sexual de jovens gays masculinos ocorre em média com 13 anos (Allen et al, 1998; Taquette & Rodrigues, 2015). Rios (2003) cita que homens jovens gays masculinos tendem a ter a iniciação “mais precoce” e com um maior número de parceiros do que os heterossexuais. Os achados da presente tese contrariam, de certa forma, com as pesquisas citadas. A média de idade da primeira relação sexual dos jovens foi de 15,4 anos, o que aponta mais uma vez que os entrevistados contrariam à representação de “precocidade” ou “promiscuidade” muitas vezes apontada pela literatura sobre juventude e adolescência gay.

Como apontado na tabela 4 abaixo, a idade dos parceiros variou entre 19 e 30 anos, todos esses mais velhos que os entrevistados. Do total, 11 jovens tiveram sua primeira relação com um parceiro entre 19 e 23 anos e quatro com um parceiro entre 24 e 30 anos. Quatro jovens se relacionaram com um parceiro mais velho e 11 com um parceiro muito mais velho. A diferença de idade variou entre dois e 15 anos. Se a média dos jovens foi de 15,4 anos, a dos seus parceiros foi de 22,6, o que representa uma diferença de média de idade superior a sete anos.

Mais uma vez, no que se refere à diferença de idade, aponta-se que não se trata de uma discussão moral. Se no momento do primeiro beijo os jovens desejaram a experiência com um homem mais velho, tal debate se mostra mais complexo nesse código, visto que três jovens relataram que sua relação sexual não foi desejada/consentida, se tratando assim, de uma primeira vez dita como abuso. Entende-se por abuso sexual o ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual cujo agressor é mais velho do que a criança/adolescente. Essas práticas são impostas à vítima pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade (Cara & Neme, 2016). O fenômeno é encoberto por um muro de silêncio, do qual fazem parte, familiares, vizinhos/as e, algumas vezes, os/as próprios/as profissionais que atendem às vítimas (Braun, 2002).

Para além da diferença de idade desses casos (10-20; 13-20; 16-23), alguns marcadores sociais da diferença também merecem destaque. O primeiro caso é de Vicente (04), jovem surdo-mudo. O primeiro abuso ocorreu quando ele tinha 10 anos, e seu primo, o abusador, 20. Os

episódios ocorreram por três anos, sem uso de preservativo e Vicente era “só” passivo com o primo.

Vicente era surdo-mudo desde seu nascimento, o que indica uma condição de vulnerabilidade social e sexual. Para além da dificuldade e vergonha para falar sobre o tema, a dificuldade da comunicação linguística indica certo isolamento pela sua deficiência. As relações sexuais ocorridas na infância são entendidas como um marco da sua “condição gay”: “*Não sei até que ponto eu me descobri com homossexualidade naquele momento*”. Ou seja, o abuso sexual parece estar relacionado ao processo de construção da sua identidade sexual, constituindo-se como um marco subjetivo importante. Para este jovem, existe uma relação direta entre o primeiro ato sexual e a vivência (atual) de ser gay, como se ele tivesse “contaminado a homossexualidade”.

A relação entre ser gay e deficiência anuncia discussões teóricas importantes sobre sexualidade. Maia & Ribeiro (2011) citam que esses sujeitos se constituem a partir de duas (ou mais) categorias de pertencimento que são socialmente construídas em um espaço de menor valia. Como escreveu Vicente, “a sexualidade do surdo-mudo parece que não existe”, o que acarreta uma dupla invisibilidade social entre ser gay e deficiente. Percebe-se que a deficiência é tomada como característica principal do sujeito, não podendo assim, existir sua sexualidade. Considera-se que frente à deficiência, soma-se outras discriminações como as de gênero, orientação sexual, raça e classe social.

Nessa direção, pessoas com deficiência são vulneráveis à violência sexual principalmente por dois fatores: primeiro, por serem socialmente invisibilizadas; e, segundo, pela consciência do agressor de que o risco de denúncia do abuso é praticamente inexistente, pois com frequência a pessoa com deficiência estará isolada e sem apoio (familiar e escolar) (Ferreira, 2008). Portanto, no caso dos surdos-mudos, a incompatibilidade linguística com a comunidade ouvinte majoritária e a não aquisição da linguagem de sinais favorecem a emergência de contextos abusivos e geram situações complexas de vulnerabilidade (Abreu et al, 2015). A relação de abuso entre uma pessoa ouvinte e uma pessoa surda-muda traz mais riscos de agressões e violências à pessoa com deficiência auditiva e linguística, em que a desigualdade se faz evidente também pela via de comunicação. O “privilegio auditivo” de pessoas que não possuem deficiência auditiva se torna uma vantagem social, e uma via de opressão às pessoas se comunicam através de outros tipos de linguagem, como a linguagem de sinais (Hodes, 2009).

Outros dois jovens (Eduardo e Ricardo) também relataram a primeira relação sexual como abusiva, e ambos se consideravam “muito afeminados desde criancinhas”. Em comum, nota-se uma mesma frase dita pelos agressores: “*Você é viadinho, tem que aprender a virar homem*”; “*Você é viadinho, vai acabar gostando [do abuso]*”. É notável o caráter da violência praticada com a intenção de disciplinar e corrigir comportamentos, que implicaria em uma noção de desvio de padrões de gênero tradicionais pós-coloniais (Facchini & Ferreira, 2016). Ainda, tais frases remetem à hierarquia entre o “abusador-ativo-homem” e a “vítima-passiva-mulher”.

Pode-se dizer que esse ritual é uma “confirmação”, que as vítimas são gays, estão em um lugar “inferior”, e quem pratica o abuso, está numa condição superior. Há uma evidente hierarquia nesse abuso sexual, que ocorreu em um momento de iniciação. Pesquisas apontam, assim como em consonância com o empírico desta tese, que as agressões possuem a cruel característica de serem costumeiramente praticadas por membros familiares ou conhecidos, em ambiente doméstico-familiar. Isto denota a fragilidade daqueles que estão sujeitos à violência “corretiva”, uma vez que se dá no local em que supostamente estariam mais protegidos (Cavalcanti et al, 2019).

A partir dos relatos, percebe-se que o abuso perpassa pela expressão de gênero “afeminada” do jovem, e faz o abusador entender que o abuso pode ser justificado como forma de “lição”, para “corrigir” a “não heterossexualidade” e ensinar o jovem a “ser heterossexual”. O abusador considera a expressão de gênero da vítima uma transgressão à regra moral, biológica e social, e a ideia é puni-lo. Trata-se da combinação do machismo com homofobia (Cavalcanti et al, 2019) em que a heteronormatividade torna-se uma faceta importante para pensar a violência como sanção de uma expressão de gênero (Carrara, 2010), em que a marca do feminino faz com que eles se tornem mais vulneráveis.

Assim, o modelo de masculinidade hegemônica heteronormativo estabelece cultural e historicamente a valorização da masculinidade heterossexual, configura relações de poder entre homens e mulheres, e entre homens que escapam desses padrões de masculinidade vigentes, refletindo na violência sexual frente a homens gays e “afeminados” (Connell, 1987).

Tornando esse cenário evidente, demonstra-se a complexidade em se pensar as violências sofridas por homens gays, destacando o caráter punitivo dessas agressões, situando a violência sexual e de gênero também como constituinte da relação entre homens. Esse processo corresponde à violação sistemática das identidades que ali existem, produzindo diferenciações e hierarquias das sexualidades distintas das que são vistas como “normais” (Cavalcanti et al Silva, 2019).

A rejeição e o ódio ao gay afeminado envolvem dinâmicas que provocam diferentes reações dos grupos dito como hegemônicos, emergindo agressões que possuem caráter evidente de punir sexualidades gênerodissidentes à cisheteronormatividade (Colling, 2014). Essa discussão torna-se importante, para dar lugar de que a maneira pela qual homens jovens gays experienciam o gênero é um importante marcador para a entrada de sua sexualidade. O fenômeno do abuso sexual em homens gays afeminados, não pode ser descrito sem a imposição social da cisheteronormatividade como padrão a ser seguido, fazendo com que pessoas que não sigam essas normas sejam violentadas, rechaçando qualquer diversidade corporal que borre as linhas binárias essencialistas (CIDH, 2015).

No que se refere aos outros 12 jovens, os mesmos têm recordações positivas de suas primeiras vezes. A comparação das relações com uma menina se mostra mais uma vez presente: “*Foi muito bom, bem melhor do que com meninas*”. Ainda, para aqueles que haviam beijado (quase todos), também há a confirmação e o alívio pela relação: “*Vi que tava fazendo a coisa certa, foi muito bom!*”. Os jovens não demonstraram arrependimento por ter experimentado uma relação sexual com outro homem. Nesse processo de construção da própria masculinidade gay, todos se sentiam diferentes de seus pares do mesmo sexo e idade desde a infância, sem entender por quê. Em seguida, após um período de dúvidas e angústias, em que alguns tentam ignorar o desejo de ficar com um homem, eles parecem “resolver” experimentar esse contato mais próximo, e apesar de sentirem que não estão correspondendo com o roteiro heterossexual hegemônico esperado pela família, amigos e outras instituições, sentem-se aliviados por “finalmente” terem experimentado a relação com alguém do mesmo sexo, não se arrependendo da experiência.

Frente ao “lugar” ou “como” conheceram seus pares, nove relataram que o parceiro fazia parte do seu grupo social (prática de esporte coletiva, primo, amigos em comum, irmão da amiga). Outros seis, conheceram o parceiro através da *internet* (Sala de bate papo, *Facebook*, *Tinder*, *Grindr*). Este número é igual aos jovens que buscaram um parceiro para dar seu primeiro beijo através da *internet*.

Mais uma vez, os jovens demonstram que a *internet*, as tecnologias e o uso de mídias sociais e digitais constituem um eixo importante da sexualidade na atualidade. Assim, pode-se confirmar que a *internet* é parte do mundo que compõe os processos sociais contemporâneos (Miller & Slater, 2004) e não um “mundo à parte”. É a partir do seu uso que muitos jovens dão seus primeiros beijos e encontram seus parceiros sexuais. O uso da *internet* atravessa de forma



contundente a cultura, não sendo diferente na esfera afetivo-sexual. As novas formas de socialidades digitais influenciam de forma considerável a sexualidade dos mais jovens (Braga, 2006). Portanto, reforça-se que a *internet* e as mídias digitais são instrumentos fundamentais de sedimentação das relações sociais desses jovens, permitindo novas formas de se relacionar até então, impossíveis (Martino, 2015).

Essa nova forma de se relacionar nos impulsionou a transpor parte da nossa vida social, pessoal, profissional – e mesmo sexual/amorosa – para o ambiente digital. Habitamos hoje uma cultura que “passou de uma comunicação em rede para uma sociedade modelada por plataformas, e de uma cultura participativa para uma verdadeira cultura da conectividade” (Van Dijck, 2013, p. 12). Assim, a conectividade ocupa lugar cada vez mais central nas nossas relações sociais cotidianas. Vale a pena também mencionar, que no momento das entrevistas, eu apontava aos jovens que a maior parte dos seus parceiros sexuais foi conhecido através de alguma mídia social, todos se assustavam: “*É mesmo! Nunca tinha pensado nisso!*”; “*Nossa, nunca parei pra pensar. Realmente!*”; “*Caramba, quase todos os caras que transei na vida foram pelo Grindr! Nossa!*”. Nessa direção, pode-se pensar que o uso pessoal da *internet* como recurso para se chegar afetivamente e sexualmente ao outro está cada dia mais naturalizada em nossas vidas.

Por fim, também é digno de mencionar que cinco relações sexuais se deram sem camisinha, sendo que três destas foram relações de abuso sexual. As outras duas, os jovens mencionaram que “estavam muito bêbados”. Assim, se discute um outro dado, em que nove das quinze relações se deram com o uso de alguma bebida alcoólica: “*Bebemos algumas cervejas*”; “*Bebemos algumas garrafas de vinho*”; “*A gente tava muito bêbado*”.

Não se busca realizar uma associação determinada de causa e efeito, em que o álcool estaria envolvido no sexo desprotegido. Pelo contrário, se 11 jovens tiveram a relação sexual sob efeito do álcool, nove utilizaram o preservativo, mesmo “alcoholizados”. Contudo, aponta-se aqui duas discussões: a provável necessidade de fazer uso da bebida alcóolica para “se soltar”, “perder a vergonha”, e a relação entre dois homens ser possível (Amaral & Saldanha, 2009). Estudos brasileiros (Carlini et al, 2010; Malta et al, 2011) apontam que o álcool é a primeira e a mais utilizada droga entre os adolescentes, pois além de ser legalizada, ela provoca desinibição e certa diminuição na capacidade de planejar o comportamento sexual. Contudo, compreende-se aqui que a intenção ou o desejo de ter relações sexuais precedem o uso do álcool, e não o contrário: “*Fomos num barzinho primeiro pra se conhecer*”; “*Eu fui na casa dele, tava tudo marcado, mas ele*

*perguntou se eu bebia vinho. Bebemos duas garrafas*". Assim, muitos jovens bebem estrategicamente para desinibir e facilitar a relação sexual (Cooper, 1994).

Outra discussão, refere-se à naturalização do uso do álcool. Nenhum jovem respondeu que a primeira relação teve "uso de alguma droga". Quando perguntados se ingeriram bebida alcoólica, eles afirmavam que "sim". Assim, dentre as motivações para o consumo do álcool, os jovens compreendem o consumo possivelmente como algo normal: "*Ah, é mesmo! A gente bebeu antes. Nem lembrava!*". Não se pretende apontar se o consumo do álcool é um fator de risco nos encontros sexuais, e tampouco apontar uma ligação entre consumo de álcool e sexualidade gay. Mas destaca-se a naturalização da bebida (principalmente da cerveja) no contexto brasileiro, principalmente entre homens (Almeida, 1995). Ainda, autores (Sanches & Souza, 2016) relacionam o modelo hegemônico de masculinidade com o consumo de álcool por parte de homens jovens. Assim, o consumo do álcool envolve padrões de gênero, em que "beber muito" está correlacionado com "ser homem" e uma "masculinidade adulta" (Silveira, Martins, Soares, Gomide, & Ronzani, 2011). Como algo que é compartilhado socialmente, além da pouca fiscalização da proibição de vendas para menor de idade, conforme o ECA (Brasil, 1990), indaga-se a necessidade de dialogar sobre essa naturalização com adolescentes e jovens, principalmente devido ao grande acesso à *internet* e à mídia, meios em que propagandas sobre bebida são constantemente transmitidas.

O consumo do álcool ultrapassa as fronteiras familiares e escolares, o que indica maior necessidade de diálogo como agente de informação aos jovens. A escola, profissionais de saúde, a mídia, entre os diversos agentes sociais da nossa cultura, pode servir como mediadores desse diálogo, desenvolvendo discussões com o propósito de conscientizar os jovens (independentemente de sua orientação sexual) frente à naturalização do consumo do álcool e possíveis vulnerabilidades e riscos que envolvem o seu consumo (Atanzio et al, 2013).

Tabela 19. A primeira relação sexual

<i>Jovem entrevistado</i>	<i>Idade e onde conheceu a parceira</i>	<i>Sentimento após a relação sexual</i>	<i>Idade e onde conheceu o parceiro</i>	<i>Sentimento após a relação sexual</i>	<i>Uso de preservativo e álcool e drogas</i>
Rodolfo, 22, Negro, evangélico, passivo	-	-	Jovem: 20 / Parceiro: 30 Bate papo UOL	“Foi muito bom! Ele me tratou super bem!”	Com camisinha. Beberam “algumas cervejas”
André, 19, pardo, Sem religião, passivo	-	-	Jovem: 17 / Parceiro: 19 Amigo do vôlei	“Foi bacana. Ele era meu amigo e tinha carinho”	Com camisinha. Beberam “um pouco”
João, 20, Branco, ateu, versátil	Jovem: 18 / Parceira: 18 Escola	“Foi ótimo! Éramos dois amigos. Estávamos bem bêbados!”	Jovem: 19 / Parceiro: 21 Amigo do vôlei	“Doeu um pouco, mas não me arrependo”	Com camisinha. Beberam “muita vodca”
Vicente, 22, Negro, católico, passivo	-	-	Jovem: 10 / Parceiro: 20 Primo	“Fui abusado por ele por três anos”	Sem camisinha. Sem uso de álcool e outras drogas
Lucas, 20, Negro, católico, ativo	Jovem: 12 / Parceira: 19 Amiga da mesma rua	“Foi ótimo, gostei bastante”.	Jovem: 14 / Parceiro: 27 Chat UOL	“Foi muito bom. Foi bem mais selvagem do que com ela”	Com camisinha. Beberam “um pouco”
Vinícius, 22, Branco, sem religião, passivo	-	-	Jovem: 16 / Parceiro: 19 Amigos em comum	“Foi maravilhoso! Incrível!”	Com camisinha. Sem uso de álcool ou outras drogas
Danilo, 19, Branco, sem religião, ateu	-	-	Jovem: 17 / Parceiro: 32 Facebook	“Foi bem ruim. Eu tava muito bêbado. Não lembro de nada”	Sem camisinha. O jovem estava “muito bêbado”
Marcelo, 24, Negro, católico, ativo	Jovem: 14 / Parceira: 14 Escola	“Eu coloquei um pouco, mas senti que tava machucando ela. Ficou nisso”	Jovem: 15 / Parceiro: 19 Amigo do vôlei	“Foi ótimo. Eu super admirava e gostava dele”	Com camisinha. Beberam “umas cervejas”
Eduardo, 23, Branco, católico, passivo	-	-	Jovem: 13 / Parceiro: 20 Irmão da amiga	“Foi um abuso mesmo. Não gosto de lembrar”	Sem camisinha e sem uso de álcool e drogas
Ricardo, 22, Branco, católico, passivo	-	-	Jovem: 16 / Parceiro: 23 Primo e amigo do primo	“Eu não queria. Abaixaram minha bermuda e meteram”	Sem camisinha e sem uso de álcool e drogas
Israel, 23, Pardo, católico, passivo	-	-	Jovem: 18 / Parceiro: 22 Tinder	“Eu gostei. Doe, mas gostei. Não me arrependo”	Com camisinha e “beberam alguns vinhos”
Mateus, 22, Branco, evangélico, versátil	-	-	Jovem: 19 / Parceiro: 23 Amigos em comum	“Gostei bastante. Vi que estava pronto e queria fazer”	Com camisinha e sem uso de álcool e drogas
Daniel, 19, Negro, sem religião, ativo	-	-	Jovem: 19 / Parceiro: 25 Grindr	“Depois vi que ele não queria nada. Me senti um lixo”	Com camisinha e sem uso de álcool e drogas
Caique, 20, Negro, católico, ativo	Jovem: 16 / Parceira: 16 Amigos de infância	“Foi bom, não me arrependo. Eu queria, ela também”	Jovem: 18 / Parceiro: 20 Handball	“Foi muito bom, bem melhor do que com meninas”	Com camisinha. Beberam “algumas cervejas”
Paulo, 21, Pardo, católico, ativo	-	-	Jovem: 18 / Parceiro: 20 Grindr	“Foi ótima. Mas a gente tava bem bêbado”	Sem camisinha. Os jovens estavam “bem bêbados”

N = 15 jovens entrevistados. Todas as informações foram autodeclaradas

### ***O aprendizado da masturbação***

O ato de se masturbar já foi conceituado como prejudicial pela ciência médica, sendo uma prática que acarretaria doenças físicas e mentais, em que o tratamento e a prevenção deveriam ser efetivados (Laqueur, 2003). Para o autor, a imoralidade da prática se deu no início do século XVIII, na ascensão do Cristianismo, visto como um ato pecaminoso, de vício e doença por não levar à procriação.

No discurso de punição, a prática do ato se dava diferente para os gêneros (Kellogg, 1888). Para os meninos, aqueles que se masturbavam, envelheceriam precocemente, teriam olheiras, perderiam sua vitalidade, teriam fraqueza, problemas de digestão e infertilidade, podendo até mesmo transformá-los em anões. Já as meninas, perderiam sua beleza, teriam dores pelo corpo, e também, se tornariam impossibilitadas de terem filhos. Sendo assim, a menina deveria cultivar a castidade. Ainda no século XX, autores consideravam a masturbação como causa de diversos sintomas, como insanidade, perda de memória, falta de ar, entre outros (Gibson et al, 1914). Ainda nessa época, a masturbação era vista como um ato que deveria ser “tratado”, que envolveria técnicas curativas, envolvendo amarrar as mãos, o uso de uma gaiola para cobrir a genitália masculina e até mesmo a aplicação de ácido no clitóris das mulheres.

Nesta mesma época, começam a surgir algumas variações no discurso da ciência média. Como exemplo, Sigmund Freud (1996) apontava que a masturbação era algo natural, porém, também citava que seria uma forma “infantil” de prazer. Nos meados do século, pesquisas apontavam que a masturbação era uma prática comum entre as pessoas da sociedade, mas mostravam que o ato era consideravelmente mais praticado entre homens do que mulheres (Kinsey et al, 1953). Nesta época, a representação da masturbação mudou de forma significativa, quando autores consideravam que sua prática não era inadequada, imatura ou antissocial, e que a mesma não levaria à frigidez ou impotência sexual. Pelo contrário, a prática era saudável, tendo em vista que diminuía a ansiedade, depressão, aumentava o prazer sexual dos parceiros, promovia fantasias sexuais e imaginação, tinha como objetivo conhecer o próprio corpo, melhorava as relações entre casais e promovia a inovação de modos satisfatórios de sexo (Ellis, 1966; Andersen, 1981; Goodman, 1982; Morokof & LoPiccolo, 1986).

A transformação de se descrever não se deu de forma linear. A ciência médica – pelo menos na área da Sexologia – passou a considerar a masturbação como benéfica para o desenvolvimento da sexualidade, se distanciando do discurso de patologização, sendo mais aceita socialmente. Em

outro exemplo, Gagnon (1985) mostrou que a atitude dos pais perante o ato de masturbação das crianças e adolescentes, mesmo quando os responsáveis discursam que o ato é algo natural, é predominantemente negativa, e as condutas mais comuns frente os filhos seria “ignorar” e “mandar parar”, retomando a historicidade moralista da masturbação.

No século XXI, autores apontam que a representação do ato de se masturbar é uma construção simbólica, estruturada, codificada e organizada de acordo com cada cultura em determinado momento histórico (Bozon, 2004; Garton, 2009; Kaestle & Allen, 2011). Para os autores, há uma maior aceitação da prática nas últimas décadas, que apesar de não ser mais vista como sinônimo de doença, o silêncio rodeia quando o assunto é masturbação, principalmente nas famílias como nas escolas dos adolescentes (de homens e mulheres). O silêncio é compreendido como sinal de desaprovação pelos jovens, que evitam falar sobre o assunto.

Pesquisas no universo heterossexual nas últimas duas décadas (Bozon, 2004; Heilborn et al, 2006; Nascimento & Gomes, 2009; Gomes, 2008), citam que a masturbação é uma experiência quase universal, sendo um ato que geralmente precede as relações sexuais entre parceiros. Ainda, também apontam que existem diferenças entre os gêneros que demarcam a prática. Assim, os autores postulam que as mulheres costumam praticar a masturbação pela experiência amorosa e os homens a experimentam como porta de entrada para o exercício da sexualidade (Bozon, 2004). Assim, a masturbação se torna privilegiada na iniciação sexual masculina, desvinculada da reprodução. Na experiência masculina, o ato da masturbação está presente na “ideologia erótica do brasileiro” (Parker, 1991), ao contrário de outras culturas. Ainda para o autor, a masturbação faz parte das descobertas infantis e muito praticada em grupos de homens jovens e adolescentes, principalmente os de camada popular.

Percebe-se que a masturbação se revela como uma prática bastante comum na iniciação sexual dos jovens entrevistados. Não por coincidência, sua prática se dá na mesma idade das primeiras descobertas: da primeira relação sexual, do primeiro beijo, do primeiro gostar, etc. Assim, a masturbação também pode ser considerada como um processo de aprendizagem, algo apontado por Gagnon (2006). É considerada pelos jovens como algo natural e um momento de descoberta do prazer no próprio corpo, o que prevalece a representação do autoerotismo associada ao masculino (Heilborn et al, 2006).

Destaco alguns pontos deste tema, conforme a tabela 5. Todos os rapazes disseram que a masturbação era um ato comum em suas trajetórias. Pode-se dizer que apenas Eduardo, rapaz que

se denominava CD, disse que se masturbava “muito pouco”, pois seu “tesão” não se encontrava no toque do próprio pênis, mas sim em ver um outro “macho se masturbar”. As narrativas dos entrevistados vão de acordo com as pesquisas mais recentes supracitadas neste código. Nesta pesquisa, os jovens consideram a masturbação uma prática comum, mesmo entre aqueles que possuem um(a) parceiro(a). A “primeira” masturbação variou entre dez e 17 anos. Sete rapazes se masturbaram pela primeira vez entre dez e 13 anos, sete entre 14 e 15 anos e um jovem aos 17 anos. Leone (2017) aponta que 91% dos homens (em sua maioria heterossexuais) começaram a se masturbar com aproximadamente 14 anos, o que também vai de acordo com esta pesquisa.

Um dado interessante é que todos os rapazes se masturbaram sozinhos, em seus quartos, sem a companhia de alguém. Essa questão não foi explorada durante as entrevistas, se os jovens se masturbavam em grupo. Contudo, pode-se dizer que esta informação não veio à tona durante as entrevistas. Na pesquisa de Leone (2017), 33% dos homens se masturbavam em grupo. A pesquisa GRAVAD (Heilborn et al, 2006), também verificou que a masturbação em grupo (e mútua) é recorrente entre homens de camadas populares. Porém, na presente pesquisa, a masturbação aparenta ser algo extremamente íntimo, que deve ser realizada em ambiente privado, sem a presença do outro: “*Só fui me masturbar quando ganhei um celular, tinha medo de alguém me pegar no flagra*”. Assim, apesar de ser uma prática rotineira, ela ainda é vista como um campo de interdição, pelo constrangimento e vergonha que pode causar se os outros ficarem sabendo (Nascimento & Gomes, 2007), independente se o conteúdo acessado foi hétero ou gay: “*Fui falar com meu irmão morrendo de vergonha pra ele me ajudar e dar dicas*”.

Outro dado interessante refere-se que todos os jovens se masturbaram e se masturbam através da *internet*. Em poucos casos, alguns jovens tiveram posse de alguma revista “de papel”. A utilização da *internet* (salas de bate-papo, uso do *Google*, sites pornôis), se mostrou bastante evidente. Interessante notar, que mesmo com pouca idade (10-15 anos), eles tinham acesso ao conteúdo pornográfico, em que a maior dificuldade, seria se sentir em um ambiente privado, sem a possibilidade de ser “pego no flagra”. A suposta “proibição” de acesso à conteúdo pornográfico, por ter idade inferior a 18 anos, não se mostrou relevante em nenhuma narrativa.

Como apontado, o desenvolvimento do *smartphone*, que é chamado mais frequentemente apenas de celular, promoveu mudanças significativas no acesso à *internet*, na medida em que ele possibilita estar conectado a qualquer tempo e em qualquer espaço. O uso da *internet* através do celular se tornou um mediador privilegiado para uma série de atividades de comunicação, o que se

estende à prática da masturbação, e, portanto, a visualização da pornografia. Além disso, o celular geralmente é de uso individualizado, o que promove a privacidade de quem o utiliza, favorecendo o acesso a ferramentas virtuais que, muitas vezes, o usuário não quer que outras pessoas tomem conhecimento, tornando seu uso como próprio e íntimo.

Destaco que as narrativas demonstraram que a masturbação através da *internet* foi considerada positiva, um momento de descoberta e de aprendizagem. Nas últimas duas décadas, identifica-se na literatura pesquisas sobre as condições de acesso à *internet*, as atividades, as mediações e os riscos. Entretanto, entre os anos 2010 e 2021, após os serviços de 4G desde 2009, observou-se uma mudança tecnológica que ampliou a conectividade e o acesso, privilegiando todo tipo de comunicação e acesso ao entretenimento, inclusive a franca oportunidade de produção, visualização e acesso à pornografia (Ponte, 2012). Não se pode negar o impacto que o acesso à *internet* e à pornografia possuem sobre os mais jovens no âmbito das relações interpessoais (Ponte, 2012). Como apontado por Ferrari (2021), a *internet* se encontra presente no *rol* de experimentações da masturbação dos mais jovens, mesmo os de camadas populares. Portanto, o uso da *internet* para praticar e aprender a se masturbar deve ser considerado como realidade de meninos e meninas (heterossexuais e gays, de camadas médias e populares). Destaco também que alguns jovens tiveram seu primeiro contato com conteúdo pornográfico ainda crianças, entre dez e 12 anos. No Brasil, deparamo-nos com escassez de pesquisas que incluam o acesso e uso da *internet* por adolescentes e jovens que abranjam o tema da sexualidade e o acesso à pornografia por crianças e adolescentes.

A partir da presente pesquisa, se demonstra que o aprendizado da sexualidade dos meninos (ainda crianças e adolescentes), está relacionado com o processo crescente de acesso à *internet*. Em interessante ponto, durante as entrevistas, os jovens apontaram a prevalência de distintas atividades violentas de diversos tipos (física, verbal, emocional, sexual) e práticas de risco nos vídeos pornográficos, e salientam a necessidade de mais estudos para melhor compreensão desses e outros fenômenos a partir do acesso à pornografia e seu papel no aprendizado da sexualidade, incluindo-se aí um debate social mais amplo, implicando instituições com funções de socialização dos adolescentes, tais como a família, escola e instituições de saúde.

Assim, aponta-se a necessidade de debates acerca das implicações do uso da pornografia por crianças e adolescentes, compreendendo que a construção psíquica dos sujeitos de uma determinada sociedade não se dá separada daquilo que acontece no nível social (Simmel, 1987).

A *internet* é um exemplo atual de como uma tecnologia produzida utilizada por uma determinada sociedade afeta a vida social dos sujeitos de determinada sociedade.

Crianças e adolescentes devem ser vistos como público de maior preocupação no acesso da *internet* e pornografia. Uma razão dessa preocupação se deve ao fato de esse público ser considerado como nativos digitais (Palfrey & Gasser, 2011). Os mais jovens estabelecem uma relação de intimidade e administram as ferramentas digitais com habilidade e naturalidade (Fernández & González, 2017). A cultura digital faz parte de sua vida desde cedo, promovendo uma distinção menor entre os mundos presencial (*off-line*) e virtual (*on-line*). Assim, a *internet* é empregada com uma clara finalidade socializadora, na qual os nativos digitais aprendem com e através dela (Garcia *et al.*, 2020).

O conteúdo e as imagens difundidos sobre masturbação, pornografia (e sexualidade) pela *internet*, de modo aberto ou clandestino, com mais ou menos potência erótica ou violência, são encontrados de forma fácil e acabam sendo localizados pelos jovens usuários no universo virtual. A *internet* oferece aos adolescentes “referências para existir”, uma matriz identitária, uma maneira de se constituir como sujeito (Le Breton, 2017) e também, na mesma medida, se oferece enquanto fonte de informação e modos de viver a sexualidade.

Nesse cenário, os jovens (ainda crianças), acessam cada vez mais e de modo mais rápido a todo tipo de informação e imagens sobre sexualidade, incluindo-se aí temas referentes à masturbação. O acesso à pornografia coloca-se como uma das possibilidades existentes disponibilizadas na *internet* para que os adolescentes possam saber mais e aprender sobre o que lhes ocorre em relação à sexualidade, na maioria das vezes de modo “clandestino”, longe do olhar dos pais ou responsáveis e mesmo longe dos próprios pares, como mencionado pelos jovens durante as entrevistas.

Por fim, aponto que dos 15 jovens, nove “iniciaram” a masturbação através de conteúdos heterossexuais, e assim, seis com conteúdo gay. Este dado também reforça a ideia que a masturbação e o uso de material pornográfico através da *internet* fazem parte do processo de aprendizado da sexualidade: “*Eu comecei com filme hétero, mas ali percebi que eu ficava mais olhando pro pau do cara do que pra mulher. Aí eu comecei a ver filme pornô gay, ficava com muito tesão, que não acontecia vendo filme hétero!*”; “*Primeiro vi filme hétero, aí fui pros filmes gays. No começo parece um parque de diversões, mas depois você vai vendo quais brinquedos você gosta mais e volta sempre nos mesmos!*”; “*Você começa com filme hétero, mas depois de um*



*tempo você cria coragem e vê um pornô gay!”; “Eu me masturbava no começo com vídeo hétero, acho que por isso eu não gozava, aí com vídeo gay, eu gozei, então acho que eu tava vendo a coisa errada mesmo!”.*

Interessante destacar, mais uma vez, que a heteronormatividade e a masculinidade hegemônica se mostra presente. Os entrevistados estranhavam a performatividade dos atores pornôs, tanto nos conteúdos hétero como nos conteúdos gays: *“Eu sempre achei estranho!”; “Achava mega forçado, o cara metendo com força, a mulher gemendo super alto, com aqueles saltos altos, achava violento!”; “Eu acho que tem uma violência nos pornôs gays, o passivo é sempre colocado como submisso, numa situação que parece um abuso”; “Meu favorito é ver um negro comendo um branquinho, que o negro domina o branquinho novinho”.* Assim, a partir de uma perspectiva de gênero, se nota como a heteronormatividade organiza inflexíveis performances a homens e mulheres nos filmes. Tanto as mulheres, como os homens passivos, são transformados em objetivos sexuais e devem prover o prazer sexual aos homens (este hetero e/ou ativo) (Andrade et al, 2004). Há, assim, o incentivo de relações opressivas de poder, em que o conteúdo pornográfico deve expressar a agressividade masculina, e a diminuição da aceitação social do que é visto como feminino (Andrade et al, 2004; Nogueira et al, 2010; Silva, 2013).

Em síntese, a masturbação através da *internet* reproduz de forma contundente a heteronormatividade, que implica assim a forma em que são constituídas as relações sexuais, a afetividade e a própria masculinidade, seja ela hetero ou gay. Nos conteúdos, os próprios jovens identificam a rejeição da feminilidade do outro, a violação sexual e a cultura heterossexista, delimitando o afeto, induzindo ao abuso sexual, silenciando masculinidades não hegemônicas e evidencia a masculinidade hegemônica, no papel do homem, macho, hetero e viril, que perpetua o quadro de exclusão e marginalização daqueles sujeitos considerados como desviantes (Dall’Ago & Rocha, 2019).

Tabela 20. O aprendizado da masturbação

<i>Jovem entrevistado</i>	<i>Idade que iniciou a se masturbar</i>	<i>Com quem e onde se masturbou</i>	<i>Através de qual instrumento se masturbou</i>	<i>Se iniciou a prática através de conteúdos heterossexual ou gay</i>
Rodolfo, 22, Negro, evangélico, passivo	15	Sozinho, em casa	Filme pornô pelo celular e computador	<i>Hétero. “Ali mesmo eu percebi que eu ficava mais olhando pro pau do cara do que pra mulher”</i>
André, 19, pardo, Sem religião, passivo	15	Sozinho, em casa	Filme pornô na internet, chat UOL	<i>Hétero. “No começo parece um parque de diversões, mas depois você vai vendo quais brinquedos você gosta mais e volta sempre nos mesmos”</i>
João, 20, Branco, ateu, versátil	14	Sozinho, em casa	Filme pornô e revistas online na internet	<i>“Você começa vendo filme hetero, mas aí você olha mais pro corpo do homem, aí depois de um tempo, você cria coragem e vê um pornô gay”</i>
Vicente, 22, Negro, católico, passivo	17	Sozinho, em casa	Filme pornô na internet	<i>Hétero. “Demorei pra superar o abuso, só depois criei coragem pra ver alguma coisa pornô. Mas me ajudou a superar o abuso”</i>
Lucas, 20, Negro, católico, ativo	13	Sozinho, em casa	Filmes e revistas pornôs online na internet	<i>Hétero. “Era filme hétero primeiro. Só depois você cria coragem pra digitar alguma coisa gay”</i>
Vinícius, 22, Branco, sem religião, passivo	10	Sozinho, em casa	Homens nus na internet	<i>Gay. “Eu via fotos de homens pelados na internet. Daí eu ia vendo as fotos, ia sentindo um formigamento e uma tensão no short”</i>
Danilo, 19, Branco, sem religião, ateu	14	Sozinho, em casa	Filmes pornôs através do celular, na internet	<i>Hétero. “Via pornô hétero, mas nunca saía nada. Aí vi um vídeo gay, gozei! Acho que tava procurando no lugar errado mesmo”</i>
Marcelo, 24, Negro, católico, ativo	14	Sozinho, em casa	Chat Terra, Chat Uol, Google, films pornôs	<i>Gay. “Entrava muito em chat gay, chovia de homem querendo falar comigo. Meu nick era ‘novinho comedor’</i>
Eduardo, 23, Branco, católico, passivo	13	Sozinho, em casa	Chat Terra e UOL	<i>Gay. “Adorava entrar em chat e me passar de mulher. Me sentia realizada de ver os machos batendo na cam”</i>
Ricardo, 22, Branco, católico, passivo	12	Sozinho, em casa	Revista G Magazine, Google e sites pornôs	<i>Gay. “Um amigo do colégio emprestou uma G magazine, do Alexandre Frota! Depois comecei a digitar no Google. Você vai aprendendo, né?”</i>
Israel, 23, Pardo, católico, passivo	15	Sozinho, em casa	Filmes pornôs pelo celular, através do uso da internet	<i>Gay. “Foi no ano que ganhei meu celular. Mas prefiro ler conto erótico, acho mais romântico”</i>
Mateus, 22, Branco, evangélico, versátil	12	Sozinho, em casa	Na internet, ‘digitando’ sobre fotos sensuais	<i>Gay. “Eu preferia ver fotos sensuais. O computador lá de casa era muito velho, demorava muito pra carregar os vídeos, a foto era mais rápida”</i>
Daniel, 19, Negro, sem religião, ativo	14	Sozinho, em casa	Filme pornô através do uso do Google	<i>Hétero. “Precisei de coragem pra ver um pornô gay. Uma hora você não consegue se segurar e faz logo de uma vez por todas”</i>
Caique, 20, Negro, católico, ativo	13	Sozinho, em casa	Filmes pornôs através do celular	<i>Hétero. “Vi um pornô na internet porque me zoaram que nunca tinha gozado. Meu irmão deixou o computador com tudo aberto pra mim”</i>
Paulo, 21, Pardo, católico, ativo	13	Sozinho, em casa	Filmes pornôs e revista física Playboy	<i>Hétero. “Só fui ter coragem de ver coisa gay depois que ganhei meu celular. O computador de casa todo mundo usava”</i>

N = 15 jovens entrevistados. Todas as informações foram autodeclaradas

### ***Informações sobre camisinha, PREP e PEP***

Neste código, os jovens narraram experiências semelhantes. Eles não tiveram informações sobre camisinha, PREP e PEP com a família, igreja ou escola, e quando tiveram, as informações eram parcas e conjecturavam uma suposta homossexualidade do jovem, sem maior profundidade de diálogo, discussão e possibilidades de encarar a diversidade. Como exemplo, os familiares (responsáveis) diziam: *“Quando você tiver com uma garota, mete nela com camisinha”*; *“Se for sair, leva camisinha porque eu não quero ser avó cedo”*. Nas escolas, a discussão não era tão distinta quanto a da família: *“Foi na aula de Biologia, que pra fazer filho duas pessoas tinham que transar sem camisinha”*; *“A primeira vez foi na escola, que pra ter filho precisava de penetração”*. Alguns jovens foram mais categóricos: *“Nunca tive na escola e nem na família”*; *“Informação nunca é demais, principalmente pra quem nunca teve conversa em casa ou na escola”*; *“Com certeza eu nunca tive na escola e meus pais nunca falaram comigo”*.

Os entrevistados não se sentiam confortáveis em conversar com a família sobre o assunto, dessa forma, a *internet* e os amigos próximos eram suas formas de obter informações sobre camisinha, ISTs, PrEP e PEP. Existia preferência em buscar no *Google* de forma solitária ou conversar com os amigos da mesma orientação sexual e da mesma idade, o que supõe uma relação mais igualitária, sem julgamentos. Nessas conversas, os amigos conversavam sobre camisinha, gel lubrificante, fazer a “chuca”, dentre outros assuntos. Portanto, suas maiores fontes de informações eram os amigos (também gays e da mesma idade) e através da *internet*.

Autores discutem que os tabus ainda estão presentes na família e na escola quando o assunto é sexualidade, o que pode levar os adolescentes a adquirirem as informações com amigos, revistas, filmes e *internet* (Soares et al., 2008; Freitas & Dias, 2010). A presente pesquisa também evidencia a afirmação dos autores. Em especial, a *internet* se mostrou potente na disseminação de informações sobre camisinha e outras questões sobre sexualidade: *“Na internet mesmo que aprendi tudo! Desde que eu fiquei vendo filme pornô eu procurava sobre as coisas, de como usar camisinha, fazer a chuca”*; *“Informações sobre sexo foi tudo pela internet, nunca tive ninguém pra conversar comigo sobre essas coisas, acho que Facebook, Google, Whatsapp e Orkut me ajudaram bastante”*; *“Na internet a gente busca e olha tudo, né? Lembro que quando eu quis fazer teste de HIV, eu pesquisei na internet onde fazia. Eu tava com vergonha de conversar com meus amigos, e também tava desesperado. A internet me tranquilizou e me ajudou muito”*.

Se conversar sobre camisinha e sexualidade demonstra desafios, informações sobre PrEP e PEP são ainda mais escassas e difíceis de acontecerem. Os jovens basicamente tinham informações básicas sobre as profilaxias e tinham algumas dúvidas sobre os medicamentos: *“Eu conheço porque têm alguns amigos que tomam pra transar sem camisinha, ou não sei se tomam pra não terem medo de pegar alguma doença”*; *“Sei que tem como pegar outras doenças mesmo tomando PrEP”*; *“Mais pra esses tempos eu pesquisei o que era PrEP, que o pessoal tava falando, achei bem legal, você pode tomar de graça? Não sei!”*; *“Eu aprendi sobre PrEP porque fui no hospital com meu amigo. Antes nunca tinha ouvido falar”*; *“Eu sei que PrEP é antes do sexo, e PEP é depois, só isso!”*.

A pesquisa de Hoagland et al (2017), feita no Brasil, demonstrou que os jovens HSH (HSH foi denominado pelos autores), tinham interesse de usar e obter mais informações sobre a PrEP e outras estratégias de prevenção. Para os autores, havia a necessidade de aumentar o acesso desses jovens, principalmente os de menor escolaridade, para as informações sobre estratégias de prevenção.

Nessa direção, sabe-se que a OMS propõe oferecer, para além do uso do preservativo, outras estratégias para redução da transmissão do HIV, como o oferecimento de antirretrovirais na profilaxia pós-exposição sexual (PEP) e pré-exposição sexual (PrEP) para a população de modo em geral, principalmente para homens que fazem sexo com outros homens (OMS, 2019). As falas dos meninos demonstram os persistentes desafios não somente à oferta das “novas tecnologias de prevenção”, mas também no que tange à própria discussão e obtenção de conhecimentos mais abrangentes e críticos dessas estratégias. Como cita Maksud et al (2015), pensar e (re)pensar políticas de saúde exige a compreensão da realidade social a partir de uma perspectiva do cuidado e da integralidade, num cenário que ainda carece em avançar na resposta mundial para o controle da AIDS e outras ISTs, principalmente entre os mais jovens.

Segundo Sampaio et al (2011), há muito em se discutir para proporcionar um diálogo não normativo entre adolescentes, jovens, família, escola e profissionais de saúde, que ainda expressam uma dificuldade em trabalhar a sexualidade na adolescência de uma maneira não normativa ou como se fossem “estimular” uma sexualidade “precoce” dos adolescentes. Assim, torna-se imperativo repensar o discurso biorreducionista e a educação bancária como estratégias de enfrentamento das IST/aids da nossa sociedade (Maksud et al, 2015). Há, portanto, desafios para a espera da prevenção, sobretudo na necessidade de maior diálogo entre instituições e os jovens.

Os jovens demonstram o interesse em obter mais informações sobre tais tecnologias de prevenção, nos mostrando que existe uma realidade sociocultural no que diz respeito ao diálogo e à atenção dessas diversas instituições para com eles.

Tornar os jovens e adolescentes responsáveis pela sua saúde sexual é uma forma de ajudá-los a construir sua autonomia para o autocuidado e uma vida sexual saudável (Alves & Lopes, 2008). É indispensável o diálogo entre os adolescentes, profissionais e instituições, que necessitam direcionar e efetivar discussões e ações sobre sexualidade dos mais jovens, independente do gênero, classe, raça e orientação sexual, para que possam entender e cuidar de sua própria saúde sexual (Freitas & Dias, 2010).

Por fim, outra discussão importante neste tema refere-se que todos os entrevistados citaram a *internet* como principal fonte/ferramenta para obtenção de informações sobre diversos assuntos que circunscrevem a sexualidade. Como cita Le Breton (2017), é na busca ativa por outros grupos, outros tipos de experimentações e aprendizados que muitas possibilidades infinitas são colocadas à disposição dos adolescentes pelos recursos tecnológicos, no exato momento em que são rompidos os limites com a família e a escola. A *internet* (seja pelo acesso ao *Google* ou conteúdos pornográficos), passa a oferecer ao adolescente mais do que a família e a escola podem juntas ofertar em termos de informação e conteúdo. Ela permite ao adolescente se informar além dos pares para construir seu recurso de informações frente à vida e à sexualidade. Nesse sentido, a *internet* oferta acesso ao adolescente a todo tipo de código e valor que permitirá a ampliação do seu conhecimento sobre muitos assuntos sobre a sua sexualidade.

Os entrevistados demonstraram, que o acesso quase irrestrito da *internet* permite que eles se norteiem em relação a qualquer dúvida que tenham sobre sexo, sexualidade, relações afetivas ou amorosas. Uma rápida busca por grupos temáticos existentes nas redes sociais, voltados para autoajuda e aconselhamento, permite antever as dúvidas, os receios, as inseguranças e a solidão que os rodeiam.

Alguns autores (Bauman, 2006; Le Breton, 2017) citam que com as mudanças significativas e rápidas da sociedade atual, o papel das socializações primária e secundária exercidas pela família e pela escola sofreram profundas transformações. Os adolescentes hoje podem se orientar de maneira pessoal (pela via do individualismo) sobre qualquer questão relacionada à sexualidade, afetos e amores sem o peso do passado recente da família e da escola.

No período atual de intensas transformações na sociedade em relação à exploração do mundo que os rodeiam, adolescentes encontram na *internet* e fora de sua família e dos limites da escola a inquietante experiência de constituição de si, em que nem a família, nem a escola e a comunidade estão mais na centralidade desse processo (Le Breton, 2017). A socialização antes balizada e promovida pela família passa a estar em movimento (Dubet, 2002). Assim, a tarefa de “ensinar” e “transmitir” deixou de ser atribuição apenas da família e as matrizes de sentido e de valor passaram a ser múltiplas e colocadas à disposição de todos, acarretando algumas transformações de valores e mesmo com certa abertura para uma cultura mais diversificada. Nessa direção, se a cultura está em mudança, os adolescentes também estão. A discussão sobre a iniciação sexual dos jovens aqui entrevistados evidencia isso. O uso da *internet* aponta o quanto os *sites* e aplicativos tem substituído o trabalho - ou a falta dele - de educação em gênero e sexualidade nas escolas e instituições de saúde.

Em suma, devemos considerar o crucial papel da *internet* na socialização, principalmente dos mais jovens, que nasceram “conectados” no mundo virtual. Compreender o uso dessa ferramenta na atualidade pode subsidiar a compreensão dos dilemas da constituição de uma sociedade democrática plena, envolvendo os valores e normas que circulam na e pela juventude brasileira. Compreender o papel da *internet* e sua capacidade de informar e educar, constitui o processo de construir jovens cidadãos para usufruem da sua sexualidade de maneira saudável. Assim, a *internet* possui um grande papel na difusão e aquisição de informações e conhecimento, com possibilidade de ter uma função social de informar e orientar criticamente a vivência dos jovens, o que deve ser considerado como um aspecto positivo nessa nova decodificação de estruturação de identidades coletivas e valores sociais a partir do virtual.

## ***B – Pedagogias da masculinidade***

Neste tema, apresento as narrativas dos jovens frente alguns aspectos das pedagogias das masculinidades durante suas trajetórias, seja na infância, adolescência ou juventude. Pretendo discutir como o mandato de masculinidade hegemônica, a cisheteronormatividade se delineiam em seus discursos como dimensões essenciais dessas pedagogias. Ainda, demonstro certos paradoxos e ambiguidades nos seus discursos, principalmente no que se refere às expressões corporais e de gênero, em que um discurso naturalizado sobre “ser” e desejar um homem se destaca.

Como fio condutor dessa reflexão, busco analisar os discursos de masculinidade sobre ser um “homem de verdade”, como o uso dos aplicativos reitera uma noção de masculinidade hegemônica, tanto nos discursos dos jovens como no olhar do outro, como os jovens caracterizam o seu parceiro ideal, como eles compreendem o “ser ativo” e “ser passivo” sexual na sociedade, se eles “ficaram” com alguma pessoa trans e o que acham dessa “nova forma de masculinidade” (Almeida, 2012). Aponto como esses discursos reverberam em processos de (re)significação nas/das falas, nas práticas e corpos durante suas trajetórias, e acabam por revelar a operação de pedagogias de gênero e de masculinidades, bem como de que forma as diversas categorias de pertencimento (gênero, cor/raça, religião, atributos corporais, características ditas como “deficiência”, status sorológico, migração, etc.) influenciam a vivência dessas pedagogias.

### *Como um “homem de verdade” deve ser*

As afirmações sobre como “ser um homem de verdade” podem ser analisadas como processos simbólicos, que são construídos socialmente, e não são características que deveriam ser consideradas inatas aos homens. Assim, cada cultura cria um ideal de gênero almejado. Segundo Connell & Messerschmidt (2013), o ideal de como “ser homem” se encontra em três níveis: local, regional e global. Essa construção cultural de como ser homem de verdade aparece de forma clara nos níveis locais e regionais nas narrativas dos jovens. Os discursos se constroem, se reproduzem e são reforçadas continuamente em diversas instituições que eles se encontram durante suas trajetórias: família, grupo de amigos, igreja, escola e mídia.

Ser homem de verdade está fortemente associado a determinadas características e comportamentos ligados à masculinidade hegemônica, em que um homem deve ser dotado de força e virilidade. As instituições que os jovens estão inseridos em suas vidas (família, escola, amigos e igreja) são disseminadoras dessas ideologias, que de certa forma, apresentam um modelo de masculinidade quase que naturalizado e bastante dominante que precisa ser reafirmado a todo instante. Como exemplo, destaco algumas falas: *“Meu pai falava: ‘Senta que nem homem, homem não senta assim! Abre as pernas quando sentar!’”; “Na igreja, tinha um discurso que homem de verdade não ficava com outro homem”; “Na escola, uma vez chamaram meus pais dizendo que eu não andava igual homem, e que isso podia fazer com que os outros meninos me imitassem. Uma vez eu caí e ralei o joelho, a professora disse: ‘Aja que nem homem, homem não chora’”; “Ouvia tanto em casa quanto na escola. Eu sempre ouvi que homem tem que andar como homem”; “Sempre escutei, que não pode sentar de um jeito, não pode falar de um jeito, não pode andar de um jeito, aí acho que por isso eu achava que eu não era uma criança normal, por que não era homem de verdade”; “Até no meio gay a gente ouve que não pode não pode ser afeminado demais, ou falar fino demais, ou rebolar demais. É um monte de ‘não pode’, é difícil!”*.

Pelas falas ouvidas durante suas trajetórias, percebe-se como se constrói a identidade masculina e quais suas consequências diretas e indiretas na vida dos meninos. A socialização do homem se dá dentro de um espectro limitado de possibilidades de masculinidades, em que são ensinados a “não” sentir, a “não” demonstrar emoções, e a “não” expressar suas angústias, medos e frustrações, ou ainda, em sua máxima: “homens não choram”. Percebe-se que o modelo de sociedade patriarcal exige que os homens silenciem os outros homens e a si mesmos. Eles são criados dentro de uma masculinidade imposta e que deve ser enaltecida a todo momento.



Os discursos evidenciam que “ser homem” vai muito além do sexo biológico, perpassando por uma performance social de gênero. Como cita Scott (1985), sexo diz respeito à designação biológica do indivíduo, enquanto gênero é uma produção cultural, relativa as concepções sociais do masculino/feminino e os modos de ser e agir. Assim, a partir das falas, percebe-se que há um *status quo* na construção do ideal de se performar como ser um “homem de verdade”. Torna-se evidente o quanto os discursos estão fundados em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino, que também destacam relações de poder (Bourdieu, 1999). A criança “afeminada” é vista como uma ameaça à masculinidade hegemônica, que acima de tudo, é heterossexual e viril (Connell, 1995; Baker, Palmer, 2002).

Destaco que o processo em se tornar “homem de verdade” não é construído por uma afirmação, e sim por uma negação (Badinter, 1993). Isso quer dizer que, desde pequenos, os meninos são ensinados a negar atributos relacionados a ser mulher, criança ou gay (Badinter, 1993). Para Adichie (2015), muitas vezes, mães, pais, bem como outras instituições, ensinam seus filhos desde muito cedo como eles devem ser e se comportar, ou seja, como “não meninas”. Nesse momento de aprendizado, diferenças de gênero são fortemente percebidas, em que há formas de se criar um menino e uma menina. Para se criar um menino, há o desprezo e negação a tudo que é representado como feminino, que visa eliminar qualquer expressão de sensibilidade, afeto, sentimentos, entre outros comportamentos considerados “de mulher”, como falar mais fino, ter letra bonita, sentar e andar de tal forma etc. Eles são ensinados a rejeitarem tudo que está estereotipado como feminino, pois ser homem é um contraponto ao que é fraco, feminino e emotivo. Assim, esses atributos considerados como “não” masculinos ameaçam a masculinidade (Sabino, 2000). O masculino se forma a partir da negação daquilo que é feminino, evidenciando a relação de poder como uma das formas de afirmação de um ideal de masculinidade. Como cita Grollmus (2012), o “ser homem” não é apenas um produto, é um processo construído e desenvolvido dentro de sistema de sexo/gênero culturalmente específico que tem como objetivo regular as relações de poder, os lugares sociais e os corpos de cada um, até mesmo nas relações entre e de homens.

Badinter (1993), há quase trinta anos, refletiu sobre a relação de interdependência que há na construção social da masculinidade e da feminilidade. Para ela, menosprezar o feminino favorece a subsistência da dominação masculina. Assim, apesar de se afirmar que existe uma multiplicidade das masculinidades na atualidade e que não há uma essência em ser homem, nota-se que há uma forte ideologia que justifica, normatiza e naturaliza a dominação masculina (Bourdieu, 2005). Nas palavras da autora, ser homem de verdade, na sociedade ocidental, significa “não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres” (Badinter, 1993, p. 117).

É possível notar o jogo hierárquico das relações dos e entre os gêneros. É nesse jogo que tanto as instituições, como as relações entre os homens, que ocorre o “patrolhamento de gênero” (Kimmel, 1997), que se demonstra como uma constante vigilância do modelo esperado de um homem, se atentando para àqueles que “não são homens de verdade”, tornando-se um desafio ser permanentemente enfrentado.

Todas as falas evidenciam que há muito para se refletir e questionar sobre o que é ensinado e propagado nas instituições da nossa sociedade para os meninos, que faz com que eles neguem e escondam qualquer possibilidade de prática que esteja relacionada ao feminino. Nessa intensa e incansável patrulha, eles podem ser julgados e condenados como “menos homens” em qualquer momento.

Nessa pesquisa, várias expressões de como um homem de verdade deve ser foram citadas, desvelando um imaginário instituído pelas diferentes instituições que os jovens perpassam, o que demonstra a resistência de valores patriarcais, em um vicioso ciclo de limitação e negação de subjetividades e modos diferentes de ser. Percebe-se a necessidade de se discutir a dicotomia imposta entre feminino/masculino e homem/mulher, como se um só pudesse ser validado em detrimento ou negação do outro, que coloca em xeque as relações de poder entre os gêneros, repetidas nas relações entre e dos homens. Como possibilidade, evidenciando que isto não se dará de forma simples ou linear, podemos debater e colocar o termo “masculinidade” no plural, com o propósito de reconhecer que há vários tipos de masculinidades e que não existe uma forma única e ideal de se viver e performar um gênero.

### *O corpo no ir e vir-tual*

Discute-se como o corpo é representado e desejado nos ambientes virtuais em que os jovens frequentam, principalmente nos aplicativos de geolocalização para encontros afetivo-sexuais. Corroboramos com Le Breton (2010), em que o corpo não existe em um suposto estado natural, ele se insere na trama dos sentidos da cultura, datado em determinado momento histórico, social e político. As manifestações, atitudes, apresentações e expressões do corpo são ensinadas e moldadas na, pela e através da vida social (Mauss, 1974; Bruhns, 1989).

Parte-se do princípio que as mídias digitais (principalmente os aplicativos de geolocalização) redimensionaram as interações humanas em sentidos substanciais, colocando nossas interações em novas dimensões de sociabilidade, modificando as dinâmicas do desejo e da relação estabelecida entre sexualidade e corpo (Miskolci, 2014).

O uso dos aplicativos para buscar parceiros indica importantes caminhos de análise da sociedade contemporânea, pois revela processos de virtualização do desejo e demonstra como homens gays experienciam os discursos sobre o corpo através da tecnologia (Miskolci, 2014). Nesse “novo” tipo de configuração, interessante também apontar, que de certa forma, temos um maior “controle” sobre a performance que apresentamos sobre o nosso corpo - tanto nas imagens como nos discursos - (Bozza, 2016). Assim, o debate como o corpo emerge nos tempos atuais de mídias digitais torna-se bastante frutífero, principalmente em um grupo dissidente, como o caso dos homens jovens gays, cuja expressão da sexualidade é muitas vezes dificultada ou até mesmo impossibilitada em espaços públicos, mesmo em um centro urbano como o Rio de Janeiro.

Nessa direção, vale a pena mencionar que os aplicativos exercem funções e dinâmicas de espaços protegidos pelo anonimato (Pullen & Cooper, 2010). Assim, com ajuda do anonimato, cada aplicativo permite a ocorrência de conjugar diversas “afinidades”, a depender do *software* de cada mídia (seja *Facebook*, *Instagram*, *Grindr*, *Hornet*, *Tinder*, *Badoo*, *sites* de bate-papo, etc), de forma a otimizar os elos entre usuários. Portanto, é inegável a potencialidade dos aplicativos em gerar vínculos a partir de índices de afinidades. Aposta-se que essas afinidades são balizadas a partir do contato visual (fotos do corpo e descrições). Assim, debate-se como o corpo “digital” emerge nos aplicativos, em especial o *Grindr*. Este aplicativo é o mais utilizado entre os homens gays (Aguiar, 2016), sendo conhecido por ser um aplicativo de “pegação”, ou seja, de “fácil” sexo. Não à toa, foi citado por todos os entrevistados.

Como visto nas entrevistas, desde a adolescência os jovens frequentavam tais aplicativos, tendo contato desde muito novos em como o corpo é representado nesses espaços. Após realizarem o “download” dos aplicativos, eles inauguram uma nova modalidade de possibilidade de encontros afetivo-sexuais (Couto et al, 2016). Apesar de ser algo “novo” em suas trajetórias, as expressões de gênero, sexualidade e corpo reproduzem “antigas” e conhecidas tensões, disputas e controvérsias de suas trajetórias.

O corpo figura com protagonismo nesse “campo minado”, em que o *Grindr* é visto como um “cardápio” e “açougue”. É digno de mencionar a naturalidade em que os jovens trocam fotos do próprio corpo, em especial, do pênis e da bunda, fotos conhecidas como “nudes”. De certa forma, mandar nudes faz parte da experiência e produção de si nos perfis de aplicativos de geolocalização (Maracci et al, 2019). Algumas frases chamam atenção: “*É difícil pensar em alguém que não tenha nudes, porque sempre pedem. Aí se a pessoa te manda, você tem que mandar, né?*”; “*Eu acho que todo mundo tem nudes, a gente aprende a tirar essas fotos, acho que o nude é nosso cartão de visitas hoje (risadas)*”. Os jovens aprendem como tirar nudes: “Eu nunca mando foto do meu rosto, pra acabar não sendo exposto”. Assim, os jovens têm conhecimento que podem ser vítimas, por exemplo, de *sexting*, que segundo Souza et al (2019), trata-se de uma violência da era virtual, pois consiste no compartilhamento de fotos e vídeos da vítima, geralmente sem seu consentimento, surgindo então diversas consequências, como o reconhecimento de sua identidade e uma superexposição da sua intimidade. Quando o material é exposto em alguma rede social, o mesmo pode ser utilizado de formas indevidas, como exemplo, o envio do conteúdo à parentes ou ao local de trabalho da vítima. Outrossim, em muitas situações, há a demora da retirada do conteúdo, constringendo ainda mais a vítima. Portanto, ao utilizarem aplicativos e trocarem nudes, os jovens estão sujeitos a este tipo de exposição no ambiente virtual. Importante dizer que nenhum jovem sofreu este tipo de violência devido ao compartilhamento de fotos e vídeos pessoais, mas torna-se inevitável não mencionar tal possibilidade de violência na contemporaneidade e, ainda, que existe uma relativização da “troca de nudes”, a qual a prática está difundida na sociedade atual e “naturalizada” entre os mais jovens: “Se você não tem nudes, ninguém vai continuar o papo com você”.

Nessa intensa caça e trocas de nudes, uma performance de masculinidade é exigida nesse corpo, que deve atender e demonstrar padrões da masculinidade hegemônica, caracterizada de forma explícita no discurso: “a fim de macho, não curto afeminados, curto apenas caras sigilosos”.

Ainda, o desejo por um corpo ideal varia de acordo com normatividades sociais (de classe, gênero, cor, localidade). Assim, existe uma preferência (mais ou menos velada), em que o corpo branco, musculoso e morador da Zona Sul da cidade é o alvo de desejo. Nessa busca por um parceiro, há uma heteronormatividade misógina, classista e racista, espelhada a partir de uma epistemologia do armário (Sedgwick, 1991), em que há uma preferência pelo homem que não se expresse como gay e seja de classe média. Corpos trabalhados por musculação e virilidade, são atributos desejáveis para muitos usuários (Baydoun, 2017). Miskcolci (2013), ainda menciona que há uma intensa valorização da masculinidade heterossexual e um desprezo pelos afeminados. Como visto em algumas entrevistas, alguns usuários realizam até mesmo ligações telefônicas nos aplicativos, para averiguar se o candidato a parceiro não fala “como mulher”.

O corpo adquire centralidade a partir da intersecção de outros marcadores sociais da diferença, como classe, cor, performance de gênero e “tipo” de corpo. Ser “pobre”, “negro”, “gordo” e “afeminado”, representam desigualdades que evidenciam uma simultaneidade de opressões. Ainda, pode-se dizer que a idealização e reificação do corpo tonificado atua também como um corpo que exclui o homem afeminado (que geralmente não possui músculos). Tais códigos de imagens orientam quais corpos devem ser desejados e são “dignos” de diálogo. A partir de um viés de gênero, não basta ser masculino, é preciso não ser “viado” ou “bicha” (este visto como o extremo da feminilidade).

Grosso modo, as apresentações de si encarnadas pelas fotos dos corpos e pelas descrições nos aplicativos, orientam e dão sentido social às redes. Quando este corpo não corresponde ao ideal hegemônico, processos de exclusões e hierarquias emergem a certos usuários, como é o caso de muitos jovens entrevistados, que dizem que não se “encaixam” neste padrão desejado.

Aparentemente, o corpo negro, o corpo gordo e o corpo afeminado, são os corpos que mais sofrem rechaço nos aplicativos. Assim, o racismo, a gordofobia e os homens gays que também não seguem a lógica binária do comportamento normativo de gênero, sofrem exclusão dentro do aplicativo, o corriqueiro “não sou e não curto”. Há outros preconceitos que também são dignos de menção: as piadas de mau gosto com uma pessoa deficiente e o provável preconceito que um jovem soropositivo irá encontrar caso mencione seu *status* sorológico. Neste último caso, torna-se difícil debater de forma mais aprofundada este preconceito, pois o entrevistado (Ricardo), não “assumia” ser soropositivo. Porém, o receio de dizer ser soropositivo permeou toda a pesquisa, o que demonstra como a sociedade é constituída por uma sorofobia (Barbosa Filho, Vieira, 2020),

até mesmo caso a pessoa tome a medicação necessária para que sua carga viral seja indetectável. Assim, todos esses corpos são vistos como descartáveis, não sendo dignos do desejo do outro e distantes do desejo virtual. Seus corpos não incomodam somente a heteronormatividade e o patriarcado, mas também moralidades sociais.

Neste hierárquico e descentralizado ir e virtual, os jovens se sentem excluídos desse jogo de “caça”. A masculinidade, heteronormativa, higienista e moralista, emerge como valor e um modo de distinção. A partir das fotos corporais (e também das descrições), cria-se uma hierarquia, em que os corpos são desejáveis conforme os critérios que apresentam, dentre os quais o não ser afeminado, não ser pobre, não ser negro, não ser deficiente, não ser gordo e não ser soropositivo, prevalece. Esses diversos “não pode” retomam inúmeros discursos socialmente compartilhados acerca do gênero, sexualidade e corpo, que privilegiam algumas poucas formas de existência, algo vivenciado durante suas trajetórias. A dominação masculina, tal qual propõe Welzer Lang (2001), mais uma vez se mostra potente nessa vivência digital. Esta dominação se intersecta com outros importantes marcadores, demonstrando como existem diversas normatividades na busca por afetos, sexo, desejos e corpos. Nesta perspectiva, os aplicativos demonstram que o corpo enunciado de forma visual também denota diversos discursos hegemônicos (Maracci et al, 2019).

Essa dimensão excludente deságua em exigências com o formato corporal, algo mais difícil de ser alcançado por jovens de camadas populares, que em sua maioria são negros e têm pouca condição financeira de buscar artefatos culturais e simbólicos (como praticar musculação, tomar suplemento, ter uma alimentação regrada), para obtenção de um corpo musculoso.

Esses diversos corpos (pobres, gordos, negros, afeminados) são explicitamente indesejados, repudiados, tornados abjetos. Esta relação se estende com os corpos que não se inserem dentro do registo de capacidade hegemônica, como é o caso das pessoas com incapacidade ou deficiência (Cover, 2012), ou ainda, das pessoas HIV positivas. No caso deste último exemplo, é inviável para Ricardo colocar tal informação em seu perfil, pois o jovem “tem certeza” que será “mais excluído ainda”, caso revele seu *status* sorológico.

Os aplicativos revelam como para os jovens com marcadores sociais considerados “negativos”, as possibilidades de receberem “investidas” pode ser difícil, ou quase impossível. A raça, classe, gênero, entre tantos outros marcadores, balizam discriminações, desigualdades e vulnerabilidades, que organizam as posições relativas desses jovens, criando sistemas de opressão que também fazem parte desse “cardápio” digital. Isso demonstra a complexidade da vivência

diária desses jovens, em que as desigualdades coexistem através de um olhar integralizado entre as categorias de orientação sexual, gênero, classe, raça/cor, geração, deficiência e *status* sorológico. Se na sociedade os jovens possuem dificuldades (na família, nas baladas, na igreja, entre outros lugares), nos aplicativos gays, esta realidade não muda. O meio gay “online” não demonstra ser um espaço de acolhimento de meninos dissidentes das normas vigentes. Pelo contrário, reproduz estas normas.

Assim, o *Grindr* não se mostra como um lugar “livre”, de “putaria”, em que “qualquer um” consegue de forma rápida um outro alguém para “transar logo de cara”. Pelo contrário, se mostra um lugar bastante hierárquico, excludente, em que poucos homens serão desejados e dignos de investidas. Há uma coexistência de sistemas de opressões que opera a partir das categorias de pertencimentos, que se materializa de forma efetiva nos aplicativos, reproduzindo as diversas desigualdades conhecidas no mundo “offline”.

Algo que vale a pena mencionar, refere-se ao que Vigoya comenta em seu livro “As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América”, de 2018. A autora diz, no capítulo três “Corpos negros masculinos: mais além ou mais aquém da pele”, que os homens negros colombianos recebem diversos estereótipos, fetiches e fantasias. A partir da leitura racial, eles são vistos e desejados como seres “dionisiacos” (Vigoya, 2018, p. 31), ou seja, como “máquinas” sexuais, com alta potência sexual e de virilidade. A autora debate que se há um “aprisionamento simbólico” que racializa e coloniza seus corpos a partir desses imaginários, esses mesmos homens colombianos tentam produzir ressignificações destes estereótipos que lhe são atribuídos, criando estratégias de tornar essas relações desiguais e de poder, em positivas.

Essa perspectiva pode ser vista em duas trajetórias: de Lucas, 20 anos, entrevistado 5 e Marcelo, 24 anos, entrevistado 8. Ambos os jovens são altos, se autodeclararam como negros, disseram que são ativos frente à posição sexual e são “bem dotados”. Ainda, posso dizer que ambos performam seu gênero de forma masculina e viril. Assim, os dois jovens comentaram que por serem negros, ativos e “pauzudos”, recebem muitas “cantadas” online (e offline). Não à toa, ambos os jovens colocam em seus perfis no *Grindr* que são ativos e bem dotados. Marcelo, por exemplo, vai algumas vezes à boate The Week e não paga pra entrar. Ele disse: “*Quando eu como a pessoa certa, consigo entrar de graça*”. Lucas comentou: “*Os gringos me levam pra jantar em lugar caro. Quando é um gringo, eu como eles com mais vontade*”. Assim, podemos vislumbrar que apesar da

hipersexualização do corpo negro e desse aprisionamento simbólico (Vigoya, 2018), os jovens tentam criar estratégias para “sobreviverem” ao mundo da “caça” online e offline.

Contudo, torna-se mais importante ainda mencionar que essa possibilidade de tirar algo “positivo” desse estereótipo do corpo negro, deve-se de forma exclusiva que ambos os jovens seguem à risca o imaginário de “negro, jovem, pobre, ativo, pauzudo e bem dotado”. Cito a trajetória de Rodolfo (entrevistado 01), um jovem, também de camada popular, negro, se diz pauzudo e é sexualmente passivo. O jovem comentou de forma repetida o quanto é excluído da cena gay e da conquista online por ser passivo. Como disseram ao jovem: “preto passivo é igual vassoura sem cabo. Não serve pra nada”. Isso ilustra que a ressignificação e negociação dos estereótipos não se dá de forma simples. Para um negro gay tirar algo positivo da representação de “bom de cama”, ele deve ser ativo sexualmente. Caso contrário, o imaginário é “quebrado”, sobrando diversas formas de exclusão e estigmatização ao negro “dissidente” de sua sexualidade e raça. Assim, nesse jogo de estereótipos e potência sexual, a interseccionalidade entre sexualidade, orientação sexual, raça, preferência por posição sexual e estereótipo, ganha relevo. Essa correlação de forças é bastante sintética, em que a possibilidade de um homem negro gay pensar em tirar algo positivo de sua condição de sua raça, só se daria caso ele siga à risca o estereótipo de negro pauzudo e ativo.

Ainda nessa discussão das trajetórias de Lucas e Marcelo, também é digno de mencionar que a questão da raça foi mais evidente na entrevista de Marcelo. Portanto, torna-se difícil não falar, mesmo que de maneira sucinta, sobre *colorismo* (Walker, 1983; Silva, 2007). O colorismo foi um processo influenciado pelas políticas eugênicas e pelos valores da supremacia branca ainda no século XIX nos Estados Unidos, que em poucas palavras, se caracteriza como um sistema de discriminação e hierarquização dos sujeitos negros com base na cor mais clara ou escura (Walker, 1983). Quanto mais escura a tonalidade da pele, maior chance dessa pessoa sofrer exclusão em sociedade. A tonalidade da cor da pele negra é essencial para a forma de como tal pessoa será tratada na sociedade (Silva, 2017). Assim, o colorismo é uma forma de exclusão social que delimita as diferentes tonalidades da cor da pele e os traços físicos do indivíduo. Características fenotípicas, como cabelo crespo e nariz mais largo, também enfatizam o “valor” que a pessoa recebe em sociedade e no seu processo de discriminação. Em poucas palavras, negros de pele mais clara podem gozar de certas possibilidades e serem mais tolerados em ambientes de predominância branca (Silva, 2016). Há, portanto, o privilégio da pele clara (*light skin*) em relação à escura (*dark*



skin) no tocante às oportunidades de mobilidade social (Nascimento, 2015), sendo o primeiro mais valorizado como “capital social” (Glenn, 2009). Importante também dizer que o colorismo não se trata de “incluir” os negros em espaços de branquitude, mas ressalta como o racismo é camuflado no Brasil (Munanga, 1999; Fernandes, 2008; Hirata, 2014).

A partir dessa discussão, ao comparar as tonalidades de cor da pele dos dois jovens mencionados, posso dizer que minha leitura social é que Marcelo tem uma tonalidade de cor negra mais escura que Lucas, apesar de que ambos os jovens se autodeclararam da cor/raça “negra”. Esse apontamento torna-se importante, não somente por dizer que o racismo não esteve presente na trajetória de Lucas (ou ao menos, o jovem não narrou nenhum episódio de racismo), mas pontuo que Lucas foi mais aceito nos aplicativos (e na vida) em sua trajetória ao comparar com a trajetória de Marcelo, apesar de ambos serem “negros, ativos e bem dotados”.

Em momento algum Lucas se referiu aos aplicativos como lugares que o excluem perante a sua cor, ao contrário de Marcelo, que narrou diversos xingamentos, ofensas e bloqueadas por ser negro. Os jovens apontam que há diferenças no racismo (e colorismo) da pele negra. A tonalidade da cor da pele decide de que forma (mais ou menos racista e excludente) uma pessoa será tratada nos espaços, independentemente de como o sujeito de reconheça (neste caso, ambos se reconhecem como negros) (Hirata, 2014). Portanto, intenta-se demonstrar que o colorismo cria maneiras mais ou menos “aceitáveis” de como um negro será tratado em espaços em que ser branco se constitui como privilégio, como os aplicativos de geolocalização, espaço de supremacia branca. Essa discussão reflete a importância de estudar os signos da masculinidade em intersecção com a raça em suas diversas formas de poder.

A partir do que foi ilustrado, percebe-se o quanto os aplicativos de geolocalização são um espaço de exploração e experimentação da afetividade e da sexualidade, que atravessa de maneira precisa a cultura gay jovem contemporânea. A *internet* e os aplicativos de geolocalização permitem novas e positivas conexões, mas, ao mesmo tempo, constituem como espaços hierárquicos e excludentes. Essa exclusão se intersecciona à estrutura hegemônica de normatividade e poder, em que padrões de classe, raça e gênero são complexos e normativos.

De certa forma, os aplicativos demonstram ser um “lugar” paradoxal e antagônico. Eles revelam as possibilidades de conexões e simultaneamente, marginalizações. Há um “limbo” (Valentine & Skelton, 2003) no universo online, em que há a possibilidade de estabelecer novas conexões e ter diversos aprendizados positivos, mas também há o lado negativo, em que distanciamentos e exclusões se mostram presentes de forma constante (Ghaziani, 2014).

Em meio a tensões e iniquidades, esses jovens constroem suas buscas afetivo-sexuais como podem, sob normatizações e marginalizações históricas. Portanto, essas escolhas (ou supostas preferências) não são questão de gosto “pessoal”, mas sim, inscrições culturais, que são reificadas no ir e vir-tual. O uso de aplicativos não supera as desigualdades e preconceitos preexistentes, mas as transfere e modifica para o contexto das relações mediadas (Miskolci, 2017). Desse modo, destaca-se que a disposição de performances corporais no “açougue”, não apenas dimensiona a construção cultural do gênero, como expressa um ideal social de masculinidade e outras intersecções em detrimento ao que é julgado como “diferente” e, portanto, como “inferior”.

Em poucas palavras, se os aplicativos de geolocalização, a partir de certo anonimato, têm a capacidade de “unir” homens gays, esse mesmo universo digital, concomitantemente, é permeado por um processo que separa e distancia estes mesmos homens. Superar tais preconceitos, tão arcaicos e enraizados na nossa cultura, não é uma tarefa fácil ou simples de responder. Contudo, ressalta-se que a pluralidade de corpos e características físicas no nosso país poderia ser mais valorizada e compreendida em sua diversidade. O uso dos aplicativos reflete uma imposição dominante, difundida historicamente pela cultura. Questiona-se: não seria a hora de pensarmos em outras possibilidades no nosso cardápio?

### ***O ativo e o passivo sexual***

Neste código, evidencio os discursos dos jovens frente à seguinte pergunta: “*Como você acha que a sociedade olha a questão de ser ativo ou passivo sexualmente?*”. Para esse debate, utilizo de inspiração a obra do sociólogo Michel Misse, intitulada “O estigma do passivo sexual”, escrita há mais de 40 anos, mais precisamente, em 1979.

Na obra, o estigma é definido por Goffman (1970) como uma relação formal entre comportamentos e expectativas que são atribuídos a um indivíduo que sabia possuir alguma desvantagem. O sujeito deixa de ser visto como “normal” e passa a ser reduzido como alguém diferente ou estranho, sendo menosprezado por isso. Logo, o discernimento social a respeito dessa “diferença” constitui a base para um estigma. O estereótipo se une a uma série de atributos que inferiorizam e criam as duas perspectivas, a do “normal” e a do “estigma”. Para o autor, esse processo se dá a nível consciente, fazendo com que o estigma se estabeleça como papel social.

Na obra, Misse apresenta a estigmatização da função sexual do que ele chama de “receptor do pênis”, que no senso comum é chamada de “passivo sexual”, função sexual socialmente associada a mulher. Nesse sentido, ele faz a análise dos discursos cotidianos, nos quais a ideologia dominante propaga o estigma que atribui ao papel de ativo o valor normativo, enquanto ao passivo cabe a estigmatização. Assim, o ativo estaria associado à função sexual do homem heterossexual, ou do homossexual masculino ou feminino ativo, enquanto o passivo estaria ligado à função sexual da mulher heterossexual ou do homossexual masculino ou feminino passivo. Ou seja, estariam classificados na categoria dos “normais” apenas aqueles homens que interagem ativamente na relação sexual, independentemente de ser homem heterossexual ou gay (mesmo que este último seja feminino), e os estigmatizados corresponderiam aqueles que se posicionam sexualmente como passivo (Misse, 1979). Assim, ainda para o autor, a “informação social” do estigma se constrói e se propaga através da linguagem. Portanto, não é somente nas relações interpessoais que o estigma é percebido, mas sim a partir da linguagem, que concentra o discurso e a ideologia dominante, linguagem essa que carrega o “símbolo de estigma”.

A partir dessa introdução, pode-se dizer que os discursos encontrados nas entrevistas pouco diferem do que foi ilustrado e discutido por Michel Misse em 1979. A generificação dos corpos é reforçada em seus discursos, tanto entre os jovens ativos e os jovens passivos (assim como os versáteis). O ato de penetrar ainda remete a uma atividade atribuída ao homem/masculino, logo, se o sujeito é ativo sexualmente, ele acaba por ser o “homem da relação”. Aquele que é penetrado,

é a “mulher da relação”. Portanto, como cita Misse (1979), o campo dos afetos entre dois homens é marcado por uma forte obsessão entre os termos “atividade” e “passividade”, reforçado de maneira exaustiva nas entrevistas.

Os passivos sexuais ainda se localizam abaixo nessa hierarquia até mesmo entre os homens gays, sendo motivo de vergonha quando reconhecem sua preferência. Ou como diz Vitor: *“Demorei muito tempo pra ser passivo assumido”*. Os jovens reconhecem o estigma social do passivo sexual no mundo “gay”, em que o passivo é a “mulher” da relação e o ativo, o “homem”.

Ainda, apontam que o ativo sexual é aquele que aparenta uma maior virilidade e é mais “respeitado”. Assim, apesar do reconhecimento deste estigma, eles também reproduzem através da linguagem, metáforas sexuais que estabeleçam dominação e submissão entre esses homens. Eis algumas falas que ilustram essa realidade bastante homogênea entre eles: *“Aprendi a ter orgulho de ser só passivo com o tempo, antes tinha vergonha”*; *“Acho que o passivo sofre muito preconceito ainda, como se fosse a mulherzinha da relação, eu com meu namorado sempre perguntam: ‘Quem é o homem da relação?’”*; *“Eu que sou passivo já tive muita vergonha de falar que eu era (...) Ah, vergonha por isso, por não acharem que eu sou homem de verdade”*; *“Existe um machismo tanto nos héteros como nos gays que o gay passivo é afeminado e é a figura da mulher na relação, aí o passivo sempre fica como inferior, aquele mais fraquinho e aquele que chora mais e é mais emotivo”*; *“Passivo sofre mais preconceito sim, por conta da masculinidade, como se o ativo fosse mais homem que o passivo, que o passivo dá e é a mulher”*; *“Infelizmente a gente reproduz que o ativo tem que ser mais macho que o passivo. Aí o passivo sofre mais em ser zoadado porquê é quem dá, como se fosse a mulherzinha ou não fosse homem o suficiente, e o ativo é mais homem porque é o que come”*; *“Se você dá o cu, é mulherzinha, se é mulherzinha, não é homem de verdade. Querendo ou não o ativo por meter, fica com menos fama de mulher”*.

Como pode ser notado, “ser passivo” é atribuído à uma possível “feminilidade”: ser frágil, mais emotivo, menos viril, ser a “mulher” da relação. A posição sexual socialmente atribuída à mulher é reiterada nos discursos na relação entre homens. O significado de “comer” (ou meter) também não é indiferente, seu uso é empregado o termo para a função sexual masculina, e ser “comido” refere-se ao passivo, à mulher. É por isso que, de acordo com Parker (1991), é comum nos discursos de alguns homens brasileiros o fato de não se perceberem como gays na relação sexual com outros homens, desde que esteja exercendo o papel de “ativo” dessa interação, isto é, quando ele “penetra” o outro.

Como apontado por diferentes autores (Parker, 1994; Fry, 2002; Gomes, 2008; Miskolci, 2013; Caetano, 2016) os estereótipos do feminino são sintetizados na passividade, que de certa forma se associa a uma posição ou função sexual tida como própria da mulher. Contudo, isso não se restringe apenas a esses atributos biológicos, sendo deslocado para os aspectos psicológicos que estão envolvidos nas relações sociais entre homens e mulheres, marcadas pela estigmatização feminina (Misse, 1979). Através dos termos ‘atividade’ e ‘passividade’, há uma clara ideologia de dominação e submissão, que instaura uma relação hierárquica entre quem penetra e quem é penetrado, em que o ser ativo revela e significa poder em relação à passividade (Misse, 1979; Cecchetto, 2004). Nessa direção, aponto que houve pouca mudança frente à representação que um homem ser passivo sexual seria o sinônimo de ser a “mulher” da relação entre dois homens. Alguns entrevistados criticam essa “reprodução de valores”, muitas vezes pontuando que o problema não é “ser passivo”, mas “ser afeminado”. Para eles, a questão principal não seria ser ativo ou passivo, mas ser afeminado ou não ser afeminado.

Gostaria de delinear uma discussão que não foi debatida no livro de Michel Misse, que acredito que se evidenciou nessa pesquisa: o quanto o “estigma do passivo sexual” atua em conjunto à racialização dos corpos. O estigma e a raça estão estreitamente vinculadas, operando conjuntamente, numa articulação entre múltiplas diferenças e desigualdades. Ou seja, o estigma de ser passivo se demonstra ainda mais potente, e de certa forma, ainda mais excludente e hierárquico, no caso dos jovens que são negros.

Eis as falas dos jovens que são negros e passivos, ou ainda, que têm o desejo de serem passivos: *“Me considero negro e passivo. Não tenho nenhum valor no mercado”*; *“As pessoas não entendem que um negro pode querer ser passivo”*; *“Você ser negro e só passivo, é um pecado, porque parece que você tem obrigação de ser ativo”*; *“Era uma decepção pra eles que um negro fortinho fosse passivo”*; *“Quando falo que sou passivo também percebo dificuldade. Se eu fosse ativo eu transaria mais, aí teriam tesão com alguém negro e ativo. Mas não sou ativo e também não sou pauzudo”*; *“Sei que tem muita gente querendo dar pra mim nos vôleis que eu jogo, mas é porque sou ativo e tenho pau grande, se eu fosse passivo, não iam querer me comer, porque sou negro (...) Ah, acho que as pessoas não conseguem imaginar um negro sendo passivo. A gente tem que ser ativo porque tá na fantasia de que você é macho comedor mesmo, por isso tem tanto passivo correndo atrás de você!”*; *“Meu sonho é ser passivo com alguém, mas os caras que encontrei, nenhum imagina isso. Aí eu tive que ser ativo todas as vezes que transei, mas quero*

*muito ser passivo um dia. Se eu falo que sou passivo, me bloqueiam ou me xingam. Já me falaram: 'preto passivo é igual vassoura sem cabo, não serve pra nada'.*”

Com as falas, percebe-se o quanto o estigma é construído e hierarquizado pelo olhar do outro frente aos corpos negros. A “leitura” do outro pressupõe a raça que o jovem pertenceria, e esta observação definiria a posição sexual do mesmo. Portanto, a raça se constitui enquanto signo, adquirindo sentido na linguagem (e na imagem) cotidiana (Segato, 2005). Na hierarquia do estigma do passivo social, a raça é uma medida a mais desta hierarquia, que demonstra como nossa sociedade é racializada e hierarquizada principalmente pela raça. Nesse sentido, há um imaginário que obriga o gay negro a ser másculo e ativo sexual, isto é, só pode penetrar, não pode ser penetrado por outro homem – uma postura considerada passiva no ato sexual, que remeteria à função designada socialmente para a mulher ou de um homem não negro. Portanto, o estigma se dá de uma forma tripla: ser negro, gay e passivo sexualmente (Diaz-Benítez, 2007).

Se há uma leitura racial dos corpos negros, que emergem num paradoxo entre fetiche e repulsa, no momento de confirmação de ser um negro passivo, as noções estereotipadas de raça se evidenciam, na impossibilidade de um homem (branco ou negro) ter uma relação sexual com um negro passivo. Assim, há um claro estranhamento: “um negro passivo?”, em que ofensas raciais e violências se intensificam contra esses corpos. Ainda, como no caso do jovem Caio (entrevistado 14), a dificuldade relatada em encontrar um parceiro sendo ele um jovem negro e passivo, o faz se submeter a ser ativo para não ficar sem o encontro sexual.

Percebe-se como os mitos relacionados à sexualidade e raça são latentes. Como mencionado, a sexualidade do homem negro está associada à uma sexualidade primitiva, menos civilizada e mais “animalizada” (Fanon, 2008; McClintock, 2010). Assim, ao homem negro, mesmo que gay, espera-se que este seja apenas sexualmente ativo, demonstrando a conjectura cultural entre sexualidade, gênero, orientação sexual, raça e o social.

A perspectiva interseccional demonstra que se o estigma sobre o passivo sexual persiste, este estigma se dá de em uma via ainda mais contundente para um negro: sua suposta condição “inata” hipersexualizada e viril, o coloca de forma quase que imediata e instantânea, numa relação entre dois homens, na posição sexual de ativo. Assim, um negro ser passivo é visto a partir da ótica do “defeito”, em que seu capital erótico, que poderia lhe dar prestígio, ou seja, ser bem dotado e ativo sexualmente, é abandonado (Braga, 2014).

Ser um homem gay negro pressupõe certa expectativa social com certos atributos da masculinidade, como a força física, ser bem dotado no que tange à sua genitália, o que os qualificaria prontamente como ativos sexualmente. Configura-se então uma articulação entre heterossexismo e racismo, que exalta um negro viril e ativo sexualmente e subalterniza mais ainda o negro passivo (Braga, 2013; Leite & Melo, 2021).

A raça emerge como categoria de pertencimento chave para circunscrever como a apropriação cultural do negro apenas como ativo incomoda os jovens negros, principalmente os que são passivos ou tem desejo em ser passivo. Ser negro os distancia da possibilidade em ser passivo sexualmente, em que ser “gay”, “negro” e “passivo”, se demonstra como um “horror” no universo gay masculino.

O mundo dos prazeres e afetos está vinculado à associação entre cor/raça e posição sexual, em que para um negro ter prestígio no mercado erótico e sexual, ele deve seguir o mito de erotização do homem negro (Moutinho, 2004), sustentando o binômio atividade/dominação, demonstrando a dominação e superioridade da raça negra sobre a branca sexualmente. Ser “gay”, “negro” e “passivo” têm estreita relação entre si, criando matrizes de opressões concreta. O estigma impacta de forma dupla (ou ainda, tripla), não dependendo assim unicamente da autoidentificação, mas da percepção e juízo do “outro” (Foucault, 2008; Goffman, 1988).

Intentou-se ilustrar o quanto o desejo e as práticas sexuais possuem não somente gênero, mas também cores na nossa cultura. E claro, isso não se trata de uma suposta natureza, mas de uma inscrição cultural. É na própria linguagem que essas representações se reproduzem, aprisionando desejos e as práticas sexuais. Apesar de mudanças significativas na nossa sociedade, ser “passivo sexual” não deixou de existir em sua forma pejorativa (Louro, 2010; Green, 2010; Miskolci, 2015, 2017). Este estigma, somado à cor/raça, demonstra hierarquias e exclusões ainda mais violentas aos corpos dos jovens que são negros, demonstrando o quanto essas reflexões são cruciais para se pensar que as categorias de pertencimento não são lineares e são potentes formas de interpretação do mundo.

### ***Ficar com pessoas trans***

Este código também se refere à uma pergunta específica do roteiro de entrevista: “*Você já ficou com alguma pessoa trans em sua vida?*”. Os entrevistados tinham alguma representação do que vinha a ser uma pessoa trans, não sendo necessária maiores explicações para a definição do termo. Alguns jovens questionaram: “*Homem trans é que parece homem, mas tem buceta, né?*”; “*Homem trans no fundo no fundo tem buceta, né? No fundo, é uma mulher. E a mulher trans no fundo no fundo, tem um pau. É uma mulher que tem pau, né?*”. Tais questionamentos remontam o quanto, para eles, a legitimação de uma identidade está bastante associada à genitália da pessoa, em que sua performance social (seja feminina ou masculina), se encontra em segundo plano. Os jovens indagam precisamente qual seria a genitália da pessoa, apesar de sua performance social de gênero. Essa legitimação da identidade que remete à genitália, pode estar relacionada com o pouco contato que estes jovens têm com pessoas trans, contato que poderia ter o potencial de problematizar uma desconstrução de gênero: “*Olha, só vi algumas vezes na balada. Não conheço nenhuma*”; “*Eu já joguei vôlei com uma, mas nunca tive contato não*”; “*Olha, acho que nunca vi uma pessoa trans, não que eu saiba*”.

No que se refere ao “ficar” com alguém trans, os jovens não tinham tido essa experiência, ou melhor, não tinham esse “desejo”. Alguns jovens haviam beijado uma pessoa trans, que em geral, era alguém conhecido(a), em que o beijo aconteceu em uma boate gay após o uso de álcool, e ambos os jovens “estavam muito loucos”.

Em suas respostas, mais uma vez, a necessidade de ressaltar a genitália da outra pessoa foi evidenciada, bem como a dicotomia passivo/ativo, demonstrando valores cisnormativos em seus discursos. A cisnormatividade é tomada como conjunto de dispositivos de poder institucionais e não institucionais que associam e reproduzem a cisgeneridade como a identidade de gênero “natural” e “biológica” e “esperada” (Bagagli, 2013).

Tais falas ilustram a cisnormatividade nas narrativas dos jovens: “*Olha, nunca fiquei. Pra ser sincero, nunca conversei com nenhuma no sentido de sexo. Tipo, acho que elas são bem passivas também. Quando vejo no Grindr, sempre tá lá no nick: ‘Trans passiva’. Acho que eu não sinto atração por elas e elas não sentem atração por mim. Então cada um fica na sua procurando um ativo pra comer a gente*”; “*Homem trans tem buceta, né? Então acho que não ficaria. Nem se ele fosse ativo. No fundo ia tá faltando algo! (...) Sim, ia tá faltando um pau (risadas) Não acho que eu ia curtir se ele me dedasse só, eu ia querer mais, aí prefiro não ficar mesmo*”; “*Eu até*



*poderia ter tesão em beijar talvez um homem trans na balada, porquê ele na balada seria homem, certo? Eu não tenho tesão na figura feminina. Mas se eu quisesse ser passivo, não sei como seria transar com um homem trans. E transar com mulher trans eu também não sei, não sei se teria tesão em dar pra uma mulher com pau. Complicada essa pergunta”; “Mas nunca fiquei e nunca ficaria (...) Acho estranho. Não sei se eu tô certo, mas mulher trans tem pau e homem trans tem buceta, não? Então, faz muito tempo que eu não fico com mulher, seria estranho ver uma buceta de novo. A mulher com pau também seria estranho”; “Acho que trans não é nem homem, nem mulher completo. Um parece homem, mas tem buceta. Outro parece mulher, mas tem pau. Alguém poderia até me comer, mas ver um cara com pau e vestido de mulher, isso não me deixaria de pau duro. Então, não rola mesmo!”. “Eu nunca fiquei. Sei que mulher trans tem pinto, mas ainda assim é mulher. E homem trans parece homem, mas tem buceta, e eu não gosto de buceta”.*

Como visto nas narrativas, a identidade trans não se encontra legitimada no horizonte de desejos dos jovens entrevistados. Para além de todas as questões implicadas no processo de patologização das identidades trans, simbolicamente estes corpos têm vindo a ser também designados como corpos abjetos, estranhos, e, portanto, não desejados afetivo-sexualmente (Oliveira, 2014; Platero & Rosón, 2012; Stryker, 2013). Os corpos trans causam estranhamento devido dispositivos heteronormativos e cisnormativos presentes na nossa sociedade (Butler, 2009; Louro, 2009; Oliveira, 2014). O estranhamento destes corpos mantém a ideologia de que os corpos trans apenas serão desejáveis se estes passarem pelo processo de disciplinarização hetero e cisnormativa (Butler, 2009; Louro, 2009; Oliveira, 2014), fazendo com que os corpos trans sejam menos valorizados e menos aceites, caracterizados como não legítimos, quando comparados com os corpos cis (Bonassi, 2017).

Portanto, percebe-se que dentro as diversas normas de masculinidades presentes nas trajetórias dos jovens, o corpo trans não é cogitado no horizonte de desejos dos entrevistados. Ficar, ter relação sexual ou namorar uma pessoa trans, se encontra bastante distante em seus discursos. Ainda, independente se a pessoa trans desenvolver a estratégia de passabilidade (Fuentes, 2002; Serano, 2007; Almeida, 2012), isto é, ser reconhecida socialmente como pessoas cis, não trans, a questão do estigma pode ser menos efetiva, dependendo do quanto as pessoas trans possam reproduzir a norma social. Contudo, na hora da relação sexual propriamente dita, “faltará algo”, pois em um homem trans, “falta um pinto”. E uma mulher trans, “tem pinto mas parece uma mulher”.

A cisnormatividade dá-se pelo reconhecimento de que com corpos trans encontrarão formas menos efetivas de serem desejados afetiva e sexualmente. Como cita Witting (1992), um casal cis-trans subverte as normas cisnormativas, que contraria o modelo de conjugalidade cis-hétero-monogâmico-reprodutor do mundo ocidental. Para Rubin (1984), pessoas trans estão no último estágio da “Pirâmide Erótica-Sexual”, o que revela a condição de marginalização que afeta de forma assertiva seus relacionamentos afetivo-sexuais. Pessoas trans escapam do imaginário cis como pessoas que desejam, amam e existem (Morin, 2008, Alexandre, 2020). Ou ainda, como aponta Galli (2013), pessoas cis podem ter o desejo de se relacionarem com pessoas trans, porém, o medo do julgamento social os impede de concretizar qualquer relação amorosa, o que demonstra a potência da validação social nos relacionamentos.

A cisnormatividade é uma das malhas discursivas que marginaliza expressões de gênero trans, excluindo-os afetivo-sexualmente das possibilidades de encontros – casuais ou na inserção da conjugalidade. Nesse horizonte excludente, torna-se fundamental dar nome à cisnormatividade na constituição de desejar um(a) outro(a), para que possamos enfrentá-la. Como cita Alexandre (2020), há a necessidade de debater a diversidade da sexualidade e do gênero, para assim pensarmos e repensarmos como a cultura concebe os relacionamentos afetivo-sexuais considerados como “normais”. A normalidade é uma construção circunstancial histórica e social, que pode ser reescrita e, assim, propagarmos outras tantas dimensões do gênero que existem.

### *O parceiro ideal*

Este código é bastante interessante, pois demonstra certo paradoxo e ambiguidade no discurso dos jovens. Se os jovens passam por rituais e expectativas sociais de diversas instituições para se tornarem homens próximos da masculinidade hegemônica, eles reproduzem tais atributos valorizados na busca por um parceiro. O parceiro ideal diz respeito a um homem masculino, forte, viril, não afeminado e como mostrado, cisgênero. Os mandatos de masculinidade hegemônica são bastante explícitos. Nenhum jovem busca um parceiro “afeminado”, “negro”, “pobre”, “magro”, “gordo” ou “transgênero”.

A performance social de gênero deste parceiro deve ser bastante masculina e viril. Como cita Butler (2011), o gênero é um efeito de performatividade, no qual atos, gestos e desejos são integrantes de uma política de regulação, onde o objetivo é assegurar a heterossexualidade. Salih (2012) afirma que a performatividade demonstra processos de incorporação de padrões sociais que se decretam no corpo, a partir de convenções e repetições. Como exemplo dessa performatividade corporal, o parceiro não deve ter cabelos longos, mas sim cabelos curtos e barba, com pelos no corpo. O cabelo mais longo e a falta de pelos remete a feminilidade, já a barba e o corpo peludo remontam a virilidade, associada historicamente a potência e virilidade (Perrot, 2006).

Torna-se evidente que o desejo pelo parceiro ideal é sugerido, promovido e ensinado socialmente (Louro, 2001), em que as diferentes instituições que esses jovens perpassaram durante sua infância, adolescência e juventude, demarcam e desejam padrões e performances semelhantes de gênero e sexualidade, exaltando e esperando sempre a masculinidade viril desses meninos.

A construção do desejar outro homem (até mesmo entre homens gays) se mostra bastante corporificada e atravessada pelo gênero, colocando um modelo ideal de homem no topo da hierarquia de gênero. Interessante apontar que, se por um lado, quase todos os jovens dessa pesquisa se identificam como “afeminados”, “negros”, “pobres”, “gordinhos”, “muito magros”, e, portanto, distantes do ideal valorizado de masculinidade; por outro, eles apenas desejam homens que se aproximem deste modelo idealizado. Assim, apesar desses jovens não “seguirem” esse modelo hegemônico, eles não conseguem “quebrar” com o desejo social na busca do parceiro ideal que é exclusivamente moldado por valores baseados na exaltação de uma masculinidade viril e heterossexual, reproduzindo não somente os binarismos masculino/feminino e atividade/passividade, mas também estereótipos de classe, raça e principalmente, preconceitos de performance de gênero, em que este parceiro deveria ser, sobretudo, masculino e viril.

Nessa constatação, importante dizer o quanto o corpo é extensamente mencionado na idealização do parceiro ideal. O homem, além de ser masculino e viril, deve ter pelos, barba, ser malhado, praticar esportes, sua genitália deve ser “bem dotada”, dentre outros atributos que evidenciam a relação entre desejo, corpo e a masculinidade hegemônica. O corpo do parceiro ideal é visto como um instrumento que visa atingir modelos progressivamente difíceis de serem atingidos e exigem grandes investimentos. Ser disciplinado frente ao corpo demonstra ser um valor importante, e expõe o culto ao corpo e o desejo de integrar valores sociais da cultura dominante (Miskolci, 2006), até mesmo entre aqueles que estão distantes deste ideal.

O rechaço pelo homem afeminado também se demonstra evidente e, talvez, o homem afeminado seja o mais estigmatizado e menos “procurado. Como afirma Cornejo (2015), o menino afeminado – aquele cujas performances de gênero são rotuladas como femininas –, torna-se objeto de estigmas e abjeção, tendo “pouco valor” no mercado sexual e sendo pouco desejado. Para Lanz (2014), o menino afeminado transgride a masculinidade que deveria ser da ordem do “natural”. A partir de uma lógica binária, ele foge ao modelo hegemônico, adquirindo um *status* de desajustado social. Para Zago (2007), “o homem “afeminado” surge como o antônimo do homem “macho”, que emerge como abjeção ao ideal de ser homem, demonstrando o processo de hierarquização e desvalorização de gênero que se faz presente nas relações de poder entre homens. Como argumenta Camozzato (2018), são modos produzidos pelas múltiplas estratégias das pedagogias que se materializam no imaginário cultural, que são (re)produzidos em meio à vida social.

Para Miskolci (2006), a performatividade e o corpo hegemônico é um ideal cada vez mais inalcançável e está intimamente ligado à construção da masculinidade. Este corpo é disciplinado, com músculos, pelos, sem gordura e principalmente, sem trejeitos femininos. As interseccionalidades de raça, classe, geração também são características que podem situar o sujeito, como ajustado ou desajustado frente ao corpo e podem excluir certos corpos sendo considerados como “não ideais” na busca por um parceiro, evidenciando as posições hierárquicas nessa busca (Seffner, 2016). Sendo assim, aponta-se que os meninos gays, que não se identificam com os valores associados à masculinidade hegemônica, desejam de forma quase que exclusiva gestos, aparências e performatividades consideradas como masculina em suas buscas por um parceiro.

Os jovens questionam essas hierarquias, pontuando como é difícil se sentirem desejados nessa constante busca por alguém. Contudo, apesar de certos questionamentos, eles referenciam o mandato de masculinidade no corpo do outro, corpo este classificado, hierarquizado, definido e

desejado a partir dos valores, padrões, normas e ideais culturais. E claro, esse corpo adquire significado dentro da cultura, delimitando desejos e buscas. Assim, o corpo carrega discursos, em que a hegemonia viabiliza com que alguns corpos sejam desejáveis e outros negados, rebaixados e patologizados, determinando assim a possibilidade de desejar o outro (Louro, 2004).

Neste código, demonstra-se que mesmo entre homens dissidentes da heterossexualidade, eles não estão isentos de reproduzir certos preconceitos, demonstrando que a produção de subjetividades e de desejos é um processo plural. A contradição aqui apontada faz com a definição de masculinidade não equacione gênero como uma categoria linear. Gênero por si só é uma estrutura contraditória. Por coexistirem de formas múltiplas, estabelecem relações hierárquicas em cada momento histórico, apresentando formas hegemônicas de masculinidade, que podem não ser acessíveis a todos, mas que revelam a existência de um ideal a ser desejado (Connell, 1998).

Assim, os jovens desejam um homem que tenha uma performance viril, próxima da masculinidade hegemônica, que apontam para pedagogias de gênero e de sexualidade que se movimentam potentes na produção de subjetividades que atendam ao modelo heteronormativo, referência valorizada na sociedade brasileira (Souza, 2013). Desta forma, o rechaço ao feminino é um grande problema, mesmo entre jovens homens gays que não são apenas dissidentes da heterossexualidade, mas também de expressões de gênero que são consideradas como apropriadas ao masculino.

Como visto nas quinze narrativas, este modelo de parceiro ideal deve se aproximar da heterossexualidade, ser branco, de classe média ou alta, “ocidental”, jovem, com boa relação peso-altura, sexualmente ativo e ainda, ter sucesso nos esportes. Miskolci (2006) questiona: Quantos homens se encaixam nessas exigências no mundo? E quantos se encaixam nesse modelo no Brasil, onde as desigualdades são tão profundas? (Miskolci, 2006, p. 687). Em síntese, percebe-se que a desigualdade de gêneros é observada entre os homens com eles mesmos, sendo isso também reflexos do patriarcado e do machismo presente nas relações entre homens gays, demonstrando o quanto o gênero é uma estrutura complexa, contraditória e não linear.

### *C - Violências nas trajetórias*

Apresento neste tema o conjunto de experiências que remetem a situações de violência dos jovens, em especial, situações com seus pares de grupos, como a pressão para a iniciação sexual, situações de violência com seus parceiros afetivo-sexuais – “ficantes” ou namorados –, situações de violência com seus familiares, em especial, no momento que se assumem gays, e por fim, discutimos de maneira mais específica as “bloqueadas” que os jovens recebem nos aplicativos, circunscrevendo tal prática como uma violência “virtual” para com eles.

Importante salientar que o *continuum* de violência que esses jovens sofrem está estreitamente ligado a questões de masculinidades, sexualidade e gênero. Portanto, não intento “separar” a discussão da violência dos demais temas aqui apresentados, mas ressaltar que essas violências estão conectadas com normas sociais que impõem expectativas e supostas regras de comportamentos, principalmente no que se refere à orientação sexual e ao gênero.

Por fim, intento demonstrar que as violências sofridas vão além de violências ocorridas na vida “pública”, como o medo de apanhar na rua caso esteja de mãos dadas com o namorado, receio de não conseguir um emprego devido à sua orientação sexual, entre outros. As violências aqui debatidas acontecem no espaço privado, em meio ao grupo de amigos, de “paqueras” em aplicativos, dos seus ficantes, namorados e familiares.

Dado o contexto das trajetórias, as violências não ocorreram em episódios esporádicos, mas perdurou desde a infância até o momento das entrevistas, revelando anos de opressão. A violência materializa-se como um conflito produzido sob a relação hierárquica de poder, de hegemonia masculina, até mesmo nas relações entre homens. Pode-se dizer a violência contra homens gays é histórica e culturalmente legitimada, na qual estes homens estão expostos a agressões objetivas e subjetivas, nos espaços públicos e privados.

### ***A pressão na iniciação sexual***

A literatura nacional e internacional sobre iniciação sexual heterossexual enfatiza a estreita relação entre o início da vida sexual e a pressão exercida pelos pares (Heilborn et al, 2006; Borges, 2007; Ferrari et al, 2018; Olavarría, 1999; Karofsky et al, 2001). Nesse âmbito de estudos, Heilborn (2006) discute que a cultura brasileira é fortemente marcada por questões de gênero que refletem de forma crucial atitudes e práticas para meninos e meninas no momento da iniciação sexual. Ainda para a autora, ambos os sexos sofrem pressão neste momento de iniciação, mas cada gênero incorpora pressões de ordem contrária: os meninos são impulsionados para uma iniciação precoce, e as meninas, devem se “guardar”, ou seja, retardar a iniciação e fugir das investidas masculinas. Nesse cenário, os meninos geralmente insistem para a menina “ceder” e eles apontam também a pressão feita pelos amigos.

Os estudos supracitados ainda debatem que no momento da iniciação sexual, os adolescentes de ambos os sexos consideravam que seus amigos haviam se iniciado sexualmente. Após essa constatação, os adolescentes demonstravam maior interesse em se iniciar sexualmente (Ferrari et al, 2018). Borges (2007) cita que dentre os diversos códigos sociais que estão em jogo, há uma “idade normativa de iniciação sexual”. Essa idade se daria em torno dos 15 anos. Assim, ter alcançado essa idade e não ter se iniciado sexualmente, prescreve a pressão para os adolescentes, tanto homens como mulheres. Quando esta iniciação não é concretizada, os adolescentes se sentem “diferentes” de forma negativa de seus amigos, se sentem preocupados e se sentem “velhos” caso sua iniciação não se concretize rapidamente (Ferrari et al, 2018).

Nesse debate da iniciação sexual, vale a pena mencionar que pouco foi produzido e debatido sobre a presença das diversas pressões na iniciação de homens que se consideram gays (Mott, 1998; Taquette & Rodrigues, 2015; Bellini & Novaes, 2015). Dessa forma, este código intenta debater que homens jovens gays cisgênero também sofrem pressões para se iniciarem (principalmente no primeiro beijo), bem como iluminar como os jovens compreenderam essa pressão em sua forma mais subjetiva.

A partir das narrativas, concordamos com a autora Ana Luiza Vilela Borges (2007), sobre a discussão de uma “idade normativa de iniciação sexual”. Contudo, acrescentamos uma discussão que os autores supracitados não mencionam e os dados da presente tese demarcam: o primeiro beijo e a primeira relação sexual foram momentos marcados por grande *pressão* para os jovens não somente para se sentirem “iguais” ao grupo de pares, mas sobretudo para provar que o jovem

é heterossexual. Ter 17 ou 18 anos e “ainda” não ter beijado ou “ainda” não ter tido relação sexual com uma menina, faz com que a família e os amigos desconfiem da heterossexualidade do rapaz.

Ficar com uma menina na frente dos amigos é uma prova de ser “homem de verdade” (Heilborn, 1998). Recusar o beijo de uma menina torna-se impossível, pois romper com as expectativas do grupo social pode produzir sanções sociais ao rapaz, sendo acusado de não ser “um homem de verdade”. Os entrevistados demonstram a violenta pressão para um adolescente provar que é um homem heterossexual ao grupo de amigos (e em alguns casos, à família e à igreja). Assim, essa pressão carrega um peso psicológico muito grande: o de ter que ficar constantemente se reafirmando e provando que é “macho”. Esse é um processo que acontece desde a infância e no momento da iniciação sexual, e que claramente geram consequências na constituição das subjetividades dos jovens.

A pressão para a iniciação sexual é influenciada muitas vezes pelo próprio adolescente, que se vê “atrasado” e com medo da reação dos pares com a sua masculinidade ainda não “aprovada”. A família, a igreja e os amigos exercem grande influência nessa pressão, sendo que a pressão exercida pelos amigos seja, talvez, a mais importante para determinar sua iniciação, o que demonstra que os amigos são grandes disseminadores valores e normas em relação às questões em torno da sexualidade e masculinidade. Essa pressão dos amigos reforça o significativo valor do grupo e das exigências que este pratica. Demonstra também como o olhar do outro (especialmente outro homem) é crucial nesse cenário de construção e aprendizagem da masculinidade, em que a aprovação e confirmação da masculinidade deve ser efetivada diante dos outros homens. E claro, este homem “de verdade” não deve ser gay, mas sim, heterossexual (Gubert & Madureira, 2008).

Assim, como menciona Heilborn (1998), a iniciação sexual dos meninos é um momento que expressa a consolidação da masculinidade heterossexual, que só pode ser conquistada através do olhar do outro. Torna-se homem é um *status* moldado por uma pressão culturalmente atribuída à sexualidade e ao gênero, com grande influência dos pares.

Nesse sentido, alguns rapazes se iniciaram afetivo-sexualmente com meninas mesmo contra a sua vontade. Foram pressionados a interagirem, com menor ou maior intimidade física, com pessoas e contextos não totalmente desejados, de modo a cumprir o rito da sexualidade masculina heterossexual, a comprovação de “ser homem”. Torna-se evidente, a partir dos relatos, que há o medo de não corresponder às expectativas do grupo social, em que a pressão está pautada em padrões hegemônicos de masculinidade (Rebello & Gomes, 2009) e da heterossexualidade



compulsória (Butler, 1990), fazendo com que os jovens experimentem uma gama de violências e de sofrimentos caso não correspondam às expectativas do grupo social após uma certa idade, aqui constatada como sendo no máximo, aos 18 anos.

Nas narrativas, chama atenção o motivo da realização do primeiro beijo, realizado em sua maioria sob grande pressão do grupo social. A frustração, a vergonha, o nervosismo, o desconforto e a idealização do primeiro beijo foram sentimentos citados pelos jovens. Poucos mencionaram atração física, vontade ou prazer como motivos para a realização do ato. Uma suposta não heterossexualidade era um *fardo pesado*, que de forma rápida, precisava não mais existir.

A reflexão aqui colocada remete que a pressão é uma forma de violência. No caso desses jovens, essa pressão pode ser considerada quase que invisível, ou em outras palavras, como uma violência simbólica, definida por Pierre Bourdieu como “*formas de coerção que se baseiam em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais*” (Bourdieu, 2012, p. 239). Essa violência (e suas prováveis consequências) faz com que os jovens não escolham de maneira efetiva suas primeiras relações afetivo-sexuais por próprio desejo.

A assistência à saúde ao adolescente e jovem deve contemplar questões em torno dos sentimentos motivadores da iniciação sexual (Borges, 2004), seja no âmbito da heterossexualidade ou das demais orientações sexuais. As políticas e intervenções em saúde deveriam conversar, dialogar, discutir e orientar os mais jovens através de sua realidade social, acerca dos sentimentos em torno das relações afetivo-sexuais, a partir de uma conduta não heteronormativa. Esse passo seria de uma importância para ações de educação em saúde para os mais jovens, para que os mesmos possam vivenciar sua sexualidade de maneira mais saudável e prazerosa, com menos pressão e nervosismo, os orientando a iniciar sua sexualidade quando assim desejassem.

### ***Coming out***

Neste código, debato a perspectiva familiar dos jovens frente à revelação do “ser gay”, ou como a literatura aponta, o *coming out* (saída do armário). O *coming out* é compreendido como um conjunto de práticas que pessoas (homens ou mulheres) revelam suas orientações sexuais não normativas (Carneiro, 2009; Savin-Williams & Ream, 2003), como, por exemplo, no caso de homens jovens gays cisgênero aqui entrevistados. Para Carneiro (2009), o *coming out* é um processo complexo, quase sempre se dá a partir da consciência individual de se ver como gay ou lésbica, e assim, essa pessoa se percebe, se define e revela ao outro sobre sua orientação.

De acordo com Saggese (2008), o *coming out* é um processo que envolve negociações de ordens práticas e simbólicas, que pode ocorrer em diversas fases, ou ainda, não acontecer nunca. O impacto e consequências para a família pode variar. Em alguns casos, pode ser algo benéfico tanto para quem revela, tanto para a família que fica ciente da orientação sexual, mas também, pode promover uma sucessão de efeitos adversos da família para com a pessoa que se “assume”, como rejeição, controle, violência física, dentre outros (Pérez-Sancho, 2005).

Portanto, o revelar-se gay não se trata apenas de um elemento da trajetória de caráter individual da pessoa, mas de uma dimensão social, o que implica reconhecer a participação – negativa ou positiva - da família diante desse processo. Autores destacam que se a família for acolhedora, a pessoa pode ter mais recursos para se sentir aceito e ter uma melhor qualidade de vida, vivenciando esse momento da trajetória de modo menos doloroso (Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001; Poeschl et al, 2012).

A partir desse cenário, destacamos que dez jovens se assumiram gay para a família e cinco jovens, não assumiram. Os meninos se assumiram aos 17-18 anos, ou seja, no final da adolescência, momento que se encontram “dentro” de casa e dependente financeiramente de suas famílias. Para aqueles que se assumiram, os relatos apontam a reação violenta da família frente à revelação da sexualidade do filho: xingamentos, agressões físicas, expulsão de casa, além de controle e da vigilância, fizeram parte do processo de “se assumir gay” os responsáveis.

Ser gay, quando revelado à família, torna-se um problema nas relações, uma vez que as famílias se sentem frustradas e o impacto dessa revelação demonstra um ambiente familiar não acolhedor e, em alguns casos, impossível do jovem habitar aquele lugar. Os responsáveis evidenciam diversos tipos de violências, demonstrando a intolerância, frustração e medo por se depararem com a existência de um filho gay. O sofrimento não esteve presente apenas naquele que

revela, mas também, nos responsáveis que receberam essa informação, gerando conflitos de diversas ordens na dinâmica familiar (Balsam & Mohr, 2007; Detrie & Lease, 2007; Rosario, Schrimshaw, & Hunter, 2011). Há uma evidente dificuldade dos pais em lidar com a orientação sexual do filho, fazendo com que não se sintam à vontade para a criação de um diálogo com questões ligadas à essa sexualidade vista socialmente como dissidente (Zimmerman et al, 2015). O *coming out* acarretou diversas formas de violência dentro do âmbito familiar, ocasionando tensões, sofrimento psíquico, incertezas e distanciamentos.

O distanciamento dos responsáveis reforça o modelo hegemônico de masculinidade, que estabelece a valorização da heterossexualidade, subordinando aqueles que se desviam dos padrões normativos (Connell, 1995). A heterossexualidade compulsória é vista como um dispositivo regulatório da sexualidade, incluindo julgamentos morais sobre a “vida gay” (Sedgwick, 1990) e fazendo com que as famílias se distanciem dos jovens no momento de afirmação do “ser gay”.

Diante disso, as diversas formas de violências estabelecem a manutenção de uma masculinidade que precisa ser constantemente controlada e reafirmada. As famílias revelam um cenário conflituoso, demonstrando que essa instituição pode ser perpetradora de discriminações encontradas na sociedade. O preconceito dentro da própria casa pode ocasionar maior falta de diálogo entre os responsáveis e os filhos, afastamento e até mesmo expulsão de casa (Perucchi, Brandão, & Vieira, 2014; Soliva & Silva, 2014), algo que foi encontrado em todas as trajetórias.

Outro ponto importante refere-se aos cinco jovens que não revelaram à família sua orientação sexual. Seus relatos giraram em torno da provável “decepção” que causariam aos pais. Os jovens pensam nas consequências emocionais, materiais e simbólicas que a revelação pode causar. Pensam que podem ser vítimas de violência física ou serem expulsos de casas, bem como sofrerem tentativas de controle ou serem impossibilitados de saírem de casa e, por isso, decidem não revelar a orientação sexual aos familiares, em especial, ao pai. Na literatura, é compreendido que o pai costuma ser a figura que mais apresenta dificuldades em aceitar a orientação sexual do filho e, por isso, geralmente, são os últimos a saberem, ou em muitos casos, não o sabem (Oliveira et al, 2010).

Como citam Silva & Rodrigues (2012), as dificuldades em “sair do armário” para a família giram em torno das prováveis sanções sociais que o adolescente/jovem poderá vivenciar caso revele sua orientação sexual. Tal movimento alimenta a ideia de que os sentimentos e desejos dos homens gays devem ser mantidos em “segredo, conformando-o a expectativas historicamente

criadas de que essas relações deveriam permanecer invisíveis no espaço público e restritas à vida privada dos envolvidos” (Miskolci, 2013, p. 303), ou seja, perante a sociedade o homem deve impor sua masculinidade, deixando sua sexualidade não normativa como não evidente.

Sedgwick (2007), refere-se ao “armário” como algo que os homens gays se veem diante de algumas circunstâncias da vida, como, por exemplo, da dependência financeira com os pais, diante de um novo emprego, de um certo grupo de amigos e de familiares. Sendo assim, a criação do armário surge de acordo com a necessidade da pessoa que varia em diversos momentos da vida.

Importante ressaltar, que nos casos em que os jovens não revelaram sua sexualidade gay, não houve discriminação ou episódios de violência intrafamiliar, ao contrário daqueles que revelaram. Os jovens ponderam de forma mais ou menos interna se “pode valer a pena” a revelação. E quando pensam nas prováveis sanções que podem receber, preferem ficar em silêncio. É claro, o silêncio não deixa de ser uma forma de apreensão (Toledo & Teixeira Filho, 2013).

A partir da ótica interseccional, o marcador social “religião” merece destaque. Quase todos os jovens que não revelaram serem gays à suas famílias, eram católicos. Ainda, os jovens que se consideram evangélicos, também ressaltaram a todo instante a dificuldade em revelar uma orientação sexual dissidente à família por causa da “criação” nas igrejas.

Borillo (2010) cita que as igrejas cristãs dominantes, nesse caso, a católica e evangélica, tendem a impor uma maior heteronormatividade como única norma aceitável. Essas igrejas são baseadas a partir de discursos biológicos e religiosos, em que ser gay é visto como “anormal” e “pecado”. Ao se depararem com esses discursos, muitos jovens “escondem” sua orientação sexual e decidem não “confessa-la”, com o objetivo de se protegerem de ataques, difamações ou de promessas de “cura”, seja pela igreja, pelos amigos inseridos na instituição, ou pela família, que geralmente, seguem a mesma religião do adolescente/jovem. O “armário” surge como forma de não revelar a própria sexualidade, determinada pela ordem social através do olhar do pecado a partir dos parâmetros religiosos do que é normal e anormal, se tratando de uma forma de controle da sexualidade humana, invisibilizando sexualidades não heterossexuais (Sedgick, 2007).

Intenta-se demonstrar que todos os jovens sofreram opressões de diversas vias nesse momento de *coming out*. Contudo, os jovens mais religiosos (e com famílias religiosas), demonstraram uma maior extensão de valores possivelmente excludentes que são discursados e reforçados na religiosidade. De certa forma, esses jovens temem uma condenação de transgredir os valores normativos reforçados pela igreja: a heterossexualidade, o casamento, construção da

família e a procriação (Mussokopf, 2012). A religião, dessa forma, se apresenta como uma importante instituição dominante, a qual gera uma violência simbólica, que tem impacto evidente sobre a experiência de permanecer no “armário” e no *coming out*.

Assim, a religião revela-se como um marcador de grande influência no processo de se assumir gay ou não aos familiares. Historicamente, a religião demonstra impor normas e repressões à sexualidade humana dissidente (Reis & Vilar, 2004), e como consequência, os familiares mais religiosos oferecem menor nível de apoio social aos meninos gays que se assumiram (Walker & Longmire-Avital, 2013), influenciando negativamente em suas reações, o que demonstra como o dogma religioso é um importante fator na compreensão da trajetória de um homem gay.

Por fim, ressaltamos um exemplo bastante peculiar. Lucas (entrevistado 5), de 20 anos, contou repetidamente que migrou de sua cidade natal para o Rio de Janeiro por conta da reação dos pais. Como Lucas disse, ele nasceu numa cidade no interior do estado do Tocantins, “onde Judas perdeu as botas e a cueca”. Sua cidade, bastante conservadora, demonstrava poucas possibilidades de o jovem viver sua sexualidade de forma mais “livre”. Não por coincidência, a partir de uma “fofoca da amiga da sua mãe”, seus pais ficaram sabendo que o filho era gay e como narrado pelo jovem, ele e seu pai tiveram uma briga física, em que o pai disse que “preferia um filho morto que um filho gay”. Logo na mesma semana, Lucas se mudou para o Rio de Janeiro, onde esperava maior liberdade para viver sua sexualidade.

Destacamos aqui um ponto interessante: a migração do jovem (em seu próprio país), devido à orientação sexual. Estudos brasileiros recentes (Andrade, 2019; Theodoro, 2021) mostram que o contexto da migração por orientação sexual é peculiar pelo caráter da perseguição e não aceitação da diversidade sexual no contexto social de origem. Os estudos circunscrevem a temática da imigração articulada à sexualidade, debatendo como o Brasil (principalmente os estados do Rio de Janeiro e São Paulo), recebem refugiados e refugiadas de outros países por motivos de orientação sexual.

Outros autores (Gorisch & Mendes, 2016) debatem que ainda há uma quantidade de brasileiros/as que pedem refúgio devido às suas sexualidades em outros países. Assim, há uma contradição e paradoxo no contexto brasileiro, sendo um país que ao mesmo tempo recebe e reconhece uma certa quantidade de refugiados por causa da orientação sexual, também mostra uma ampla solicitação de refúgios de brasileiros em outros países pelas mesmas razões.

Andrade (2019) cita que os deslocamentos internos no nosso país se dão majoritariamente entre pessoas de áreas rurais a urbanas e de pequenas a grandes cidades. Para o autor, a orientação sexual (ou identidade de gênero) que não se enquadram na cisheteronormatividade, emergem como os motivos recorrentes dessa migração. Em especial, as grandes cidades metropolitanas exercem uma forte atratividade a essas pessoas, pois representam no imaginário uma maior liberdade de expressão no que tange às diferenças e uma menor vigilância social. O debate do autor corrobora de forma efetiva com a narrativa de Lucas. O jovem nasceu e foi criado em uma cidade pequena, que apesar de não ser uma área rural, era bastante distante das regiões metropolitanas. Ele, por ser gay, vivenciou a violência intrafamiliar no *coming out* “forçado” e foi para o Rio de Janeiro na “esperança” de viver sua sexualidade sem “fofocas” e “controles”.

Corroboramos com Andrade (2019) sobre a invisibilidade na literatura sobre migração interna de brasileiros em seu próprio país, especialmente os jovens gays. A articulação entre migração, sexualidade, gênero e violência, aparenta ser um caminho bastante promissor de pesquisa, em que poderíamos ter uma maior clareza dos motivos de migração por orientação sexual de brasileiros em seu próprio país, os possíveis constrangimentos estruturais que ali se imbricam e as consequências materiais e simbólicas da migração devido à orientação sexual. Assim, demonstra-se a necessidade de estudos empíricos acerca da temática de migração e suas correlações com orientação sexual, gênero, local de origem, raça, classe, idade, religião, dentre outros marcadores.

### ***Violências praticadas por parceiro íntimo***

Neste código, mostramos as variadas formas de violências que alguns jovens sofreram dos seus parceiros íntimos – seja um namorado ou um “ficante”. Para tal discussão, elencamos casos de violência sexual, psicológica e simbólica. Compreendemos a violência sexual como ato ou tentativa do ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis contra a sexualidade de uma pessoa a partir da coerção (Krug et al, 2002). A violência psicológica compreende formas de rejeição, depreciação, discriminação, e proibição de atividades por quem a pratica, e atingindo emocional e psiquicamente quem sofre (Signorini & Brandão, 2005). A violência simbólica é demarcada como “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer” (Bourdieu, 1996, p. 144).

A violência praticada por parceiro íntimo (VPI) é vista como um abuso continuado sobre um indivíduo com o qual uma pessoa tem ou teve algum tipo de relacionamento íntimo, seja em uma relação hetero ou gay (Minayo et al, 2011). Estudos recentes (Cezario et al, 2015; Moreira, 2017) têm debatido a presença de violências nos relacionamentos entre casais gays. Os trabalhos salientam que a invisibilidade da VPI entre os casais gays masculinos é reforçada pelo preconceito e estigmatização, pois as vítimas de VPI temem denunciar receando sofrer mais humilhação, discriminação e homofobia (Cezario et al, 2015).

Para ilustrar a vivência de tais violências, elencamos dois trechos das entrevistas dos jovens Vinícius e Israel. Eis o trecho do jovem Vinícius:

“Eu namorei quando tinha 17 anos, ele 22. Foi um namoro muito bom, durou um ano. Mas no final começou a ficar bem ruim, descobri traições. Ele ficava falando que tava engordando, tava ficando feio, tava ficando gordo, e isso foi minando minha autoestima. Aí a gente foi se encontrando menos, o tesão foi diminuindo. A gente foi parando de transar. Aí com muita dificuldade eu terminei com ele (...) Tipo, ele era só ativo, aí acho que isso só piorava as coisas (...) Piorava porque acho que ele sabia que eu gostava mais dele do que ele de mim, ele sabia que eu tava amando ser só passivo e isso dava mais segurança pra ele. Ele saía com os amigos e dizia pra eu ficar em casa, me chamava de baleia e de feio. Aí minhas amigas e amigos me ajudaram muito, dizendo pra eu terminar com ele, aí eu consegui. Aí ele pediu pra gente se encontrar pra conversar. Aí eu trouxe fui lá. Aí eu disse ele me fez mal me chamando de gordo e feio e que no final a gente nem

transava. Aí a gente foi se exaltando, ele mais do que eu. Aí teve uma hora que ele gritou: ‘Você tá reclamando que faltou sexo, é? Que faltou pica nesse cu?’. Aí eu falei que não, que não era isso, mas que não importava porque já tinha acabado. Aí ele começou a ser mais agressivo, foi aí que ele me segurou e me forçou, aí me estuprou. Tipo, não durou nem cinco minutos, não lembro. Ele segurou meu braço e o corpo dele tava em cima do meu, eu tentei resistir, mas ele era mais forte que eu e eu, congelei, sabe? Foi muito tenso, ele saiu de cima de mim e eu não consegui levantar, ele foi pra sala fazer nada, eu só catei minhas coisas, meu chinelo, minha bermuda e fui embora da casa dele” (Vinícius, 22 anos).

Alguns pontos merecem destaque para analisar o trecho da entrevista. Vale ressaltar que Vinícius é um jovem de 22 anos, branco, “peludinho”, “afeminado” e “só” passivo, assim dito pelo jovem. Contou que foi seu primeiro namoro, onde estava “perdidamente apaixonado”. Antes do abuso sexual, denominado pelo jovem como “estupro”, percebe-se o quanto Vinícius sofreu diversos episódios de violência psicológica e simbólica. Esse abatimento referiu-se principalmente ao aumento de peso do entrevistado, em que seu namorado o chamava de “gordo” e “baleia”, xingamentos visivelmente gordofóbicos. Como dito pelo entrevistado, esses episódios destruíram sua autoestima e reforçavam o medo que sentia do agressor e também desencorajavam um possível enfrentamento. Vale a pena mencionar o que Amorim & Nader (2017) debateram sobre VPI nas relações heterossexuais: suportar o sofrimento da violência, de forma silenciosa, faz parte do imaginário social da identidade feminina, que naturaliza esse sofrer como resignação, internalizado como destino da mulher. Percebe-se aqui, mais uma vez, o reforço do binarismo homem-ativo-perpetrador de violência/mulher-passiva-vítima de violência. O processo de socialização da mulher manifesta a aceitação ao sofrimento, reconhecido como virtude perante a sociedade, o que denota também a docilidade e a conduta passiva. A repetição do patriarcado e a supremacia masculina são visíveis nas relações entre homens e em casos de violências. Portanto, o homem gay passivo, aparentemente, tem um “roteiro” afetivo-sexual que se liga bastante ao roteiro feminino heterossexual. Se a mulher sofre violência, e deve suportar tal sofrimento de forma silenciosa e resignar tal sofrimento, supostamente o homem gay passivo se identifica de forma bastante parecida com esse roteiro (Buller et al, 2014; Bacchus et al, 2017).

Destacamos outro acontecimento entre este jovem e seu ex-namorado após os episódios de violência psicológica e simbólica e após o término do relacionamento: o abuso sexual, denominado pelo jovem como “estupro”. Para além da problemática da VPI nos relacionamentos entre pessoas



do mesmo sexo, em que muitas vezes ocorre a generalização que essas relações são igualitárias e, conseqüentemente isentas de violência íntima (Antunes & Machado, 2005), o estupro em que o homem é vítima é um assunto tabu, onde muitas pessoas presumem que homens não podem ser vítimas de estupro (Nascimento & Guimarães, 2013).

Se a VPI entre casais gays é um fenômeno pouco debatido, o estupro em que o homem é vítima (sendo penetrado), pode ser considerado um tema ainda mais invisibilizado. Na literatura, há estudos que demonstram que a violência sexual contra homens necessita de maior debate (Borges & Ribeiro, 2004; Saffiotti, 2004; Sarti et al, 2006). Contudo, são quase inexistentes os trabalhos que debatem que homens são vítimas de estupro (ou coerção sexual) em seus relacionamentos com outros homens (Sarti et al, 2006; Santos & Caridade, 2017). Em sua maioria, são estudos sobre estupro masculino carcerário (Nascimento, 2013; Marques Junior, 2007), em que os autores debatem o quanto esse tipo de estupro é mais comum e com maior frequência do que o estupro na população em geral.

Sarti et al (2006) apresentam uma etnografia em um hospital municipal de emergências na cidade de São Paulo, Brasil. Um dia, um homem foi ao hospital e disse que havia sido vítima de violência sexual. A recepcionista dispensou o jovem da instituição e alegou que por ser um hospital que atendia vítimas de violência, apenas mulheres eram ali atendidas. Este caso suscitou na instituição evidentes dificuldades de um homem se identificar como vítima de violência sexual, e não como agressor, o que surpreendeu os profissionais e funcionários do hospital. Percebeu-se assim uma certa inadequação do serviço. Após retornar ao hospital, o homem narrou que foi assaltado por dois homens, os quais introduziram um objeto em seu ânus. Cabe também dizer que este homem era heterossexual, apesar da instituição ter apontado de forma equivocada que ele era homossexual.

Na etnografia citada, os autores debatem a limitação da instituição em compreender que um homem também pode ser vítima de violência sexual. As vítimas, em geral, são vistas como frágeis e vulneráveis, passíveis de sofrer uma violência, como mulheres, crianças e idosos (Sarti, 2005). Há, portanto, no imaginário social popular que homens são sempre os agressores da violência sexual, nunca são as vítimas (Sarti et al, 2006; Sarti, 2005). A instituição seguia essa concepção. Assim, Sarti (2005) coloca que a questão é um problema social estrutural, por que homens não são representados como vítimas de violência sexual.

Percebe-se a necessidade pelo reconhecimento da violência sexual em que os homens são vítimas (Sarti et al, 2006). Apesar de seu estudo ser há mais de 15 anos, percebe-se a permanência de diversos mitos quando se intersecciona gênero, orientação sexual, relações entre pessoas do mesmo sexo e violência sexual, como se um homem não pudesse sofrer estupro, não pudesse procurar apoio e denunciar tal crime, e como o estupro ainda é pensado como um crime apenas contra mulheres, embora haja notícias e pesquisas recentes sobre casos de estupro em que os homens são as vítimas (Souza, 2020). Portanto, o estupro em que o homem é a vítima ainda é visto como tabu (Condon, 2014). Em geral, as vítimas de estupro do sexo masculino relatam a falta de serviços de apoio, e os sistemas jurídicos são, muitas vezes, mal equipados para lidar com este tipo de crime, as vítimas temem sofrer algum tipo de discriminação ou serem vítimas de piadas caso denunciem o crime (Menon, 2013). A ideia do homem como vítima de violência sexual ainda é tratada como algo impensável. No Brasil, se carece de uma literatura que descreva e analise como homens heterossexuais e gays foram vítimas de estupro durante sua juventude ou na fase adulta.

A violência sexual deve ser reconhecida independente do sexo da vítima ou da orientação sexual da mesma. Há uma clara necessidade de uma maior atenção frente à discussão, que interfira na visão do direito universal à atenção em saúde, política pública que norteie a base do Sistema Único de Saúde (SUS), com o objetivo de equacionar o princípio da universalidade e equidade (Sarti et al, 2006).

O outro trecho (de violência psicológica e simbólica) refere-se ao jovem Israel:

“Namorei um menino que toda hora falava que ia me trocar por um garoto mais branco, ele namorava um menino antes de mim que era branco e tinha olho claro. Ele jogava na minha cara que eu não era da cor do ex dele. Ele era loiro, era forte e eu não. Ele ficava me diminuindo dizendo que esse ex era mais branco que eu. Dizia que o ex foi apresentado pra família dele, mas eu não ia ser porque não era branco o suficiente. Ele fez um contrato pra eu assinar, que eu nunca ia terminar com ele. E eu assinei. Eu não saía, não via meus amigos, só ficava com ele, ele que decidia tudo se a gente ia se ver no final de semana” (Israel, 23 anos).

Israel tinha 23 anos, era um jovem pardo, “muito magro”, “afeminado” e “só” passivo. Apesar de ter algumas categorias de pertencimento em comum com o jovem Vinícius, percebe-se

que Israel sofria violências racistas. Como exemplo, o namorado de Israel na época, dizia que não o apresentaria à sua família pois o jovem “não era branco o suficiente”. As agressões psicológicas são instrumentos de dominação simbólica utilizados pelo agressor para que exerça seu poder sobre seu parceiro (Moreira, 2016).

As ofensas e insultos raciais não foram perpetrados por um desconhecido, mas pelo namorado de Israel, em que suas falas tinham objetivo de evidenciar uma inferioridade racial na relação dos dois. Assim, destaca-se com a raça emerge em um importante marcador no namoro dos jovens. Este preconceito serve a inúmeras formas de exploração, enraizadas no nosso país colonizado e com uma enorme supremacia racial, ainda que haja um discurso de igualdade através da democracia racial. Percebemos isso em uma relação dita como “namoro”, o jovem que não era branco não se encontrava em condição de igualdade. Assim, torna-se importante discutir o racismo nas relações afetivo-sexuais ditas como inter-raciais (Moutinho, 2004), em que o racismo é uma demonstração de inferioridade social não apenas para quem está “fora” da relação, mas também para quem está “dentro” do namoro e perpetua o racismo no dia-a-dia.

Mostra-se como devemos desconstruir a representação de que “namoro não é lugar de violência” (Gomes, 2011), como se a violência apenas ocorresse relações mais estáveis e duradouras, situação que exclui o “namoro” e “ficar”, comuns entre adolescentes e jovens (Gomes, 2011). Ainda, demonstra-se o namoro entre homens não é uma “relação entre iguais”, como se não houvesse diversas assimetrias e formas de desigualdades. Pelo contrário, o gênero, a posição sexual, os atributos corporais e a raça se intersectam, demonstrando diversas desigualdades e diversas violências entre os casais.

### *Stealththing*

Este código é um desdobramento do código anterior, pois o evento aqui debatido também se encontra no âmbito da violência praticada por parceiro íntimo (VPI). O episódio aconteceu na trajetória de André (entrevistado 3). O jovem, a partir da mediação de um aplicativo de geolocalização, encontrou um parceiro para um encontro sexual, que a priori, a relação sexual seria episódica. André, que foi e se considerava “só” passivo, contou que no desenrolar da relação sexual com penetração, o parceiro retirou o preservativo sem seu consentimento.

Essa prática é denominada na literatura internacional e nacional como *Stealththing* (Brodsky, 2017; Soares, 2017; Lima, 2017; Nunes & Lehfeld, 2018). Os autores possuem o consenso que se trata de um ato no qual um indivíduo retira o preservativo durante a relação sexual sem o consentimento do seu parceiro sexual. Tal prática vem sendo debatida sob perspectivas sociais e jurídicas.

Parte-se do princípio que esse ato não é algo “novo” – nem no Brasil e tampouco no mundo. Contudo, a advogada americana Alexandra Brodsky é considerada a pioneira dos estudos nessa temática, tendo seu primeiro trabalho acadêmico publicado em 2017. Percebe-se assim a atualidade da discussão. Para Brodsky (2017), o *Stealththing* é uma prática criminosa, pois transforma uma relação sexual consensual em uma relação sexual não consensual e está amplamente associada às relações sexuais entre jovens, sendo que as vítimas por vezes sequer percebem a conduta do parceiro sexual durante o ato. Trata-se de um grave problema na atualidade e que vem sendo discutido com mais afinco diante da realização de estudos e pesquisas, além de uma maior comoção social e jurídica para coibir tal prática delituosa. Brodsky (2017) em seu estudo, ressalta que embora tal conduta venha ganhando mais espaço na atualidade, há ainda pouca discussão acerca do *Stealththing* em caráter geral.

Estudos brasileiros recentes (Nunes & Lehfeld, 2018; Soares, 2017) citam que a prática é comum entre jovens heterossexuais, sexualmente ativos, sendo um debate controverso. Embora para muitas mulheres pareça óbvio que a prática é abusiva, outras a consideram como um “sexo ruim”. Para alguns homens, muitos acreditam que isso é um “direito natural” deles e disseminam a prática pela *internet*, dando dicas de como remover o preservativo sem a parceira perceber (Soares, 2017). Tais homens enraízam suas ações em misoginia e na crença da supremacia sexual masculina frequentemente citando o direito de homem de “espalhar sua semente” (Nunes & Lehfeld, 2018).

Ainda, para alguns autores (Lima, 2017; Barros, 2017; Soares, 2017; Nunes & Lehfeld, 2018), trata-se de um crime sexual que espelha alguns riscos, como a prevalência de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e a possibilidade de gravidez entre os casais. Os autores discorrem que tal crime é caracterizado por uma violência de gênero. Ao circunscrever o ato como um fenômeno associado à gravidez e restritamente à violência de gênero entre homem e mulher, a discussão limita seu debate ao âmbito da heterossexualidade, invisibilizando a ocorrência do fenômeno entre casais gays, como aqui apontado, entre dois homens.

Contudo, como visto na narrativa de André, o ato de remover a camisinha durante a relação sexual sem o consentimento do parceiro não é uma prática exclusiva de relações heterossexuais. Na literatura internacional, com uma denominação distinta, a remoção da camisinha sem o consentimento do parceiro é denominada como “stealth breeding”, conforme estudos majoritariamente realizados nos Estados Unidos e Austrália (Brennan, 2017; Latimer et al, 2018).

A prática é considerada como uma forma de sexo sem preservativo entre homens, conhecido como *bareback*. Contudo, a prática se caracteriza pela remoção não consensual do preservativo por parte do ativo da relação, ao contrário do *bareback*, em que há um consentimento do não uso do preservativo por ambas as partes. Interessante destacar que apesar de uma crescente literatura sobre a prática *bareback* nos últimos dez anos (Barreto, 2017; Bezerra & Giacomini, 2020), estudos sobre “*stealth*” nas relações entre homens são inexistentes no Brasil.

Retomando ao caso, André morava em uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro, encontrou seu parceiro no Sheraton, um hotel considerado de luxo, que atende brasileiros e estrangeiros. O hotel fica localizado no Leblon, em frente da favela onde André morava. O jovem salientou que se sentia “fetichizado” por ser morador de favela e muitos homens pensavam que ele era traficante de drogas ou ainda, “que só ficava com bandidos”. Portanto, é importante considerar como se entrecruzam os diferentes marcadores de pertencimento nesse cenário. O encontro entre um rapaz morador de favela, pardo e “só passivo”, e outro rapaz, morador “do asfalto”, de classe social privilegiada e “ativo”, coloca em xeque relações de opressão, em que o poder e a dominação, por parte do jovem de classe social alta, podem provocar uma ausência de negociação do não uso da camisinha. Trata-se de um olhar que aborda os efeitos coercitivos das relações de poder, mostrando mais uma vez que a relação entre dois homens pode ser bastante assimétrica. Portanto, os eixos de poder estabelecidos pelo patriarcado, pelo racismo e pela luta de classes se cruzam como avenidas em que o fluxo do tráfego define a multiplicidade de opressões às quais uma pessoa

está submetida (Vigoya, 2018), o que reflete sobre no processo decisório do uso do preservativo, mesmo em casais do mesmo sexo.

Problematizar a remoção da camisinha sem o consentimento do parceiro é fundamental para o debate da vivência de uma sexualidade saudável. O “stealthing” transforma uma relação sexual “consensual” em “não consensual”, sendo que as vítimas, por vezes, sequer percebem a conduta do parceiro durante o ato. Nessa direção, torna-se imprescindível considerar a prática como um caso de violência.

A violência é destacada pela anulação do direito de escolha do jovem durante o ato sexual, o que configura como clara violação dos direitos sexuais de André, em que uma relação sexual consentida se torna não consentida. Destaca-se que o caso de *stealthing* não evidencia a violência física para obtenção do ato sexual, mas demonstra uma violência moral e como as relações de poder se ilustram na retirada da camisinha sem consentimento do outro por parte de quem penetra.

Como desdobramento do ocorrido, o jovem foi a uma unidade de saúde buscar a Profilaxia Pós-Exposição (PEP), uma tecnologia de prevenção que consiste no uso de antirretrovirais por 28 dias, iniciando em até 72 horas após a possível exposição sexual ao HIV, disponibilizada pelo SUS (Maksud et al, 2009). Ao buscar a PEP, se deparou com o desrespeito da profissional de saúde, configurando-se uma violência institucional (Faleiros, 2009).

Como pode ser visto na trajetória de André, a obtenção da PEP ainda apresenta barreiras como discriminação para quem a busca. Autores (Maksud et al, 2009; Monteiro et al, 2019), sinalizam que apesar da importância de tal estratégia de profilaxia, deve-se considerar a persistência do julgamento moral e estigma em torno da sexualidade, bem como o cenário de conservadorismo crescente brasileiro. Portanto, os desafios para a oferta de prevenção nos serviços de saúde devem considerar a perspectiva de profissionais de saúde e usuários, bem como a dimensão organizacional e estrutural dos serviços.

Por fim, chamo atenção para a necessidade de maior engajamento e estudo sobre o tema, haja vista que se trata de uma situação específica e pouco debatida, principalmente no âmbito das relações entre pessoas do mesmo sexo.

### ***O bloqueio no aplicativo Grindr***

Neste código do tema de violências, pretendo discutir uma vivência em comum de todos os jovens: as “diversas” bloqueadas que os mesmos recebem no aplicativo *Grindr*, seja por que são negros, “gordinhos”, afeminados, “pobres”, “morador de favela”, surdo-mudo, dentre outras características corporais ou de pertencimento social.

Os jovens demonstraram a decepção da vivência no aplicativo, em que a dificuldade de conseguir alguém, até mesmo “apenas” para alguma relação sexual episódica, pode ser bastante hierárquica e violenta, já que os mesmos se distanciam do ideal de masculinidade hegemônica. Em alguns casos, os jovens relataram que “cansaram de levar diversas bloqueadas”, deletando o aplicativo em questão. Assim, disseram: “*Não é pra mim, acabei deletando*”. Em outros casos, eles comentaram o quanto as bloqueadas afetaram a autoestima e causava ansiedade nos mesmos: “*Era muito horrível. Quando mandava minha foto, eu me perguntava: ‘Será que vou ser bloqueado?’ Era uma ansiedade imensa só pra saber se a pessoa não ia me ignorar e não ia me xingar*”.

Como mencionado, a sociabilidade digital dos aplicativos é fortemente demarcada pelo uso de fotos, principalmente do corpo, em que cada usuário escolhe qual foto colocar, bem como qual texto escrever. Essa “elaboração da face” (Goffman, 1967) traz a ideia da face como possuidora de um valor social descrito pelo usuário. Neste sentido, as experiências trazem impacto emocional à face que lhe é apresentada num contato com outras pessoas. Nessa discussão, Raquel Recuero (2012) menciona o conceito de “atos de ameaça a face” para falar do diálogo nos aplicativos, em atos de ameaça a face podem ser danosos e levar a perda de capital social, silenciamento e rompimento das conexões que mantêm as redes. Portanto, para a autora, as interações digitais nos aplicativos podem apresentar dinâmicas de “ataques a face”, o que leva as bloqueadas nos aplicativos. Esses ataques que resultam em bloqueios podem ser vistos como uma forma de *cyberbullying* (Brown et al, 2006; Korenis & Billick, 2013; Wendt & Lisboa, 2014) e violência digital que ocorre nas redes de sociabilidades digitais, principalmente nos aplicativos que visam encontros sexuais de forma “rápida”.

Torna-se importante salientar que aparentemente, os bloqueios ocorrem após xingamentos, ou seja, após os ataques ao usuário: “*Me xingam de baleia e depois me bloqueiam*”; “*Me chamaram de macaco e depois me bloquearam*”; “*Disseram que eu tinha cara de mulherzinha e me bloqueavam*”; “*Disseram que eu não era morador do Leblon, aí me bloquearam*”. Importante também salientar que esses ataques não se dão de forma “isolada”, ou seja, ocorrem por algum

motivo: seja pelo racismo, preconceito de classe, homofobia, preconceito contra o afeminado, dentre outros. Em alguns casos, essas diversas formas de desigualdade se entrelaçam em mais de uma categoria de pertencimento, como o jovem ser negro e não ser morador da Zona Sul. Nessa direção, ser bloqueado é a consequência do ato de ameaça a face, bloqueios que remontam formas pejorativas de diversas formas de preconceito.

Na literatura internacional, os ataques a face, baseado em insultos e xingamentos, podem ser considerados como *trolling* ou *cybertrolling* (Mantilla, 2015; Phillips, 2015). Em poucas palavras, quem o pratica costuma cometer um discurso intencionalmente difamatório e com o objetivo de ofender a pessoa (Mantilla 2015; Phillips 2015). O *trolling* refere-se a alguém que interfere no bom andamento e na polidez de uma conversa, usando comentários maldosos. Para Krappitz (2012), o *trolling* tem por objetivo desestabilizar as vítimas, comprometendo a própria face do Outro (Zago, 2012; Krapitz, 2012).

Ainda, quem realiza tal prática são geralmente homens contra as mulheres, utilizando ofensas baseadas em gênero e sexualidade para difamar, aterrorizar, envergonhar mulheres e meninas adolescentes *online* (Mantilla 2015; Phillips 2015). Em outro importante ponto, Lenhart et al (2015) discutem que pessoas gays geralmente sofrem ataques em comunidades online e redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*. Os autores não mencionam que os próprios gays podem proferir tais ataques. Importante mencionar que os usuários que atacam o perfil dos jovens no *Grindr*, podem ser de pessoas “fora” da comunidade, ou seja, pessoas homofóbicas que decidem fazer o download do aplicativo para praticar tal ato de violência. Contudo, não parece ser o caso. Os xingamentos, insultos, violências e bloqueios parecem ser fruto das hierarquias e das relações de poder que se engendram dentro da própria comunidade gay, em que um jovem morador de favela, negro, afeminado e gordo, não é bem visto no aplicativo.

Podemos considerar que o bloqueio após ataque a face representa uma “nova” forma de violência, ocorrida digitalmente. Mas ressalta-se que apesar de ser uma “nova” configuração, a mesma aponta para “velhas” questões da nossa sociedade: o racismo estrutural, o preconceito de classe, a gordofobia, o preconceito contra o afeminado, dentre outros. Os ataques e os bloqueios enviam uma mensagem simbólica a esses jovens, em que estes espaços não deveriam ser ocupados por eles.



Assim, o ato de bloquear funciona como um desejo de segregação digital do outro (Miskolci, 2012), algo que ocorre na nossa sociedade, como mencionado pelos jovens durante suas narrativas. Essa violência discursiva e simbólica que se dá no ato de conversar reflete o grande valor das redes sociais: o capital social (Recuero, 2012), em que os ataques se voltam à aspectos de racismo, homofobia e preconceito de classe, assim como ocorrem no mundo “offline”, que contaminam a atmosfera “online” e merece nossa atenção. Ou seja, os ataques a face, que se concretizam em bloqueios, são um reflexo mais vasto de dinâmicas estruturais da nossa sociedade.

Se problematiza que todo o ato de atentado a face, seguido dos bloqueios, representa um ato que deslegitima os usuários da conversação, notadamente através da violência simbólica, que visa diminuir o capital social que a pessoa se encontra (Recuero, 2012), o que pode favorecer a vulnerabilidade digital desses jovens. Esses atentados a face se constituem como um tipo de violência digital sistemática entre pares (Andrade, 2007), que causam danos à saúde psíquica dos jovens, o que merece ser melhor discutido na contemporaneidade em que os jovens estão cada vez mais hiperconectados (Lévy, 2010), e as interações do cotidiano estão cada vez mais mediadas por algum dispositivo eletrônico com acesso à *internet* (Rogers & Salgado, 2016), causando o que Lemos (2015) chama de hipervisibilidade, ou seja, a exposição que o corpos e as vidas das pessoas passam a ter a partir das mídias que propagam de forma rápida conversas, informações, imagens e vídeos.

Assim, esse tipo de ataque que causa os bloqueios, é um ato de violência, e sua intencionalidade gera sofrimento para a vítima. Como visto nas narrativas, quem sofre os ataques geralmente são os meninos que fogem de determinados padrões estéticos que nossa sociedade impõe, desde a aparência física, classe social ou performatividades de gênero (Smith, 2015).

Com base em Recuero (2016), também compreendemos que todo o ataque a face no espaço de mediação digital deslegitima os usuários de uma vivência saudável e positiva nesses espaços digitais. Esse tipo de violência não deve ser banalizado ou naturalizado. Como em muitos casos ocorridos no *Grindr*, o ataque a face ocorre de modo anônimo, pois poucos usuários se identificam ou mostram seu rosto. Isso demonstra a relevância de se pensar mecanismos que visam garantir maior segurança na *internet* (Ferreira et al, 2020) e a emergente necessidade de fortalecer a democracia digital.

Como visto em toda a tese, os aplicativos para encontros afetivo-sexuais fazem parte da trajetória dos nativos digitais. Contudo, há muito que se refletir sobre a utilização da *internet* e das mídias digitais a partir de uma perspectiva crítica, em que haja uma maior discussão sobre os atos de violência digital e suas consequências para a saúde mental dos mais jovens, bem como refletir como essas mídias podem reduzir possíveis ataques e formas de violências, principalmente entre os mais jovens que não se encontram em um padrão homogêneo de masculinidade e gênero, refletindo sobre a subjetividade sexual produzida pela *internet* em que as violências estão presentes (Gonçalves, 2019).

### ***Redes de apoio***

Neste último código, discutimos as redes de apoio social dos jovens após sofrerem tamanhas violências durante suas trajetórias. Compreendemos a rede de apoio social como o conjunto de relações interpessoais e sistemas que compõem os elos de relacionamento de uma pessoa. Essas redes são percebidas como significativas em momentos de estresse, como exemplo, após a vivência de situações de violências (Sluzki, 1997; Brito & Koller, 1999).

As redes de apoio são entendidas como determinantes e fundamentais na trajetória de uma pessoa. É a partir dela que uma pessoa pode se sentir acolhida e com maior senso de pertencimento. Essas relações sociais são constantes e podem variar em diversos momentos da nossa vida, e geralmente, a primeira rede de apoio de uma pessoa tende a ser a família, mas ao longo dos variados períodos da fase da vida, as esferas de apoio costumam variar, como os amigos (as), parceiros(as) afetivo-sexuais, vizinhos, instituições judiciais ou de saúde, igreja, associações comunitárias, colegas de profissão, etc (Brito & Koller, 1999). Estes laços, quando acionados, geram conexões que dão forma à rede, seja de forma emocional, material, em serviços ou com informações (Sanicola, 2008). Conforme Bowlby (1988), uma rede de apoio social eficiente está associada à prevenção de violência, bem como maior senso de pertencimento.

As redes de apoio social possuem importante papel para o reconhecimento potencial da agência de cada pessoa e para a construção de sua noção de si, bem como pressupõe o reconhecimento das ofertas de apoio e de recursos de cada um (Sluzki, 1997). Desse modo, dependendo do modo que estão constituídas e disponíveis na efetividade do cotidiano, as redes de apoio são capazes de fortalecer laços de proteção para a garantia dos direitos de adolescentes e jovens, bem como responder melhor à complexidade das demandas trazidas pela violência perpetrada contra jovens gays (Deslandes, 2004).

Durante as entrevistas, percebemos como a rede de apoio social dos jovens é bastante limitada. Na infância, os entrevistados raramente podem contar com o apoio da família, da escola ou da igreja após sofrerem determinadas violências, por que na maioria dos casos, a violência foi vivenciada dentro dessas instituições. Durante a adolescência e juventude, há pouca expansão dessa rede de apoio. Após serem vítimas de violências físicas, sexuais, psicológica ou simbólica, os jovens, por exemplo, não foram à delegacia por medo e vergonha de denunciar o parceiro, não contaram para a família sobre o ocorrido, e tampouco tiveram algum acompanhamento psicológico.

O apoio se deu praticamente entre os(as) amigos(as) e principalmente, pela *internet*. Em uma geração de adolescentes e jovens que nasceram conectados à *internet* (Oliveira, 2010), esta acaba sendo uma ferramenta bastante destacada em todas as entrevistas, a partir da leitura de *blogs* que debatiam diversos assuntos: ter sofrido alguma violência devido a orientação sexual, por ser negro, ser surdo-mudo, ter sofrido violência sexual na infância, ter sofrido violência sexual no namoro, o que fazer após um parceiro retirar a camisinha na relação sexual, dentre tantas outras violências que os jovens mencionaram.

Na interlocução entre rede de apoio e *internet*, pesquisas das áreas da Saúde Coletiva e das Ciências Sociais que lidam com temas atravessados por tabus e estigmas sociais (Zilli, 2017), como as pessoas vivendo com HIV/Aids e sexualidades consideradas desviantes, por exemplo, têm encontrado na *internet* a possibilidade de analisar narrativas e interações que dificilmente seriam possíveis de observar em um ambiente *offline*.

Como visto, os *blogs* viabilizam um contato, que mesmo distante, parece ser íntimo e próximo, em que os jovens perceberam “de perto” que outras pessoas (em sua maioria, mulheres) haviam passado pela mesma experiência. Apesar de certa limitação, nessa rede social de apoio “virtual”, predominou uma relação de ajuda no âmbito emocional e informativo, proporcionada através de conversas, leitura de depoimentos e até mesmo do estabelecimento de relações afetivas entre pessoas, enquanto o apoio informativo relaciona-se às orientações e informações disponibilizadas sobre recursos da comunidade, como por exemplo, o que fazer após sofrer uma violência sexual ou ser vítima de *stealthing*. Nessa direção, as narrativas online sobre diversas experiências e violência vão muito além da *internet* e possui materialidade “offline”.

Este contato torna-se ainda mais importante e interessante entre jovens de camadas populares, que sem condição financeira, se limitam ao uso da *internet* para se sentirem amparados. Os jovens consideram este espaço protegido pelo anonimato, sem a necessidade de grandes exposições. O anonimato os protege. Nesses espaços da *internet*, em que as violências estão expostas, esses jovens encontraram uma maneira de viabilizar a manutenção dos seus segredos nas suas relações mais próximas e pessoais e, ainda assim, contá-las de alguma forma ao mundo. Há um evidente acolhimento, algo não encontrado “fora” do “mundo virtual”. No ambiente digital, há uma “cultura do compartilhamento de vivências de violência”, ambiente que têm suas características amplificadas por sua articulação com a cibercultura, sendo a expressão da aspiração

de um laço social, centrada em torno de um interesse em comum e sobre processos abertos de colaboração (Lévy, 1999).

O compartilhamento de ideias, opiniões, experiências é questão central ao entendimento da expansão da *internet* na visão de Lemos & Lévy (2010), para quem “deve-se reconhecer que a *internet*, ampliando a circulação da palavra, oferece ao cidadão uma ampliação da esfera pública midiática que estava restrita ao poder das grandes corporações” (Lemos; Lévy, 2010, p. 88). Djamila Ribeiro (2017) adiciona a esse debate o elemento da disputa, considerando que o espaço virtual, mesmo que ainda com limites, permite a veiculação de “vozes dissonantes” e a produção de “ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica” (Ribeiro, 2017, p. 87). Dessa forma, a possibilidade de se valerem da liberdade do anonimato virtual, influencia o compartilhamento de sentidos e significados não convencionais sobre a vivência de violências. A *internet*, nesse caso, conforma uma base de subcultura, definida por percepções, normas e valores que se opõem às percepções, normas e valores predominantes (Bozza, 2016).

Para Castells (2006), as redes sociais contribuem para a ampliação da capacidade de solidarização e mobilização de recursos de apoio emocional, simbólico ou material. Assim, há uma potência bastante positiva na sociabilização dos jovens nos ambientes virtuais, que reconhecem a *internet* como uma possibilidade concreta de compartilhar suas experiências ao mesmo tempo em que a *internet* mantém seus segredos. É esta possibilidade que permite ao jovem, principalmente de camada popular, de escrever sua história e de se ver diante de um outro que vivenciou algo semelhante.

Também é importante destacar que todos os jovens relataram que suas experiências eram similares a experiências de diversas mulheres no Brasil, o que pode indicar diversas invisibilidades na ocorrência de violências entre/contra homens na esfera da sexualidade. Tais invisibilidades acarretam a importância da rede de apoio social como fator de proteção frente às vulnerabilidades a que crianças, adolescentes e jovens gays estão expostos. Ao se perceberem “diferentes” de seus pares, podem ter pensamentos negativos a respeito de si mesmos e muitas vezes se culpabilizam pela situação de violência ocorrida (Braga et al, 2018).

Ressaltamos a importância da *internet* na vida desses meninos. Mas também, não podemos deixar de lado os vínculos frágeis desses jovens com as instituições de educação, saúde, segurança, justiça e assistência social em suas vidas, instituições essas que pouco os acolheram com a disponibilidade e encaminhamentos aos serviços ou orientações após a vivência de casos de violência.

É fato que as políticas públicas de atendimento e as redes de apoio às populações consideradas de “risco” e “dissidentes” para superar situações de violência ainda são bastante frágeis e pouco dialogam com a diversidade da nossa sociedade (Ojeda; La Jara; Marques, 2007; Rocca, 2007). Contudo, o conhecimento dessa parca rede social de apoio tem como objetivo constituir subsídios para o estabelecimento de possibilidades de atenção à saúde junto à homens jovens gays e bissexuais, atenção essa que vai muito além de informações sobre camisinha e infecções sexualmente transmissíveis, como apontado de forma constante e evidente neste estudo.

Evidenciar a frágil rede social de apoio desses jovens destaca a necessidade de aperfeiçoamento para o enfrentamento de situações de violência. Uma rede de apoio social deve debater, acolher e resgatar qualquer pessoa da vulnerabilidade de situações de violência. As instituições e profissionais de saúde devem ajudar na manutenção de vínculos favoráveis à conservação da integridade e saúde mental das vítimas (Yunes, 2001).

Em poucas palavras, uma sólida rede de apoio social pode contribuir para um melhor enfrentamento das situações adversas de violências durante as trajetórias desses jovens, realidade que se delineou bastante limitada na vida dos entrevistados. Reforçamos que a rede de apoio social pode gerar efeitos positivos para quem recebe apoio (Chor et al, 2001), sendo responsável pela assistência, visibilidade de problemas e compreensão das necessidades sociais e de saúde que escapam da capacidade de atendimento do Estado.

### *Para encerrar*

#### *Sexualidade, gênero, masculinidades e violências: a solidão na trajetória dos jovens*

De todos os temas e códigos aqui elencados e discutidos, gostaria de evidenciar, mesmo que de forma breve, um sentimento que permeou as trajetórias de todos entrevistados: a solidão. Importante dizer que essa solidão não se apresentou da mesma forma para todos eles. Ela também se articula em torno dos marcadores sociais de cada um: a solidão de um jovem negro, afeminado, gordo, pobre, surdo-mudo, garoto de programa, soropositivo, migrante não acontece da mesma maneira. Em muitos casos, essas categorias de pertencimento se entrelaçam, fazendo com que o sentimento de solidão se apresente de forma ainda mais contundente, constituindo uma resposta subjetiva e emocional a diversas exclusões presentes em suas trajetórias.

Este sentimento é percebido desde a infância, quando o grupo de pares os aponta como “viadinhos” e eles, ainda muito pequenos, se veem como “diferentes”. É pelo insulto dos pares, como nos lembra Eribon (2008), que os meninos vão percebendo, desde muito cedo, a sua condição de inferioridade social no mundo masculino.

No início da adolescência, se sentem obrigados a “ficarem” com meninas, mesmo sem desejar. A escola, tampouco, consegue ter a sensibilidade de os acolher pois eles não se “encaixam” no padrão heteronormativo. E a família, instituição bastante idealizada, recrimina, pune, controla e violenta esses corpos que não condizem com o ideal de filho heterossexual e viril. Todas essas exclusões, apesar de suas agências em constituir laços de amizade com meninas e com outros e outras excluídos(as), ajudam a produzir sentimentos de inadequação e de solidão.

Solidão também bastante evidenciada durante suas “ficadas” e namoros, principalmente na busca por um parceiro afetivo-sexual que os aceitem do jeito que eles são. Os aplicativos de geolocalização demonstram o quão hierárquico e perverso pode ser o “mundo gay”, que também não acolhe aqueles que não se encaixam no padrão hegemônico. O desejo digital constrói um perfil almejado e de sucesso, e aqueles que não se encaixam, ficam à deriva, sendo marginalizados e desqualificados.

Os marcadores sociais de raça, expressões corporais, classe, ser ativo/passivo, deficiência, *status* sorológico, são importantes nesse complexo processo de exclusão dos afetos. Mesmo aqueles que têm características “positivas” como ser branco, malhado ou bem-dotado, não lhes é garantida a possibilidade do afeto nas relações ou de uma possível facilidade em encontrar algum parceiro afetivo-sexual. A seleção estética elimina a diversidade e as possibilidades de afeto.

Não pode ser gordo, afeminado, magro demais, pobre demais ou negro demais. Essa solidão fica ainda mais intensa nesse último caso, na intersecção com o racismo, em que homens gays negros são fetichizados ou rejeitados. O que aconteceu na infância, em casa e na escola (e na igreja), se reproduz na vida adulta. O sexo pode ser fácil, mas a dimensão afetiva não o é. Os jovens se percebem sozinhos, isolados e sem apoio emocional. Não obstante, encontram esse acolhimento apenas nos *blogs* e comunidades da *internet*, lugares protegidos pelo anonimato, provavelmente porque sentem que não serão julgados por serem quem são.

Se evidencia, assim, que a solidão desses jovens vai muito além da homofobia encarnada na nossa sociedade, incorporada na rejeição familiar ou da comunidade religiosa. Homens jovens gays cisgêneros, se sentem solitários no encontro com seus pares, do suposto “grupo de iguais”. Durante o estudo, percebemos o quanto essas relações não são igualitárias, mas sim permeadas de hierarquias e desigualdades. Após se assumirem para as suas famílias, geralmente na adolescência, existe uma provável fantasia da auto aceitação dos próprios gays. Contudo, a luta para se encaixar no padrão hegemônico permanece e, talvez, seja ainda mais severa. Portanto, a solidão e a tentativa de se encaixar vai além da “saída do armário”. Se a sociedade é heteronormativa, o “mundo gay” também o é. Se sentir sozinho vai muito além de uma questão exclusiva de orientação sexual. A solidão, assim, não deve ser tratada como algo “inofensivo” na vida desses jovens gays, mas como um sentimento que é resultado de isolamentos e exclusões, com potenciais efeitos danosos à subjetividade e saúde mental de todos eles.

A solidão não é simplesmente um sentimento individual ou isolado, ela se encontra no laço social que exclui os corpos em questão, os isolando de maneira desagradável e tornando-os abjetos. Este sentimento desvela e descortina imbricamentos sociais, de ordem estrutural e institucional, perpassando por diferentes instâncias atreladas a mecanismos da sociedade ocidental. Aparentemente, as qualidades de ser ou estar sozinho podem ser potencializadas pelo simples fato de eles serem quem são: transgressores das normas sexuais e de gênero definidas como modelo pela hegemonia social (Dolto, 1998).

Essa consideração aponta para provocações do campo dos prazeres e, principalmente do desejo. Há de se perguntar: Quem nós desejamos? De qual forma nós desejamos? Quem é digno do nosso amor? Esses jovens demonstram a necessidade de trazermos tais questionamentos para a vida social e, claro, falar sobre ela, compartilhando com outros esse sentimento tão comum nas trajetórias dos jovens. A dificuldade de encontrar um namorado, ou seja, a capacidade de desejar



alguém e se sentir desejado, depende de tantos vários fatores. O afeto, as relações afetivas, na nossa sociedade, são racializadas, generificadas, classistas, elitistas, LGBTfóbicas, dentre tantos outros preconceitos tão visíveis em uma sociedade colonizada.

Portanto, demonstra-se como os afetos são produzidos na e pela cultura. O que desejamos e como desejamos, é fruto de uma construção social que valoriza determinados aspectos e desvaloriza tantos outros. Assim, se “sentir sozinho” é um registro da configuração peculiar da sensação de desamparo experimentada por eles, que de forma consciente, relatam os mecanismos preconceituosos da sociedade que dificultam e impedem a dinâmica do afeto em seus relacionamentos.

Em um mundo tão conectado e de sexo rápido, onde está o lugar do afeto para os jovens que se encontram marginalizados na nossa cultura? Na busca por um “Mr. Right” (Homem certo) (Nardi, 2000), um homem idealizado, másculo, viril e de classe média, o que resta para esses rapazes tão distante desse ideal burguês? Percebe-se o quanto a vida de um jovem gay de camada popular é integralmente definida por diversos assédios permanentes, que acontecem de forma direta e indireta, sendo assim, um assédio social (Eribon, 2008). O estigma e a injúria percorrem de forma constante suas trajetórias.

A interseccionalidade nos ajuda a pensar e a operacionalizar tais questionamentos e, acima de tudo, indica implicações, imbricamentos e caminhos de mudanças da nossa vida “individual” e “coletiva”. Não é possível olhar para a solidão dessas trajetórias e não circunscrever o imbricamento das questões de gênero, orientação sexual, classe, raça, dentre tantas outras categorias de pertencimento. Essas dimensões estão, na realidade, entrelaçadas, umas agindo sobre as outras e reforçando-se mutuamente.

A solidão evidencia a necessidade de luta por espaços, debater e evidenciar os colonialismos, racismos, classismos e tantas outras desigualdades que afetam o sentimento positivo de pertencimento, e propor pedagogias antidiscriminatórias como caminho para o fortalecimento da equidade de e entre os gêneros (Munanga, 2003). Deve-se reconhecer o processo de fragilização e estigmatização dos laços que opera na dimensão sociofamiliar, escolar, dos encontros afetivo-sexuais, na esfera política e social, que provoca a falta de apoio social aos jovens e intensifica ainda mais o sentimento de solidão. Os “excluídos” são restringidos à busca do afeto, sendo expulsos da dignidade de serem amados e desejados (Arendt, 1999; Carrara, 2005), fazendo

com que os jovens se sintam “sem lugar no mundo” (Escorel, 1999), com vínculos frágeis que não constituem uma unidade social simbólica de pertencimento.

Portanto, a solidão se torna resultado de um processo de sofrimento e exclusão, evidenciando o poder da cultura na construção dos desejos e do amor. Sem maiores discussões em torno das temáticas de sexualidade, gênero, cultura, masculinidades, colonialismo, raça, etnia (e outras intersecções), torna-se impossível favorecer o fortalecimento de diversas identidades.

Em síntese, a solidão subjetiva dos entrevistados demonstra a necessidade de ressignificar diversos pré-conceitos para romper uma lógica que nos fragmenta, o que claro, é um grande desafio. Há muito de se debater e questionar a subalternização daquilo não é forjado numa ótica hetero-cis-patriarcal-burguesa-branca, ou seja, daquilo que não é hegemônico. Cada um dos jovens demonstra que o “não ser” é tudo aquilo contrário dessa lógica, que é marginalizado e não desejado constantemente.

Nesse sentido, a solidão é, ao mesmo tempo, estado e processo. É estado, como condição limite à qual se chega por meio das sucessivas rupturas, como consequência de trajetórias marcadas por múltiplas vulnerabilidades e violências. Por outro lado, é também o processo de rupturas sofridas nas diversas dimensões, agindo umas sobre as outras. A solidão, portanto, é um problema social.

Que a partir desse sentimento mais subjetivo da solidão, possamos pensar nossas relações humanas. Quem, na nossa sociedade, pode falar, dizer, desejar e se localizar enquanto sujeito que não terá sua identidade aniquilada? A partir desse reconhecimento, talvez não reproduziríamos tamanhas violências no próprio “meio gay” e os próprios gays não se sentiriam tão sozinhos “dentro” de um suposto grupo de iguais.

## Considerações Finais

Esta tese de doutorado buscou desvelar e compreender as trajetórias afetivo-sexuais de quinze jovens gays cisgênero provenientes de camadas populares da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A idade dos jovens variou entre 19 e 24 anos, em sua maioria se autodeclararam negros, católicos e com ensino médio completo. A partir das entrevistas, intentou-se ilustrar a perspectiva sociocultural das trajetórias relacionadas à sexualidade e construção de masculinidades gay jovem de camadas populares, um grupo social escasso da literatura latino-americana e brasileira.

Gostaria de iniciar as considerações finais com minhas impressões sobre esse processo de entrevistas e construção da tese. Como mencionado, o projeto inicial desta tese referia-se ao uso dos aplicativos para encontros afetivo-sexuais. No decorrer do doutorado, o objetivo do estudo se modificou para a escuta das trajetórias dos jovens de maneira mais “ampla”. Apesar da mudança, esperava escutar relatos sobre as questões mais evidentes das masculinidades, do “tornar-se homem” e um provável debate relacionado com a masculinidade hegemônica. Me surpreendeu de forma bastante impactante os relatos de violências em suas vidas. O abuso sexual que alguns viveram, o estupro acontecido em uma relação dita como namoro, as violências simbólicas, físicas, emocionais e psicológicas nas relações de “ficar” e namorar. A possibilidade de um homem ser vítima de *stealthing* também chamou minha atenção.

Fui surpreendido também como as representações e práticas sobre “masculino” e “feminino” são tão rígidas em suas vidas. A partir de uma lógica bastante binária, acredito não ser coincidência que todos os jovens passivos e mais “afeminados” foram as vítimas das violências mencionadas, e não os perpetradores de tais violências. Se a literatura acadêmica muito menciona e debate a violência de gênero na relação entre homem e mulher, parece que esta violência de gênero é repetida nas relações entre homens, em que o jovem passivo mais feminino se identifica com o roteiro heterossexual da mulher e o homem gay ativo e mais masculino, se identifica com o homem heterossexual. Pensava que tais roteiros não fossem tão rígidos assim, e que esses jovens me mostrariam diversas “mudanças” nas configurações de se relacionar. Contudo, eles mostraram que houve mais “permanências” que “mudanças”, evidenciando que há muito a ser feito e debatido para ocorrer mudanças estruturais na nossa sociedade para quebrar tais “padrões de gênero”.

Assim, para a minha formação como psicólogo e pesquisador, esta tese contribuiu de maneira bastante evidente para estar atento a esses processos, em que talvez, eu mesmo

naturalizava ou não via de forma tão “próxima”. Quando comentei, em rodas de conversa, com alguns amigos gays (em sua totalidade de camada média) sobre a prática de *stealth*, alguns comentaram: “Isso já aconteceu comigo”. Quando mencionei que me impressionei com a violência que os jovens passivos sofreram em suas relações, os mesmos amigos também mencionavam que já haviam passado por experiências semelhantes. Assim, apesar de compreender e concordar com a ideia de que a classe é um elemento estruturante constitutivo das nossas vidas, me perguntei sobre possíveis “semelhanças” e “diferenças” sobre as trajetórias de homens gays de diferentes classes, principalmente no que tange à vivência de violências. Questões para se pensar em uma próxima pesquisa.

Penso também no desafio que é descortinar a ordem violenta que aparentemente, é constitutiva em nossas vidas, que pode ser tomada como disparidade entre universal e particular. A violência perpassa de forma efetiva por uma ação ideológica, fruto de uma hegemonia, que se materializa e é significada no discurso. Apesar de certo desânimo ao rever tamanhas violências “dentro” da comunidade gay, a utopia em acreditar numa sociedade menos desigual e hierárquica permanece, principalmente entre aqueles que apontam uma sexualidade dissidente (dentre tantas outras dissidências, como as de gênero, raça e classe).

Nesse aspecto, percebe-se o quanto questões de gênero e masculinidades foram bastante evidenciadas. O estudo identificou que o processo que se tornar um homem envolve negociações ao longo de suas trajetórias, demonstrando relações dialéticas de cumplicidade e subordinação e com a masculinidade hegemônica, entre os próprios jovens e outras pessoas e instituições (família, ficantes, namorados, igreja, grupo de amigos, escola). Desde a infância, os meninos ouviam repetidas afirmações de como um “homem de verdade” deveria ser, se portar, se vestir, quais esportes deveria praticar e quais escolhas afetivo-sexuais deveriam fazer. Os primeiros contatos com um outro – evidenciado aqui como o primeiro beijo –, foram momentos marcados por constantes pressões para provar a sua heterossexualidade. O olhar do grupo de pares se tornou bastante potente nesse momento, em que a aprovação dos amigos era crucial para eles.

Durante a adolescência e juventude, as questões sobre masculinidade permanecem e se demonstram de diversas outras formas. Eles continuam ouvindo como um “homem de verdade” deveria ser. A negociação para manutenção das prerrogativas hegemônicas tem altos custos: o sofrimento por não poder expressar um possível lado “não macho”, seja com os amigos, familiares ou pares; a angústia experimentada de não perder uma posição que almeja ser conquistada (parecer

heterossexual e viril), seja no primeiro beijo, na primeira relação sexual ou no grupo de amigos, nas “baladas” ou praticando esportes. O binarismo ativo/passivo em que o estigma do passivo sexual emergiu de maneira evidente nos seus relatos e que pouco mudou ao longo dos anos. Ainda, o corpo adquire centralidade, seja paqueras virtuais ou não. A preferência por um homem branco, cisgênero, classe média, forte, musculoso e viril, se mostra presente tanto na procura do outro, tanto na procura dos jovens entrevistados, em que quase todos se mostram distantes desse ideal hegemônico.

Nesse contexto, importante citar que embora esses jovens desafiem as normas de gênero e a heteronormatividade, eles também reproduzem padrões hegemônicos durante suas escolhas afetivo-sexuais: meninos afeminados são vistos como marginalizados; a imagem corporal - própria, e do outro - surge como um ideal de masculinidade, informando valores associados à virilidade. Os rapazes geralmente procuram um parceiro que confirme esses padrões, que são considerados valiosos. Portanto, embora esses jovens sejam alvo de discriminação, eles também adotam práticas discriminatórias contra outros gays, uma espécie de reprodução socialmente legitimada da discriminação.

A iniciação sexual pode ser bastante violenta para esses jovens. A pressão para provar a masculinidade heterossexual, a violenta “saída do armário”, em que os jovens não eram acolhidos por suas famílias, as diversas violências psicológica, simbólica e sexual que estes jovens enfrentaram durante seus relacionamentos - seja um namoro ou uma “ficada”.

A violência da instituição de saúde que não consegue acolher um jovem vítima de violência de gênero que foi buscar PeP. A violenta “caça” nos aplicativos, em que os jovens constantemente sofrem ataques e diversos bloqueios por simplesmente estarem ali. E como a rede de apoio social desses jovens também se mostrou bastante limitada, em que praticamente, podiam contar com poucos amigos e com blogs da *internet*.

Assim, a própria *internet* se mostrou bastante potente durante toda as trajetórias. A partir do seu uso, os jovens tiveram diversos aprendizados: masturbação, uso da camisinha, de PReP e PeP, e aplicativos para encontrar um parceiro afetivo-sexual, entre outros. Tais experimentações e aprendizagens demonstram como a *internet* produz uma subjetividade sexual, cria desejos e promove exclusões, hierarquias e violências. Importante dizer o quanto a *internet* se mostrou também um possível lugar potente para o acolhimento desses jovens de camada popular. Se a classe social deles demonstra um fator importante para a falta de instrumentos materiais e

simbólicos para se sentirem acolhidos em uma rede de apoio, a *internet* demonstra ser um “lugar” em que a classe social não se demonstra como fator tal crucial para seu acesso, demonstrando sua potencialidade de um possível lugar mais “democrático” para o acesso de todos. Durante as trajetórias, a masculinidade hegemônica se apresenta como padrão normativo e quem ousa romper com esse padrão sofre diversas formas de violência nos grupos sociais.

Os jovens negros enfrentam diariamente a hipersexualização. Essas ideias são baseadas na crença em um instinto “selvagem e perigoso”, em que eles deveriam ser apenas ativos nas relações sexuais, sendo bem dotados genitalmente e deveriam estar sempre à mercê dos desejos sexuais dos brancos. Os jovens negros que desafiam esse “destino” são vistos como “antinaturais”, demonstrando como a masculinidade hegemônica possui interseções corporais e raciais significativas. Os jovens demonstram um rígido padrão hegemônico normativo (presente na sociedade e nas relações entre eles), padrão que delimita atribuições tradicionais e hierárquicas quanto à orientação sexual, gênero, atributos corporais e questões de raça e classe.

Importante dizer que este estudo não teve como objetivo generalizar a trajetória de jovens gays brasileiros de camadas populares. Apesar de defendermos e reconhecermos as diversas formas de “tornar-se homem”, enfatizamos que apesar de mudanças culturais, como maior visibilidade LGBT, socialização gay mais ampla, casamento, adoção e sociabilidade na *Internet*, os valores de masculinidade hegemônica foram severamente preservados em termos simbólicos, políticos e econômicos.

Enfatizo a necessidade da realização de mais pesquisas que considerem discursos, práticas e dinâmicas das masculinidades que circunscrevam os gestos e vivências a partir do seu significado social e do seu contexto histórico, alcançando assim a discussão no que se refere à prevenção da violência em suas diversas formas na vida de um adolescente ou jovem gay dentro da realidade brasileira. Há a necessidade de propor iniciativas para promoção de saúde que debatam diretrizes de políticas públicas interseccionais no campo da saúde e educação, objetivando maior proteção e promoção de direitos para esse grupo em específico. Estudos interseccionais que visem o saber do “cuidar”, “prevenir” e o “saber” que cada um produz durante sua trajetória afetivo-sexual, que se refere sempre à valores pessoais e culturais, podem subsidiar maior aprofundamento para a informação e formação qualificada de profissionais na área da saúde.

Assim, nesse debate incerto e caminhos com diversos “passos para frente e passos para trás”, as pedagogias e estereótipos da masculinidade hegemônica aparentemente estão presentes de forma bastante enfática no cotidiano das trajetórias dos jovens, produzindo consequências simbólicas, psicológicas e físicas para quem foge da heterossexualidade e de uma masculinidade normativa e hegemônica, demarcando discursos, práticas e vivências mais “conservadoras” do que “avançadas” ou “liberais”. Assim, nesses caminhos das tramas da sexualidade, do gênero, das masculinidades, das violências e de uma rede de apoio social escassa, a solidão na vida desses jovens se torna como um ciclo, em que os mesmos sempre se viam como “diferentes” de seus pares.

Nessa direção, a interseccionalidade se mostrou de grande valia para a compreensão das trajetórias dos meninos, em que a solidão varia de acordo com seus marcadores sociais da diferença. Assim, a compreensão das trajetórias afetivo-sexuais gays exige que reconheçamos a existência de percursos interseccionais no processo de inscrição de subjetividades. O racismo se mostrou de forma bastante perversa em suas vidas. Os meninos negros são vistos como seres desumanizados, em uma masculinidade racializada bastante cruel, que os desumaniza o tempo todo. Ainda, a religião também se mostrou uma instituição bastante normativa, em que os jovens que eram religiosos ou que tinham pais muito religiosos, narraram seus sofrimentos por se aproximarem de um suposto “pecado” por serem gays.

Outras categorias de pertencimento não devem ser ignoradas. Ser surdo-mudo, soropositivo, migrante, ter uma profissão cercada por estigma (garoto de programa), ser “só” passivo, gordo, e principalmente, ser afeminado, demonstram como as diversas formas de significar as relações de poder se entrelaçam durante suas trajetórias. Todas as categorias de pertencimento citadas demonstram a necessidade de maior dedicação à pesquisa com uma ótica interseccional, pois como visto no universo empírico, a dominação masculina se reconfigura e se intersecta com outras categorias, até mesmo nas relações entre pessoas do mesmo sexo.

Encerro a tese com esse apontamento. Da necessidade de trazermos a interseccionalidade para a problematização e desenvolvimento de pesquisas empíricas que possam debater as mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas a partir da análise da vida social, desvelando assim as diversas formas de dominação social, considerando como as diversas formas de categorias produzem efeitos distintos, dependendo do contexto a ser analisado (Mattos, 2011). A temática da masculinidade deve ser debatida em sua relação dos homens com a perspectiva da

interseccionalidade, e assim, evidenciar trabalhos sobre homens realizados no Brasil – e na América Latina -, na medida que estes estudos tem a potência de criticar o universalismo e apontar a construção social das masculinidades. Ainda, pode tratar das questões de poder e privilégios que ainda operam na desigualdade entre homens e mulheres e entre homens heterossexuais e também os dissidentes da norma hetero.

Assim, a partir da escuta das trajetórias dos jovens em uma ótima interseccional, devemos pensar em políticas públicas que visem abranger a complexidade interseccional da realidade das nossas vidas. Os jovens nos mostram como as políticas públicas do nosso país geralmente possuem uma ótica heteronormativa universalista, muitas vezes não considerando as especificidades de gênero, orientação sexual e classe social. Ou ainda, quando o fazem, tratam de forma generalista os homens gays cisgêneros como se os mesmos fossem representados por um só. A diversidade sexual e social aponta as múltiplas possibilidades e necessidades da construção de suas trajetórias e seus desafios.

Que possamos pensar políticas públicas que permitam fornecer materiais no campo das masculinidades que incorporem a perspectiva interseccional, para assim discutirmos o direito à diferença e da diversidade, que é sempre múltipla. Incorporar o gênero no debate das relações entre homens significa colocar em xeque às relações desiguais de poder entre os próprios homens que são o resultado de uma construção social binária histórica, demonstrando assim que a relação entre pessoas do mesmo sexo também possui diversas hierarquias de gênero (e tantas outras opressões intersectadas). Debater gênero, masculinidades e violências a partir de uma ótica não heteronormativa e uma ótica interseccional, torna-se crucial nas instituições da nossa sociedade, como família, escola e com os profissionais de saúde. Assim, tais políticas de prevenção da violência se apresentam como ações voltadas à garantia de direitos para a vivência de uma sexualidade saudável (Camargo & Ferrari, 2009).

Que essa pesquisa possa contribuir para o debate sobre o acesso aos Direitos Humanos para o grupo em questão, incorporando discussões sobre questões de desigualdade e diversidade no cenário nacional da sexualidade jovem gay cisgênero, recusando ideias naturalizantes das diferenças e das desigualdades sociais, revelando a necessidade de mudarmos a visão sobre questões pouco visibilizadas e a forma como discutimos as opressões sociais. A partir dessa ampliação de nossas lentes para a consideração de marcadores muitas vezes excluídos podemos ter subsídios para se engendrar políticas públicas do cuidado em saúde de forma interseccional.



## Referências bibliográficas

Abdo, C. Mosaico Brasil. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Projeto Sexualidade, 2009.

Abreu, J. C; Freitas, J. M. R; Rocha, L. L. V. A percepção dos surdos em relação ao sistema de comunicação das unidades de atenção primária à saúde. *Brazilian journal of surgery and clinical research*, 9(1), 06-11, 2015.

Albert, B. Postscriptum: Quando eu é um outro (e vice-versa). In: Kopenawa, D; Albert, B. A Queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 512-549, 2014.

Allen, L. B; Glicker, A. D; Beach, R; Naylor, K. E. Adolescent health care experience of gay, lesbian, and bisexual young adults. *Journal of Adolescent Health* 23:212-220, 1998.

Almeida, G. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-23, 2012.

Almeida, G; Heilborn, M. L. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Revista Gênero*, vol.9, nº1, Niterói, UFF, 2o sem, pp.225-249, 2008.

Almeida, M. C. C; Aquino, E. M. L; Gaffkin, L; Magnani, R. J. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. *Revista de Saúde Pública*, 37:566-575, 2003.

Almeida, M.V. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

Alonso, G; Díaz, R. Reflexiones acerca de los aportes de las epistemologias feministas y descoloniales para pensar la investigación social. *Debates Urgentes – Dossier: Pensamiento crítico y cambio*, La Plata, Año 1, nº 1, 2012.

Alves, A. S; Lopes, M. H. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61(1), 11-17, 2008.

Amaral, A. C. G; Saldanha, A. A. W. Para metros psicometricos do Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Acool para adolescentes. *PsicoUSF*, 14(2), 167-176, 2009.

Andersen, B. L. A comparison of systematic desensitization and directed masturbation in the treatment of primary orgasmic dysfunction in females. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49(4), 568-570, 1981.

Andrade, F. C; Dias, M. R; Guerra, V. Ms. Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos de Psicologia*, v.9, n.2, p.269-277, 2004.

- Andrade, M. M. Introdução a metodologia do trabalho científico. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- Andrade, V. L. Refúgio por motivos de orientação sexual: um estudo antropológico na cidade de São Paulo. Florianópolis: Ed. da UFSC, 202p, 2019.
- Anjos, L. A. Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na *Internet*. Porto Alegre: Orquestra, 2013.
- Anjos, L.A. “Volêi masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, 2015.
- Antunes, R; Machado, C. Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39,167-187, 2005.
- Arendt, H. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- Arent, M. A crise do macho. In: Roso, A; Mattos, F. B.; Werba, G; Strey, M. N. Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.119-131.
- Ariès, P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- Assumpção, M. H. O. O; Bocchini, M. O. Para escrever bem. São Paulo: Manole, 2002.
- Atanazio, E. A. et al. Vulnerabilidade ao uso do álcool: um estudo com adolescentes das redes pública e privada de ensino. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* (Ed. port.) [online], vol.9, n.1, pp. 11-17, 2013.
- Avelar, R. B; Brito, W; Mello, L. A. A (in)segurança pública que o estado brasileiro oferece à população LGBT: mapeamento crítico preliminar de políticas públicas. Ser Tão, Goiânia, 2010.
- Azerêdo, S. Teorizando sobre gênero e relações raciais. *Revista Estudos Feministas*. N. E. p. 203-216, 1994.
- Bacchus, L. J; Buller, A. M; Ferrari, G; Peters, T. J; Devries, K; Sethi, G; White, J; Hester, M; Feder, G. S. Occurrence and impact of domestic violence and abuse in gay and bisexual men: A cross sectional survey. *Int J STD AIDS*. 2017 Jan;28(1):16-27, 2017.
- Badgett, M. V. L. Money, myths, and change: the economic lives of lesbians and gay men. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- Bairros, L. Nossos Feminismos Revisitados. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 3, nº 2, pp.458-463, 1995.
- Balsam, K. F; Mohr, J. J. Adaptation to sexual orientation stigma: a comparison of bisexual and lesbian/gay adults. *Journal of Counseling Psychology*, 54(3), 306-319, 2007.

Barreto, V. H. S. Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina. Salvador (Br.): Devires, 2017.

Barreto, V. H. S. Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina. Salvador (Br.): Devires, 2017.

Barros, L. Stealthing, a nova forma de abuso sexual. 2017. Disponível em:<http://www.lumosjuridico.com.br/2017/08/31/stealthing-a-nova-forma-de-abuso-sexual/> Acesso em:28.jul.2020.

Bauman, Z. Vida Líquida. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Bellini, K. F. N. C; Novaes, M. R. Emoções e sexo: a iniciação afetivo-sexual no contexto homossexual. 24º Encontro Anual de Iniciação Científica, Universidade Estadual de Maringá – Centro de Humanas – Maringá, PR, 2015.

Bento, B. O que é transexualidade? São Paulo: Brasiliense, 2008.

Bernardino-Costa, J. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. Sociedade e Estado, 2015.

Bezerra, V. P, Giacomini, S. Sem capa: notas sobre o trabalho de campo de uma etnografia sobre o sexo bareback entre homens na cidade do Rio de Janeiro. Teoria Cult; 15:16-31, 2020.

Bogdan, R; Biklen, S. K. Qualitative Research for Education. Boston, Allyn and Bacon, inc., 1982. Boghossian, C. O; Minayo, M. C. S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. Saúde soc. [online]. vol.18, n.3, p. 411-423, 2009.

Borges de Resende, U. A importância do discurso religioso na luta pela redução das desigualdades sociais no Brasil: A influência do pensamento social da Igreja católica na legislação trabalhista brasileira de Vargas a Lula Sociedade e Estado, vol. 25, núm. 1, janeiro-abril, 2010.

Borges, A. L. V. Adolescência e vida sexual: análise do início da vida sexual de adolescentes residentes na zona leste do município de São Paulo Tese de doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, SP, 2004.

Borges, A. L. V; Schor, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002.

Borges, L. M; Ribeiro, M. A. Violência intrafamiliar: um olhar sobre a dinâmica da família violenta In: COSTA, L. F.; RIBEIRO, M. A. (Org.) Família e problemas na contemporaneidade: reflexões e intervenções do Grupo Socius. Brasília: Universa, p. 45-70, 2004.

Borges, V. A. L. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 41(4), 597-604, 2007.

- Borrillo, D. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- Bourdieu, P. A Dominação Masculina. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- Bourdieu, P. A reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- Bourdieu, P. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Bourdieu, P. Gostos de classe e estilos de vida (Montero, P. & Auzmendi, A., Trad.). In Ortiz, R. (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia (pp. 82-121). São Paulo: Ática, 1983.
- Bourdieu, P. Lições da aula. São Paulo: Ática, 1994.
- Bourdieu, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, p.122-155, 1983.
- Bourdieu, P. O Poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- Bourdieu, P. Razões práticas: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- Bowlby, J. Cuidados maternos e saúde mental. São Paulo: Martins Fontes. p.64, 1988.
- Bozon, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. Cad. Pagu [online]. 2003, n.20, pp. 131-156.
- Bozon, M; Heilborn, M. L. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. Novos Estudos CEBRAP, n. 59, p. 111-135, mar. 2001.
- Bozza, T. C. L. O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual. Dissertação (Mestrado). Campinas UNICAMP, 2016.
- Braga, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. UNI revista, v. 1, n. 3, jul. 2006.
- Braga, G. T. 2013. “Não sou nem curto”: Prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Braga, I. F. et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 71, supl. 3, p. 1220-1227, 2018.
- Brah, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *cadernos pagu* (26), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu, pp.329-376, 2006.
- Brasil. Lei nº. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Código de Defesa do Consumidor. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8078.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm)

- Braun, S. A violência sexual infantil na família: Do silêncio à revelação do segredo. Porto Alegre: Age, 2002.
- Braun, V; Clarke, V. Successful qualitative research: A practical guide for beginners. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore/Washington, DC: SAGE Publications, 2013.
- Braun, V; Clarke, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101, 2006.
- Braz, C. A de. À Meia-Luz – uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese de Doutorado, Ciências Sociais, Campinas, UNICAMP, 2010.
- Brennan, J. Stealth breeding: bareback without consent. *Psychol Sex*; 8(4):318-333, 2017.
- Brêtas, J. R. S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 21(3), 404-411, 2008.
- Brito, R. C; Koller, S. H. Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. In A. M. Carvalho (Org.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. (pp. 115-130). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- Brodsky, A. Rape-adjacent: Imagining legal responses to nonconsensual condom removal. *Columbian Journal of Gender & Law*, 32, 183-210, 2017.
- Brown, K; Jackson, M; Cassidy, W. Cyber-Bullying: Developing Policy to Direct Responses that are Equitable and Effective in Addressing this Special Form of Bullying. *Canadian Journal of Educational Administration and Policy*; 57(18):1-36, 2006.
- Buijs, C. W. Weerzien met het VU. 1995.
- Buller, A. M. et al. Associations between Intimate Partner Violence and Health among Men Who Have Sex with Men: A Systematic Review and Meta-Analysis. *PLOS Medicine*, Nova York. v. 11, n. 3, p.e1001609, 2014.
- Butler, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Butler, J. Regulaciones de género. In: *La Ventana*, n. 23, pp. 07-35, 2005.
- Butler, J. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.
- Calasanti, T. M. Theorizing age relations. In S. Biggs, A. Lowenstein, & J. Hendricks (Eds.), *The Need for Theory: Critical Approaches to Social Gerontology* (pp. 199–218). Amityville, NY: Baywood, 2003.

Campos, C. H; Machado, L. Z; Nunes, J. K; Silva, A. R. Cultura do estupro ou cultura antiestupro? *Rev Direito GV*; 13(3):981-1006, 2017.

Candido, J. Os entre-lugares: um olhar sobre sujeitos surdos-homossexuais. 2014. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

Canevacci, M. Comunicação Visual – Olhares fetichistas, polifônicos, sincréticos sobre corpos. São Paulo: Brasiliense, 2009.

Caprara, A; Landim, L. P. Etnografia: usos, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*; 12 (25): 363-76, 2008.

Cara, A. T; Neme, C. M. B. Estudo documental de crianças vítimas de violência sexual: avaliação dos indicadores de comprometimento emocional segundo Koppitz. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.* [online]. 2016, vol.36, n.91, pp. 383-399, 2016.

Carballo-Diéguez, A; Balan, I; Marone, R; Pando, M. A; Dolezal, C; Barreda, V; Ávila, M. M. Use of Respondent Driven Sampling (RDS) Generates a Very Diverse Sample of Men Who Have Sex with Men (MSM) in Buenos Aires, Argentina. *PLoS ONE*, 6(11), e27447, 2011.

Careaga, G; Cruz, S. Introducción: In: Careaga, G; Cruz, S (Coord.). *Debates sobre Masculinidades*. Ciudad de México: UNAM, p. 9-28, 2006.

Carlini, E. A; Galduro, J. C. F; Noto, A. R; Fonseca, A. M; Carlini, C. M; Oliveira, L. G; Nappo, A. S; Moura, Y. G; Sanchez, Z.M. II levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicótropas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país - 2005. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas; São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas, Universidade Federal de São Paulo, 2007.

Carneiro, N. “Homossexualidades”- uma psicologia entre ser, pertencer e participar. (Coleção Livpsic – Psicologia). Porto: Legis Editora/Livpsic, 2009.

Carneiro, S. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

Carneiro, S. Santos, T. *Mulher Negra*. Ed. Nobel/CECF, São Paulo, 1985.

Carrara, S. Somente os viris e discretos serão amados? de 2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>>. Acessado em: 01/06/2020.

Carvalho, J. J de. O jogo de bolinhas: uma simbólica da masculinidade. In: *Anuário Antropológico* 87. Brasília, DF, p. 191-221, 1990.

Castells, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Org.). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Brasília: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 17-30, 2006.

Castells, M. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Cavalcanti, C; Sander, V. Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneridade por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 55, 2019.

Cavalcanti, V. R. S; Santos, B. C; Lacerda, L. A. Estupro corretivo na América Latina: analisando a violência sexual contra pessoas LGBTTQIS. In: ME Calazans, ES Piñeiro, organizadoras. *As desigualdades de gênero e raça na América Latina no século XXI*. Porto Alegre: Editora Fiocruz; p. 233-262, 2019.

Cezario, A. C. F. et al. Violência entre parceiros íntimos: uma comparação dos índices em relacionamentos hetero e homossexuais. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 565-575, set, 2015.

Cezario, A. C. F; Fonseca, D. S; Lopes, N. C; Lourenço, L. M. Violência entre parceiros íntimos: uma comparação dos índices em relacionamentos hetero e homossexuais. *Temas Psicol*; 23(3):565-575, 2015.

Chor, D; Griep, R. H; Lopes, C. S; Faerstein, E. Medidas de rede e apoio social no Estudo Pró-Saúde: Pré-testes e estudo piloto. *Cadernos de Saúde Pública*, 17:887-896, 2001.

CIDH. Violência contra pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo nas Américas. OAS, série L, V, II, doc. 36, 15 rev. 1, nov. 2015. Original: inglês. Disponível em: [www.cidh.org](http://www.cidh.org). Acesso em: 08 mar. 2018.

Clarke, V; Braun, V. Thematic analysis. *The Journal of Positive Psychology*, 12(3), 297–298, 2017.

Colling A. M. Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

Collins, P. H. Pensamento feminista negro. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. Trad. de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

Combahee River Collective. Un manifesto feminista Negro. In R. L. Platero (Ed.), *Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada*. Temas contemporáneos (pp.75-86). Barcelona: Edicions Bellaterra, 1977.

ComScore. Future in Focus and Cross Media Insights for Latin America, 2017. Disponível em: <https://www.comscore.com/Insights/Presentations-and-Whitepapers/2016/Future-in-Focus-and-Cross-Media-Insights-for-Latin-America> Acessado em: 10/03/2020.

Condon, D. Irish Health. Male rape 'still a taboo subject'. Comments of Draeve Eogan and Deirdra Richardson in *Modern Medicine, the Irish Journal of Clinical Medicine*, 2014.

Connell R. A very straight gay: masculinity, homosexual experience and the dynamics of gender. *American Sociological Review* 1992; 57(6):735-751, 1992.

Connell, R. Coll guys, swots and wimps: the interplay of masculinity and education. *Oxford Review of Education*, 15 (3), 291-303, 1989.

Connell, R. *Gender and power*. Cambridge: Polity Press, 1987.

Connell, R. *Masculinities*. Sydney: Allen e Unwin, 1995.

Connell, R. W. Lives of the businessmen. Reflections on life-history method and contemporary hegemonic masculinity. Vol. 35 nº 2, pp.54-71, 2010.

Connell, R. W. Understanding men: Gender sociology and the new international research on masculinities [online]. Paper presented at the Clark Lecture, 19th September, 2000, Department of Sociology, University of Kansas, 2000.

Connell, R. W; Messerschmidt, J W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito repensando o conceito. 2013.

Cooper, M. Motivations for alcohol use among adolescents: Development and validation of a four-factor model. *Psychological Assessment* 6(2), 117-128, 1994.

Cornejo, G. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

Costa, J. B. Descolonizando o conhecimento: contribuição de negros brasileiros ao diálogo transatlântico. *Afro-Ásia*, n. 56, 2017.

Crenshaw, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Tradução de Liane Schneider. Revisão de Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

Crenshaw, K. W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review* 43(6), p. 1241–99, 1991.

Creswell, J. W. *Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches* (2 ed.). Thousand Oaks, London: Sage, 2007.

Cruz, M. S. Masculinidades e discrição em aplicativo de relacionamento: discurso sobre identidades homossexuais masculinas. *Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem*, v. 2, p. 1-19, 2020.

Da Matta, R. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. (Org.). *Homens*. São Paulo: SENAC, p. 31-49, 1997.



Dall'Ago, R. C; Rocha, T. Que tesão! A masculinidade da pornografia gay: Revista Anagrama (USP), v. 1, p. 1-15, 2019.

Davis, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo, Boitempo, 2017.

Dayrell, J. T; Gomes, N. L. Formação de agentes culturais juvenis. In: Encontro de Extensão da UFMG, 6, 2003, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: proex; UFMG, p. 1-4, 2003.

Dayrell, J; Gomes, N. L. Juventude, práticas culturais e identidade negra. *Palmares em Ação*, Brasília, DF, n. 2, p. 18-23, 2002.

Denzin, N. K; Lincoln, I. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Deslandes, S. F. Análise do discurso oficial sobre humanização da assistência hospitalar. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1):7-14, 2004.

Deslauriers, J. P. Recherche qualitative- Guide pratique. Montreal: McGraw-Hill, 1991.

Detrie, P. M; Lease, S. H. The relation of social support, connectedness, and collective self-esteem to the psychological well-being of lesbian, gay, and bisexual youth. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 173-199, 2007.

Dolto, F. Solidão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Dorlin, E. L'Atlantique féministe: l'intersectionnalité en débat. *Papeles del ceic*, 2 (83), 2012.

Douglas, M. Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

Dowsett, G.W. I'll show you mine, if you'll show me yours: Gay men, masculinity research, men's studies, and sex. *Theor Soc* 22, 697-709, 1993.

Dubet, F. Le déclin de l'institution. Ed. Seuil. Paris, 2002.

Dumaresq, L. O cisgênero existe. *Transliteração*, 15 de dezembro, 2014.

Durkheim, É. Da divisão do trabalho social. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Edger, A; Sedgwick, P. Teoria cultural de A a Z: conceitos--chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

Ellis, A. New Light on Masturbation. In: A. Ellis, *Sex Without Guilt* (pp. 21-30). No. Hollywood, CA: Wilshire, 1966.

Endsjo, D.O. Sexo e religião- Do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual. São Paulo: Geração editorial, 2014.

Eribon, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

Erickson, F. Qualitative methods. In: Robert L. Linn & Frederick Erickson. Orgs. Quantitative methods; Qualitative Methods. Vol.2. New York: Macmillan, 1990.

Escorel, S. Rua e movimento: vivendo em público na eternidade do transitório. In: Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

Facchini, R; Ferreira, C. B. C. Feminismos e violência de gênero no Brasil: apontamentos para o debate. Cienc. Cult, vol. 68, nº 3, São Paulo, 2016, pp.04-05, 2016.

Faleiros, V. P. Uma experiência de supervisão na área psicossocial: desafios teórico-práticos. Rev Katálysis; 12(2):258-267, 2009.

Fanon, F. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

Ferrari W, Peres S, Nascimento M. Experimentação e aprendizagem na trajetória afetiva e sexual de jovens de uma favela do Rio de Janeiro, Brasil, com experiência de aborto clandestino. Ciênc. saúde coletiva. 2018.

Ferrari, W. Entre o segredo e a solidão: aborto ilegal na adolescência. Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

Ferreira, T. R. S. C.; Assis, S. G; Avanci, J. Q. Sociabilidade digital, hipervisibilidade e o ataque a face do chamado cyberbullying. Cadernos Zigmunt Bauman, v. 10, p. 14238, 2020.

Ferreira, W. B. Vulnerabilidade à violência sexual no contexto da escola inclusiva: reflexão sobre a invisibilidade da pessoa com deficiência. REICE – Revista Eletrônica Iberoamericana Sobre Calidad, Eficacia y Cambio em Educación. V. 6, n. 2, 2008.

Figueiredo, W. Assistência à saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária. Ciênc. Saúde Coletiva; 10 (1): 105-109, 2005.

Flick, U. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Fragoso, P. A. D. Gayfaceless: da rostidade homossexual à heteroplastia. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

Fraser, M. T. D; Gondim, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Revista Paidéia, vol. 14, n. 28, pp. 138-152, 2004.

Freire Filho, J. Mídia, estereótipo e representação das minorias. ECO-PÓS, vol. 7, nº 2, p. 45-71, 2004.

Freitas, K. R.; Dias, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. *Texto & Contexto Enfermagem*, 19(2), 351-357, 2010.

Freud, S. Sexualidade Feminina. In: S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931, 1996).

Fry, P. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1982.

Fry, P.; Macrae, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Fuente, I. B. ¿Y qué pasa con las lesbianas? *El País*, 2 jul. 2015. Disponível em: [http://elpais.com/elpais/2015/07/02/tentaciones/1435839831\\_340586.html](http://elpais.com/elpais/2015/07/02/tentaciones/1435839831_340586.html) . Acesso em: 10 mar. 2021.

Furtado, L. A interseccionalidade e o entrecruzamento das identidades estruturais nas interações comunicativas. *Culturas Midiáticas, [S. l.]*, v. 13, n. 1, p. 111–128, 2020.

Gadamer, H. *Verdade e método*. Petropolis (RJ): Vozes, 1999.

Gagnon, J. H. Attitudes and Responses of Parents to Pre-Adolescent Masturbation. *Archives of Sexual Behavior*, 14(5), 451-466, 1985.

Gagnon, J. H. *Uma Interpretação do Desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Galland, O. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 1997.

Garcia, T. C. M. et al. Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas. UFRN: SEDIS, 2020.

Gargallo, F. La historicidad de las ideas feministas en América Latina. *Archipiélago - Revista cultural de nuestra América*, v. 13, n. 49, pp. 17-20, 2010.

Garton, S. *História da sexualidade: da Antiguidade à Revolução Sexual*, (FELIX, M., trad.). Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Gibson, J. W., Gibson, Mrs. J. W., & Truitt, W. J. Secret sin or masturbation. In: J. W. Gibson, J. W., Gibson, Mrs. & Truitt, W. J. (Col), *Golden thoughts on chastity and procreation, including heredity, prenatal influences, etc., etc.: sensible hints and wholesome advice for maiden and young man, wife and husband, mother and father* (2nd ed.) (pp. 258-270). Washington, DC: Austin Jenkins, 1914.

- Giddens, A. A Constituição da Sociedade. Sao Paulo: Martins Fontes, 1989.
- Giddens, A. As consequências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.
- Giffin, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*. V. 10, n. 1, p. 47-57, 2005.
- Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- Gill P; Stewart K; Treasure E; Chadwick B. Methods of data collection in qualitative research: interviews and focus groups. *Br Dent J*. 2008.
- Goellner, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 43-51, abr./jun, 2005.
- Goffman, E. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- Goffman, E. Strategic interaction. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.
- Goffman, E. Interactin ritual. New York: Harp e Ruw, 1967.
- Goldenberg, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- Gomes, A. C. W. C. Penalidade e privilégio: a falsa representação dos homens negros homossexuais. 2015. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Econômico) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
- Gomes, R. Invisibilidade da violência nas relações sexuais afetivas. In Minayo MSC, Assis SG, Njaine K. Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 141-151, 2011.
- Gomes, R. Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- Gonçalves, J. R. et al. A evolução da tecnologia na educação. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*, v. 10, n. 37, p. 21-34, 2019.
- Gonzalez, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- Gonzalez, L. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel (org). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- Gonzalez, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: Caderno de formação política do Círculo Palmarino n.01 Batalha de Ideias, 2011.

- Goodman, L. Snowball Sampling. In: *Annals of Mathematical Statistics*, 32:148-170, 1961.
- Goodman, R. E. Masturbation and fornication. *British Medical Journal*, 284, 513, 1982.
- Gorichs, P; Mendes, V. O Brasil como Estado de origem para refugiados LGBTI: contradição entre âmbitos interno e externo. *Anais do 3o Seminário de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais – ABRI*. Florianópolis/SC, 2016.
- Gouveia, P. Juventude-adolescente pobre e valor trabalho. In: Alvim, R; Gouveia, P. (orgs). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 59-80, 2000.
- Green, R. Robert Stoller's Sex and Gender: 40 Years On. *Archives of Sexual Behavior*, 39(6), 1457-1465, 2010.
- Gubert, D; Madureira, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 2247-2256, 2008.
- Hall, S. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- Hancock, A. M. When multiplication doesn't equal quick addition: Examining intersectionality as a research paradigm. *Perspectives on Politics*, 5, p. 63-7, 2007.
- Hankivsky, O et al. Exploring the promises of intersectionality for advancing women's health research. *Int J Equity Health*; 9(1):5, 2010.
- Hearn, J. Theorizing men and men's theorizing: men's discursive practices in theorizing men: *Theory and Society* 27(6), 781-816, 1998.
- Heidegger, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- Heilborn, M. L. "Construção de si, gênero e sexualidade", in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.
- Heilborn, M. L. *Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade*. Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, p. 73-92, 2002.
- Heilborn, M. L. *A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas*. Estudos Feministas, vol. 6, no 2, IFCS/UFRJ, 1998.
- Heilborn, M. L; Aquino, E. M. L; Bozon, M; Knauth, D. R. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Fiocruz, p. 536, 2006.

- Heilborn, M. L; Brandão, E. R. Ciências Sociais e Sexualidade. In: Heilborn, Maria Luiza. Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- Henning, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. Mediações, Londrina, v. 20 n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.
- Hoagland, B. et al. Awareness and Willingness to Use Pre-exposure Prophylaxis (PrEP) Among Men Who Have Sex with Men and Transgender Women in Brazil. AIDS and behavior, v. 21, n. 5, p. 1278-1287, 2017.
- Hodes, C. Abusing privilege: broadening the domestic violence paradigm. Domestic Violence Report, February/March, p. 35–37, 2009.
- hooks bell. Ain't I a Woman? Black women and feminism. Cambridge, MA: South End, 1981.
- hooks bell. *Black Looks: race and representation* Boston: South End Press, 1992.
- hooks, bell. Teaching to transgress. Education as the practice offreedom. Nova York/Londres: Routledge, 1994.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Relatório econômico. Brasília: Ipea; IBGE, 2014.
- Jesus, D. S. V. Só para o moço do corpo dourado do sol de Ipanema: distribuição espacial da economia noturna LGBT na cidade do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 19, n. 2, p. 288-309, 2017.
- Juliano, P. B. R. “Ei, você aí macho discreto, chega mais, cola aqui, vamos bater um papo reto”: tratando de masculinidades e vivências negras. Epistemologias do Sul, v. 4, n. 1, p. 132-143, 2020.
- Justo, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. Revista do Departamento de Psicologia-UFF, v.17, n.1, p.61-77, Jan./Jun, 2005.
- Kaestle, C. E.; Allen, K. R. The role of masturbation in healthy sexual development: perceptions of young adults. Archives of Sexual Behavior, 40, 983-994, 2011.
- Karofsky, P. S; Zeng, L; Kosorok, M. R. Relationship between adolescent-parental communication and initiation first intercourse by adolescents. J. Adolesc Health, 28: 41-5, 2001.
- Kaufman M (ed.). Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change. Oxford University Press, Toronto-NovaYork, 1987.

Kaufman, M. The construction of masculinity and the triad of men's violence, pp.1-29 In M Kaufman (ed.) *Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change*. Oxford University Press, TorontoNova York, 1987.

Kellogg, J. H. *Plain facts for old and young: embracing the natural history and hygiene of organic life* (rev. ed.). Burlington, IA: I F Segner, 1888.

Kimmel M. S. Homofobia, temor, verguenza y silencio en la identidad masculina. In T Valdés & J Olavarría (eds.). *Masculinidades: poder e crisis*. Ediciones de las Mujeres 24, Isis Internacional. Santiago, 1997.

Kimmell, M. S. Rethinking "masculinity". New directions in research. In: Kimmel, Michael S (org.). *Changing men: new directions in research on men and masculinity*. Newbury Park: Sage Pub, 1991.

Kinsey, A. C; Pomeroy, W. B; Martin, C. E; Gebhard, P. H. *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: W. B. Saunders, 1953.

Korenis, P; Billick, S. B. Forensic Implications: Adolescent Sexting and Cyberbullying. *Psychiatr Q*; 85(1):97-101, 2013.

Krappitz, S. *Troll Culture* (Merz Akademie - Hochschule für Gestaltung, Kunst und Medien). (Diplomarbeit) Stuttgart 2011/2012.

Krug, E.G. et al. *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002.  
Lacerda, M. *As flores do jardim da nossa casa*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

Lakatos, E. M; Marconi, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1993.

Lander, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Laqueur, T. *Solitary sex: A cultural history of masturbation*. New York: Zone Books, 2003.

Latimer, R. L; Vodstrcil, L. A; Fairley, C. K; Cornelisse, V. J; Chow, E. P. F; Read, T. R. H. Non-consensual condom removal, reported by patients at a sexual health clinic in Melbourne. *Plos One*; 13(12):e0209779, 2018.

Le Breton, D. *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: PUC, 2017.

Leal, A. F. *Uma antropologia da experiência amorosa: estudo de representações sociais sobre sexualidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

- Leal, E. A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino. *Cult*, São Paulo, ano 22, n. 242, p. 25-27, fev. (Dossiê Cartografias da masculinidade), 2019.
- Lemos, A. *Cibercultura. Tecnologia e vida social da cultura contemporânea*. 15ª edição. Porto Alegre. Editora Sulina, 2015.
- Lemos, A; Lévy, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.
- Lenhart, A; Duggan, M. Perrin, A; Stepler, R; Rainie, H; Parker, K. *Teens, social media & technology overview*, 2015.
- Leonardo, R. C; Athayde, T; Pocahy, F. A. O Conceito de cisgeneridade e a produção de deslocamentos nas políticas feministas contemporâneas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES. 10 anos, 5., 2014. Anais [...]. p. 1-10, 2014.
- Lévy, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34; 2010.
- Lévy, P. *O que é o virtual?* 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- Lhomond, B. *Sexualidade e Juventude na França*. In: Heilborn, Maria Luiza. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- Lima, J.D. Sobre o “stealththing”, a prática de retirar a camisinha durante a relação sem consentimento da parceira. 2017. Disponível em: Acesso em 10 set. 2020.
- Loe, M. Fixing broken masculinity: Viagra as a technology for the production of gender and sexuality. *Sexuality & Culture: an Interdisciplinary Quarterly* 5(3):97-125, 2001.
- Louro, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 179 p, 1997.
- Louro, G. L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Minas Gerais: Editora autêntica, 2010.
- Louro, G. L. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Ludke, M; André, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- Lugones, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, pp. 935-952, 2014.



- Maciel Júnior, P. A. Tornar-se Homem – O projeto masculino na perspectiva de gênero. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- Maia, A. C. B; Ribeiro, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. *Doxa*, v. 15(1), p. 15-84, 2011.
- Maksud, I; Fernandes, N. M; Filgueiras, S. L. Tecnologias de Prevenção do HIV e desafios para os serviços de saúde. *Rev. bras. epidemiol. Set.*; 18(Suppl 1): 104-119, 2015.
- Maldonado-Torres, T. N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, pp. 127-167, 2007.
- Malta, D. C; Mascarenhas, M. D. M; Porto, D. L; Duarte, E. A; Sardinha, L. M; Barreto, S. M; Morais Neto, O. L. D. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 14(1), 136-46, 2011.
- Mantilla, K. *Gendertroubling: How misogyny went viral*. Santa Barbara, CA: Praeger, 2015.
- Marsiaj, J. P. Gays ricos e bichas pobres: Desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. *Cadernos AEL*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 10 (18/19), 133-145, 2003.
- Martinelli, M.L. *Pesquisa Qualitativa. Um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999.
- Martino, L. M. S. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- Marx, K. *O Capital: crítica da economia política, livro terceiro: o processo global de produção capitalista, volume VI*, 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1.230 p, 2008.
- Matos, M. I. S. de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. *Histórias: Questões & Debates*. n. 34, p. 45-63, 2001.
- Mattos, P. L. C. L. Análise de entrevistas não estruturadas: da formalização à pragmática da linguagem. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R. (orgs). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. 2. ed. São Paulo, 2010.
- Medeiros, M; Souza, P. H. G. F; Castro, F. A. A estabilidade da desigualdade de renda no Brasil, 2006 a 2012: estimativa com dados do imposto de renda e pesquisas domiciliares. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 4, n. 20, p. 971-986, 2015.

Medrado, B; Lyra, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16: 20-35, 2008.

Medrado, B; Nascimento, M. A. F; Lyra, J. Os feminismos e os homens no contexto brasileiro: provocações a partir do encontro 13º Fórum Internacional AWID. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, p. 603-608, 2019.

*Menon, P. M. Lacking Support, Male Rape Victims Stay Silent. The Times of India* (16 February 2013) Google Scholar, online: The Times of India <<http://timesofindia.indiatimes.com/city/chennai/Lacking-support-male-rape-victims-stay-silent/articleshow/18524668.cms>>

Mignolo, W. D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, pp. 287-324, 2008.

Miller, D; Slater, D. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun, 2004.

Minayo, M. C. S (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Minayo, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626, 2012.

Minayo, M. C. S. *Ciência Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes e Maria de Souza Minayo(org.). Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, 1995.

Minayo, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. São Paulo (SP): HUCITEC, 2010.

Minayo, M. C. S; Boghossian, C. O. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Revista Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Miskolci, R. “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea\*. *Cad. Pagu* [online], n.44, pp. 61-90, 2015.

Miskolci, R. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa et al. *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília: Cultura Acadêmica, p. 35-55, 2012.

Miskolci, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: Sociologias. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFRGS, 2009.

Miskolci, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: Revista Sociologias. n. 21, Porto Alegre, jan/jun 2009.

Miskolci, R. Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: IEG-UFSC, 2013.

Mohanty, C. Bajo los ojos de Occidente: academia feminista y discursos coloniales. In: SUÁREZ NAVAZ, L.; HERNÁNDEZ CASTILLO, R. A. (Eds.). Descolonizando el feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes, Madrid, Cátedra, 2008.

Monteiro, S. S; Brigeiro, M; Vilella, W. V; Mora, C; Parker, R. Desafios do tratamento como prevenção do HIV no Brasil: uma análise a partir da literatura sobre testagem. Ciência & Saúde Coletiva, 24, 1793-1807, 2019.

Moreira, A. M. A violência por parceiro íntimo em casais homoafetivos masculinos: visibilizando o fenômeno [dissertação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2017.

Moreira, F. M. Violência de gênero na escola: abuso/assédio sexual e relações de poder. Orientadora: Suzana da Rosa Tolfo. 2016. 56f. TCC Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2016.

Morokof, P. J; LoPiccolo, J. A comparative evaluation of minimal therapist contact and 15-session treatment for female orgasmic dysfunction. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54(3), 294- 300, 1986.

Mota, M. P. Homossexualidades Masculinas e a Experiência de Envelhecer. Tese de Doutorado, Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2011. Mouillaud, M. Sérgio Dayrell Porto (org.). O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

Moutinho, L. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. Cadernos Pagu, n. 42, p. 201-248, jun. 2014.

Moutinho, L. Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Editora UNESP, 452pp, 2004.

Munanga, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 5 nov, 2003.

Mussokopf, A. Via(da)gens teológicas. Itinerários para uma teologia queer no Brasil. São Paulo: Ponte Editorial, 2012.

- Nader, M. B; Amorim, E. O. Silêncio, denúncia e enfrentamento: A violência contra a mulher no interior de Minas Gerais. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, SC, 2017.
- Nakaura, A. M. Comércio eletrônico riscos nas compras pela *internet*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, 2011.
- Nardi, P. M. 'That's what friends are for: Friends as family in the gay and lesbian community', in K. Plummer (Ed.), *Modern Homosexualities: Fragments of Lesbian and Gay Experience*, (pp. 108-120), London: Routledge, 1992.
- Nardi, P. M. *Gay masculinities*. California: Sage Publications, 2000.
- Nascimento, E. F; Gomes, R. Iniciação sexual masculina: conversas íntimas para fóruns privados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4): 1.101-1.110, 2009.
- Nascimento, M. *Improváveis Relações: produção de sentidos sobre masculinidade no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais [Tese]*. Rio de Janeiro: IMS, UERJ; 2011.
- Nascimento, R. V. R; Guimarães, R. B. A Violação dos Violadores: Um Estudo Acerca das Causas e Consequências do Estupro Carcerário de Estupradores no Brasil. *Revista Transgressões: Ciências Criminais em Debate*, Natal, v. 2, n. 2, p. 117-139, 2013.
- Natividade, M. T; Oliveira, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 2, 121-161, 2009.
- Nicolaci-Da-Costa, A. M. Quem disse que é proibido ter prazer online?: Identificando o positivo no quadro de mudanças atual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 22, n. 2, p.12-21, jun. 2002.
- Nogueira, C. A teoria da interseccionalidade nos estudos de gênero na psicologia. *Ciclo de conferências do centro de investigação do Instituto Universitário ISPA*, 2013.
- Nogueira, C. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Bahia: Devires, 2017.
- Nogueira, C. Ter ou fazer o gênero: o dilema das opções epistemológicas em psicologia social. In: Guareshi, N. (Org.). *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 249-284, 2004.
- Nogueira, M. C; Oliveira, J. M; Pinto, P. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.23, n.2, p.374-383, 2010.
- Nolasco, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- Nunes, D. H; Lehfeld, L. S. Stealthing: aspectos acerca da violência de gênero e afronta aos direitos fundamentais. *Rev Libertas Direito UFOP*; 3(2):93-108, 2018.

Ojeda, E. N. S; La Jara, A; Marques. Cláudia. Resiliência Comunitária. In: HOCH, Carlos; ROCCA, Susana. Sofrimento, Resiliência e Fé Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

Olavarría, J. Desejo, prazer e poder: questões em torno da masculinidade heterossexual. In: Barbosa, R. M; Parker, R (org). Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro: Ed, 34; 1999.

Olavarría, J. Los estudios de masculinidades en América Latina. Una interpretación. Anuario Social y Político de América Latina y el Caribe Volumen N° 6 Año: 2002-2003., San José Costa Rica. pp 91-98, 2003.

Oliveira, D. L. Facebook e cidade: Quando as características das relações do mundo real invadem a esfera virtual. In *XVII Congresso de ciências da comunicação na região sudeste*. Ouro Preto, MG, 2012.

Oliveira, J. M; Pereira, M. Costa, C. G; Nogueira, C. Pessoas LGBT – identidades e discriminação. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero (pp. 149-210). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2010.

Oliveira, P. Gays foram responsáveis por 30% da receita do Rio com turismo no carnaval. Veja, 2 abr. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/gays-foram-responsaveis-por-30-da-receita-do-rio-com-turismo-no-carnaval/>. Acesso em: 10 março. 2021.

Oliveira, P. P. Discursos sobre a masculinidade. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 1-22, 1998.

Organização Mundial da Saúde. Global Health Observatory (GHO) data [*Internet*]. Genebra (Suíça). Genebra: OMS; 2016.

Organização Pan-Americana da Saúde. Plano de ação para a saúde da mulher, da criança e do adolescente 2018-2030 (resolução CD56.R8) [*Internet*]. Washington, DC: OPAS; 2018.

Oxhorn, P. Organizing Civil Society: the Popular Sectors and the Struggle for Democracy in Chile. University Park: Pennsylvania State University Press, 1995.

Pais, J. M. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), (1.º, 2.º), 139-165, 1990.

Pais, J. M. Introdução. In: Pais, J. M. Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa dos modos de vida juvenis. Porto: Ambar, 1999. p.09-27.

Palfrey, J; Gasser, U. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto alegre: Artmed, 2011.

Park, R. E. A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1987.

Parker, R. *Corpos, Prazeres e Paixões: Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

Parker, R. G. *Abaixo do equador*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Parker, R. G; Gagnon, J. H. (Eds.). *Conceiving sexuality: Approaches to sex research in a postmodern world*. Taylor & Frances/Routledge, 1995.

Passador, L. H. Etnocentrismo, estereótipo e preconceito. IN: COMFOR, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2015.

Pelegri, T. *Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais* [versão online]. Revista Urutágua, Maringá, [s.v.], n. 8. 2006.

Penrod, J; Preston, D.B; Cain, R; Starks, M.T. A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. *Journal of Transcultural nursing*, vol 4. n° 2. April, 100-107p, 2003.

Pérez-Sancho, B. *Homosexualidad: Secreto de Família. El manejo del secreto en familias com algún miembro homosexual*. Madrid: Egales, 2005.

Perucchi, J., Brandão, B. C; Vieira, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, 19(1), 67-76, 2014.

Phillips, W. *This is why we can't have nice things: Mapping the relationship between online trolling and mainstream culture*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2015.

Pinto, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Revista Sociologia Política* v. 18, n. 36: Pp. 15-23, 2010.

Piscitelli, A. G. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-74, jul./dez, 2008.

Plummer, K. *The making of the modern homosexual*. London: Hutchinson, 1981.

Pocahy, F. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRGS, 2011.

Poeschl, G; Venâncio, J; Costa, D. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Revista Psicologia*, 26(1), 33-53, 2012.

Polit, D. F; Hungler, B. P. - *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. 3. ed., porto Alegre, Artes Médicas, 391 p, 1995.

Ponte, C. Crianças & Media: Pesquisa Internacional e contexto português do Século XIX à actualidade. Lisbon: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

Preciado, P. B. “Multidões queer: Notas para uma política dos “anormais”. Ver. Estud. Fem. Vol. 19. Número 1. Florianópolis, 2011.

Quijano, A. Colonialidade, poder, globalização e democracia. Novos Rumos: Instituto Astrojildo Pereira, n. 37, pp. 4-25, 2002.

Rebello, L. E. F. de S; Gomes, R. Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2009.

Recuero, R. A Conversação em Rede. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Recuero, R. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. In:PRIMO, Alex. (Org.) Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Reis, M. H; Vilar, D. A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores. Análise Psicológica, Lisboa, v. 22, n. 4, p. 737-745, 2004.

Rial, C. Rugby e Judô: esporte e masculinidade. In: Pedro, Joana; Grossi, Míriam (Org). Masculino, Feminino, Plural. 1 ed. Florianópolis: Mulheres, p. 229-258, 1998.

Ribeiro, D. O Que é: Lugar de Fala? Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG): Letramento/Justificando, 2017.

Ribeiro, F. M. L; Oliveira, Q. B. M. Violência homofóbica no Rio de Janeiro: o tratamento recebido pelas áreas da saúde e segurança pública pelas vivências da população LGBT. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

Ribeiro, M. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga e Beijing. Revista Estudos Feministas. N 02, p. 446-457, 1995.

Rio Guia Gay. Rio Guia Gay website, 2015. Disponível em: [https://issuu.com/guiya-editora/docs/rio\\_guia\\_gay\\_-\\_rio\\_gay\\_guide\\_-\\_2](https://issuu.com/guiya-editora/docs/rio_guia_gay_-_rio_gay_guide_-_2). Acesso em: 10 mar. 2021.

Rocca, L; Susana, M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L, Susana M. (Orgs.). Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

Rodrigues, C. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

Rodrigues, L. Viagens Trans(Gênero) em Portugal e no Brasil: Uma Aproximação Psicológica Feminista Crítica. Tese de Doutorado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2016.

- Rodrigues, L; Nuno S. C; Nogueira, C. Problematização do feminismo interseccional: o lugar das pessoas trans(género) no Brasil e em Portugal. In *Múltiplas Discriminações*, editado por Manuela Tavares, 33-55. Lisboa: UMAR, 2018.
- Rogers, S. T. B. P. O fim do virtual: os métodos digitais. *Lumina*; 10(3):1-34, 2016.
- Rohden, F. Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais. *Rev Estud Fem*; 17(1):89-109, 2009.
- Rosario, M; Schrimshaw, E. W; Hunter, J. Different patterns of sexual identity development over time: implications for the psychological adjustment of lesbian, gay and bisexual youths. *Journal of Sex Research*, 48(1), 3-15, 2011.
- Rubin, G. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. Em Vance, C. (Org.). *Pleasure and danger: exploring female sexuality* (pp. 267-319). Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984.
- Rubin; H. J; Rubin, I. S. *Qualitative interviewing: the art of hearing data*. Londres: Sage Publications, 1995.
- Saffioti, H. I. B. *Gênero, Patriarcado e Violência*, 1ª ed, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, (Coleção Brasil Urgente), 2004.
- Saffioti, H. I. B. Violência de gênero no Brasil atual. *Revista Estudos Feministas*, Número especial: pp. 443-461, 1994.
- Salganik, M; Heckathorn, D. Sampling and estimation in hidden populations using respondent-driven sampling. *Sociological Methodology*. V, 34, p. 193-240, 2004.
- Salzman, Todd A; Lawler, M. G. *A pessoa sexual. Por uma antropologia católica renovada*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- Sampaio, R. F; Mancini, M. C. Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. V. 11, n. 1. São Carlos-SP: *Revista Brasileira de Fisioterapia*, p. 83-89, 2007.
- Sanches, A. C; Silva Souza, L. G. Consumo de álcool, características autoatribuídas de gênero e qualidade de vida em homens de classe popular, usuários de Unidade de Saúde da Família. *Estudos de Psicologia*, 2016.
- Sanicola, L. *As dinâmicas da rede e o trabalho social*. São Paulo: Veras, 2008.
- Santana, T. “Bicha preta, pobre e afetada? Aqui não, hein?!” – Corpo e identidade homossexual na revista gay *A capa*. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande/PB, 2010.



Santos, A; Caridade. S. Violence in intimate relationship between same- sex partners: prevalence study. *Temas em Psicologia*, 25(3), 1357-1371, 2017.

Sarti, C. A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Roja; VITALE, Maria Amália Faller (orgs.). *Família: redes, laços, e políticas públicas*. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC-SP, 2005.

Sarti, C.A; Barbosa, R.M; Suarez, M.M. Violência e gênero: vítimas demarcadas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. nº 16 (2), p. 67-183, 2006.

Savin-Williams, R. C. *Mom, dad, I'm gay: How Families Negotiate Coming Out*. Washington, DC: APA, 2001.

Savin-Williams, R. C.; Ream, G. L. Sex variations in disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal of Family Psychology*, 17, 429-438, 2003.

Scott, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

Sedgwick, E. K. *Epistemology of the closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.

Seffner, F. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Segato, R. *Manifiesto en cuatro temas*, 2018. Disponível em: <https://ctjournal.org/index.php/criticaltimes/article/view/30>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Seidler, V. J. *Recreating sexual politics: men, feminism and politics*. London / New York: Routledge, 1991.

Selltiz, C, et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.

Signorini, H; Brandão, E. P (coord.). *Psicologia Jurídica no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2005, p. 317.

Silva Alves, M. E; Araújo, L. F. Interseccionalidade, Raça e Sexualidade: Compreensões Para a Velhice de Negros LGBTI+. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, p. 161-178, ago. 2020.

Silva Filho, M. R. S; Rodrigues, C. I. Digressões homossexuais notas antropológicas sobre coming out, ethos LGBT e bajubá em Belém-PA. *Revista NUFEN*, 4(1), 44-58, 2012.

Silva, A. da. *Processos de territorialização em espaços marginais: estudo exploratório e descritivo das vivências de homens que fazem sexo com outros homens na cidade de Praia Grande/SP*. 2013.

Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2013.

Silva, J. C. C. B. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. *Estudos Feministas*, v.21, n.1, p. 143-165, 2013.

Silva, M; Pereira, M.M. Percurso da lei 10639/03 e o ensino de história e cultura africana no Brasil: antecedentes, desdobramentos e caminhos. Em *Tempo de Histórias*, Brasília, n. 22, p.125-135, jun. 2013.

Silva, R. S; Silva, V.R. Política Nacional de Juventude: Trajetória e desafios. *Caderno CRH*, 24(63),663-678, 2011.

Silva, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia. Ciência*. v.26 n.1. Brasília, 2006.

Silveira, P. S; Martins, L. F; Soares, R. G; Gomide, H. P; Ronzani, T. M. Revisão Sistemática da Literatura sobre Estigma Social e Alcoolismo. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, v. 16, p. 131-138, 2011.

Simakawa, V. V. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Poscultura) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Poscultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, 2015.

Simmel, G. A Metrópole e a Vida Mental. In: O. G. Velho (org.), *O fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

Simmel, G. A teoria do conhecimento da ciência social. In: CRUZ, M. B. da. *Teorias sociológicas: os fundadores e os clássicos (antologia de textos)*. Volume I. 4 ed. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 533-550, 2004.

Simões, J. A. Velhice e espaço político. In: LINS DE BARROS, M. M. (Org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

Sionek, L; Assis, D. T. M; Freitas, J. L. If I had known, I wouldn't have come: Implications and Challenges of Qualitative Interview. *Psicologia em Estudo*, vol. 25, 2020.

Sluzki, C. *A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1997.

Smith, P. The nature of cyberbullying and what we can do about it. *Journal of Research in Special Educational Needs*, 2015.

Soares, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo. Ática. E-book, 2002.

Soares, R. Retirar o preservativo durante o ato sexual constitui crime? Stealthing analisado à luz do Código Penal Brasileiro. JusBrasil, 2017. Disponível em Acesso em 10 set. 2020.

Soares, S.M. et al. Oficinas sobre Sexualidade na Adolescência: Revelando Vozes, Desvelando Olhares de Estudantes do Ensino Médio. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, v. 12, n. 3, p. 485- 491, 2008.

Soliva, T. B; Silva, J. B. Jr. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. Sexualidad, Salud Y Sociedad - Revista Latinoamericana, 17, 124-148, 2014.

**Souza, L. K S. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática.** *Arq. bras. psicol.* [online], vol.71, n.2, pp. 51-67, 2019.

Taquette, S. R; Rodrigues, A. de O. Experiências homossexuais de adolescentes: Considerações para o atendimento em saúde. Interface: Communication, Health, Education, 19, 1181–1191, 2015.

Theodoro, H. G. S. “Meu país em mim”: discursos sobre imigração por orientação sexual na mídia brasileira. *Comunicologia: Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, Brasília*, v. 10, n. 2, p. 164-181, 2017.

Thompson, P. A voz do passado. – História Oral. 2. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Toledo, L. G; Teixeira Filho, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 376-391, 2013.

Turato, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública, São Paulo*, v. 39, n. 3, junho, 2005.

Vaismoradi, M. et al. Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. *Journal of Nursing Education and Practice*, v. 6, n. 5, p. 398-405, 2016.

Valentine, G. Theroriging and Researching Interseccionality: A Challenge for feminist Geogrophy. *The professional Geographer*, Vol.59, nº 1, p. 10-21, 2007.

Van Dijck, J. The culture of connectivity: a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Vance, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 5(1): 7-31, 1995.

Ventra, G. Social space, social class and Bourdieu: healyh inequalities in British Columbia, Canada. *Health Place*;13(1):14-31, 2007.

Velho, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 36-47, 1978.

Vergueiro, V. Pela descolonização das identidades trans. VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, 2012.

Vergueiro, V. Por traições contra o sistema. Salvador: [s.n.], 2014.

Vieira, H; Favero, S. Toda cisgeneridade é a mesma?. Subalternidade nas experiências normativas. Revista Fórum, 2015.

Vigoya, M. As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Trad. Perez, Alysso de Andrade. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens. 224 pp, 2018.

Vigoya, M. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidad en América Latina. Seminario Internacional La sexualidad frente a la sociedad, Cidade do México, 28-31 de julio de 2008.

Walker, J. J; Longmire-Avital, B. The impact of religious faith and internalized homonegativity on resiliency for black lesbian, gay, and bisexual emerging adults. *Developmental Psychology*, 49 (9), 1723-31, 2013.

Weber, Max. Economia e Sociedade – Fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 2. Brasília: UnB, 1999.

Weeks, J. Sex, politics & society. Essex: Longman Group, 1989.

Weeks, J. Sexuality and its Discontents: Meanings, Myths and Modern Sexualities. London: Routledge and Kegan Paul, 1986.

Welzer-Lang, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*. Florianópolis, V. 9, n. 2, p. 460-481, 2001.

Welzer-Lang, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo (M. P. Grossi, Trad.). In: Schpun, M. (Org.) Masculinidades (pp.107-128). São Paulo/Santa Cruz do Sul, Brasil: Boitempo/Unisc, 2004.

Wendt, G; Lisboa, C. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psic. Clin*; 25(1):73-87, 2014.

Wenetz, I; Macedo, C. G. Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância. *Movimento* (Porto Alegre), Porto Alegre, p. e25081, dez. 2019.

Whitehead, S. M. Men and masculinities: key themes and new directions. Cambridge: Polity Press, 2002.

Wolff, C. S; Saldanha, R. A. “Gênero, sexo, sexualidades: Categorias do debate contemporâneo”. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

Yunes, M. A. M. A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda. 2001. 155f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

Zago, G. Trolls e Jornalismo no Twitter. Estudos em Jornalismo e Mídia, Volume 09, 1, janeiro a julho de 2012.

Zeldin, T. Os franceses e o amor. In: Amor e sexualidade no Ocidente. Trad. Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1991.

Zilli, B. D. Teorias que Libertam: narrativas de intelectuais brasileiros sobre engajamento em Direitos Sexuais. Intersecções: Revista de Estudos Interdisciplinares. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, PPCIS/ UERJ, v. 19 n. 1, p. 106-128, jun. 2017.

Zimmerman, L; Darnell, D. A; Rhew, I. C; Lee, C. M; Kaysen, D. Resilience in community: a social ecological development model for young adult sexual minority women. American Journal of Community Psychology, 55(1-2), 179-190, 2015.

## **Anexo I – Roteiro semiestruturado**

- Caracterização sociodemográfica
  - Quando e como aconteceu sua primeira experiência amorosa?
  - Me fale como foi seu primeiro beijo? Foi com mulher? Homem?
  - Me fale como foi sua primeira relação sexual? Foi com mulher? Homem?
  - Você ouvia frases sobre o que era “ser homem” na infância, na escola, na família, na *internet*?
  - Com quantos anos você começou a se masturbar? Como aprendeu?
  - Através de quem ou como você obteve as primeiras informações sobre relação sexual ISTs?
- O que você acha do PREP?
- Quantas vezes você já fez exame de HIV?
  - Você usa aplicativos para encontros sexuais? Grindr, Scruff? Desde quando você tem eles?
  - Você vai à balada gay, sauna, festas, “pegação” em locais públicos, etc?
  - Você se assumiu gay para sua família?
  - Como você acha que a sociedade olha para a questão de ser ativo ou passivo ou versátil?
  - Existe algo a mais da sua iniciação sexual que você gostaria de me contar?

## Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### **Trajetórias afetivo-sexuais e mídias digitais: um estudo qualitativo com homens jovens gays do Rio de Janeiro**

Pesquisadores responsáveis e contatos:

Marcos Antonio Ferreira do Nascimento, (21) 988221870

e-mail: [m2nascimento@gmail.com](mailto:m2nascimento@gmail.com)

Wendell Ferrari Silveira Rosa, (21) 965677784

e-mail: [wendellferraripsi@gmail.com](mailto:wendellferraripsi@gmail.com)

Instituição responsável pela pesquisa:

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)

Avenida Rui Barbosa, 716 – Flamengo, Rio de Janeiro, RJ, 20021-140

Telefone: (21) 2554-1795

Você, \_\_\_\_\_, está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “**Trajetórias afetivo-sexuais e mídias digitais: um estudo qualitativo com homens jovens gays do Rio de Janeiro**”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher (IFF-Fiocruz), com homens de 18 a 24 anos, que se relacionam sexualmente com outros homens e residam na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Caso você aceite o convite, sua participação consistirá em ser entrevistado, em um ou mais encontros, de acordo com sua conveniência e em lugar a ser escolhido por você. Se você consentir, a entrevista poderá ser gravada e transcrita. A gravação, assim como a transcrição, estará disponível para você, bastando solicitar aos pesquisadores.

O objetivo da pesquisa é compreender o uso da *internet* e de diversas mídias digitais na trajetória afetivo-sexual de homens jovens gays. Queremos saber sobre suas experiências com o uso de aplicativos para encontros afetivos e sexuais e o uso de blogs e outras mídias que você usa para saber mais sobre sexo e saúde.

Essa pesquisa trará como benefícios, uma melhor compreensão de como é a sexualidade de homens jovens gays na atualidade e ajudará a profissionais de saúde a proporem estratégias mais adequadas de atendimento a essa população.

Os eventuais riscos de sua participação na pesquisa se referem à possibilidade de sua identificação por alguma pessoa de sua esfera de relações. através da disponibilização pública da

tese e dos artigos científicos a serem publicados após a conclusão da pesquisa. Para minimizar este risco serão tomados os cuidados de utilizar codinomes e de não divulgar dados ou circunstâncias capazes de identificá-lo ou as pessoas por você referidas. Também buscamos garantir o sigilo, privacidade e confidencialidade e não identificação dos entrevistados por meio de codinomes e da não dado que os identifiquem.

Ainda, por se tratar de sua trajetória afetivo-sexual, algumas perguntas podem trazer memórias e narrativas de momentos delicados da sua vida. Para minimizar tais riscos, o presente pesquisador, que também é psicólogo clínico, poderá realizar um primeiro acolhimento psicoterapêutico caso você relate algum desconforto psíquico durante a entrevista. Caso você deseje, o pesquisador poderá encaminhar e/ou acompanhá-lo pessoalmente a algum serviço de referência para que você realize atendimento psicoterapêutico de forma gratuita.

Sua participação será voluntária. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, durante ou após a entrevista, poderá interrompê-la ou retirar sua concordância em participar da pesquisa.

Se você aceitar ser participante da pesquisa, não receberá nenhuma forma de pagamento por sua participação, mas poderá solicitar aos pesquisadores o ressarcimento de despesas relacionadas a deslocamentos para o local das entrevistas.

Você terá garantido o direito a indenização por eventuais danos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Sua participação só acontecerá se você, assim quiser e autorizar. Caso a resposta seja positiva, você deverá assinar uma cópia deste documento e receberá uma via idêntica que será assinada pelo pesquisador que o entrevistar. Ambos, você e o entrevistador, deverão rubricar todas as páginas da via que permanecerá com o entrevistador.

Para qualquer informação, você poderá entrar em contato com os pesquisadores por telefone ou email: Marcos Antonio Ferreira do Nascimento, (21) 988221870, m2nascimento@gmail.com e, Wendell Ferrari Silveira Rosa, (21) 96567 7784, wendellferrari@psi@gmail.com.

Além disso, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFF/Fiocruz encontra-se à disposição para eventuais esclarecimentos éticos e outras providências que se façam necessárias (e-mail: cepiff@iff.fiocruz.br; telefone: 2554-1730; fax: 2552-8491), de 2a a 6a feira de 08:00h às 17:00h.



Eu, \_\_\_\_\_,  
voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Declaro que li e entendi todo o conteúdo deste documento.

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_

( ) Autorizo a gravação da entrevista

( ) Não autorizo a gravação da entrevista

Pesquisador que obteve o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

## Anexo III – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

INSTITUTO FERNANDES  
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/  
MS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** Trajetórias afetivo-sexuais e mídias digitais: um estudo qualitativo com homens jovens gays do Rio de Janeiro

**Pesquisador:** Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 14235719.5.0000.5269

**Instituição Proponente:** Instituto Fernandes Figueira - IFF/ FIOCRUZ - RJ/ MS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.429.154

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de doutorado da Pós-graduação do IFF.

#### Objetivo da Pesquisa:

##### Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o projeto:

"Objetivo Geral: Compreender o uso da internet e mídias digitais nas trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays cisgênero, com idades entre 18 e 24 anos, moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Objetivos específicos:

- Analisar como a intersecção dos marcadores sociais de diferenças operam no uso de mídias digitais e nas trajetórias afetivo-sexual dos jovens.
- Analisar o processo de negociação do uso do preservativo nas trajetórias afetivas-sexuais dos jovens,
- Analisar a relação entre as concepções de gênero e masculinidades e o uso de mídias digitais para fins sexuais e trajetórias afetivo-sexuais,
- Analisar as relações entre diferentes mídias digitais e o processo de aprendizagem da sexualidade".

**Endereço:** RUI BARBOSA, 716

**Bairro:** FLAMENGO

**CEP:** 22.250-020

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2554-1730

**Fax:** (21)2552-8491

**E-mail:** cepiff@iff.fiocruz.br

Continuação do Parecer: 3.429.154

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Benefícios:** contribuir para melhor compreensão da relação entre o uso da internet e a sexualidade desses jovens, auxiliando na elaboração de estratégias de promoção da saúde voltadas para esse grupo social.

**Riscos:** a pesquisa não apresenta risco de comprometimento físico. Considera-se o possível risco do jovem entrevistado ser identificado pelo seu grupo social após a publicação da tese e dos achados da pesquisa.

Para minimizar qualquer tipo de constrangimento, o pesquisador garante a manutenção do sigilo, confidencialidade e não identificação dos entrevistados por meio de uso de codinomes e da não publicação de algum outro dado que os identifique. Outro possível risco refere-se que o jovem se sinta desconfortável ao narrar experiências de sua trajetória que possam lhe causar sofrimento, como o "se assumir gay" à família e possíveis vivências de violências durante sua trajetória. Para minimizar tais riscos, descreve-se que o pesquisador que irá realizar as entrevistas é psicólogo, com formação clínica pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), com ênfase em Intervenções em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico, sendo apto a realizar acolhimento caso o entrevistado relate algum desconforto psíquico. Nessa direção, o pesquisador se compromete em realizar o primeiro acolhimento/atendimento psicoterápico ao entrevistado. Após o primeiro acolhimento, o pesquisador também se compromete em acompanhar pessoalmente o entrevistado, caso assim ele precise e deseje, a algum serviço de referência para que ele seja atendido de forma gratuita.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Em relação ao parecer número 3.420.582 de 27 de junho de 2019:

1 – O risco descrito no projeto "...que algumas perguntas possam trazer memórias e narrativas de perpetração ou sofrimento de violências na vida dos entrevistados" deve constar no TCLE para ciência do entrevistado, fato que não acontece no atual TCLE - recomendação atendida - recomendação atendida.

2- Deve ser esclarecido de maneira clara e única em todos os documentos, qual o manejo será efetivamente dado caso o participante de pesquisa solicite, pois no projeto consta que "que o pesquisador que irá realizar as entrevistas é psicólogo, com formação clínica pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), com ênfase em Intervenções em Processos de Saúde e Sofrimento Psíquico, sendo apto à realizar acolhimento breve caso o entrevistado relate algum desconforto psíquico. Juntamente, também será encaminhado ao jovem o telefone de centros de atendimento psicoterapêuticos gratuitos.", o TCLE afirma que "Os pesquisadores se comprometem, caso você

**Endereço:** RUI BARBOSA, 716

**Bairro:** FLAMENGO

**CEP:** 22.250-020

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2554-1730

**Fax:** (21)2552-8491

**E-mail:** cepiff@iff.fiocruz.br

Continuação do Parecer: 3.429.154

solicite, a mediar encaminhamento a profissionais habilitados para oferecer orientações sobre dúvidas e questões suscitadas pela sua participação na pesquisa, assim como para possível acompanhamento terapêutico.". E, finalmente no documento intitulado "Tabela respostas", lê-se que: "Além de sua experiência como pesquisador, possui formação em psicologia clínica, estando habilitado e disponível para acolher e acompanhar qualquer demanda de algum participante que seja oriunda da pesquisa." Deve-se deixar claro qual será a efetiva ação do pesquisador frente ao manejo das questões que surgirem - recomendação atendida.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta os termos obrigatórios.

**Recomendações:**

O TCLE aprovado para submissão ao participante da pesquisa deve ser assinado e carimbado pelo CEP.

O pesquisador deve encaminhar ao CEP relatórios semestrais a partir da data de aprovação do projeto assim como relatório final ao término do projeto.

Qualquer alteração no projeto original aprovado ( objetivos, método, tamanho amostral, cronograma, TCLE ) deve ser informada ao CEP através de emenda.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_138884_8_E1.pdf	28/06/2019 14:40:11		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCompletoCEPVersao2.docx	28/06/2019 14:39:03	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo2TCLEVersao3.docx	28/06/2019 14:38:36	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito
Outros	TabelaRespostasCEP.docx	21/06/2019	Wendell Ferrari	Aceito

Endereço: RUI BARBOSA, 716  
Bairro: FLAMENGO CEP: 22.250-020  
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO  
Telefone: (21)2554-1730 Fax: (21)2552-8491 E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

INSTITUTO FERNANDES  
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/  
MS



Continuação do Parecer: 3.429.154

Outros	TabelaRespostasCEP.docx	13:47:27	Silveira Rosa	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	22/05/2019 00:06:02	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	22/05/2019 00:05:12	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CartaAutorizacaoOrientador.pdf	22/05/2019 00:03:38	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CartaAutorizacaoChefia.pdf	22/05/2019 00:02:52	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito
Outros	RegistroProjeto.pdf	22/05/2019 00:01:07	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito
Folha de Rosto	PlataformaAssinada.pdf	21/05/2019 23:59:10	Wendell Ferrari Silveira Rosa	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 01 de Julho de 2019

---

**Assinado por:**  
**Ana Maria Aranha Magalhães Costa**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** RUI BARBOSA, 716

**Bairro:** FLAMENGO

**CEP:** 22.250-020

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2554-1730

**Fax:** (21)2552-8491

**E-mail:** cepiff@iff.fiocruz.br